

V

CONGRESSO ESPÍRITA INTERNACIONAL

BARCELONA, ESPANHA - 1934



Autores Espíritos Clássicos

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

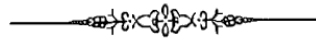
V CONGRESSO ESPÍRITA INTERNACIONAL

ORGANIZADO
FEDERAÇÃO ESPÍRITA INTERNACIONAL
FEDERAÇÃO ESPÍRITA ESPANHOLA

REALIZADO EM BARCELONA
DE 01 A 10 DE SETEMBRO DE 1934



LIVRO RESUMIDO



Edición digital: Libro digitalizado por Salvador Martín
Revisión y publicación digital: Área de Internet de la Federación Espírita
Española. www.espiritismo.es

Data da publicação: 18 de novembro de 2018

Tradutora: Teresa da Espanha

Nota: Salvador Martín

Capa: **Ery Lopes**

Publicação: www.autoresespiritasclassicos.com



Autores Espíritas Clássicos

São Paulo/Capital
Brasil

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

- Organização - Congresso Espírita Internacional de Barcelona / **09**
Comitê Geral e Assembleia da Federação Espírita Internacional / **41**
O Congresso. Sessões. / **58**
Conclusões do V Congresso Internacional / **128**
Posição Doutrinal da Federação Espírita Espanhola / **137**

CONFERÊNCIAS ESPÍRITAS

- * Conferência do Dr. E. Calvet / **150**
* Conferência do Dr. Salvador Molina / **168**
* Conferência do Dr. H. Torres / **183**
* Considerações ao Livro do Congresso / **192**

APRESENTAÇÕES DE TEMAS

PRIMEIRA SEÇÃO

Propaganda. Organização. Estudo da doutrina. Filosofia e Moral

- A - O problema religioso. Deus. / **211**
B - A existência da alma e sua sobrevivência. O problema do ser e do destino. / **230**
C - Evolução progressiva do homem. As modalidades possíveis. / **243**
D - Reencarnação / **253**
E - O Espiritismo como filosofia e como moral / **290**
F - O Espiritismo e a vida social / **302**
G - O Espiritismo e a Juventude / **318**
H - Como divulgar o Espiritismo / **338**

SEGUNDA SEÇÃO.

Estudos experimentais. Fenômenos psíquicos. Mediunidade. Ciência.

- A - Atas do grupo Rosemary / **355**
B - O desenvolvimento da mediunidade física / **367**
C - Telepatia e transmissão do pensamento em relação à mediunidade / **376**
D - Estudo experimental da mediunidade e seu desenvolvimento / **391**

- E - O corpo astral fotografado no momento da morte / 399
- F - Espíritas e metapsíquicos. O que os une. O que os separa. / 408
- G - Definição e divisão do Espiritismo / 414
- H - Necessidade de constituir formalmente o Espiritismo como ciência / 425
- I - Conceito de hierarquia na vida espiritual / 433

SEGUNDA PARTE

- Diversas matizes do Espiritismo na Espanha / 444
- Imprensa Espírita mundial / 492
- Pessoas e entidades inscritas como Congressistas / 497

NOTA DA EDIÇÃO DIGITAL

Este livro marcará um novo paradigma para o estudioso espírita encontrando-se plenamente com uma realidade histórica concretizada neste Resumo do V Congresso Espírita Internacional. Repleto não só de conferências soberbas que nos mostram o grande porte intelectual, científico e moral de nossos antecessores, como também descobrimos em suas páginas até que ponto o movimento espírita tinha conseguido chegar.

São palavras tiradas de uma das conferências:

"Atualmente, não há homens de destaque em qualquer ramo do conhecimento que não estejam interessados nos fatos que são a base de nossa doutrina. Depois de Crookes, Gladstone, Balfour, Aksakof e Geley, já desaparecidos, continuam sua obra Charles Richet, Driesch, Bottazzi, Oliver Lodge, Ernesto Bozzano.

Enquanto alguns lustros atrás nossas obras eram queimadas publicamente pelas autoridades, hoje a Câmara Municipal de Barcelona e a Generalitat, com seus honoráveis presidentes, protegem este Congresso. Vocês querem maior contraste, maior progresso? Aprendam os pessimistas e os descontentes a saber ver as coisas com perspectivas amplas. Essa mudança foi possível porque nossas ideias já conquistaram a consciência universal. Este é o enorme progresso feito por nossas doutrinas em pouco mais de meio século."

A batalha contra o obscurantismo religioso imposto na Espanha já estava superada com honras, mas uma nova sombra esconderia as luzes do Espiritismo, era a nuvem negra da guerra civil e a grande neblina da ditadura posterior, que ilegalizou a expansão do conhecimento espírita, por dizê-lo com finas maneiras. Se a guerra civil espanhola ocorre apenas dois anos após a celebração deste grande evento, a Segunda Guerra Mundial também viria pouco depois, em 1939, mergulhando a Europa na pobreza não apenas material. O livro fica assim enquadrado no último reduto e baluarte daquela época, uma plataforma intelectual sobre a qual podemos construir nossas concepções do fim de uma fase romântica do Espiritismo, da qual extrair a força que nos torne merecedores de tão digno passado, mas na certeza, hoje, de que não teremos mais limitações além da nossa

preguiça.

Salvador Martín

Presidente Federação Espírita Espanhola 14-2-2007

PRIMEIRA PARTE

ORGANIZAÇÃO

CONGRESSO ESPÍRITA INTERNACIONAL DE BARCELONA

Trabalhos preparatórios

No Comitê Geral da F.E.I. do ano de 1930, o delegado da Federação Espírita Espanhola, Dr. León Lemmel, pediu que o Congresso de 1934 fosse realizado em Barcelona, onde a Federação Espanhola teria recursos suficientes para dar a esta grande manifestação internacional a organização necessária para poder cumprir sua missão. Tendo o Congresso de Haia de ser realizado no ano seguinte, o assunto ficou sem resolver, embora o Comitê declarasse sua grande simpatia pelo pedido do delegado espanhol.

Reproduzido o pedido em Haia, e tendo a delegação hispânica dado a garantia de que o Congresso poderia ser realizado e que existia naquele tempo em nosso país um ambiente muito favorável à nossa ideologia, o acordo final foi tomado de que o próximo Congresso tivesse lugar em 1934 em Barcelona.

Desde o primeiro momento a F.E.E. entendeu a tremenda responsabilidade que contraía ao se encarregar de organizar um ato de tanta transcendência, mas forte em suas convicções e seus entusiasmos, lembrando que foi em nossa cidade onde se realizou o primeiro Congresso Espírita Internacional durante a Exposição de 1888, decidiu não poupar esforços ou sacrifícios até conseguir que a grande reunião internacional de 1934 superasse, se possível, as anteriores.

Após diversas sondagens foi nomeado o Comitê Organizador do Congresso, composto pelos membros da Junta Diretora da F.E.E. e por um delegado de cada um dos centros espíritas de Barcelona, Tarrasa e Sabadell, já que estas duas cidades estão localizadas a uma curta distância da capital catalã e muito bem comunicada por diversos meios de transporte. Este Comitê Organizador também nomeou um Comitê Executivo composto pelo Presidente do Conselho de Diretores, Sr. Manuel López Sanromán; vice-presidente, Sr. Júlio Armengol; tesoureiro, Sr. Juan Torras Serra; secretário, Sr. José M.^a Seseras y de Batlle, e vogais, Sr. Tomás Sala e Sr. Bernardo Ruiz, tendo sido reformado após alguns meses, ficando da

seguinte maneira: presidente, por demissão do Sr. López Sanromán, o Sr. José M.^a Seseras y de Batlle; vice-presidente, Sr. Júlio Armengot; secretário geral, Sr. Jacinto Esteva Grau; tesoureiro, Sr. Juan Torras Serra; vogais, Sr. Tomás Solá, Sr. Fernando Corchón, Sr. José Cervelló, Sr. José Tejada, Sr. Juan Farrás e Sr. Bernardo Ruiz.

Desde sua primeira reunião, e como declarado no primeiro manifesto publicado pelo Comitê Organizador, aspirava-se a conseguir que o Congresso que seria realizado em Barcelona fosse caracterizado por um dinamismo maior do que os anteriores, considerando que, como muito bem disse o nosso querido amigo e secretário geral da F.E.E., Sr. Andrés Ripert, em sua memória ao Congresso de Haia, do exame dos fatos deduz-se que a crise que atravessa a humanidade terrestre é antes de tudo uma crise espiritual e é impossível encontrar a solução sem a colaboração do Espiritismo e dos espíritas.

Uma tripla tarefa foi apresentada ao Comitê Executivo: conseguir os meios materiais necessários para o trabalho a ser realizado, obter as contribuições morais e intelectuais sem as quais esse trabalho seria inútil e dar ao Congresso a orientação necessária para se obterem do mesmo os resultados desejados.

Seja dito sem qualquer vaidade, acreditamos ter conseguido o resultado almejado por nós. Graças à colaboração e entusiasmo de todos os nossos irmãos, especialmente os espanhóis e sul-americanos, reunimos os fundos necessários, que representam um esforço superior ao de qualquer outro Congresso, por causa da intensa propaganda realizada para garantir o sucesso. Obtivemos as colaborações que desejávamos, traduzidas não só no envio de artigos muito interessantes, como também com a presença de delegados de toda a Espanha e de uma representação hispano-americana, como nunca houve em nenhum outro Congresso. Deste ponto de vista, nossa satisfação foi imensa em poder abraçar os nossos irmãos que, desejando contribuir com sua colaboração ao Congresso Internacional de Barcelona, atravessaram o Atlântico, sem reparar em duros sacrifícios, para serem os porta-vozes dos grandes grupos espíritas hispano-americanos.

Também estamos satisfeitos com o resultado obtido no terceiro dos propósitos a serem realizados, o mais difícil e talvez o mais importante no

que diz respeito ao futuro.

Dar mais dinamismo aos nossos Congressos, fazer com que a massa espírita se interessasse por eles e que durante seu curso fossem estudados problemas de profunda realidade e se estabelecessem posições claras e sólidas em certos pontos que, como o da Reencarnação, ficavam sempre no escuro, era uma tarefa muito difícil e muito desagradável, porque poderia levar a atritos e discussões sempre perigosas. Nós nunca tivemos a ilusão de que isso fosse alcançado em um Congresso, nem que os problemas atuais pudessem encontrar soluções definitivas, porém, sim, acreditamos que em Barcelona uma nova orientação poderia ser esboçada, que aos poucos iria sendo mais e mais marcada, até chegar a conduzir as agrupações espíritas por novos caminhos.

Várias foram as apresentações que trataram dos problemas que hoje dominam as preocupações humanas, todas inspiradas em grandes sentimentos de generosidade e amor. A discussão desses assuntos foi um dos traços característicos do Congresso e apesar do erro tático que supôs a apresentação de determinados documentos contendo propostas que, se fossem aprovadas dariam espaço a uma mudança no rumo do Espiritismo, sem antes terem sido dadas a conhecer às federações nacionais e sem se ter mantido com elas a correspondência necessária para que pudessem compreender a finalidade pretendida e tomar conhecimento das instruções que seriam dadas aos seus representantes, o Congresso marcou de forma clara e inequívoca as suas aspirações em direção a um regime de maior justiça social, onde as palavras Amor e Fraternidade tivessem uma aplicação mais justa.

E a mesma coisa aconteceu com o difícil tema da Reencarnação. Era inútil reivindicar uma declaração reencarnacionista de nossos irmãos anglo-saxões; a sua posição a este respeito foi a intransigência absoluta, e como nós, por outro lado, estávamos dispostos a que, acontecesse o que acontecesse, o Congresso deixasse bem esclarecida a nossa fé reencarnacionista, a proposta aprovada foi a mais lógica, racional e justa.

Seria uma puerilidade perdermos tempo detalhando as mil e uma tarefas realizadas pelo Comitê Executivo para preparar o Congresso. As cartas

escritas somam mais de duas mil, as circulares distribuídas em diferentes ocasiões, entre as organizações espíritas em inglês, francês ou espanhol, mais de vinte mil, as folhas avulsas distribuídas pelas ruas de Barcelona e as populações vizinhas acima de cem mil, os cartazes anunciando mais de três mil, as convocatórias para o Congresso, em três idiomas dez mil, e os programas cinco mil.

Para garantir a colaboração dos espíritas de toda a Península, foi designado um delegado em cada sociedade ou grupo, cuja missão era obter entre seus membros o máximo apoio ao Congresso, conseguindo assim que não houvesse uma única entidade espírita filiada à Federação Espírita Espanhola que não fizesse verdadeiros sacrifícios para garantir o sucesso do II Congresso Espiritual Internacional realizado na Espanha. Além disso, foram muitas as doações individuais, e até mesmo algumas entidades não pertencentes à Federação Espanhola contribuíram com não pouca ajuda.

Importante também foi a recebida dos irmãos de outros países e especialmente dos hispano-americanos, e daqui a Federação Espírita Espanhola expressa com emoção sua gratidão para com aqueles que a ajudaram a alcançar os objetivos que eram perseguidos.

Era natural que o maior esforço recaísse sobre os grupos localizados em Barcelona ou seus arredores, e entendendo isso, uma das tarefas realizadas com mais zelo foi visitar repetidamente essas entidades para que fornecessem o máximo apoio moral e material. Conferências, atos públicos de propaganda, festas literárias musicais, tudo foi usado em abundância sem temer cansar os devotados irmãos que os compõem, já que acima de tudo pusemos o ardente desejo de fazer do Congresso um sucesso e uma demonstração da força que o Espiritismo Espanhol está adquirindo.

Para facilitar a arrecadação de fundos, foram instituídas cadernetas de cooperação e poupança e foram publicados selos espíritas com as efígies de Allan Kardec, Léon Denis, Conan Doyle, Cosme Mariño, Bezerra de Menezes e Amalia Domingo Soler; além disso, uma assinatura especial foi organizada para pessoas que se comprometeram a doar quantias não inferiores a cinquenta pesetas, pagando-as em várias parcelas.

Em duas ocasiões, em outubro de 1932 e abril de 1934, a primeira pelo motivo do aniversário do Auto de Fé, realizado em Barcelona com os

primeiros livros espíritas em chegar à Espanha, e a segunda, para comemorar o aniversário da F.E.E., grandes eventos públicos de propaganda foram organizados, com um sucesso raramente visto. Para isso, obtivemos da Câmara Municipal a cessão dos Palácios de Artes Decorativas e da Metalurgia, reunindo um grande público que demonstrou palpavelmente o quanto o povo barcelonês está interessado em questões psíquicas. Em vários milhares de pessoas podemos calcular os participantes de cada ato, no decorrer do qual os representantes do Comitê Executivo fizeram propaganda em favor do Congresso, despertando assim com antecedência uma intensa curiosidade sobre o que seria essa manifestação internacional.

E assim, entre umas coisas e outras, com o sacrifício das grandes massas espanholas e com a ajuda muito interessante da Holanda e da França, e de outros países, especialmente os sul-americanos, arrecadou-se a quantidade necessária que deu um resultado total de cerca de 30.000 pesetas, mais do dobro do que foi gasto em qualquer outro Congresso.

Se o nosso sucesso foi claro entre os espíritas espanhóis, não menos foi entre os nossos irmãos americanos. Não apenas recebemos deles uma muito interessante ajuda financeira, como também merece menção especial sua colaboração intelectual, uma das contribuições mais valiosas para o Congresso.

Nove delegados atravessaram o Atlântico e teriam sido mais se circunstâncias e motivos particulares não impedissem a viagem de alguns dos que nos escreveram anunciando sua participação no Congresso.

Nenhum outro congresso, dos treze ou catorze realizados até então, obtivera tal resultado. Em alguns deles, havíamos encontrado algum delegado americano, mas, com exceção de nossa boa e reverenciada amiga, a sra. Capwallader, poucos fizeram a viagem expressamente. E é necessário entender o que representa o sacrifício realizado pelos espíritas sul-americanos para enviar delegados ao nosso Congresso, contribuindo, além disso, com uma ajuda não desprezível à parte econômica do mesmo.

A sessão dos palácios das Artes Decorativas e da Metalurgia para que pudéssemos dar às duas reuniões de que falamos a importância que em nossa opinião tinham, e que foi confirmada pela enorme presença de

público, foi uma indicação clara da simpatia com a qual o Conselho da Cidade de Barcelona acolhia o progresso do Espiritismo e nos fez prever muito bem o que poderíamos esperar de nosso conselho municipal.

Não estávamos enganados. A Câmara Municipal de Barcelona, assim como a Generalitat da Catalunha, acolheram com muito carinho a idéia de realizar um Congresso Espírita Internacional em Barcelona e emprestaram-lhe todo o apoio moral e material de que pudéssemos precisar.

Obtivemos da Câmara Municipal a sessão do belo Palácio de Projeções com todo o pessoal ligado a ele e os serviços de eletricidade. O prefeito Sr. Carlos Pi e Suñer, de tão antiga ascendência republicana e livre-pensador, não apenas nos deu toda a sua ajuda para obter da Prefeitura a cessão do Palácio das Projeções, mas também ofereceram aos congressistas um vinho de honra, aceitando com prazer a idéia de uma visita coletiva das delegações que compunham o Congresso, em uma justa expressão de gratidão e respeito à nossa primeira autoridade municipal.

Recebemos também as calorosas boas-vindas do Excelentíssimo Presidente da Generalitat da Catalunha, Sr. Luis Companys e do Ministro da Cultura, Sr. Ventura Gasol. O Sr. Companys aceitou com gratidão a visita de tributo que lhe foi oferecida e o Ministro da Cultura obsequiou, em nome do governo da Catalunha, com uma festa folclórica catalã, a todos os congressistas.

Além disso, ambas as autoridades se ofereceram para enviar seus delegados à sessão inaugural, garantindo assim uma grande solenidade à abertura do Congresso.

CONVOCAÇÃO DO COMITÊ ORGANIZADOR
EM NOME DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA ESPANHOLA

FEDERAÇÃO ESPÍRITA INTERNACIONAL
CONGRESSO TRIENAL DE BARCELONA (ESPANHA)

O Comitê Organizador do V Congresso Espírita Internacional saúda os espíritas de todos os países e tem a satisfação de anunciar: que o referido Congresso será realizado em Barcelona de 1 a 10 de setembro de 1934.

A gravidade das atuais circunstâncias apresenta aos espíritas uma tarefa interminável e, por essa razão, os espíritas espanhóis, entendendo a responsabilidade do momento presente, solicitam a colaboração de todos os irmãos para que este Congresso seja fértil em resultados frutíferos.

Os espíritas espanhóis consideram uma grande satisfação poder oferecer aos espíritas de todo o mundo a hospitalidade e gentileza que eles mesmos receberam em outras ocasiões e inspirada pelo mais puro amor fraterno.

Unidos no mesmo esforço e no mesmo ideal, os espíritas espanhóis aguardam os homens livres e que amam o Ideal.

Pelo Comitê organizador: o presidente, Manuel López Sanromán. – O secretário, José M^a Seseras y de Batlle. – O tesoureiro, Juan Torras Serra.

CONGRESSO ESPÍRITA INTERNACIONAL DE BARCELONA

Aberto a todas as Federações, Agrupações, Sociedades espiritualistas e espíritas de todos os países.

Aceitando o convite da Federação Espírita Espanhola, a Federação Espiritualista Internacional realizará seu próximo Congresso trienal em Barcelona, de sábado 1 de setembro a segunda-feira 10 de outubro de 1934.

A Federação Espírita Internacional destacou várias vezes a crescente responsabilidade que recai sobre seus adeptos. Ela especifica que em meio à grave crise pela qual a humanidade está passando, os espíritas permanecem dignos de seu nome. O Espiritismo pode trazer para o novo mundo que está sendo formado, sua mensagem espiritual.

Portanto, acreditamos que sem abandonar o estudo e a análise dos fenômenos e os resultados que os pesquisadores obtiveram até hoje, é conveniente que o nosso próximo Congresso dedique suas principais atividades para estudar muito particularmente os meios para alcançar que nosso Ideal penetre na massa cidadã. Nunca, até agora, a necessidade de uma intensificação da propaganda foi tão útil e urgente.

É preciso que as diferentes Federações e Associações que constituem a Federação Espírita Internacional contribuam com o máximo esforço para a propaganda de nossas ideias.

O Comitê Executivo da Federação Internacional solicita que sejam enviados, antes de 30 de abril de 1934, os discursos e memórias dos espíritas de todos os países, tratando das questões que serão estudadas nas duas seções em que o Congresso será dividido e cuja enumeração e subdivisões serão encontradas no final desta chamada.

Conhecendo os esforços envidados em cada país para a propaganda das ideias espíritas, reunindo todas as sugestões de ordem prática apresentadas por todas as associações espíritas, a Federação Espírita Internacional espera poder organizar um instrumento de trabalho para propaganda, adaptado às necessidades da vida atual, que será muito útil para a Causa em geral.

Organização

O Congresso será dividido em duas seções:

- 1.^a Propaganda. Organização. Estudo da doutrina, filosofia e moral.
- 2.^a Estudos experimentais. Fenômenos psíquicos, mediunidade. Ciência.

Apresentações.

É importante não esquecer que os trabalhos devem constar no máximo de quatro mil palavras (4.000). Eles devem ser escritos de maneira muito legível e se possível, serem datilografados. Para facilitar a tradução para os diferentes idiomas oficiais do Congresso, é solicitado o envio em duplicado.

Os idiomas oficiais do Congresso são inglês, francês e espanhol. Um resumo de três a quatrocentas palavras deve acompanhar cada relatório. Os relatórios e documentos devem ser enviados em duplicata para a Secretaria Geral da Federação Espírita Internacional: 8, rue Copernic, Paris XVI.

Já indicamos acima que estes documentos devem estar em mãos do referido Secretariado antes de 30 de abril de 1934. Aqueles que chegarem depois, correrão o risco de não poderem ser lidos ou discutidos no Congresso.

Delegados As Federações Nacionais serão orientadas pelos Estatutos da Federação Internacional quanto ao número e poderes de seus respectivos delegados. Pedimos especialmente que informem a Secretaria Geral da Federação Espírita Internacional e a Secretaria Geral do Congresso de Barcelona sobre as pessoas designadas para representá-los. Cada delegado deve comparecer provido de um documento que autentique sua condição junto aos Comitês da Federação Internacional e do Congresso. Sem esses documentos, o Comitê Organizador não pode reconhecer ninguém como delegado.

Taxas de inscrição:

As taxas de inscrição foram fixadas em 10 pesetas por pessoa e o valor destas deve ser enviado ao tesoureiro do Comitê Organizador, Juan Torras

Serra, Avenida 11 de Noviembre, 81, Sabadell, Barcelona, Espanha.

A Federação Espírita Internacional tem o desejo de publicar um livro-resumo desta importante reunião. Pede-se a delegados e congressistas reservar um exemplar deste livro, cujo valor, de 6 francos-ouro ou seu equivalente, pode ser enviado à Secretaria-Geral da Federação Internacional, em Paris, ou ao tesoureiro do Comitê Organizador no ato de pagar a taxa de inscrição.

Por sua vez, a Federação Espírita Espanhola publicará um livro do congresso, em espanhol, do qual divulgará o preço oportunamente. Os congressistas receberão um crachá especial na Secretaria do Congresso, apresentando o recibo que lhes será enviado quando pagarem suas taxas de inscrição.

Importante. Os pedidos de inscrição devem obrigatoriamente ser feitos ao presidente da Comissão Organizadora do Congresso, Sr. Manuel López Sanromán, Diputación, 95, principal, Barcelona, Espanha. Os fundos devem ser enviados ao mesmo tempo ao tesoureiro Juan Torras Serra, Avenida 11 de Novembro, Sabadell, Barcelona, Espanha, que expedirá o recibo correspondente pelos correios.

Pontos a tratar nas seções

PRIMEIRA SEÇÃO

Propaganda, organização. estudo da doutrina, filosofia e moral

- A - O problema religioso. Deus.
- B - A existência da alma e sua sobrevivência. O problema do ser e do destino.
- C - Evolução progressiva do homem. As modalidades possíveis.
- D - Reencarnação.
- E - O Espiritismo como filosofia e como moral.
- F - O Espiritismo e a vida social.
- G - O Espiritismo e a Juventude.
- H - Como divulgar o Espiritismo..

SEGUNDA SEÇÃO

Estudos experimentais. Fenômenos psíquicos. Mediunidade. Ciência.

- A - Atas do grupo Rosemary
- B - O desenvolvimento da mediunidade física.
- C - Telepatia e transmissão do pensamento em relação à mediunidade.
- D - Estudo experimental da mediunidade e seu desenvolvimento.
- E - O corpo astral fotografado no momento da morte.
- F - Espíritas e metapsíquicos. O que os une. O que os separa.
- G - Definição e divisão do Espiritismo.
- H - Necessidade de constituir formalmente o Espiritismo como ciência.
- I - Conceito de hierarquia na vida espiritual.

Texto da folha avulsa distribuída na quantidade de 50.000 exemplares nas ruas de Barcelona e enviada por correio a todas as entidades culturais da Espanha:

CONGRESSO ESPÍRITA INTERNACIONAL

01 A 10 DE SETEMBRO DE 1934

(Palácio de Projeções, Barcelona)

A Federação Espírita Internacional e em seu nome a Federação Espírita Espanhola, ao realizar em Barcelona este magno Congresso, dirigem-se:

A todos aqueles que tiverem inquietação espiritual, vontade de investigar os problemas do ser e do seu destino, no mistério da morte, no sentido profundo da vida...

A todos aqueles capazes de compreender a importância que tem para o nosso progresso e para o bem comum, ter ou não uma noção racional e bem fundamentada sobre esses grandes problemas.

Por último: a todos aqueles que acreditam conosco que os problemas sérios que abalam o mundo não têm solução de fundo sem primeiro estabelecer tolerância e raciocínio, amor e ciência, para meditá-los e superá-los.

E eles convidam a todos para os seguintes eventos públicos:
Dia 1 de setembro, às dez horas da noite, sessão de abertura do Congresso.
Dia 2 de setembro, às dez horas da noite, conferência sobre experimentação científica.

Dia 3 de setembro, às 4 horas da tarde, sessão plenária. O progresso do Espiritismo em todos os países.

Dia 4 de setembro, às dez horas da noite, conferência do Sr. Humbert Forestier, vice-presidente da Federação Internacional e secretário geral da União Espírita da França. Tema: «O Espiritismo dos grandes mestres franceses. Allan Kardec, León Denis, Gabriel Delanne».

Dia 7 de setembro, às dez horas da noite, palestra de Don Salvador Molina, delegado da Sociedade Espírita Hispano-Americana de Nova York e das Federações de Cuba e México. Tema: «Reencarnação».

Dia 8 de setembro, às dez horas da noite, grande festa artística do folclore catalão.

Dia 9 de setembro, às onze horas da manhã, um grande evento de propaganda espírita sob a presidência do Dr. Humberto Torres, com a participação de delegações estrangeiras.

Dia 9 de setembro, às cinco horas da tarde, conferência do Dr. Humberto Torres. Tema: «O Espiritismo no momento atual».

Cidadãos. O espiritismo não impõe crenças: convida ao estudo. Se você está interessado em estudar, conhecer, discutir as verdadeiras bases deste doutrinário (longe das aberrações com que o povo ignorante o divulga e os absurdos com que os outros, com fins interessados, o apresentam) e as soluções que ele oferece para os grandes problemas que preocupam o homem, participe deste ato. Venha para a verdadeira fonte. A Federação Espírita Espanhola convida você fraternalmente.

PROGRAMA DO CONGRESSO

Sábado, 1 de setembro, às 10 horas da manhã, recepção dos delegados e apresentação de credenciais à Secretaria do Congresso.

Às onze horas da manhã, reunião do Comitê Executivo da F. E. I.

Às doze horas da manhã, reunião da Comissão Geral da F. E. I.

Às cinco horas da tarde, assembleia geral da Federação Espírita Internacional.

Às dez horas da noite, sessão de abertura do Congresso, sob a presidência dos honoráveis representantes da Generalitat da Catalunha e da excelentíssima Corporação Municipal da Cidade de Barcelona. Nomeação do presidente do Congresso e da Mesa do mesmo. Discursos dos presidentes honorários. Discurso do presidente do Congresso.

Domingo, 2 de setembro, às dez horas da manhã, excursão voluntária de ônibus para Montserrat e Sabadell. Almoço em Montserrat.

Lanche em Sabadell oferecido pelo Centro de Estudos Psicológicos.

Às nove horas da noite, iluminação das fontes de Montjuich.

Às dez horas da noite, palestra do Sr. Enrique Calvet, professor da Escola Industrial de Tarrassa, doutor em Ciências e Direito. Assunto: «Métodos modernos na experimentação científica de fenômenos paranormais».

Segunda-feira, 3 de setembro, às onze horas da manhã, visita oficial à excelentíssima Câmara Municipal da Cidade de Barcelona e ao ilustre Presidente da Generalitat da Catalunha.

Às quatro horas da tarde, Sessão Plenária do Congresso. Discursos dos diferentes delegados expondo a situação do movimento espírita em seus respectivos países. Distribuição das apresentações entre as seções.

Das sete às nove da noite, reunião das seções para estudo e discussão dos trabalhos.

Terça-feira, 4 de setembro, das dez horas da manhã às 13 horas, reunião das seções. Das cinco às oito horas da tarde, reunião das seções.

Às dez horas da noite, palestra de Don Humbert Forestier, vice-presidente da F. E. I., diretor da «Revue Spirite», gerente da Maison des Spirites, em Paris. Tópico: «Métodos de propaganda espírita».

Quarta-feira, 5 de setembro, das dez da manhã à uma da tarde, reunião

das seções.

Às três horas da tarde, excursão voluntária de ônibus para Sitges.

Das dez às doze horas da noite, reunião das seções.

Quinta-feira, 6 de setembro, às dez da manhã, visita a Vila Espanhola e o Museu Românico.

Às cinco da tarde, reunião das seções para redigir suas conclusões.

Sexta-feira, 7 de setembro, às dez horas da manhã, excursão voluntária de ônibus até a Costa Brava, por Caldas de Malavella, S'Agaró e de volta por Lloret e Blanes. Almoço em S'Agaró.

Às dez horas da noite, palestra de M. L'homme, diretor da «Revue Spirite Belge». Assunto: «Prática do Espiritismo».

Sábado, 8 de setembro, às dez horas da manhã, Sessão Plenária do Congresso para estudar e discutir as conclusões das seções.

Às cinco horas da tarde, Sessão Plenária do Congresso para estudar e discutir suas conclusões.

Às dez horas da noite, um grande festival artístico de música canto e dança espanhola, com a colaboração de elementos artísticos notáveis de Barcelona.

Domingo, 9 de setembro, às onze horas da manhã, um grande ato público de propaganda espiritualista com a assistência de todas as delegações estrangeiras. Participam os delegados sul-americanos, o presidente do Diretório da Federação Espírita Espanhola, o secretário geral do Congresso, o presidente da Federação Espírita Internacional e o presidente do Congresso.

Às cinco horas da tarde, palestra do Dr. Humberto Torres, deputado ao Parlamento da Catalunha, presidente do Comitê Consultivo da Federação Espírita Espanhola, membro honorário do Congresso. Assunto: «Espiritismo e Sociologia».

Às dez horas da noite, grande banquete de despedida sob a presidência das autoridades, animado por um seleto programa musical. Discursos dos delegados, pelo presidente da Federação Internacional e discurso de encerramento do Congresso pelo presidente do mesmo.

Segunda-feira, 10 de setembro, visita a Barcelona e seus arredores.

INSTRUÇÕES

Taxas de inscrição

Foram fixados na soma de 10 pesetas por pessoa. Nenhuma inscrição para congressista será admitida sem ser acompanhada de seu valor. Após a recepção do mesmo, o tesoureiro do Comitê emitirá "Título do Congresso", que deve ser apresentado para provar sua personalidade.

Crachá do Congresso

O comitê organizador emitiu um distintivo de metal para ser usado na lapela ou no peito, que é vendido ao preço de duas pesetas (2'50 pesetas livre de gastos de transporte). Ordens para o mesmo também devem ser acompanhadas pelo seu montante.

Apresentações

Na Secretaria Geral do Congresso, os delegados receberão cópias em francês, inglês ou espanhol dos relatórios em cujas discussões desejarem participar.

Serviço de turismo

Na Secretaria-Geral do Congresso, serão atendidos todos os pedidos de informação para a viagem a Barcelona de qualquer ponto do globo, bem como as referentes à permanência em Barcelona, hotéis, pensões, restaurantes, etc. Foi confiada à agência de viagens credenciada «Viajes Marsans», a organização técnica de viagens circulares ou semicirculares através da Espanha e das Ilhas Baleares, para os senhores congressistas, que poderão realizar estes circuitos em condições de economia e conforto que não duvidamos de que muitos desejarão aproveitar a ocasião que o nosso Congresso oferece, para visitar os pontos mais interessantes da Espanha. Para mais detalhes, leia a folha em anexo.

Excursões

Nos escritórios da Secretaria, todos os detalhes sobre as mesmas, como preços da viagem, refeições, etc., serão fornecidos durante o Congresso.

Livro do Congresso

A Federação Espírita Internacional editará, como em cada Congresso, um livro-resumo ao preço de seis francos-ouro. As encomendas podem ser enviadas para o Secretariado Geral da Federação, 8, rue Copernic, Paris, ou para o Tesoureiro do Congresso, Dom Juan Torras Serra, na Avenida 11 de Novembro, 81, Sabadell (Barcelona).

O livro da Federação Espanhola está em estudo. Seu conteúdo e preço serão anunciados em tempo hábil.

Delegados

As Federações deverão enviar, o quanto antes, à Secretaria-Geral do Congresso, uma lista de seus delegados e outro congressista, que, além disso, entregará a cada um deles uma credencial que deverão apresentar ao Secretariado do Congresso.¹ *Este programa, escrito em espanhol, francês e inglês, forma um belo caderno impresso a cores nas oficinas Anglada. De belíssima apresentação tipográfica constitui uma linda lembrança do Congresso.*

PRELIMINARES

As delegações

Logo soubemos que os espíritas hispano-americanos teriam nutrida representação neste congresso. Argentina, Venezuela, Cuba, Porto Rico, México e residentes em Nova York anunciavam o envio de delegados e, isso era o suficiente para que este Congresso tomasse aos nossos olhos extraordinária importância, visto ser a primeira vez que os representantes oficiais do Espiritismo Sul-Americano e Espanhol se reuniam. Ao mesmo tempo, sabíamos que de inúmeros pontos da Península chegariam delegações e que Madri, Gijón, Zaragoza, Valência, Alicante, Jaén, Alcoy, Vigo, Sevilla viriam contingentes de irmãos, ansiosos para compartilhar as tarefas do Congresso, dando ao mesmo, com sua presença, extraordinário realce.

Em uma lista separada, publicamos todas as delegações.

Os primeiros delegados chegados à nossa cidade eram os nossos queridos amigos, o casal Pallás, trazendo a representação de importantes núcleos espíritas da Argentina, que desejavam ter em Barcelona um delegado cujo prestígio fosse avalizado por um histórico ilibado e um desempenho irrepreensível.

O Sr. Manuel Pallás e sua ilustre esposa, Sra. Carmen Artigas de Pallás, não eram desconhecidos para nós. Há alguns anos, eles passaram uma semana em Barcelona deixando uma lembrança muito agradável. Catalães de origem, que residem na Argentina há trinta anos, nossos irmãos Pallás estavam aqui em sua casa, e davam-se tão bem conosco, que desde o momento de sua chegada começaram a nos ajudar em todas as tarefas, assistindo a todas as reuniões do Comitê Executivo.

Dias depois, chegaram o nosso querido irmão Adán Isola, do Centro "León Denís" de Barquisimeto (Venezuela), e Don Salvador Molina, infatigável propagandista cubano, hoje residente em Nova York, um dos principais membros da Associação Espanhola de Espíritas da América daquela cidade, que também ostentava a representação da Federação Espírita do México, dos vinte centros espíritas de Matanzas e da Federação Nacional Espírita de Cuba. Escritor fecundo, conferencista de primeira classe, homem de estudo e ação, o representante dos espíritas de língua espanhola da grande metrópole americana, tem sido um dos membros mais ativos do Congresso e suas iniciativas e seu trabalho como conferencista deixaram uma marca forte entre nós.

Uma das entidades da América do Sul dentre as que mostraram mais interesse em nosso Congresso foi a Confederação Espírita Argentina e seu desejo de colaborar com ele foi tão intenso que, apesar do imenso sacrifício que isso representava, enviou dois delegados: nossos irmãos Porteiro e Mariotti. que durante todos os dias em que estiveram entre nós viviam apenas para o Congresso, não perdendo uma sessão, colaborando em todas as seções, trabalhando intensamente sempre com a maior eficiência e a melhor boa vontade.

No dia 27 chegaram por estrada, da França, os Srs. Theunisse, delegados da veterana sociedade holandesa "Harmonia". Os Srs. Theunisse fazem parte deste grupo de delegados com os quais nos sentimos mais

plenamente identificados. Sua afabilidade, o fato de falarem espanhol, a elevação de seus sentimentos, seu profundo conhecimento filosófico deixaram entre nós uma forte impressão que não será facilmente apagada.

Em 29 de agosto, chegou uma parte da delegação francesa composta de Mme. Berta Forestier, Mlle. Viala e senhores Lautier, Viala e Forestier, este último vice-presidente da Federação Internacional e nosso bom amigo, sempre infatigável e enérgico.

No dia 30, chegaram o Sr. Alfredo E. Reynaud e sua distinta esposa, dois dos mais destacados membros da veterana "Constância" de Buenos Aires, cuja representação eles traziam. Representar "Constância" é algo que sempre honra, mas nosso distinto amigo, o Sr. Reynaud, é um homem que honra qualquer representação que lhe seja confiada. Durante a sua estada em Barcelona, eles souberam conquistar as simpatias de todos aqueles que conviveram com eles, de tal forma que seria uma grande satisfação para nós podermos tê-los novamente em Barcelona em breve.

Também naquele mesmo dia foi um grande prazer para nós apertarmos as mãos ao Sr. Van Walt, o simpático secretário do Congresso de Haia, ao ativo e diligente Secretário Geral da Federação Internacional, Sr. Rivière, e ao querido amigo Sr. Gobrón, a quem tivemos o prazer de cumprimentar em Barcelona no verão de 1933.

Entre os dias 30 e 31, houve muitos outros delegados que chegaram, mas a quem não nos foi possível cumprimentar na estação, por não terem nos avisado em tempo hábil, o que sentimos muito porque nosso desejo era ir e receber todas as delegações sem qualquer distinção.

Devemos fazer uma menção especial a Mlle. Troula, filha daquele que foi vice-presidente do Congresso Internacional de 1888, Edward Troula.

O fato de a delegação inglesa não poder chegar com a suficiente antecipação, fez com que tivéssemos que modificar o programa do primeiro dia, passando para a tarde todas as reuniões planejadas para a manhã. Nossos irmãos ingleses chegaram no dia 31 ao meio-dia, constituindo a mais numerosa representação de todos os presentes no Congresso, pois havia um total de 28 delegados e congressistas. Entre eles, vimos o Sr. Oaten, presidente da Federação Espírita Internacional, sempre alegre e sorridente; o Sr. G. Berry, que foi o primeiro presidente do F. E. I.; o

Sr. Frank Harris, secretário ativo da Spiritualists National Union; e, como membro proeminente, a Sra. Hewat Mckenzie, uma das principais figuras do Espiritismo mundial.

Entidades representadas no Congresso e nomes dos senhores delegados:

África do Sul: Mrs. A. Bellas, representando a «New Spiritualist Church, The Church of Psychology and Spiritual Brotherhood e The Church of Spiritual Science», todas do Cabo da Boa Esperança.

Argentina: Sr. Manuel S. Porteiro, presidente da Confederação Espírita Argentina e Sr. Humberto Mariotti, secretário geral da mesma, representando também as sociedades Luz y Caridad, Biblioteca Camilo Flammarión, Hacia el Porvenir e Lumen. Além disso, o senhor Porteiro representou o Centro de Estudos Espiritualistas e Metapsíquicos «Psykesophia».

Sr. Alfredo E. Reynaud e senhora de Reynaud, representando a decana das sociedades espíritas argentinas «Constancia».

Sr. Manuel Pallás e Sra. Carmen Artigas de Pallás, representando as sociedades «Hacia la Perfección», «Sáenz Cortés», «Unión de los cuatro Hermanos» e «La Estrella del Progreso». Sr. Pedro Valls, representando a Associação «Luz y Vida».

As sociedades seguintes aderiram-se sem designar representante: «Agrupación Estudiosa Camilo Flammarión», «Centro de Estudios Psíquicos Perseverancia», «Sociedad Espiritista Buscando la Verdad» e «Centro Espiritista Adelante y Progreso».

Bélgica: Sr. Jacinto Esteva Grau, representando a União Espírita Belga.

Brasil: Sr. Jacinto Esteva Grau, Sr. Jacinto Esteva Matara e Sr. Juan Torra Serra, representando a Federação Espírita Brasileira.

Checoslováquia: «Spiritistika Revue», de Radvanicich, aderida sem designar representante.

Chile: Sociedad «Aurora», de Antofagasta, aderida sem designar representante.

Colômbia: Sr. Isaac Yrizarry Sasport, representando a Sociedad Fraternidad de Barranquilla.

Cuba: Sr. Salvador Molina, representando a Federación Nacional

Espiritista de Cuba, vinte centros da província de Matanzas, a revista «Rosendo» e a «Biblioteca Allan Kardec».

Espanha: Senhores José M^a Seseras y de Batlle, Rodrigo Sanz, Juan Torras Serra, Fernando Corchón, José Tejada, Juan Farrás, José Cervelló, Martín Font, Julio Armengol, José Soler, Tomás Solá, Domingo Armengol e Juan Margalef, representando a Federação Espírita Espanhola.

Além disso, enviaram ou designaram representantes os centros e grupos seguintes:

Alcoy: Centro Espírita «La Paz», representado pelo Sr. Quintín López Gómez.

Almeria: Centro Espírita «Amor y Ciencia», representado pelo Sr. Juan Torras Serra.

Arcos de Jalón (Soria): Grupo Espírita, representado pelo Sr. Bernabé Alonso.

Barcelona: «Centro Amália Domingo Soler», representado pelo Sr. Tomás Solá.

«Centro Barcelonés de Estudios Psicológicos», representado pelos Sres. Fernando Corchón, José Cervelló e José Tejada.

«Centro Esperanza Cristiana», representado pelo Sr. Arcadio Puig.

«Centro Cultural Espírita», representado pelo Sr. Julio Armengol e Sr. Isaac Araw.

«Centro La Voz del Porvenir», representado pelo Sr. Juan Margalef.

«Grupo Amor y Vida».

Gijón: Grupos «Salud» e «Eusebia», representados pelo Sr. Nicolás Rodríguez Muñiz.

Huelva: «Centro Paz, Amor y Caridad», representado pelo Sr. Juan Torras Serra.

Jaén: «Sociedad de Estudios Psicológicos», representada pelo Sr. Eduardo Fernández.

Jumilla: «Centro Espiritista La Verdad por la Ciencia», representado pelo professor Asmara.

Madri: «Hermandad Espiritista Evolución», representada pelo Sr. César de Haro Valencia, dona Carmen Ruiz Cantullera e Sr. José Ruiz Nayaz.

«Sociedad Espiritista Hacia Jesús», representada pelo Sr. César Bordoy

Montilla: Grupo Espírita «Amor y Progreso», representado pelo Sr. Moisés Díaz de Arcante.

Novelda: «Ateneo Espírita», representado pelo Sr. Miguel Díez Vigo; «Centro de Cultura y Estudios Psicológicos Paz y Armonía», representado pelo Sr. Salvador Molina.

Estados Unidos: Sr. Salvador Molina, representando a «Spanish American Spiritualist Assn», de Nova York, e as Sociedades «Aurora», «Las Almas Blancas», «Montbard», «John», «Decepción», «Grupo Estudiantil Espiritista» e «Piedad de Jesús».

Sr. Jacinto Esteva Marata, representando o Centro Espírita «Caridad».

Sr. Isaac Yrizarry Sasport, representando a Sociedade «Fraternidad Humana», de Nova York.

França: Mme. Berta Forestier, senhores Carlos Andry-Bourgeois, André de Pospel, Luis Viala, Edmond Alquier e E. Fabries representando a «União Espírita Francesa». Senhora G. Casson e senhoritas Troula e Viala.

Aderidos sem enviar representante: «Federação Lionesa», «Sociedade de Estudos de Fenômenos Psíquicos de Paris», «Lar Espírita de Béziers», «Centro Espírita Carcassonnense».

Índia: Senhor e senhora V. D. Rishi, representando a «Indian Spiritualist Society», de Bombaim.

Inglaterra: Senhora Hewat Mckenzie, Bertha Harris, senhorita E. Platt, senhores Ernest Vickers, Georges Brown, Maurice Barbanel, Frank T. Harris, em representação da «União Espiritualista Nacional», da Inglaterra, e a Associação «O Liceu Espírita».

A delegação inglesa compreende também as pessoas seguintes: Mr. Glover Botham, Mr. C. Christmas, Mr. Georges Mack, Mr. Mack, Mr. G. J. Corp, coronel R. G. Berry, Mr. J. B. Cooper, Mr. W. G. Green, Mr. A. Bellas, Mr. A. M. Severn, miss Gilkes, Mr. N. Wilby, Mr. Richardson, Mr. A. E. Hankins, Mayor Archer Bryssou, Mr. E. A. Day, Mrs. Annie Barnett, miss Florencia C. Barnett, miss Alice Al. Barnett.

Irlanda (norte): Coronel G. B. Berry.

Itália: Sr. Humbert Forestier, e o professor Ernesto Bozzano, representando a «Associação Espiritualista Italiana».

Holanda: Senhor e senhora H. H. Theunisse, representando a veterana

sociedade «Harmonia». Sr. E. Van Walt, representando a «Sociedade Espiritualista de Haia».

Honduras: Sr. Juan Torras Serra, representando a sociedade «Nuevo Oriente», de Comayagüela.

México: Sr. Salvador Molina, representando a «Federación Espiritista Mejicana».

Polônia: Revista «Hejnal», aderida sem designar representante.

Portugal: O professor Asmara e Sr. Juan Torras Serra, representando a «Federação Espírita Portuguesa».

Porto Rico: Sr. Isaac Yrizarry Sasport, representando a «Federación Espiritista de Puerto Rico», e Sr. Salvador Molina, representando o centro «Fraternidad Humana», de San Juan de Porto Rico.

Suíça: Sr. Andrés de Possel, representando a «Sociedade de Estudos Psíquicos», de Genebra.

Venezuela: Sr. Adán Isola, representando o centro «León Denís» e a revista «Evolución», de Barquisimeto.

A ORGANIZAÇÃO DO CONGRESSO

O grande saguão do Palácio das Projeções permitiu as seguintes instalações:

Administração, sob a direção do tesoureiro do Congresso Sr. Juan Torras Serra, com a colaboração da Sra. Llimargas de Farrás.

Secretaria, sob a direção do Sr. José Cervelló, com a colaboração da Sra. Esteva de Font e da Srta. Emilia Salvador.

Venda de livros, distribuição de folhas e revistas de propaganda e serviço turístico, pelo Sr. Juan Farrás.

Exposição da Imprensa Espírita, pelo Sr. José Tejada. Comissários-chefes: Sr. Julio Armengot, Vice-Presidente do Comitê organizador, e Sr. Juan Farrás, auxiliado pelo Sr. Margalef, Alfonso, Zurita e os membros da União da Juventude.

Para resolver todas as dificuldades que poderiam surgir, um Comitê composto pelos cavalheiros foi nomeado Jacinto Esteva Grau, secretário geral do Congresso. Juan Torras Serra, tesoureiro.

José Tejada, serviços de Imprensa.

José Cervelló, Secretaria: que estabeleceu uma permanência no Palácio das Projeções durante os dez dias que durou o Congresso. O serviço de tradução e interpretação foi confiado com grande sucesso à Escola Berlitz, cujos intérpretes J. J. Bower e Capron cumpriram sua missão de maneira perfeita.

A estenografia ficou por conta da Academia Martí.

A organização dos serviços turísticos e de hospedagem foi feita em colaboração com “Viajes Marsans”.



León Hipólito Denizard Rivail
ALLAN KARDEC

PRESIDENTES DE HONOR DEL CONGRESO

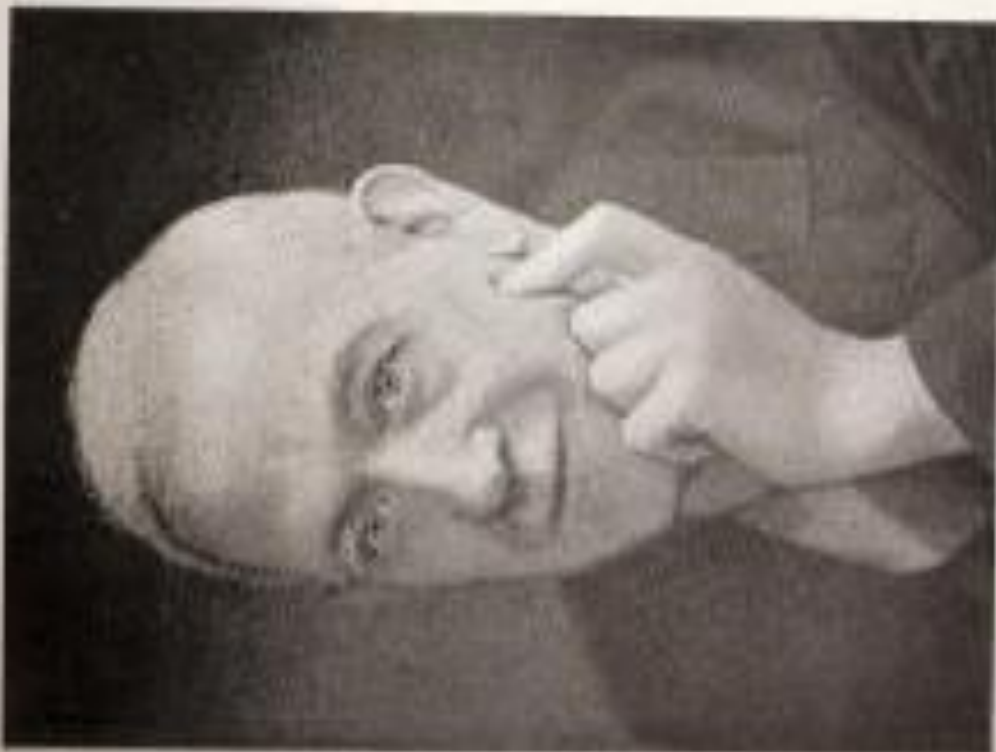


Lady Jean Conan Doyle



Ernesto Bazzano

FEDERACION ESPIRITA INTERNACIONAL



Ernesto M. Cordero
Presidente 1928-1934



Prof. Almaraz
Presidente electo

RECUERDOS DE OTROS CONGRESOS

PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL ESPIRITISTA
1888



Primer Congreso Internacional. Barcelona 1888



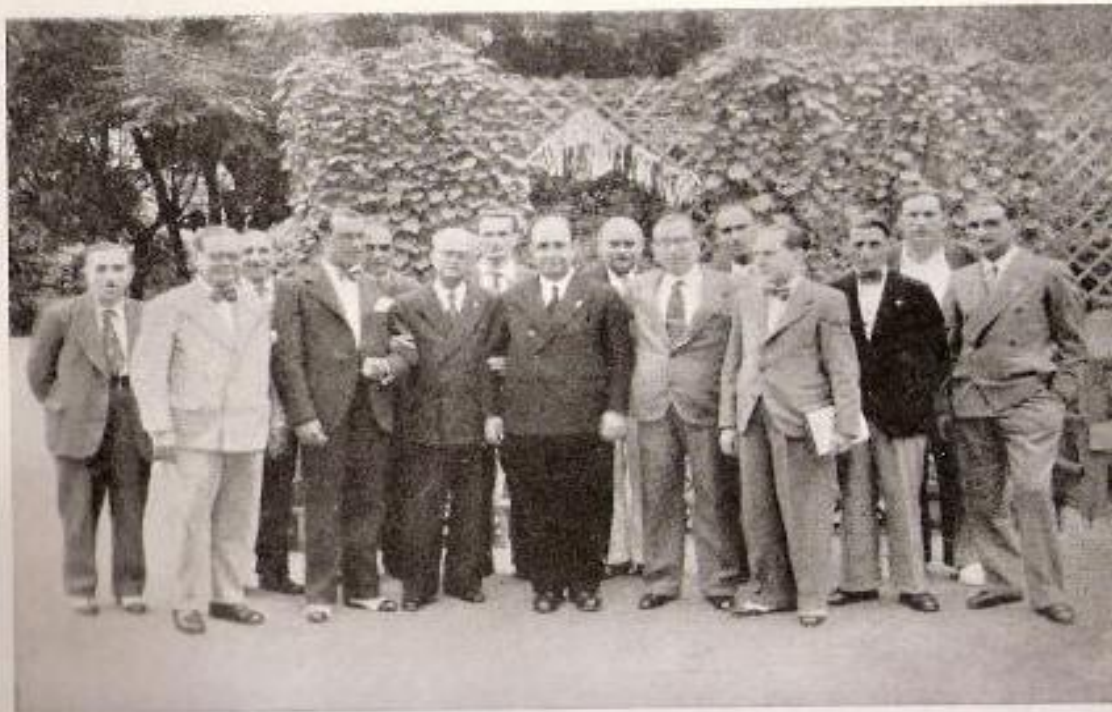
Congreso de La Haya. 1931

El Comité Ejecutivo de la F. E. I. y un grupo de delegados

EL CONGRESO DE 1934



El Comité Organizador. Sentados: Sres. Solá, Vives, Seseras, Torras Serra, Plans, Samper. En pie: Ruiz, Margalef, Corchon, F. N., Farrás, Armongot, Esteva, Tejada, Puig y Cervelló



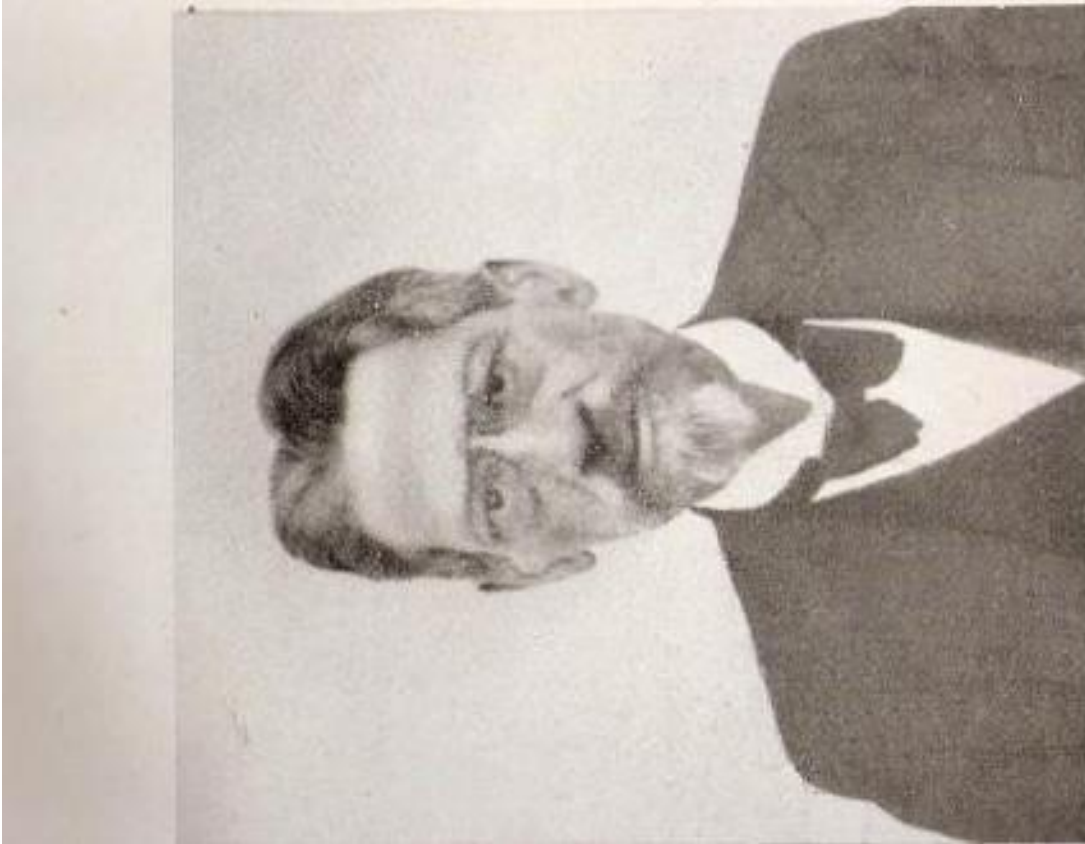
El Comité Organizador con los primeros delegados sudamericanos señores Pallás y Molina, primero y tercero de la primera fila, de izquierda a derecha



Don José M.ª Seceras
Presidente del Directorio de la F. E. E. y del Comité Organizador



Don Juan Torres Serra
Secretario General de la F. E. E., Tesorero del Comité Organizador
y Administrador de «La Luz del Porvenir»



Don Rodrigo Sanz
Presidente del Congreso. Ponente oficial de la F. E. E. para el tema
«La Reencarnación»



Don J. Esteva Grau
Secretario General del Congreso



Don Salvador Melina, en pie
Don Quintin Lopez y Gomez, sentado
Don Comenz



El Dr. Humberto Torres en el mitin del Palacio
de la Metalurgia

COMITÊ GERAL
E
ASSEMBLEIA DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA INTERNACIONAL

Para ganhar tempo e de comum acordo entre o C. E. da F. E. I. e o Comitê Organizador do Congresso, concordou-se em fundir-se em uma as duas reuniões regulamentárias da C.G. e da Assembleia da F. E. I.

Texto taquigráfico da Assembleia Geral da Federação Espírita Internacional

Preside o Sr. Ernesto V. Oaten, presidente da F. E. I.

O Sr. Presidente: Senhoras e senhores, devo em primeiro lugar pedir desculpas porque eu só falo uma língua e isso significa que, muito ao meu pesar, não poderei me fazer entender por todos vocês.

Os senhores tradutores irão expondo tudo aquilo que me considero obrigado a lhes falar.

Como presidente, quero dar-lhes as boas-vindas calorosamente, e dizer como estou feliz de poder cumprimentá-los agora pessoalmente e de nos vermos novamente juntos.

Três anos se passaram desde que o último Congresso Mundial se reuniu e, durante esse período, muito trabalho foi feito. Quero, no entanto, expor a todos os representantes das várias nações que estão aqui a verdadeira posição da Federação Espírita Internacional.

Não estamos aqui para mandar uns nos outros ou ditar linhas de conduta uns aos outros: estamos aqui para nos ajudarmos mutuamente. Em todas as nações do mundo, hoje em dia, os homens estão em contato com o mundo espiritual. Precisamos aceitar sermos guiados pelo mundo espiritual. No momento em que imaginamos que somos capazes de mandar, o espiritualismo fracassará. Enquanto colocarmos nossa vida em contato com o alto, nada e ninguém poderá nos separar.

Deveríamos ter tido esta tarde, em primeiro lugar, uma reunião da Comissão Geral da Federação Espírita Internacional.

O Comitê Geral é composto por dois membros de cada uma das federações filiadas. Eu gostaria de declarar, portanto, que cada federação

representada aqui na Federação Internacional tem direito a dois membros no Comitê. No entanto, como tive que seguir a Assembleia para a reunião anterior, tomei a liberdade de convidar todos os senhores delegados para hoje, porque quero que todos saibam o que a Federação Internacional está realmente fazendo.

Algumas nações estão associadas à Federação Internacional e pagam uma taxa anual. Quero fazer constar que, só pelo fato de várias nações pagarem esta taxa, é que a Federação Internacional existe. Cada nação que contribui com esta quota (que consiste em pagar a quantia de vinte francos ouro, ou fração) tem o direito de ser um membro da F. E. I.

Devo acrescentar que algumas nações, por causa da situação atual no mundo, não podem pagar, e parece lógico que elas não têm direito a valor; mas quando uma nação notifica que está disposta e ansiosa para pagar e não pode pagar, o Conselho da Federação Espírita Internacional, tendo em conta este desejo que aquela nação se vê na impossibilidade de cumprir, decidiu aceitar a representação desta nação na Federação Espírita Internacional. Quero, no entanto, que quando os delegados retornarem a seus países, digam e expliquem o trabalho que a Federação está realizando.

O senhor presidente pede então ao secretário que forneça a ata da última reunião, que já foi enviada a todas as nações.

O Sr. Presidente: Existe algo para expor ou perguntar sobre isso? A ata já foi enviado para todas as nações. Todos estão de acordo? (Assentimento).

O Secretário-Geral lerá seu Relatório sobre a tarefa da F. E. I. no triênio que terminou.

Relatório do secretário geral da F. E. I. ao Comitê geral e ao Congresso

Caros irmãos:

Três anos se passaram desde o Congresso Espiritualista de Haia e nos reunimos aqui neste Congresso de Barcelona para destacar os esforços feitos por cada um de nós.

E antes de tudo, é com uma notícia triste, que a maioria de vocês já souberam por mim, que estou começando o meu relatório. Albert Pauchad, nosso tesoureiro da Federação, um de seus fundadores, um respeitado e

ouvido líder do Espiritismo na Suíça, não existe mais. Coube a mim o triste dever de ir a Genebra, ao seu túmulo, para expressar à sua família, seus amigos, a profunda emoção que sua separação nos causou; mas, como falei naquela hora, Albert Pauchard está sempre vivo: sabemos que ele continua velando pela sua tarefa, pela sua querida Federação que tanto amava. Que ele saiba bem que todos os seus amigos, reunidos aqui, mandam-lhe um pensamento de afeto e desejam tornar a vê-lo.

Tenho a honra de apresentar a todos vocês o Relatório da atividade das diversas Federações que compõem a Federação Espírita Internacional e, sobretudo, esclarecer a situação mundial em relação ao Espiritismo.

Tenho lido novamente o último Relatório do nosso secretário honorário, André Ripert, no Congresso de Haia. Suas palavras eram proféticas. Já em 1931, a crise espiritual e material era desencadeada no mundo e sintomas alarmantes faziam prever os eventos pelos quais passamos.

André Ripert falava que o mundo estava enfrentando uma "crise puramente espiritual". Ainda podemos negar isso? Nunca a indústria moderna produziu tanto bem-estar como hoje. Nunca houve tanto trigo, tanto vinho, tanto progresso de todos os tipos em toda a Terra, e ainda mais de 30 milhões de homens em todo o mundo nem sequer têm o mínimo necessário. Sei muito bem que os economistas falaram de crise de superprodução, de crise de consumo, de necessidade de uma nova distribuição das riquezas. Mas não estamos aqui em um comitê econômico: somos espíritas que ouvem gritos de desespero e de apelos pungentes. Não estamos aqui para formular uma nova doutrina econômica, mas estamos aqui - e para isso temos o direito - de dizer ao mundo o que está faltando.

Essa preocupação é também a de todos os seus Grupos e eu li todos os Relatórios enviados, que vamos estudar juntos. Há aqueles que não têm medo de abordar a missão social do espiritismo e a mensagem que deve trazer. É necessário que, quando saímos daqui, não apenas tenhamos criado princípios, mas chegado à realidade, à realidade humilde de cada dia. É muito fácil, verdadeiramente, permanecer em alturas serenas e pregar uma verdade que, em si mesma, é imutável. É mais difícil descer entre os homens e tentar satisfazer suas necessidades imediatas, tanto as espirituais como as materiais.

Nós, Espíritas, não devemos pregar uma doutrina desprovida de realidade. Não devemos nos contentar com grandes palavras. Precisamos dizer, por exemplo, que para nós existem dados econômicos que têm dirigido o mundo, que estão em quebra. Devemos declarar que o direito de propriedade não é um direito absoluto; que ao lado do capital, existe o "trabalho". O trabalho, que é de outra ordem, que é humano, frutífero. Que este trabalho origina relações de homem para homem, "nas quais o direito de propriedade não tem parte alguma". Trata-se de colaboração e, convenhamos, em uma empresa como em um estado, o cargo de "chefe", tão esquecido quanto desacreditado, é de uma ordem superior à do simples direito de propriedade.

Mas quem diz "autoridade" diz "justiça" ou não fala humanamente; essa justiça não apenas distribui bens materiais, regula as relações de pessoas no sentido de uma integridade que não é conhecida mais, "já que existe uma crise da pessoa", assim como existe uma crise de cidadania e, neste momento, provamos os frutos amargos de um materialismo tão sábio quanto estéril. Existe uma humilhação da pessoa, do homem que, em nossos tempos modernos, tem qualquer coisa de trágico.

Algumas doutrinas pseudocientíficas vieram, nos últimos tempos, estabelecer distinções entre homens e, em nome de tais doutrinas, ainda continuam matando e assassinando. Assim, nos deparamos com uma situação que parece inextricável: de um lado, os materialistas que, em nome de uma ciência insegura e que para eles é uma deusa, declaram que somos apenas um conjunto de reações físico-químicas; por outro lado, políticos que excluem metade da raça humana em favor de uma seleção artificial; repito a minha pergunta: não há nisso uma diminuição do valor da pessoa humana, uma diminuição que devemos combater?

Foram necessários séculos de trabalho obscuro, de sofrimento, de heroísmo, para estabelecer finalmente que todos os homens são iguais; que sendo filhos de Deus, todos são irmãos; e a cidade moderna era construída sobre esforços milenários que chamamos de nossa civilização. Vamos falar claro, para aqueles que não se contentam com boas palavras e querem ver claramente: nossa Civilização está em perigo. Não se brinca impunemente com ideias e, por meio de negar o espiritual, os homens foram colocados

em um nível desumano.

E aqui está presente o problema de uma crise moral universal, que talvez nunca antes se tivesse apresentado de maneira tão formidável. Eu disse há pouco que o materialismo havia ganhado com Ideias... É preciso que nós os espíritas, tiremos a nossa revanche com Ideias!

Não vou desenvolver aqui com o que devemos contribuir: vocês sabem disso tão bem quanto eu; mas é preciso partir de uma base segura, sólida, imutável. Vocês já sabem que o fenômeno espírita é uma arma terrível em nossas mãos. Bem manejado, com argumentos precisos e apresentados com calma, é possível convencer muitos espíritos perdidos. Mas não esqueçamos de fazer uma severa autocrítica do nosso próprio trabalho. Os elogios e as flores são inúteis, pois não servem para nada. Muito mais férteis, muito mais estimáveis, são as meditações que fazemos sobre a imperfeição do nosso trabalho e as modificações que devem ser introduzidas em nossos métodos.

Estamos reunidos aqui para um trabalho de autocrítica; além disso, alguns relatórios são sugestivos a esse respeito; eles nos trazem itens de discussão interessantes. Por outro lado, vocês ouvirão, pelos delegados presentes, notícias do movimento em todo o mundo. A crise econômica reduziu muitas atividades, mas precisamos substituir certo conforto material por uma maior energia espiritual; nossos prédios não serão tão ricos, nem nossas salas tão suntuosas, mas nossa fé será maior e nossa profunda ação de propaganda será mais penetrante. "Acredita-se mais em testemunhas que sabem sacrificar-se."

No entanto, não desesperemos do futuro; o sofrimento é o grande educador da humanidade; por ele, os homens tocam as fibras dos corações de outros homens e passamos por um período que é uma séria lição para certo egoísmo e certa ganância. Nós sabemos quem vai ganhar a vitória; sabemos que nenhum sacrifício será perdido e que o caminho da justiça é mais forte que tudo. Sabemos que temos uma esperança e uma preciosa promessa. É com este espírito que abrimos este Congresso; com um senso aguçado das realidades do momento em que vamos trabalhar.

Incentivo vocês a removerem de seus debates tudo quanto fosse de natureza a enfraquecer nossa união e diminuir nossas ideias. Essas ideias

são uma herança magnífica; elas devem sair dos nossos estudos mais brilhantes do que nunca, a fim de cumprir uma missão de regeneração no mundo.

Juan Rivière

O Sr. Presidente: Em vista das traduções que foram feitas e distribuídas aos delegados, há alguém que deseje em outro idioma? (Resposta negativa).

Alguém tem alguma objeção para fazer a este texto ou estão dispostos a aceitá-lo? Alguém quer fazer alguma pergunta?

O Sr. representante da Argentina: Não é possível, com a simples leitura que foi feita, poder entender o conteúdo.

O Sr. Presidente: Considerando essa objeção, podemos deixar a aprovação para o fim.

O Sr. representante da Argentina: Seria conveniente realizar um estudo bem meditado de todos os pontos tratados, já que são importantes.

O Sr. Presidente: Quero informar-lhes que este texto será impresso e distribuído para todos, mas quero ter certeza de que ele será levado por todos para suas nações e que todas elas enviarão uma informação do que pensam sobre o assunto, isto é, qual é a opinião delas.

Bem: agora peço-lhe para ouvir a leitura do Relatório do Tesoureiro sobre a parte financeira do F. E. I.

O Secretário Geral: Vou fazer a leitura do estado das contas apresentado pela nossa tesoureira interina, Senhorita Antônia Pauchard, que substitui seu irmão recentemente desencarnado, Alberto Pauchard:

Estado da Tesouraria da Federação Espírita Internacional.

«Durante o período de três anos entre setembro de 1931 e setembro de 1939, seu tesoureiro cobrou:

em 1932	1.706,05 francos suíços								
» 1933	877,30						»	»	
» 1934	487,30						»	»	
Total	3.070,65						»	»	
aos quais é preciso acrescentar o saldo do triênio									
anterior	6.773,40						»	»	
O total recebido até esta data	9.844,05						»	»	
Durante o mesmo período os gastos foram:									
Em 1932									909,80 francos suíços
»	1933					3.985,—	»	»	
»	1934	31,20					»	»	
total de gastos até o dia de									
hoje.....	4.926, —								
Total recebido nesta data ...	9.844,05 francos suíços								
Total de gastos		4.926, —					»	»	
Restam disponíveis		4.918,05					»	»	

Depositados no Crédito Suíço e Banco de Paris e Países Baixos,
conforme aos documentos adjuntos. Genebra, 17 de agosto de 1934. —
Ant. Pauchard

Obs.: Nesta data, não há quantia disponível no Fundo da Secretaria-Geral em Paris.

Presidente: Devo acrescentar que os livros foram cuidadosamente revisados e estudados, e posso garantir que esse é o verdadeiro estado atual das contas. A atual posição da Federação Internacional neste ano melhorou em cerca de 5.000 francos suíços em relação ao ano passado. Mas quero ressaltar que o dinheiro que está agora disponível será exatamente o valor certo para poder imprimir o Relatório do Congresso deste ano, e quando tiver sido impresso, não teremos mais nada.

Pela mesma razão, gostaria de pedir aos delegados que participam deste V Congresso que se eles realmente acreditam na fraternidade internacional, quando retornarem a seus respectivos países, façam o possível para o sucesso da Federação Espírita Internacional.

E antes de prosseguir, devo falar-lhes sobre o nosso querido amigo Alberto Pauchard, que foi chamado para uma vida mais elevada. Alberto

Pauchard foi tesoureiro desde a fundação da Federação Internacional. Ele era um cavalheiro, um homem íntegro em todos os sentidos e é triste ter que perceber que ele não está mais conosco no corpo, mas eu sou um espírita e acredito que ele está conosco, aqui e agora. Vamos agradecer a ele pelo seu trabalho, e agora peço a todos para honrar sua memória ficando em pé e guardando um minuto de silêncio. (Todos os presentes se levantam e ficam em silêncio por um minuto).

Sr. Presidente: E agora eu tenho um dever muito triste para lhes expor. Seis anos atrás, vocês me honraram ao me eleger presidente desta Federação Internacional. Uma honra que eu apreciei muito. Não há nada neste mundo que eu aprecie tão intensamente quanto a boa vontade dos bons amigos.

Devemos reconhecer que nossa Federação Internacional ainda não é tão forte quanto gostaríamos que fosse. Ele ainda está em formação, mas acho que tem um grande futuro pela frente.

Chegou a hora em que tenho que deixar as rédeas. Circunstâncias domésticas e pessoais, tornam completamente impossível para mim continuar na Presidência, embora todo o meu interesse e meu trabalho estejam sempre com a Federação Internacional.

Quero agradecer-lhe de todo o coração pelo apoio caloroso que me foi dado por vocês durante estes seis anos.

Agora eu tenho que pedir que apenas os delegados oficiais participem da votação que vai acontecer. Devo pedir para votarem em um presidente para os próximos seis anos. A regra geral é que o presidente e o tesoureiro sejam eleitos no mesmo Congresso; o vice-presidente e o secretário são eleitos no próximo. Desta forma, há uma eleição a cada três anos, mas cada membro eleito continua no cargo por seis.

Outro ponto que desejo fazer observar é que Herr Bruns, da Alemanha, enviou sua renúncia, e agora será necessário nomear outra pessoa para ocupar o cargo que ele deixa vago. A razão de Herr Bruns para apresentar a sua renúncia é que, devido às ações políticas de hoje, Herr Bruns acredita

que as outras nações estão oprimindo a Alemanha.

No entanto, de minha parte, quero fazer vocês observarem que esta Federação Internacional foi fundada em 1921, imediatamente após a guerra.

Os convites foram enviados em 1920, ou seja, um ano e meio depois da guerra. A nação inglesa foi a primeira a convidar às outras nações para entrarem para Federação Internacional, e a nação inglesa enviou um convite para a Alemanha, sendo assim a primeira a enviar um convite à Alemanha para se relacionar depois da guerra.

Eu quero fazer observar concretamente que as nações não significam nada para o coração espírita. Nós determinamos que o homem, seja da nação que fosse, e qualquer que fosse sua cor ou religião, ele tem que ser um irmão. (Grande aplauso).

Lamento enormemente que Herr Bruns tenha renunciado, mas garanto que o Comitê fará todo o possível para contatar organizações alemãs e trazer a Alemanha de volta à Federação Internacional. (Aplausos).

Agora peço para passarmos à eleição para o cargo de presidente.

O Sr. representante da Inglaterra: A Inglaterra propõe a Sra. H. Mckenzie para a próxima presidência da Federação Internacional.

O Sr. representante da Espanha: A Federação Espírita Espanhola deve propor que o Professor Bozzano seja nomeado presidente da Federação Espírita Internacional.

O Sr. representante da Argentina: A Argentina propõe como presidente o professor Asmara, da Federação Espanhola.

Sr. Presidente: Eu quero fazer vocês observarem que irão escolher o presidente efetivo. Quem é eleito tem a obrigação de sempre participar de reuniões e assumir a cadeira da Presidência. Se vocês querem presidentes honorários, isso é diferente, mas se vocês querem um presidente efetivo, esse presidente tem que comparecer às reuniões, ocupar seu lugar e trabalhar, pois, do contrário, tudo daria errado.

O Sr. Geo Berry: Sugiro que, antes de continuar nesta questão, seria

conveniente apresentar algumas razões e motivos que apoiam as diferentes pessoas propostas, ou seja, algo que apoie sua candidatura.

O Sr. representante da Inglaterra: Antes de continuar, gostaria de saber se os outros senhores que foram propostos já deram o seu consentimento.

O Sr. representante da Espanha: Em relação à pessoa proposta pela Federação Espanhola, não temos o consentimento da parte interessada.

O Sr. representante da Argentina: Eu me permiti propor o professor Asmara para a Presidência, porque ele atuou ativamente no trabalho da Federação Internacional e acredito que ele tem excelentes condições para ocupar esse cargo.

Acredito que o professor Asmara é um homem jovem, ativo e inteligente e, como já temos seu consentimento, é por isso que me permiti a sua proposição para presidente.

O Presidente: Gostaria de sugerir que as delegações se retirem por alguns momentos e se dividam em duas seções, uma representada pela latina, que propõe o professor Asmara, e a outra pela anglo-saxônica, proposta pela sra. H. Mckenzie. Uma vez em acordo, ambas as seções procederão à votação para eleger o presidente.

Devo salientar que, como não temos o consentimento do professor Bozzano, não posso aceitar sua proposta para a Presidência. Eu falo assim porque sei que ele não poderia participar nas sessões de maneira obrigatória.

Por outro lado, devo dizer que não tenho nenhum inconveniente se os senhores que apoiam a candidatura do professor Bozzano quiserem propor-lhe o cargo de presidente honorário, porque estou disposto a aceitar esta proposta se o professor Bozzano concordar em ocupar a Presidência honorária.

Don Salvador Molina, em representação da «Spanish-American Spiritualist Assn. of New York, Inc.» e das Federações Espíritas de Cuba e México, diz: Em nome destes três grupos, eu também proponho o professor Asmara como presidente.

O Presidente: Devo declarar que o professor Asmara, atualmente, é membro do Comitê Executivo.

Devo acrescentar que os votos estão em mãos das nações que pagaram suas quotas. Essas nações são: Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Brasil, Holanda, Espanha, França, Argentina e Suíça. Estas nações pagaram regularmente suas quotas e se os delegados foram enviados com todos os requisitos necessários, eles podem participar da votação.

Acho melhor suspender a sessão por dez minutos para que as nações possam se reunir e discutir a votação.

(Existindo acordo, a sessão é suspensa por dez minutos.)

Quando a reunião recomeçou, o Presidente disse: Enquanto aguardamos a chegada de um ou dois membros que estão ausentes da sala, gostaria de propor que o Professor Bozzano seja perguntado se aceita a proposta de ser nomeado presidente honorário da Federação Internacional. Eu acho que é uma obrigação fazer essa pergunta ao professor Bozzano sobre se ele aceita ou rejeita a presidência honorária da Federação Internacional.

(Todos os delegados estão de acordo com esta proposta do presidente.)

O Sr. Van Walt, representante da Holanda diz: Chegamos agora ao ponto da eleição e, como parece, há duas propostas de pessoas plenamente capazes, e a escolha de uma poderia, digamos, magoar levemente a outra. Proponho, senhor presidente, que, uma vez que temos de escolher entre duas pessoas de igual capacidade, de qualidades idênticas, a eleição seja feita, por assim dizer, a cara ou cruz, isto é, por sorteio.

Vários delegados: não, não.

O Sr. Presidente: Eu acredito que não há alternativa senão se submeter ao que os Estatutos da Federação Internacional estabelecem.

O Sr. Presidente: Enquanto a sessão estava suspensa, o Sr. Secretário fez uma lista das nações que pagaram suas dívidas e o número de votos a que cada nação tem direito; esta é a lista:

Alemanha, 2; Grã-Bretanha, 7; Bélgica, 5; Brasil, 4; Espanha, 8; França, 8; Holanda, 17; Suíça, 2; Argentina, 10.

Estes são os votos a que vocês têm direito e proponho que os tomemos por país. É claro que todos teremos que aceitar o resultado da votação, qualquer que seja; todas as nações democráticas sempre decidem pelo

resultado dos votos. (Aplausos)

O Sr. Esteva Grau diz que uma nação que pagou por vários anos, mas deixou de pagar há dois anos atrás, tem o direito de votar, mas como presidente eu tenho que responder que somente aqueles que pagaram até 1933 têm direito ao voto.

A primeira nação é a Alemanha. Como a Alemanha vota?

O Sr. representante da Espanha: Visto que a nação alemã não está representada, porque acabamos de ser informados de que ele se demitiu do cargo...

Sr. Presidente: Não confunda; a Alemanha pagou, e o membro da Federação, Herr Bruns, a única coisa que fez foi renunciar ao seu cargo no Comitê.

O Sr. representante da Espanha: Se o Sr. Bruns estiver representado nesta sessão, ele poderá votar, mas se ele não estiver, não.

Sr. Presidente: É a Associação do Sr. Bruns que pagou, não o Sr. Bruns.

O Sr. representante da Espanha: Então ninguém pode votar no lugar dele.

O Sr. Presidente: Eu vou ler de acordo com a lista. Se a Federação Alemã está ausente, não é culpa dele, mas se ela não fosse chamada e houvesse alguém por aqui que poderia representá-la, isso poderia se prestar a interpretações distorcidas que devem ser evitadas.

A Alemanha tem dois votos; existe alguém aqui para representar a Alemanha? (Ninguém responde).

Bom; não há nenhum representante da Alemanha.

A Inglaterra tem 7 votos; existe alguém aqui para representar a Inglaterra? Sr. Frank Harris, representante da Inglaterra: Os 7 votos da Inglaterra são para a Sra. Mckenzie.

O Sr. Presidente: A Bélgica tem 5 votos; quem representa a Bélgica?

Sr. Esteva: Como representante da Bélgica, voto no professor Asmara.

O Presidente: O Brasil tem direito a 4 votos; quem representa o Brasil?

Sr. Esteva: O Brasil vota no professor Asmara.

O Presidente: A Espanha tem direito a 8 votos; Quem representa a Espanha?

O Sr. Seseras e de Batlle, representante da Espanha: a Espanha também

vota a favor do professor Asmara.

O Sr. Presidente: A França tem direito a 8 votos; quem representa a França?

O Sr. Andry Bourgeois, representante da França: Voto no professor Asmara.

O Sr. Presidente: A Holanda tem direito a 17 votos; quem representa a Holanda?

A Sr. Theunisse, representante da Holanda: voto a favor da senhora Mckenzie.

O Sr. Presidente: A Suíça tem direito a 2 votos; quem representa a Suíça?

O Sr. Possel, representante da Suíça: Eu represento a Suíça e voto para o professor Asmara.

O Senhor Presidente: A Argentina tem direito a 10 votos; quem vota, pela Federação Argentina?

O Sr. Porteiro, representante da Argentina: A Federação Argentina vota para o professor Asmara.

O Sr. Presidente: Em vista do resultado da votação, o professor Asmara é eleito presidente da Federação Espírita Internacional, porque obteve 37 votos contra 24.

O Sr. F. Harris, representante da Inglaterra: Como membro da Federação Inglesa, que foi quem propôs a Sra. H. Mckenzie, peço licença para ser o primeiro a parabenizar o Professor Asmara por sua nomeação. (Aplausos)

O Sr. Forestier, Secretário Geral da União Francesa, se levanta e pronuncia as seguintes palavras: No final desta votação, devo dizer a todos que para nós os antagonismos de nacionalidades ou raças devem desaparecer. Temos o dever de nos unirmos pelo bem da tarefa comum. Eu, como prometi a Jean Meyer em seu leito de morte, estou disposto a continuar fazendo todos os sacrifícios necessários para que o F. E. I. possa continuar sua tarefa espírita. (Grande aplauso)

Sr. Presidente: Nosso próximo trabalho é nomear o tesoureiro. Os senhores delegados estudaram o assunto?

Muitos de nós sabemos que a irmã de quem foi nosso tesoureiro, a srta. Pauchard, vem ajudando-o há muitos anos e, portanto, conhece muito bem seu trabalho. Perguntamos a ela se, caso vocês concordassem, ela

continuará a realizar esse trabalho, e a senhorita Pauchard concordou nesse caso.

Eu acredito que o Comitê deveria nomear a Srta. Pauchard como tesoureira da nossa Federação Internacional pelos próximos seis anos. Todos os delegados que concordarem levantem a mão.

Aprovado por unanimidade.

Agora eu quero que vocês escolham seus vogais para formar o Comitê Executivo que deve ser composto de presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e três conselheiros.

Os que temos em nossas listas são: M. Bruns, que se demitiu e Professor Asmara, que foi eleito presidente agora. Então vocês têm duas vagas para preencher, isto é, dois conselheiros para eleger.

A Presidência se permitirá recomendar as duas pessoas que acredita que devem ocupar esses cargos no Comitê, mas, como não ignora que os delegados são os que, em última análise, têm que decidir, eles dirão se aceitam ou não esses nomes. Se houvesse outro delegado que quisesse fazer alguma outra proposta, espero que ele o faça saber.

O Comitê Executivo propõe que o sr. G. Berry, que foi o primeiro presidente da Federação Espírita Internacional, seja nomeado segundo conselheiro, e como terceiro conselheiro, o Sr. L'homme, diretor da "Revue Spirite Belge", que não pôde comparecer neste Congresso - apesar de seus desejos, desde que ele havia anunciado uma conferência - devido à sua doença.

Aprovado por unanimidade.

O Sr. Presidente: "Eu gostaria que a Federação tomasse o acordo de expressar sua simpatia pelo Sr. L'homme".

Um senhor delegado: "Na Bélgica, pude encontrar-me com o Sr. L'homme e ele efetivamente me pediu para dar lembranças suas, com o maior afeto, aos membros do Congresso." (Aplausos)

O Sr. Presidente: "Então fica aprovado que o secretário escreva uma carta ao Sr. L'homme expressando toda nossa simpatia".

Há outro assunto a tratar. Em três anos temos que nos encontrar novamente. Onde vamos nos encontrar?

O Senhor Secretário: "Como secretário, tomo a palavra para dizer que

recebi um convite de Glasgow, na Escócia, para realizar, em 1937, o próximo congresso. Como não recebi nenhum outro convite, proponho Glasgow para o próximo congresso ».

O Sr. Presidente: "O convite tem o apoio da Inglaterra".

O Sr. representante da Inglaterra: "Ao transmitir o convite para que o próximo Congresso seja realizado em Glasgow, eu prometo, ao mesmo tempo, fazer o possível para tornar o encontro internacional um verdadeiro sucesso. O secretário foi quem fez o convite oficial, mas o trabalho a realizar não será feito apenas pelos que estamos reunidos aqui, mas por todos os espíritas da Grã-Bretanha ".

Sr. Presidente: "Existe algum outro convite? Vamos a Glasgow?"
(Resposta afirmativa)

Bem, então a Glasgow.

Temos que eleger agora um presidente deste Congresso. Nossos amigos, os espanhóis, têm trabalhado arduamente por muitos anos para que isto seja um sucesso e nomearam o presidente Asmara como presidente deste Congresso. Eu acho que moralmente não seria bom alguém dizer uma única palavra contra essa proposição. Sempre reconhecemos que quando um Congresso se reúne em um país, este país tem o direito, quase poderíamos dizer a obrigação, de nomear o presidente do Congresso e, portanto, tenho o prazer de propor o professor Asmara como presidente deste Congresso. Estão de acordo? (Resposta afirmativa)

Bem, então desejamos-lhe uma etapa presidencial muito feliz e muito sucesso.

A Federação Espanhola propõe o professor Asmara, como presidente, e propõe, na seqüência, quatro vice-presidentes, ou seja:

1º vice-presidente, Sr. Rodrigo Sanz; 2º vice-presidente, Sr. Forestier; 3º vice-presidente, Sr. Berry; 4º vice-presidente, Sr. Molina.

Como secretários ele propõe os seguintes senhores:

Teunisse, da Holanda; Tejada, da Espanha; Mariotti, da Argentina; Gobron, da França.

Como secretário geral propõe o senhor Esteva Grau.

E como vogais, os seguintes senhores: Cervelló, Armengol, um delegado francês e um delegado inglês.

O Sr. Presidente: "Estão de acordo? Aceitam? »(Resposta afirmativa)

Sr. Forestier, representante da França: "Amigos, tenho um dever que é agradável e doloroso, ao mesmo tempo, para cumprir.

"Tenho que agradecer, com essa minha franqueza costumeira, ao homem que presidiu a Federação por seis anos, Sr. Caten. Se na França tivemos horas de incerteza, ele soube como dar segurança e força ao futuro da Federação Internacional. Me entristece vê-lo deixar o cargo de presidente, já que ele me ajudou muito com sua simpatia e apoio e ao mesmo tempo também agradeço a ele tudo quanto fez pela Federação Internacional. Ele a tomou como se fosse uma criança que começa a andar, pela mão, e eu desejo que a pessoa que vai substituí-lo, que também tem todas essas qualidades, saiba, como ele, conduzi-la bem. Que Sr. Asmara assuma a posição de presidente com a seriedade e respeito devidos ".

O Sr. Presidente: "Devo dizer a vocês, senhores, que foi devido às minhas propostas que a Inglaterra, depois da guerra, decidiu constituir a Federação Espírita Internacional² *Sem negar a verdade das palavras do nosso querido amigo Sr. Oaten, mas lembrando também de ter ouvido a mesma declaração do veterano Miner Beversluis, devemos fazer notar que o delegado espanhol, Don Quintín López, trouxe a Londres a proposta oficial de que uma Liga Espírita Internacional fosse constituída..* Eu trabalhei duro para tentar constituir uma organização. Esta organização ainda não está formada. Há muito trabalho a ser feito antes que essa Associação possa crescer. Alguém tem que fazer isso. Eu fiz tudo o que pude durante doze anos por este Comitê. Estou satisfeito com o trabalho que realizei, mas quero dizê-lo: há muito trabalho a ser feito antes dessa Federação estar organizada adequadamente.

Alguém deve haver, que doe o seu trabalho, e espero e acredito que o homem que foi eleito presidente fará todo o possível.

»Só me resta acrescentar que se em algum momento eu puder fazer algo pela Federação, ficarei muito feliz em fazê-lo.» (Aplausos)

O Sr. Secretário lê um telegrama de Manchester enviado pelo jornal semanal do espiritismo da Grã-Bretanha "Two Worlds", que transmite as cordiais saudações de seus dez milhões de leitores aos delegados da conferência convocada no momento.

O texto do telegrama diz: "Desejamos que a Conferência faça uma expressão mais universal e perfeita das fidelidades, glória do Espiritismo".

O professor Asmara entra na sala acompanhado pelo Secretário Geral do Congresso.

O Sr. Presidente: "E agora, senhoras e senhores, tenho o prazer de apresentar-lhes o professor Asmara."

(Uma grande ovação irrompe em homenagem ao novo presidente.)

O Professor Asmara: "Senhoras e cavalheiros, queridos amigos, todos: agradeço de todo o coração pela honra que acabo de receber. Eu, que sou um homem de trabalho e não de proeminência, não sei até que ponto poderei cumprir a delicada missão que me vocês confiam em nome do Espiritismo mundial.

"Nosso querido sr. Caten acabou de dizer que o organismo ao qual pertencemos, esse organismo de nossos amores, está em formação. É evidente: os espíritas não podemos ter a aspiração de jamais ter alcançado a realização de uma organização completa. Sendo evolucionistas, sempre teremos algo para fazer. Bendito seja Deus que nos colocou diante desta missão em que sempre há algo a fazer, porque isso é como uma demonstração do progresso indefinido que a eternidade do tempo sempre nos aguarda para realizar esta tarefa.

»Eu não vou poder fazer, neste cargo com o qual sou honrado por vocês, mais do que realizar a tarefa que eu souber e puder, e deixar outros que vierem atrás de nós irem melhorando-a, unindo-a para o bem do Espiritismo e para o bem da Humanidade .

»Obrigado a todos de novo com o coração na mão.»

O Sr. Presidente: "Vamos terminar a sessão, porque temos outra às dez horas da noite.

»A reunião desta noite será presidida por um representante da Generalitat e por dois representantes do Município. Eu quero indicar com isto que este é um país onde a espiritualidade é honrada."

O CONGRESSO. SESSÕES.

ATOS DO DIA 1 DE SETEMBRO, 1.º DIA DO CONGRESSO

Presidência:

Sr. Amadeo Colldeforns, deputado do Parlamento catalão, representando o Ilustríssimo senhor Presidente da Generalitat de Catalunha, Sr. Luís Companys.

Ilustre senhor José Junyent, representante do excelentíssimo senhor prefeito de Barcelona, Sr. Carlos Pi y Suñer.

Sr. José Codormí, regedor representante da Municipalidade. Professor Asmara, presidente da F. E. I.

Ms. E. W. Caten, antigo presidente da F. E. I.

Sr. Humbert Forestier, vice-presidente da F. E. I. Sr. Juan Rivière, secretário geral da F. E. I.

Sr. José M.^a Seseras y de Batlle, presidente do Diretório da F. E. I.

Sr. Jacinto Esteva Grau, secretário geral do Congresso.

TEXTO TAQUIGRÁFICO DA SESSÃO OFICIAL DE ABERTURA

Mr. Ernesto Oaten

Estamos aqui em um ato da Federação Espírita Internacional. Nós, como crentes em que o Espiritismo abre um caminho mais amplo para a humanidade, uma visão mais ampla e melhor orientada para a perfeição, somos pessoas que acreditam que a alma sobrevive ao corpo, que a morte não tem realidade real e não significa mais do que um passo para o além.

A Federação Internacional foi criada justamente para reunir em uma mesma comunhão de esforços todos aqueles que, espalhados pelo mundo, têm esse mesmo ideal; e por isso nesta semana reúnem-se em Barcelona representações de cerca de quarenta nações que, unidas pelo mesmo ideal de fraternidade, encontram-se separadas, infelizmente, pelas diferenças de língua. No entanto, esperamos que um dia essas diferenças e outras que separam as nações desapareçam de alguma forma e no mundo haja apenas uma só Pátria e uma só Fraternidade.

O Presidente da Federação Espírita Internacional tem o dever, neste momento, de agradecer aos espíritas espanhóis pela cordialidade da sua acolhida e apresentar aos delegados do Espiritismo mundial que compõem este Congresso, o eminente professor Asmara, a quem a FEI confia a importante tarefa de nomeá-lo como seu presidente.

O professor Asmara

Ilustre representante da Generalitat, Honoráveis representantes da Prefeitura da Cidade de Barcelona, Membros do Comitê da Federação Internacional, Senhores participantes do Congresso, Amigos todos:

Sejam as minhas primeiras palavras, senhoras e senhores, de saudações, homenagem e gratidão a todos vocês que vieram de diferentes latitudes para colaborar no trabalho deste Congresso; sejam bem-vindos em nome da Federação Espírita Espanhola e em nome do Congresso. Vocês, os profanos, que nos honram com a sua presença, sabem que aqui são recebidos de braços abertos e sempre com o desejo de prestar homenagem à Verdade, seja porque a nossa verdade atinge as suas consciências ou porque vocês nos trazem a sua própria verdade e que o contraste entre elas poderá nos iluminar com uma nova luz. Dou as boas-vindas a todos, em geral, como presidente deste Congresso.

Esta é a segunda vez que um Congresso Espírita Internacional é realizado sob o céu de Barcelona. Nos separa do primeiro quase meio século: aquele Congresso de 1888 que foi, antes de tudo, mesmo tendo sido muito em outras coisas, o florescimento do entusiasmo de um punhado de homens beneméritos. Este era, de fato, seu especial distintivo: florescimento de entusiasmo e de ideais, e a eles dedico minha homenagem esta noite. Eu não nomeio especialmente ninguém dentre aqueles queridos amigos, de modo que todos fiquem bem nomeados, e para que essa lembrança de hoje seja tão íntima e tão familiar quanto nos cabe; como quem somos, cumprimos. E depois destas breves palavras de saudação, boas vindas e homenagem, tenho a honra de passar a palavra ao Sr. Vice-Presidente desta Federação Internacional, o Sr. Forestier, que tem algo a dizer sobre a inauguração deste Congresso.

Antes, porém, vamos dar leitura às mensagens enviadas ao Congresso

pelos nossos presidentes honorários, Lady Jean Conan Doyle e o eminente professor Ernesto Bozzano.

O secretario lê:

Mensagem de Lady Conan Doyle,
ao V Congresso Espírita Internacional

Senhor Presidente, senhores congressistas, amigos e delegados de todas as nações que se reuniram no Grande Congresso Espírita Internacional:

É para mim e para minha família, motivo de grande desgosto nos vermos impossibilitados de estar ao seu lado nestes momentos solenes em que se encontram reunidos nesta grande e bela cidade de Barcelona, que há alguns anos atrás pude visitar na companhia do meu marido, admirando as grandes belezas que contém.

A reunião deste Congresso representa compartilhar as experiências e opiniões de todos para poder trabalhar no futuro com sucesso real dentro do campo espírita e provar cada vez melhor a verdade da vida além da morte.

Grande oportunidade representa para isso a celebração deste Congresso, uma vez que reunidos com os representantes de várias nações, vocês se encontrarão em situação de estudar a evolução do Espiritismo em diferentes países e as manifestações mediúnicas dos últimos três anos. Não se esqueçam, no entanto, da importância primordial de se estudar o movimento como um todo.

Para tanto, é preciso levar em conta não só o nosso trabalho, mas também o dos outros; saber fazer uma autocrítica de nossa posição e apreciar os meios à nossa disposição para a demonstração da verdade do Espiritismo, chamada a brilhar com luz refulgente.

Para conseguir isso, precisamos apenas examinar com serenidade as críticas de nossos adversários. Quais são as coisas que eles geralmente recriminam em nós? A falsidade das comunicações mediúnicas e a falta de veracidade do que é dito nelas. Devemos tentar mostrar que essas acusações não são exatas, mas é necessário confessar que em questões mediúnicas sofremos de excessiva quantidade e muito pouca qualidade.

Devemos confessar que até o presente foi muito difícil corrigirmos esse

estado de coisas tão triste. A predominância materialista, provocou como reação um desejo tão forte de obter provas da sobrevivência da alma que fatalmente foi campo fértil para a superstição e a trapaça.

As experiências de voz direta ultimamente ajudaram muito a depuração necessária. Elas facilitam nossa explicação espírita de que a alma humana continua a viver no Além. Na realidade, a vida material do espírito não é mais do que uma manifestação da vida verdadeira, isto é, aquela que se desenvolve no que na Terra chamamos o Além-Túmulo. Para demonstrar isso, devemos parar um pouco em nossa ânsia de controlar a verdade das manifestações físicas e tentar avançar um pouco mais; isso requer que peçamos mais para receber mais.

Após a morte de Edgar Wallace, seu filho escreveu um artigo no «Expresso», com o título: «Deixem meu pai em paz». Nós, como espíritas, simpatizamos com aquele rapaz.

É por isso que nós, embora com muita cautela e precaução, nos recusamos a admitir uma série de mensagens que poderiam realmente prejudicar nossas crenças e também tentamos colocar muitos médiuns em guarda contra uma infinidade de comunicações.

Por que a chama da Verdade tem encontrado todos esses obstáculos? Este não é o momento de encontrar um meio de controle para garantir as relações dos espíritos com os homens. Isso poderia ser uma coisa muito fácil se soubéssemos como tomar determinações enérgicas baseadas no conhecimento verdadeiro do Espiritismo e apenas admitir as comunicações obtidas com textos cruzados. Isto é, nenhuma mensagem espiritual deveria ser aceita até ter sido corroborada por meio de outro médium independentemente. Isso limitaria muito o número de mensagens, mas aquelas que fossem admitidas não levantariam dúvidas. As sessões privadas e de clarividência depois das reuniões espíritas seriam inúteis, porque teriam um aspecto pessoal demais. Apenas a verdadeira experimentação obteria mensagens recebidas dessa forma e sua necessária completação e confirmação.

Certas mensagens não devem ser publicadas pela imprensa ou enviadas por médiuns que afirmam receber "ordens" do Além-Túmulo.

Diante dessas afirmações, é conveniente esclarecer que é fácil entender

quais são os casos verdadeiros, e que depois de refletir, ninguém aceitaria essas ordens sem analisá-las e estudá-las muito bem antes de executá-las.

Esse sistema melhoraria a posição dos médiuns, pois, desse modo, nenhum deles poderia ser acusado de fraude, quando cada mensagem pudesse ser verificada por meio de outros médiuns. Assim, os médiuns de escassas condições se retirariam para suas casas e, em vez disso, os bons médiuns poderiam trabalhar com uma tranquilidade de espírito que não conhecem agora. Ao mesmo tempo, esse sistema permitiria aos seres do Além trabalhar mais à vontade e nos guiar com maior certeza, pois seria muito difícil a manifestação de seres atrasados muito apegados ainda às coisas deste mundo.

Eles não podem realizar este trabalho porque "cabe a nós", que já em várias ocasiões tivemos que realizar essa limpeza espiritual no nosso meio ambiente.

Por meio das mensagens verificadas, como indicamos acima, as relações com o "Além" estariam muito dificultadas, mas como seria grande a nossa felicidade em poder colaborar com os seres desencarnados, para poder receber mensagens que oferecessem todo tipo de garantias. Apenas uma mensagem de cada cinquenta pode realmente ser descrita como verdadeira, por possuir dados de identidade suficientes.

É verdade que há pessoas que fizeram belas experiências e receberam mensagens por meios comuns, cuja autenticidade não pode ser posta em dúvida; mas também acredito que a grande massa espírita poderia nos ajudar muito entendendo que o Espiritismo não é a coisa fantástica que muitas vezes eles imaginam.

Devemos orientar o movimento espírita para uma posição de maior restrição e dignidade. Devemos apresentar o verdadeiro Espiritismo e não confundi-lo com a Metapsíquica, que é apenas um aspecto mais perfeito do materialismo e não a grande luz que iluminará tudo.

Desde a sua passagem para a vida espiritual, meu marido tem nos dito repetidamente que há grande dificuldade em se comunicar com o Além, como ele havia afirmado anteriormente. Ele também aconselhou o uso do sistema que detalhei acima.

Eu me permito apresentar a vocês os conselhos a seguir, para serem

estudados e levados em consideração. A necessidade premente de uma estatística internacional das sociedades e a união de todos os médiuns de cada país para que possam trabalhar em todos os Centros de cada nação. Recebo continuamente incontáveis cartas de médiuns pedindo endereços e informações sobre as sociedades espirituais do país onde moram e, às vezes, é muito difícil poder oferecê-las.

Requer, portanto, uma espécie de direção central que seria muito vantajosa para nosso conhecimento mútuo.

Outra ideia que proponho é abrir uma assinatura de um xelim por ano, que serviria para defender aqueles médiuns honestos e dignos que estivessem sujeitos à perseguição, e para ajudar aqueles outros idosos ou com falta de saúde. Acredito que a soma que seria arrecadada seria tão importante que seria suficiente para essas necessidades urgentes, sem ter que pedir uma cota maior que um xelim por ano.

Para encerrar, tenho grande interesse em assegurar a todos vocês, em meu próprio nome e no de minha família, que nossos corações e nossos melhores desejos estão com vocês no esplêndido trabalho de construção que, tenho certeza, vocês realizarão em favor de nossa bela doutrina da sobrevivência humana, de tão vital importância para o mundo inteiro.

Que Deus abençoe todos vocês que estão reunidos neste Congresso de Barcelona, e que cada delegado possa retornar ao seu país com a convicção de que com suas obras e sua presença contribuiu para o sucesso da grande doutrina a que dedicamos todo o nosso coração.

Mensagem de Ernesto Bozzano aos membros do Congresso Internacional

Lamentando que uma penosa doença tenha me impedido de participar pessoalmente do desenvolvimento do importante programa do Congresso, faço um esforço de vontade para enviar minha mensagem de saudação à Assembleia.

Os Congressos, em todos os ramos do conhecimento, representam um excelente sistema de concentração temporária das múltiplas atividades voltadas para o mesmo fim, concentração que serve para estimular as

atividades de todos, já que nada pode ser tão útil quanto conhecer, ouvir e trocar ideias, se de maneira harmoniosa e eficiente queremos colaborar na ulterior afirmação do ideal comum. Para todos nós, esse ideal é o progresso das investigações metapsíquicas e espíritas; investigações de excepcional importância, por pertencerem ao grupo das ciências sobre a evolução da vida dos mundos; ou, mais precisamente, deve-se dizer que todas essas ciências convergem para formar a nova ciência da Metapsíquica, constituindo, em resumo, a síntese do conhecimento humano, já que é a "Ciência da Alma", da qual espera sua redenção a Humanidade civilizada.

«Redenção»; esta é a palavra. Olhemos em volta de nós.

O movimento espírita chega oportunamente; isto é, chega, no momento em que a posição do materialismo aparecia muito forte, graças a estudos biológicos, morfológicos, fisiológicos, histológicos e psicológicos, convergindo na demonstração experimental de que o pensamento é uma função do cérebro; sua filosofia devastadora se apoderava inexoravelmente de todas as altas inteligências, e já começava a se espalhar nas massas de maneira esmagadora, semeando em toda parte os germes da dissolução moral e social.

Mas eis que no sombrio horizonte do conhecimento humano surge a aurora radiante de uma nova ciência, graças à qual se está prestes a demonstrar, com base em fatos, que o suposto axioma materialista: "O pensamento é uma função do cérebro", baseia-se em aparências vãs.

Devo deter-me um pouco sobre essa última afirmação, que é de grande importância teórica. Algumas analogias nos mostram, com toda a clareza, que os testemunhos dos sentidos são tão enganosos que, para se estar certo, basta pensar o contrário daqueles que acreditamos ver e verificar. Os exemplos desse tipo são muito abundantes.

Todos os dias vemos o sol nascer e se ocultar, enquanto a terra parece imóvel: "erro": o oposto é verdadeiro. Não podemos duvidar que o sol sempre se eleva acima de nós: "erro": durante vários meses do ano surge abaixo de nós. Um concerto harmonioso faz as delícias do nosso espírito: "erro": os sons não existem na realidade, há apenas vibrações do ar de certa amplitude e velocidade, vibrações que, por si mesmas, são silenciosas. O arco-íris exhibe no ar os tons de suas cores brilhantes: "erro": essas cores

não existem; são ondulações do éter, fazendo vibrar o nervo óptico que, por sua vez, cria em nós a ilusão das cores. Pelo menos temos a certeza de que uma luz difusa ilumina o mundo: "erro": as trevas cercam o universo, mas as ondulações do éter, fazendo vibrar o nervo óptico, produzem em nós a aparência ilusória de uma luz inexistente. Sofremos calor no verão e frio no inverno: "erro": o calor não existe, e nem o frio: há apenas vibrações do éter produzindo em nosso sistema nervoso esses tipos de sensações. Tocamos qualquer corpo sólido e estamos bem convencidos de que ele é sólido, completamente sólido: "erro": é constituído por moléculas que não se tocam entre si e que estão em um estado perpétuo de vibração muito intensa. Nós nos queimamos quando aproximamos nossa mão da chama de uma vela, e sentimos dor aguda localizada no ponto preciso onde queimamos: "erro": a sensação de dor está, pelo contrário, localizada no cérebro.

Eis um pequeno ensaio sobre os "erros" a que os testemunhos dos sentidos nos arrastam, assim como muitas outras de nossas observações diretas. Agora, é preciso tirarmos as consequências rigorosamente lógicas sobre a relação entre o cérebro e o pensamento. Os fisiologistas julgam que o pensamento é uma função do cérebro: ERRO. Aqui nos deparamos com uma aparência enganosa como as outras e sua demonstração fica por conta dos fenômenos metapsíquicos. Mais uma vez é necessário pensar o contrário para estar certo. «Mens agitat molem».

Aqui observarei que o Barão Carl du Prel chegara às mesmas conclusões examinando o fenômeno dos "estigmatismos", com o qual é possível demonstrar que o pensamento constitui uma força capaz de organizar. Ele concluiu dizendo: "Para o materialista, o espírito é o produto do corpo e o pensamento uma secreção do cérebro; vamos inverter esses termos e alcançaremos a verdade ».

O exame profundo dos fenômenos metapsíquicos, conscientes e subconscientes, normais e supranormais, anímicos e espíritas, demonstra precisamente o oposto do que, com uma lógica aparentemente inquebrantável, afirmam os sábios que ainda ignoram a existência de manifestações metapsíquicas. Estes demonstram, com apoio nos fatos, que o pensamento é uma força organizadora, e que o cérebro é o produto de um

dinamismo psíquico de natureza transcendental, extraindo sua origem do espírito organizador do corpo e sobrevivendo à morte de seu invólucro carnal.

Infere-se que o futuro triunfo do movimento espírita é certo, inevitável, fatal, já que a história nos ensina que os fatos sempre terminaram triunfando sobre toda posição obscurantista; a do Estado, das massas ignorantes e dos sábios misoneístas.

A hostilidade do Estado, das massas e dos sábios que ignoram a Metapsíquica, não deveria nos preocupar: nunca foi muito resistente à irresistível eficácia dos fatos. Antes, devemos prestar atenção às oposições que vêm da incompreensão e desconfiança das diferentes confissões cristãs.

Por alguns anos, esse problema difícil tem sido discutido apaixonadamente em revistas inglesas; isto é, em meio às pessoas que marcham na vanguarda do movimento espírita. As opiniões daqueles que participam do debate são bastante discordantes. De um lado estão aqueles que acreditam que o Espiritismo deve ser considerado como a religião do futuro, destinada a substituir todas as religiões existentes; no outro, os que lutam contra essa opinião se levantam, argumentando que o movimento espírita deve ser considerado como um sistema de investigações experimentais para a demonstração científica das verdades que constituem a base de todas as religiões. Estas últimas afirmações contêm, sem dúvida, um grande fundo de verdade, mas não resolvem o problema porque são comuns às duas partes opostas. A causa real pela qual os "espíritas cristãos" diferem daqueles que defendem a "religião do Espiritismo" é manifestada nas seguintes observações de um dos mais eminentes defensores do "Espiritismo Cristão":

«Em resumo, gostaria de recomendar aos meus irmãos espíritas que não considerem o Espiritismo como uma religião, mas como o «prólogo de todas as religiões»... E, acima de tudo, exorto-vos a não aceitar, senão com grande desconfiança, mensagens em que os chamados espíritos comunicantes não conhecem o Cristo vivo, e não apenas o Cristo histórico, mas o Cristo presente em todo movimento social que tenha por finalidade o nosso progresso espiritual. Ele deve ser nosso Guia, em cujo serviço os

espíritos elevados se manifestam e trabalham. Somente pela sua mediação chegaremos um dia à «Paz de Deus que transcende todas as expectativas».

Assim fala um eminente defensor do ponto de vista cristão. São palavras nobres e aspirações muito elevadas. Mas estou surpreso em ver que todos os defensores do "espiritismo cristão" parecem ignorar que a Terra é povoada por dois bilhões de seres humanos, dos quais quatrocentos e cinquenta milhões professam o Cristianismo, contra mil e quinhentos milhões que professam paganismo sob todos suas formas: muçulmana, budista, confucionista, bramânica, xintoísta, israelita, etc ... Agora, em meio a todos esses povos já existem muitos centros de pessoas iniciadas no Espiritismo. Devemos exigir que eles rejeitem mensagens que desconhecem o Cristo?

É natural que os espíritos dos falecidos islamistas falem com respeito do seu profeta Maomé, assim como os mortos que se comunicam entre os povos cristãos falam com reverência do Profeta Jesus de Nazaré. Isso é lógico, tanto no primeiro caso como no segundo, já que os fundadores de todas as religiões também devem ser considerados como os "profetas de Deus", que revelaram aos diferentes povos da terra as mesmas verdades fundamentais revestidas de formas diferentes, adaptadas às civilizações mais ou menos evoluídas de cada povo, bem como às aspirações mais ou menos práticas e místicas de cada um. Considerações semelhantes são também as únicas que vêm explicar o mistério da existência de tantas religiões.

Entre os provérbios reveladores da sabedoria prática popular está um que diz: "A folha não se move na árvore sem a vontade do Senhor". Verdade que deve ser reconhecida por todos aqueles que afirmam a existência de Deus; e, sendo assim, devemos respeitar a vontade do Criador Supremo e concluir que, se todas as religiões são de origem divina, apesar da discordância entre elas existente no revestimento exterior, devemos nos convencer de que apenas as verdades fundamentais, comuns a todas religiões são de vital importância, enquanto suas diferenças dogmáticas não devem ser consideradas, exceto como relativas, transitórias e sujeitas a caducidade.

Nessas condições, fica claro que, se em nossa opinião, queremos afirmar

que o Espiritismo nunca deve ter a aparência de uma religião, não obstante, devemos concordar que cairíamos em grave erro assimilando-o às religiões vivas e eliminando-as.

Em outras palavras, se é justo haver espíritas cristãos, não é menos justo haver espíritas muçulmanos, budistas, israelitas, etc. o que equivale a reconhecer que cada espírita é livre para permanecer discípulo do profeta de Deus, fundador da religião em que nasceu. Acrescentarei, finalmente, que, se todas as religiões são válidas, não obstante, pode-se admitir, e mesmo racionalmente deve-se admitir, que os profetas de Deus que as fundaram pertencem às hierarquias espirituais de evolução diferente. A este respeito, nada mais legítimo do que considerar Jesus de Nazaré como o maior dos profetas de Deus.

Gostaria, em última análise, de convencer os diretores das confissões cristãs de que não devem temer o desenvolvimento posterior das doutrinas espíritas. A experiência nos ensina, com efeito, que os espíritas cristãos observantes, antes de iniciarem as novas investigações, permanecem cristãos observantes após sua adesão ao Espiritismo, com a vantagem de terem reforçado sua "fé", convertendo-a em certeza científica. Por outro lado, também reconheço, por experiência, que aqueles que renunciam à fé dos mais velhos, tornando-se positivistas- materialistas, só dificilmente penetram no seio da sua Igreja; mas faço notar que, apesar de tudo, esses estavam perdidos para as instituições cristãs existentes.

O que devemos concluir? Parece-me que o único caminho que devemos seguir nessas circunstâncias, apresenta-se à nossa vista claramente delineado. É necessário deixar de lado as discussões inúteis, reconhecendo a cada um a sua plena liberdade de seguir as intuições de seus próprios sentimentos em relação a uma divergência que não atinge a estabilidade do grande problema fundamental e vital que as investigações metapsíquicas e espíritas estão prestes a resolver.

Quando a aurora do grande dia nascer, em que das cátedras da universidade será anunciado a uma humanidade sedenta de penetrar no mistério do ser, que a ciência finalmente chegou a demonstrar experimentalmente a existência e a sobrevivência do espírito humano, nesse dia começará a transformação, a reconstituição, a redenção espiritual

da humanidade civilizada. De fato, uma coisa é acreditar pela "fé" e outra é saber com certeza que o espírito humano sobrevive à morte do corpo.

Naquele dia não haverá mais debate entre os sábios sobre a possível existência de uma moral na vida, as bases da "verdadeira Moral" serão conhecidas; cada indivíduo fará tudo o que puder para se adequar a ela, em favor do seu futuro no Além. E como os povos são constituídos por indivíduos, as brigas entre os diferentes países terminarão; a unidade harmoniosa da família humana terá sido alcançada.

Nada de partidos, nada de seitas constituindo fermentos sociais utópicos que desgarram a vida dos povos; será o reinado de uma lei espiritual intensa e espontaneamente praticada em todo o mundo: Fraternidade, Solidariedade, Amor entre os peregrinos de uma hora no mundo dos vivos.

A leitura das mensagens dos presidentes honorários do Congresso foi coroada por uma grande ovação.

O presidente do Congresso:

Com a palavra o Sr. Humbert Forestier.

Senhor presidente, senhoras e cavalheiros:

Ao dirigir, em nome da Federação Espírita Internacional, em nome da França, a expressão de nossos sentimentos de profunda e respeitosa gratidão aos eminentes representantes do Governo catalão e do Município de Barcelona, que se dignaram a realçar, com sua presença, o esplendor desta solene reunião de abertura do nosso V Congresso Trienal, quero lembrar que pertence à Espanha a honra de ter, desde 1888, deliberado longamente em uma assembleia, que reuniu como hoje, representantes espíritas de todas as nações, sobre a grave questão ao mesmo tempo humana e social dos povos, uma questão que no presente e talvez mais do que nunca, ocupa e preocupa o espírito dos homens, na qual todo o mundo está, com razão, interessado.

O Congresso Espírita Internacional de 1888 formulou, com efeito, por unanimidade de seus membros reunidos em Barcelona, o voto de ver a propagação de esforços que tendem a substituir a guerra por soluções pacíficas, por meio de arbitragem e tratados internacionais.

Nobre ideal pelo qual se interessaram desde então, com um fervor de

apóstolos, homens políticos de muitos países cujo esforço desinteressado ainda não parece ter dado, infelizmente, resultados; no entanto, para que a ideia emitida na magnífica capital da Catalunha, há cerca de meio século, tenha sido continuada, e possa ser agora objeto do fervor e do sacrifício de alguns grandes personagens, é necessário que esta ideia tenha probabilidade de sobreviver às oposições e aos interesses particulares, e que seja chamada a triunfar num futuro que devemos desejar muito perto, da nossa alarmante e dolorosa época.

Poderíamos nós, de fato, conceber que o ódio, o egoísmo das nacionalidades sejam impostos por mais tempo entre nós e mantenham os homens no temor de novos e horríveis sacrifícios?

Isto traz à minha memória uma página de um dos pensadores mais generosos de nossos tempos, cujo prestígio é muito grande neste país hospitaleiro: Juan Jaurés. Juan Jaurés que, na solidão de seu ardente idealismo, também se perguntava se a paz sempre nos escaparia. "A Humanidade está amaldiçoada", disse ele em seu discurso para a juventude, "se para dar prova de coragem, está condenada a matar eternamente!"

E é aqui que, definindo seu pensamento, seu sentimento da coragem, une em comuns e magnânimas aspirações os espíritos de 1888 e de hoje, porque orgulhosamente seguimos os passos de nossos predecessores que no século passado pisaram solo catalão.

Coragem, diz Jaurés, não é manter sobre os povos a nuvem escura da guerra, uma nuvem terrível, mas adormecida. Coragem não é deixar só nas mãos da força a solução dos conflitos que a razão pode resolver, porque a coragem é a exaltação do homem e isto é sua abdicação. A coragem para todos, coragem de todos os momentos, é suportar sem se curvar todo tipo de provações, tanto físicas quanto morais, que a vida traz em profusão. A coragem é sermos sempre nós mesmos, não entregar nossa vontade ao acaso de nossas impressões; é manter, nas inevitáveis lassidões, o hábito do trabalho e da ação...

»Coragem é amar a vida e olhar a morte com um olhar calmo, é ir em direção ao ideal e compreender o real...» (o ideal, dirão, é, segundo o senhor Gastón Rageot, uma palavra muito utilizada hoje em dia; essa é uma das desgraças do nosso tempo).

A coragem é agir e se entregar às grandes causas sem saber que recompensa o universo profundo reserva para o nosso esforço, nem se reserva uma recompensa para ele; é buscar a verdade e dizê-la, servi-la até com abnegação e zelo.

Este Congresso, senhoras e senhores, deve projetar os raios salvadores da luz espiritual no mar agitado do mundo. Se a vida universal está abalada em suas bases em todos os países, é porque no homem não existe mais a vida interior. As religiões fracassadas em seus ensinamentos, prescritas em sua forma, perderam sua força civilizadora e diretiva, e a ciência fica sem moral.

Pois bem, as pessoas precisam de uma moral, as razões abstratas não possuem imperativo sobre as massas, que precisam, principalmente, ser faladas à alma e fazer vibrarem nelas seus sentimentos mais elevados. O materialismo não produziu e não pode produzir mais do que frutos amargos, apesar das mais belas conquistas da ciência moderna.

O que importa que a astronomia conte os anos-luz que separam Aldebarã da Terra, que analise os raios químicos das estrelas ou pese os sóis, se os céus não têm alma e são apenas globos de matéria destinados a serem destruídos no espaço depois de ter continuado sem propósito suas rodadas milenárias?

O que importam as maravilhas da ciência e do gênio humano se as mais magníficas obras da inteligência humana só devem nascer para desaparecer sem deixar vestígios espirituais e se a inteligência humana que as concebeu e executou apenas surge do nada para retornar ao nada para sempre?

O sentimento de desaparecimento total, da extinção pessoal com a morte, envenenou a civilização contemporânea. O materialismo engendra, segundo as palavras de M. Julien Benda, "o apego ao positivo em detrimento do espiritual...", um desespero moral que gera o desencadear das paixões, o gozo a todo custo e o desequilíbrio geral.

Entre o nada do passado e o nada do futuro, diante do pequenino presente que lhe é reservado, o homem vê exasperarem-se seus desejos de viver, naufragar a moral, que as grandes virtudes dão lugar ao vício e às degenerações mais vergonhosas e mórbidas, e é a miséria com todo o seu

cortejo de tristezas.

Embora o homem insensato tenha sido criado a partir do universo harmonioso e do Criador, da Força inicial de vida, uma imagem de um antropomorfismo ridículo, ele não quer entender que ele sozinho inconscientemente determina sua existência dolorosa. O sábio Confúcio disse que "toda ação do homem é uma árvore da qual ele comerá seus frutos". Jean Jacques Rousseau também formulou em alguma parte de sua abundante obra, este conselho: "Homem, não procure mais o autor do mal, esse autor é você mesmo".

Se a sociedade humana ainda se mantém, é porque a força adquirida da educação moral do passado ainda não foi totalmente esgotada, mas sua força diminui a cada dia em face do materialismo invasor.

É necessário, portanto, insuflar à nova humanidade do século XX uma nova fé. Uma fé que seja ampla o suficiente para abraçar o passado, o presente e o futuro à luz da observação positiva.

Pois bem, somente o Espiritismo é capaz desse milagre necessário; porque só ele pode reconciliar em uma só todas as religiões do passado e levá-las de volta às suas origens; porque o estudo do "fato espírita" constitui uma ciência cujo desenvolvimento continuando no futuro com o conhecimento de dados cada vez mais extensos, a doutrina espírita, não corre o risco de afundar em dogmas rígidos e porque, por conta de sua base científica, está em posição de abrir horizontes cada vez mais extensos ao espírito humano.

Além disso, pela doutrina das vidas sucessivas e da lei da causalidade, da responsabilidade individual, o Espiritismo faz os homens do presente participarem de toda a vida passada da Humanidade, assim como mostra seu destino vindouro que se estende no futuro indefinido.

Somente a doutrina espírita responde tanto à lógica quanto à razão, ao mesmo tempo em que satisfaz os sentimentos mais elevados do homem, o sentimento de justiça, o sentimento de solidariedade, de amor e de caridade.

O período de perturbação em que vivemos corresponde à época também perturbada do início da era cristã. A mesma aniquilação das religiões, as mesmas crises sociais, o mesmo nascimento de uma nova fé, baseada esta

vez na certeza científica.

As pequenas comunidades cristãs constituíram-se como milhares de riachos invisíveis que pouco a pouco teriam que se unir para formar o grande rio da fé cristã - a de Cristo e não a das igrejas - como também se reúnem os milhares de grupos espíritas, ainda pequenos riachos, pouco a pouco, dentro da Federação Espírita Internacional, para formar o grande rio da nova fé, nascida do espiritismo experimental, que deve tornar-se o novo laço entre os corações e as inteligências, entre as consciências humanas, sem distinção de raças ou nação.

Entre nós, espíritas, o esforço moral deve ser tão grande quanto o esforço científico, porque a humanidade sofre de uma crise moral, de uma crise espiritual e consciencial que leva ao abismo. Em cada novo Congresso, o farol do Espiritismo deve se elevar mais alto no mar agitado.

Vamos enviar raios cada vez mais poderosos para as trevas que se estendem sobre este planeta: luz dos fatos que dá certeza, luz moral que ilumina as consciências e os leva ao porto de uma fé científica na qual inteligência, razão e coração irão ter a mesma parte.

Termino meu discurso esperando ter expressado claramente o pensamento dos mestres espirituais do nosso mundo, diante de uma audiência composta não só de homens de boa vontade, mas também de vontade firme, determinados na ação de continuar sua tarefa, solícitos no cumprimento de seus deveres de apóstolos em face da indigência humana.

(Uma enorme ovação coroou as palavras do orador.)

O Presidente: "Daremos leitura à Mensagem da Federação Espírita Portuguesa".

Um secretário lê:

Senhor Presidente. Senhoras e Senhores: Em nome da Federação Espírita Portuguesa que tenho a honra de representar, saúdo a todos vocês fraternal e efusivamente, como representantes eleitos que são, de todos os coletivos espíritas mais importantes que lideram o movimento espírita mundial, determinando no todo ou em parte nos meios profanos, o crescente interesse pelos nossos ideais.

Neste Congresso serão debatidas as questões mais palpitantes que dominam o pensamento sul espírita contemporâneo, tanto no campo da

pesquisa metapsíquica, quanto nas concepções doutrinárias e filosóficas que esta pesquisa determina, em favor da propaganda na aplicação, para o alívio daqueles que sofrem, das formidáveis energias de cura que ainda são mal exploradas, com dano manifesto ao bem-estar da Humanidade.

No momento crítico que estamos atravessando, agitam-se sérios problemas, que afetam os próprios fundamentos da vida social na Terra e que surgem, principalmente, devido à falta de compreensão do propósito da existência, ou como intensa divulgação dos princípios que derivam de um espiritismo fortemente fundamentado.

Urge, então, que muitos esforços energicamente alcançados para o grandioso propósito, tenham como consequência aparecer no horizonte onde se amontoam nuvens tão espessas, um astro fulgurante que com seu brilho inigualável impressione a Humanidade extática e a guie para seu destino mais elevado.

Os grandes Congressos espíritas internacionais que a Federação Espírita Internacional organiza trienalmente contribuíram para uma afirmação mais brilhante da vitalidade como doutrina, que sendo velha como o mundo, faz relativamente pouco tempo que foi sistematizada pelo grande apóstolo Allan Kardec e, a partir daí, apoiada pela acentuação de coletividades organizadas que incansavelmente iniciaram superando todos os obstáculos para levar bem alto os princípios de elevada filosofia, sua moralidade e seu critério perfeito de pesquisa científica que o Espiritismo coloca em prática.

A Federação Espírita Portuguesa, devotada de coração e alma a este grande movimento internacional de renovação neo-espiritualista, afirma em alta voz neste congresso sua solidariedade incondicional com todos aqueles que se entregam com sinceridade e entusiasmo à difusão progressiva da doutrina espírita sobre bases científicas e racionalistas.

Lamentando profundamente a ausência forçada devido à doença e ao trabalho profissional dos representantes que o Conselho Deliberativo Superior da Federação Espírita Portuguesa designara para representá-la neste Congresso, Sr. Antônio Lobo Vilela, Dr. Antônio F. Freixa e Júlio Gonzales de Jesus, vi-me obrigado a assumir a pesada tarefa de representá-los, quando me faltam as qualidades daqueles nossos ilustres

irmãos.

Espero, pois, que me concedam sua benevolência pelas deficiências, que poderão ser reduzidas pela afirmação de minha absoluta e sincera devoção à causa espírita.

Entendo bem, como já disse, quão eficientes são essas grandes reuniões internacionais para o desenvolvimento progressivo do Espiritismo.

Além de ter as vantagens óbvias de elucidar por serena discussão as pulsantes convulsões que preocupam o neo-espiritualismo de todo o mundo em relação aos aspectos peculiares com que se apresentam em cada país, elas também têm aquele aspecto moral que realmente sensibiliza um pouco o coração, permitindo a todos os assistentes ao mesmo, estabelecer relações e confraternizar com aqueles que nos lugares mais distantes da terra lutam pelo engrandecimento da causa espírita, dando-lhe o melhor de seu esforço e sua inteligência.

Confortados neste ambiente de quintessência de ilusão espiritual, que a agradável convivência estabelecida durante o congresso proporciona, todos nós retornaremos a nossas respectivas pátrias fortemente restaurados e totalmente interpenetrados da tremenda responsabilidade que assumiremos na formação da espinhosa e árdua missão de espalhar aos quatro ventos a semente abençoada do Espiritismo que irá germinar nos irmãos virgens e férteis onde impera a inquietude espiritual de encontrar uma solução racional para o problema da existência, embora muito se perca porque os pássaros a comem e outra não germina porque a terra em que caiu é ruim e improdutiva.

Para aqueles que nos precederam e querem com sua prudência e sábia pesquisa, por seu espírito de concentração e síntese filosófica, por sua abnegação e promessa moral e sua coragem de assumir a pesada tarefa de divulgar e aperfeiçoar o conhecimento que nos legaram, seja nosso pensamento de gratidão lembrando os nomes gloriosos de Kardec, Crookes, Geley, Delanne, Denis, Flammarion, Aksakoff, Felicia, Scatchard, Conan Doyle, Juan Meyer, Cosme Mariño, Amália Domingo Soler, Bezerra de Menezes, Souza Conto, Martins Velho e muitos outros que em todo o mundo continuaram com coragem pelo triunfo da causa espírita.

Também enviamos essa saudação mental de gratidão a todos os

assistentes invisíveis que nos incitam a continuar o esforço iniciado e a sentir o dever imperativo de lutar incansavelmente pela espiritualização da Humanidade, como o remédio único para resolver a crise que a oprime e ameaça submergi-la no caos do nada.

Dos esforços que, em seus países, as coletividades que vocês representam deverão desenvolver para a realização de uma missão tão nobre, eu posso ser testemunha.

No país que tenho a honra de representar, cujas gloriosas tradições a História afirma em atos de grande nobreza do seu povo, que influenciaram com brilhante repercussão na civilização do mundo, as energias espirituais latentes do povo não podiam deixar de sofrer a impressão de profundo interesse que, no campo da psicologia experimental transcendente, os estudos de eruditos ilustres em toda parte determinaram.

E assim, especialmente depois que se houvessem manifestado em Fernando de Lacerda as excelentes habilidades mediúnicas da psicografia automática, que fizeram dele um dos mais notáveis médiuns de efeitos intelectuais no mundo, brilhantemente afirmadas em sua obra colossal "Do Paris du Luz", uma das melhores coleções de mensagens transcendentais conhecidas, dão origem à formação de vários núcleos e centros espíritas, um dos quais deu origem, em 1926, à Federação Espírita Portuguesa, atualmente a legítima representação do movimento espírita em Portugal.

Depois de um período de intensa propaganda, através de palestras e da distribuição gratuita de panfletos, todos os seus dirigentes reconheceram como necessidade fundamental e urgente para uma maior eficácia de tal propaganda, a construção de um edifício para a sua sede social, e para tanto foi aberta por eles uma assinatura cujos resultados foram encorajadores, especialmente devido à generosa ajuda de Firmino da Assunção Teixeira, que na sua morte legou à F.E.P. uma parte importante de sua fortuna, o que possibilitou a realização desse sonho dos espíritas portugueses.

Como infelizmente o número de elementos trabalhando ostensiva e decididamente em favor do Espiritismo em Portugal é bastante pequeno, foi expressamente concedido pelos elementos da referida constituição diminuir um pouco a intensidade da propaganda, que agora, construída a sede da F.E.P. certamente tornará a ser intensificada pelos seus oradores

mais autorizados.

Portanto, a boa notícia que venho trazer, como testemunho do progresso do Espiritismo em Portugal, desde o Congresso de Haia, é a instalação da F.E.P. em sua sede própria, especialmente construída para esse fim em uma das principais artérias de Lisboa, e em que há um excelente espaço para conferências públicas de grande extensão, como pode ser visto com as fotografias que tenho o prazer de apresentar a vocês.

A construção da casa F.E.P. revelou-se um desequilíbrio para sua vida financeira, já que seu custo excedeu em muito o previsto, chegando a cerca de 7.000 libras esterlinas.

Temos de acreditar que será encontrada uma solução que permitirá remediar esta difícil situação dentro de alguns anos.

Esperando com confiança que no próximo Congresso da Federação Espírita Internacional os delegados portugueses possam lhes dar notícias que verifiquem a realidade de nossas esperanças que prevemos agora, elevo meus pensamentos com vocês em uma sincera concentração para o bem da humanidade sofredora, fazendo votos sinceros para que possamos finalmente encontrar a solução racional e prática que num curto espaço de tempo faça nos integrarmos no pensamento de Deus, encaminhando-nos pela trilha que Jesus Cristo com sua brilhante luz espiritual ilumina para nos conduzir ao Pai, por Amor e pela verdadeira Ciência.

Pedro Cardia

Circunstâncias inesperadas, que lamentamos profundamente, impediram no último momento nosso querido amigo Pedro Cardia de fazer a viagem a Barcelona.

Por telegrama, ele confiou sua representação ao Professor Asmara e a Don Juan Torras Serra, mas, tendo enviado antecipadamente a saudação anterior, ela foi lida e sinceramente aplaudida.

O professor Asmara

Senhoras e Senhores, quando a Federação Espírita Internacional, por ocasião do Congresso de Haia, nos encomendou a realização desta assembleia inaugurada hoje, a Federação Espírita Espanhola estava

envolvida em um estudo psicológico de fundo, submersa em graves meditações relativas ao momento histórico atual; e é certo que eu não estava sozinho nessas preocupações, tendo aproveitado para mostrar que eram comuns a todas as Federações ou Grupos Espíritas que hoje enviam sua representação ou sua adesão aqui.

Perguntávamos a nós mesmos e continuamos nos perguntando com nosso grande filósofo Ortega y Gasset: "O que está acontecendo no mundo? O que é que freia ou desenfrea as preocupações espirituais, os estados de consciência ou de conveniência que estão sendo debatidos em todo o mundo?"

Será que, como disse Wells, o centro de gravidade da cultura está mudando? Será que estamos, como Keyserling pretende, no trânsito de uma nova civilização ou assistindo ao nascimento de um mundo novo? Seja como for, estamos na presença de coisas que estão perturbando o mundo no social e moral, não para aludir ao político, e temos que nos perguntar, conseqüentemente: Para onde estamos indo? O que nos espera?

Certamente, como espíritas, não rasgamos nossas vestes nem tememos ferozes males. Evolucionistas por convicção, aderidos à nossa fé na interpretação espírita da História e ao progresso indefinido, temos a certeza de que a humanidade irá salvar gloriosamente esta crise, como irá superar todas aquelas que possam surgir no caminho da Evolução.

Mais ainda: consideramos que essas dores, que todas essas alternativas e vicissitudes, a vida, enfim, com suas amarguras, com suas experiências e com seus desapontamentos, são como uma condição necessária para que o progresso da Humanidade possa ser realizado; aquele progresso sobre o qual postulamos e que está sujeito a leis constantes, certamente, como tudo no universo está sujeito, dos átomos aos sóis.

Mas o fato é que a perturbação existe; que a dor não é o mal, mas que convulsões morais, injustiças e aflições estão ocorrendo, quando não lutas sangrentas. E nós, como servos de uma doutrina baseada na fraternidade universal e na solidariedade de todos os povos e de todos os homens, temos que nos fazer as seguintes perguntas: O que fazemos? O que o Espiritismo deve fazer, visto possuir conteúdo e densidade para ajudar, orientar e curar nestes momentos históricos que a Humanidade está

vivendo?

Acreditamos, portanto, que era um dever inescapável intensificar nossa propaganda; que devemos projetar nossa luz para o exterior, mas sabendo que, quando falamos para o mundo profano, para aqueles que nos ignoram, devemos primeiramente apresentar uma condição que é inerente à doutrina: não buscamos, não podemos buscar proselitismo; não queremos números, mas chegar com o nosso ideal ao "sancta sanctorum" da consciência.

Queremos modificar o homem pela persuasão e pelo conhecimento; que, em resumo, é nossa missão alcançar que a verdadeira conversão seja realizada por si mesma, aquela que com certeza não é o que se considera vulgarmente, mas o que a Jerologia nos ensina, isto é, a ciência das religiões, ou Psicologia da religião. Essa conversão é um ato interno e privativo do espírito; é como uma reverberação de algo que está no mais profundo de nós e que, por seu próprio impulso e com movimento particular, tenta colocar-se em relação com uma ordem de verdades superiores de sentimento do arco ascendente.

Cada um, movido por esse impulso, poderá colocar suas aspirações no sistema religioso que lhe ensinaram; mas esse sistema é coisa diferente do impulso em si; é importante estabelecer a distinção adequada entre elementos subjetivos e elementos objetivos, porque é isso que, em nosso conceito, o momento atual exige para alcançar o que poderia ser chamado, usando um símile, remover o subsolo psíquico dos povos e dos homens.

Esse problema nos coloca imediatamente diante da transcendência ou efetividade de um sistema que poderia ter, para o progresso da humanidade, a divulgação de um sistema filosófico que, por seu conteúdo, por seus princípios, por seus fins ou por seus meios, pode mover o sentimento na direção do Bom, do Belo e do Justo, enfim, do Verdadeiro.

Despertar as reservas adormecidas na consciência de muitas pessoas e confrontá-las racionalmente com os problemas da vida e da morte: o que somos nós? Por que vivemos? De onde viemos ao nascer e para onde vamos quando morremos? O que há antes do berço e o que nos espera depois do túmulo? Pedimos que cada um medite em projeção a Deus, como cada um poderia conceber o Indefinível, a Primeira Causa, isso que a Antropolatria

quis moldar e que forma podemos dar a ela para que ela possa ser entendida, dentro de nossa limitação, além dos problemas da vida e na profundidade desses mesmos problemas, usando todos os caminhos: os da Intuição e os da Sabedoria.

Essa doutrina, cuja eficácia estamos examinando, constitui um sistema completo, integral, capaz de nos colocar na presença dessas meditações e curar outra doença do momento que se apoia no conceito superficial de sectarismo ou confusão que possuem muitos dos problemas dessa ordem, que tanto exigem a comparação, a exegese do materialismo dialético e a explicação espírita da História, com sua verdadeira ideologia e etimologia, face a face no campo da especulação filosófica e dos estudos científicos.

Há coisas no espiritualismo e no materialismo que diferem apenas por questões de nome ou palavras, e também descobrimos que a existência de coisas que o materialismo procura negar, não por causa da realidade, mas pela questão da definição ou mecanismo, dando razão para que existam pessoas que acreditam ser materialistas quando na verdade eles são espiritualistas, assim como existem espiritualistas que por sua maneira de conceber as manifestações do espírito são simplesmente materialistas disfarçados.

Há coisas no espiritualismo e no materialismo que diferem apenas por questões de nome ou de palavras, e também descobrimos que a existência de coisas que o materialismo pretende negar, não por questão da realidade, mas pela questão de definição ou mecanismo, dando motivo para que existam pessoas que acreditam ser materialistas quando na verdade eles são espiritualistas, assim como existem espiritualistas que por sua maneira de conceber as manifestações do espírito são simplesmente materialistas disfarçados.

No final dessas conferências, o que mais nos interessa é estabelecer se existem ou não aquelas entidades espirituais, focos de energia e inteligência que evoluem ao longo do tempo, conforme concebido pelo Espiritismo.

Então, discutiremos se esse motor, esse agente, é, como nós pretendemos, uma entidade independente, anterior e posterior ao homem; se é coisa criada e infundida, ou se é produto da sinergia das células ou da

secreção de um cérebro, como pretende a definição materialista, e se essa definição explica satisfatoriamente, em boa dialética, todas as suas manifestações para rastrear as coisas até um ponto em que a concepção espírita, raciocinando honestamente a partir de seus respectivos pontos de vista e combinando os poderes da razão e do conhecimento, vejam de medir suas armas, dando a vitória a quem possa merecer.

Não estamos tentando estabelecer a verdade porque sim, por conveniências da escola ou da doutrina, mas discutindo e comparando de boa fé, para que no final da discussão possamos dar ao adversário a mão de cavalheiros e amigos, dizendo: assim é formada a Verdade e a História. (Aplausos).

Tenhamos em mente, senhoras e senhores, que cada homem é, social e politicamente como cada povo é, de acordo com a noção que ele tem do mundo, do universo, da vida ou das coisas, e, correlativamente, de acordo com sua convicção sobre os problemas do ser e do destino.

Aquele que permanece impassível diante desses problemas passa pela vida como inconsciente ou como sonâmbulo; como a besta humilde ao lado das margaridas do prado, sem perceber que elas têm cor e perfume.

Portanto, a verdadeira eficácia de um sistema para conseguir com ele que os altos objetivos que a Humanidade deve preencher sejam cumpridos, radicam fundamentalmente em tudo o que pode estabelecer uma convicção racional sobre esses problemas para que esta noção atinja o subsolo psíquico de cada um deles e determine suas ações.

A maioria dos sistemas filosóficos que existiram até agora no mundo permaneceram à tona na pele dos homens, e dizemos que é necessário um novo instrumento com o qual seja possível alcançar o coração. É uma questão, não apenas de ideias, ou de verdades, mas de procedimentos, a fim de ficarmos à altura da consciência de quem nos ouve e de quem nos espera; aqui está o que dá nuances especiais e caráter a este Congresso.

Outros Congressos já se aplicaram à divulgação ou ao estudo de um ponto qualquer da doutrina, ou a vários deles; e por seu trabalho e pela contribuição de todos os homens que estudam em nosso campo, podemos dizer que, para as ideias, para a filosofia como ciência da verdade, já fizemos quase tudo; mas este Congresso quer se aplicar especialmente à

metodologia e aos meios práticos que possam ser colocados em prática para satisfazer todos aqueles que têm inquietação espiritual. Ao mesmo tempo, para esclarecer os erros e a confusão dominante em relação ao uso e transcendência de muitas palavras que estão perturbando o mundo como em uma nova Torre de Babel.

É necessário dar a cada palavra seu verdadeiro valor e transcendência, como enunciado e como exposição exata de seu conteúdo, para então podermos dizer a todos aqueles homens, nossos irmãos, por mais contrários que estejam em ideais: aqui está o procedimento, e eis aqui em quais termos nossa verdade é oferecida a vocês e com quanta eficiência.

Entenda-se que, quando falo do Espiritismo Integral e de sua eficácia como sistema filosófico, não é que eu tenha a pretensão de que esse sistema possa curar toda a Humanidade e todos os homens. Ele só poderá fazê-lo no grau ou com o ritmo que circunstâncias complexas permitirem, porque é obrigatório que esses movimentos de expansão sejam realizados pouco a pouco e entre todos nós, num choque de ideias e sentimentos.

Tudo isso está intimamente enlaçado com as leis de Progresso, de Causalidade e Finalidade, pois elas estão ligadas à eternidade da vida. Porque a vida não seria eterna se a função do conhecimento, se a evolução em si mesma, pudesse alcançar em um único momento os altos picos da Verdade, da Bondade e da Beleza.

As reservas que devemos mobilizar só podem ser aproveitadas em parte, de vez em vez, da mesma forma que as reservas da terra fértil. Porque se ela nos desse todos os elementos fertilizantes que contém ao mesmo tempo, estaria esgotada já na segunda colheita; e tudo foi bem disposto para que estas reservas sejam insolúveis e gradualmente se tornem solúveis em um processo de fertilidade e produção que perdura por séculos, no qual tomam parte os elementos da terra e as ações externas, como é a do sol e da água das nuvens, em função solidária.

Aceitamos, em suma, que o Espiritismo possa ser a ferramenta, o sistema que leva aos fins propostos? Antes de considerar respondida esta pergunta, estou interessado em fazer esta contra-pergunta. O que vocês entendem, vocês que me ouvem, por Espiritismo? Dirijo-me especialmente aos profanos, àqueles que têm uma ideia deslocada ou absurda dessa doutrina;

essa ideia que circula tanto pelo mundo, segundo a qual essa doutrina é uma espécie de diversão para pessoas de boa fé, que fazem as mesinhas dançarem e os mortos falarem; mas, senhoras e senhores, se isso fosse verdade, não estaríamos aqui neste momento levando este assunto tão a sério. Contra essa versão, contra o conceito que se pode ter através de pessoas que, por ignorância ou maldade, nos desacreditam, devo dizer o que é o Espiritismo, lamentando que não consiga o tempo necessário para me estender em considerações mais amplas.

Em sua primeira fase, o Espiritismo é a ciência que estuda a alma e suas faculdades normais e paranormais. É também, em outro aspecto, um instrumento de conhecimento, um sistema integral que projeta o homem para a descoberta da Verdade pelas três maneiras que o homem possui para perceber: intuição, inteligência e sensação, como faculdades específicas do espírito, que é o agente que em nós sente, pensa e quer.

Em sua base científica, o Espiritismo cultiva sua própria ciência, a comunicação do mundo visível com o invisível, e nos coloca ao lado das outras para explicar o quê das coisas, preparando a base para a filosofia positiva e especulativa, com as quais tentamos explicar por quê.

Nossa doutrina, finalmente, baseia-se nos fatos chamados paranormais, para abrir novos horizontes ao conceito da vida.

Mas acontece que muitos que chegam a nosso campo querem obtê-los ou interpretá-los de acordo com sua bagagem científica, perdendo de vista a circunstância de que esses fatos, por sua própria natureza, requerem uma técnica especial, colocarem-se em condições adequadas para experimentar, de modo que aqueles que só estão capacitados a posteriori, calculando que não são os fatos como ele quer que sejam, mas como eles são por natureza.

Estes fatos podem ser subjetivos ou objetivos, entorpecidos ou claros, etc., etc., etc.

Dizemos que devemos saber como interpretá-los; de modo que se eles forem julgados mal, não apenas um constrangimento científico é cometido, mas um agravo à verdade transcendente que eles contêm e, portanto, ao seu efeito útil em nossa vida. Além disso, nossa verdade factual não se refere apenas a fatos espíritas genuínos, mas por extensão a todos os fatos naturais; que afinal, todos eles, na contemplação do Universo, podem nos

levar à interpretação espiritualista da História. Chega, por exemplo, uma hora em que nos encontramos com essas conquistas biológicas que estão abrindo novos horizontes em relação à personalidade. Tomo por exemplo os estudos sobre a herança, a função das alças cromossômicas e dos elementos determinantes nelas contidos, a função do neoestriado etc., cujos estudos nos dão como feito a priori o arquétipo da personalidade ou nos dão gravadas como em uma placa gramofônica, coisas que depois reverberam em nosso modo de ser, como qualidades inatas.

E temos, finalmente, que a parte não-estriada vai ficando impressa durante a vida, para marcar novas estrias que determinam atitudes ou automatismos, experiências intelectualizadas que governam nosso ser no amanhã.

Bem, quando confrontados com essas maravilhosas descobertas, o que pensar sobre a estruturação de nosso próprio organismo? Quem governa a vida? Quem regula ou quem determina isso? Esses elementos cromossômicos? Estamos diante da verificação da hipótese mecanicista ou materialista? A observação superficial poderia dizer isso para um positivista, mas eu digo a vocês, senhoras e senhores, que, apesar dessas aparências, não podemos dar uma explicação plausível para toda essa fenomenologia, se não for dentro da interpretação espiritualista, considerando um pianista que tocasse as diferentes molas quando as teclas do piano são tocadas.

Sinto muito por me faltar tempo para ir mais fundo. Da mesma forma, e em outros aspectos da ciência, devemos examinar os processos cíclicos; o da água, o do grão de areia, o da maçã; passar da fruta para a árvore, da árvore para a raiz e da raiz para a terra, encadeando os vários processos que ligam a maçã com a nuvem e o solo e, finalmente, com o nosso pai o sol, até nos convenceremos que existe um poder organizador capaz de determinar tudo ao longo da vida, para propósitos específicos.

Vejam bem como a verdade é procurada de todas as maneiras e como a interpretação espiritualista é estabelecida em termos de verdade factual e filosofia positiva. O que não nega, antes pelo contrário, confirma, aquela que é obtida pelos poderes da mente, a filosofia especulativa ou metafísica, a ontogenia e a lógica. Assim, colocamos o homem como sujeito do

conhecimento, diante da coisa cognoscível; e medimos em cada um o modo de conhecer de acordo com sua categoria ou grau, isto é, de acordo com a capacidade do sujeito como consequência de seu momento evolutivo.

Gostaria de me entreter um pouco mais neste ponto da verdade, que tanto nos interessa, e que nos levaria à História da Filosofia, mas me falta tempo e tenho que dizer algo sobre a verdade religiosa, para acrescentar que o Espiritismo não é uma religião, mas estuda o sentimento religioso inato nos homens e nos ensina a não confundir, como muitas pessoas confundem, a religião com a igreja, o sentimento natural com as criações artificiais dos homens. O espiritismo estuda o sentimento religioso e o liga à verdade intuitiva; a essa verdade que alenta nas profundezas de nossa consciência e que Jerologia chama de numinal ou numinosa. Esse sentimento e essa verdade determinam em nós poderes que não são de ciência e que também não são de razão. São aquelas razões do coração que o raciocínio não conhece, as verdades aprendidas não sabemos onde e que, no entanto, motivam em cada um estados diferentes no modo de ser, pensar e viver. Essa é a autêntica verdade de «fide», verdade de religião natural, que tendo como templo o firmamento estrelado une o homem com todas as coisas que alentam ao seu redor e o conduz através de todas elas ao indefinível Deus que ordenou tudo no Universo.

Apresentei à consideração de vocês, "grosso modo", o que seja o Espiritismo, para interesse exclusivo do profano, chegando mesmo ao domínio do religioso para defender os privilégios dos elementos subjetivos da religião, embora deixando fora de nossos templos, tudo aquilo que seja elementos objetivos, de religião positiva, cuja forma não é importante para nós. Mas a quem quer que negue a verdadeira religião, podemos dizer, sempre no campo do subjetivo: eis que existe uma função do espírito e nessa função podemos operar; segundo ela e através dela podemos postular, meditando e afirmando o que muitos negam por sistema e sem exame.

Desta forma, e com esses elementos, pretendemos dizer ao homem como ao Lázaro: levante-se e ande; mova-se dentro da ordem e propósito das causas primeiras e das causas últimas e você se encontrará, como sobre rodas, orientado para o Bem, o Belo e o Justo.

Senhoras e senhores: Tudo isso, nada menos que isso, é o que queremos propagar. O Espiritismo não é um jogo de fantasias criadas por homens de boa fé, mas tem seu início, está no passado da história de todos os povos e se projeta para o futuro, preparando os homens para uma função melhor, considerando que somos tão úteis, para a Humanidade por sermos bons, como por sermos sábios; talvez antes por bons do que por sábios, embora se observarmos bem, não é realmente sábio um homem se ao mesmo tempo ele não for bom.

Quero terminar dizendo que essa ferramenta que queremos usar no social, pode chegar, se for conveniente, ao político. Não para fazer política, porque o Espiritismo não pode fazer isso; singularmente política de partido como hoje é geralmente entendida a arte de governar o povo ou de que os povos se governem. Também não pode fazer sociologia; mas ilumina a Sociologia, dando-lhe elementos, razões de ordem universal, que lhe permitem preencher seus altos fins; primeiras razões e altas leis para tudo, inspiradas na solidariedade de tudo o que existe. Na concepção filosófica de que tudo se move no mundo por determinações do espírito diversificado, constituindo individualidades que atuam sobre as coisas e nas coisas, realizando-se nelas para evoluir. E que nas leis que governam todas essas coisas está a substância, está a matéria-prima de onde os princípios de toda boa sociologia e toda moralidade devem sair.

Como nota final direi, Senhoras e Senhores, que este Congresso começa amanhã o seu trabalho e estará disponível para todos aqueles que têm preocupações espirituais para aprofundar um pouco mais, para entrar no detalhe de tudo isto, que de uma forma desordenada acabei de expor. Não sei até que ponto consegui convencê-los, mas só se consegui chamar sua atenção para o que é a verdadeira doutrina, seus propósitos e sua transcendência; se consegui mover sua curiosidade ou sua inquietação no esforço em que estamos envolvidos para o bem da Humanidade, acredito ter cumprido pelo menos um dever. Terminei.

(A plateia aplaude o professor Asmara.)

O Secretário do Congresso: "O representante do Excelentíssimo Sr. Prefeito de Barcelona vai nos dirigir a palavra."

O Sr. Junyent, Conselheiro regente da Câmara Municipal da Cidade de

Barcelona, levanta-se e uma tempestade de aplausos irrompe imediatamente. Acalmada a ovação, ele diz:

«Senhores do Comitê Diretivo deste Congresso Espírita Internacional. Senhoras e Senhores congressistas: É um prazer para mim trazer a esta cerimônia a mais cordial saudação, a mais franca adesão do Conselheiro Chefe da Câmara Municipal de Barcelona, Carlos Pi e Suñer, que, devido a compromissos anteriores, não pôde comparecer a esta sessão inaugural, como teria sido seu desejo.

Delegando-me para representá-lo neste belo ato, ele me encarregou de maneira muito especial manifestar a todos vocês, com quanto prazer ele e a corporação municipal em pleno, acolhem nesta cidade de Barcelona este V Congresso Internacional do Espiritismo, o segundo que acontece em nossa cidade.

Agrada a ele também, como agrada a todos nós, poder recebê-los entre estas paredes, que lembram muitas coisas passadas que certamente vocês mesmos não terão esquecido, porque se hoje foi possível para vocês se reunirem sob o abrigo deste prédio, talvez em época não muito longínqua não teria sido fácil poder realizar esses belos atos aqui, por causa da oposição de uma corporação municipal que, por circunstâncias que todos vocês conhecem, não representava nem de longe a livre cidade de Barcelona.

Eu serei breve porque o representante da Generalitat da Catalunha ainda deve falar, eu não quero cansar vocês. Tenho o hábito de falar sempre de forma breve e clara e por isso digo com toda a lealdade, refletindo exatamente o que penso e o que sinto, àqueles que vieram de terras distantes para participar deste Congresso Internacional e aos congressistas que vieram de outras terras espanholas, que o prefeito de Barcelona e com ele toda a Corporação municipal, considerar-se-ão muito satisfeitos e altamente honrados, pela sua estada nesta cidade e que retornando a seus países vocês possam dizer que Barcelona não é aquela cidade da qual talvez lhes tivessem falado, mas que continua a ser o Arquivo da Cortesia. (Aplausos.) E não apenas o Arquivo da Cortesia, mas precursora de liberdades que não quer apenas para ela, mas que deseja para todos os homens. (Aplausos).

Por esta razão, senhoras e senhores, em nome do prefeito, em nome de toda a Corporação Municipal de Barcelona, faço os votos mais fervorosos para que deste Congresso saiam fortalecidas essas doutrinas de paz e amor que com muita fé, com tanto altruísmo vocês vão espalhando por todo o mundo. (Grande aplauso).

O secretário do Congresso: "O Sr. Amadeo Colideforns, deputado no Parlamento catalão, vai dirigir-se a vocês em representação do Honorável Presidente da Generalitat da Catalunha."

A ovação com que o público homenageia o representante do Governo da Catalunha e membro da Comissão de Honra do Congresso, é prolongada.

«Honorável Comitê Organizador deste Congresso. Senhores da Federação Espírita Internacional. Senhoras e Senhores congressistas: Coube-me a honra de dirigir-lhes a palavra em nome do Presidente da Generalitat da Catalunha, o Honorável Sr. Luis Companys, que, embora tenha sentido com todo o coração, não pôde assistir a esta bela cerimônia, devido a compromissos do governo que não há como se subtrair.

O que o Presidente do Governo catalão me encomendou é apresentar as mais cordiais e fraternas saudações da Catalunha a todos os que vieram de outras terras da Espanha, aos irmãos das Repúblicas Sul-Americanas e aos representantes daquelas nações estrangeiras e especialmente dos países tão distantes como a Índia, e outros que tiveram que fazer uma longa viagem para encontrar aqui, na nossa cidade de Barcelona, cabeça e coração da Catalunha, terra de amor e liberdade, precisamente em um manifestação de livre determinação, de fraternidade espontânea em que não há imposições nem agravos de tirania, nem reminiscências imperialistas, mas a expressão pura e sentimental daquela dignidade humana que desde a antiguidade sempre esteve em busca de uma fórmula onde poder cristalizar as aspirações sentimentais unidas à razão humana.

Falando em antiguidade, permitam-me referir-me à Grécia antiga, onde menos de dois mil anos atrás formas de governo foram iniciadas, claramente orientadas para facilitar a perfeição humana, a culminação da dignificação do homem. Aos grandes homens da Grécia apresentou-se o eterno dilema diante do qual encontra-se a Humanidade e com os poucos elementos que eles tinham, chegaram à conclusão de que após esta vida

havia outra e que portanto era uma realidade a sobrevivência da alma.

E me lembrei recentemente, que veio depois do Império Romano e à medida em que com seus imperadores ia caindo em plena decadência, eram perseguidos os mártires de uma religião de paz e amor, e hoje, por estranho contraste, verifica-se que os representantes mais qualificados dessa religião caem no mesmo vício, que quase poderíamos descrever como crime, de se dedicarem à perseguição de homens que sentem ideias de liberdade e carregam em seus corações o ideal de fraternidade, desconhecendo que esse elevado ideal de fraternidade humana é a única aspiração que une verdadeiramente aos homens com o Divino.

Pois bem. Aqui estamos reunidos, um grande número de homens vindos dos países mais distantes, impulsionados por esta aspiração sentimental da fraternidade humana e que instigados pelas ansiedades espirituais da humanidade que se encontra como o condenado à morte que deve enfrentar o momento trágico que o espera, nós viemos estudar o que há depois da morte.

E não esqueçamos, meus queridos amigos, que é neste estudo onde os sentimentos mais puros que existem na alma humana se juntam. Impulsionados pelo sentimentalismo que nos domina, juntamente com as mais altas especulações da compreensão, oferecemos à Humanidade o magnífico caminho que o homem pode seguir, apoiados pelos mais refinados estudos e experimentos científicos que demonstram clara e conclusivamente a sobrevivência da alma.

Por isso vos digo em nome do Presidente da Generalitat da Catalunha: sede bem-vindos em nossa terra, e Deus vos ajude a alcançar grandes vitórias dentro deste campo de estudo e experimentação tão vasto e que estes triunfos facilitem ao tarefa de emancipação espiritual da Humanidade. Eu antecipo esses triunfos, porque vocês caminham acompanhados pela ciência que permite o controle e demonstração desses fenômenos espíritas, com cuja demonstração científica vocês podem alcançar a vitória absoluta de seus ideais e as aspirações humanitárias com as quais procuram lutar contra a indiferença dos homens. (Grande ovação).

A orquestra toca o hino catalão e o hino espanhol, que são ouvidos por todo o público em pé, e muito aplaudidos.

O Secretário do Congresso: "Com a palavra o Sr. José M. Seseras y de Batlle, Presidente do Conselho da Federação Espírita Espanhola e do Comitê Organizador do Congresso."

«Senhoras e Senhores: Como presidente da Comissão Organizadora deste Congresso Internacional, que tão brilhantemente começamos esta noite, rodeados por um público tão numeroso e seletivo, de irmãos nossos que têm preocupações espirituais em comum conosco e que nos honraram com sua presença, devo agradecer sinceramente às primeiras autoridades catalãs, que interessadas nos movimentos espirituais que nos animam, quiseram honrar nosso Congresso enviando aqui eminentes representantes das mesmas, para presidir este ato inaugural das tarefas do Congresso Espírita Internacional de Barcelona.

Digníssimas Autoridades representativas das mais altas hierarquias da Catalunha: Em nome deste Comitê Organizador, agradeço de maneira expressiva sua participação neste evento. Peço-lhes, em nome desta Comissão, que enviem ao Honorável Presidente da Generalitat da Catalunha, ao Exmo. Sr. Prefeito da nossa cidade de Barcelona, em resposta à encomenda que nos fez, de continuar trabalhando pelos ideais de paz e fraternidade que são os nossos, peço-lhes dizer a eles que estamos prontos para continuar firme e resolutamente lutando pelo ideal espírita, porque estamos agindo com completa abnegação, impulsionados apenas pelo amor espiritual para com nossos irmãos e livres de toda influência materialista. Assim trabalharemos, por imposição de nossa consciência e assim continuaremos no curso de nossa vida, convencidos de que somente sentindo profundamente o ideal espírita poderemos caminhar para a obtenção das liberdades baseadas no amor e na justiça que todos os espíritas desejam. Os ideais de amor e fraternidade de que o Sr. Colldeforns nos falou, nunca podem faltar aos espíritas do mundo inteiro porque os sentimos com o espírito e o coração, porque é o que nos impulsiona constantemente ao trabalho e à luta, e nunca nós nos cansaremos nessa porfia "(Aplausos).

O Presidente do Congresso: "Senhoras e Senhores: em nome de todos os congressistas, gostaria de agradecer-lhes pela magnífica acolhida e pela presença neste evento e nesta presidência dos representantes da Catalunha

e de Barcelona. Mais uma vez, Barcelona mostrou que continua sendo o Arquivo da Cortesia.

Damos o ato de hoje por encerrado”.

* * *

Após esta brilhante inauguração, os senhores congressistas e os convidados foram servidos em um lanche fraterno animado com um concerto de música espanhola que durou até as duas horas da manhã.

Atos de 2 de setembro, segundo dia do Congresso

De manhã saíram dois ônibus com excursionistas para Montserrat e à tarde eles e um bom número de irmãos que fizeram a viagem diretamente de Barcelona, reuniram-se em Sabadell, onde o Centro de Estudos Psicológicos daquela cidade tinha organizado um belo ato em honra dos congressistas. Nele falaram o Sr. Forestier, Asmara, Molina, Theunisse, Soler, Andry-Bourgeois, Palás, Rodrigo Sanz, César Bordoy e Esteva Grau. A falta de tempo fez com que a visita se encurtasse, mas podemos assegurar que todos os congressistas que partiram de Sabadell ficaram encantados com a calorosa recepção que receberam e admiraram o esforço realizado pelos espíritas de Sabadell e a tarefa que realizam.

À noite, estava no programa a palestra do Dr. Enrique Calvet sobre o tema "Métodos modernos de experimentação científica no estudo dos fenômenos paranormais".

Anunciada para as dez horas, teve que ser adiada um pouco para que os congressistas pudessem admirar em todo seu esplendor o espetáculo mágico das iluminações de Montjuich e suas fontes luminosas.

A conferência do eminente professor da Escola Industrial de Tarrassa, foi muito apreciada pela numerosa audiência que encheu o enorme salão do Palácio, para a qual o nosso querido amigo foi capaz de explicar em detalhe e claramente como, na experimentação científica, foram e continuam a ser utilizados os métodos científicos, verdadeiros procedimentos laboratoriais, que são a confirmação perante o mundo, profano ou não, de que o Espiritismo não impõe crenças, convida ao estudo

e que quando os espíritas afirmam uma coisa é porque foi testada, e ficou demonstrado até a saciedade que é verdadeira.

A palavra singela e a exposição metódica do Dr. Calvet fizeram todos os presentes no evento saírem totalmente satisfeitos. O texto desta conferência pode ser lido em um próximo capítulo.

Atos de 3 de setembro, terceiro dia do Congresso

Como o Governo da Catalunha devia realizar um Conselho extraordinário, a visita oficial às autoridades catalãs teve que ser adiada para o dia seguinte, e duas reuniões de seção foram realizadas em seu lugar.

À tarde, às quatro horas, realizou-se a primeira sessão plenária do Congresso, na qual um membro de cada uma das delegações falou, saudando o Congresso e os espíritas espanhóis. Em nome das mulheres espíritas, falou Dona Maria Llimargas de Farrás e em nome dos espíritas espanhóis, Don Fernando Corchón.

O amplo salão do Palácio das Projeções estava quase cheio e isso nos fez augurar um grande público para eventos subsequentes, de muito maior interesse para o público.

Os trabalhos foram distribuídos nas respectivas seções, cujas Tabelas foram formadas da seguinte maneira:

Seção I. Ciência.

Presidente, Sr. Carlos Andry- Bourgeois. - Secretários: Sr. Gabriel Cobron, Sr. José Tejada e o Sr. Van Walt.

Seção II. Filosofia.

Presidente: Sr. Ernesto W. Oaten. - Secretários: Sr. Rodrigo Sanz, Sr. A. Theunisse e Sr. Salvador Molina.

Em seguida foi notado que o trabalho desta última seria árduo, pois além da importância das questões a serem tratadas, entre elas as referentes à "Reencarnação" e "Sociologia", havia triplicado o número de trabalhos a serem estudados.

Seguindo as regras da F. E. I., o secretário geral desta as havia estudado previamente, procedendo a uma seleção prévia, de modo que só passassem para as seções aquelas que, em sua opinião, mereciam as honras da discussão.

Impossibilitados pela falta de espaço para publicar todos os discursos, limitamo-nos a reproduzir o do nosso querido amigo, o engenheiro e cientista, chefe da delegação francesa, Sr. Carlos Andry-Bourgeois.

Discurso de M. Andry-Bourgeois, engenheiro de Minas e da Escola Superior de Eletricidade, vice-presidente da U.S.F., presidente da Sociedade de Estudos Psíquicos de Paris.

Senhoras e cavalheiros: O V Congresso da nossa Federação Espírita Internacional celebra as suas assembleias pacíficas na bela e tão moderna cidade de Barcelona, no país dos nossos amigos e irmãos espanhóis, do outro lado dos majestosos Pireneus, a única barreira natural que nos separa deles, desde que nossa cultura e nossa compreensão - se não nossa psicologia - celta-greco-latina é a mesma.

Estamos felizes em dizer, sem aqui fazer política, que o estado de liberdade desfrutado pela Espanha permite justamente este Congresso do Espírito livre ».

Eu vim para Barcelona em outubro de 1906, 28 anos atrás, e estou feliz por voltar a ela, porque foi tão linda a lembrança que me deixou que ainda dura, à minha idade. Acreditamos e estamos convencidos de que nosso "credo espiritualista", baseado em "fatos" e "observação", na ciência psíquica, a da nossa alma imortal, pode salvar o mundo, a Humanidade da dúvida, do materialismo. invasor e destruidor de todo progresso moral, de toda evolução psíquica.

Nossa crença, baseada em fatos bem comprovados, nas "provas de sobrevivência", pode ser aceita por todos os homens de boa vontade, pois fala, se não apela, ao seu coração e sua razão, qualquer que seja a raça, a cor da sua pele, a sua religião ou até mesmo a sua opinião política. «O nosso Credo da Reencarnação», que partilham neste mundo 800 milhões de seres humanos, isto é, na «pluralidade das existências de alma» e na «pluralidade de mundos», constitui um obstáculo à infame e fratricida guerra dos povos,

das raças e classes, desde que somos todos irmãos, nascidos do mesmo Pai, no Espírito: Deus. Nós procedemos d'Ele e retornamos a Ele, pelos nossos progressos, pelo mérito pessoal de nossos esforços e nossas ações para elevar e socorrer nossos irmãos de humanidade. Sendo o homem o único autor, o árbitro do seu destino, do seu futuro eterno.

Sim, acreditamos e estamos convencidos por evidências confiáveis, vindas de todas as partes do mundo, que em certos casos, raros, é verdade, podemos por meio de sujeitos sensíveis chamados "médiums", comunicar com nossos queridos desaparecidos e isso depois de muito tempo de terem falecido, de terem desaparecido da Terra, como eu mesmo tenho a prova em meu pai que se materializou, em parte, diante de mim, onze anos depois de sua morte. Eu era o observador e o meio.

O espírito já um pouco adiantado sabe usar, pela "ideoplastia", a energia biopsíquica exteriorizada que o médium em transe fornece, para materializar-se, fazer contribuições ou produzir efeitos físicos de telecinesia ou transporte de objetos sem contato. É por isso que o médium é útil, indispensável e por que sem o "seu poder psíquico" - mais ou menos desenvolvido - não conseguimos nada.

Esse é, então, o "ponto principal" de nossa crença espírita, que podemos nos comunicar com os mortos, ou melhor: que o espírito imortal pode se manifestar a nós - crentes ou incrédulos - de diferentes maneiras, que todos vocês que estão aqui conhecem, mais ou menos.

Como vocês podem ver, queridos congressistas e amigos, estamos longe da crença ingênua e popular de que o Espiritismo é apenas para fazer mesas girarem para chamar espíritos sempre ilustres.

Esse foi "o começo do Espiritismo"; não devemos desvalorizá-lo nem renegar dele, porque ele nos permitiu, por longos períodos, chegar graças às repetidas experiências e trabalhos contínuos de ilustres pesquisadores, tais como: Allan Kardec, León Denis, Gustavo Geley e Gabriel Delanne, na França, sem esquecer os eminentes psiquistas ou espíritas estrangeiros, ao atual desenvolvimento que está tomando o mundo: "O Espiritismo científico", cujo Congresso que se celebra na bela pátria do grande Miguel de Cervantes Saavedra demonstra-nos a força evolutiva.

Antes do nosso último Congresso Internacional realizado em Haia, entre

os nossos amigos holandeses, em setembro de 1931, tivemos a grande tristeza de perder um homem de extrema bondade, nosso querido e grande amigo Jean Meyer, que deixou esta Terra em 13 de abril de 1931, depois de ter realizado sua tarefa, sua missão benfeitora durante muitos anos, como diretor da "Revista Espírita" de 1916 até a sua desencarnação em 1931, depois de fundar com sua generosidade como mecenas ilustrado, o Instituto Metapsíquico Internacional de Paris e a Maison des Spirités, da rue Copernic, sede da União Espírita Francesa e da Federação Espírita Internacional, das quais ele foi ao mesmo tempo devoto vice-presidente.

Não podemos esquecer tudo o que ele fez pela nossa causa; é por isso que me permito recordá-lo aqui, neste Congresso, para que todos tenhamos em nossos corações um sentimento, ou melhor, uma lembrança de reconhecimento para este homem generoso e sincero.

Nosso abnegado secretário geral, M. André Ripert, teve que abandonar, por sua vez, suas delicadas funções em nossa Federação Espírita Internacional, abatido pela doença, e retirar-se para o campo, esperando com resignação estoica a sua passagem a uma vida melhor.

Mas a luz espiritual não pode ser extinta neste mundo, e sua tocha foi tomada, com vigor, por dois cérebros jovens, já maduros para esta nobre tarefa. M. Hubert Forestier, o filho espiritual de Jean Meyer e formado por este homem do Bem, assumiu o lugar do seu benfeitor como editor-chefe da «Revista Espírita» e como vice-presidente da nossa Federação.

Nos últimos meses do ano de 1933, M. Hubert Forestier intensificou ainda mais o movimento espírita na França, criando «A Sociedade de Amigos da Casa dos Espíritas», a fim de continuar a grande obra de Jean Meyer.

Os primeiros resultados obtidos, muito satisfatórios, provaram que nossa amada casa tinha muitos amigos sinceros, adictos e generosos por nossa nobre Causa.

Quanto a M. Jean Riviére, ele corajosamente se dedicou ao seu trabalho como secretário geral da nossa Federação. Vocês já puderam apreciar o valor do seu relatório; seus estudos pessoais de sociologia e economia política permitiram que ele trouxesse ao Congresso detalhes interessantes sobre a situação econômica atual do mundo e as soluções que nós,

espiritualistas, recomendamos.

Devemos ter um pensamento de gratidão para com o Dr. Emile Calmette, desencarnado recentemente em junho de 1934. Distinguido membro da União Espírita Francesa por muitos anos, o médico generalista de grande valor profissional aceitou, para demonstrar toda a sua adesão ao trabalho de seu amigo Jean Meyer, ser presidente honorário da "Sociedade de Amigos da Casa dos Espíritas". Sua amizade e conselhos cercaram especialmente nosso jovem e simpático vice-presidente, Hubert Forestier, desde a morte do malfadado Jean Meyer. O espiritismo francês deve muito a esse nobre coração, a esse médico cujo princípio imortal encontrou a paz na companhia daqueles que o precederam já na outra margem.

Aqueles que permanecem neste planeta de sofrimento continuam alegremente a boa luta contra o materialismo sempre em pé.

M. Hubert Forestier, no importante relatório ativo e moral que comunicou à Assembleia Geral da União Espírita Francesa em fevereiro de 1934, indicou-nos o que foram os trabalhos das várias sociedades francesas filiadas à nossa Federação Nacional.

Estas notícias satisfatórias provam que nossas ideias sempre existem na França, e que o estudo da nobre ciência da alma desperta grande interesse em todos os meios, o que deve nos encorajar a perseverar, nós, os membros da União Espírita Francesa.

A Sociedade de Estudos Psíquicos de Paris, cuja sede encontra-se também em 8, rue Copernic, realizou sua reunião geral de fim de exercício, em 29 de junho passado. Vinte e cinco pessoas responderam com solicitude à convocação de seu abnegado secretário-geral, o engenheiro eletricitista Henri Mathouillot, astuto observador das "ondas psíquicas".

O Dr. Moner mostrou à Assembleia muito interessada um novo dispositivo muito simples para detectar a radiação humana. Um relatório especial será publicado sobre sua concepção e funcionamento.

Não podemos fazer por menos, como presidente desta Sociedade de Estudos Científicos, que parabenizar o Dr. Moner e nosso Secretário Geral, Henri Mathouillot, muito sinceramente, por sua atividade, zelo e sacrifício ao longo de todo o exercício de 1933-1934. Os estudos serão retomados no final de setembro próximo.

Podem ver, então, que esta Sociedade de Estudos dos Fenômenos Psíquicos também não deixa de progredir, tomando como hipótese de trabalho "a tese espírita" de que o espírito fica individualizado depois de deixar o corpo carnal e pode se manifestar em certas condições e pelo canal de um médium, porque em certos casos ou fenômenos qualquer outra hipótese - além da espírita - é infrutífera. Eis o que nos separa dos metapsiquistas.

Há, além disso, fenômenos de telecinesia tão bem estudados por sábios eminentes, as fotografias transcendentais de extras ou de falecidos (desaparecidos) com aparelhos e placas marcadas e verificadas; os sinais digitais, obtidos em Boston pela Sra. Margery Crandon, de pessoas falecidas, sob o controle do espírito de seu falecido irmão Walter; as "Cross-Correspondances" ou "correspondências cruzadas" coletadas em grande número em todas as partes da Terra, especialmente desde a morte do grande "Myers", o imortal autor de "A Personalidade Humana", esses fenômenos permitiram ao ilustre e sábio Sir Oliver Lodge, aos 83 anos de sua vida, afirmar - em uma mensagem de radiodifusão - diante do mundo surpreso: "que a morte não existia" e que finalmente tivemos evidências convincentes de sobrevivência do princípio psíquico pensante, que nos anima e nos dirige nesta vida.

O que dizer, o que acrescentar a esta bela e leal afirmação? Apenas que o Espiritismo, bem entendido, sem sectarismo ou misticismo, baseado unicamente na ciência da observação e controle de eventos psíquicos anormais, pode e deve levar a Humanidade, ainda na infância, a uma melhor e mais segura compreensão do seu elevado destino e a razão de sua chegada, do seu espírito na carne a este planeta de evolução e reparação, de progresso e pagamento libertador. Portanto, elevar os homens e fazer que eles finalmente, sintam amor sincero "uns aos outros", como desejava o Mediador Divino de todo o seu nobre coração.

É, portanto, conveniente, indispensável, que a cada três anos possam reunir-se em Congressos semelhantes no mesmo lugar, durante alguns dias, todos os homens de boa vontade, convencidos do poder do espírito de todas as partes do mundo, para comungar na mesma crença, a "sobrevivência de nossa alma imortal em um corpo glorioso", radiante de

luz, justiça e verdade e, acima de tudo, fazer compartilhar depois essa crença nobre, baseada em evidências psicofísicas inegáveis, a todos os seus irmãos de humanidade sofredora, para ajudá-los, com amor e esperança, a melhor suportar seu fardo, sua cruz terrestre, geralmente merecida por nossas vidas anteriores. Andry-Bourgeois.

Atos de 4 de setembro, quarto dia do Congresso

Visita ao Honorável Presidente da Generalitat de Catalunha e ao Excelentíssimo Sr. Prefeito da cidade.

A primeira foi precedida por uma visita detalhada aos belos salões do Palácio da Generalitat, cuja suntuosidade e bom gosto foram unanimemente elogiados por todos os congressistas.

O presidente Sr. Companys recebeu democraticamente todos os congressistas e depois de ter sido saudado pelo presidente do Diretório da Federação Espanhola e pelo vice-presidente da Federação Internacional, em nome de todos os congressistas, das Juntas das duas Federações e do Comitê Organizador do Congresso, deu as boas-vindas em nome do Governo da Catalunha, que tem o prazer de ver um Congresso Espírita se reunindo em Barcelona, uma vez que deseja apoiar todas as manifestações de natureza espiritual que permitam o desenvolvimento da espiritualidade latente na cidade, mas livre de fanatismo e mantendo-o dentro do espírito liberal, progressivo e de verdadeira fraternidade.

O discurso do Sr. Presidente foi aplaudido com grande entusiasmo.

Após a visita, passou-se para a Câmara Municipal, onde os congressistas puderam admirar as maravilhas da Galeria Gótica, do Salão das Crônicas e da Sala dos Cem. Lá eles foram apresentados ao prefeito Sr. Pi e Suñer, a quem os senhores Seseras e Forestier saudaram, correspondendo ele dizendo que Barcelona, através da boca de seu prefeito, acolhia fraternalmente todos os delegados vindos de terras distantes para este Congresso, onde ele estava ciente de se trabalhar em favor de nobres ideais de paz e fraternidade entre os homens. Dedicou uma saudação especial aos delegados dos países hispanófonos e franceses, pelos estreitos laços de cultura e afeto que sempre uniram a Catalunha com os países irmãos de

além do Atlântico e dos Pirineus.

Ele então convidou os participantes a irem ao Salão da Pequena Câmara Municipal, onde foi servido um esplêndido vinho de honra, com o qual a Câmara Municipal obsequiava os congressistas.

Estas duas visitas, pelo seu significado, por ser a primeira vez que as autoridades de um país recebem, sob esta forma, os componentes de um Congresso espírita, causaram em todos os representantes das diferentes Federações estrangeiras e dos grupos espíritas do resto da Espanha uma impressão altamente satisfatória e encorajadora. O Espiritismo não teve mais que lutar contra o inimigo dos elementos oficiais, mas viu reconhecido pelas mais altas autoridades da Catalunha seu elevado significado moral e seu trabalho em favor do progresso humano.

À tarde e com grande afluência de público, o vice-presidente da F.E.I., Sr. Humbert Forestier, deu sua conferência anunciada desenvolvendo o tema "O Espiritismo dos grandes mestres franceses, Allan Kardec, León Denis e Gabriel Delanne". Apesar de ser dada em francês e porque, sem dúvida, muitas pessoas na Espanha entendem esta língua, o público acompanhou com atenção a conferência do diretor de "La Revue Spirite", sublinhando com grandes saudações de aplausos os pontos mais notáveis da mesma.

A eloquência fácil e as palavras calorosas e vibrantes do palestrante tocaram em mais de uma ocasião o público que lotava o local, e que premiou com uma grande ovação o final da palestra, unindo em um mesmo aplauso a memória dos grandes mestres tão fielmente evocados e aquele que tinha sido capaz de interpretá-los tão bem. Nós sinceramente lamentamos que, por razões particulares, o Sr. Forestier não permita a reprodução.

Dia 5 de setembro

As reuniões das seções continuaram e na tarde a excursão a Sitges realizou-se.

Dia 6 de setembro

Pela manhã visitamos o Pueblo Español, este cantinho da Exposição de

Barcelona que permite, em uma breve visita de duas horas, conhecer os aspectos típicos da arquitetura popular espanhola de todas as regiões. Com muito bom critério, os criadores deste Museu, já que na verdade é um Museu onde se soube criar a atmosfera que está sempre ausente nos atuais Museus, evitou toda a teatralidade. Lá tudo é natural e o visitante está perfeitamente situado na atmosfera que essas ruas e essas casas evocam.

O Pueblo Español foi muito apreciado pelos nossos irmãos de outros países que, em poucos momentos, puderam fazer uma bela viagem por toda a Espanha. Ruas estreitas e tortuosas, casas brancas de cal e janelas verdes, varandas floridas de Córdoba ou Sevilha, moradias de estilo mourisco ou linhas severas e rígidas das cidades de Castela; imponentes mansões da Extremadura, de Navarra ou Aragão; muralhas de Ávila, arcos de Sangüesa, todo este tesouro de magníficas belezas que a arte e o bom gosto dos homens reuniam no espaço de poucos hectares foi sinceramente admirado.

À tarde, as reuniões das seções continuaram, porque especialmente a de Filosofia tinha um programa muito sobrecarregado, por isso foi tomado o acordo de continuar no dia seguinte o trabalho que não pôde ser concluído naquele dia.

Dia 7 de setembro

Enquanto parte dos congressistas, de acordo ao exposto no programa e em vista de compromissos assumidos com as empresas de turismo, faziam a viagem à Costa Brava da qual voltaram encantados, o resto continuou o trabalho na seção de Filosofia, estudando os trabalhos que restavam para serem discutidos e as conclusões que a seção apresentaria à Sessão Plenária do Congresso.

À noite, deu sua palestra anunciada sobre o tema candente "A Reencarnação", o nosso querido amigo, o engenheiro Sr. Salvador Molina, delegado da Associação Espírita Americana Espanhola de Nova Iorque.

Naquele dia pudemos verificar o interesse que nosso Congresso despertara nas massas de cidadãos. Até então, todos os nossos encontros tinham atraído uma grande audiência, mais numerosa do que em qualquer outro Congresso, mas as instalações do Palácio das Projeções não estavam totalmente cheias. Mas nesta sexta-feira, 7 de setembro, aquele amplíssimo

espaço, com todos os camarotes e corredores laterais e todo o anfiteatro estava absolutamente lotado.

Para uma audiência expectante, nosso querido amigo começou a falar e logo as salvas de aplausos começaram a coroar as frases vibrantes, os conceitos substanciosos do orador.

Dada a importância do tema, uma tradução da conferência foi feita em inglês e uma em francês sendo distribuídas profusamente entre os delegados estrangeiros.

Este não é o momento para dar uma ideia dos conceitos comentados, dos argumentos usados, das demonstrações feitas. Só vamos dizer que o sucesso foi enorme e que o público saiu muito satisfeito, comentando sobre o que acabaram de ouvir. Adeptos e profanos reconheceram que coisas interessantes tinham sido ditas, das quais todos poderiam obter grande proveito. Alguns, para conhecerem mais profundamente este importante ponto de nossa doutrina, outros, porque lhes foi demonstrado que dentro do Espiritismo as coisas eram seriamente estudadas, que não afirmamos à toa, mas raciocinamos, analisamos e experimentamos, algo do qual nem todas as filosofias, nem todas as crenças ou religiões podem se orgulhar.

Foi uma boa noite para o Espiritismo em Barcelona.

O texto dessa palestra poderá ser lido no capítulo seguinte.

Dia 8 de setembro

De manhã, último encontro da seção de Filosofia, para fixar as conclusões. Discussão intensa e apaixonada, às vezes. O trabalho da Confederação Argentina é discutido, e nele a questão social é colocada em primeiro lugar. Duas correntes, que talvez se aprofundássemos bem, seriam apenas uma, mas somos meridionais e o demonstramos. É necessário cortar a discussão, e como a preocupação com esses problemas é geral e o desejo e a aspiração de uma sociedade mais justa também, a proposta que é detalhada nas conclusões é votada.

Outra discussão sobre o conceito religioso do Espiritismo e finalmente é adotado um texto que especifica que o Espiritismo não é uma religião, mas favorece o sentimento religioso e que não precisa de culto, clero, ritos ou templos.

Com a chegada do meio-dia, todo mundo vai almoçar, um pouco empolgados, talvez, mas isso acontece porque os delegados latinos levam o Congresso a sério e querem trabalho útil feito nele, eles sentem profundamente os problemas do momento presente e não concordam com declarações platônicas sem nenhum objetivo. É preciso fazer um trabalho prático.

À tarde, última sessão do Congresso.

Versão taquigráfica da Sessão Plenária de 8 de setembro de 1934

Senhor Presidente: "Senhoras e senhores congressistas, queridos irmãos: De acordo com o que está marcado no programa, vamos hoje celebrar a sessão plenária do Congresso para estudar e discutir as conclusões das seções.

Neste momento, coube-me declarar perante os congressistas e delegados aqui presentes, em que termos vamos realizar estes trabalhos de acordo com as prescrições do Estatuto da Federação Espírita Internacional. Consequentemente, notifico a todos os delegados e congressistas que somente os delegados das Federações que estão na Internacional têm direito a voto, desde que estejam em dia com suas contribuições, conforme exigido pelos regulamentos dessa organização, sob cujos auspícios e direção nós celebramos o Congresso.

Todas as outras entidades que foram convidadas e recebidas fraternalmente neste Congresso têm o direito de falar nas deliberações, mas elas não têm direito a voto.

As mesmas regras que foram estabelecidas na Assembleia Geral da Internacional serão seguidas para a votação das conclusões.

Ao iniciar estes trabalhos, tenho à disposição dos irmãos que desejam consultá-los, o Regulamento da Federação Internacional, sob o qual esta sessão plenária é governada.

Tendo feito essa advertência de natureza estritamente regulamentária devo dizer também aos nossos queridos amigos e irmãos, delegados e congressistas, que se em algum tempo, em determinado momento da história, Napoleão pudesse dizer diante das pirâmides a seus soldados: "Quarenta séculos vos observam, neste momento, um punhado de nações

estão contemplando vocês, e esperam de nós resoluções e estudos que devem ser feitos com a máxima equanimidade e máxima segurança.

Naturalmente, nós aderimos a regras e mandatos que estão contidos em uma ideologia, e somos obedientes a disposições que regulam nossa vida interna.

A Presidência espera, de todos vocês, noção dessa responsabilidade e toda a elegância espiritual à qual os espíritas devem sempre sujeitar-se, por que é o seu patrimônio, quando se trata de algum assunto discutível em que é necessário transigir, edificar, construir, mas sempre dentro das normas da harmonia e da fraternidade. É evidente que o Congresso oferece tópicos de máxima dificuldade, mas para isso estão os espíritas, para resolver essas questões de dificuldade máxima, com essa elegância espiritual, com essa fraternidade da qual falei antes.

Tendo dito isto, senhoras e senhores, queridos irmãos, devo agora entrar na parte que se refere ao trabalho do Congresso, estritamente a isso. Como todos sabem, porque recentemente vocês têm trabalhado até poucas horas atrás, o Congresso foi dividido em duas seções: estudos e palestras de natureza tanto espírita quanto científica. Esses documentos chegaram a conclusões que agora terão que ser submetidas à deliberação e ao voto das organizações que têm voto para fazê-lo; mas devo lembrar, neste momento, que nosso Congresso foi convocado quando sua estrutura foi aprovada em Paris. Primeiro foi dado a ele o caráter de um organismo que estudasse as sugestões de ordem prática para responder às preocupações do momento histórico atual e, em uma segunda parte, às razões de ordem filosófica e de ordem científica, que podem nutrir, que devem nutrir essas sugestões de ordem prática, para colocá-las de acordo com as vossas.

De modo que, numa palavra, nessa parte de sugestões de ordem prática, é interessante fazer certas afirmações que possam ser levadas diretamente sobre o mundo profano, para tornar nossos ideais conhecidos pelas pessoas que não nos conhecem. Na segunda, nas razões de ordem filosófica e ordem científica, vamos incutir as conclusões que submeteremos mais tarde à sua aprovação.

Em ordem, então, a essas ideias e lamentando que os trabalhos do Congresso não nos tenham permitido submeter à sua consideração em

fórmulas concretas isto que lhes digo, vamos defender as principais ideias de como esta parte das conclusões do Congresso deveria ser, submetendo-as então a uma votação, como tais ideias-mãe, para que mais tarde uma comissão, designada para esse fim, possa dar-lhes uma forma literária nas línguas necessárias, e possa estabelecê-las com caráter definitivo.

A esse respeito, parece-me necessário nos dirigirmos ao mundo profano, numa linguagem que possa compreender, numa linguagem em ressonância com seu estado particular de consciência, com esse estado de consciência daqueles que ignoram o que é o Espiritismo e para tanto eu proponho, como síntese, o seguinte, ficando sujeito a retoques, como eu disse antes, se for conveniente:

O Espiritismo é um sistema científico e filosófico que busca investigar no mistério do ser e do destino, situar racionalmente os problemas inerentes à natureza do homem e sua posição relativa no Universo. Que somos? Por que vivemos? De onde viemos e para onde estamos indo? O que é a vida e o que é a morte? O que é o universo como palco da vida? Que coisa ou que poder dirige esse Universo? Quais leis nos governam e para que fins nos conduzem? Até que ponto e com que meios o homem pode conhecer o todo ou parte desses problemas obscuros?

Nestas definições, como vocês veem, apresento as primeiras doutrinas para fazer o estudioso meditar. Segundo, a projeção, de modo que, como aqueles que meditavam diante do templo de Delfos, chame a atenção do estudioso e ele aprenda a conhecer e depois a meditar. Que somos? De onde viemos? Para onde vamos?

Em outro aspecto, tento fazer os homens meditarem sobre o palco da vida e dar a conhecer o cenário da vida, que é forçar os homens a estudarem todas as ciências naturais que governam essa vida, da Astronomia à Física, e da Biologia à Patologia, todas as ciências naturais, todas aquelas que possam ser ensinadas. O que somos e o que é o cenário da vida? Qual é a posição relativa do homem no espaço?

Além disso, qual causa ou quais poderes dirigem esse Universo em que vivemos, quais leis e para que fim nos conduzem?

Isso, automaticamente, senhoras e senhores, coloca ou colocará o

profano diante da ideia de Deus, e se alguém se extraviasse no conceito de Deus, por essa mistificação em muitas ideias, que coloque no lugar de Deus a Crosofia, como acessível ao estudo da causa primeira, frente ao estudo da causa segunda, estabelecer a trajetória dentro da qual os meios são providos para o começo da iniciação do neófito. Deixe-o estudar a causa primeira, e então, se tiver meios, ele poderá ver se consegue chegar à estação final. Deixe-o estudar essa causa última de acordo com sua percepção momentânea dessa causa última.

Finalmente, submeter aos profanos as nossas doutrinas para que o homem possa conhecer parte desses obscuros problemas colocados diante dos homens: conceito de verdade absoluta, conceito de verdade relativa, conceito dogmático, conceito de racionalismo. Não dirão aqui, naturalmente, por que a Mesa considera que não é necessário dizer as coisas e entregá-las ao homem já feitas, mas é necessário estimulá-lo a estudar essas ideias, para que, por seu próprio movimento, busque a Verdade e aumente seu cabedal de conhecimentos.

Assim, este primeiro parágrafo da declaração estará concebido, pretendendo a abordagem de todas essas considerações. Em relação ao segundo parágrafo...

Sr. César de Haro: "Posso fazer um esclarecimento ao primeiro, antes de entrar no segundo? Não haveria inconveniente em acrescentar ao princípio desta definição, desta conclusão, que é um sistema integral de ciência e filosofia?"

O presidente: " Não há inconveniente algum".

O Sr. César de Haro: "Eu acho que a ideia não fica limitada, mas é aumentada em termos de extensão. Se não há dificuldade em aceitá-lo, nada mais ».

O Sr. Presidente: "No segundo parágrafo... ou melhor, vamos voltar ao primeiro, embora seja uma espécie de síntese ou análise, se alguém quiser fazer outra objeção a este primeiro parágrafo, pode fazer uso da palavra. Agora, esclarecimentos poderiam vir mais tarde, que tornem desnecessárias as perguntas feitas agora. De qualquer forma, como eu digo, se alguém quiser falar alguma coisa, pode".

(Continua-se lendo para Assembleia o que foi dito pelo presidente, em

francês e inglês.)

O Presidente: "Queridos Irmãos, Esta reunião de hoje deveria começar com uma moção que a delegação inglesa apresentou em favor da paz mundial. Eu não havia mencionado esse trabalho, esperando que o representante estivesse entre nós. Mr. Oaten entrou nesse momento e devemos começar com essa moção apresentada pela delegação inglesa. Esta moção tem caráter preferencial e espero que a Assembleia a aceite e que essa orientação seja dada ao trabalho, isto é, que seja considerado como se tivéssemos começado com essa moção. Acho que terá o assentimento de todos os assistentes ". (Vozes afirmativas).

Mr. Oaten lê sua declaração em inglês.

O tradutor explica a moção do Sr. Oaten, em que se diz que todas as nações representadas neste Congresso, como espíritas opõem-se à guerra. (Aplausos) Queremos que esta resolução dê a volta ao mundo. O Congresso Espiritualista reunido em Barcelona expressa sua opinião de que as diferenças internacionais não podem ser resolvidas por meio da guerra. Apela a todas as nações do mundo para que submetam suas discussões por meio da arbitragem e reduzam seus armamentos como um primeiro passo em direção à fraternidade humana e uma tentativa nobre de abolir a guerra. (Grande aplauso).

O Sr. Presidente: "A Mesa considera aprovada esta moção... Aprovada? Aprovada". (Aplausos).

Agora continuamos nosso trabalho lendo, talvez improvisando, a síntese do segundo capítulo desse trabalho de propaganda que oferecemos ao mundo profano.

Como instrumento de estudo, o Espiritismo constitui uma ciência integral e uma filosofia eclética e sincrética, ou melhor, uma epistemologia. O Espiritismo esclarece e racionalmente orienta o sentimento religioso, isto é, a religião natural, e também toma a verdade intuitiva como a base do conhecimento. Desta forma, oferece como instrumento para o conhecimento do homem que progride através da inteligência ou que progride através do coração, procurando cada um em suas próprias ressonâncias e procurando cada um de acordo com sua equação pessoal que em definitiva ninguém é cético, otimista ou pessimista, porque se

proponha a sê-lo, mas por um florescimento particular de seu próprio espírito.

Como vocês podem entender, trata-se de dar a sensação ao mundo profano do que o Espiritismo é como instrumento ou argumento para o conhecimento, em face dos sérios problemas que apresentei anteriormente. (Está traduzido em francês e inglês.)

O Sr. Presidente: "Como bem os congressistas entenderam, assim o sistema integral que constitui a doutrina é levado à consideração do mundo profano frente ao que pode ser a opinião, de algumas pessoas que nos ignoram, sobre o nosso sistema. Ora, há outras coisas que poderiam ser objeto desta apresentação ao mundo profano, que estão relacionadas como ponto fundamental com a ideia de Deus, com a causa de todas as causas ou a existência da alma, como a ideia de evolução, como tudo isso que já está aprovado em Congressos e que já temos em nossos Estatutos e Códigos e que são bem conhecidos. De qualquer forma, após esta exposição é conveniente esclarecer com alguma transcrição o que já sabemos tanto, por exemplo, como é dado nos Regulamentos da Federação Internacional e Espanhola, e como foi acordado no Congresso de 1888. Podemos transcrever a existência de Deus, a existência da alma durante a vida terrena ... (Lê).

E esses conceitos, ou alguns mais ou menos que dessem o aspecto de demonstração, como eu disse antes, e dos quais aguardamos sua aprovação.

Não foi possível apresentá-lo de maneira definitiva como está em suas consciências, senão como um detalhe, para que vocês possam aprovar essas orientações que serão escritas depois e que a seguir serão levadas à propaganda do mundo exterior".

O Sr. Porteiro: "Peço a palavra para um esclarecimento e para demonstrar um desentendimento com algo que o professor Asmara disse."

O Sr. presidente: "Eu pediria ao senhor Porteiro para vir aqui para a presidência, porque assim poderíamos ouvir melhor suas palavras".

(O Sr. Porteiro assim o faz).

O Presidente: "O Sr. Porteiro nos permitirá ler as conclusões primeiro".

Procede-se à leitura das conclusões.

Um representante inglês solicita uma cópia das conclusões.

O Sr. Oaten responde a petição dizendo que todas as conclusões serão redigidas e publicadas nas revistas inglesas, mas que, em qualquer caso, se alguém desejar, cópias serão entregues a aqui mesmo.

Para os franceses, estas conclusões serão publicadas na «Revue Spirite» e para os espanhóis na «Luz del Porvenir».

Sr. Porteiro: "Eu pergunto se a proposta que está sendo lida é de conclusões definitivas do Congresso".

O Sr. Presidente: "Exatamente".

Sr. Porteiro: "Bem, então devo declarar que não concordo com as definições que foram dadas do Espiritismo. Admito que o Espiritismo é uma filosofia ou doutrina eclética, mas não sincrética.

Ecletismo significa adaptar à nossa filosofia tudo o que é bom em outras filosofias, em outras doutrinas. O sincretismo é uma mistura de doutrinas. Entendo que o Espiritismo tem sua própria filosofia, o que não implica que em certos pontos estamos em contato com outras filosofias. Se admito o ecletismo, devo dizer que a Federação Argentina não admite o sincretismo. Por outro lado, devo fazer observar os desejos da Federação Espírita Argentina que represento, com as sociedades "Lumen", "Psycosophia", "Biblioteca Camilo Flammarion" e duas outras sociedades, afirmando que não concordamos com dar ao Espiritismo o nome de religião. O Espiritismo não é religião, é ciência integral e progressiva, o que significa que sendo integral e progressiva abrange todos os conhecimentos ao espírito humano, e nesses conhecimentos está também expressamente marcado o sentimento religioso, que não rejeitamos.

Desejamos que uma manifestação expressa e categórica seja feita de que o Espiritismo é uma ciência integral e progressiva e se a Assembleia admite a definição que foi feita, deixamos nosso voto em oposição".

(As palavras do delegado argentino são traduzidas para o francês e o inglês.)

O Sr. presidente: «Senhores congressistas: Uma colisão entre a Gramática e o sentido correto para interpretar o que é o ecletismo e o que é sincretismo acaba de surgir.

Caros irmãos, o amigo que representa a Federação Argentina perdeu de

vista o que o sincretismo não quer, em forma alguma, dizer mistura, e do mesmo modo que o ecletismo significa adaptação para buscar uma forma sintética, o sincretismo significa tomar de cada sistema filosófico todas as partes da verdade que possam ser concebidas para alcançar uma harmonia realmente superior.

O sincretismo é precisamente a base da epistemologia, precisamente para tomar de todos os sistemas filosóficos da história da filosofia todos aqueles que são flores do espírito do homem. Este procedimento requer, envolve afirmações tão logo se harmoniza racionalmente o que melhor serve à verdade e deve ser concebido para alcançar uma ordem superior.

Eu acho que não estamos no momento de discutir o valor dessas palavras que certamente foram mal interpretadas pelo nosso amado irmão, e na base de que é um valor geral constantemente aceito, podemos discutir no momento apropriado se a definição é aceita como está, tomando as palavras ecletismo e sincretismo em seu verdadeiro valor, deixando de lado os erros de interpretação nos quais se acaba incorrer. Peço isso em favor da brevidade e para não deixar de terminar os trabalhos do Congresso que hoje devem chegar ao fim”.

O Sr. Porteiro: "Sendo a palavra ecletismo tomar das outras filosofias a doutrina que nos parece melhor para introduzir na doutrina espírita, por si só a palavra ecletismo explica esse conceito de ciência integral progressiva e o resto está sobrando."

O Sr. Presidente: "Vejo-me obrigado, querido irmão, a insistir na definição, já que ecletismo e sincretismo são duas coisas diferentes que se completam e não devemos ir à confusão. Acho que o amado irmão deve estar confuso quanto ao verdadeiro valor dessas palavras, e proponho que fique assim, e dessa forma estaremos melhor com a Gramática e com a Filosofia. Em nome da Mesa, eu peço que fique assim”.

(O resultado deste debate é traduzido para o francês e o inglês.)

O Sr. Presidente: "Há também, queridos irmãos, alguma outra sugestão, que talvez fosse interessante trazer à consciência daqueles que vêm nos estudar, por exemplo, a ideia da revelação, a palavra divina. É prática comum divinizar as coisas causando uma sugestão ou auto-sugestão no sujeito que estamos estudando; se é interessante ou não

interessante dizer ao homem que, embora Deus esteja eternamente cantando sua verdade em todos os lugares, embora estejamos envoltos na verdade divina, a verdade divina não é acessível ao homem por meios diretos, como a luz solar não é acessível, que se olharmos cara a cara nos deixa cegos.

A parte da verdade divina que o homem pode interpretar, que o homem pode conhecer, sempre vem através do homem. É uma limitação dessa verdade divina, é uma parte dessa verdade divina, mesmo que seja uma parte percebida por grandes inteligências, por grandes homens que foram faróis da Humanidade no mundo da Filosofia ou no mundo da ciência, ou seja percebida por nós, de acordo com nossos instrumentos de captação.

A verdade divina, verdade autenticamente divina, que pode ser oferecida às massas com essa sugestão dada pela religião, não deve ser oferecida, no conceito da Mesa, nessa forma, mas sim como mera orientação.

Talvez certas verdades, certos dogmas que com este caráter são oferecidos às massas, tenham servido para poder dizer que a religião é a morfina do povo, confundindo religião com a Igreja, com o culto, com o clero, tirando a palavra religião de sua própria jurisdição, de sua doutrina verdadeira e própria.

É necessário o conhecimento do que é e define essa palavra, e é conveniente ser dita essa definição da palavra religião?, limpando-a de impurezas, limpando-a de imperfeições, limpando-a de mistificações, para dizer ao mundo o que é religião, e o que é palavra divina, porque deveríamos sempre dizer palavra humana, ideia humana da palavra divina. Esses são dois pontos que seria muito útil esclarecer, no momento em que se diz que a religião está em crise.

É a religião que está em crise ou são os elementos subjetivos ou objetivos que estão em crise? Substancialmente uns e outros, e devemos dar luz às massas para evitar confusão. Se o que importa é apagar o nome da religião, como acaba de ser manifestado aqui, ou se o que importa é dizer a verdade do que é religião; que existe em nós a verdade imediata, uma verdade profunda, que não é filosófica, mas que se enquadra na ciência, que não é verdade intuitiva que nos dá ressonância com respeito aos grandes problemas da vida, e que essa verdade nos leva a Deus, como o

heliopatismo lança as plantas em direção ao sol, para buscar a luz do sol, que é a vida delas.

Verdades, ideias que são lançadas ao conhecimento dos homens para a extensão desse sentimento religioso natural e inato. Pode-se ser religioso diante de um panorama da natureza, diante do filho que morre ou diante do filho que nasce, de frente para o mar, olhando o céu estrelado. Se esse sentimento religioso, nobre e elevado que podemos sentir diante das grandes concepções da natureza, diante das criações de Deus, indefinível que existe no homem, pode ser apagado ou podemos ignorá-lo, ou se o conveniente é dizer ao homem o que é a verdade religiosa, o que é esse sentimento inato aperfeiçoado no povo através da verdade filosófica, através da verdade científica, que sempre terá essa parte da determinação do nosso temperamento e do nosso modo de agir, que é, em definitiva, uma das nossas motivações de conhecimento.

Sendo assim, é conveniente que a Assembleia se pronuncie sobre se a palavra religião deveria ou não ser suprimida, ou se declara o que deve ser feito para evitar esses erros, essa confusão de ideias, dando à palavra um valor que não tem. Se a religião representa um florescimento do espírito do homem que busca seu nível e sua relação com os poderes superiores, se religião é meditação diante dos grandes problemas da vida, diante dos grandes problemas que nos são apresentados, que por muito que a ciência nos ajude e por mais que a filosofia nos ensine, provavelmente serão sempre uma incógnita, porque sempre teremos incógnitas, sempre teremos sérios problemas que nos unirão com os poderes superiores, dentro dos quais vemos que esse sentimento religioso é a ressonância que nos leva a aquele florescimento do espírito humano.

Devemos superar essas falsas interpretações e dizer o que é a religião, frente à Igreja, contra a Igreja, contra sectarismos e dogmas, dando ao sentimento religioso seu privilégio. Parece-me que isso deve ser assim".

(A declaração do Professor Asmara é apresentada em francês e inglês.)

Mr. Oaten pronuncia palavras em inglês, que são traduzidas, e afirma que está substancialmente de acordo com o que foi dito pelo presidente.

O Sr. presidente: "Alguém pediu a palavra na sala antes do Sr. Porteiro, que também pediu, e, portanto, é concedida àquele que tem o direito de

prioridade".

O Sr. César de Haro: "Para me expressar apoiando o que foi dito pela Mesa. Indubitavelmente, no homem há intimamente uma inclinação subjetiva, exclusivamente subjetiva em direção a um poder, em direção a uma coisa desconhecida para ele. Essa intuição, esse desejo ainda não raciocinado, ainda não compreendido dessa causa primeira, entra no conceito, mas no conceito essencialmente nítido da palavra religião. Mas o que eu gostaria é que a Mesa levasse em consideração que, ao definir esse conceito religioso, ficasse bem claro que essa religião é uma religião íntima, subjetiva com absoluta exclusão de todo dogma, de todo altar e de todo culto externo. Ou seja, que fique bem concreto, que fique bem determinado que a única religião que o Espiritismo pode aceitar vem da fronteira íntima de cada indivíduo, esclarecendo taxativamente, terminantemente, que todo dogma, todo culto e toda adoração externa ficam excluídos dessa religião. É isso que proponho à Mesa, se lhe parecer bom, que esta proposta seja levada em consideração para ser discutida.

O Sr. Presidente: "Caro Irmão César de Haro: Tudo o que você tem dito é completamente identificado, de forma absoluta, com o pensamento da Mesa, de modo que na redação final será levado em conta o que acabou de dizer, que é o nosso sentir".

O Sr. César de Haro: "Muito obrigado".

O Sr. Porteiro: "Lamento muito, senhores, que eu deva ser o único a voltar a intervir neste debate sobre uma questão onde tenho certeza que há pessoas aqui perfeitamente de acordo com o meu modo de pensar; mas se deixasse passar, não cumpriria fielmente a missão que me foi confiada; e cumprindo este dever e com essa missão, irei ver se reivindico o conceito religioso do Espiritismo.

Em primeiro lugar, devo dizer que a Federação Espírita Argentina, que eu represento, não ignora o sentimento religioso, nem nega o sentimento religioso; pelo contrário, tenta levá-lo e elevá-lo em direção a essa espiritualidade, que é o que se trata aqui: o Espiritismo. Por outro lado, não disse nem pretendo dizer, nem considero interessante que a religião ou a religiosidade estejam em declínio; esse não é o ponto que estamos debatendo. Devemos partir do fato de que o Espiritismo, embora não negue

o sentimento religioso nem tenha nascido da fé, nem da intuição, nasceu dos fatos, que lhe deram uma base positiva e científica. Uma filosofia emerge desse fato e, a partir dessa filosofia, surgem consequências de todos os tipos. Por isso, o Espiritismo, baseado na experimentação e no raciocínio, chegou a conclusões espíritas.

Isso não significa, por outro lado, religião, necessariamente, a ideia de Deus, e eu provarei isso. As teorias materialistas também pretendem ser religiosas, e temos Luis Bulner, em seu livro «Força e Matéria», que nos fala sobre a religião da matéria, e temos Luís Viados em seu livro «Apologia de um incrédulo», que deifica um conceito materialista. Nós temos Comte, que em ideias materialistas quer basear a religião da Humanidade, e vemos, por outro lado, que todos os partidos políticos se chamam de correligionários e não acreditam em Deus. No Congresso de Washington, o reverendo Memerin declarou categórica e claramente que a religião implica a crença em Deus, e que essa crença não é necessária para ser religioso; que pode haver religião sem Deus e até sem estética, mas o que não pode existir é religião sem amor. Religião significa encontro de pessoas, mas isso não implica crença em Deus.

Partindo o Espiritismo de fatos experimentais, não da fé, não da intuição, sem que isso signifique negar a fé, que é a consequência da experiência e do raciocínio, como também a intuição, que nada mais é do que o acúmulo de conhecimentos que temos arquivado no subconsciente, e partindo desta base, defendo que o Espiritismo é uma ciência integral, e quando dizemos ciência, é que ela tudo integra, e sendo integral ela nos diz que engloba sentimentos religiosos.

E isso abre a intuição e abre toda a inquietação do espírito humano. Então eu entendo que, dizendo ciência integral, porque ciência não significa o fato sucinto e de todo sentimento, mas ciência no sentido espírita, que é conhecimento, e o conhecimento só pode ser adquirido pela experiência, pela razão e pela intuição. E é por isso que acredito na ciência integral, para a definição, porque abrange todos os aspectos da vida humana e todas as preocupações. O Espiritismo é, portanto, uma ciência integral e progressiva.»

O Sr. Presidente: "Queridos irmãos: Estamos novamente em uma colisão

de palavras, e como a ciência é ciência, independentemente das interpretações convencionais que os homens querem dar; como a filosofia é filosofia, independentemente dessas interpretações convencionais; como a religião é religião, por sua própria jurisdição, também independentemente de qualquer interpretação, e como temos que apresentar o sistema à consideração do profano, devemos entender as palavras pelo que elas mesmas significam, fora de suas definições complementares, eu argumento que, sem mais discussões, devemos ir à aprovação disto e, em qualquer caso, à sua votação, satisfeitos de cumprir nosso dever, porque ciência é ciência, verdade é verdade e intuição é intuição. Que ciência integral e progressiva está mal aplicada nesses efeitos verdadeiros. A ciência integral não significa completa, mas faz parte de outra coisa que se quer ordenar, e quanto à palavra progressiva, está de sobra depois da palavra ciência, porque a partir do momento em que é ciência, entende-se que ela progride constantemente.

Então, repito novamente, entendo que, sem mais discussão, o assunto deve ser deixado para a votação, dando-o por suficientemente debatido.

O Sr. Mariotti: "Senhoras e senhores, quero afirmar que o Congresso Espírita deve fazer uma declaração pública do que é o Espiritismo. Nos dias em que vivemos, em nossos dias, no nosso tempo, as palavras têm um tipo de encanto que imediatamente sugere uma figura em nosso espírito. Assim como quando nos referimos à palavra água, imediatamente parece-nos ouvir o murmúrio dela; quando pronunciamos o termo montanha, imediatamente em nosso espírito surgem as proeminências de uma montanha, a palavra religião, Senhoras e Senhores, que tem sido explorada por todas as religiões positivistas, por todas as religiões conhecidas, se aplicada à nomenclatura da doutrina espírita, corremos o risco de sermos confundidos com uma nova religião diante do mundo profano. Não é necessário, em nossa declaração pública, entrar a dizer que o Espiritismo é uma religião superior para a alma humana. Esse considerando virá mais tarde em nossa exposição doutrinária que será feita diante dos incrédulos, diante do mundo profano.

Mas na afirmação sintética que deve ser feita, devemos ter em mente o pensamento de Allan Kardec, que disse: "O espiritismo será ciência ou não

será nada". Com essa declaração atraímos a atenção de todo o mundo, porque oferecemos à Humanidade um novo conhecimento baseado em fatos científicos e experimentais, e quando o homem se interessar por esses fatos, então tudo o mais virá. Mas se de repente mencionarmos um novo templo, e as palavras são sugestão, o Espiritismo será confundido com uma nova religião". (Aplausos)

O Sr. Presidente: "A questão agora fica para votação, porque já está suficientemente discutida. Vamos abreviar, porque são sete horas e o tempo é curto. A discussão sobre o que acabamos de dizer nos levaria longe demais, e é melhor, queridos irmãos, deixá-lo. Como a interpretação das palavras nos levaria a longas discussões, respeitando o sentimento particular de cada um, a opinião dos votos da maioria deve vir, já que as opiniões pessoais não podem prevalecer, por mais atendíveis que sejam. Dizemos isso como pedido de desculpa para não continuar a discussão.

Daremos agora leitura às conclusões aprovadas nas diferentes seções. Esta é a sessão de liquidação e, em seguida, iremos perfilando e esclarecendo as pequenas coisas.

Temos, então, aqui as conclusões aprovadas." (Lê a que diz respeito à Reencarnação...)

O representante da Constancia, Sr. Alfredo E. Reynard, submeteu à aprovação da Seção de Filosofia uma proposta para nomear uma Comissão especial responsável por reunir o maior número possível de documentos, demonstrando que a Reencarnação está devidamente verificada.

Conclusão sobre Animismo. (Lê...)

O Sr. César de Haro: "Parece-me que ouvi alguma coisa nesta conclusão que merece ser estudada sobre esta modalidade de Mediunidade".

O Sr. Presidente: "De todos os aspectos da Mediunidade".

O Sr. César de Haro: "O presidente quer ler, até chegar ao ponto em que eu gostaria de falar?"

O Sr. Presidente: "Permita ler em francês e chegaremos a esse ponto".

O Sr. César de Haro: "Pedi a palavra para afirmar que parece que aqui a Mediunidade e o Animismo são discutidos de tal maneira que parece dar a sensação de que o Animismo é uma coisa à parte do Espiritismo. O fenômeno psíquico é um fenômeno espírita e, se isso não ficasse bem claro,

pareceria que estávamos implantando um sistema animista ».

O Sr. Presidente: "O esclarecimento é bom, mas o Animismo é apenas uma parte integrante do Espiritismo.

Agora nos voltamos para a apresentação de Educação.» (Lê)... Propaganda... Sociologia...

Mr. Oaten diz que não tendo sido possível chegar a um acordo sobre a Reencarnação, concluiu-se que um e outro setor que se diferenciaram nesta apresentação, ficam em total liberdade para pensar sobre o particular.

O Sr. Presidente: "Algum irmão deseja falar sobre as conclusões da primeira seção filosófica? Eu aviso, queridos irmãos, que deixamos a aprovação do primeiro parágrafo apresentado da propaganda, e como agora começamos a aprovar esta parte filosófica, com o que o resultado da Memória implica, onde há parte para iniciados e parte para profanos, submeto pelo momento estas conclusões para aprovação, e antes de pedir o voto, quero perguntar se alguma sociedade tem algo a dizer a respeito."

O Sr. César de Haro: "Não se surpreendam com a minha insistência, embora eu ache que já é para dizer 'quem é aquele cavalheiro que fala tanto'; mas quero insistir em meu argumento, e que seja levado em conta e em consideração se o que eu falo merece ser atendido, ou se for absurdo, seja rejeitado.

Antes de passar definitivamente à aprovação das conclusões referentes à última seção, na qual a Propaganda está incluída, gostaria de ver chegarmos a uma organização definitiva da propaganda. Não é uma questão de agora ou do momento, porque muito já foi feito, e não há tempo agora para fazer mais. O que eu quero é dirigir um apelo ao Congresso, especialmente à Federação Internacional, para que no futuro eles possam ver se existe uma possibilidade, no relativo a propaganda e organização, de dar umas regras gerais, empresa que fique correndo, como a água corre por um canal, e vai sendo bebida essa água pelas inúmeras sociedades, grupos e centros que estão em jejum de toda propaganda. Propaganda sistemática, propaganda que saindo do engenho vá para o mar.

Não é uma censura, queridos irmãos; eu não quero censurar ninguém, nem quero censurar nada. É que hoje vivemos de maneira intensa, e essa propaganda é necessária para que chegue às mãos de todos os irmãos. Eu

insisto que não é censura, mas argumento para que essa organização central seja criada para cuidar, se possível, dessas normas gerais. Eu reconheço a suficiência do conhecimento organizacional que todos esses senhores da Mesa possuem, mas sem dúvida por causa do trabalho excessivo e da falta de recursos, eles não conseguiram até agora levar em conta essas normas práticas e organização, e eu peço que eles consigam doravante, pela parte fundamental, que representa a propaganda, não apenas entre os profanos, mas entre nossas próprias sociedades e entre os espíritas. Centros existem, onde não há sequer uma única notícia sobre o que é feito e o que pode ser feito. »

O Sr. Presidente: "Tomo nota das manifestações de nosso amado irmão, Sr. César de Haro, mas tenha em mente que não deve esperar que esta organização que pede venha a cair do céu. Ela deve ser fabricada por nós mesmos, colocando nossos cotovelos e nossos corações para isso. É claro que nossa organização exige propaganda, mas é preciso ter em mente que pesa sobre nós uma ingente tarefa, e que esta organização é formada por homens que não podem se dedicar exclusivamente a esse trabalho de organização, porque têm seus empregos para ganhar a vida. Até agora, eles só puderam aplicar suas horas vagas a esta organização. Em qualquer caso, entende-se que o pensamento fica recolhido pela Mesa».

O Sr. César de Haro: "Obrigado".

O Sr. Presidente: "Vamos submeter a votação as conclusões da parte da seção de Filosofia. Peço, queridos irmãos, que os delegados das Federações inscritas na Internacional emitam o seu voto, mas gostaria que dissessem se votam por unanimidade ou se existem reservas. Eles são aprovados por aclamação?" (Aplausos.)

O Sr. presidente: «Vamos entrar na segunda seção, queridos irmãos. A segunda seção, a Científica.

O Relatório recebido da seção Científica, que a seu tempo será publicado e assim conhecido por todos, levou à presidência desta seção a estabelecer uma síntese de tudo o que foi dito nela, e que será lido imediatamente. Esta síntese que nossos queridos irmãos ouvirão do presidente da seção.

O Sr. Bourgeois, como presidente da seção, procede à leitura. O Sr. Presidente: "Há algum ponto para esclarecer, ou esta síntese é

unanimemente aprovada?"...

A conclusão da seção científica é aprovada.

O Sr. Presidente: "Agora, queridos irmãos, voltamos ao começo, e lembro a todos que foram lidas as sugestões dadas aqui sobre o que devem ser essas manifestações, essa série de máximas ou essa série de sínteses que devemos oferecer ao mundo profano. Elas foram claramente expostas. Pela Federação Espírita da Argentina, há um voto contra alguns dos aspectos que contêm essas manifestações; então, imediatamente, e como já é do conhecimento de todos, vamos submetê-lo a votação, pois, é claro, a menos que a Federação Argentina pense de maneira diferente, não pode ser votado por unanimidade."

O Sr. Oaten dá uma explicação sobre as razões da discussão que teve lugar com a Argentina, sobre a proposição referente ao significado da palavra religião, mostrando concordância com a presidência.

O Senhor Reynaud: "Devo salientar que, em representação de diferentes sociedades espíritas da Argentina, entre elas "Constancia" e outras, concordo inteiramente com a declaração feita pela presidência. Estou em desacordo com os delegados da Federação Argentina, e também desejo que seja registrado, bem como os nomes das sociedades".

O Sr. Pallás concorda com as declarações do Sr. Reynaud e também deseja registrar seu voto contra a delegação argentina, em seu próprio nome e das sociedades que representa.

O Senhor Presidente: "Caros irmãos: Acabam de ser feitas duas manifestações sobre o assunto que está sendo discutido. Em primeiro lugar, a delegação inglesa, pela boca do Sr. Oaten, diz que a psicologia de cada povo deve ser levada em consideração na maneira de interpretar certas palavras, e que, para os propósitos da Inglaterra e dos Estados Unidos, a palavra a religião tem um grande valor.

Por outro lado, representantes da Argentina declararam que, na parte que representam, concordam que a palavra religião é interpretada da maneira mencionada pela Mesa e, portanto, seus votos estão de acordo com a Mesa".

O Sr. Mariotti: "É para dizer ao presidente e aos senhores congressistas que os votos em contra que pelos nossos compatriotas argentinos

acabaram de ser feitos, acredito que não sejam fundamentados, já que sustentamos que deve ser feita uma declaração pública de que o Espiritismo não é uma religião e, do modo como pudemos interpretar a tradução que foi feita nesse mesmo instante das palavras do Sr. Oaten, os Srs. Reynaud e Pallás estão de acordo com a declaração expressa de que é uma religião e, portanto, desejo que fique registrado em ata, para que as instituições que represento tenham uma ideia exata do que se originou». (Há protestos sobre a maneira de interpretar do Sr. Mariotti.)

O Sr. Pallás: "Precisamente não escapa à clarividência dos delegados do Congresso, que não é uma questão de confusão sobre o significado de uma palavra. Portanto, registramos nosso mais vigoroso protesto, e que é incerto o que se quis dizer, que nós quiséssemos expressar que o Espiritismo é uma religião. Esta é a razão.»

O Sr. Presidente: "Então a votação será iniciada".

Sr. Mariotti: "Eu peço a palavra. Peço aos meus compatriotas argentinos que cheguemos a um esclarecimento."

O Presidente: "Eles concordaram com as palavras que o Sr. Oaten pronunciou, que estamos de acordo com a definição da Mesa. O assunto foi esclarecido o suficiente e, por isso, vamos avançar sem demora para a votação".

Inglaterra, 7 votos, aceita as conclusões apresentadas; Bélgica, 5 votos, aceita; Brasil, 4 votos, também aceita; Espanha, 8 votos, aceita; França, 8 votos, de acordo; Holanda, 17 votos, de acordo; Suíça, aceita, 2 votos; Argentina.

O Sr. Porteiro: "Aceitamos como foi redigido, mas para merecer nossa aprovação, deve constar 'que é uma ciência integral e progressiva'."

O Sr. Presidente: "Este ponto foi esclarecido, e não é necessário entrar em qualquer discussão adicional. Portanto, a votação irá terminar. Para que não haja confusões, vou ler mais uma vez: "Como elemento de estudo, constitui uma ciência integral e uma filosofia eclética e sincrética, ou melhor, uma epistemologia. O Espiritismo acrescenta ao instinto racional, o sentimento religioso inato ou a religião natural, dando sua parte no conhecimento de todas as verdades ". Esta é o voto ".

O Sr. De Haro: "Sem qualquer sinal de adoração externa".

O Sr. presidente: "Exatamente. Agora, é preciso dizer que este progressista é supérfluo, porque a partir do momento em que é ciência, é progressiva».

O Sr. Porteiro: "Queremos que nossa oposição seja registrada".

O Sr. Presidente: "Isso foi submetido à discussão e aprovado por todos, menos pelos seus votos".

O Sr. Porteiro: "Isso não é verdade".

O Sr. Presidente: "Isso é verdade".

O Sr. Porteiro: "Nosso ponto de vista é sustentar que o Espiritismo é uma ciência integral e progressiva. É isso que nós mantemos. Aceitamos o eclético, mas não aceitamos o termo sincrético ».

O Sr. presidente: "O fato é que a declaração foi aprovada como está redigida, com a indicação do que foi dito sobre o sentimento religioso. Nada mais do que isso, e isso foi aprovado ".

O Sr. Porteiro: "Nós apresentamos essa outra proposta em contra."

O Sr. Presidente: "Não pode ser admitida. A votação a favor do que está redigido indica isso». (Há momentos de confusão nos quais vários membros da Mesa falam, indicando que uma fórmula de concórdia poderia ser buscada, mas finalmente a proposta da presidência é aceita na íntegra.)

O presidente: "A discussão terminou, e é aprovado o que foi redigido e lido, por 51 votos dos delegados aqui presentes, contra 10 dos senhores argentinos".

O Sr. César de Haro: "Proponho à Mesa que estas conclusões, assim que forem definitivamente aprovadas, sejam fixadas amanhã, para torná-las públicas em sua versão final, e possam ser comunicadas a todos os congressistas".

O Sr. Presidente: "Não será possível amanhã de manhã. Amanhã temos o dia todo ocupado, e com o trabalho que pesa sobre nós é impossível, mesmo sentindo muito, levar a cabo a tarefa que nosso querido irmão César de Haro solicita ".

O Sr. César de Haro: "Bem, então, o mais depressa possível, para que conheçamos as redações de maneira definitiva".

O Sr. Presidente: "Peço ao Sr. De Haro que não seja exigente, porque todos nós temos muito o que fazer. Elas serão publicadas

oportunamente"».

Aprovadas estas conclusões, vamos ler uma carta que acaba de ser recebida e que submetemos à consideração do Congresso.

Lê a carta, na qual é solicitado que o nome da poetisa Amália Domingo Soler seja dado à rua onde ela morava, e que atualmente é chamada de Cañón.

É unanimemente aceito solicitar à cidade de Barcelona para dar a dita rua do Cañón o nome de Amália Domingo Soler.

O Sr. Presidente: "Muito obrigado a todos por terem aderido com tanto entusiasmo ao tributo à nossa querida Amália.

Outra coisa, queridos irmãos: La Maison des Spirites nos enviou um documento, dirigido aos Espíritas do mundo inteiro, reunidos aqui, para irmos em auxílio da Maison des Spirites, e seu vice-presidente e fundador que está entre nós, nosso querido irmão Forestier, irá dirigir-lhes a palavra."

O Sr. Forestier, em francês, dá uma explicação sobre a situação difícil que a Maison des Spirites de Paris está passando, e ratifica-se no que foi dito na carta.

O Sr. presidente: "Caros irmãos, nosso vice-presidente apelou a todos nós, tocando aquela parte vítrea e dolorosa que se refere ao dinheiro em nossa organização.

Homens idealistas, deixamos quase de lado a questão do dinheiro, mas essa questão também deve ser abordada. Talvez a partir de nossa espiritualidade, da natureza de nossos problemas, não tenhamos tratado dessa questão e, por outro lado, também somos pessoas que não têm muitas pesetas; mas o dinheiro é uma alavanca forte para alcançar determinados fins e é disso que o nosso vice-presidente nos falou, e eu o faço ecoar. Faço cordialmente um apelo às Federações que ainda não aderiram, ou que desistiram de seus direitos dentro da Internacional, para que ajudem esta organização internacional, e para que junto com sua contribuição intelectual, com sua contribuição moral, possam também fazer sua contribuição material, para que a Federação Internacional possa cumprir bem seus propósitos.

Recentemente, nosso amado irmão César de Haro reclamou de algumas

deficiências de nossa organização. Respondi-lhe falando apenas sobre as dificuldades do trabalho, mas agora devo falar também sobre as dificuldades de dinheiro. É necessário ver com quantas dificuldades se luta em muitas Federações, e nós, os espanhóis, também temos que passar por nossas dificuldades para atender à nossa organização, e em muitas ocasiões, com dificuldades até para pagar os selos postais.

Tenham em mente, meus queridos amigos, que embora deveria ser oculto, o dinheiro é necessário para agir.

Apelo a todas as Federações de língua espanhola para que respondam a esse apelo patético que o Sr. Forestier nos fez, para que ajudem com sua contribuição a fortalecer o organismo internacional. Todos temos que trabalhar nessa tarefa que é reclamada de nós, o trabalho que o momento histórico atual exige. Temos que fazer contato de cotovelo e de coração. Uma corrente ideal que nos una a todos, que tenha a maior resistência possível, corrente de todos os sentimentos morais e espirituais, para consolidar e fortalecer a nossa obra.

Sobre isso, uno meu apelo ao do nosso querido vice-presidente, e peço a todos os nossos irmãos que, ao chegarem às suas Federações, quando retornarem a seus respectivos países, ecoem esses desejos, para responder a este chamado de fraternidade que é feito aqui ». (Aplausos)

O Sr. secretário da Internacional procede a ler uma moção que o tradutor passa ao espanhol, dizendo:

"O Sr. secretário leu uma ata ou moção em favor dos cadoaístas, ou em favor dos espíritas annamitas. Esta proposta é consequência da campanha de Gabriel Gobron, professor francês, e nesta moção pede-se aos espíritas internacionais, reunidos em Barcelona, que solicitem ao governo francês que se lembre da promessa feita no parlamento francês, em março de 1933, pelo então presidente do Conselho Albert Sarraut, hoje ministro das Colônias, consistindo em que aos cadoaístas, isto é aos budistas libertados, ou espíritas annamitas, se reconheçam os mesmos direitos que são reconhecidos aos annamitas dos diferentes cultos, aos cristãos, ou aos de outras seitas ».

É aprovado.

O Sr. Secretário da Internacional lê outra carta que também é traduzida.

O tradutor diz que é uma carta da Sociedade de Estudos Psíquicos e dos Espíritas de Lyon, que envia seus melhores desejos para o maior sucesso do Congresso. Essa sociedade, que radica na cidade onde viveram tantos homens ilustres, como Villermose, Alfonso Bouvier, Allan Kardec e outros, espera que o Congresso seja um sucesso total.

O Sr. Secretário da Internacional continua lendo as adesões a este Congresso, dentre as quais, umas dos Estados Unidos da América, de Toronto, de diferentes revistas espíritas e de Mr. Harding.

O Sr. Esteva: "Irmãos, temos recebido dezenas de adesões a este Congresso, de diferentes partes do mundo, e decidiu-se não lê-las, porque passaríamos muito tempo. Elas irão sendo publicados em nossas revistas e depois no livro do Congresso. Gostaria de informar que foram recebidas adesões de todas as partes da Espanha e de muitas Repúblicas da América do Sul. Vou me permitir, no entanto, ler uma adesão, por ser de quem ela é. É do nosso querido amigo e irmão, o vice-presidente da Federação Espírita Espanhola, Sr. Lemmel, que os problemas familiares impediram de vir a Barcelona. Ele faz votos pelo sucesso do Congresso e quer que as conclusões sejam tão acertadas quanto possível para bem dos nossos ideais."

O Sr. Presidente: "Queridos irmãos ouvintes, que se encontram entre nós espiritualmente. Queridos irmãos, que devido a circunstâncias especiais, não puderam vir. Neste momento, recebemos mensagens de Lyon, terra natal de Allan Kardec, da nossa amada Capwallader, com quem convivemos na Europa mais de uma vez; também recebemos mensagens da América e de muitos outros lugares, de Lemmel e muitos outros. Eu peço ao Congresso que, dado que eles estão espiritualmente ligados a nós, como uma eclosão de nosso próprio pensamento, como um telefone, dediquemos um aplauso a todos aqueles que espiritualmente estão conosco de tão longas distâncias". (Aplausos)

O Sr. Esteva: "Eu também irei informar de alguns trabalhos de secretaria, e aproveitar a oportunidade para falar a todos vocês em nome do Comitê Organizador do Congresso, e em meu nome pessoal, como secretário do mesmo.

Nossa tarefa não tem sido fácil. Por mais que tentássemos, haverá

objeções à organização deste Congresso, mas devo salientar que o Congresso foi organizado por um punhado de homens de boa vontade, quase sem meios. Isso significa que tivemos que salvar, com esforço pessoal, toda essa série de dificuldades que, na organização de um ato desse tipo, são apresentadas e com a falta de meios financeiros de que falei. Eu peço seu perdão. Essa organização é muito difícil com essa falta de recursos.

Eu falo a vocês neste momento e falo mais aos nossos irmãos estrangeiros do que a nós mesmos, e por isso devo insistir nesta questão: que eles nos perdoem se sentiram que algo falhou na organização do Congresso.

E com isso dito, só posso acrescentar algumas palavras. Tudo o que foi feito, todos os esforços realizados serão inúteis se não colocarmos mais energia neste trabalho prático. Temos que deixar já do muito falar, do muito escrever e de ficarmos em casa. Neste momento, e especialmente na Espanha, o trabalho que podemos fazer é enorme. Não vamos perder tempo ou energia em discussões ociosas. Peço a todos os irmãos espanhóis e também aos irmãos da América do Sul, para articular nossos esforços mais ainda, para que os resultados deste Congresso sejam, levar a todas as massas de irmãos nossos que sofrem e lutam, as explicações e consolos das doutrinas espíritas. (Grande aplauso).

Não tenho nada mais a dizer; quando já estamos cansados, não é hora para fazer novos discursos.

Esta noite, a Generalitat nos oferece uma festa folclórica catalã. Amanhã de manhã teremos um grande ato de propaganda pública para expor aos cidadãos de Barcelona as conclusões do Congresso. À tarde, pontualmente às quatro e meia, será realizada a conferência do Dr. Humberto Torres, que tratará do atual estado do Espiritismo. Eu peço a todos os irmãos a maior pontualidade, porque o Dr. Torres faz um grande esforço para comparecer, e precisa pegar o último trem da tarde. À noite, às 10 horas no restaurante de San Sebastián, na Barceloneta, um banquete fraterno de despedida. As pessoas que desejarem participar podem passar pelo secretariado, porque está terminando o prazo para podermos dar o número exato de pessoas presentes no evento».

O Sr. Gelmini: Quero dizer algumas palavras, aproveitando este Congresso, e estarmos todos aqui reunidos. Dedicamos um aplauso e uma lembrança a todos os irmãos que não puderam estar presentes em Barcelona, mas que estão em espírito conosco. Seria bom não nos esquecermos de nossos irmãos, não esquecendo que no espaço há seres que acompanham nossas tarefas, e sem dúvida seus espíritos contribuíram muito para o sucesso deste Congresso que realizamos agora. É por isso que peço a todos um forte aplauso ". (Aplausos)

O Sr. Presidente: "Então, senhoras e senhores, com agradecimentos a todos os presentes, e com agradecimento aos ausentes, e pedindo aos invisíveis para continuarem com sua ajuda, nós terminamos os trabalhos do Congresso. Praticamente, com esta ação, concluímos o trabalho do Congresso desta Assembleia, mas devemos ter em mente que este não é um ponto de chegada, mas um ponto de partida, e que doravante devemos dedicar, se possível, mais esforços ao nosso trabalho em prol dos nossos ideais, em favor dos quais estamos trabalhando, e que nos levam pelo caminho da nossa própria reivindicação, nunca esquecendo a ajuda que por altruísmo devemos a todos os nossos irmãos de humanidade.

As sessões do Congresso, senhoras e senhores, estão terminadas». Um congressista: "Quando será o próximo congresso?"

O Sr. Presidente: "Foi acordado pela Assembleia da Internacional, que ele será realizado em Glasgow (Escócia)."

Outro congressista pede que agradecer à Generalitat pelos atos realizados em homenagem aos congressistas e pela festa que também em homenagem a eles será celebrada hoje à noite no Pueblo Espanhol.

O Sr. Presidente: "O demandante ficará satisfeito, com a advertência de que o secretariado já levou isso em conta."

A sessão foi encerrada às oito e quinze da noite.

Ficava terminada a parte do trabalho. À noite, a Generalitat da Catalunha obsequiou os congressistas com uma festa folclórica catalã, muito interessante.

Dia 9 de setembro

Na parte da manhã, um grande evento de propaganda para apresentar as

conclusões do Congresso ao público.

Falaram o Presidente Professor Asmara, o Vice Presidente M. Forestier, um delegado francês e outro inglês e os delegados sul-americanos, o presidente da F.E.E. e o secretário G. del C. Outro grande afluxo de público que mostrou mais uma vez que existe um verdadeiro interesse em conhecer o Espiritismo.

O magnífico discurso do nosso Presidente Professor Asmara, foi premiado com uma grande ovação, por ter feito uma verdadeira exposição do que é a doutrina espírita e do que a Humanidade pode esperar do Espiritismo.

À tarde, nosso querido amigo Dr. Humberto Torres deu sua palestra anunciada sobre o “Espiritismo na atualidade”. Desta vez, não era mais um local simplesmente cheio. Aos três mil assentos no Palácio das Projeções, várias centenas de cadeiras tiveram que ser adicionadas, e o público também estava de pé, apertando-se para ouvir o maior prestígio do espiritismo hispânico. Tudo estava cheio. Onde havia um espaço vazio, havia alguém ali em pé, já que rapidamente todos os assentos ficaram ocupados. De acordo com afirmações de pessoas que podiam julgar acertadamente, em nenhuma ocasião aquele imenso lugar foi visto tão cheio de gente.

À noite, um animado banquete, a última reunião oficial do Congresso aconteceu no restaurante San Sebastián.

Todas as delegações estrangeiras, um bom número de delegados espanhóis, a Comissão Organizadora do Congresso, o Executivo da Federação Espírita Internacional e os representantes da cidade e da Generalitat da Catalunha reuniram-se em ágape fraterno. Aquele belo salão parecia uma torre de Babel, mas uma torre de Babel onde reinava a cordialidade e a alegria. Ingleses, franceses, suíços, belgas, holandeses, irlandeses, cubanos, porto-riquenhos, argentinos, venezuelanos, espanhóis misturavam suas línguas e uniam seus corações. Na hora dos brindes, falaram: a Sra. Mckenzie e o Sres. Oaten, Forestier, Asmara, Theunisse, Pallás, Van Walt, Harris, Seseras, Esteva Grau, Riviére, Porteiro e Mariotti.

Discursos cheios de emoção, encontro marcado para o próximo

Congresso em Glasgow, entusiasmo, já com um pouco de nostalgia pelos dias que passamos, e assim entre brincadeiras e verdades acabou o banquete. O Congresso Espírita Internacional de Barcelona deixava o presente e estava entrando no passado. Logo mais seria apenas uma lembrança.

Dia 10 de setembro

Último dia do congresso, dia de despedida. Quase todas as delegações estrangeiras já foram embora. Somente nossos irmãos americanos permanecem.

Às dez horas da manhã, centenas de nossos irmãos se encontraram no Parque da Ciudadela, no mesmo lugar em que a intransigência religiosa envergonhou a Espanha inteira, queimando em público Auto de Fé, o primeiro lote de obras espíritas que chegaram à Espanha.

O secretário geral da F.E.E., Juan Torras Serra, e o do Congresso Sr. Jacinto Esteva Grau, explicaram ao público o significado daquele ato, lembrando que, como foi dito em Paris em uma comunicação recebida logo após o Auto de Fé, aqueles lugares que constituíam um opróbrio para Barcelona seriam purificados transformando-se em esplêndidos jardins, um local de lazer e recreação para as pessoas que sempre olhavam com terror as sombrias muralhas da Ciudadela de Barcelona.

Após este ato, a maioria dos participantes foram até o Cemitério do Sudoeste, para fazer uma visita aos túmulos da grande propagandista espírita Amália Domingo Soler e do Presidente Maciá.

Sobre elas foram depositados dois buquês de flores, testemunhando o carinho e o afeto dos espíritas barceloneses.

Esta homenagem póstuma encerrou dignamente o Congresso Espírita Internacional de Barcelona.

CONCLUSÕES DO V CONGRESSO INTERNACIONAL

I

Os objetivos atribuídos a este Congresso na Convocação de agosto de 1933, formada sob os auspícios da Federação Espírita Internacional, são postos em deliberação.

Foi o primeiro desses objetivos, a espinha dorsal de seu programa: "A compilação de sugestões práticas, dedicadas ao mundo profano, para responder às preocupações do atual momento histórico". E em conformidade com o enunciado, o Congresso resolveu por voto unânime:

Intensificar e sistematizar a divulgação da doutrina espírita, nas duas dimensões do seu potencial dialético, a saber:

- Em tudo que se refere a estudo e pesquisa; à densidade e profundidade de seus princípios científicos e filosóficos, como dimensão vertical de nossa propaganda;

- E quanto à maneira de oferecê-los racionalmente àqueles que os discutem, ou os ignoram, ou esperam por eles, para levá-los a uma convicção ativa e frutífera sobre o alcance moral e social que a doutrina tem como instrumento para o progresso da Humanidade. Essa será a dimensão horizontal do esforço projetado.

* * *

Para dar a possível unidade de conjunto a esta divulgação, o Congresso também combina:

- Oferecer a profanos e iniciados uma definição esquemática, porém completa, do que é o Espiritismo, seus propósitos e seus meios, que sirvam de guia para o estudante;

- Confiar a cada Federação Nacional e, em definitiva, ao livre exame, o cuidado de criar um estado de consciência nos homens e nas massas sobre estas projeções da doutrina, através de obras espíritas e ciências afins, conferências, artigos de imprensa, cursos de estudo ou experimentação, sessões mediúnicas, etc.

II

Eis aqui, em sua projeção esquemática, a definição aprovada sobre o Espiritismo integral:

- Esta doutrina visa lançar luz sobre o mistério do ser e do destino, situando racionalmente os problemas que dizem respeito ao Universo. Que somos? Por que vivemos? De onde viemos e para onde estamos indo?

O que é vida e o que é a morte? O que é o universo como palco da vida?

Qual princípio ordenador; que causas ou poderes formaram esse Universo? Quais são as leis que o governam e qual a sua finalidade?

O Espiritismo visa, finalmente, através do Amor e da Ciência, estabelecer uma ordem de verdades sobre todas essas questões.

E partindo dessa ordem, defendemos que os homens imponham-se conscientemente um Código Moral; uma lei social, econômica ou política, generosamente inspirada pelos "valores universais", científicos e filosóficos, que essas verdades contêm.

* * *

Como instrumento para alcançar essas verdades, o Espiritismo é, em primeiro lugar, uma ciência integral que inclui:

- O estudo da alma e suas faculdades normais e paranormais.

- O estudo da possível relação, certamente verdadeira, do mundo visível com o invisível; dos seres que vivem na carne e aqueles que vivem separados dela, após a transição que é chamada de morte.

- O estudo da possibilidade e realidade de que tudo o que existe, de átomos a sóis, é governado ou formado pela atividade de focos energéticos e inteligentes; em resumo, por forças espirituais mais ou menos complexas; com um maior ou menor grau de evolução, agregação ou individualização.

Mas o Espiritismo é também, em razão de seus fins, uma Ciência do universal, enciclopédica, na medida em que precisa aceitar, discutir ou depurar, por meio de processos estritamente científicos, o conhecimento conquistado por qualquer outra ciência relacionada, para formar, em sintonia com elas, a constelação de VERDADES DE FACTO, mãe de nossa

Filosofia positiva: aquela que Geley chamou de científica, muito acertadamente.

* * *

Porque, em grau crescente, o Espiritismo é, por sua própria natureza, uma Filosofia, necessariamente positiva e obrigatoriamente especulativa, que algumas vezes parte dos fatos, e outras, dos motivos da razão para estabelecer nossas VERDADES DE RATIO.

E é também, necessariamente, eclética e sincrética, pelas mesmas razões que foram dadas para a Ciência, em toda a extensão e ao longo da História da Filosofia, constituindo, portanto, uma Epistemologia.

* * *

Por último: O Espiritismo detém a chave da verdade intuitiva e do sentimento religioso inato no homem: daqueles frutos subconscientes, criptestésicos que tomam parte nos problemas do conhecimento, com determinação específica em nosso modo de sentir, pensar ou querer. Essa é a NOSSA VERDADE FIDE, e essa é a fonte oculta da qual a Religião natural flui; aquela que não precisa de templos, nem santos, nem ritos, nem clero, para colocar cada um em ressonância com o Superior; com a Causa Suprema; com o indefinível e augusto Deus do Omnideísmo ou Acrosófia, que é o nosso Deus.

* * *

Dito isto, é importante para o Congresso afirmar que o Espiritismo coloca o homem, como nenhum outro sistema, nas gloriosas rotas do conhecimento. Mais próximo do que ninguém das maravilhosas faculdades do espírito, a única entidade que conhece, e também mais próximo dos mecanismos somático-psicológicos que regulam a função subalterna do conhecimento, marcando caminhos naturais para a experiência, a razão ou a fé.

Estes mecanismos, em suma, que determinam em cada um a sua equação pessoal, "o seu modo de saber" que ninguém é cético ou crédulo, místico ou crítico, genial ou obtuso, porque o quer assim, ou o aprendeu, mas sim

pelos privilégios do espírito e de seu momento evolutivo.

* * *

O espiritismo oferece apenas verdades relativas; sólidas e bem fundamentadas para cada um dos tempos; embora mutável e perfectível no tempo.

FACTO, RATIO e FIDE dão em essência verdades complementares entre si, o que é necessariamente aperfeiçoado ao longo da função do conhecimento.

«Semper ascendens». Nem dogmas nem verdades transmitidas "pessoalmente" pelos deuses. Nossa revelação não é, nesse conceito, divina, mas humana. Porque embora Deus esteja eternamente revelando Sua verdade; embora vivamos submersos e "somos" por causa dela, só podemos ter dela uma noção finita, limitada à nossa possibilidade de cada tempo, necessariamente antropolátrica, ou seja, captada e digerida através de meios humanos, embora esses meios tenham correspondido a homens cimeiros, faróis da Humanidade; mas, em suma, homens, por mais alto que sejam contemplados no mundo da Ciência, da Filosofia ou da Moral.

O Congresso enfatiza esta declaração para combater de agora em diante a sugestão, o fanatismo ou o extravio que cria nas almas simples o mau uso das chamadas "verdades divinas". E oferece, em troca, à consideração do mundo profano, o estímulo das verdades humanas, perfectíveis, que nos dão a cada dia razões para uma superação; aproximando-nos cada vez mais da autêntica verdade divina, por nosso próprio esforço, galgando graus no caminho do Conhecimento e do Bem.

Fundamentos do Espiritismo

O segundo dos objetivos atribuídos ao Congresso foi "A determinação concreta dos princípios doutrinários, científicos, filosóficos e morais, sobre os quais basear as sugestões que desejamos oferecer aos leigos e iniciados".

O Congresso está de acordo em oferecer em primeiro lugar aqueles que o Código da Federação Espírita Internacional consigna, redigidos da

seguinte maneira:

1. Existência de Deus, Inteligência Suprema e primeira causa de todas as coisas.

2. Existência da alma, ligada durante a vida terrestre ao corpo físico por um elemento intermediário chamado perispírito ou corpo fluídico.

3. Imortalidade da alma e sua evolução contínua em direção à perfeição por etapas progressivas.

4. A possibilidade de comunicação, pela mediunidade, entre o mundo visível e invisível, entre os vivos e os mortos.

5. Responsabilidade individual e coletiva entre todos os seres humanos, de acordo com a lei da Causalidade e de justiça retributiva.

CONCLUSÕES DAS SEÇÕES

Seção I. Filosofia

Animismo. O Congresso recomenda o estudo do animismo, não menos do que o da mediunidade, como um meio de penetrar cientificamente no conhecimento da alma e suas faculdades.

Cura Espírita. Em vista da importância universal da mediunidade de cura, o Congresso recomenda o estudo de todos os aspectos desse modo de mediunidade, bem como a depuração de sua prática.

Educação. O Congresso recomenda aos espíritas a educação adequada de crianças e jovens nos ideais espíritas.

Propaganda. Intensificando a propaganda nos termos recomendados, o Congresso recomenda às federações e sociedades a depuração e exame de tudo o que é publicado em material espírita.

Para facilitar as relações entre os espíritas no mundo, o Congresso recomenda o estudo e o uso do esperanto.

Sociologia. Ao simpatizar este Congresso com a tendência observada no fundamento das diferentes ideologias sustentadas para quebrar os velhos moldes e estabelecer um novo estado de coisas mais justo e mais humano, convida todos os espíritas a, dentro de seu escopo de ação, trabalhar na crítica e na reforma da atual organização econômico-social, em busca de

uma melhor distribuição da riqueza produzida.

O Congresso expressa o desejo sincero e urgente de resolver, através de arbitragem, fórmulas transacionais ou sentimentos recíprocos de equidade, todas as questões que os incidentes da vida de relacionamento possam suscitar entre os homens.

A reencarnação. Previsto que existem diferenças, no momento irreduzíveis entre aqueles que consideram a reencarnação como um processo necessário para a Evolução e entre aqueles que acreditam que a Evolução pode ser realizada sem este processo, foi aprovada transacionalmente e como prova de tolerância, a seguinte conclusão:

"Os Espíritas de todo o mundo, reunidos no Congresso, afirmam unanimemente a sobrevivência da personalidade humana depois da morte corporal, considerando-a cientificamente comprovada como fato.

Os espíritas latinos e indianos, representados neste congresso pelos delegados da Bélgica, Brasil, Cuba, Espanha, França, Índia, México, Portugal, Porto Rico, Argentina, Colômbia, Suíça e Venezuela, confirmam a Reencarnação como lei de vida progressiva, segundo a frase de Allan Kardec: "Nascer, morrer, renascer e progredir sempre"; e a aceitam como uma verdade de fato.

Os espíritas não-latinos, representados no Congresso pelos delegados da Inglaterra, Irlanda, Holanda e África do Sul, acreditam que a demonstração não é suficiente para estabelecer a doutrina da Reencarnação formulada por Kardec.

Cada escola, portanto, fica em liberdade para proclamar suas convicções relativas à reencarnação."

* * *

Na sequência, e como prova de que cada ramo deseja estabelecer a questão de maneira leal e cordial em seu devido ponto, este outro acordo foi feito, sob proposta do Sr. Alfredo E. Reynaud, representante da "Constancia", de Buenos Aires:

«O Congresso autoriza a F. S. I, a estabelecer uma Comissão permanente para examinar cuidadosamente o problema da reencarnação, analisar os

documentos que tratam desse assunto e tirar conclusões sobre ele.»

Seção II. Ciência

Perispírito. Espíritas de todo o mundo, reunidos no Congresso, depois de terem estudado os trabalhos apresentados, acham que pessoas competentes devem proceder ao estudo do corpo etérico ou perispírito, considerando que ele dá explicação para muitos fenômenos mediúnicos. Este estudo deve ser realizado usando todos os meios científicos que os laboratórios nos oferecem.

RESUMO GERAL

O V Congresso Espírita Internacional, responde às preocupações deste momento histórico, oferecendo "urbi et orbi" a armadura do Espiritismo integral; a triangulação de uma dialética espírita, bússola e leme que orienta a sociedade para a interpretação espiritualista da História. Acabou de tomar carne e movimento o que pode ser chamado com toda propriedade, "espiritismo dialético".

O Congresso acredita que este é o melhor caminho, talvez o único, para superar o estado de coisas criado pelo materialismo; ou por formas de espiritualismo dogmático, sectário ou fanático e, em última instância, opostas a essas preocupações espirituais, que por essa razão perderam toda a eficácia como freio ou guia da sociedade.

Por vinte séculos está sendo pregado "ama o próximo como a ti mesmo", e ainda o preceito não conseguiu salvar, na vasta maioria dos homens, a distância entre o ouvido e o coração.

É importante que todos nós conheçamos psicologicamente o significado profundo desse fato, para dar-lhe um remédio adequado; e no presente momento histórico, importa mais do que em qualquer outro.

Por estas razões, o Congresso declara que não se pronuncia por um trabalho superficial, de mero proselitismo, mas aspira a remover o "subsolo psíquico" dos povos e dos homens; a provocar um verdadeiro florescimento de ideias e emoções, na medida em que a equação pessoal de cada um permita.

Em conclusão, nossa fórmula é esta: criar um novo estado de consciência

no caminho do Bom, do Belo e do Justo; e conseguir mudar o signo, o ritmo ou o grau dos sérios problemas que abalam o mundo, para que o homem melhore em sua cultura e em sua moral: como sujeito ativo e passivo da História, em toda a policromia da função social.

O Congresso também declara que suas conclusões não constituem uma estação de chegada, mas um ponto de partida para ordenar e infundir no sistema todo o material de preenchimento, a compilação de verdades, de provas e de teorias que até agora são mantidas dispersas em nossas bibliotecas, quando não na inteligência ou no coração das grandes figuras que hoje trabalham direta ou indiretamente na inesgotável fonte onde nossa ideologia é nutrida.

* * *

O Espiritismo dialético acabou de nascer e está começando a andar, como uma promessa para todos os homens de boa vontade.

O Congresso de Barcelona confia à tutela e direção da Federação Espírita Internacional e de todos os grupos federados, o cuidado e a responsabilidade de orientar seus passos em direção ao mundo profano, de acordo com as demandas do momento histórico em cada país onde deva atuar.

Proposições do Congresso

O Congresso toma o acordo de recomendar o estudo dos temas propostos no Programa do mesmo, nascidos à luz do Espiritismo Integral e levando-os às últimas consequências. Só elas podem nos levar a soluções novas, racionais e eficazes em questões tão intimamente ligadas ao momento histórico atual, como as seguintes:

- A paz e a guerra.
- Solidariedade Humana e Fraternidade Universal.
- Lei do Direito e Lei do Dever em problemas econômicos e sociais.
- O Trabalho como único fim da vida e o Trabalho como meio para atingir os fins mais elevados.
- A luta de classes. Egoísmo e altruísmo. Individualismo e Coletivismo.

- Os processos cíclicos na natureza e as Leis de Causalidade e Finalidade.
 - Livre-arbítrio e determinismo.
 - Lei natural da existência e o respeito devido à vida e à consciência.
 - Qualidades inatas; disposições naturais. Capacidade e responsabilidade.
- Etc., etc.

Pro Paz

O Congresso aprovou, em lugar preferencial e por aclamação, uma tese da delegação inglesa em favor da paz, escrita nos seguintes termos:

«O Congresso Espírita Internacional de Barcelona é da opinião de que os desacordos internacionais nunca devem ser resolvidos pela força das armas.

«Como resultado, o Congresso apela a todas as nações para resolverem suas divergências por meio de arbitragem.

»Convida também todas as nações a reduzir seus armamentos, a fim de dar um passo em direção à fraternidade dos povos e à abolição da guerra.»

POSIÇÃO DOUTRINAL DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA ESPANHOLA

Sinopse do Espiritismo Integral

Congresso Internacional de Barcelona - 1934

I

Definição. Princípios e propósitos

1. Pela evolução natural de suas ideias fundamentais e pela concatenação obrigatória com outros ramos do conhecimento, o Espiritismo passou a formar um sistema completo de verdades, de teorias e de conquistas científicas com as quais se pretende escutar o mistério da Vida e da Morte, desvendando os problemas do "ser" e do "existir"; os da realidade, causalidade e finalidade do que é percebido e do que é suposto dentro e fora de nós, no mundo sensível e no mundo intelectual. A doutrina assim concebida, como filosofia propedêutica, sistemática e prática, é denominada "Espiritismo Integral".

2. Com efeito: fundamentalmente, o Espiritismo é uma filosofia ampla e completa, concebida como ciência da Verdade, da Bondade e da Beleza. E é na particularidade do sistema, a partir da Psicologia experimental, a ciência que estuda a comunicação do mundo visível com o invisível; as faculdades normais e paranormais. Para arredondar a definição, cobrindo todas as relações e vínculos do sistema, é importante acrescentar que é uma Epistemologia, na medida em que é considerada "stricto sensu" como Filosofia das Ciências.

3. O Espiritismo não é uma religião; mas remonta-se à fonte de todas as religiões: ele está virtualmente no que a Jerologia chama de seus elementos subjetivos, nesse tipo de tropismo do espírito que, como a planta em alguns dos seus, sempre busca a luz e a altura através de todos os obstáculos. Segundo o Espiritismo, esse impulso, como ato puro, pode tomar depois, através do homem, diferentes formas de manifestação: místicas ou ascéticas, racionais ou naturais. Isso já corresponde aos chamados elementos objetivos; a circunstâncias variáveis, externas ou contingentes, criadas pelo homem e pelo ambiente; às formas de cultura ou rito, de revelação ou de fé, que interessa discriminar ou aflorar em sua verdadeira

natureza, se se quer estabelecer a medida e a função específicas do que pode ser chamado para cada um a "sua" religião e para todos "a" religião...

4. O Espiritismo tem escola própria; sua peculiar noção sobre a existência do espírito e sobre suas faculdades; sobre sua manifestação e sua evolução em todos os reinos da natureza: no mineral, no vegetal e no animal. Além disso, colocando-nos exclusivamente no humano, no que diz respeito à sua função em ordem a conhecimento e volição, qualidades inatas, etc, e, finalmente, quanto às inerências relacionadas à preexistência e sobrevivência, com o conceito de Eternidade do Progresso indefinido, de livre arbítrio e de responsabilidade, de recompensa e punição, etc., etc. Nossa doutrina discorda em muito ou pouco de todas as outras escolas espirituais, seja por questões de natureza, grau ou metodologia. Estabelecer ou raciocinar essas diferenças, determinar quais pontos são negados e quais outros são esclarecidos sob essa nova luz, é outro dos objetivos do Espiritismo integral.

5. O Espiritismo integral considera-se no caso de proclamar, como base de doutrina neste momento de sua história:

A. A realidade de uma Causa Suprema, Poder ordenador, Autor de toda lei e raiz de todo "ser": Deus, Único Absoluto, em si mesmo Infalível e apenas parcialmente cognoscível através de sua manifestação, que é o Universo.

B. A Fé no espírito e em que o espírito tudo governa como faísca que emana daquela Primeira Causa; como foco energético e inteligente, superdotado de faculdades, já latentes, já em potência, já em função, para criar normas ou ideias, para perceber e reagir no meio ou contra o meio, tanto no plano da matéria como fora dela e do espaço tridimensional.

C. A existência do perispírito, fotosfera, arquivo e instrumento do Espírito, com os quais forma um complexo inseparável chamado alma, entidade perfectível ao infinito, apta para formar nosso corpo, conservá-lo e governá-lo, e para ganhar experiência ou grau, em função ativa, passiva ou neutra, de acordo com as circunstâncias de lugar ou de tempo, de necessidade e de possibilidade, como sujeito, agente ou suporte de nossa vida psíquica e somática; para as faculdades normais e as paranormais.

D. A eternidade da Vida e a sucessão das existências, como meio pelo

qual o espírito pode se realizar e evoluir de menor a maior perfeição nas múltiplas manifestações de sua potencialidade. Nascer, morrer, nascer de novo e progredir sempre: tal é a Lei.

E. A comunicação possível entre os homens e os espíritos, entendendo por homens os seres com raciocínio que povoam os mundos, constituindo sua humanidade visível; e por espíritos esses mesmos seres com raciocínio que, por estarem em outra fase do viver, não integram humanidades visíveis.

F. A pluralidade de mundos habitáveis ou habitados e o progresso indefinido através deles.

G. A solidariedade universal, quanto às causas e fins, no imanente e no transcendente; e à fraternidade humana, como consequência dessa solidariedade.

6. O Espiritismo não impõe a crença; convida ao estudo. Nem considera seus postulados intangíveis nem estabelece dogmas. Pelo contrário, proclama o exame livre; e se for demonstrado que está errado em algum momento, ele se renderá ao imperativo de toda verdade feita evidência, para evoluir com ela, adaptando-se à realidade histórica de cada momento, e à sucessão dos novos problemas que vão sendo apresentados ao conhecimento. Mais alto do que o interesse das escolas, mais alto do que as teorias ou sistemas, há uma coisa que deve triunfar e prevalecer sempre: a Verdade.

7. Quanto aos fins, o Espiritismo integral aspira a que os homens imponham conscientemente um Código Moral, uma lei de convivência social que, tendo em sua base verdades bem fundadas, valores universais, venha a constituir uma ferramenta eficiente para o progresso da Humanidade; como uma superação do homem no caminho do Bom, do Belo e do justo.

8. O nosso lema é: «Semper Ascendens». Nosso símbolo, um X que lança suas flechas em todas as direções, tentando explorar todos os horizontes: cá embaixo na Terra, e lá em cima, na infinita profundidade do céu. Um X que representa o grande segredo: a incógnita que nos espera ao longo do tempo; por trás de toda verdade conhecida, por trás de cada fase de nosso progresso, indefinidamente, como suposto que tem a eternidade como

cenário.

9. O Espiritismo integral vem coroar a obra dos precursores e paladinos. Depura o passado, consagra o presente e prepara um futuro melhor. Em face desse futuro, nossa doutrina diz ao estudante.

II

Metodologia, Gnoseologia e Crítica

Viva sua vida intensamente, em plena consciência; e oriente-se nela, como capitão do seu navio, pelas rotas do Conhecimento e do Bem.

Primeiro viver e depois filosofar, para o estágio puramente biológico, para as funções de percepção e organização; mas nos estágios mais elevados, para as funções específicas da inteligência e da volição, quem não filosofa não vive: ele passa pela vida como um autômato ou como um sonâmbulo.

Conhecimento integral: pela inteligência e pelo coração. Poucas ou muitas, boas ou más, o coração tem razões que são impostas à Razão; e não será saudável negá-las ou segui-las sem conhecê-las.

Inteligência e sentimento são, afinal, poderes bifurcados do mesmo tronco.

Mas eles não residem no cérebro ou no coração, embora existam escolas que glorificaram esses órgãos. Nem o cérebro segrega o pensamento, nem existe uma maneira de o coração sentir. O que você pensa e sente é próximo deles. Logo mais o veremos.

No princípio, foi para o homem a ignorância e o mal, embora ele vivesse e ainda continue vivendo, no Bem e na Sabedoria. Questão de órgãos de percepção: como naquele que nega a luz porque ele é cego; ou como quem a define apenas pelo que capta dela.

O mal não existe como poder diante do bem, mas como forma ou produto da ignorância; ou como valorização subjetiva do homem; ou como a dor imposta por quem pode, para alcançar um fim. Mas a dor não é o mal.

A lei do progresso nos redime, grau a grau, desenvolvendo inteligência e sentimento. Assim vamos vencendo o mal e descobrindo ou criando quantidades crescentes de bem. A Sabedoria, como o Universo, aumenta

para nós indefinidamente; e em uma relação constante, aumenta com ela o sentimento de Bondade, Beleza e justiça, todos eles consubstanciais com a Verdade.

Retrocessos, remansos e eclipses não importam. São meros acidentes, curvas de reação ou formas incompletas de sabedoria que, quando atingem a maturidade, acabam confirmando a regra.

É por isso que o mandamento é claro: "Sempre à frente" e "Semper ascendens". Que a capacidade de um homem ou de um povo para essa redenção não é medida pela quantidade de sabedoria ou bondade que eles guardam entesourada, mas pela que entra em circulação; por aquela que se incrementa e produz a cada dia; por aquela que se traduz em cultura viva real e dinâmica, para cada cidadão.

Busquem resolutamente o concerto e a interação entre as verdades teóricas e as práticas: as de fato, as da razão e as da intuição. E aprendam a dar a cada uma o seu valor.

Que se o fim da teoria é a verdade, o fim da verdade é a ação; e essa, por sua vez, criando novos problemas para o conhecimento, nos reconduz a outras teorias, a novos estágios da verdade, indefinidamente, em ciclos sucessivos, cujo fim remoto e inatingível é a Verdade Absoluta, cuja causa primeira é uma verdade relativa e cujo efeito imediato é a superação, confirmação ou retificação dessa verdade, como fonte de uma nova ação.

Esses ciclos devem ser considerados, por sua vez, no estágio atual da personalidade e nas etapas anteriores; em múltiplas manifestações do mesmo "ser" formando uma personalidade diferente. De modo que, em ordem ao conhecimento, a ação de hoje tem raízes nas personalidades de ontem, como terá consequências sobre as personalidades de amanhã. Nossas qualidades ou disposições inatas, as verdades que sabemos ou sentimos, sem tê-las aprendido no estágio atual, dependem necessariamente de ações vividas em etapas anteriores, na memória integral que é experiência intelectualizada, verdade vivida ou realizada em um passado mais ou menos remoto. Daí resulta que os ciclos de interdependência entre verdade e ação são anteriores, superiores e subsequentes ao homem atual, confirmando todo ou parte desse aforismo: "Não há nada no intelecto que não tenha passado pelos sentidos".

Mas o tom e o ritmo da ação, sua eficácia ou sua transcendência, também são determinados, entre outros fatores, pela noção concreta que os homens têm da Verdade externa e pelo valor pós-eficiente dessa verdade.

Cuidado com as verdades que circulam fraudulentamente com um selo falso ou com muita mistura, no mercado de ideias e crenças. Como no mito da Torre de Babel, colocaram uma séria confusão entre o povo. Então neste momento histórico Deus, Religião, Moral, Sociologia, Livre arbítrio, Responsabilidade. Não discuta, afirme ou negue, sobre qualquer um deles, sem definir primeiro. Sem estar de acordo com o seu interlocutor sobre o valor dado especificamente à palavra sem tópicos, preconceitos ou anfibologias. Vamos terminar de uma vez com a letra que mata, com as palavras que são como máscara da consciência, e vamos colocar em jogo livre o espírito que as anima. A verdade que está nas palavras irá passar: a que está no espírito das coisas é eterna.

É melhor rejeitar cem verdades do que aceitar uma única mentira, nos diz um precursor. Mas, como o erro é condição inerente ao humano, não é tão grave cair como perseverar, ficar estagnado em seu domínio.

Que a inquietação do conhecimento não falte ao homem; o pequeno fermento da dúvida, o dinamismo da ação persistente ou consciente..., e cada vez que cair no erro, irá sair glorificado com uma experiência que o levará à verdade.

Conhece-te a ti mesmo como indivíduo e como célula da Humanidade; que esse conhecimento somente é útil e completo para aqueles que sabem olhar para dentro de si mesmos e contemplar-se, de fora, através de seus semelhantes: no final de um sistema de verdades ou experiências, em que nossa crença é apenas uma fração; elemento que subtrai ou adiciona, mas não fator absoluto. Exceto entre os egoístas, ou para os fanáticos.

No princípio do conhecimento está o homem como sujeito ativo ou passivo: gravitando passivamente na órbita dos grandes problemas do "ser" ou do "existir", ou movendo-se ao impulso do verbo e da ação.

O espírito criou, impulsionado por sua necessidade, os órgãos para conhecer, que estão no homem; e aspira a chegar com esses órgãos ao âmago das coisas que estão dentro e fora do homem; para investigar o mistério dessas palavras-chave: Deus e o Universo, Vida e Morte, espírito e

matéria, causas e fins.

A TEORIA ESPÍRITA NOS POVOS LATINOS E ANGLOSAXÕES

pelo Dr. Humberto Torres

Desde que em Hydesville, uma pequena cidade no estado de Nova York, no domicílio da família Fox, ocorreram estranhos eventos que chamaram a atenção dos estudiosos da época, já passou quase um século. O Espiritismo nasceu com eles e, nesses oitenta e oito anos, o desenvolvimento adquirido por essa teoria é tal que se estende a todos os povos do globo, onde cada um deles possui uma massa impressionante de adeptos e simpatizantes.

Dois grandes povos, a França e a Grã-Bretanha, polarizaram o movimento espírita. É verdade que a Itália tem em seus ativos os nomes de Lombroso e Luciani e a admirável figura de Bozzano. Nós todos sabemos que a Alemanha, em 1877, contribuiu com as famosas experiências que com o médium Slade praticou o grande físico Zöllner e que atualmente tem em Driesch um expoente de valor internacional indiscutível. Mas nenhum país pode dar, como a França, uma lista de nomes como: Kardec, Denis, Delanne, Flammarion, Rochas, Vesme, Geley, Boirac e Maxwell, exceto a Inglaterra, que pode apresentar esta outra: Crookes, Moses, Sidgwick, Gurney, Myers, Crawford, Barrett, Lodge e Wallace.

Cada uma dessas duas nações tem momentos culminantes na história do movimento espírita. À França corresponde a honra de ter formulado, em 1857, com a publicação de "O Livro dos Espíritos" por Allan Kardec, a sistematização dessa doutrina que o próprio Richet não hesita em descrever como "síntese grandiosa e homogênea, repousando sobre uma imponente massa de fatos".

Esta doutrina, completada mais tarde em outras obras do mesmo autor, continuou a se espalhar sem interrupção através da "Revue Spirite", fundada em 1858 pelo próprio Kardec. As datas memoráveis são, igualmente, a de 1911, na qual Rochas testa experimentalmente a regressão da memória em um estado de hipnose e a exteriorização da sensibilidade e da motilidade; e a de 1920, na qual, sob a direção luminosa

de Geley, foi fundado o "Instituto Metapsíquico Internacional", que Briand, Ministro do Interior, declarou de utilidade pública.

Mas já desde a primeira hora, a contribuição da Inglaterra também foi de valor decisivo. É em 1869 que, após uma pesquisa impecável e rigorosa, a "Sociedade Dialética" de Londres, a mais alta autoridade da ciência oficial da época, declara a realidade dos fatos da telecinesia e da teleplastia. É no período de 1870-74 que William Crookes dá a conhecer suas experiências de fenômenos físicos com Douglas Home, e os de materialização completa do fantasma de Katie-King, experimentando com Florence Cook, experiências sobre as quais, vinte e quatro anos depois o grande sábio declarava em um congresso científico internacional, que ele não tinha nada do que se desdizer.

É em 1882 que se funda a « Society for Psychical Research », com a divisa de « acumular fatos e experiências sobre os quais estabelecer uma convicção », divisa fielmente servida nos 32 volumes publicados, que constituem um monumento de probidade moral e de crítica científica, ao mesmo tempo que fonte inesgotável, onde é indispensável ir sempre que se trata de estudar seriamente os fatos que constituem o fundamento da hipótese espírita.

Atualmente, a hipótese espírita atingiu sua maior idade. É um ramo das ciências da natureza e, como todas elas, em constante evolução de aprimoramento. Em suas linhas gerais, já está definitivamente constituída. É uma ciência, dissemos; mas sem ser uma religião ou uma moral, tem, como acontece com as verdades científicas de toda ordem, derivações inevitáveis desse caráter.

No Espiritismo ocorre como em todos os ramos do conhecimento humano, que dentro do "corpus" fundamental universalmente admitido, aparecem variantes teóricas de interpretação que respondem ao que poderíamos chamar de "gênio nacional", peculiar a cada povo. Esse é precisamente o caráter da ciência, que a separa dos credos fechados e inabaláveis das religiões positivas. O que acontece na Medicina, na Química, na História ou na Botânica, é natural que ocorra igualmente em uma nova ciência como a que está implícita nos fatos do Espiritismo.

Não encontraremos, então, diferenças essenciais entre o Espiritismo

Latino e o anglo-saxão em relação à ideia de Deus, da alma, da comunicação mediúnica ou do progresso indefinido do ser. Apenas em um ponto de importância aparece o desacordo: em relação à Reencarnação, geralmente admitida pelos latinos e muito discutida ou negada pelos ingleses. O desacordo é muito antigo e não parece que nenhum queira ceder. Então: esse fato foi aproveitado pelos desafiadores da teoria espírita para oferecê-lo como muito vulnerável. E como a questão tem um interesse inegável, vamos dedicar a ela um breve comentário.

Que durante a vida terrena não exista acordo sobre este ponto entre latinos e anglo-saxões, não tem a menor importância, na medida em que é perfeitamente discutível. A teoria evolucionista não deixa de ser certa, apesar das diferenças de apreciação de seus defensores sobre o valor de certos fatos sobre os quais ela se apoia. Não mais entre espiritualistas de um ramo e outro, mas entre aqueles de apenas um deles e mesmo entre os membros do mesmo círculo de estudos psicológicos, não existe acordo completo, provavelmente, com relação à utilidade da oração ou dos limites das faculdades subconscientes, ou sobre a autenticidade de um caso de identificação "post-mortem". Mas o que realmente tem importância, pelo menos aparentemente e à primeira vista, é que, não mais em vida, mas do "Além", os que se dizem espíritos comunicantes continuem negando a Reencarnação se são ingleses, e a afirmam se são latinos. Como essa contradição é possível? perguntam os oponentes da hipótese espírita. É compreensível que "aqui" não exista acordo, porque nos faltam provas indiscutíveis, mas não se concebe que "lá" subsista o desacordo. Esta constatação é suficiente – acrescentam eles – para pôr em dúvida, pelo menos, a realidade de todas as pretensas comunicações dos falecidos. Este argumento impressionante foi formulado em 1909 com toda sua força por um homem de grande autoridade, Enrique Morselli, em sua magna obra "Psicologia e Espiritismo", na qual formulou seus famosos dez pontos impugnatórios com os que pretendia derrubar para sempre a hipótese espírita. E dos dez, a referência ao processo reencarnacionista que os espíritas têm proposto, é aquele ao que atribui o maior valor. É verdade que, como afirma Morselli, os espíritos dos anglo-saxões em seus ditames espirituais sistematicamente negam a Reencarnação? Não, não é verdade,

mas pelo contrário. Quando o trabalho acima mencionado de Morselli foi publicado, Bozzano fez dele uma crítica tão forte que dos famosos dez pontos de impugnação nada restou. Referindo-se especificamente ao assunto que estamos examinando, Bozzano foi capaz de fornecer a prova decisiva de que a Reencarnação, não só não é negada na Inglaterra pelos espíritos que se comunicam, mas é resolutamente afirmada. E para provar isso, ele cita as obras mais importantes que apareceram na Inglaterra naqueles últimos anos, nas quais as mensagens espirituais estão contidas, e são as seguintes:

«Spirit teachings», de William Stainton Moses. «Letters from Julia», de William Stead.

«Automatic or spirit writing», de Sarah Underwood. «Letters from the next world», de Russell-Davies. «Letters from a living dead man», de Elsa Barker.

Pois bem, em todas essas séries de comunicados obtidos pelo processo dos médiuns anglo-saxões, a hipótese reencarnacionista é afirmada. E para que nossos leitores possam ver até que ponto o que dizemos é verdade, vamos copiar, do último dos livros mencionados, algumas manifestações do espírito sedicente comunicante:

"Você deveria se liberar da ideia de considerar a atual existência encarnada como a única de tal natureza."

"Aqui onde estou, há muitos espíritos que ignoram completamente a lei do ritmo que os forçará, um dia, a reencarnar na Terra."

"Propus-me a seguir de perto minhas vidas passadas e assimilar o que aprendi nelas e sintetizar as experiências realizadas até o presente, a fim de transportar grande parte da minha experiência na nova encarnação."

A objeção de Morselli é assim destruída. O que é certo é que, enquanto nos países latinos, em vida, os espíritas aceitam a Reencarnação, na Inglaterra, por uma aversão de raça difícil de explicar, eles geralmente não a admitem. Essa aversão de raça é tão forte que muitos médiuns ingleses relutam em transmitir mensagens que tendem a afirmar a Reencarnação, uma resistência que não pode deixar de influenciar poderosamente os espíritos que se comunicam, produzindo interferências subconscientes e sugestivas no ato de comunicação, o que não deve surpreender ninguém

que saiba um pouco sobre o mecanismo da mediunidade. E como as ideias e tendências da alma encarnada não são tão facilmente alteradas pela morte do corpo, elas nos acompanham no "Além". E se os espíritos anglo-saxões, em sua maior parte, respondem negativamente ao tema da reencarnação, isso deve ser atribuído, como diz Bozzano, ao fato de que no mundo dos vivos eles já compartilhavam essa animosidade e respondiam de acordo com suas tendências, que, por seu indiscutível poder autossugestivo, bloqueiam os modos de introspecção que são indispensáveis para reafirmar as existências passadas, atuando como fator de inibição. Ao contrário, a ausência de preconceito favorece a visão retrospectiva de nossas vidas passadas, e é uma prova disso a seguinte manifestação de uma das entidades comunicantes dos livros a que nos referimos anteriormente: "Fiz descobertas maravilhosas no arquivo de minha alma e veio a mim a lembrança de todo o meu passado, até tempos incrivelmente remotos".

A esse respeito, Bozzano faz uma comparação engenhosa. Suponhamos, diz ele - que os habitantes do planeta Marte, com o propósito de saber se no planeta Terra há habitantes, e se é possível se comunicar com eles por telegrafia sem fio, põem um radiograma, nos perguntando se acreditamos em Deus e na alma. Se um dos radiogramas é recebido pelo Santo Padre, a resposta será afirmativa, mas se outra for recebida por um materialista, a resposta será negativa. Diante dessa contradição, segundo a lógica de Morselli, os habitantes de Marte teriam que questionar ou negar a existência de habitantes na Terra e a possibilidade de se comunicar para eles pela telegrafia sem fio. Mas a boa lógica nos permite essa outra interpretação: que entre os habitantes da Terra não há unanimidade sobre essas coisas. O mesmo acontece na vida do espaço em torno do problema da Reencarnação.

Este assunto é completamente discutível, e o fato de latinos e anglo-saxões o apreciarem de maneira diferente, não diz nada contra o Espiritismo ou menos contra a realidade da comunicação com os falecidos. Fortes razões de caráter filosófico e moral fazem com que os latinos aceitem a Reencarnação; mas se sobre este assunto a unanimidade deve recair algum dia, não deve ser por razões desta natureza. Ela deve ser

imposta pelos fatos. Os frequentes casos de lembrança, no estado de vigília, de vidas passadas; as reencarnações anunciadas com antecedência, e a lembrança de existências anteriores durante o sonho hipnótico à possessão espiritual, devem constituir a base de uma crença firme. Enquanto isso, respeito absoluto por cada modo de pensar, e trabalho constante de uns e outros em defesa do ideal espírita, que é tão necessário em nossa época para a regeneração moral.

Dr. Humberto Torres

CONFERÊNCIAS

ESPÍRITAS

Sr. Enrique Calvet, doutor em Ciências, professor da Escola Industrial de Tarrassa; de

Sr. Salvador Molina, engenheiro, representante da Associação Espírita Hispano-americana de Nova York, das Federações Espíritas de Cuba e México; e do

Doutor Humberto Torres, deputado no Parlamento catalão, presidente do Comitê Consultivo da F. E. E. e membro honorário do Congresso.

Conferência do Dr. Enrique Calvet, professor da Escola Industrial de Tarrasa. - Métodos modernos na experimentação científica dos fenômenos paranormais

Preside o ato o professor Asmara, que pronuncia as seguintes palavras:

"Senhoras e Senhores, Estamos aqui esta noite para continuar as tarefas do V Congresso de Espiritismo Internacional.

Como disse ontem, o Espiritismo é um sistema integral de espiritualidades, é o conhecimento da vida e de suas coisas, dos problemas da vida e da morte, por via de **facto**, de **ratio** e de **fide**; é o conhecimento, com todas as suas consequências, de seus valores positivos e valores relativos por filosofia particular ou espetacularmente e, finalmente, por verdade intuitiva, por aquela verdade que brota do "sancta sanctorum", como uma coisa do nosso próprio espírito e que vai dentro de cada um, de acordo com sua educação pessoal.

Começamos com uma conferência que irá nos falar na linguagem dos fatos, na linguagem da Ciência. Nosso querido amigo e professor da Escola Industrial e de Engenharia de Tarrasa, doutor Enrique Calvet, vai falar sobre «Métodos modernos na experimentação científica dos fenômenos paranormais».

Os métodos modernos na experimentação científica dos fenômenos paranormais reafirmam o que dissemos ontem, que a Ciência servirá primeiro para traçar um caminho na pesquisa, para traçar o caminho que nos leva a passar do fato da hipótese para a demonstração, isto é, marcar a maneira pela qual um assunto vivo e específico deve ser tratado, o qual requer condições adequadas para se adaptar à experimentação, e que muitas vezes não responde à bagagem científica com a qual alguns senhores vêm, procedentes de suas disciplinas, pretendendo encontrar a verdade de acordo com seu próprio motivo, de acordo com sua própria experiência.

Em suma, descobriremos que, para adotar o sistema científico apropriado, é necessário submeter-se às regras científicas, à natureza específica, ou em outro aspecto: não apenas nos enviam algumas regras

para nossa experimentação, mas também nos servem para poder sabermos pela via legal qual é o conceito científico. É, então, da maior importância que seja dita esta noite por voz autorizada e que possa ser dita do nosso ponto de vista, do ponto de vista imparcial, alguma coisa sobre os métodos modernos na experimentação científica dos fenômenos paranormais.

Com estas palavras de apresentação, tenho a honra de conceder a palavra ao nosso querido amigo Dr. Enrique Calvet, para desenvolver o tema da sua conferência. »

O doutor Enrique Calvet:

«Senhoras e senhores: Em primeiro lugar, devo fazer uma pequena observação. Eu teria dado a conferência esta noite em catalão, uma língua em que me expresso bem melhor do que em espanhol, mas tendo em conta a série de pessoas estrangeiras que estão atualmente na sala e que são mais versados no idioma castelhano do que no catalão, em atenção a essas pessoas, esta noite irei dar a conferência em castelhano.

Toda a minha vida dediquei-me aos estudos de Física e Química. Quando comecei minhas primeiras investigações e meus primeiros experimentos, lembro que uma pessoa, um amigo da minha família, perguntou a um meu parente próximo ao que eu me dedicava. Meu parente, que era profano em estudos científicos, respondeu o seguinte: "Ele faz trovões e relâmpagos e muda a cor das águas". Esse era o conceito que meu parente tinha das ciências físicas e químicas.

Mais tarde, quando a radiocomunicação despertou entusiasmo em todas as multidões, quando em Barcelona ocorreram as primeiras manifestações da mesma, quando não existia a radiotelefonía, e os amadores dedicavam-se apenas a escutar os sinais horários da Torre Eiffel e as emitidas de Nauen, a estação alemã do Mar do Norte, lembro que dei uma conferência pública em um lugar em Barcelona, onde os aparelhos responderam perfeitamente, sem antena exterior, e onde, com apenas um quadro colocado ao lado do receptor que eu havia preparado, os sinais daquelas emissoras de radiocomunicação puderam ser ouvidos perfeitamente, em voz alta. No final da conferência e depois dos habituais

parabéns, um indivíduo aproximou-se da mesa onde eu estava e, olhando para os lados com certo receio, disse: “Muito bem; estou satisfeito com esta conferência que me agradou extremamente; mas, uma vez que estamos sozinhos e ninguém pode nos ouvir, você vai me dizer onde está escondido o gramofone?”

Foi impossível fazê-lo entender que não havia gramofone de nenhum tipo. Tive que separar a mesa e, para convencê-lo de que ele não existia, mostrei-lhe o lugar onde ele supunha que eu havia escondido o aparelho. Depois de verificar com os próprios olhos que não havia nenhum fio que levasse uma comunicação do exterior para o palco e que o que eu disse não deixava margem para dúvidas, aquela pessoa não saiu satisfeita. Como ele não podia me pegar "in fraganti", como pensava, ficou com a suspeita de que fora feito algum truque ou jogo de mãos, que ele não tinha sido capaz de decifrar. Possivelmente essa pessoa, ao longo dos anos, viu que a radiotelegrafia era uma coisa real e que a transmissão da palavra e da música não era um jogo de mãos como ele acreditava.

O mesmo acontece nos fenômenos espíritas. Geralmente, a grande maioria das pessoas que ouviram falar de fenômenos paranormais, dos fenômenos do além, dos fenômenos do Espiritismo (o nome não faz a coisa), perguntam-se se nos experimentos espíritas haverá alguma fraude oculta, porque o conceito que essas pessoas têm dos espíritas é que são meio malucos, para não dizer loucos, que se divertem fazendo mesas e outros objetos dançarem, acreditando que eles se comunicam com seus avós ou seus tios, já falecidos. É assim que eles tentam esconder sua ignorância sobre fenômenos e ideias que nunca se dedicaram a comprovar ou estudar.

Mas a ignorância é ousada e muitas vezes podemos ver que, justamente aqueles que mais falam, são aqueles que menos conhecem ou que sabem menos. Geralmente, quem entende de uma determinada coisa, fica bem mais calado do que aquele que não sabe, porque muitas vezes guarda ou retém sua opinião, porque conhece as dificuldades que existem para conseguir entendê-la com alguma profundidade.

Uma das principais causas da ignorância nos assuntos espíritas é o medo do desconhecido. Em geral, o problema da vida e da morte é muito sério

para aqueles que não estão acostumados à meditação nesse assunto. Aqueles que não se familiarizaram, por assim dizer, com esse problema, sentem-se oprimidos por um tipo de medo ou aversão aos fenômenos que outros lhes explicam, de manifestações espíritas; e rejeitam até ao fundo de seu subconsciente qualquer ideia que os faça pensar sobre a existência de outra vida e a possibilidade de que as pessoas de sua família ou seus amigos possam continuar a existir, mesmo em outro estágio ou em outro plano.

Além disso, as relações da vasta maioria dos homens com o Ser Supremo são geralmente caracterizadas não pelo amor, mas pelo medo de possíveis punições. Portanto, em geral, eles desejam apenas estar bem com Ele, para o caso de, após esta vida, possam se condenar e sofrer eternamente. E então, para o caso de o que seus representantes explicam a eles ser verdade, realizam uma série de práticas religiosas, que aqueles ordenam, sem se preocuparem em analisá-las e entender seu propósito ou significado.

O nosso país é caracterizado pela absoluta falta de conhecimento em assuntos religiosos, e a grande maioria das pessoas não chegou a ler a Bíblia, nem mesmo os Evangelhos, muito menos conhecer as vidas e obras dos grandes homens das religiões orientais. Aqueles que se encontram nessa ignorância não sabem que todas as religiões, sejam elas quais forem, "estão cheias de comunicações espíritas", estão cheias de referências, verificações, conversas e inspirações entre os indivíduos deste mundo e os do outro. Todos os representantes das religiões falam de manifestações espíritas e todas as religiões ensinam que esta vida não é mais que um trânsito para alcançar outra vida melhor. No entanto, aqueles que ignoram a essência da religião, apesar de se chamarem religiosos, zombam ou riem quando lhes dizem que existe ou pelo menos que pode haver uma possibilidade de estabelecer contato com os seres espirituais, cuja existência real lhes assegura a sua religião.

E é que eles, no fundo de suas consciências, prefeririam que não existissem, pois, em sua ignorância, sentem uma espécie de temor supersticioso, daqueles que desapareceram desta vida. Também evitam

conversas sobre os fenômenos espíritas, porque têm medo do que pode lhes acontecer depois desta vida e prefeririam, se possível, sua permanência indefinida em nosso mundo.

Os fenômenos espíritas não são fenômenos que podem ser produzidos à vontade ou obtidos de qualquer forma, mas requerem certas condições especiais. É nisso que se baseiam aqueles que afirmam negá-los por não os terem presenciado, não dando crédito às declarações de tantos homens da ciência e tantas pessoas cuja veracidade não oferece a menor dúvida. Por outro lado, aqueles que negam os fenômenos espíritas, acreditam nos homens científicos quando expõem alguma teoria ou hipótese sobre outros tipos de fenômenos, às vezes mais complicados e menos acessíveis às suas inteligências.

A ciência atual admite, no entanto, esse tipo de fenômenos, porque eles foram testados várias vezes em condições indubitáveis e rodeados de todas as garantias possíveis. Poderá discordar sobre a interpretação da causa que os produz; mas ninguém, que age de boa fé e prescinde de preocupações ou dogmas religiosos poderá negá-los na atualidade.

A radiação de diferentes comprimentos de onda é um dos procedimentos que melhor se presta à verificação da existência de fenômenos espíritas, que podem ser aproveitados para obter vários efeitos de controle. E como falamos sobre radiação, nos experimentos que realizei até hoje, pude verificar perfeitamente a influência que as diferentes radiações do espectro têm nas manifestações espíritas. Em geral, a radiação de longo comprimento de onda não os influencia, mas influencia muito aqueles de onda curta. Isto não tem nada de surpreendente, porque nas ciências físicas e químicas existem numerosos casos em que as radiações luminosas caloríficas ou químicas favorecem ou prejudicam diversos tipos de fenômenos.

Nós todos sabemos que para carregar o chassi da câmera fotográfica devemos operar com luz vermelha, isto é, com radiações luminosas de longo comprimento de onda e que as placas sensíveis não podem ser expostas impunemente à luz comum, muito menos à radiação ultravioleta, mesmo que estas sejam invisíveis para nós. Há também muitos fenômenos

que são favorecidos pela ação da luz: misturando um volume de cloro com outro de hidrogênio, nada acontece no escuro, mas apenas lhes dá um raio de sol, a combinação da mistura acontece com a explosão.

Não é, portanto, estranho que as manifestações espíritas precisem, como já dissemos, ser realizadas com radiação de longo comprimento de onda, isto é, com raios vermelhos e infravermelhos, cuja energia é escassa se comparada às demais; mas isso não é importante, pois existem vários dispositivos registradores que podem revelar sua presença. Uma das disposições que melhor se presta ao controle do movimento dos objetos, sem qualquer contato aparente, é colocar o objeto que deve ser movido durante a sessão, sobre uma mesa colocada no centro da sala e a uma distância segura dos participantes. O objeto fica submetido a radiações infravermelhas procedentes de dispositivos colocados em locais apropriados na sala onde as experiências são feitas e organizados de tal forma que, enquanto o objeto está colocado sobre a mesa, nada se manifesta, porque intercepta o feixe de radiações. Mas assim que muda de localização, deixa a passagem livre para as radiações infravermelhas que sobre ele se interceptavam, e elas incidem sobre os dispositivos elétricos conectados com lâmpadas de magnésio e máquinas fotográficas, que executam uma foto instantânea no momento da produção do fenômeno. Sob essas condições, nenhuma fraude é possível, e se alguém movesse o objeto direta ou indiretamente por algum procedimento material, ele seria irremediavelmente registrado. Assim, foi possível verificar, sem qualquer dúvida, o fenômeno do movimento de objetos sem a intervenção dos assistentes à sessão, algo que antes era negado por aqueles que não haviam presenciado esse tipo de fenômenos, que atribuíam às fraudes dos médiuns ou de pessoas com eles combinadas, ou à sugestão nos participantes das sessões.

De qualquer forma, o fenômeno espírita costuma ser dificultoso, porque nunca é produzido pela vontade dos assistentes, mas onde parece sempre atuar a existência de uma vontade à parte. Além disso, requer uma série de condições para poder ser produzido, o que é uma garantia de sua realidade, pois, se fossem fraudulentos, eles ocorreriam sempre e em todas as

circunstâncias.

É por isso que a ciência que poderíamos chamar de "oficial" nem sempre aceita fenômenos espíritas, já que houve muitos casos em que, quando se tentou controlar o fenômeno, ele parou de ocorrer, porque alguma das circunstâncias essenciais para a sua verificação deixaram de existir, embora, por enquanto, não tenham sido averiguadas.

E é que, como dissemos antes, além da vontade dos presentes, parece sempre haver uma vontade à parte, que cede ou não aos desejos daqueles que experimentam. Portanto, da não produção de um fenômeno espírita em determinadas circunstâncias, não pode ser inferido, em boa lógica, a inexistência dele, quando tantas outras vezes tenha ocorrido. Procedendo assim, agiríamos como aquele professor ateu, que conheci anos atrás, que, para demonstrar a inexistência de Deus, dizia em sua cátedra: "Se é verdade que Deus existe, faça o teto cair neste momento". Naturalmente, o teto não caía, e o bom professor deduzia daí a inexistência de Deus.

Uma das condições essenciais para que o fenômeno espírita ocorra é a sintonia moral entre as pessoas que participam da sessão: é necessário, por assim dizer, para estabelecer uma comparação física, que os participantes estejam em ressonância com os fenômenos que se vão produzir, da mesma forma que não é suficiente ter um rádio com as lâmpadas acesas para ouvir um concerto, mas é necessário mover o condensador e colocar o dispositivo nas condições de ressonância adequadas para que ele se ajuste ao comprimento de onda preciso. Sem essa sintonia, sem essa ressonância, é inútil esperar manifestações ou fenômenos espíritas, porque estes não dependem somente da vontade daqueles que se reúnem em sessão, e requerem também a concorrência das circunstâncias necessárias.

Da mesma forma que um aparelho de rádio é necessário para poder ouvir os concertos radiotelefônicos e captar as ondas das diferentes estações emissoras, um receptor é necessário para que ocorram as manifestações espíritas. Este receptor é o "médium"; sem ele não há fenômenos espíritas de nenhum tipo. É necessário, portanto, que em uma reunião de pessoas que desejam estudar esta classe de fenômenos haja pelo menos uma, especialmente constituída, capaz de capturar e transmitir

as manifestações que ocorrem, isto é, que sirva de intermediária entre o espírito e a matéria. Mas o médium, justamente porque representa um ser de especial sensibilidade, com umas qualidades diferentes da maioria das pessoas, é dotado de uma hipersensibilidade muito notável, que resulta no fato de que muitas vezes os fenômenos ocorrem a despeito de si mesmo ou mesmo contra a sua vontade. Quando isso acontece, é uma prova tangível da veracidade deles.

Mas devemos sempre nos precavermos, e adotar todas as disposições contra a fraude consciente ou inconsciente dos médiuns. Tem havido muitos casos de médiuns que tinham certas qualidades para produzir fenômenos de uma certa categoria e que depois de verificar, depois de um certo tempo, que essas qualidades diminuíram, eles quiseram continuar atuando e então recorreram a fraudes, nas quais foram descobertos. Daí foi deduzido por algumas pessoas assistentes a sessões anteriores, que os fenômenos produzidos primeiramente eram também fraudulentos, sem levar em conta que os primeiros poderiam ser verdadeiros e os segundos não.

Além disso, existem fraudes inconscientes, contra as quais devemos nos precaver, se quisermos ter certeza da realidade dos fenômenos testemunhados. Muitas vezes o médium acredita ter uma mediunidade que ele não tem, e age apenas movido pela autossugestão. Outras vezes, o médium pensa de boa fé que pode servir para estabelecer comunicações com seres espirituais e produzir fenômenos diferentes, sem ser verdadeira nem uma coisa nem outra. Não sei se aqueles que me ouvem tiveram a oportunidade de verificar isso; mas a partir dos experimentos que fiz, posso deduzir que a maioria daqueles que dizem ser "médiuns" não têm tal caráter. O médium real e verdadeiro é muito raro e, acima de tudo, é muito difícil encontrar um que possua grandes qualidades; a maioria serve apenas para pequenos experimentos, isto é, para experimentos realizados em reuniões familiares. Mas, para grandes experimentos, para experiências que possam ser rigorosa e cientificamente controladas, para experiências que são verdadeiras demonstrações de comunicações espíritas, é muito difícil encontrar um médium; a maioria deles não pode produzir esses

fenômenos, ou se os produz, eles são de pouca importância.

É por isso que os grandes fenômenos que lemos nas obras dos mestres nessas ciências psíquicas têm sido relativamente escassos e devemos tomar grandes precauções e ter todos os tipos de controle antes de considerar como real um fenômeno testemunhado. Na minha opinião, isto é, do ponto de vista puramente científico, o controle é absolutamente necessário. Não faz sentido, em uma academia científica, que um indivíduo afirme ter testemunhado um fenômeno e tenha manifestado que viu coisas extraordinárias, se nada disso foi controlado. Um fenômeno não controlado, não importa quão grande seja, não tem valor. Em qualquer caso, poderá ter um valor individual, ou moral, se se quiser, mas nunca será um valor admitido em uma corporação científica.

Por isso é necessário que nas sessões de experimentação dos fenômenos psicológicos sempre haja controle e que sejam adotadas as maiores precauções possíveis; então, é melhor um fenômeno pequeno, perfeitamente controlado, do que um fenômeno grande e transcendental que está sem controlar e do qual não houve verificação alguma, independente de nossos sentidos.

Essa é a distinção que pode ser estabelecida nos experimentos espíritas: aqueles experimentos verdadeiramente científicos e, portanto, inegáveis, e os experimentos que poderíamos chamar de família. Existem muitos métodos científicos para controlar os fenômenos espíritas; existem numerosos dispositivos de controle e de uma precisão verdadeiramente extraordinária, para saber se os fenômenos que ocorrem são reais e verdadeiros ou se existem apenas na imaginação dos participantes, bem como para verificar que não foi possível existir fraude de nenhum tipo.

Certos fenômenos espíritas são acompanhados de perda de peso. Os médiuns, em estado de transe, frequentemente perdem peso porque do seu corpo sai um fluido ponderável chamado “ectoplasma”; esse fenômeno foi verificado com pessoas diferentes, que, colocadas sobre uma balança bem equilibrada, acusaram uma redução de peso muito sensível durante a produção dos fenômenos de materialização, para recuperá-lo após a cessação dos fenômenos. Comprovações análogas foram verificadas com

dinamômetros especialmente construídos para medir a pressão das mãos e controlar as manifestações de contatos.

A lista de experimentadores científicos que intervieram nessas experiências e que verificaram, sem sombra de dúvida, esse tipo de fenômeno, é muito extensa e não pode ser que todos tenham sido enganados, porque entre eles há muitos que passaram suas vidas no laboratório, onde tudo está sujeito a controle. O curioso é que quando um homem de Ciência apresenta uma doutrina qualquer, desde que não seja da ordem dos fenômenos espíritos, e descreve quaisquer fenômenos, por mais estranhos que sejam, ele é imediatamente acreditado pela generalidade do povo, embora a Ciência seja também sujeita a mutabilidade contínua, porque nunca se tem o conhecimento perfeito das coisas.

Tive a oportunidade de verificar, sem qualquer dúvida, que o movimento de objetos sem qualquer contato material pode ocorrer durante as sessões espíritos, com a particularidade de que esse movimento não é puramente mecânico, mas está sujeito a uma ação inteligente. Esses mesmos experimentos foram realizados em Paris, rodeados de todo tipo de precauções por meio de feixes de ondas infravermelhas que, ao serem interceptadas, teriam imediatamente acionado máquinas fotográficas combinadas com deflagrações de magnésio; apesar de tudo, o movimento ocorreu e, ao ser fotografado, nenhuma fraude foi observada. O movimento de diversos objetos durante as sessões espíritos é, agora, tão evidente e tão certo que me permite afirmar o seguinte: quem negar a possibilidade de um objeto se mover sem contato material durante uma sessão espírita, das duas, uma: ou não viu casos suficientes ou tem algum interesse especial em negá-los.

Eu vi reproduções de mãos materializadas em moldes de parafina. O procedimento para obter estas materializações é o seguinte: conseguida durante uma sessão a aparência de uma forma materializada, pede-se a ela que introduza a referida forma, por exemplo uma mão, dentro de um recipiente cheio de parafina fundida. Isto feito, é evidente que a mão será coberta com uma fina crosta desta substância, que solidificará e envolverá a forma materializada de tal maneira que se fosse realmente material, não

poderia escapar da luva de parafina sem que esta se quebrasse, porque o pulso é muito mais estreito do que a palma da mão. Porém, uma vez que a materialização desapareceu, permanece um molde oco de parafina dentro do qual muitas vezes são registradas até as rugas mais leves da pele e que é completamente impossível de se obter por nenhum outro procedimento mecânico.

Convido os espectadores a verem por si mesmos a impossibilidade de remover uma luva de parafina aderida ao pulso por imersão da mão no líquido fundido. E mesmo supondo que eles pudessem se livrar dele em parte, é completamente impossível obter a luva inteira e sem qualquer rachadura.

Há também muitos outros meios de controle no laboratório, que podem ser usados em experimentos desse tipo. Tais são, entre outros, o espectroscópio e o gramofone; o primeiro para analisar as manifestações luminosas que muitas vezes ocorrem e o segundo a gravar sons e ruídos, além de para reproduzi-los posteriormente.

Além dessas manifestações, tive a oportunidade de realizar experimentos de ordem diferente, mas não menos maravilhosos que os anteriores. Tal é, por exemplo, o de um médium cuja cultura era muito deficiente e que, em estado de transe, dava verdadeiras palestras do mais alto valor científico e moral. Lembro-me, entre elas, da explicação da formação do nosso sistema planetário segundo a teoria de Arrhenius, que eu estava justamente lendo naqueles dias em uma revista científica, e que me surpreendeu muito. A narrativa do médium não podia ser efeito da transmissão de pensamento, porque foi antes da minha leitura, e, quanto aos seus conhecimentos no estado de vigília, eles eram tão medíocres que nada conseguia entender daquilo que dissera no outro estado. Claro, esses fenômenos não têm, diante de terceiros, a força demonstrativa dos anteriores, mas faço referência a eles porque a convicção não é adquirida pela presença de um fenômeno dado, mas por uma série de provas sucessivas e todos os tipos.

Das diferentes e variadas experiências que pude testemunhar sob o mais rigoroso controle e em condições que impossibilitam a fraude, cheguei à

conclusão absoluta de que as chamadas manifestações espíritas referentes a movimentos de objetos podem ser perfeitamente produzidas sem qualquer contato e, o que é mais desconcertante do ponto de vista puramente experimental, que nelas existe a expressão de uma vontade inteligente. Isto é o mais surpreendente, porque, por exemplo, quando os desenhos são produzidos com um lápis colocado sobre uma mesa ou dentro de uma caixa, ou quando os mesmos desenhos são observados, como eu vi, em papéis cobertos por uma fina camada preta de fumaça, sem a ajuda de qualquer outro objeto, como se unhas muito finas e invisíveis produzissem a manifestação, não pode dizer-se serem movimentos inconscientes provocados pelo médium, porque a inconsciência não pode produzir fenômenos conscientes.

É como se tivéssemos um conjunto de números dentro de uma caixa e misturados entre si, e pretendêssemos que, ao jogá-los e caírem no chão, eles ficassem organizados segundo a série dos números naturais. Se isso acontecesse, ninguém poderia dizer que o acaso presidiu o fenômeno e que isso ocorreu inconscientemente. Os desenhos que pude testemunhar nem sempre foram perfeitos em todas as suas partes, mas em certas sessões eles saíram como esboçados, como se a força inteligente que os produzia tentasse realizá-los sem que fosse possível naquelas circunstâncias ou sob aquelas condições. Por outro lado, em outros casos, a realização foi tão perfeita que deu a impressão de que o desenho fora executado por um artista extraordinário.

As condições em que foi colocado o papel enegrecido pela fumaça não eram as mais apropriadas para que nele executasse os desenhos nenhuma das pessoas presentes, porque ele estava pregado debaixo de uma mesa em condições tais, que a posição para qualquer pessoa teria sido extraordinariamente violenta. Além disso, qualquer falha na execução teria deixado seus traços na fina camada preta de fumaça, o qual nunca aconteceu. Percebe-se, então, que nos fenômenos espíritas preside uma vontade inteligente que poderia vir do médium, dos assistentes ou de um ser desmaterializado, segundo a interpretação que se deseje dar; mas o que é certo e inegável é que ele age inteligentemente e que aquele que o produz

o faz por sua própria vontade, porque não pode ser obrigado a fazer tal e tal coisa, mas simplesmente faz o que ele quer.

Por outro lado, essa ausência de matéria visível na produção dos fenômenos que presenciei e a que acabo de me referir não pode mais nos surpreender no atual estado da Ciência. Isso, que há cerca de trinta anos poderia parecer algo completamente incompreensível do ponto de vista científico, é perfeitamente compreendido hoje em dia, uma vez que a ciência moderna demonstrou, sem qualquer dúvida, o conceito que devemos ter da palavra "matéria", uma palavra que inventamos para designar a grosso modo o que é tangível e, acima de tudo, o que é dotado de peso.

Hoje podemos perfeitamente entender o valor relativo do que chamamos de matéria, uma vez que a física e a química de nossos tempos demonstraram que a matéria nada mais é do que uma manifestação visível da energia. A energia é força e sua condensação concreta produz a matéria. Quando não está condensada em certas formas, mas atua no espaço, produz o que chamamos de radiação, que é outra das formas da energia, invisível para nós, mas passível de revelação pelos nossos dispositivos de medição. Assim, a causa produtora dos fenômenos e dos corpos do universo é a energia, condensada e visível em forma de matéria, ou difusa e invisível na forma de radiação. Mas a energia em si não é outra coisa senão a manifestação da inteligência, porque é o produto do desempenho da inteligência, e a inteligência não é da ordem material. É, então, um jogo de palavras falar de coisas materiais e imateriais, é um jogo de palavras necessário para nós no estado atual de nosso conhecimento, dada a pobreza de nossa linguagem para expressar ideias. Apenas uma coisa existe como causa: é a Mente, que se manifesta pela sua Inteligência e pela sua Vontade, produzindo as várias manifestações da Energia; estas são concretizadas em forma de matéria ou sulcam o espaço em forma de radiação.

Vamos agora tentar interpretar o fenômeno espírita e supor que ele vem do médium, porque não queremos admitir a influência de uma inteligência à parte daqueles que participam da sessão, já que sem o médium não há

fenômenos. Então, vemos que a inteligência do médium, sob certas condições, isto é, em estado de transe, pode agir à distância sobre a matéria, imprimindo nela modificações; mas então não importa se vem do médium ou não, porque o importante é mostrar que a inteligência pode operar na matéria fora do corpo do médium. Portanto, do meu ponto de vista, que é a demonstração científica do fenômeno espírita, é a mesma coisa ele ser produzido pelo médium ou por outro. Neste último caso, devemos admitir a manifestação inteligente de um ser espiritual, e, se for produzido pelo médium, temos o seguinte fenômeno bem curioso: o médium, em circunstâncias normais, é incapaz de produzir qualquer movimento à distância ou fenômeno inteligente. Porém, em estado de transe, precisamente quando está em estado de inconsciência e quando seu corpo físico é inútil, aí ele é capaz de produzi-lo. Isso significa que, sob certas condições, uma pessoa viva pode agir em objetos localizados a uma certa distância de seu corpo, enquanto este permanece rígido, insensível ou inerte. Portanto, a presença do corpo não é necessária para que a inteligência se manifeste e, por conseguinte, a possibilidade de que o médium viva fora e independentemente de seu corpo físico, isto é, no estado espiritual, deve ser admitida. Enquanto o fenômeno dura, temos o primeiro caso, ou seja, o de um ser desencarnado agindo sobre a matéria, e se o fenômeno pode ocorrer por um tempo maior ou menor, não é absurdo que ele possa continuar indefinidamente. Uma coisa que preocupa muitas pessoas que analisam os fenômenos espíritos é o desejo de distinguir se esses fenômenos são do "Aqui" ou do "Além", isto é, se são produzidos pelos "vivos" ou pelos "mortos", como se a morte existisse na natureza. Entre os cientistas existe uma tendência a estabelecer uma divisão, para colocar uma barreira intransponível entre os fenômenos chamados espíritos e aqueles chamados materiais, como se a natureza agisse aos saltos e não pela evolução. Vamos dar um exemplo fácil de entender, daqueles que são óbvios: suponhamos que um de nossos bisavós tenha ressuscitado e o tenhamos em uma sala de onde ele não possa ver o que acontece no mundo exterior. Nesta sala haveria um aparelho de rádio, uma máquina fotográfica, um gramofone, um aparelho de televisão e alguns

outros que a ciência atual inventou, e que nós temos por coisa corriqueira porque já nos acostumamos a eles. Para nós, é evidente que os aparelhos acima mencionados e os fenômenos que eles produzem são completamente do "Aqui", mas nosso bisavô não diria o mesmo quando visse o funcionamento deles. Nosso antepassado não só não conseguiria entender o que estava vendo, mas acreditar-se-ia transportado para um mundo maravilhoso, para um mundo em que coisas e milagres sobrenaturais seriam comuns, porque ele nunca imaginou que tivesse retornado ao mundo que deixou para trás.

Mas voltemos a nós mesmos agora. Quem de nós será capaz de explicar exatamente e com precisão, como o fenômeno hoje tão vulgar e comum da radiodifusão é verificado? A explicação dada, e que satisfaz os espíritos primitivos, é que são ondas eletromagnéticas; mas isso, na realidade, nada mais é do que um jogo de palavras para explicar o inexplicável. Ninguém viu essas ondas nem sua natureza essencial é conhecida; dizem que são vibrações do fluido que preenche o espaço e que é chamado de éter, mas é o caso de que ninguém pode afirmar sua existência e é até mesmo negado por pessoas do mais alto valor científico. Quanto às ondas, ninguém pode dizer com certeza se elas são formadas por um conjunto contínuo ou se são de natureza granular; isto é, se eles se assemelham às ondas que uma pedra produz ao cair nas águas calmas de um lago ou se são ondas de grânulos de energia, como as areias que o vento do deserto eleva. E é que a natureza só é simples em uma "primeira aproximação"; quem pretenda esquadrihar os fenômenos que ocorrem nela, verifica que é maravilhosamente complicada.

Da mesma forma, se a Humanidade se dedicasse um pouco mais ao estudo dos fenômenos espíritas, não há dúvida de que grandes resultados seriam obtidos e seriam conseguidos verdadeiros experimentos transcendentais que atualmente nos parecem do "Além", porque eles ainda não entraram dentro dos limites do nosso conhecimento. Não há dúvida de que, no decorrer dos tempos, os homens que se dedicarem aos estudos psicológicos serão capazes de estabelecer uma comunicação à distância por ondas emanadas da sua vontade, por verdadeiras ondas cerebrais, das

quais às vezes temos pequenas comprovações nos casos de telepatia, tão frequentemente observados. E se algum dia a comunicação vulgar e ordinária pudesse ser estabelecida entre os habitantes deste mundo e aqueles que ultrapassaram as fronteiras da morte, uma vez que a Humanidade se tivesse acostumado a elas, seriam consideradas tão naturais quanto aquelas que obtemos hoje entre as diferentes cidades do mundo com a radiocomunicação, e, portanto, seriam parte da vida normal, sem que ninguém se espantasse por isso.

Assim, a distinção entre os fenômenos que chamamos do "Aqui" e do "Além" é completamente relativa e depende apenas de nosso conhecimento atual e do desenvolvimento de nossas faculdades psíquicas.

Em nossos tempos, os fenômenos psicológicos de ordem paranormal ou espírita ocorrem com muito mais frequência do que se pensa, mas um grande número de casos passa despercebido para a maioria das pessoas; e em outras o interesse necessário não é prestado devido à falta de preparação científica, ou por sair do círculo das atividades comuns. De qualquer forma, deveriam ser verificados, e todos aqueles que sentem a inquietude espiritual, todos aqueles que admitem até mesmo a possibilidade da existência de uma comunicação com os seres espirituais, e todos aqueles que gostariam de estabelecer relações entre os vivos e aqueles que chamamos. mortos, mas que estão mais vivos do que nós mesmos, deveriam ter um controle rigoroso dos fatos e fenômenos que lhes fossem apresentados. Então, seria observado que esses fenômenos são relativamente frequentes e muito menos raros do que à primeira vista parece.

Todo experimento não controlado, todo experimento onde não se tivesse a precaução de revisar, para se ter absoluta certeza sobre ele, é como se não existisse ou, o que é pior, é contraproducente. Deste ponto de vista, eu gostaria de chamar a atenção de pessoas muito crédulas ou cuja boa-fé é excessiva, que veem fenômenos em toda parte e acreditam que podem ocorrer de forma voluntária e, por assim dizer, de maneira excessiva e onde as coisas mais triviais são atribuídas a causas puramente espíritas, embora algumas cheguem à fronteira do ridículo; tudo isso é produzido

pela falta de controle e pela credulidade excessiva. É melhor um pequeno fenômeno controlado, como eu disse antes, do que um fenômeno grandioso sem controlar, e sem que qualquer verificação possa ser feita. Esse fenômeno pode convencer o indivíduo que o presenciou, mas ninguém mais convencerá e, tanto menos, quanto maior for o fenômeno. Em vez disso, o fenômeno comprovado, ainda que pequeno ou de pouca importância, terá muitas chances de interessar o homem científico e pode fazer divulgar os princípios da ciência espírita, que é a maior dentre aquelas que o homem pode conhecer.

Portanto seria necessário que os estudos psíquicos e a experimentação espírita atingissem um status oficial. Seria necessário que os Institutos de Psicologia e universidades experimentais e outros centros de cultura se interessassem um pouco mais, em nosso país, por toda esta série de fenômenos que hoje são inegáveis, e, portanto, sua negação representaria uma falta de sinceridade ou de preparação científica, porque a sua demonstração é relativamente fácil de obter. Por que não é fundado, então, em Barcelona ou na Espanha um Centro de Estudos Psicológicos, não como o que existe atualmente, mas com apoio oficial e com a ajuda material e moral necessária, auxiliada pela colaboração de homens de ciência, cujas conclusões seriam definitivas? É claro que para o nosso país é pedir muito, porque se em coisas muito mais simples ainda está faltando preparação, muito mais deve estar faltando para investigações deste tipo, das mais sensíveis que pode tentar o homem.

Em qualquer caso, seria possível iniciar essas orientações ao menos de uma certa maneira. Ontem ouvimos representantes da Generalitat e da Câmara Municipal de Barcelona, que davam as boas vindas aos congressistas das diferentes nações do mundo, que chegaram à nossa cidade por ocasião do Congresso Espírita Internacional, afirmando que graças à liberdade de consciência reinante hoje em dia, é possível realizar esses estudos livremente, e é possível, inclusive, que exista cooperação entre as esferas oficiais e os particulares dedicados a essas investigações. Se isto é assim, porque não é estabelecido um princípio de colaboração já mesmo? Por que não é iniciada a fundação de um organismo, por mais

modesto que seja, apoiado pelas esferas oficiais e dedicado a estudos psicológicos com certo caráter científico e imparcial? Porque os maravilhosos fenômenos que lemos em tantas obras e os vários que tive ocasião de testemunhar, ou são verdadeiros ou são falsos. Se eles são falsos, acho que todos nós apreciaríamos muito a demonstração definitiva de sua falsidade, porque nesse caso não valeria a pena perder tempo, ou se preocupar mais com eles. Mas se são verdadeiros, se há mesmo algum fenômeno real e verdadeiro em tudo isso, vale a pena também que seja estudado por pessoas suficientemente preparadas; porque o máximo que se pode desejar neste mundo é o conhecimento de onde viemos e para onde estamos indo. O conhecimento do propósito de nossa existência e do problema da vida e da morte, não apenas satisfaria o desejo inato de todas as pessoas de poder respondê-lo de maneira racional, mas seria imensamente transcendental para o desenvolvimento espiritual dos povos, tão necessário nos tempos modernos, em que o avanço da parte científica requer um desenvolvimento paralelo da parte espiritual.

Hoje, felizmente, quando a lufada de materialismo de finais do século passado tende a desaparecer, e um novo vigor espiritual anima as multidões, é necessário, mais do que nunca, dedicar-se a esses estudos, cada um a partir de seu ponto de vista, não para restaurar teorias absurdas, mas para entrar em contato com os fenômenos maravilhosos da natureza e ver até onde são capazes de chegar as imensas possibilidades que encerra o espírito do homem, fazendo a humanidade evoluir para alcançar nesta vida tudo o que pode chegar a obter, quando é dotada de entusiasmo e de boa fé. Tenho dito."

Conferência de Don Salvador Molina, engenheiro, representante delegado dos espíritas americanos de Nova York.

Senhores do Diretório deste honorável Congresso. Senhores delegados e congressistas. Senhoras e senhores: saúdo cordialmente a todos em nome das instituições hispano-americanas que tenho a honra de representar perante vocês.

E desculpem, se antes de abordar a questão que pretendo desenvolver, dirijo-me particularmente, com a sua permissão, à digna e laboriosa Comissão Organizadora deste Congresso, parabenizando-a publicamente pela abnegação nunca desmentida e pelo zelo incansável que ela demonstrou na bem sucedida e magnífica organização deste ato transcendental que todos admiramos.

Portanto, Senhoras e Senhores, peço a todos os presentes demonstrarmos o nosso profundo reconhecimento à referida Comissão Organizadora deste Congresso, por meio de sinceros aplausos.

E agora, com sua permissão, vou começar o tema proposto, cujo título é "A Reencarnação".

Foi dito pelos adversários da Reencarnação, que esta doutrina é sustentada por seus defensores sem fornecer provas materiais ou suficientes para convencê-los em particular; que a preexistência do espírito neste planeta era uma mera suposição kardeciana, tirada de outras filosofias orientais, e que, em geral, a doutrina da reencarnação era apenas um dogma obstinadamente mantido por seus seguidores.

Além disso, muitos espiritualistas, ainda apegados ao materialismo científico de dois séculos atrás, sustentam que a Reencarnação seria contrária à lei da herança (aquela que ingenuamente assumia que os filhos herdaram as faculdades e taras morais de seus pais), uma lei que não foi demonstrada e nem sequer é aceita pela psicofisiologia contemporânea.

Bem que gostaríamos e poderíamos refutar, um a um, esses tão minguados argumentos, porque forneceríamos milhares de casos comprovados e uma infinidade de provas documentais, para dissipar as dúvidas sistemáticas de nossos oponentes de uma vez por todas; mas devemos nos ajustar a uns poucos fatos fidedignos, na certeza de que esses

fatos serão mais eloquentes e convincentes do que as simples palavras.

Aqui estão alguns dos fatos em que baseamos o, para eles, "dogma da Reencarnação":

Começemos com os testemunhos de homens que a História nos apresentou em suas páginas como notáveis e dignos de crédito, e voltemos um pouco à Grécia antiga.

O grande filósofo e matemático Pitágoras, segundo nos refere Heráclito, teve uma clara memória dos principais fatos de suas últimas quatro encarnações ou vidas anteriores, nas quais ele afirmou ter sido Etálides, Euphorbius, Hermotinus e pescador em Delos, com o nome de Pirro, e finalmente Pitágoras.

Empédocles, segundo Diógenes Laércio, afirmava ter memórias de duas existências anteriores e de sexos diferentes.

Epimênides, segundo o depoimento de Fenelón, que era contemporâneo de Sólon, recordava ter sido antes o filósofo Eaco.

De Juliano, o Apóstata é dito pelos historiadores que o conheceram, que se lembrava de ter sido Alexandre da Macedônia; e de Próculo, último grande mestre da escola de Alexandria, que estava convencido de ter existido em uma vida anterior com o nome do pitagórico Nicômaco.

Nos tempos modernos, menciona-se o romancista francês Ponson Du Terrail, como tendo afirmado muitas vezes que ele tinha lembranças muito claras de vidas anteriores durante os reinados de Henrique III e Henrique IV.

Teófilo Gautier e Alexandre Dumas afirmaram formalmente acreditar em vidas passadas, por causa das memórias vívidas que tinham delas.

O doutor Joaquin de Huelbes Temprado, veterano espírita da primeira hora e cuja veracidade é irrefutável, declarou várias vezes possuir recordações claras dos acontecimentos ocorridos em duas de suas existências passadas.

Afonso de Lamartine nos diz em sua «Viagem ao Oriente» que, embora sem ter estudado a Bíblia minuciosamente ou ter um mapa geográfico da Judeia ou contar com pessoa que lhe desse os nomes antigos e modernos dos vales e montanhas por onde ele viajava, ele imediatamente reconheceu o vale de Terebinto e o campo de batalha de Saul, repetindo-se o mesmo

fenômeno em todos os lugares que ele visitou em sua viagem, todos os quais vieram à sua memória como um panorama que ele claramente lembrava de já ter percorrido em uma vida anterior.

A revista «Redención», de Havana (Cuba), em seu número de novembro de 1917, narra o estranho caso da filha do dr. Hum, da Inglaterra, filha considerada muda e que, de repente, começou a falar um dialeto desconhecido que mais tarde se descobriu ter sido falado na França em épocas passadas, e esta menina declarava que se lembrou dele quando vieram à sua memória os acontecimentos de outra vida que afirmava ter vivido naquela terra da França.

No «Progressive Thinker» de Chicago, outra informação é lida em favor da preexistência. É um caso de Reencarnação, anunciado por um espírito que se manifestava à senhora, que mais tarde chegou a tornar-se a mãe, reencarnando através dela com as mesmas características materiais que predisse e, o que é ainda mais surpreendente, revestido da mesma fisionomia com que se tinha apresentado a ela anteriormente e declarando lembrar claramente os fatos de sua vida anterior.

A revista «Lumen», de Tarrassa, Barcelona, de 1913, reproduziu um relato da revista «Ultra», em Roma, referindo-se ao comprovado caso de reencarnação da filha do capitão Florido Battista, em fevereiro de 1906, caso em que falavam também vários jornais diários da época.

"The Occult Review", de Londres, publicou outro caso de reencarnação, perfeitamente verificado, em 1903, pelo declarante, reencarnação que havia sido anunciada anteriormente, enquanto ele estava em Hong Kong (China).

A revista "Filosofia da Scienza", de Palermo (Itália), relatou um duplo caso de desencarnação e reencarnação, anunciado este último pela própria desencarnada, que aconteceu no ano de 1919 em Espandofora (Itália). E esta história é autorizada e assinada pelo Dr. Carmelo Samoná.

A revista "Psychic Magazine", dirigida pelo Dr. Gastón Durville, publicou os detalhes de outro caso de reencarnação, talvez o mais notável dos conhecidos até agora, sendo seu relator o próprio Dr. Durville, já que tratava-se de uma pessoa de sua amizade, Mme. Reynaud, colaboradora em seus interessantes trabalhos de cura magnética, demonstrado com fatos,

com histórias muito interessantes e com documentos que não deixavam margem para dúvidas, a mais esmagadora evidência de uma encarnação passada dele nas proximidades de Gênova (Itália).

Todos nós conhecemos (pelo menos aqueles de nós que quiseram reconhecê-lo) o famoso caso do jovem Kasugoro, na Índia inglesa, um caso que, por ter sido meticulosamente verificado e relatado por toda a imprensa mundial, evito relatar neste momento.

E, finalmente, senhoras e senhores, eu mesmo fui testemunha e colaborador na investigação e verificação realizada na cidade de Havana (Cuba), por diferentes jornalistas e homens de reconhecida autoridade científica, de um caso notável de reencarnação acontecido naquela mesma cidade das Antilhas, da qual foi protagonista um filho do litógrafo Sr. Torcuato Esplugar, chamado Eduardo, que um dia, ainda com poucos anos de idade, conversando com sua mãe, a Sra. Celia Cabrera de Esplugas, declarou enfaticamente que ele tivera outra casa, que não era aquela onde eles estavam e que esta casa estava localizada na Rua do Campanário, número 69, descrevendo até a cor em que estava pintada, e dando o nome de seu pai anterior, que disse ser p Sr. Pedro Saco, e também de sua mãe Dona Amparo, e de seus dois irmãos menores Mercedes e Juanito.

E a coisa surpreendente deste caso foi, senhoras e senhores, que o menino alegou ter deixado a casa de seu pai em 28 de fevereiro do ano de 1903, e ele claramente se lembrava de ter deixado a mãe em lágrimas e em desespero, acrescentando que aquela outra mamãe era muito branca e com cabelos negros e que trabalhava fazendo chapéus para senhoras e, finalmente, que ele era chamado então Panchito, que tinha treze anos quando deixou a casa paterna (aludiu à sua desencarnação) e que lembrava ter ido com frequência comprar remédios na Farmácia Americana, localizada na Avenida da Itália e na Rua Dragones.

E essa história foi repetida invariavelmente pela criança para os repórteres de Havana dos jornais "El Mundo" e "La Discusión" e para os professores interessados em investigar o caso, sendo eu, como afirmei anteriormente, um daqueles que com o maior interesse investigara e verificara todos os detalhes do mesmo, comprovação que levamos ao extremo de visitar a casa aludida pela criança, de interrogar os vizinhos,

proprietários de lojas próximas e o regente da Farmácia Americana, os quais lembravam muitos dos detalhes contados por Eduardito, bem como os nomes de uma família Saco, que morava na casa em questão e que perdeu um filho chamado Francisco (Panchito) e, não satisfeitos com esses detalhes, nós revisamos os registros de óbitos da data mencionada pela criança e, com grande espanto, a encontramos exata, precisa, indubitável e, portanto, todos concordaram com a esmagadora eloquência da prova, que foi publicada pelos jornais época.

Em seguida, procuramos os pais anteriores da criança e, para esse efeito, eles seriam convidados a se apresentar com o propósito de uma verificação adicional, mas não conseguimos atingir esse objetivo, porque eles, assim que a criança desencarnou, mudaram de casa e como eles eram espanhóis, como soubemos mais tarde, parece que eles deixaram o país logo depois.

E agora eu declaro, senhoras e senhores, que para mim este único teste foi o suficiente para me convencer da absoluta verdade da Reencarnação, como não duvido que seja suficiente para a maioria daqueles que me ouvem aqui, para aqueles que acreditam na sinceridade das minhas palavras e daqueles que não duvidam da veracidade da minha história, porque, como o sábio Camilo Flammarión muito bem disse em seu trabalho documentado "O desconhecido e os problemas psíquicos", uma única e simples demonstração vale, pesa e convence para garantir a viabilidade de outros fatos similares.

Em uma palavra, senhores, a existência de um só fato demonstra a possibilidade de milhares mais, realizados em circunstâncias análogas. Ninguém pode nos negar esta conclusão, e se alguns ainda persistirem em continuar a negá-la, será porque eles não terão visto a luz ali onde nós a vimos.

Então, senhores, se tivéssemos de recusar, assim de plano, como fazem os nossos adversários, o testemunho sereno de pessoas honestas, seria preciso concordar, desconsolados, com que todos os outros testemunhos que informam o Espiritismo seriam inconsistentes e falsos, porque nunca chegariam a satisfazer as condições daqueles que não se cansam de exigir demonstrações materiais palpáveis, as quais, afinal, seriam difíceis de acomodar aos seus desejos pessoais. Seguindo esse método, não haveria

provas suficientes para acreditar em médiuns ou em mediunidade, nem admitir a existência de espíritos, nem nos convenceriam os fenômenos mais surpreendentes do Espiritismo. Nós teríamos que desistir da pesquisa e estudo dos seus fatos, e até mesmo nos veríamos obrigados declarar em vergonhosa derrota a doutrina espírita, porque em última análise, senhoras e senhores, seríamos incapazes de provar a essência espiritual dos espíritos, visto como seria impossível obter a materialidade substancial da prova. E essa é precisamente a prova que os adversários da Reencarnação nos pedem.

Passemos agora, com sua permissão, às considerações lógicas e filosóficas que afixam, não a crença, mas a convicção que temos das vidas precedentes e sucessivas neste mesmo planeta que habitamos, sem nos remontarmos a outros mundos, que são desconhecidos para nós na atualidade.

Não há dúvida, senhoras e senhores, que o Espiritismo vem provar através dos fatos dos fenômenos psicológicos das evidências fornecidas pelos espíritos desencarnados, que existe uma lei retributiva no Universo, uma lei de justiça que regula tudo o que existe e que é sempre revelada até nas coisas mais insignificantes da vida. Lei que todos os seres humanos devemos estudar, se não quisermos ser vítimas da nossa própria ignorância.

Não pretendo falar aqui sobre a lei da justiça em todos os seus aspectos possíveis, porque isso seria presunção vaidosa da minha parte. Mas devo especificar brevemente apenas um desses aspectos, aquele que caracteriza e, por assim dizer, forma a base indestrutível da filosofia espírita. Refiro-me à lei da Reencarnação, o complemento obrigatório da imortalidade da alma e o único caminho logicamente possível para alcançar o progresso moral e intelectual das humanidades.

Permitam-me começar analisando o que chamamos de lei, e veremos que aparece, com efeito, que tanto os materialistas como os teólogos e os céticos, e como todos aqueles que refletiram sobre essas questões, concordaram em proclamar um único fato: a existência de uma lei que se revela como a causa imutável dos efeitos invariáveis que se manifestam no Universo. Todos concordam que existe essa lei geral que encaminha a vida.

Para aqueles de nós que admitem a existência de um Legislador Supremo, a lei nos é apresentada como uma expressão de sua vontade, como um fim para o qual todos tendemos sem cessar.

A lógica mais básica nos diz que a lei deve ser imutável, porque, se assim não fosse, o mundo estaria sob constante ameaça de desordem e destruição. Suspensa por um instante a gravitação universal e em breve os globos iriam se precipitar uns contra os outros, produzindo uma terrível catástrofe; porque, quem nega que tudo no Universo está sujeito àquela força desconhecida que permeia seres e coisas? A matéria morta não existe em realidade, senhores, porque o que a ciência chama de matéria inorgânica é tão ativa como a que ela chama de orgânica. Não há nada que não se agite, que não vibre, que não tenha abundância de vida, porque a vida em atividade dentro da matéria é manifestada pelo movimento. A matéria mais inerte, aparentemente, é composta de uma aglomeração de corpúsculos atômicos, transbordantes de vida, girando em rápido torvelinho em torno de seu centro comum, com tanta precisão quanto os planetas podem girar ao redor do sol.

É suficiente dar uma simples olhada no Universo para ver a pouca importância que as atividades humanas têm em comparação com aquelas que são observadas em qualquer lugar, seja nas profundezas mais íntimas da Natureza, ou em sua superfície. A totalidade dos seres e das coisas rende à passagem das poderosas leis, e no meio de sua corrente irresistível, o homem se assemelha aos insetos ligados à liteira que é arrastada pela corrente impetuosa de um rio transbordando.

A totalidade dos seres e das coisas rende-se à passagem das poderosas leis, e no meio de sua corrente irresistível, o homem se assemelha aos insetos ligados à folharada que é arrastada pela corrente impetuosa de um rio transbordando.

O homem é verdadeiramente um recém-nascido; se a Providência não viesse em seu auxílio, ele não poderia viver no mundo por um único instante; o turbilhão em que ele se move incessantemente irá sufocá-lo.

Essas razões nos levam a afirmar que, para que a lei de justiça seja uma realidade no Universo, é necessário, é indispensável que exista uma entidade independente, separada do corpo, que não sofra como ele as

mudanças e transformações materiais. Em uma palavra, uma alma que nunca perde sua individualidade nem antes nem depois de sua vida atual.

Porém, o que estamos vendo é que, a existência da alma em uma única etapa, como os anti-reencarnacionistas proclamam, longe de demonstrar essa justiça universal, nos faz, pelo contrário, acreditar em uma parcialidade odiosa na existência planetária precedente, mas que foi criada ao nascer, insisto em perguntar: como chegaram a esta existência? Quem pediu para nascerem aqui sem tê-los consultado previamente e por que motivo eles nasceram neste mundo terrestre de preferência a outros mundos habitados, onde talvez teriam vivido uma vida melhor e menos sujeitos a tantos erros e enganos como costumamos cometer aqui?

Porque, de fato, a vida em nosso planeta não é, decerto, muito apetitosa. "Por causa da inclinação sobre seu eixo", diz Luís Figuier, os climas são distribuídos de uma maneira deplorável: é necessário, ou morrer de frio, se não pudermos nos preservar de seus rigores, ou nos deixarmos ser calcinados pelo calor. Sob o ponto de vista moral, as condições da Humanidade são das mais tristes. O mal reina sobre a terra; o vício é honrado em toda parte, e a virtude é tão maltratada que a honestidade da vida é, aqui embaixo, promessa segura de infortúnio. Os sentimentos afetuosos são para nós uma fonte eterna de decepções e lágrimas.

Se por um momento curtimos as puras alegrias da paternidade, da amizade, do amor, é apenas para ver como os objetos do nosso afeto nos são arrebatados pela morte, ou como os acidentes de uma vida miserável nos separam deles. Os órgãos que nos foram concedidos para o exercício desta vida são rudes, toscos e sujeitos a doenças. Estamos como que pregados ao chão, e para podermos mover nossa massa pesada, precisamos de esforços que nos causam fadiga. E se, por acaso, houver alguns homens bem organizados, dotados de uma excelente constituição e uma saúde robusta, quantos outros não existem que são doentes, idiotas, surdos-mudos, cegos, mutilados, cretinos e loucos! "

Alguns nascem em opulência; outros no meio da nudez mais assustadora. Há homens dotados de todas as vantagens do talento: outros, pelo contrário, carecem de inteligência, penetração, memória. A cada passo eles tropeçam na difícil carreira da vida; sua imaginação limitada, suas

faculdades incompletas, expõem-nos a todos os tipos de contratempos e infortúnios; eles não podem ter sucesso em nenhuma empreitada e parece que o destino os escolheu para alvo de seus golpes mais fatais. Há seres cuja existência, desde o momento em que nascem até a sua desencarnação, é um contínuo grito de dor e desespero.

Bem, esse quadro que lhes apresento é o de uma vida única, segundo é proclamada pelos adversários da Reencarnação; obra de um deus caprichoso e parcial, forjado por imaginações egoístas, um deus que se deleita em martirizar suas criaturas, sem piedade e sem justiça. Esse deus é, portanto, injusto e mau, já que impõe a seu capricho uma existência tão miserável a seres que não a pediram nem fizeram nada para arcar com suas consequências. Nesse deus não podemos acreditar, nós, os espíritas.

E se analisarmos a doutrina das punições e recompensas que a teologia impôs, nosso desapontamento e nosso desespero serão ainda maiores, pelo dogma concedido mais de dois mil anos antes de nossa era e ostentando o selo visível da ignorância típica de idades tão remotas. Com ele, Deus é feito à imagem do homem, ou talvez pior que o homem; por ele as nossas mesquinhas paixões são atribuídas ao Criador do Universo, nossa justiça estreita e limitada, nossos mesmos instintos de ódio e vingança.

De acordo com esta teologia dogmática, todas as desigualdades humanas, todos os sofrimentos e todas as misérias que sofremos no planeta, são o produto da alma, boa ou má, que Deus nos dá quando nascemos à vida.

Sendo assim, eu pergunto, se não é uma profanação apresentar Deus dessa maneira, espreitando as concepções, para criar almas tão injustamente dotadas, almas entre quais, algumas, a maioria, nunca ouvirá a voz da religião e não conseguirão, portanto, serem salvas do pecado em que vivem; ao mesmo tempo em que outras, em um número bastante grande também, estão destinados a animar os corpos de canibais ou selvagens, desprovidos de senso moral.

Acaso não é um sacrilégio acreditar que Deus, que deve ser concebido como a mais exaltada expressão de sabedoria e amor, seja como um trabalhador volúvel, que às vezes cria anjos ou arcanjos, e às vezes se deleita em criar figuras monstruosas e miseráveis, e que, outras vezes, se torna cúmplice de adultérios, incestos, estupradores e impudicos, ou se

presta a ser joguete das práticas insanas dos malthusianos?

Se não há reencarnação para a alma, se a nossa existência atual é, de acordo com as crenças dogmáticas, um fato isolado que não irá ser repetido, segue-se claramente que a alma deve ser formada ao mesmo tempo que o corpo e em cada um dos nascimentos do ser humano, uma nova alma é criada. Perguntamos então: por que essas almas não são do mesmo tipo e do mesmo grau de inteligência e moralidade? Por que, sendo os corpos tão semelhantes, estamos observando, por outro lado, essas diferenças tão grandes em termos morais e intelectuais?

Por que as tendências naturais dos indivíduos são tão diferentes e tão marcadas que, às vezes, resistem a todas as imposições do meio ambiente e da educação? E se a lei da herança psicológica fosse uma verdade comprovada, como se pretende, por que esses contrastes tão grandes entre as aptidões e inclinações de certas crianças com as de seus pais e avós, como evidenciam as biografias das maiores celebridades do mundo?

Nenhuma destas interpretações seguramente encontrará uma resposta satisfatória e razoável, nem entre os teólogos dogmáticos, nem entre os anti-reencarnacionistas. Os primeiros são cegados pelo fanatismo religioso. Os segundo, pelos preconceitos dogmáticos e raciais, ao extremo de não ver o que acontece diante de seus próprios olhos. Eles não veem nem querem ver Pascal que, aos doze anos, descobre uma grande parte da Geometria plana, e sem ter qualquer noção de cálculo, desenhou todas as figuras da Geometria de Euclides, no chão do seu quarto, encontrando exatamente as relações matemáticas de todas essas figuras entre si, isto é, reconstruindo, por si só, uma parte da Geometria descritiva. Eles não veem Mozart, magistralmente executando uma sonata aos cinco anos de idade e compondo uma ópera aos oito. Não veem Teresa de Milanello, tocando violino com tanta maestria aos quatro anos de idade, que seu professor, Baillot, falava que esse fenômeno não poderia ser explicado, a não ser admitindo que a menina aprendeu a tocar violino «antes de nascer». Eles também não querem ver os casos de crianças precoces, como Rembrandt, Goethe, Paganini, Lope de Vega, Juan Felipe Baratier, Ericson, Pico de la Mirandola, Thomas Young, Helen Keller e muitos outros que eu poderia citar se não receasse tornar esta dissertação muito longa.

Essas faculdades e essas precocidades extraordinárias não podem ser explicadas de acordo com a lei da herança ou com a teoria puramente espiritualista, já que esta teoria admite apenas uma vida neste planeta para cada alma e, portanto, só prova uma coisa: a iniquidade desse Deus de sua invenção, que tão mal distribuiu seus dons na terra.

Em vez disso, vamos analisar as coisas segundo a doutrina da Reencarnação, e veremos com que facilidade tais anomalias são explicadas. Tudo é entendido admitindo uma vida prévia para a alma. Tudo é explicado à luz dos renascimentos, a tal ponto que um sábio pesquisador francês, Dr. Maxwell, exclamou entusiasticamente: "Se a Reencarnação não existisse neste mundo, teria que ser inventada, porque é a única explicação lógica para as desigualdades humanas e as leis divinas ».

Platão disse: "Aprender é recordar". E é verdade que as aptidões e sentimentos inatos são lembranças e aquisições de outras vidas, em vez de dons especiais de um Deus parcial e injusto a quem o capricho arrasta.

Mas eu descubro um pensamento inculto nas mentes de algumas pessoas, uma objeção razoável, em aparência, quando as coisas são examinadas superficialmente. Muitos dirão, com efeito: "ser punido pelos erros que foram esquecidos é injusto e inútil". Vamos respondê-la com uma pergunta:

O esquecimento pode desfazer as falhas ou destruir seus efeitos? O assassino que tivesse perdido a memória do crime cometido no dia anterior, mudaria, por acaso, a pena a que os tribunais de justiça o condenam?

Os renascimentos não são mais que uma continuação das vidas precedentes, e se, nos intervalos entre duas reencarnações, as imagens cerebrais podem ser apagadas, as forças acumuladas na alma através dos tempos, nem por isso deixam de continuar tecendo sua obra para o futuro.

Se assim não fosse, a injustiça seria evidente e apareceria sob uma forma muito cruel, se a lembrança persistisse, se a dolorosa visão de um passado sempre cheio de fraquezas vergonhosas fosse constante acusadora de erros passados, a vida seria horrível e exasperante. E se além disso, como queriam nossos oponentes, o homem soubesse o motivo de sua punição ou sua expiação, se ele soubesse que cada um de seus erros e falhas do passado (que sempre estariam diante de seus olhos), iriam trazer-lhe um

fruto particular, esta expiação não excederia a medida do pecado?

E de todos os peitos humanos não se levantaria um grito de blasfêmia contra uma divindade que, pela memória transformava a vida em um tormento sem descanso, num eterno terror, destruindo toda atividade e toda iniciativa, em uma palavra, afogando o presente sob o peso da ansiedade horripilante do passado?

Apenas por ignorância é possível objetar a perda da memória, a ignorância da morte e da vida, a ignorância dos fenômenos que se seguem à última respiração e daqueles que precedem o primeiro choro do recém-nascido. O espiritualismo dogmático deveria ter procedido com maior cautela, já que não ignora que a memória atual é em si mesma tão infiel que nos torna difícil lembrar a totalidade dos pensamentos que cruzaram nosso cérebro durante os últimos minutos; os detalhes dos acontecimentos da semana nos escaparam; os eventos do ano anterior foram apagados em massa, e quando o final do percurso chegar, teremos apenas fragmentos da história da vida.

E, no entanto, durante todo esse tempo ele manteve a noção da identidade de si mesmo; ele possuiu o mesmo corpo, os mesmos sentidos, o mesmo cérebro; não se afastou do mesmo meio; preserva tudo o que poderia provocar a associação de ideias e despertar a memória; porém quando o renascimento acontece, muitos anos já se passaram e, às vezes, séculos; o ser sofreu modificações radicais; tudo que nele era perecível desapareceu para ser preservado apenas em estado latente. O envoltório corporal tangível viu seus átomos se dispersarem entre os elementos do corpo; dissociou-se com suas moléculas físicas, cujo suporte vital era o perispírito.

Muitos casos poderiam ser citados aqui sobre a perda absoluta ou parcial da memória, nos seres humanos, fatos perfeitamente estudados pela Psicologia Experimental contemporânea, que ela classifica com o nome de "amnésia" e entre os quais aqueles que o famoso professor Ribot chama "as doenças de memória". Mas é preciso omiti-los em favor da brevidade. Baste deixar colocado neste momento, que, muito à revelia dos oponentes dessa doutrina lógica cujas evidências se multiplicam, nada faz além de confirmar, grau por grau, as teorias fundadas pelo Espiritismo, há três

quartos de século. É a verdade que abre caminho através das névoas da ignorância, pois ignorância é a negação daquilo que não é conhecido, e quem o nega é um perfeito ignorante.

Imaginar, como fazem os sectários de certas religiões, que a Terra foi criada por uma varinha mágica e que cada planeta, cada reino e cada ser deve ser condenado a uma estagnação definitiva; supor que o vegetal reproduzirá incessantemente os mesmos tipos, que o animal estará indefinidamente escravizado a seus impulsos ou instintos sem a esperança de conseguir um dia desenvolver a elevada mentalidade de seus algozes de forma humana; supor que o homem nunca deixará de ser homem, isto é, um ser em quem as paixões encontram-se em plena atividade, enquanto as virtudes quase não aparecem; negar que exista a perfeição para coroar o trabalho dos seres é negar a evidência da evolução; é negar o progresso que se manifesta a nós em toda parte; é colocar a justiça divina muito por baixo da justiça humana.

E terminarei, senhoras e senhores, expondo um dilema à sua consideração culta, cujos termos apresentarei muito brevemente.

Se os adversários da Reencarnação continuarem nos pedindo mais provas das que temos a favor da mesma, ou seja, se exigirem provas materiais da última análise, talvez para não as aceitarem definitivamente, como sempre fizeram, nós, por nossa vez, estaríamos em nosso perfeito direito de exigir provas materiais e conclusivas da autenticidade espiritual ou da elevação moral dos espíritos, aqueles a que eles sempre aludem, que os ensinaram a negar a Reencarnação. Ao invés de exigir de nós os reencarnacionistas as provas materiais da reencarnação, eles primeiro teriam que nos provar a elevação espiritual dos espíritos que a negam. Caso contrário, continuaremos a acreditar que esses espíritos são mistificadores perfeitos e que suas negações prevalecem porque encontram terreno fértil nos preconceitos de seus seguidores.

Em nossa ideologia não valem sofismas, nem ajustam dogmas, nem quadram os meios termos. O dilema está perfeitamente exposto. Ou somos ou não somos racionalistas.

Por um lado, a ortodoxia religiosa; por outro, o exame científico livre. Digam-me, então, senhoras e senhores, de que lado nos inclinaremos. Mas,

se não queremos estabelecer dogmas, também não estamos dispostos a abdicar de nossas convicções. Não poderíamos esquecer as verdades adquiridas sem deixar de ser espíritas.

Assim, declaro solenemente perante vocês, senhores delegados e congressistas, que tenho a certeza de interpretar fielmente os desejos e aspirações de todos os espíritas latino-americanos ou ibero-americanos de vinte nações diferentes, e que, tendo a certeza de fazê-lo, reivindico em nome de todos eles que aqui, neste V Congresso Espírita Internacional, nós esclareçamos de uma vez por todas e com toda a clareza que o caso requer, o princípio de Reencarnação que nós sustentamos, não como um dogma tirado de outras religiões e filosofias, nem como um ensinamento kardeciano ou de outra fonte filosófica, mas como uma verdade adquirida em nossas investigações e verificações; em suma, senhores, como uma verdade demonstrada pelos fatos, que ninguém pode negar mais, a menos que o faça de olhos fechados.

Suplemento da «Reencarnação»

Depois de ter participado ativamente da Seção de Filosofia deste Congresso, cuja seção vem discutindo o tema da "Reencarnação", apresentado em uma tese do Sr. Rodrigo Sanz, acredito estar cumprindo dois deveres ao mesmo tempo ao apresentar esta adenda à minha conferência anterior; eu, como espírita livre-pensador, convencido ao mesmo tempo de que estou interpretando fielmente os propósitos do livre exame, que devem guiar sempre aqueles que frequentam estes Congressos, e o outro de fraternidade e harmonia com nossos irmãos, os espíritas anglo-saxões, que são justamente os impugnadores da Reencarnação.

Então, senhoras e senhores, devo me permitir a liberdade de apresentar uma sugestão à sua consideração, que pode resolver de uma vez por todas esse problema, já levantado em Congressos anteriores e que tem indícios de não se resolver neste, nem em outros congressos futuros.

Sugiro, então, que, para chegar com sucesso a um "entente cordiale" com aqueles dos nossos irmãos que ainda não estão convencidos da Reencarnação, concordemos em escrever as conclusões finais sobre este ponto, neste ou em semelhante forma:

Que os espíritas de origem latina e de outras procedências aceitaram e aceitam o princípio da Reencarnação, como ele foi proclamado no Congresso Internacional de Barcelona, em 1888, como um fato provado, entendendo que é a única solução logicamente possível dos problemas morais, espirituais e sociais.

E que os espíritas de origem anglo-saxão não aceitam esse postulado da Reencarnação por acreditar que, para eles, ainda não foi provado e supor que existem outras soluções espirituais que possam, em sua opinião, resolver tais problemas.

Definidas claramente estas duas declarações de princípios doutrinários por ambas as partes, penso que poderíamos afiançar mais fortemente a "entente cordiale" que proponho, com nossos irmãos espíritas anglo-saxões, pondo fim de uma vez por todas e para sempre a dificuldade que deu origem a muitas polêmicas e, talvez, deu margem a outras determinações muito lamentáveis, que devemos evitar a qualquer preço.

O bom senso, a serenidade e a cordialidade impõem-se, queridos irmãos congressistas; ninguém deve tentar impor seus próprios critérios aos outros, nem mesmo suas próprias convicções.

Vamos provar ao mundo que somos verdadeiros espíritas dando uma demonstração eloquente de tolerância e liberdade de pensamento, tentando chegar a um acordo fraterno com todos aqueles que não pensam como nós e fazendo que este Congresso Espírita seja ao mesmo tempo um Congresso de livre pensadores, proclamando nele a liberdade que todos nós temos de crer, pensar e agir.

Conferência do Dr. Humberto Torres. 9 de setembro de 1934.

Senhoras e senhores: Como foi anunciado esta manhã, vai começar o primeiro ato da tarefa, o primeiro de propaganda dos trabalhos do Congresso, como prolongamento dos anteriores e como iniciação dos seguintes, formando um elo da corrente.

Um espírita caracterizado vai nos falar, um homem que tem trabalhado para o nosso ideal e que hoje não só trabalha no nosso, mas também destaca em sociologia e ocupa um lugar na política, essa arte difícil de governar os povos ou que os povos se governem a si mesmos.

Vai falar o doutor Humberto Torres, e como todos vocês já o conhecem, não é necessário que eu o apresente; é membro do Parlamento catalão; ele também é presidente da Seção Consultiva da Federação Espírita Espanhola e, por último, é homem de grandes dons intelectuais, e também acima deles e além deles, ele sente a doutrina como é necessário senti-la para poder viver. Ele sabe e sente, conhece e é capaz de nos emocionar diante dos belos problemas e as belas teorias de nossa doutrina.

Então, o Dr. Humberto Torres vai começar; vai falar para vocês imediatamente. (Aplausos)

O doutor Humberto Torres

Sres. congressistas: Nosso querido amigo Sr. Asmara, presidente deste Congresso, pede que eu fale para vocês em espanhol e não em catalão, como é meu costume, dado que o grande número de congressistas conhece a língua de Cervantes melhor do que a língua de minha terra. Concordo de bom grado, porque é uma exigência razoável e não uma imposição. Espero que os catalães aqui presentes não interpretem essa minha atitude de maneira distorcida e deem a ela seu verdadeiro significado, que não é outro senão uma posição de cavalheirismo e compreensão.

Contraste

Três quartos de século atrás, na França, Allan Kardec formulou uma doutrina filosófica e moral conhecida como Espiritismo. Espíritas seletos da Espanha, logo depois, tentaram trazer as obras de Kardec, nas quais sua

doutrina era sistematizada. Todos vocês sabem o que aconteceu: essas obras desembarcaram no porto de Barcelona, foram queimadas por ordem do bispo, considerando-as imorais e atentatórias à segurança social. Hoje, daquelas obras, centenas de edições foram feitas em todos os lugares e em todas as línguas. Trezentas publicações existem para divulgá-la em todos os países. Uma organização internacional da qual é reflexo este grande Congresso agrupa milhões de seres em torno do ideal espírita. A França, por decreto de Briand em 1922, declarou os estudos de psicologia supranormal como sendo de utilidade pública. O Brasil e a Guatemala os incorporaram no contexto da educação universitária. Atualmente, não há homens de destaque em qualquer ramo do conhecimento que não estejam interessados nos fatos que são a base de nossa doutrina. Depois de Crookes, Gladstone, Balfour, Aksakof e Geley, já desaparecidos, continuam seus trabalhos Richet, Driesch, Bottazzi, Lodge, Bozzano. Vamos, então, bem acompanhados. Que mais? Bem, enquanto alguns anos atrás nossas obras eram queimadas publicamente pelas autoridades, hoje a Câmara Municipal de Barcelona e a Generalitat, com seus honoráveis presidentes, protegem este Congresso. Vocês querem maior contraste, maior progresso? Aprendam os pessimistas e os descontentes a saber enxergar as coisas com perspectivas amplas. Essa mudança foi possível porque nossas ideias já conquistaram a consciência universal. Este é o enorme progresso feito por nossas doutrinas em pouco mais de meio século. (Aplausos)

As dificuldades

Esse progresso foi feito sem enfrentar resistência? Não era possível, porque as coisas entram na razão apenas com a ajuda do tempo. E acima de tudo, porque é lei sem exceção que toda ideia nova a enfrenta. Todos vocês sabem o que aconteceu com Galileu quando ele derrubou os sistemas de Ptolomeu e Copérnico. Nenhum de vocês ignora o riso com que o mundo oficial acolheu a descoberta de Galvani, com suas rãs dançantes, e Harvey com a circulação do sangue, e Lavoisier ao afirmar que o Universo era composto de quatro elementos fundamentais: água, ar, terra e fogo, que segundo a ciência oficial de seu tempo, eram todo o nosso planeta.

Mas o maior exemplo de resistência oficial a novas ideias nos é dado pela

vida de um dos maiores gênios da humanidade, Pasteur. Ainda vivem hoje médicos - meu pai é um deles - que lembram os anátemas com os quais os sábios receberam as ideias de Pasteur sobre a vida microbiana, base de uma das mais frutíferas conquistas do gênio humano. Mas para vocês verem que o espírito inquisitorial não é apenas patrimônio das religiões, mas também que a ciência oficial tem seu sinédrio, direi que a maior indignação dos cientistas da época de Pasteur deveu-se ao fato de que essa descoberta da geração espontânea não existia.

Naquela época, a ciência era totalmente materialista e não admitia uma causa das causas, e sendo que a descoberta de Pasteur rompia com as ideias dominantes, como os sacerdotes de Galileu os sábios disseram a Pasteur: "Mas você não vê que isso é a morte do positivismo científico e a destruição de nossa filosofia materialista da ciência?" Mas Pasteur disse que quando experimentava, não tinha preconceitos, que os fatos mandam, e se eles nos obrigam a retificar convicções enraizadas, devemos fazê-lo.

Este é o caminho inevitável seguido por toda ideia nova. Como o Espiritismo seria uma exceção, sendo que as consequências científicas, morais e filosóficas dessa doutrina comprometem tantas e tantas posições seculares? "(Grande aplauso).

O prestígio da ciência

O Espiritismo surge no momento de máximo esplendor da ciência oficial. Há um século falava-se do homem, do Universo, da alma, da Criação, com a mesma linguagem do tempo de Péricles. Mas, pouco a pouco, o surpreendente edifício da ciência vai sendo instaurado e uma concepção naturalista é construída, oposta à dos teólogos. Tudo é explicado, o Cosmos não tem mais segredos para a ciência, que estabelece matematicamente a série de todas as causas secundárias, com a ajuda das ciências naturais, físico-químicas e biológicas. Neste momento, de queda de todo um passado e com eclosão do brilho máximo de uma ciência puramente mecanicista, o ideal espírita aparece, para disputar com a ciência o domínio da verdade.

O Espiritismo diz à ciência: Há movimentos a distância e sem contato; e a ciência que estabeleceu as leis fixas da mecânica diz que isso é impossível. Mas o Espiritismo acrescenta: o pensamento é uma realidade substancial

objetivável, que pode ser fotografado e dá suas provas, diante da indignação e surpresa da Ciência, que afirmava que o pensamento era uma enteléquia, uma abstração. E o espiritismo continua: o homem que tem uma faculdade, a criptestesia, em virtude da qual é possível conhecer uma realidade externa, distante no tempo e no espaço, sem a assistência de sentidos orgânicos e ciência oficial, que acolhera com uma risada sarcástica esta primeira afirmação, teve de se render à evidência e apagar seu aforismo clássico segundo o qual não há nada na inteligência que não tenha passado através do canal dos sentidos, base da concepção materialista do homem. E assim, para os fatos da xenoglossia, da materialização, da correspondência cruzada, da personificação, do estado de transe, que comprometeu seriamente o prestigiado edifício erigido pela ciência oficial.

Aconteceu o que precisava acontecer. Se os fatos existem, eles são mais poderosos do que todos os preconceitos, e esses fatos, proclamados pelo Espiritismo, acabaram criando uma atmosfera de respeito, se não de adesão, para a nossa doutrina, por parte da ciência oficial de nossos dias. Este é o nosso legítimo orgulho, e esta é a glória das investigações dos humildes que nos precederam na estrada espinhosa da conquista da Verdade. (Grande aplauso)

Carácter científico do Espiritismo

Para o triunfo definitivo, vamos colocar nossa esperança no carácter científico predominante no nosso trabalho. O Espiritismo deve ser principalmente um ramo da árvore das ciências naturais. Fatos, fatos e mais fatos, eis aqui a posição inexpugnável. As teorias depois... Em qualquer concepção científica de importância, os fatos precederam a construção teórica e a afirmação filosófica. Assim, é como Arquimedes funda a física, Newton a gravitação universal, Darwin a doutrina evolucionista e Pasteur a vida microbiana. E esse é o caso do Espiritismo, e a esse carácter científico que já está presente na atualidade, é devido, em grande parte, ao enorme progresso que alcançou em tão pouco tempo. Os fatos já são universalmente aceitos. Podem ou não serem interpretados como nós, mas entre os sábios do nosso tempo, alguns são francamente espíritas, e outros reconhecem que a hipótese espírita não é anticientífica

mas verossímil.

Vocês querem uma conquista maior? Percebem o passo gigante que a ciência deu em nosso caminho? Cinquenta anos atrás, os fatos não eram nem aceitos, e aqueles que os proclamavam eram candidatos ao manicômio. Hoje, prisioneiros de sua curiosidade primeiro, e depois influenciados pelo significado dos fatos que observam, os sábios vacilam em suas posições tradicionais e veem que a concepção polizoísta e mecanicista do homem entra em colapso rapidamente. A concepção clássica da personalidade, baseada no paralelismo psicofisiológico, construída pela ciência dos últimos cinquenta anos, está em ruínas. Surge outra, baseada em nossos fatos, completamente oposta, espírita, e essa concepção rapidamente ganha a adesão dos homens da ciência. Atualmente, a hipótese espírita tem a mesma categoria da hipótese atômica ou evolucionista. Provavelmente nossos filhos irão assistir pelo bem da Humanidade ao seu triunfo final. (Aplausos)

Sim, há um espírito

Em virtude dos fatos fornecidos pelo Espiritismo, podemos afirmar, não com razões, mas com experiências, que o pensamento não é uma secreção do cérebro, nem o resultado do jogo das forças físico-químicas, mas uma unidade em si. A alma não é um epifenômeno, mas uma realidade. A alma, independente do corpo, existe. Sim? Na verdade, ela não nasceu com o corpo que a abriga. E não morrerá quando o corpo morrer. Sua independência do corpo somático nos autoriza a afirmar sua preexistência e sua sobrevivência. Assim, o fato de a ciência oficial admitir hoje que existe um princípio inteligente independente do funcionalismo orgânico, sem a necessidade dos fatos de identificação pessoal "post mortem", é suficiente para proclamar a verdade das afirmações fundamentais do Espiritismo. Os fenômenos propriamente espiritualistas, por mais interessantes que sejam, nada mais são do que um complemento à verdade que o animismo, por si só, implica. Diante de certos casos de aspecto espírita, como os de identificação pessoal de falecidos, os sábios refratários à hipótese espírita, ficam entrincheirados na seguinte posição: que como os limites das faculdades criptestésicas da alma humana não foram estabelecidos, não é

possível dizer, diante de certos fatos, se uma suposta revelação de fatos ignorados dada pela personalidade de um suposto falecido, pode ser explicada simplesmente pelo exercício das faculdades supranormais do homem.

Mas Bozzano responde que quanto mais se alarga o campo do animismo, mais certa é a existência de uma alma independente do corpo e, portanto, com o animismo, levado a esse extremo, é o suficiente para afirmar o Espiritismo, que é um corolário.

Grandeza do Espiritismo

Nossa missão é sintetizada com o ditado popular: "Deus ajuda quem se ajuda." Saber que nos coube viver nesta geração da qual deve ficar o tesouro espiritual que é nossa doutrina. Que sua consequência mais importante é a da sobrevivência e imortalidade do ser. Que, portanto, a vida não termina na sepultura e o túmulo não é senão um leito de descanso entre as duas etapas. Contra o terror que causa na alma tímida, imbuída de um verdadeiro sentimento religioso, a ideia de um Deus irado que facilmente envia-nos à perdição eterna, há a afirmação de nossa doutrina, de que ninguém, por imperfeito que seja, deixará de ser salvo, não pela graça, mas pelo próprio esforço. Ninguém tem fechado o caminho da perfeição, e tal é a misericórdia providencial do Pai. Esta é a doutrina moral, consequência do estudo científico, que devemos propagar incansavelmente, porque hoje mais do que nunca a humanidade precisa do bálsamo e do tônico das nossas doutrinas. (Grande aplauso).

E nada mais, meus amigos. O melhor que pude, aponte o que entendo por Espiritismo em nossos dias, cheio de esperanças e consolações. Envio minhas últimas palavras aos nossos irmãos de diferentes países, aqui presentes, para agradecer-lhes a honra que nos fizeram trazendo a representação autorizada de seus povos a este Certame de luz, de amor e esperança. Que todos nós continuemos na nobre empreitada de disseminar esses ideais que devem ser a base de uma Humanidade melhor. (Grande aplauso)

* * *

O Sr. Presidente: "Senhoras e senhores: Nosso querido amigo Dr. Humberto Torres veio de Lleida expressamente para dar esta conferência, e precisa pegar o carro imediatamente para chegar a sua casa em uma hora prudente. Gostaríamos de fazer a tradução em inglês e francês; um extrato desta conferência para o conhecimento dos queridos irmãos de idioma estrangeiro; mas isso distrairia mais tempo do que o Dr. Humberto Torres poderia esperar.

Conseqüentemente, vamos despedi-lo agora, e na sequência publicaremos um comentário em espanhol sobre esta conferência, e uma tradução será feita em inglês e francês para os irmãos destes idiomas. Pela mesma razão, vamos agora despedir o orador, mas não quero despedi-lo depois de lhe agradecer, sem dedicar aqui uma lembrança ao Dr. Mariano Torres, elemento que tanto ajudou nos Congressos anteriores, e que tem sido defensor das doutrinas do Espiritismo espanhol, desde a alvorada do Espiritismo espanhol em nossa terra. Por isso, depois de agradecer a ele, peço aplausos para este veterano, o Dr. Mariano Torres ». (Aplausos prolongados)

O Dr. Humberto Torres: "Uma adenda obrigatória no meu discurso, nascida das palavras afetuosas do querido amigo Asmara e pela atitude fraterna de vocês.

Sim, meus amigos, chegarei hoje a Lleida, e da maneira menos tosca que eu puder, transmitirei ao meu pai este momento emocionante que vivi. Meu pai vai recebê-lo, como ele recebe tudo do mundo, com um entendimento filosófico. Mas meu pai, com seus 86 anos, com seu pobre corpo que não o carrega mais, com as pernas que quase nem pode mover, com o corpo cheio de coisas que não funcionam mais, mantém intacta, por um privilégio especial, sua inteligência claríssima. E nesses momentos ele vê claramente que seus dias estão acabando, mas ele vê isso com a resignação cristã do homem que é um espírita da cabeça aos pés.

Esta sua saudação cordial será como um novo vínculo que irá nos ligar aos nossos ideais.

Obrigado, então, queridos amigos, em nome de nosso ideal e em nome de meu pai, através de seu filho, por seu aplauso. "

A Mesa Presidencial e o Comitê Executivo do Congresso, seguidos por

uma grande audiência, acompanharam o dr. Torres até o exterior do Palácio das Projeções, dando a ele uma carinhosa despedida.

O ato foi retomado, e o presidente falou:

"Senhoras e senhores: Um breve comentário sobre a conferência, mas devo me limitar ao máximo nele, porque tudo o que poderia ser dito depois do que foi falado aqui certamente seria em detrimento do que eu dissesse.

Como vocês viram, mesmo sendo profanos, depois de tudo o que temos tratado, neste Congresso foi feita uma exposição da trajetória que nossa doutrina tem seguido para consolidar suas posições até a atualidade, na ordem científica, na ordem filosófica e moral, com essa articulação do Espiritismo integral que permite dar a cada verdade seu verdadeiro julgamento, sua verdadeira medida, para que nossa inteligência, para que nosso conhecimento possa articular adequadamente este andaime de rendimento que é necessário fazer para enfrentarmos os fatos e as conclusões a que as doutrinas levam: Facto, Ratio, Fide.

Fatos filosóficos, e esta é a moral que nos coloca diante dos problemas e que é para o futuro da Humanidade, talvez para a humanidade neste momento, como a melhor moral que pode ser fornecida para que o homem na sociedade possa ser o mais útil, o melhor possível para os seus semelhantes.

Nosso querido amigo seguiu nisso o sistema ordenado de exposição que tende a colocar um explosivo em toda consciência; um explosivo, ou melhor, um motor de explosão, para que a palavra seja mais agradável, que imprima em cada um que tenha ressonância, em cada um que saiba entender, esse dinamismo que precisa nos mover na vida para conseguir entender bem e servir esse ideal, servindo ao qual nos servimos a nós mesmos. Para salvar e servir a sociedade da qual fazemos parte, devemos começar sendo melhores, melhorando a nós mesmos, porque superar e ser melhor significa que servimos e salvamos a nós mesmos.

Estas breves palavras dão fim ao ato desta tarde. Agora um extrato em inglês e francês será feito, como disse antes; mas já que isso poderia talvez ser cansativo para todos os queridos irmãos de língua espanhola, que ouvirão de novo o que já ouviram, e talvez uma perda de tempo, razão pela qual eu quero, em princípio, encerrar o ato, pedindo a todos os espíritas de

língua inglesa e francesa que continuem aqui, e teremos um parlamento, uma síntese do que acabou de ser dito.

O ato acabou, senhoras e senhores, e agradeço a todos pela sua presença.

Esclarecimento

Teria sido nosso desejo inserir a bela palestra de nosso querido amigo, Sr. Humbert Forestier, sobre «Os grandes mestres do Espiritismo, Allan Kardec, León Denis, Gabriel Delanne». Mas o vice-presidente da Federação Espírita Internacional e secretário da União Espírita Francesa, em sua modéstia, é da opinião de que não deveria ser publicada. Nós respeitamos a sua vontade... mas acreditamos que ele está errado.

CONSIDERAÇÕES AO LIVRO DO CONGRESSO

A descrição cronológica do Congresso, com tudo e sendo necessária, pois dá uma ideia geral do mesmo e permite apreciar a intensa atividade desenvolvida por todos que nele participaram, seria insuficiente para que quem não compareceu às suas sessões conseguisse ter noção do trabalho realizado nele.

Desde antes do Congresso, nas reuniões preparatórias do Comitê Organizador, e especialmente naquelas a que compareceram as delegações ibero-americanas, foi estabelecido o critério de enfatizar a questão da Reencarnação, considerando-a de interesse básico para o Espiritismo.

A partir da primeira chamada lançada pelo Comitê Organizador, foi dito que queríamos enfrentar os problemas mais agudos apresentados ao homem, para demonstrar que o Espiritismo tem soluções para todos eles, e como o problema magno, o maior, quase diríamos o problema único, é aquele da "injustiça" que reina neste planeta, todos nós consideramos que para explicar esta injustiça e estudar e encontrar remédios para ela, a Reencarnação era essencial, porque sem ela, o Espiritismo era apenas outra filosofia, pura lucubração espiritual baseada em fatos e Ciência, mas como as outras, incapaz de apresentar qualquer solução para os problemas atuais e acima de tudo oferecer à Humanidade um guia seguro e uma orientação correta para resolvê-los.

A declaração do Congresso sobre a Reencarnação, é uma solução correta, embora não completa, porém, como pela própria imposição da essência de nossa doutrina, é impossível impor crenças, contrárias aos sentimentos de cada um, o Congresso, sob pena de contrariar este princípio tão essencial do espírita, não conseguiu fazer outra coisa além de expor o problema de maneira clara e que não se prestasse a ambiguidades ou interpretações errôneas, como infelizmente já aconteceu em outras ocasiões.

Nossos irmãos ingleses acham que não há provas suficientes para garantir que a Reencarnação seja uma realidade. Eles não negam sua possibilidade, mas não acreditam que isso seja provado. Se a F. E. I. implementar a proposta de Constância, criará uma organização cujo trabalho pode dar ótimos resultados, uma vez que permitirá apresentar as provas que eles solicitam.

O assunto é importante demais para ser abandonado, porque no dia em que houver um perfeito acordo entre todos os espíritas a esse respeito, nossa força aumentará em proporções inesperadas. Para obter este resultado, não economizaremos sacrifícios, e esperamos que todos os espíritas reencarnacionistas irão pensar e sentir como nós.

A este respeito, devemos notar a extrema importância das conclusões votadas, que não deixam margem para dúvidas e não permitirão que as desagradáveis discussões posteriores ao Congresso de Londres de 1928 sejam repetidas, porque foi votada uma declaração que permitiu a todos interpretá-la a seu modo.

Em questões desse tipo, toda a clareza é pouca e agora a clareza está completa. Nas mãos dos espíritas latinos fica agora trabalhar para que a corrente reencarnacionista, cada vez mais poderosa nos países anglo-saxões, consiga abranger a maioria dos nossos irmãos do norte.

Duas questões de grande importância foram amplamente discutidas. As conclusões gerais do Congresso com a definição do Espiritismo e a atitude dos espíritas diante do chamado problema social. Em ambas, o grande dinamismo de todos os delegados foi demonstrado novamente. Várias opiniões foram expressas que não devemos analisar ou julgar aqui, mas em todos havia um desejo manifesto de fazer um trabalho útil e duradouro, de nos afastarmos de declarações vazias e sem um verdadeiro conteúdo.

O Congresso Espírita Internacional de Barcelona obteve uma participação entusiástica e quase poderíamos dizer direta de grandes massas espíritas. A partir dessa participação entusiástica, ativa e até apaixonada, a aparente ordem do mesmo ressentiu-se, mas, em troca, permitiu garantir que a grande maioria dos delegados colocasse nele toda a sua alma e seu amor pelo ideal.

O tempo esclarecerá muitas coisas e permitirá apreciar os erros em que cada um incorreu; mas não importa quais fossem, eles são de pouca importância, dado o intenso desejo de trabalhar pelo Espiritismo que ali se demonstrou e a grande vitalidade demonstrada por muitas das Federações representadas aqui, já que para enviar seus representantes, tiveram que enfrentar enormes sacrifícios que nunca poderemos agradecer o suficiente.

As reuniões da Seção I, presididas por nosso querido amigo Carlo

Andry-Bourgeois, culto engenheiro francês, aconteceram em uma atmosfera de grande serenidade; mas as da Seção II foram agitadas em extremo, surpreendendo e talvez indignando os delegados ingleses, que não conseguiam entender a paixão dos latinos. Devemos dizer, em honra da verdade, que houve momentos excessivos; mas isso foi devido, principalmente, ao grande interesse com que os delegados espanhóis, ou melhor, os de língua espanhola, tratavam das questões em pauta.

As reuniões se sucederam e, como o número de artigos a serem discutidos era grande, concordou-se em realizar outras durante as horas em que as excursões aconteciam.

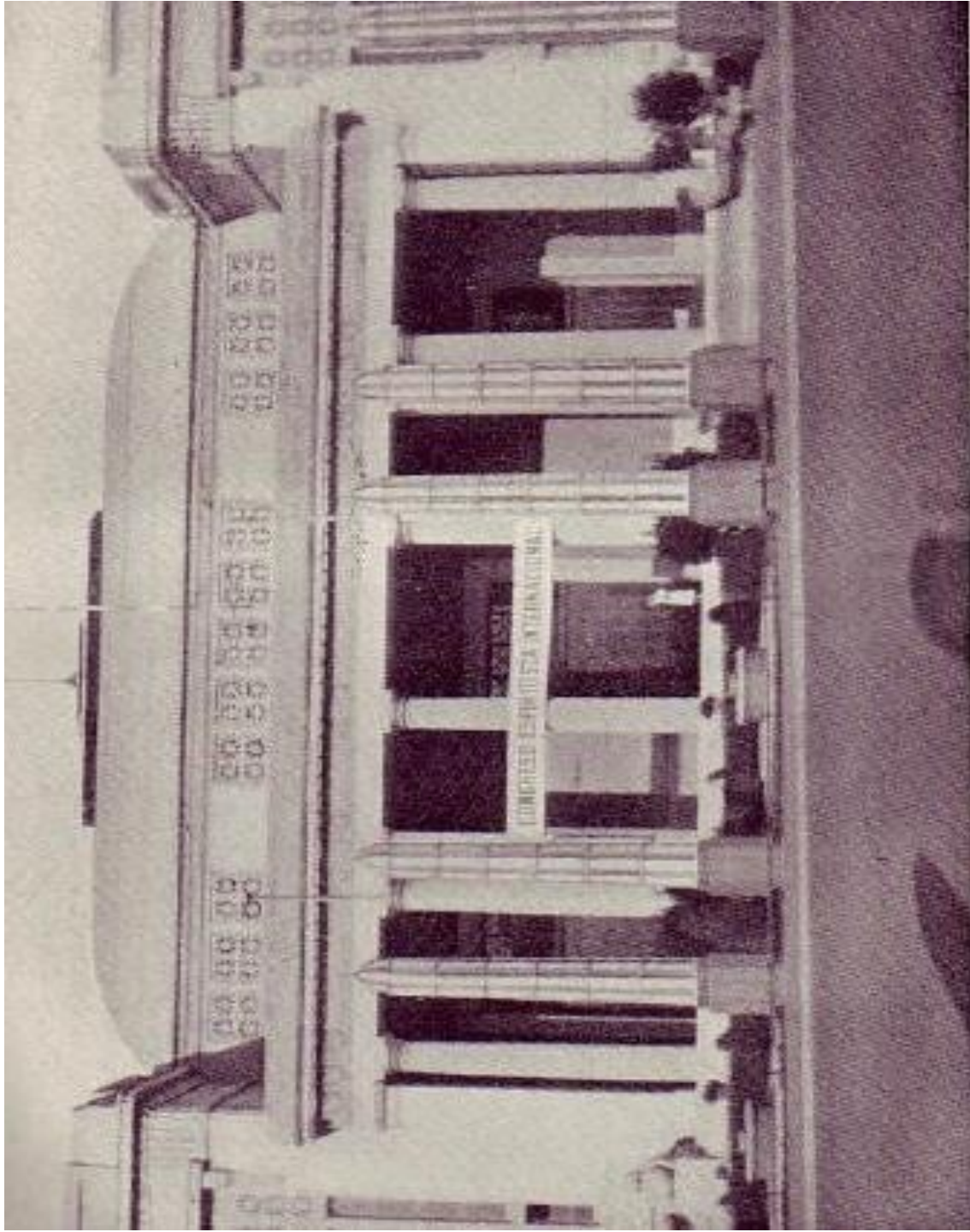
As duas últimas reuniões foram dedicadas quase inteiramente ao estudo dos trabalhos apresentados por nossos caros amigos argentinos.

A colaboração dos espiritualistas da grande República de La Plata foi uma das mais interessantes e valorizadas pelo Congresso.

Começando com a interessante apresentação de Constância, lida e defendida pelo representante, nosso distinto amigo Sr. Reynaud, e continuando com a série de artigos apresentados pelas sociedades "Hacia la Perfección" e "Sáenz Cortés", todas muito interessantes, especialmente duas, «Espiritismo e Juventude» e «Estudo experimental da mediunidade e seu desenvolvimento», que mereceram os parabéns do Congresso em pleno, e terminando com a Memória da Confederação Espírita Argentina, que marca orientações que indicam um verdadeiro entusiasmo pelo ideal e o firme desejo de conduzi-lo por roteiros de grande atividade, entrando plenamente no estudo e na solução de questões de grande importância para a Humanidade, a atuação dos delegados argentinos foi uma das mais frutíferas do Congresso.

Não nos cansaremos de insistir na importância excepcional de ter reunido por três vezes diferentes uma audiência de vários milhares de pessoas que vieram ouvir nossos oradores.

Isso mostra que as possibilidades do Espiritismo em Barcelona são grandes, e que, se não tirarmos proveito delas, incorreremos em sérias responsabilidades.



El magnífico Palatio de Proyecciones, cedido por el Ayuntamiento de Barcelona con todo su personal y dependencias para la celebración del Congreso. Este edificio mide 55 metros de fachada por 115 de profundidad

COMITE EJECUTIVO DE LA F. E. I.



Don Humberto Forstar
Director de «La Revue Spiritex»,
Vicepresidente de la F. E. I.



Don Alberto Pauchard
Tesorero de la F. E. I., 1925-1934,
Desconocido en Ginebra en junio 1934



Srta. Antonieta Pauchaad
Tesorera de la F. E. I.



Don Geo F. Berry
Segundo Consejero de la F. E. I. Primer
Presidente 1925-1928



M. Beverluis
Primer Consejero de la F. E. I.

COMITE DE HONOR



Don J. Esteve Marita
Antiguo Presidente y fundador de la F. E. E.



Don Salvador Sellés (Poeta)



Don Francisco Arques
Director de «Revelación»



Don Miguel Gimeno Eito
Escritor



Dr. D. Mariano Torres (Teófilo)
Miembro del Comité de Honor del Congreso



Una de las naves del Palacio de la Metalurgia en un mitin preparatorio del Congreso



Otra nave del mismo local en el mismo día



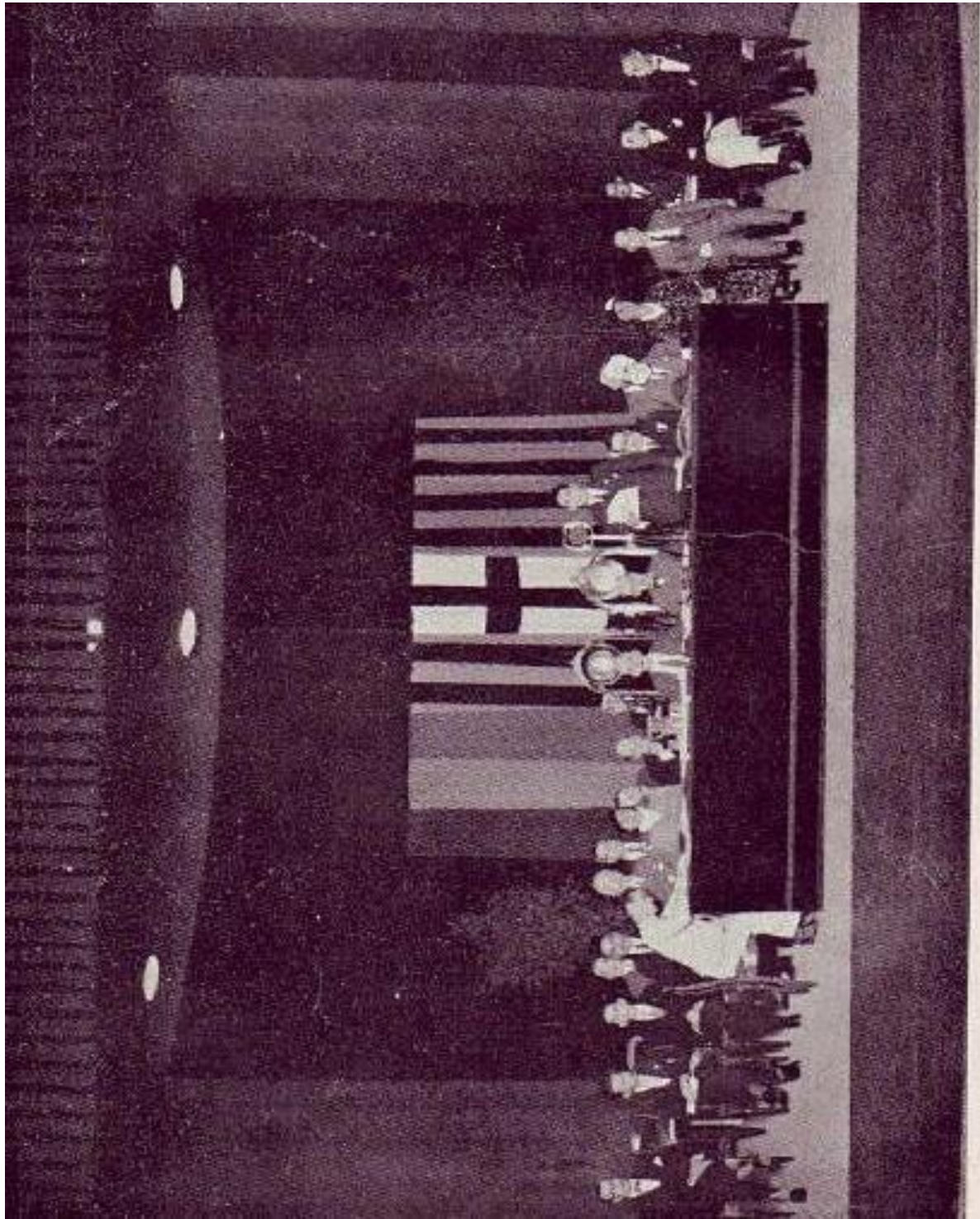
La sesión inaugural del Congreso presidida por el diputado don Amadeo Calladoforms representando el Gobierno de Cataluña, y don J. Janoyent en representación del Alcalde, y Cordoni, del Ayuntamiento



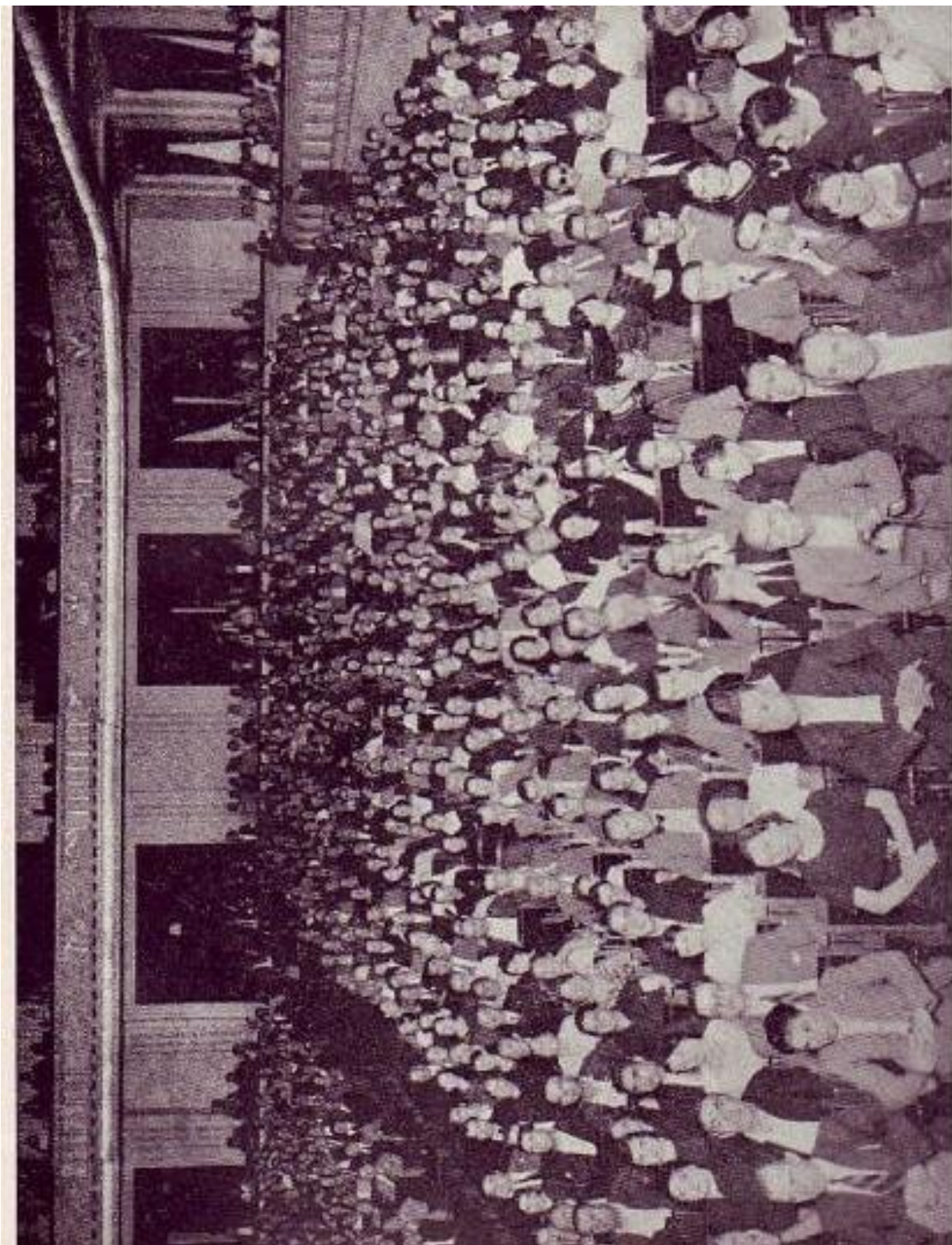
La recepción en el Ayuntamiento. En el centro formando grupo, don Carlos Pi y Suñer, alcalde de Barcelona, don Amadeo Colldeforns, representante del Gobierno de Cataluña, y don Humberto Forastier, al lado de éste el Presidente de la F. E. E. don José M.ª Sosas



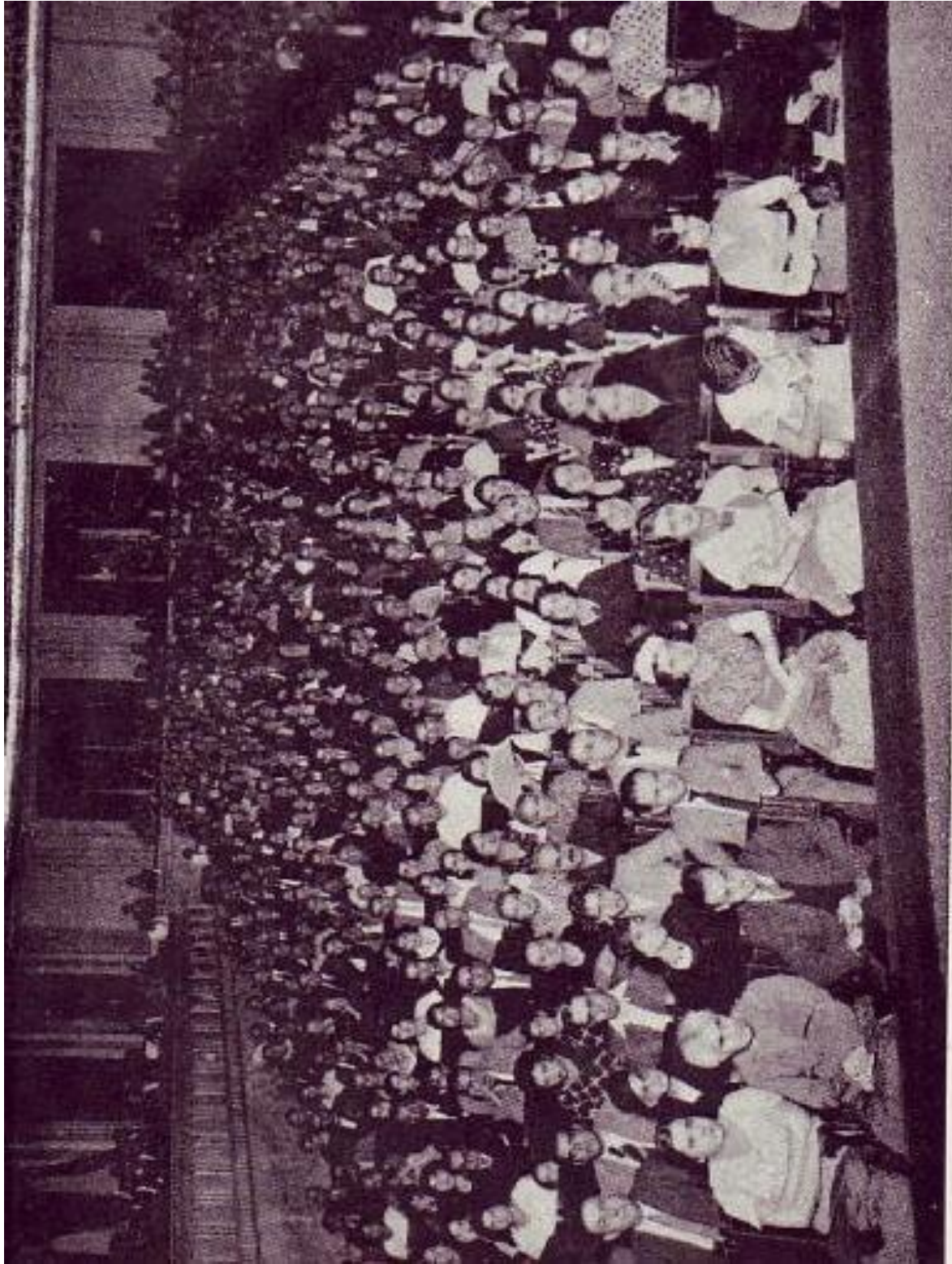
Los delegados a la salida de una de las reuniones del Congreso



La presidencia del Congreso durante la conferencia de don H. Forestier



Un aspecto del Palacio de Proyecciones durante la conferencia de don Salvador Molina sobre el tema «Reencarnación»



Otra vista del Palacio de Proyecciones durante la conferencia de don Salvador Molina



El profesor Asmaro pronunciando su discurso en la sesión inaugural



Dr. Salvador Molina el día de su conferencia sobre «La Reencarnación».



El interior del Palacio de Proyecciones en una de las sesiones reservadas a los delegados



Otra reunión de delegados



Los congresistas saliendo de la recepción en el Ayuntamiento



Un grupo de congresistas durante su visita al Pueblo Español, de la Exposición de Barcelona



Algunos congresistas en los jardines del ex Palacio Real de Pedralbes



La delegación del C. de E. P. de Sabadell
En el centro el veterano espiritista don Juan Torres Serra

PRIMEIRA SEÇÃO

PROPAGANDA. ORGANIZAÇÃO. ESTUDO DA DOCTRINA. FILOSOFIA E MORAL.

É impossível publicar aqui todos os artigos recebidos, nem mesmo aqueles que podem ser considerados aceitáveis, porque, para isso, precisaríamos dar a este livro uma extensão incomum.

Publicamos uma lista de todos eles. Aqueles de verdadeiro valor, mas que a falta de espaço nos impede de incluir aqui, serão publicados em "La Luz del Porvenir", para poderem ser conhecidos pela massa espírita. Alguns são de verdadeiro valor que não publicamos devido à sua extensão excessiva.

A) O PROBLEMA RELIGIOSO. DEUS.

O problema religioso. Deus. Pelas sociedades «Hacia la Perfección», de Buenos Aires, e «Sáenz Cortés», de Pchuajó (Argentina).

Nunca o homem foi capaz de viver órfão de uma filosofia explicativa do Universo, da sua própria vida e destino, mesmo ela que tenha sido criada com vistas a resolver preocupações ou medos do desconhecido para a sua vida presente e futura, ou para fins de especulação idealista superior.

Acreditamos que, para esse objeto, o estudo das religiões, e melhor ainda, da história das religiões, é de suma importância, porque ele tem a virtude de nos ensinar o desenvolvimento da mentalidade humana através dos diferentes estágios da evolução.

É por isso que não só, não somos seduzidos pelas aspirações de Voltaire, Holbach e Quinet, que pediram para pôr fim às religiões como uma medida social disciplinar, mas, ao contrário, sustentamos a necessidade de um estudo das religiões nas escolas seculares, porque entendemos, com Reinach: "A origem das religiões é confundida com as origens do pensamento e da atividade intelectual dos homens; sua decadência ou sua limitação é a história do progresso que só elas tornaram possível ».

Não perdemos de vista o fato de que o sentimento religioso nasceu com

o próprio homem, uma qualidade inata que é resumida na crença em poderes superiores, na dependência de outras vontades diferentes da nossa; poderes superiores e dependência que sofreram a influência das mentes de todos os tempos no que diz respeito à interação daqueles com relação a estas.

O problema religioso, acreditamos é especificamente o seguinte: são muito poucos aqueles que sabem ou ao menos vislumbram o que é a vida e seu significado. Essa convicção, mãe de tantos conflitos, só pode ser alimentada por aqueles que conhecem sua situação na vida, que sabem que todo ser humano representa um fator no progresso evolutivo que certamente gravita sobre o concerto social, e quem sabe, além disso, que a justiça enterra suas raízes profundas no passado; não sendo possível apagar de um só gesto os trabalhos e as consequências deles, antes sendo tudo isso trabalho de evolução.

Além disso, o progresso não é feito pela negação sistematizada de regimes estabelecidos, sejam eles sociais ou filosóficos, mas pelo contrário, pelo estudo razoável e consciencioso de todas as causas dos males que afligem a Humanidade.

Em virtude desse estudo comparativo, estamos de posse de uma serenidade melhor no julgamento e, como espíritas sinceros, acreditamos que cronicar a origem das religiões é conhecer o alvorecer do Espiritismo, é fundamentá-lo, visto não pensarmos que ele seja uma aquisição moderna, pelo contrário, é o resultado natural do progresso das inteligências.

Por outro lado, somos de mente aberta e não queremos cair no lapso de muitos que acreditam que a questão religiosa está relacionada apenas e exclusivamente ao catolicismo. Mas nos apressamos a esclarecer - dado que o grande contingente espírita é formado casualmente por antigos católicos apostólicos romanos - entendemos que, no que concerne ao Espiritismo, ele constitui um elemento digno de ser considerado dos primeiros. No entanto, registraremos o grande valor de outras doutrinas, que, apesar de pretenderem se livrar do catolicismo, em muitos casos o imitam, como acontece com o sistema da política positiva de Auguste Comte, talvez também do socialismo católico. Também damos atenção especial ao pensamento livre, que acreditamos dever ser monitorado, pois, sem uma

preparação sólida, sua assimilação não é proveitosa.

Entendemos que o problema religioso está essencialmente ligado na atualidade - e sempre - à falta de conhecimento sobre o assunto, independente de qualquer tendência interessada. Como espíritas, defendemos que aqueles que têm em suas mãos a preparação da cultura dos jovens de hoje - homens de amanhã - não devem rejeitar esse estudo. Quer sejam pais, tutores ou professores, se não agirem assim, tornam-se cúmplices dos interessados em que erro persista, não permitindo que as consciências que estão sendo formadas sejam fortalecidas com o conhecimento de quando e como as religiões responderam a uma necessidade, que frutos deram à humanidade e que herança nossos filhos devem suportar hoje.

Aberto o caminho da libertação do pensamento, e fortalecida a mente com as noções históricas adquiridas, chegará por si mesma à noção de Deus, princípio de todas as coisas, não distorcida por interesses criados.

Ideia de Deus tão antiga quanto a própria Humanidade e, por gravitação necessária de todas as coisas, sujeita à evolução dos povos. Dada a necessidade de referir a um poder estranho inumeráveis produções e mecanismos naturais ainda inexplicados, como compensação imediata, a imaginação viu-se obrigada a revestir vários objetos e animais das faculdades e poderes que escapavam ao homem.

Sofrendo a influência da raça, clima, necessidades, medos, evolução, etc., aparecem nas vidas de diferentes povos, múltiplas divindades, as quais se tornam objeto de todo o carregado ritual a que essas crenças estavam unidas. Qualquer manifestação natural incompreendida e qualificada como sobrenatural, destinada a dotar a divindade adorada com outro poder, que, no fundo, vinham apenas revelar um estado psicológico de um povo ou raça.

No caminho agora da meditação, e desapegados de toda ideia de superstição e igualmente despojados dos preconceitos do dogmatismo, buscamos Deus porque o sentimos; porque é uma qualidade - se é que pode ser dito assim - que nasceu conosco; porque é uma necessidade do nosso equilíbrio mental, e porque é a condição indispensável daquilo que dia a dia, de hora em hora, nos mostra a observação do Universo.

Nada existe de mais necessário para nós, do que excluir - sempre que de um momento de contemplação da natureza o espírito desfruta -: Esta é a tua obra! Nós não queremos ser chamados de místicos, ilógicos e até fanáticos quando elevamos esse sentimento de Excelência Suprema tão alto!

Porque o misticismo de que o nosso espírito pode sofrer, não é mais do que o misticismo que as obras da criação infundem; sentimento que em nossa alma não nasceu de uma descentralização patológica de nossas faculdades psíquicas; mas sim, em troca, viu sua luz através dessa unidade, essa inteligência, essa harmonia, essa alma que pulsa em toda a Criação, tudo aquilo que chamamos de Deus.

Porque ilógicos não poderíamos ser, visto que na lógica nos baseamos, já que como espíritas desconsideramos tudo o que seja adorar fetiches e imagens de santos - que para nós não existem - como faz o catolicismo; e muito menos ainda nosso sentimento poderia concordar com aqueles que dão a Deus formas humanas ou outras, mas que se afastam pouco do que nos é afim, como diz Hume, "que há uma tendência geral no homem de admitir que todos seres se assemelham a ele ». Preceito de Hume, muito apropriado para aquelas inteligências infantis que não lhes permitia discernir, ou melhor, separar sua vontade, seu eu, daquilo que as cerca e com o qual elas coexistem.

Hoje, admitimos, houve uma mudança evolutiva nas pessoas, em virtude da qual as mentes foram esclarecidas. Isso nos colocou em conexão com múltiplos avanços científicos. Acreditamos que nunca como hoje é incoerente falar de Deus sem nos apoiarmos na ciência. Nós já reconhecemos que a ciência não tenta se preocupar, pelo menos aparentemente, com Deus; mas não nos autoriza a ignorar seus postulados, muitos deles contestáveis.

Do mais insignificante ser da criação, ao homem e do átomo ao Universo, existe toda uma cadeia de harmoniosa constituição e progresso incessante. É evidente que uma marcha ascendente na evolução, como aquela a que estamos nos referindo, não é obra do acaso, não é produto do nada; um pensamento diretor, é uma necessidade lógica.

Mas esse pensamento é apenas uma diretriz, o que não equivale a pensar

em moldes adequados e eternos de formas de evolução. Distinção de suma importância para nós e origem de muitas falsas avaliações.

Porque, além disso, não acreditamos ser fanáticos ao admitir a existência de uma ideia diretriz nas obras da criação sem erros históricos ou de sistemas e sem empunhar títulos de escolas. Nós nos declaramos investigadores de Deus. Estamos buscando uma verdade que satisfaça o desejo de uma vida clara e luminosa como a que nos anima.

Se, como tais, buscamos Deus, como espíritas, sentimos que Ele é "eterno: imutável, imortal, único, onipotente, soberanamente justo e "bom": (Kardec).

Particularizando-nos com os nossos tempos atuais, consideramos extremamente difícil nos adentrarmos no panorama religioso, para encarar, ou pretender, mesmo superficialmente, historiar, aquilo que do nosso ponto de vista persiste, fora ou dentro dos costumes religiosos que prevalecem ao nosso redor.

Não há dúvida, vendo de cima o panorama, sem paixão, que nos países civilizados desapareceu toda luta de crenças, para dar lugar a guerrilhas de posições, cada qual disposto a manter o bastião conquistado. E nós expressamos isto com conhecimento de causa diante do avanço de posições políticas que agitam bandeiras religiosas, e diante da absorção das funções políticas e sociais sob formas muito afastadas da fé e a religiosidade, por organizações religiosas, nas associações de trabalho, salas de jantar sociais, caixas de poupança e escolas, etc.

É que, na realidade, o conceito da vida, sustentada puramente pela fé, não tem onde se apoiar nesses momentos de intensa materialidade, aumentados pelas dificuldades de subsistência, somado às dificuldades de se viver cada vez mais estritamente à vontade dos eventos da Terra. As grandezas prometidas e fundadas na religião, a fé e a esperança, se dissipam-se rapidamente, diante do desconcertante infortúnio da época.

Essa situação é altamente explorada em todas as esferas interessadas da política e da religião, sem resolver por isso a situação insustentável de crianças grandes, que sofrem com a depressão de suas atividades, beirando

o desemprego e a miséria, que invade com rapidez inusitada centros até ontem produtores e fabris. As consolações religiosas se contentam em formular esperanças por melhores dias, depois da presente punição, segundo eles, imposta pela vontade de Deus. Os financistas e os políticos especulam sobre as consequências da superprodução e da quantidade de ouro no mundo e sua influência sobre as boas finanças dos povos; e enquanto isso todos opinam à medida de seus interesses, a Humanidade sofre, lutando sob a ausência de ordem, justiça e caridade.

Apesar da inconsistência de todas as especulações formuladas, sejam elas morais ou materiais, a credulidade geral inclina-se diante das demonstrações ostensivas da religiosidade, que aprisiona muitos seres de todas as esferas sociais, mais apreciadores da exibição do que dos verdadeiros sentimentos de fraternidade. Fúteis esperanças podem alimentar o mundo, se isso significa resolver suas dificuldades presentes reverenciando imagens ou admirando ouropel, enquanto as dificuldades aumentam devido à falta de socorros.

As esperanças baseadas na extensão geral da instrução essencialmente leiga, em nome da liberdade de pensar, não influenciaram em orientar o raciocínio para esferas mais próximas da verdade da vida. E a ignorância das realidades fundamentais das religiões desorienta os leigos e muitos espíritos sem diretivas sólidas, para discernir e apreciar, ideologias que ignoram; e estes seguem inocentemente a primeira e mais espetacular religião que encontram em seu caminho.

Escassamente orientada a grande massa popular no conhecimento da vida, pelos rudimentos da instrução recebida na sala de aula primária, mal salva a distância entre a ignorância e a posse dos meios de combatê-la, já que adquire a faculdade de saber ler, mas não o dom de saber orientar suas leituras uma vez livre da disciplina escolar. Na falta de meios de raciocínio, sua inclinação dependerá das primeiras impressões, difíceis de modificar mais tarde, uma vez adquiridas na infância, e se suas tendências são religiosas, elas então se estendem como uma parte acessória da vida, sem preocupação ou análise. Os estudos secundários, no caso de se dedicarem a eles, não lhe darão a luz necessária à formação justamente da liberdade de pensar, já que carece dos elementos do julgamento comparativo, porque

não os estuda de modo a formar ideias precisas de religião e de moral.

Portanto, repetimos, acreditamos firmemente que é um erro a completa abstenção do conhecimento histórico das religiões, cujo nascimento e desenvolvimento revelariam a fonte milenar de superstições e mitos, cuja veneração é inconcebível na era do crescimento científico e analítico que nos caracteriza.

Se na realidade existem muito poucos verdadeiros religiosos e poucos são conscientes das teses contrárias, o número de crentes é aumentado, em parte, pelas causas acima mencionadas e, em geral, porque suas conveniências próprias e sociais assim o exigem em defesa das necessidades materiais, satisfeitas pela lei do menor esforço e com o mínimo de sacrifício pessoal.

Nesse caminho, o conceito da maior grandeza desce ao valor de um símbolo envolto pelo fausto nas mentes simples, quando corresponde buscar nas regiões incomensuráveis do Universo os seus limites, fonte única do bem supremo e das magnitudes siderais de potência e grandeza.

Devemos ter em mente que a exclusão da noção da existência de um Deus, condensou nas mentes das pessoas de tendência à descrença, o exclusivismo da concepção de uma Lei Suprema para as ideias católicas, não imaginando que outros ideais possam conceber numa dedução filosófica e fundamentada o Grande Princípio dos seres e das coisas.

Destruir a suposição de que o nosso idealismo vislumbra um Deus pequeno à sua semelhança é um dos nossos problemas a enfrentar com interesse, para conquistarmos lealmente todos os descontentes dos dogmas, desacreditados por serem incertos, inverossímeis e contrários à razão e à ciência.

Nutrimos a convicção de contribuir com acerto ou fundamentar eficazmente as novas tendências morais, baseadas no conjunto da análise, da razão e da ciência; combinando as formas pressentidas e inatas nos seres, que culmina na existência de uma Diretiva Suprema, única e indivisível, centro que irradia ordem, vida e energia, eixo das leis supremas inacessíveis à concepção humana. Centro ativo, englobando a grandiosa pluralidade dos mundos, numa marcha sideral harmônica de mutações eternas, de surpresas contínuas para os olhos limitados dos homens,

penetrando de vez em quando um pouquinho mais nos profundos segredos da imensidão.

Diante da inegável Lei das Leis, que põe em movimento eternamente com precisão comprovada todas as partículas dos imensos mundos, e governa os mesmos numa ação constante e indeferível, que o próprio homem não pode evitar ou modificar. Esta ação que atinge tanto as grandes coisas como às pequenas, já nos levou ao conceito sintético de uma palavra, incapaz por si mesma de esclarecer ou resumir tanta magnitude, porém consagrada, mais por ser ouvida do que por ser compreendida, no simples termo de Deus.

Da noção de Deus, por Quintín López Gómez.

Dos tópicos a serem tratados pela primeira Seção do Congresso Trienal da Federação Espírita Internacional que estamos celebrando, aparece primeiramente aquele enunciado assim:

a) Problema religioso: Deus.

Conviemos de bom grado em que esta questão está sendo imposta, pela necessidade, a um Espiritismo militante, tanto para obter um critério mais uniforme com relação a ele, quanto com o fato de que este critério seja a exegese filosófica mais depurada que entre todos aqueles que têm a audácia de enfrentá-lo, consigam formular.

E declaramos ser um dos grupos com o maior desejo de enfrentar essa tarefa, embora reconhecendo e confessando os poucos recursos que temos para realizá-la.

Portanto, sirva para o que servir, vamos expor nosso critério, em favor do qual não pedimos benevolência, mas crítica, raciocinada e severa crítica.

* * *

O homem é religioso por natureza; e é porque se reconhece fraco, impotente para se bastar a si mesmo e porque, querendo ou não, está sujeito a leis e forças que em vão tenta neutralizar.

E neste fato inconcusso, de todos os tempos e de todos os lugares, é que radica a base da religião natural, primeiro, e das inúmeras religiões que vêm sucedendo-se ao longo dos séculos, depois.

Não vamos nos deter em justificar esta afirmação, uma vez que é uma verdade geralmente admitida. Por outro lado, teríamos que investir para isso, tempo e espaço que precisamos para o desenvolvimento de nossa tese. O que diremos é que toda religião reflete hoje, e sempre refletiu, o estado mental e emocional de seus fundadores e seguidores, justificando o dito de que o homem sempre criou seus deuses, à sua imagem e semelhança.

E assim é, e não poderia ser de outra forma; porque o homem, em todos os momentos, não teve outros instrumentos para aperceber-se do que o rodeia, do que seus cinco sentidos, avalizados por sua razão; e todos sabemos quão deficientes e falaciosos são, e que a razão não passa de ser um produto mais ou menos preciso das experiências acumuladas. Com tais instrumentos, o lógico seria que os deuses concebidos pelo homem não tivessem sido à sua imagem e semelhança.

No mesmo caso, estamos nós mesmos; de modo que, arriscando-nos a pretender dar uma noção do que o Espiritismo deve entender por seu Deus, não podemos fazer outra coisa senão arriscar uma hipótese em harmonia com nossa capacidade estética e noológica; dito seja em defesa da nossa consciência e como justificativa para tamanha ousadia.

* * *

Para nos reduzirmos o máximo possível nesta tarefa – pela concisão que nos é requerida - vamos dispensar qualquer outra Teologia que não seja a que nos ensinaram quando crianças: que afinal de contas, não deixa de ser preponderante entre os povos latinos.

O Deus a quem nos foi ensinado a rezar e temer é um Senhor infinitamente absoluto e absolutamente infinito, bom, sábio, justo, onisciente e misericordioso, que com seu poder sobrenatural criou todas as coisas do nada, com apenas a eficácia de sua palavra, por sua vontade e para sua glória; cujo Senhor tem um Céu para premiar os bons com recompensa eterna, e um Inferno para punir, também com castigo eterno, os maus.

Vamos refletir sobre cada um desses postulados e vejamos o que podemos induzir ou deduzir deles.

"Deus é um Senhor Infinitamente Absoluto e Absolutamente Infinito" -

Perfeitamente: só assim cabe a afirmação teológica de que sua onipresença abrange todo lugar e tempo, e que tudo é dele, Nele e por Ele.

"Ele é infinitamente bom, sábio, justo, onisciente e misericordioso...". - De fato, da infinita bondade e sabedoria não podem ser separadas a infinita justiça, a infinita onisciência ou a infinita misericórdia, porque estas sem aquelas, ou aquelas sem estas, não podem ser concebidas: são corolários mútuos.

"Com seu poder sobrenatural, Ele criou todas as coisas do nada, com a eficácia única de sua palavra, por sua vontade e para sua glória." Aqui nossa razão, nossa mirrada razão, não se adere tão fácil e incondicionalmente ao postulado. Olha para todo lado, e em nenhum lugar vê aquele "nada" do qual as coisas foram criadas. Como poderia vê-lo, se há um momento atrás conviemos em que Deus era "O Infinito Absoluto" e "O Absolutamente Infinito"; que "Sua Onipresença abrange todo lugar e tempo, e que tudo age Nele e por Ele?" Se admitíssemos esse "nada", que pelo simples fato de ser admitido já seria "alguma coisa", esse "algo", ou "nada" seria suficiente para limitar "O Absolutamente Infinito e Infinitamente Absoluto" de Deus; já haveria dois relativos, um tão imenso quanto se quisesse e outro tão microscópico que a matemática não consegue calcular; mas, afinal de contas, duas realidades por si mesmas substantivas; duas unidades heterogêneas essencialmente não passíveis de acoplamento.

E "tem um Céu para premiar os bons com recompensa eterna e um Inferno para punir os maus com castigo eterno". Cuidado! Disseram-nos que Deus, com seu infinito poder, criou todas as coisas do nada e, portanto, o homem; e também nos foi dito que ele é infinitamente Onisciente, Bom, Justo e Misericordioso. Então o homem, bom ou mau, é exatamente como Deus o criou; e se, em sua Infinita Onisciência, soubesse já antes de criá-lo como ele ia se comportar, e ainda assim o criou, não sabemos ver como sua infinita Bondade e Misericórdia podem ser combinadas com aquela Sua Justiça Infinita, que castiga ou recompensa com inferno ou céu eterno um comportamento que, além de ser relativo, foi, e não podia deixar de ser, aquele que o Poder Infinito e a Sabedoria Infinita o predestinaram.

E, assim, poderíamos multiplicar as deduções, se fosse para entrar em nossos cálculos fazer a vivisseção do Credo que nos foi ensinado assim

que começamos a balbuciar; mas esta não é a nossa intenção, que, por outro lado, estaria em flagrante conflito com a persuasão que temos, de que toda religião, apesar de seus erros e seus procedimentos, tem sido, e é, um caminho mais ou menos tortuoso que tem inclinado as gerações para o seu Tabor moral.

O que nos guia, o que nos impulsiona nessa tarefa, é o nobre desejo de tentar investigar uma nova noção de Deus e da Religião, que concorde mais com nossas luzes atuais; que nos leve a desfazer com uma afirmação o que apresentamos como postulado em outra afirmação, e que nos sirva como meta para avançar no mesmo sentido que nos possa deparar nosso futuro eviterno.

E agora, com a nossa consciência mais descarregada depois dessa confissão, prosseguimos nossa tarefa.

* * *

Eis uma hipótese alheia e não recente, que vamos interpretar com um senso crítico rigoroso. Encontra-se nos três primeiros versos do Evangelho de São João e diz:

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. - 2. Isso foi no começo com Deus. - 3. Todas as coisas por ele foram feitas. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens".

Segundo a definição da Academia da Língua, "Verbo é a parte da sentença que designa essência, ação, paixão ou estado, quase sempre com expressão de tempo, número e pessoa"; e no que diz respeito ao verbo "ser", ela diz que é "o único que expressa a noção de essência ou substância".

Com estes antecedentes à vista, podemos transferir à nossa língua romance vulgar os três versos do evangelista João, da seguinte maneira:

DESDE O INÍCIO, ou seja, "de toda a eternidade", era e estava em Deus e com Deus no infinito absoluto do seu Ser, a ESSÊNCIA, dotada de plenos poderes ou AÇÃO geradora de "paixão" ou "estado" e determinadora de "tempo, número e pessoa" ou unidades relativas, simples, completas e perfeitas em si mesmas, e perfectíveis em relação ao desenvolvimento de suas possibilidades e também em relação ao desenvolvimento das

possibilidades de suas homogêneas; e entende-se que pelo "Verbo", isto é, pela ESSÊNCIA, "todas as coisas foram feitas" e sem o "Verbo" ou sem a ESSÊNCIA, "nada daquilo que é feito teria sido feito" porque que "é feito" o que quer que seja, acusa "formação" ou "produção no tempo e no espaço" de algo específico, "não diferente da essência" da qual provém, "em quanto ser", mas diferente dela "em termos de estado ou modo de ser e de se manifestar no tempo e no espaço". E entende-se: a EVOLUÇÃO UNIVERSAL, que é apenas a REALIZAÇÃO gradativa dos modos de atualizar a ESSÊNCIA, sua POTÊNCIA.

Este modo de conceber DEUS, CAUSA PRIMEIRA, RAIZ SEM RAIZ, não surge, certamente, do que a Ciência nos deu ou do que a Filosofia nos deu, porque a Ciência só observa e experimenta os fenômenos ao seu alcance, e Filosofia só infere aquilo que da observação e da experimentação pode ser induzido ou deduzido.

Baseia-se no que a FÉ nos dá, aconselhada pela intuição, tocada pelo raciocínio e levemente apoiada na experiência; aquela FÉ que começa por reconhecer que não pode definir, que não pode cientificamente demonstrar ao DEUS que sente no fundo de sua alma, no íntimo de sua consciência, mas que a intuição lhe impõe como postulado inquestionável; aquela FÉ que declara paladinamente que pela mesma razão que não pode definir, que não pode demonstrar Deus com argumentos científicos, é pelo que mais acredita NELE, pelo que O aceita com maior evidência; já que se fosse pela ciência demonstrável, ou simplesmente definível, seria igual ou inferior a ela, teria as suas mesmas ou semelhantes limitações e estaria sujeito às mesmas mudanças.

Bem, sábio, justo, poderoso...? Não, esse não é o DEUS que a intuição coloca ao alcance da FÉ. Bondade, sabedoria, justiça, poder... são propriedades daquele "que é", mas não AQUELE QUE É; da mesma forma que, tamanho, cor e forma são propriedades do objeto, mas não o objeto. Todas as propriedades são geradas pela comparação, e o DEUS da Fé é incomparável, pela mesma razão que deve ser Absoluto, ou não seria. Então, ou Deus não é DEUS, ou não é bom ou mau, justo ou injusto, sábio ou néscio: nada mais é que Deus, que está em tudo que é manifesto e não manifesto, como tudo que é manifesto e não manifesto está Nele, não por

união, não pela fusão hipostática, mas substantivamente, constituindo cada ser e cada coisa Sua expressão no relativo como Ele a constitui no ABSOLUTO.

Obcecação? Heresia? Absurdo?

Ousadia, em qualquer caso; mas sublime ousadia. Vamos continuar.

* * *

Deus é, e não pode fazer por menos, o ABSOLUTO e, portanto, o Incognoscível. Tentar defini-lo seria uma quimera, um absurdo.

No entanto, é necessário, é indispensável, insistir neste ponto; porque, segundo o conceito que nós forjamos da Teologia natural ou da Teodiceia, assim serão as consequências que deduziremos mais tarde.

Além disso, o fato de não podermos dizer o que Deus "é" não nos impede de saber o que Ele "não pode ser" ou o que "não pode deixar de ser": exatamente o que fazemos com quase todas as outras coisas, das quais poucas vezes ou nunca perguntamos o que são, antes por isto podemos afirmar que elas sejam o que imaginamos que são.

Assim, dizemos: "Deus é O Absoluto", não porque saibamos ou possamos saber jamais do que designamos com este artigo e este adjetivo, mas porque sabemos o que a palavra "relativo" significa, e estamos bem conscientes de que Deus " não pode ser relativo ", isto é, limitado, perfectível, em possibilidade de comparação com outro ser ou coisa, nem pode "deixar de ser "; conseqüentemente, sua antítese, que, seja ela qual for, é o que em nossa linguagem se chama "Absoluto".

Nós também dizemos Dele que é "O Incognoscível", sem podermos formar uma ideia remota do que queremos dizer com isso; mas sabemos que tudo aquilo que se encaixa em nosso conhecimento é observável, comparável, induzível, dedutível, etc., e isso é suficiente para concluir que Deus "não pode ser" cognoscível nem pode "deixar de ser" incognoscível. E aplicamos a Ele, finalmente, o artigo "O" porque, como indeterminado, é o que convém a esse caráter de integridade, de totalidade que a Deus atribuímos, porque se disséssemos "o absoluto" ou "os absolutos", o "incognoscível" ou "os incognoscíveis" é patente que poderia ser

interpretado como adaptado a um ou muitos absolutos ou incognoscíveis, em uma determinada ordem de possibilidades ou fenômenos, que, nem por isso, deixariam de ser relativos e cognoscíveis a partir do momento em que admitem comparação com aqueles não considerássemos no mesmo grau manifestativo; enquanto o nosso propósito e o fim que perseguimos, é indicar o que não admite comparação por conceito algum, o que "É" em Si mesmo e por Si mesmo absolutamente íntegro, absolutamente total.

* * *

Afirmar que "Deus não permite que tudo seja revelado ao homem" implica, teológica e filosoficamente falando, ou um defeito de expressão, ou um absurdo manifesto. Será o principal, se quisermos interpretar naquelas palavras que sendo Deus "O Absoluto", e o homem "relativo", nunca este será capaz de alcançar o conhecimento Dele, porque para isso teria, antes, de se fazer também, não "absoluto", visto que nem mesmo o absoluto em sapiência poderia abranger todo o conhecimento, mas "O Absoluto", isto é, igual a Deus: algo metafisicamente impossível, porque "O Absoluto" não admite duplicação. E será absurdo se tomarmos a afirmação ao pé da letra, porque "O Absoluto" não pode querer agora o que não irá querer mais tarde, nem ser determinado senão como um ato puro, como Atualidade imanente e permanente, como Asseidade.

Admitamos, por outro lado, a primeira exegese, e acharemos perfeitamente raciocinado que o homem vá penetrando nos segredos da Natureza, não de Deus, porque Deus não pode ter segredos à medida que progride em ciência e virtude, e embora possa, por intuição, saber o que a Ciência não pode ensinar, especialmente se descartamos, como é forçado, pelo imperativo categórico da imutabilidade e da imanência do "Absoluto" ao qual aludimos acima, o "Deus o quer" que aqui é aduzido como uma causa eficiente e limitadora do conhecimento humano. Tudo, neste caso, é reduzido ao natural desenvolvimento das potencialidades psíquicas do homem, que é, pensando logicamente, o que constitui o progresso e a revelação positiva através da troca de ideias entre os seres inteligentes.

* * *

Apesar de suas muitas deficiências, a razão humana pode se permitir proposições com atributos apodícticos, e uma delas é a seguinte: "A Essência ou Substância é coeterna com O ABSOLUTO, sem ser O ABSOLUTO". Motivos? Se a Essência tivesse precedido "O Absoluto", este não seria "O", mas "um" absoluto relativo; se tivesse acontecido, apresentaria estes dois inconvenientes: ou que Deus lhe deu ser do nada - e do nada, nada é feito -, ou que já existia, pelo menos em potência alheia, a Ele, e nesse caso, nem Ele nem ela teriam a propriedade do "absoluto". Portanto, devemos aceitar que a Essência ou Substância, coeterna com O ABSOLUTO como "Asseidade", entra nas limitações de tempo, espaço e relação concomitante ao ser atualizada em suas propriedades.

E é por isso que uma única Essência pode nos ser oferecida, e nos é oferecida, aqui como matéria com todas as aparências de inerte; lá, como uma força ativa com todas as aparências de imaterialidade; ali, como sensibilidade rudimentar e orgânica, com bosquejos de instinto; acolá, como inteligência relativamente livre em organismos também livres; nos planos mais superiores, como espíritos esclarecidos, como Gênios precursores, como Cristos sem que por isso a Essência deixe de ser a mesma Essência ou deixe de ter propriedades por desenvolver até o infinito.

* * *

Mesmo estando a substância formada de um único elemento dotado de todas as possibilidades, e mesmo reconhecendo que os cheiros, cores, sabores, densidades, pesos, formas, etc., só dependem das modificações que esses elementos podem experimentar e da disposição dos órgãos destinados a percebê-las, seria difícil conceber que todas as coisas tiveram uma origem comum, não reconhecendo a esse elemento um "ser" e um "estar" diferentes daqueles que nos impressionam e não o contemplando como um todo abstrato composto de unidades efetivas naturalmente simples, completas, perfeitas e potenciais ao infinito. Menos ainda seria possível conceber que "tudo esteja em tudo", e que "a formação de um mundo, a germinação de uma bolota e a concepção de uma ideia, obedeçam à mesma lei", porque o que entra pelos olhos, não é isso.

* * *

Convenhamos em que é um abstruso entre os abstrusos, o enigma da diferenciação entre Deus e o Universo; isto é, de como e porquê de "O ABSOLUTO" pôde se derivar o relativo. Nosso quase desconhecido González Soriano, em sua obra luminosa "O Espiritismo é a Filosofia", tenta decifrar o mistério supondo Deus como uma unidade sintética de dois elementos substanciais, um "o infinito e absolutamente perfeito, onde reside a infinita absoluta inteligência e o infinito absoluto poder»; outro, "o infinitamente perfectível, onde reside a infinita imperfeição em inteligência e poder"; aquele, a realidade total que realiza tudo; este, a realidade parcial que é realizada; um, o realizador; o outro, o realizável; e ambos os dois, constituindo o Todo, o Infinito, Deus.

Os metafísicos mais sutis do Oriente; aqueles que em suas especulações chegaram à afirmação de que o que é efeito ou coisa manifesta, outro tanto é conhecido pela Consciência Cósmica e outro tanto está adormecido e pode ser revelado em nossa própria consciência, aqueles que nos falam dos Logos Senhores do Cosmos com seus Sete Filhos da Vida e da Luz e seus Lipika, Maharajas e Construtores; aqueles que nos descrevem planos, sub planos, cadeias planetárias, rondas, etc., etc., e que, a seu modo de dizer, parece que chegaram, de dedução em dedução, a surpreender os mais admiráveis segredos genésicos; esses, dizemos, ou confessam humilde e nobremente que eles nada sabem sobre a diferenciação que nos ocupa, ou a consideram uma "emanação", ou um "pensamento" do Grande Logos ou Parabrahman, ou afirmam que essa diferenciação não tem nada de verdadeira e que apenas Maya ou uma ilusão nos faz ver o que não existe nem mesmo em sombra.

Outros teólogos e metafísicos evitam a dificuldade com uma criação impossível; e aqueles que optam por converter a natureza em Asseidade sujeita a leis, não reparam ou não querem reparar que com isto não resolvam o problema, mas simplesmente o deslocam.

Nós também - infelizes! - não sabemos nada e não forjamos a ilusão de que, com essas pesquisas, possamos chegar a qualquer conhecimento; mas como o intelecto é forçado a preencher as lacunas que encontra em suas andanças, quando não com verdades irredutíveis, com hipóteses mais ou

menos arriscadas, iremos nos permitir expor a nossa, que será a mais deficiente de todas, muito bem; mas será nossa, no que podemos nos expressar dessa maneira.

* * *

Partindo do conceito de Deus que acima emitimos, impõe-se como uma necessidade lógica a afirmação de que sendo "O ABSOLUTO" deve abranger o "mais" e o "menos" de todos os cálculos; isto é, como "Ser", deve abranger todas as possibilidades de chegar a ser; como "Onisciente", todas as possibilidades de consciência ou sapiência; como "Onipresente", "Infinito" e "Eterno" todas as possibilidades de ação no tempo e no espaço; como "Onipotente", todas as possibilidades de realização na realidade, etc., etc.; pois se não fosse assim, não seria mais "O Imanente" e "O Imutável" uma vez que cada manifestação envolve mudança no ser ou coisa em que se atua, ou deixaria de ser O ABSOLUTO, visto que as modalidades matéria, força, sensação e consciência, por ilusórias que desejemos supô-los a respeito de "ELE", produzem em nós, em cada alma, tal evidência de coisa real, que não podemos em modo algum aceitá-las como quimeras, nem, conseqüentemente, podemos deixar de concluir, ou que elas são por si mesmas, ou que são por Deus, em Deus e de Deus.

* * *

Com esta hipótese, com este modo de ver o ABSOLUTO, não há nem criação, nem formação, nem emanção, nem diferenciação substantiva de nenhum tipo: há somente realização em formas infinitas do que foi, o que é e o que será por toda a eternidade imanente em essência, correspondendo com a atualização de suas infinitas possibilidades de chegar a ser em modos diversos também até o infinito.

E daqui é que toda Lei parte, porque a partir daqui começa a correlação de todo efeito com a sua causa; e daqui toda noção e toda forma partem, porque a partir daqui toda existência começa no tempo e no espaço; e daqui parte, enfim, que tudo o que existe é de Deus, está em Deus e subsiste por Deus, sem por isso ser DEUS, porque a partir daqui começa a diferenciação entre o Sujeito e o objeto, entre o Ente e o atributo, entre O

Imanente e Infinitamente Absoluto e o transcendente e indefinivelmente mutável. Deus É O TODO, porque é O ABSOLUTO; mas tudo não é Deus, porque nem em conjunto, nem separadamente, deixa de ser a soma de adendos.

* * *

Partindo daqui a Lei, deve também partir daqui a Moral; e se vimos que aquela correlaciona todo efeito com sua causa, dando origem às infinitas possibilidades de se tornar ingêntas na Essência, em modos de ser também diverso até o infinito, esta, a Moral, deve comportar-se da mesma maneira: não totalitária e inflexível em seus preceitos, mas equiparável ao estado evolutivo de cada Ego, para também deixar o caminho aberto a toda emulação ordenada.

Enriquecer, ampliar e depurar em nós mesmos aquela soma de adendos de possibilidades transformadas em atualidades, é o que constitui aquilo que entendemos por progresso e o que deveria constituir nossa Religião sacrossanta, não como um culto de Latria, que nossa reverência particular nada pode dar ou tirar ao Absoluto Infinito, mas como superação da nossa própria dignidade, que, colocando-se mais apumada com a Lei, tem que resultar em nosso próprio benefício, individual e coletivamente.

Isso, e não outra coisa é o que a Religião e a Moral exigem de nós; não um culto externo e formulário, pago de aparências mas que não move o Ego para modificar e endireitar seus passos. E para isso não há necessidade de templos, ritos ou sacerdotes: a consciência particular nos basta, que nos acusa inflexivelmente por nossos desvios e generosamente aplaude nossas boas obras.

* * *

Coloquemos a nossa conclusão.

O que diferencia o relativo do Absoluto, a parte no Todo, os seres em O Ser, o perfectível no Perfeito ... é o resultado policromático da realização em formas infinitas do que era, é e será "in aeternum". ", IMANENTE EM ESSÊNCIA, e por esta regra de três, o que é oferecido a nós como evolução,

progresso, conquista e extensão de faculdades, etc., não é outro senão a REALIZAÇÃO EM CADA GERME DAQUILO QUE POSSUI EM POTÊNCIA.

Porém...

* * *

Convenhamos em que a audácia da razão humana, por maior que seja, por mais colossal que seja, permanecerá sempre do lado de fora da porta do mistério genético. Seu poder é muito pouco para voar a tais alturas!

O que em sã lógica nos é imposto, é, ou rejeitamos Deus, o ABSOLUTO - e neste caso já vimos ao que tudo fica reduzido - ou o aceitamos desde toda a eternidade em sua Imanência.

B) A EXISTÊNCIA DA ALMA E SUA SOBREVIVÊNCIA. O PROBLEMA DO SER E DO DESTINO.

Necessidade de estabelecer um critério preciso sobre o conceito do "Eu Imortal" ou "Espírito", por Salvador Molina, engenheiro delegado da Associação Espírita Hispano-americana de Nova York.

Há uma confusão lamentável sobre o verdadeiro conceito do "EU IMORTAL", que constitui nossa individualidade espiritual.

Não apenas os escritores e professores de várias escolas espiritualistas têm obscurecido e ainda estão obscurecendo esse conceito do "EU", mas muitos escritores e oradores espiritualistas se deixaram arrastar pela nomenclatura tradicional da Psicologia materialista.

É necessário esclarecer, então, qual parte da personalidade humana persiste em nós através do tempo e do espaço ou, em outras palavras, é necessário estabelecer de uma vez por todas um critério correto em relação ao sentido literal que, no futuro, escritores e oradores espíritas devem dar ao "EU" espiritual, tanto de encarnados quanto de desencarnados.

Neste ponto, geralmente há ideias muito vagas, baseadas mais no tecnicismo imposto pela psicologia materialista ou nos dogmas tradicionais das religiões positivas, do que no critério correto apoiado pela psicologia espírita.

E como a propaganda do Espiritismo necessita de uma nomenclatura simples e precisa ao mesmo tempo, baseada em seus fatos e em sua doutrina, e não nas especulações mais ou menos científicas dos sábios materialistas, é por isso que nos atrevemos a apresentar este problema à culta consideração de vocês, sem pretender que nós a temos dilucidado com nossos argumentos modestos. Razão que nos impõe contribuir com alguns dados para sustentação de nossa tese.

De fato, o materialismo, dividido em uma multiplicidade de escolas filosóficas, cada uma das quais reivindica a propriedade da verdade, semeou as línguas europeias com um tecnicismo dogmático e estreito, tão

arraigado na consciência dos eruditos, que seria uma tarefa difícil, para não dizer impossível, aquela que os levasse a retirar suas nomenclaturas gregas e latinas.

Consequentemente, dada a impossibilidade de remontar o curso dessa corrente convencional de classificações técnicas, porque não somos nem podemos ser reformadores acadêmicos para mudar essas expressões clássicas derivadas do grego e do latim, tentemos, ao menos, harmonizar nossa nomenclatura espírita, tanto quanto possível, com os dicionários tecnológicos e com os tratados da psicologia oficial.

A este respeito, devemos levar em conta a parte histórica da questão que é abordada, a fim de facilitar a sua solução, a saber: a filosofia monista que Haekel adotou como filha natural e que tanto se espalhou na Alemanha e fora dela, teve a sorte de surgir numa época em que os dogmas religiosos causavam uma verdadeira destruição no senso comum da metade da Europa, dividindo as opiniões e crenças do povo, sem chegar a se entenderem sobre a verdadeira concepção dualista da alma e do corpo. E é claro, parecia mais fácil aceitar uma explicação que põe à vista apenas uma causa, do que a outra que apresentava duas causas diferentes sem qualquer ligação.

Na verdade, a ideia não era nova; Haekel não foi verdadeiramente o criador do monismo, como se acreditava, visto que os filósofos gregos tinham fundado uma escola para difundir as doutrinas monistas de Protágoras; mas Haekel a apresentou vestida com toda as galas da ciência e acompanhada com todo o cerimonial de um tecnicismo greco-latino, destinado a deslumbrar a imaginação dos eruditos.

Desde então, as antigas expressões das escolas jônicas se espalharam por toda a Europa, tomando carta de natureza em todas as línguas europeias e desorientando, como era natural, as tendências espiritualistas que começaram na América do Norte, a partir dos famosos fenômenos das irmãs Fox, em Hydesville.

Eis aqui a origem histórica do conceito "alma", como foi estudado pela psicologia monista ou materialista, alma que é apenas, nem mais nem menos, um simples efeito da força-matéria. E aqui está a pedra angular

sobre a qual repousa a construção da escola monista, seguida pela maioria dos eruditos e psicólogos materialistas. Inútil seria a tentativa de provar a esses cavalheiros a superioridade da alma sobre o cérebro, muito menos sua imortalidade ou persistência à desintegração corporal, porque isso equivaleria a colocar o efeito sobre a causa, já que, fisiológica e historicamente, a alma, para esse dogma científico, é um mero produto da força-matéria, isto é, um simples efeito em vez de uma causa e, é claro, para serem lógicos consigo mesmos, eles tiveram que negar que o efeito sobrevive à causa. Então, quando a causa cessar, o efeito também cessará.

Em vista de tais antecedentes históricos, não devemos nos surpreender que até no nosso campo espírita o mau exemplo da linguagem falada e escrita tenha se espalhado e, conseqüentemente, ainda existam muitos espíritas que dizem e escrevem: «MEU ESPÍRITO», «SEU ESPÍRITO», "SEUS ESPÍRITOS", como se estes fossem entidades separadas ou desligadas do "Eu" consciente e espiritual, dando a entender com isso que esse "EU" é uma "coisa" que tem seu corpo, em vez de ser o verdadeiro agente que domina, que fala e que possui, o pensamento, o cérebro e o corpo.

Desse falso critério, algumas escolas de Psicologia experimental na França, na Bélgica e na Itália, e até a mesmíssima Sociedade de Pesquisas Psicológicas de Londres, não se deram conta exata, pois concordaram em designar precisamente aquela parte imortal do ser humano que sobrevive ao corpo, com o nome de "Ego transcendental", a fim de estabelecer a diferença existente entre esse ego imortal ou essência espiritual individualizada e a chamada "alma animal", "ego inferior", "mente ou alma humana", conhecida na nomenclatura da Psicologia materialista.

Assim, segundo o nosso modesto julgamento e de acordo com a experiência que temos nessas disputas literárias em que os argumentos são quase estéreis por carecerem do suporte de um tecnicismo preciso e correto, acreditamos que o que realmente sobrevive no ser humano não é a personalidade de João ou Maria, porque a entidade espiritual que os anima reveste diferentes corpos, sexos, raças, que tomam nomes diferentes nas inúmeras encarnações pelas quais passam na sua evolução, mas a entidade espiritual anônima, cujo nome hoje funde-se e confunde-se com os outros

mil nomes que já teve em etapas passadas e cuja origem se perde nas brumas do tempo.

E resumindo nossa Tese, dirigida, como dissemos antes, não a ensinar este douto Congresso, mas antes a colocar diante de sua culta consideração o tema que apresentamos, animado por um desejo sincero de esclarecer a nomenclatura espírita e limpá-la dos sedimentos que o materialismo pudesse ter deixado nela, iremos expor em poucas palavras nossa conclusão final, a saber:

Pedir aos propagandistas, oradores, escritores e diretores de grupos espíritas que, quando falarem sobre o "EU" imortal que informa a personalidade humana, ou que, ao lidar com os espíritos desencarnados que se manifestam nas sessões, lembrem sempre que essa entidade espiritual não é uma "coisa" que o corpo possui, mas o agente diretor de seus pensamentos e o verdadeiro "possuidor" de tudo o que age e se move nele. Portanto, não deveriam dizer "MEU ESPÍRITO", "SEU ESPÍRITO", "SEUS ESPÍRITOS", mas, para não cair na confusão que antes apontamos, deveriam se acostumar a dizer "EU", "TU", "VOCÊ", ou «VOCÊS».

Respeitosa e fraternalmente. - Salvador Molina. - Delegado da Spanish-American Spiritualist Assn. of New York, Inc. New York, E. U. A. do Norte.

Setembro de 1934.

A existência da alma e sua sobrevivência. - O problema do ser e seu destino, por Eva C. Dean.

Há questões pertinentes que confundem a humanidade, que atraem sua curiosidade, compreensão e inteligência. Tais perguntas são:

De onde viemos? Onde estamos confinados? Qual é o propósito da vida?

Começamos esta vida com um destino prévio e passamos para outro destino ulterior?

Essas perguntas nos levam ao reino da especulação e da teoria.

O espírita preferirá sentar fatos e apresentar um acúmulo de testemunhos que apoiem a sobrevivência da alma.

A existência pós-morte da alma é a prova de que o homem possui uma parte espiritual que existe além do físico. Deste conhecimento surge outra questão, a de sua relação com o físico. O fato de sua existência depois de uma vida física, nos leva a considerar também se ele teve uma existência prévia em uma forma ou morada diferente.

*Há um axioma, extraído dos ensinamentos de Jesus, que diz:
"O que o homem semeia, isso ceifará."*

Ele também recebe a confirmação daqueles que passaram para o mundo espiritual e se encontram em um estado, nem melhor nem pior, daquele que eles mesmos se condicionaram na vida, com seus pensamentos e ações, enquanto estavam no plano terrestre.

Portanto, postulamos que, sendo esse o caso, temos o direito de teorizar ou especular sobre as condições e circunstâncias de nossa existência física. Se uma existência futura tem o seu apoio sobre o passado, e se o presente tem alguma relação com o prévio, que por sua vez se torna o passado e forma aquela de que o passado, o presente e o futuro são um: que a vida é um todo completo.

É um obstáculo estabelecer fatos que dizem respeito à existência

anterior à física, ou por que estamos em nossa existência presente. Isso se deve, possivelmente, ao fato de que o futuro é mais importante e estamos inclinados a pensar no passado como algo que nunca irá retornar ou ser colocado em ação.

Quando começamos a analisar certas condições, descobrimos que esse não é o caso, e somos lembrados daquele homem rico que se viu atormentado e queria enviar um mensageiro para avisar seus irmãos do plano terrestre sobre o que aconteceria com eles, se não corrigiam suas más ações.

Se desaprovamos a ideia de uma existência prévia, que explicação podemos dar às diferenças de grau de desenvolvimento? Podemos defender a herança, ou a linhagem, que sem dúvida desempenha um papel no aperfeiçoamento da humanidade, mas o nascimento de uma alma significa algo separado. A herança, a linhagem pode dar experiência a ela, e circunstâncias ou condições para promover seu desenvolvimento espiritual.

Devemos considerar aqueles nascidos de pais ricos e aqueles de pais humildes, mas consideremos nossa norma, ou o valor que damos aos bens mundanos. Muitas vezes há maior felicidade em uma casa humilde do que em um grande palácio. A riqueza pode trazer degeneração, enquanto a necessidade pode estimular coragem e energia.

Schopenhauer disse:

"Como a necessidade é o flagelo dos pobres, assim o tédio também o é para os ricos."

Se o propósito da vida é promover o nosso desenvolvimento espiritual e o passado tem uma certa relação com o presente, é lógico supor que precisamos de um conhecimento daquilo que temos que vencer como resultado de ações passadas. Como podemos receber um guia, se não soubermos a causa de erros aparentes, falhas e anomalias?

Consideremos primeiramente a questão:

De onde viemos?

O primeiro princípio do Espiritismo, aceito pela União Nacional dos Espíritas, sustenta "A Paternidade de Deus". Afirmamos a unidade de todas as coisas e sustentamos que Deus está em nós como nós estamos Nele. Como as faíscas voam do fogo central, assim todos nós emanamos do fogo do Ser que é a fonte inesgotável de todo o Ser. A alma, conseqüentemente, é uma faísca do Divino.

O princípio evolutivo de que a energia vital dorme no mineral, sonha no vegetal, desperta no animal e se torna consciência no homem, sugere que somos uma encarnação dessas formas de vida e explica a necessidade do corpo físico para o mineral, o vegetal e o animal; mas a energia vital que se torna consciência no homem, é dirigida para a última conquista do animal que é a plena realização do espírito ao qual estamos ligados.

Se tal é o propósito, podemos imaginar um plano ou estado predestinado? Se é predestinado, quem é o Predestinador? Deus ou nós mesmos? Se Deus, a quem chamamos Espírito Infinito, é o Predestinador, o plano está além de nossa concepção, ou se desenvolve em etapas e nos tornamos participantes segundo o uso da nossa livre vontade e conhecimento, adquiridos com experiência? Nossa mente finita esforça-se para entender algum plano, e a imaginação desempenha um papel.

Vamos usar um quebra-cabeça como um símile imaginário. Criado na mente há o desenho de um quadro completo, formando um todo harmonioso com várias cores. Para realizar seu objetivo de despertar interesse em sua montagem é cortado em diferentes formas e tamanhos, e, a partir de uma, muitas peças são feitas. Como teste de paciência e perseverança, elas se separam e colocam à parte para tornar a ensamblar o quadro. Pode não ser tão fácil quanto imaginamos. Começamos bem com a parte exterior ou mais simples, mas à medida que continuamos, achamos mais difícil: pegamos uma peça que achamos que serve apenas para descobrir que ela não tem exatamente a forma que precisamos e precisamos tentar novamente; nenhuma peça pode ser colocada no lugar

de outra e o quadro não pode ser completado se uma estiver faltando.

Deste símile, podemos conceber Deus como o Desenhista, representando as diferentes nacionalidades com um meio ambiente apropriado? As diferentes formas e tamanhos, as pessoas de diferentes temperamentos e graus de desenvolvimento, mas cada alma necessária para ensamblar com as outras peças e formar um todo harmonioso. Quando contemplamos a vida no que afeta as pessoas e àqueles com quem entramos em contato, geralmente encontramos "parafusos redondos dentro de buracos quadrados", deslocados, ou um lar com um membro da família extraviado pelo erro. As condições, que se assemelham à seleção de uma peça do quebra-cabeça, que pensávamos que ajustaria, para descobrir que estávamos enganados, nos impele a tentar de novo e de novo até selecionarmos a peça correta e, como dissemos antes, visto que a imagem não pode ser completada se uma peça estiver faltando, então encontramos o círculo familiar quebrado se estiver faltando um, aquele que se extraviou.

A realização da vida pode aparecer como a colocação de cada alma em seu lugar correspondente; sua forma ou tamanho pode ter sido moldado de acordo com o conhecimento adquirido através da experiência, ou com seu despertamento dos obstáculos a serem superados, a fim de se burilar a si mesma para encaixar em seu lugar designado e assim ajudar as outras almas a se encaixarem, para completar o quadro.

A questão sobre uma existência anterior nos levou à teoria da Reencarnação e ação do Carma, mas as explicações que nos são oferecidas como evidência não parecem conclusivas, porque existe a alternativa de um estado sonolento. Por exemplo: um sentimento de reconhecimento com um desconhecido aparentemente, não prova necessariamente uma amizade em uma existência anterior, mas um espírito gêmeo que pode ter coincidido em uma sala de leitura, ou em outro lugar, durante o sono. O reconhecimento de uma paisagem ou país visitado em uma suposta primeira vez pode ser explicado como viajar durante o sono.

A atração entre duas pessoas nos leva a um estudo fascinante. Que força inerente causa essa atração? O teosofista irá sugerir que alguma experiência em uma encarnação anterior torna necessário que eles se encontrem novamente a fim de fazer boa ou completa alguma condição

para um progresso adicional.

Outra alternativa pode ser sugerida como causa da atração, por exemplo: a força complementar, que supre uma deficiência em cada uma delas, no qual vemos um propósito servido pela atração mútua de opostos para dar um refreamento ou um estímulo, necessário a cada um deles.

O espírita também pode oferecer uma explicação através da intervenção dos espíritos. Um controle ou espírito operante pode imprimir na mente um quadro mental e infundir impressões.

O psicólogo pode desaprovar essas teorias e substituir a mente subconsciente na explicação. Os incidentes que ocorreram durante a infância, ou mesmo no período pré-natal, podem em algum momento despertar novamente e provocar a ideia de uma nova experiência, devido à falta de memória.

Após considerar todas essas teorias, podemos examinar os sentimentos e experiências pessoais, para os quais não podemos encontrar explicação ou algo que tenha acontecido nesta vida para causar tais sentimentos, o qual nos inclina a uma consideração aberta em relação à existência anterior.

Nós não podemos entender completamente as condições dos outros, até que experimentemos a mesma coisa. Carlyle disse:

"A experiência não causa a despesa terrível de uma escola superior, mas ensina como ninguém."

É uma questão de saber se podemos adquirir experiência suficiente para compreender todas as condições da vida durante a nossa existência física. É a análise de experiências pessoais, a troca de pensamentos e sentimentos que ajudarão a Humanidade a desvendar alguns dos mistérios da vida. Devemos encorajar as pessoas a nos fazerem seus confidentes e ver que nos tornamos dignos de tais confidências para poder ajudar. Lord Chesterfield disse:

"Vocês não pode fazer as pessoas como deveriam ser; Vocês devem aceitá-las como elas são. "

No entanto, podemos ajudá-los a se fazerem a si mesmas.

A velha escola de psicólogos ensinou que a melhor maneira de estudar a mente era através da introspecção. Um indivíduo usava sua mente para estudar sua mente. A escola de psicólogos presentes entende a verdade do ditado:

"Aprovesse a Deus nos dar o dom de nos vermos como os outros nos veem."

E chegamos à conclusão de que nenhum homem pode ver a si mesmo, mas ele pode consentir que alguém o faça, permitindo-lhe isso com sua confiança. O homem vive em um ambiente social onde o comportamento de cada um afeta os outros e sua mente é influenciada por outras pessoas. Professores afetam crianças, pregadores e políticos afetam as pessoas.

Se a linhagem desempenha um papel no início de nossa vida aqui, estamos relacionados com o mundo espiritual ou influenciados pelos espíritos? Eles também desempenham um papel? Experiência e testemunho suprem a afirmação. Se toda a vida é uma e se manifesta em planos, pode ser que nossos amigos espirituais a vejam em um plano mais avançado e se pareçam com o espectador que vê o jogo mais do que o jogador, e que às vezes pode nos dar um aviso para nossa guia.

Isso, novamente, é uma questão de experiência pessoal. Lembro-me de uma experiência que provou o quanto é um dom necessário o senso do humor. Sentindo-me indignada porque uma amiga tinha ido à minha frente, de repente senti um espírito que se alegrava muito com a minha indignação, o que me fez pensar que era benéfico para mim ser submetido a uma vontade mais forte naquela ocasião. A alegria do espírito tornou-se contagiante e reconheci minha falta, e assim mudei o sentimento desagradável.

Podemos deduzir qualquer benefício ou conhecimento dos ensinamentos do Espiritismo nas questões envolvidas no assunto deste escrito?

Vamos primeiro considerar a questão da sobrevivência. É surpreendente descobrir que, após dois mil anos de cristianismo e de ensino da imortalidade, os espíritos retornam para expressar sua surpresa quando percebem que não estão mortos, e ficam igualmente surpresos ao descobrir

que, quando voltam para casa, não conseguem fazer seus parentes perceberem o fato. Por essa razão, eles parecem mais determinados a provar que não estão mortos e aproveitam a oportunidade de retornar a algum círculo familiar agradável e encontrar maneiras e meios de entrar em contato com aqueles que são mais queridos para eles. Nesse aspecto, o Espiritismo está servindo a um grande propósito. O conhecimento e a evidência de que nossos amados que passaram o véu, chamado morte, ainda vivem e amam, nos oferecem o maior consolo nos momentos de aflição.

A comunicação e a orientação por meio da inspiração são possíveis aceitando-se como médium uma pessoa que tenha sido preparada para esse propósito, ou com o desdobramento de nossas próprias percepções internas e conhecimento das forças espirituais. Até que esse conhecimento seja aceito por cada indivíduo, esta deve ser a principal tarefa do Espiritismo; mas existe uma ideia maior para quem aceita o fato e uma obra de maior importância para ser executada pelo Espiritismo.

Ao enfrentar o fato da sobrevivência, tropeçamos nas implicações. O quinto princípio do Espiritismo é o seguinte:

«Responsabilidade pessoal»

Que nos leva a um estado de consequências, onde cada um se encontra novamente com o que ele fez, seja em compensação ou retribuição. Se tais consequências não forem alcançadas nesta vida, estaremos conscientes disso na próxima. Retribuição só pode vir com consciência. A palavra latina «retributio», que significa: «re», repetição e «tribuere», dar; um retorno adequado para algo feito; recompensa ou punição.

Através dos fenômenos e comunicações do Espiritismo encontramos espíritos que aderem às condições terrenas por falta de conhecimento e compreensão; outros precisam de um contato final para adquirir a convicção do que é possível para sua liberdade, e aqueles que estão cientes do espírito e do contato terreno e desejam cooperar através do vínculo de amor e confraternidade. Tais espíritos foram atraídos para um círculo familiar, que se abriu com concentração no poder dos pensamentos curativos e amorosos para aqueles que precisam de amor. A seguinte

comunicação foi recebida de um guia:

“Eu gostaria que vocês entendessem quanto bem vocês fazem quando se sentam juntos para esta sua hora de comunhão; que há almas ao seu lado na vida que não podem progredir até que tenham estabelecido contato com sua terra; eles não podem se livrar do chamado do plano físico; eles não percebem que aqui há tudo que podem desejar no sentido de amor e simpatia, porque eles não progrediram para tal estado espiritual quando o espírito pode responder ao espírito e seus pensamentos ainda aderem ao físico, e por essa razão eles sentem que devem ter uma resposta física. Deixe-me lembrá-los mais uma vez de sua tarefa benfeitora, porque quando você pode satisfazer esses desejos ou pensamentos de retorno à Terra, esses espíritos podem então deixar seus pensamentos físicos e progredir no reino espiritual, onde esperamos impacientemente para ajudá-los, e assim vocês veem o grande propósito para nos servirem durante a sua hora de comunhão semanal. Vocês são, de fato, nossos mensageiros, assim como nós também desejamos ser seus mensageiros; desta forma, podemos ajudar esses espíritos com a cooperação de vocês, para eles alcançarem um estado mais elevado de amor e progresso; por isso, encorajamos vocês a continuarem com seus pensamentos amorosos, e podemos garantir que esses espíritos que vocês ajudam a progredir se tornarão, no devido tempo, seus auxiliares ”.

Se a comunicação prova que os espíritos sofrem por causa da ignorância, a tarefa do Espiritismo deve ser iluminar espíritos enquanto eles habitam na carne, e para os espíritas, semearem uma semente sempre que possível.

Outros espíritos nos imploram para trabalhar pela paz, porque todas as guerras são guerras de agressão e crime.

Também encontramos universalidade entre controles e guias; o que mostra que Deus não respeita as pessoas. Nós pertencemos a Ele, e cada alma deve ter sua herança legítima. Se ensinamos que somos espíritos, aqui e agora, devemos conhecer e estudar o poder da mente sobre a matéria, a transmissão de pensamento, recepção e percepção, seja de espíritos ainda na carne ou desencarnados. Se estabelecermos contato com espíritos que precisam de encorajamento, devemos estar preparados para conquistá-los e transformá-los em intermediários para seu próprio progresso. Quando

uma criança é mandada para a escola ou para um lugar onde deveria estar sem a companhia dos pais, geralmente é advertida sobre como se comportar em qualquer situação de perigo ou desagradável.

A civilização tende a se desviar das leis físicas e naturais, e precisamos recuperar o conhecimento das primeiras causas e princípios em relação ao nosso ser psíquico e espiritual, da mesma forma que damos instruções à criança nos eventos comuns da vida.

Nosso destino é revelado no sétimo princípio do Espiritismo:
no

«Progresso eterno de toda alma humana.»

Tanto tempo quanto possa demorar o despertar de algumas almas para as possibilidades de progresso, tudo pode e deve avançar através dos ciclos da eternidade até o final completo dessa Deidade que jaz dentro deles. Cada alma deve conhecer por si mesma, íntima e completamente o Pai Deus.

«Dele, por meio Dele e Nele, estão todas as coisas.»

Até então, através de miríades de esferas e incontáveis éons de tempo, a consciência impelida pelo espírito tende a avançar; agora de uma forma, depois de outra, mas sempre se expandindo - com o girar dos sóis - sempre mais e mais divino, mais e mais etéreo.

C) EVOLUÇÃO PROGRESSIVA DO HOMEM. SUAS MODALIDADES.

As modalidades possíveis, pelas sociedades «Hacia la Perfección», de Buenos Aires, e «Sáenz Cortés», de Pchuajo (Argentina)

Progreso, progreso constante! Eis aqui reunido em três palavras tudo o que vibra no Universo. Se for muita a pretensão de que poucas palavras possam significar tudo o que representa e tudo o que é o mundo, é inquestionável que num grande esforço de abstração e generalização - muito pobre, aliás, pelo pouco que somos diante do grande e magnânimo da Criação -, podemos condensar na palavra "Progreso!" a constante evolução dos seres e das coisas.

Nunca nos sentiremos mais insignificantes do que quando tentarmos pulsar a natureza fazendo o espírito aparecer através das janelas estreitas que temos em nossos sentidos. Nunca, que quando em uma exteriorização do nosso ser, nos refletimos nas obras para o mundo inteiro que nos cerca para compreendê-las em sua existência misteriosa, para evoluir com elas - sempre gradualmente - através de inúmeras formas e chegar a nós mesmos. Nunca é mais verdadeiro que o "nosce te ipsum" irá chegar ao nosso espírito através da representação do objetivo no subjetivo, para depois ser vivido e dotado de sentido em nossas consciências.

A contemplação da natureza, o pensamento posto em busca de uma obra que se manifesta lenta mas consecutivamente, com outras alternativas férteis demais, conduz o espírito à recepção de uma bela harmonia que se encarna em tudo o que é criado. Todas as deduções e intuições que nos são apresentadas por essa ação contemplativa de uma inteligência tornada realidade nas obras que tocamos, nos levam como termo de um longo meditar à nossa existência, ao nosso objeto presente e futuro. Talvez este seja um círculo vicioso, uma figura de raciocínio que, partindo de um objeto, nos leva fatalmente ao mesmo objeto, mas o fato é que se evidencia a cada momento.

Quando em um laboratório o olho experiente de um sábio observa um protozoário sob o campo microscópico, ele o faz convencido de que naquele pequenino ser que precisa do milésimo de milímetro para ser

medido, vibra com uma notoriedade sem precedentes uma nota da música universal encarnada na vida. Vida que neste caso se manifesta por movimentos espontâneos e reacionários ao estímulo; múltiplos em sua apresentação, de modo que não poderiam ser previstos, o que, até certo ponto, afasta a possibilidade de movimentos reflexos a excitantes físicos ou químicos; existe aí uma vontade, todo o embrionária que se quiser, dada a simplicidade estrutural do organismo em questão, mas que em essência existe. Vida que também é definida pela captura de partículas de alimento, pelas atividades internas protoplásmicas de metabolização, pelas cambiantes formas nucleares progressivas de reprodução e muitas outras manifestações vitais.

Temos neste protozoário a vida representada em sua simplicidade mais meridiana. Elo, talvez o primeiro, de uma cadeia prolongada em outros seres cada vez mais evoluídos e que o homem vem fechar, como «summum» do perfeito e complexamente criado. Toda a escala zoológica que a sagacidade científica tem elaborado, nos põe de posse de um evolucionismo inegável dos organismos vivos, partindo da monera até chegar ao homem, passando pela bem conhecida série organizada, que seria inoficioso mencionar aqui.

Se tudo parece afirmar a existência dessa progressão, quanta energia evolutiva potencial não encerrará esse ser unicelular para dar origem ao rei da criação em etapas sucessivas! É que cada tipo da escala animal adquire por herança aquela energia potencial dos tipos imediatos inferiores, e também a transmite pelo mesmo mecanismo aos tipos superiores, mas depois de ter feito experimentar a essa energia as transformações relevantes para gerar um novo tipo, que seria o imediato superior a ele.

Quando se pensa que esse processo precisou milhares de anos para alcançar o que na era atual foi capaz de reunir, quanto mais importante e maravilhosa não será a energia potencial que as células geradoras do ser humano devem conter, já que em um lapso de tempo curto é criada sua forma depois de esboçar as diferentes formas da série animal!

Quanto ao resto, falando do homem como do ser mais evoluído - tanto no que diz respeito à sua estrutura anatômica, quanto no que se refere à

sua conformação psíquica -, também não podemos encontrá-lo desvinculado de outros seres vivos que não pertencem ao reino animal. Os vegetais, aos quais nos referimos, também estão ligados a ele pelos braços da progressiva ascensão evolutiva que os emparenta. E deixemos essa citação de Gabriel Delanne em seu livro "Evolução anímica", para sermos mais claros: "É verdade, como diz Carlos Bonnet, que o bom senso sempre irá distinguir um gato de uma roseira; mas se quisermos ir mais longe no estudo do processo vital que diferencia o animal da planta, não encontraremos caracteres próprios de um, que não pertençam também à outra. "

No campo da biologia há, no que diz respeito à classificação de certos seres vivos, a incerteza sobre se é um animal ou vegetal. Por outro lado, hoje em dia, o raciocínio de considerar cada um dos reinos existentes como de vida autônoma e independente não pode ser mantido com muita firmeza. Com efeito, qual a razão que nos permite considerar o mineral como sendo não ozonizado, bruto e sem vida? Considerando superficialmente o assunto, é possível encontrar muitas diferenças que logo deixam de ser tais, quando a questão é estudada com firmeza de raciocínio e auxiliados pela física e a química.

Das plantas, o mesmo pensamento encaixaria. Camilo Flammarion, em seu livro «A Natureza», refere-se às experiências dos doutores Jorge Singerman e Eduardo Divers sobre as faculdades das plantas sensitivas, «encontrando uma relação notável entre o sistema que preside os movimentos dessas plantas e o sistema nervoso ao qual reconheceram um caráter magnético" (claro que se refere ao relacionamento, nos entendermos). Essas experiências, realizadas em 1866 poderiam ser concretizadas na seguinte pergunta que se formula o Dr. Singerman: "Ainda é possível preservar os limites antigos absolutos entre os dois reinos? Esta divisão não é possível ». (Flamn., Ob.cit.) Além disso, na narcotização da sensitiva, ela se comporta como se fosse dotada de um verdadeiro sistema nervoso.

Se o raciocínio nos leva a inferir que há sucessão nos reinos - se não com integridade absoluta, pelo menos com uma integridade aproximada que, para o resto, não invalida o conhecimento científico - só poderíamos dizer,

junto com um poeta alemão: «As plantas, os animais, são os sonhos da Natureza, dos quais o homem é o despertar». (Flamm., Ob. Cit.).

Se a evolução das formas organizadas pode ser sustentada hoje como cientificamente, o que Geoffroy de Saint-Hilaire, Lamarck e Darwin já fizeram tempo atrás, também é necessário reconhecer que, em termos da evolução de uma espiritualidade, o caminho andado para chegar ao homem é o mesmo.

Cada ser vivo demonstra sua capacidade, o alcance de sua inteligência, de acordo com os meios disponíveis para vivificar os impulsos de sua vontade. De fato, considerando que o princípio espiritual dos seres está trancado na prisão da matéria, é óbvio enfatizar o fato de que esta demonstração da capacidade do espírito pode vir a ocorrer, tanto mais facilmente, quanto mais responder o corpo que o aprisiona às inquietações daquele. O espírito se afogará muito mais em uma matéria imperfeita, portanto incapaz de se submeter a todas as alternativas que ele desejar, em suas múltiplas manifestações.

De acordo com isso, a evolução que segue o nosso princípio pensante é uma longa e necessária trajetória através dos seres mais inferiores da criação para gradualmente ascender mais tarde pelos superiores.

Não precisamos de muitos detalhes para afirmar que existe uma alma no animal, um elemento espiritual que anima boa parte de sua existência. A reflexão seguida pela determinação; o amor em suas diferentes formas, a estética tão patente nas aves, e muitas outras faculdades também existem nos animais, o que nos fala em favor da existência de um princípio pensante.

E por que não pensar que esse sopro espiritual, que hoje impulsiona nossa vida humana, não é o mesmo que deu individualidade a seres inferiores a nós? Tudo parece indicar isso.

Essa progressão psíquica da evolução, além de nos autorizar a pensar que ontem nosso espírito foi ave, peixe, batráquio, verme, também nos autoriza a rejeitar as teorias que, como a metempsicose, tiveram nascimento em um misticismo oriental doentio.

Mas afastando-nos agora daquela série de raciocínios que nos levaram insensivelmente a esboçar a origem do homem e do seu princípio pensante,

e segui-lo através de sua evolução animal e espiritual, há outro tipo de evolucionismo que nos interessa muito, pois enlaça mais diretamente a nossa vida a ele: nos referimos à evolução do nosso caráter, do nosso eu através das diferentes idades de uma vida, do nascimento até a morte.

Nascido um ser, após a elaboração intrauterina das duas gametas que foram reunidas, ele apenas pede à natureza, e constitui apenas o "sentimento vegetativo" daquele pequeno corpo, uma alimentação saudável e racional. O conflito do conhecimento é então único: prazer ou dor. Prazer que se exterioriza na alegria da criança em presença da ama de leite que é reconhecida, ou seja, que forma a primeira noção que deve enriquecer a consciência desse ser pelo mero fato de lhe satisfazer o "sentimento vegetativo" que é gerado no harmônico celular do seu organismo. Dor que encontra no choro a primeira expressão de uma necessidade não satisfeita.

Enquanto isso, os dias e meses passam, já a criança deixa esse período de completa vida vegetativa ou animal, e gradualmente começa a formar a consciência de seu "eu". Obvio que o que ele agora observa e tenta assimilar ao seu conhecimento, não deve trazer para ele uma perfeita desvinculação do "eu" e do "não eu". Contudo, pode-se dizer que essa psicogênese começa com o reconhecimento de seu próprio corpo, sempre o mesmo diante da diversidade de objetos que ele vê e observa, nos diferentes lugares em que está inserido. Finalmente, graças a outros múltiplos mecanismos sensoriais, a maioria deles continuados a partir da elaboração psíquica subsequente que cada um gera - por exemplo, o caso da dupla sensação de igual ordem - chegamos a um grande fato na vida psicológica da criança: aquele em que ela desenvolve uma atividade. Não há nada que preencha a vida interior de uma criança mais do que o simples ato de quebrar um brinquedo. Ato simples no que se refere ao fato em si, mas transcendental para as consequências que irá ter na consciência infantil. Preyer diz: "É, sem dúvida, baseado no sentimento que a criança tem de suas próprias forças e no orgulho de desempenhar o papel de "causa"(s. n.).

Desta forma, ele trabalha sucessivamente para a libertação de seu "eu" do mundo externo em que ele se sente confuso, porque ele ainda não sabe

como descobrir a causalidade de muitas das coisas que ele sente (no sentido de sensação), mas dentro do qual ele se vê, ao mesmo tempo, como ator, como uma atividade.

Enquanto isso, todo o panorama psíquico elaborado tem raízes muito profundas no lar. A formação do caráter (para resumir nesta palavra todo o conjunto psicológico de uma vida) recebe sua maior contribuição na família.

A mãe é quem, acima de todos exerce maior influência nessa idade. Todas as nossas melhores lembranças, geralmente correspondem à infância; bem, em muitos deles a mãe é participante. Veja, então, a enorme importância das mulheres, como mães de seus filhos e amantes da felicidade de sua casa.

É por isso que apresentamos à consideração dos amigos representantes deste Congresso o importante problema da mulher em relação aos seus filhos, a sua educação. Falar da mulher como mãe implica falar do homem como pai.

Todo o sentimento de amor que ela deve saber colocar em seus filhos, deve estar unido à amizade respeitosa e digna que o pai deve oferecer para que, amalgamados, melhorem a integridade espiritual que as crianças irão precisar quando forem colocadas frente a frente com a vida.

Queremos que todos os espíritas fiquem suficientemente compenetrados com essas razões, as quais damos toda a importância que merecem, porque estamos bem convencidos de que hoje a grande maioria daqueles que serão mães ou pais, têm uma grande ignorância sobre a responsabilidade moral e social que implica o simples fato de serem chamados assim.

Se fosse apenas o estrito cumprimento das leis naturais que impulsionam à procriação, teríamos cumprido com elas desde próprio momento em que vimos a luz do dia. Mas é que sobre essa parte do animal a satisfazer que encerra nossas vidas e que nos faz dar (a vida) a outros seres, há algo impossível de esquecer, importante por ser o principal motivo de nossa existência e porque desempenha um papel muito grande na sociedade. Nos referimos ao sentimento, à espiritualidade.

Essa espiritualidade é o que liga os pais a seus filhos com a inevitável

responsabilidade de ter que cumprir seu dever. Mas os pais sabem, mesmo, o que significa cumprir seu dever com relação a seus filhos?

A análise equânime da situação de hoje nos responde negativamente. Começando pela raiz das coisas, quantos são os jovens que pedem conselhos ao seu médico sobre se eles estão em condições de se unirem em matrimônio? Muito poucos são, aliás, aqueles que seguem tão nobre conduta. O resultado é que os pais são os primeiros a se envergonharem em muitos casos dos filhos que têm. O resultado disso também é que os filhos têm palavras de reprovação para seus pais a cada momento por tê-las jogado no mundo. Estas não são questões que pensamos à toa; São fatos óbvios, infelizmente, que têm sua confirmação em qualquer policlínica.

É por isso que nos atrevemos a chamar a atenção dos congressistas neste interessante tópico. Consideramos que, para a felicidade corporal dos futuros filhos, o exame médico pré-nupcial deve ser instituído como uma obrigação necessária.

Só nos temos referido a uma parte do problema que colocamos.

Resta-nos por considerar a parte moral ou sentimental que entra em jogo quando dois seres vivem em relacionamento.

Muito tem sido escrito e se escreve sobre o amor, são muitos os seus admiradores poéticos, mas é o caso de que os poetas não têm a virtude de fazer tudo, embora seja verdade que raramente o espírito fica mais satisfeito do que quando canta um bom poeta. Talvez seja no amor onde o romantismo alcançou maior brilho, sendo das mais poderosas alavancas que move e agita o homem em toda a sua vida. Tudo se torna virtude junto ao amor. Porém... porém, ouçam Eça de Queirós: «Bela e grande é uma paixão. O amor é uma das maiores forças civilizadoras. Bem dirigido, levanta um mundo e é suficiente para produzir em vocês uma revolução moral. Mas às vezes não é uma paixão que sentimos, não é nada que esteja no coração. Geralmente, costumamos usar a palavra "coração" por decência para designar outra paixão, justamente aquela que na maioria das vezes está interessada em questões amorosas ».

Devemos tentar por todos os meios - e nesse sentido os espíritas nunca devemos nos cansar - que aqueles futuros pais sejam possuidores de uma

sólida constituição moral baseada em bons costumes que os tornem dignos e bons.

Não devemos esquecer que a influência do lar é muito grande em todas as almas simples das crianças, então façamos com que os jovens cultivem as boas disposições de caráter para que, amanhã, saibam fortalecer seus filhos com bom exemplo. Essa digressão, embora um pouco longa, era necessária, e com ela desejamos chamar a todos a uma reflexão, para que considerem essas coisas como dignas de serem pensadas como o alimento cotidiano.

Feito homem a criança de ontem, ele precisa lutar na vida por suas próprias capacidades. É então que ele deve lembrar que "a vida de um homem - como diz Samuel Smiles - deve ser medida pelo que ele faz e pelo que ele sente nela".

A honestidade, principalmente, deve guiar seus passos. A vida de um homem é tanto mais vergonhosa quanto mais ele despreza a sua própria e a dos outros. A estimação de sua própria vida, sem chegar ao exagero de um amor-próprio doentio, deve ser necessária para ele se orientar conscientemente na sociedade. É necessário que qualquer homem, desde muito jovem, saiba como tornar-se moralmente independente das vontades dos outros; é por isso que ele deve buscar no estudo da vida e pelo cultivo de sua inteligência, convicções úteis e com solidez suficiente para dar-lhe autonomia.

Ninguém mais digno de comiseração do que aqueles que sofrem a influência e refluxo das opiniões alheias. Por isso, cada um deve procurar ser digno pelas suas ações e seu equilíbrio de homem, da boa opinião que sua própria consciência possa ter de si mesmo.

Nunca o homem deve se isolar da sociedade, nela deve exercer não apenas suas atividades, mas também para ela, para seu benefício, ele deve lutar e concentrar forças bem inspiradas. Ninguém deve perder de vista a situação em que está colocado na sociedade. Nela, cada um de nós representa um fator no progresso individual e coletivo, que gravita em segurança sobre o concerto social. Além disso, como fator que somos individualmente do progresso comum, devemos lembrar que o progresso não é feito pela negação sistematizada de regimes estabelecidos, sejam eles

sociais ou filosóficos, mas pelo contrário, pelo estudo racional e criterioso de todas as causas dos males que afligem a humanidade.

Em uma palavra, queremos dizer que o homem que se lança à vida deve ser íntegro, a unilateralidade de suas opiniões ou sentimentos falará de seus fracassos na ânsia de melhorar sua posição na existência. Enveredado, então, o homem pelas múltiplas ruelas das atividades mundanas, chega à sua vida de idoso na qual ele faz um balanço de sua existência. Quantas alegrias e quantos sofrimentos temperaram seu espírito! Com quanta satisfação ele contempla seu trabalho de árdua luta!

Ele vê ao seu redor a alegria de outras vidas que o mimam e sente-se cheio de gratidão por si mesmo pelo feliz termo de sua existência.

O homem adquiriu um rico cabedal de conhecimentos que amorosamente brinda a todos em seu sempre bom afã de ser útil.

Ele relembra; tudo nele é um incessante recordar de momentos felizes da juventude e não menos dolorosos sacrifícios de luta diária. Ele passa "in mente" todo o panorama de suas quedas e hoje, com mais perspicácia e julgamento mais calmo, ele as julga em suas conseqüências.

Ele está satisfeito com cada um dos degraus subidos em sua posição material ou moral ao longo dos anos.

Ele chega assim à conclusão de uma vida bem empregada.

Mas dentro dessa maravilhosa polaridade das personalidades humanas existem todas as nuances.

Balanços com superávit esplêndido ao lado de outros com grandes déficit. Seria a pouca capacidade para encarar a vida, ou talvez certas circunstâncias difíceis de prever e evitar, tantas vezes intercaladas nos destinos dos homens e cuja dependência não pode ser descoberta?

Em resumo, o relógio marca uma próxima hora de conclusão.

Um corpo se extingue, mas na memória de todos, permanece uma vida abnegada e cheia de proveito em alguns casos, pensamentos mais ou menos infelizes em outros casos.

Mais uma existência foi vivida, da vida eterna do espírito.

A vida é bela quando vista com o sentimento que emana do mais íntimo do ser, abrigada no calor do bem e do amor sincero das coisas queridas. Torna-se então o todo, sonho dourado no qual a fantasia lança asas e se

alegra nas mais ousadas concepções e nos sentimentos mais amorosos de uma realidade que escapa aos sentidos. A alma crê, agiganta-se, alimentando pensamento após pensamento e realiza a condenação dos versos daquele poeta que, talvez perturbado pelos problemas de uma realidade cruel, disse: "Triste é a vida quando a alma pensa. Triste é viver se o coração sente", etc... etc.

Assim, cumpre a fantasia com a criação de um paraíso terrestre que lhe dá a felicidade tão desejada, não importa seja como uma censura à música que o cerca e vê contaminá-lo. Horas de sossego são aquelas em que se oferece ao sentimento uma ampla expansão de motivos que falam de algo grande, que o mergulham em um delicioso êxtase, que o colocam na contemplação beatífica de uma beleza superior.

Mas é necessário descer daquelas alturas, e a alma é dilacerada por ter que conviver com as sombras após ter beijado o sol.

É uma daquelas não raras fatalidades pelas quais nunca a atitude de adoração contemplativa se torna carne em seu ser, e ele é forçado a cair no conjunto de coisas que evoluem como tudo o que é criado. E então a realidade é oferecida. O pensador, o homem que assim experimenta tantas polaridades opostas, chega a entender sua pequenez e debate-se nela pela falta de controle das coisas que o cercam e que ele gostaria de ter.

A vida é isso, isso é viver. Vamos amar a vida, mesmo que seja só por esse sopro romântico que a imaginação sabe como colocar nela.

Com isso, teremos conquistado em nós mesmos a confiança em nossas convicções e em nossas ações.

D) REENCARNAÇÃO

APRESENTAÇÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA ESPANHOLA

Palestrante: Sr. Rodrigo Sanz, advogado, vice-presidente do Congresso, diretor do "El Kardeciano".

1º. - No último Congresso trienal de Haia, em 1931, da Federação Espírita Internacional, o ilustre ex-presidente do mesmo, Geo Berry, houve por bem apresentar uma nota de "Objecções à Reencarnação", que foram como a voz do "Espiritualismo Anglo-Americano" versus a voz do "Espiritualismo Europeu ou Espiritismo Reencarnacionista" (como Berry chamou os dois ramos dos espíritas).

Dessas objeções, e do dualismo de opinião que elas resumem e tentam caracterizar, é preciso partir, para tentar chegar, no próximo Congresso de Barcelona de 1934, à unificação do sentimento entre os espíritas sobre o assunto.

E é isso que a Federação Espírita Espanhola tentará com este artigo, em favor da tese reencarnacionista, que acredita perfeitamente persuadir hoje em dia, todo espiritualista de julgamento não preocupado.

2º. - E seja o primeiro de tudo, especificar a tese.

a) "Reencarnação" é uma palavra de conceito claro. Significa "nascer de novo", isto é, um feto humano animar uma alma que já animou outro corpo humano até a sua morte. Em todo rigor, o conceito não se limita a vidas ou almas humanas. Provavelmente, existem outras espécies orgânicas racionais além da nossa, a única que conhecemos; e em cada um é possível e provável o mesmo fenômeno de vida sucessiva do mesmo espírito em múltiplos indivíduos da espécie. Mais ainda; é provável que em qualquer espécie orgânica inferior à humana, cada alma de princípio individuante informe múltiplas vidas individuais sucessivas; e ainda mais, que essas almas, em seu progresso, talvez venham a reencarnar em uma espécie superior, que pode ser a humana, dentro da qual, portanto, farão a encarnação primeira ... Mas o que vai ser discutido agora é o conceito estrito de reencarnação de alma humana em ser humano no momento de ser formado.

Agora que este limite não consiste em "número" de vidas corporais, mas em capacidade de animar e informar organismo superior de tipo que não conhecemos.

Portanto, a Reencarnação não tem nada a ver com a "incorporação" de espíritos a um médium ou com a "possessão" do sujeito pelos espíritos. Não é que Mr. Berry, nem em geral os espíritas anglo-americanos, confundam os respectivos conceitos; mas é fato que em revistas e livros de língua inglesa é usada a palavra "reencarnação", ou a expressão "retorno à terra", para significar incorporação ou posse; e da confusão de termos à de conceitos, vai muito pouco.

b) Chamamos, então, «reencarnação», a série, com início e fim, de animações de feto humano pela mesma alma, que deste modo chega a ter vidas normais alternadas de almas unidas e separadas do corpo humano.

Nós sustentamos a realidade dessas vidas alternativas e pretendemos convencer a todos de tal realidade.

Vamos dar três partes a este trabalho: 1.^a Exame das objeções de Mr. Geo. Berry em sua nota ao Congresso de Haia. 2.^a Exame da alegação de Mr. Carlos Wicklans no capítulo XV de seu livro "Trinta anos entre os mortos". 3.^a Exposição da tese reencarnacionista.

PRIMEIRA PARTE

3.^o. Começamos com a tacha mais gratuita que costuma ser feita à tese, e que Berry não omite, mas acolhe: "A doutrina da Reencarnação não nasceu como uma nova mensagem das almas... Estava em muitas religiões e filosofias, e foi admitida "a priori" como princípio para explicar fenômenos psíquicos "(Berry).

A tacha é acusatória e contra Kardec. Mr. Berry cita Aksakoff (citado por Conan Doyle), que diz: "Kardec apresentou a Reencarnação como um dogma, que ele baseou na revelação de médiuns de escrita, dispensando o dos médiuns físicos, cujas comunicações sempre negam a Reencarnação". Esses médiuns foram desdenhados por Kardec, que tachava sua mediunidade de inferior, e sua revista nunca os mencionou. E assim o "Espiritismo" (Europeu ou Kardeciano quer dizer Aksakoff) não fez o

menor progresso intrínseco em vinte anos.

Quanta imprecisão e quanta paixão no julgar e no dizer! «A doutrina reencarnacionista não nasceu como uma nova mensagem do Além, mas foi tomada "a priori" das religiões e filosofias onde já estava por toda a antiguidade» ... Então, como a doutrina da sobrevivência da alma já estava por toda a antiguidade em filosofias e religiões, também não seria um novo ensinamento das almas, mas terá sido admitido "a priori" para explicar os fatos metapsíquicos.

"Kardec apresentou a Reencarnação como dogma revelado por médiuns de escrita... Kardec a apresentou como "tese filosófica" baseada em fatos de memórias de vida passada ou que não era possível explicar sem ela; nos fatos muito comuns de talentos e disposições inatas; na insuficiência de uma vida corporal para realizar a capacidade de desenvolvimento mental e moral do homem; na necessidade de sucessivas encarnações para a perfeição humana individual (através do aprimoramento de sua alma) que efetivamente produza o aprimoramento social; na justa explicação da desigualdade natural de dons, sorte e eficiência das vidas humanas, se a mesma alma as repete e pode complementar sua eficiência, sua sorte e seus dons nativos; e, finalmente, nos ensinamentos do Além por meio de "efeitos inteligentes" é claro, por escrita ou fala, mas que ensinassem "doutrina" é claro... nunca, nunca fez Kardec de uma revelação uma tese, só por ser revelação, mas por sua harmonia com tudo que é descoberto pela observação e pelo discurso.

"Kardec dispensou a mediunidade física, porque ele a tachava de inferioridade" Kardec achava superior - e é mesmo, sem sombra de dúvida, porque é aquela que pode ensinar doutrina - a mediunidade intuitiva ou de raciocínio; mas como ele dispensou a mediunidade física ou sensitiva? Então, como ele poderia saber e falar sobre mediunidade animal, escrita direta, voz direta, materializações ectoplásmicas ... sem usar a mediunidade sensitiva?

"E assim, em vinte anos, o kardecismo não fez nenhum progresso intrínseco"... Mais de vinte, desde seus primeiros estudos com as irmãs Fox, precisou o espiritismo anglo-americano para chegar às conclusões experimentais de Crookes. E desde 1856, quando Kardec publicou seu

"Livro dos Espíritos", até as experiências do Kardec espanhol Fernández Colavida, passaram-se certamente trinta e um anos; mas o progresso foi nada menos que converter a tese "filosófica" de Kardec das sucessivas vidas corpóreas em tese "experimental e comprovada" ... Ou será que isso não é progresso intrínseco?

Não vamos continuar. A arbitrariedade dessa objeção acusatória de Aksakoff, que Mr. Berry recolhe e acolhe, é uma pena.

4º. - Objeção. "Como é que discordam até se contradizerem os testemunhos do Além, e que os reencarnacionistas os obtenham como abono para sua tese e os não-reencarnacionistas também de abono para a deles?"

O fato é verdadeiro e a objeção é muito interessante. Mas primeiro vamos limitá-la ao seu alcance real. Porque Aksakoff afirma imprudentemente que "as comunicações dos médiuns físicos são sempre contrárias à Reencarnação"; e esta é... a quinta imprecisão das palavras de Aksakoff mencionadas acima. "Reina", a médium de Pedro Cordillier, era antes de tudo de efeitos físicos, e ainda assim seus melhores "controles" (Vettellini, Buen Amigo) ensinavam constantemente a Reencarnação. Os sujeitos de Alberto de Rochas, que testemunharam vidas prévias de si mesmos, não eram de escrita. E todos nós experimentamos com médiuns de efeitos físicos (embora também inteligentes) que, em seus escritos ou em suas conversas mediúnicas, declararam e ensinaram a doutrina reencarnacionista.

A afirmação destemida de Aksakoff fará sorrir a todo conhecedor e praticante do Espiritismo ou de metapsíquica, não sendo um "experimentador" destes, que perseguem exclusivamente um efeito singular, um fragmento de fato, "pó de fatos".. Porque também existem em metapsíquica "ensaístas", semelhantes aos outros ensaístas literários que trabalham e se trabalham para recontar escrupulosamente os verbos, adjetivos, nomes e advérbios de um famoso poema medieval.

Mr. Berry, ao menos, começa prudentemente apontando apenas o fato da discrepância de testemunhos. Verdade que continua citando Aksakoff complacentemente e concorda, portanto, que "os testemunhos em abono da tese reencarnacionista são um efeito das ideias preconcebidas dos

médiuns de escrita"; quer dizer, efeito da inconsciência do médium e não testemunho do Além... Mr. Berry não considera, isso não, se o testemunho da não-reencarnação poderia ser o efeito da "falta de ideias" sobre o assunto nos médiuns físicos e acima de tudo nos espíritos comunicantes por médiuns exclusivamente físicos.

Porque essa é a questão, honestamente proposta: como se explica que alguns espíritos negam a Reencarnação, outros a afirmam e outros a ignoram?... E a explicação não é outra senão o que sabe ou o que ignora o espírito comunicante sobre o assunto.

Justamente os Espíritos elevados têm grande dificuldade em causar efeitos físicos, pois precisam tomar "condições materiais", muito distantes de seu "estado vibratório" (é o Sr. Arturo Findlay, por exemplo, quem diz e professa isso com essas palavras, como aprendido com os espíritos controles de Samuel Sloan).

E os espíritos inferiores são os mais adequados para esses efeitos, precisamente porque, tendo de seu melhores condições materiais, de pouco mais precisam. Os primeiros conhecem sua situação e estado, eles progrediram no Além, "eles entenderam", como diz Findlay; os últimos, que às vezes ignoram sua condição e comparecem às sessões como bandos de aves marinhas correm para a lanterna acesa de um farol, quase não progrediram, talvez nada ainda, e pelo menos não entenderam nem têm ideia de seu futuro, ignoram a lei de seu progresso e não sabem se esta lei é de reencarnação ou do quê; e em sua sociedade, tão limitada quanto seu conhecimento, eles não foram ensinados com casos ou ensinamentos de Reencarnação. Portanto, seu testemunho sobre a questão terá que ser negativo, como de quem não sabe; e o mais prudente deles será como aquele que deram a Findley (3) *On the Edge of the Etherio* «Eu não reencarnei; não conheço espírito que tenha reencarnado, e conheço muitos que estão aqui há muito tempo sem reencarnar. Apenas isso posso responder».

Então, longe de atribuir os testemunhos reencarnacionistas a "ideias preconcebidas do médium", devemos atribuir os anti-reencarnacionistas à "falta de ideias" sobre o assunto nos espíritos comunicantes.

5º. - No número de 26 de maio último da revista londrina "Psychic News", com o título e subtítulo "Por que alguns espíritos não retornam -

Barreiras criadas por preconceitos mentais", é inserido o extrato de alguma conversa sobre o espírito de uma pele vermelha chamado Red Cloud, sobre as "almas adormecidas", que por efeito das crenças aqui muito professadas, aguardam inativas no Além o dia da ressurreição final. Em frases tomadas de forma estenográfica, Red Cloud diz: "Se um homem submete sua mente, por vontade própria, ao pensamento de dormir quando sua alma deixar seu corpo, automaticamente sua alma irá para o plano que será para ela o céu desse pensamento, e lá irá dormir. É por isso que existem muitos espíritos que não retornam à Terra... só que alguns deles, após certo tempo, espontaneamente começam a duvidar se esse será o céu que eles queriam; e então, à mínima oportunidade que eles nos derem, tentamos instruí-los".

Qualquer um diria, por este texto, que Red Cloud ensina a Reencarnação; e é preciso ler outras palestras dele (por exemplo, aquela inserida na edição de 21 de abril da mesma revista, na qual ele afirma que há apenas uma morte corporal), para se convencer de que ele não a ensina ... Mas é fácil argumentar o seguinte: se uma alma adormecida daqueles que tendo duvidado se esse seria o seu céu desejado, já recebeu as primeiras instruções de Red Cloud, por exemplo, vai a uma sala de sessões, o que poderá dizer sobre a Reencarnação se for interrogado? ... Que ele a ignora, que ele não entende a questão, como quem estava há pouco dormindo e inativo, esperando pelo dia da ressurreição final ... É assim que muitos testemunhos anti-reencarnacionistas são.

6º. - Objeção «A Reencarnação é um retrocesso. A alma que entrou em um mundo superior, levando nele uma vida de espiritualidade muito maior, por que deveria voltar atrás, perdendo sua consciência, seu senso de identidade pessoal e sua memória? Por que se reduziria a um átomo psíquico de essência vital que, flutuando e projetando na atmosfera terrestre, se prepara para entrar no corpo de uma mãe humana no momento da concepção do filho para ser o arquiteto de uma nova vida no corpo?

A objeção é ainda mais interessante do que a anterior, porque pede o "porquê" e o para quê da Reencarnação, que tentaremos dar na terceira parte; mas o que nesta primeira é necessário salientar, é o «como», que os adversários concebem com uma falta de atenção aos fatos, com uma

distração e falta de percebimento, que não poderiam ser esperadas.

Deixemos a questão da alma reencarnante entrar "no corpo de uma mãe humana no momento da concepção do filho"; essa imprecisão (porque onde ela entra de forma estável é no feto, ignorando-se em qual momento) não importa agora. Vamos deixar o fato de que a alma reencarnante consiste de uma "célula psíquica microscópica". Este conceito ou esta imagem de Chevreuil também não importa agora... Cheguemos ao ponto em que a alma reencarnante «perde a sua memória e a sua consciência».

Bem, isso está provado que é falso; e qualquer um fica maravilhado do que pode dizer um metapsiquista. A alma reencarnante conserva sua memória e sua consciência; e o adversário esquece, o adversário ignora, que, ao menos, "todos os fenômenos metapsíquicos chamados de animismo são aquela memória e aquela consciência e suas faculdades no exercício".

É o "novo homem" quem habitualmente não tem memória e consciência da vida anterior, mas esse mesmo homem é hipnose, nossa posse de uma muito dilatada e portentosa "subconsciência" que chamamos, que nada mais é do que a consciência de sua alma, que um pouco libertada acidentalmente dos entraves da matéria corporal, lembra e age então com todo o sentido de sua identidade individual e com sua consciência de vida e vidas anteriores.

E sem hipnose, nos casos que chamam de desdobramento pessoal, ocorre que o sujeito, em um dos estados - o anormal - "lembra tudo", e no outro, nada desse estado.

E sem qualquer desdobramento, em adultos anormais é caso não excepcional, e em crianças normais é um caso muito comum, a lembrança de detalhes de vida anterior, que depois com a idade e com as preocupações da vida vão sumindo...

Como o adversário diz que a alma reencarnante perde a memória e a consciência, quando ele mesmo descobriu que as mantém, mesmo que habitualmente não pareça?... Há uma irreflexão aqui, uma distração, que tem uma frase gráfica na língua espanhola a saber: «estar na horta». O metapsiquista que pensa de boa fé que a alma reencarnante perde a consciência "não está em casa; está na horta", como dizemos em espanhol.

7º. - "Mas em qualquer caso - pode ser explicado - sempre haverá o

retrocesso do não-exercício habitual da memória e consciência da alma reencarnante." Mas o adversário continuará distraído e sem se dar conta.

Em primeiro lugar, nossas almas vêm dotadas dessa enorme quantidade de consciência que, por se manifestar fora de nosso domínio usual, chamamos de subconsciência, e nela, além das capacidades supranormais que em todo homem cochilam e em cada um despertam em casos mais ou menos excepcionais, há uma enorme quantidade de fatos "manifestos", embora de difícil explicação, que chamamos de caráter, disposições precoces, vocação, destino, índole e talento nativos... E o que são esses fatos, se não o exercício normal e habitual da energia ou atividade da alma com a qual nasceu, isto é, da alma encarnante? Portanto, não é verdade que, na suposição de que esta alma encarnante esteja reencarnando, fique sem o exercício habitual do que ela possuía; manifesta-se e exercita-se como base da atividade normal do novo homem, de sua personalidade diferencial de caráter, inclinações, gostos, índole e talento. O que há é que o homem não sabe por seu cérebro, porque seu cérebro atual nunca o registrou.

Em segundo lugar, em todos os seres "não simples", a evolução é observada sempre cíclica, ou com frases regressivas que são a condição de novas progressões. Por que a Reencarnação não seria uma fase evolutiva de cada alma humana? Por que a evolução da alma humana (que os adversários admitem como ser composto de espírito e perispírito, ou "mind" e "etheric body", como melhor lhes aprouver dizer, não seria cíclica?

O adversário se atreve a pensar que a alma de um velho que está perdendo ou já perdeu sua memória, imaginação e bom discurso, recua e se deteriora? Atreve-se a julgar que quando um homem sofre delírio como resultado de uma febre ou paixão, sua alma realmente recua e perde? Ou melhor limita-se a julgar e pensar que o organismo decrépito do velho, ou o enfermo do delirante, ou o desequilibrado do apaixonado, não servem de instrumento adequado para suas almas e se tornam um obstáculo, não à existência, mas à manifestação do discurso, a imaginação ou a memória normais?... E no sonho cotidiano, quem diz que a alma perde a consciência porque a do homem adormecido não é exercitada?

Pois, se vemos e sentimos tantos casos de não manifestação da

consciência normal do homem, por que, diante do fato da não manifestação habitual de sua consciência supranormal, temos que julgar e sentenciar "regressão, deterioração, estrago substancial" da alma encarnante?

E isto prescindindo mesmo da manifestação normal, cotidiana, evidente, que consiste em caráter, índole e talentos nativos.

Olhem, senhores: pedimos para perceberem isto. As extraordinárias e portentosas faculdades de nossas almas, que só excepcionalmente são exercitadas no homem, são um fato: é um fato que elas existem e que normalmente não são exercitadas. Mas este fato é o mesmo, quer nossas almas tenham encarnado em nós pela primeira e única vez, quer tenham reencarnado pela enésima vez. Então escolham: ou esse não-exercício da alma reencarnante não é retrocesso e nem degradação real, ou esse não exercício da alma encarnante pela única vez é também degradação e retrocesso real. De qual estado? Digam vocês, se puderem.

8º. - Será difícil formular o porquê e o para quê da Reencarnação; será difícil mostrar a razão suficiente e determinante para a evolução cíclica da alma em vidas alternadas da alma unida e separada. Mas é fácil mostrar que, sem se admitir a Reencarnação, a encarnação não se compreende, e não se vê nenhuma razão para a nossa atual vida de alma unida se não tiverem precedido outras alternadas da alma unida e separada.

Com efeito, onde nossas almas adquiriram suas maravilhosas faculdades supranormais?... Sempre terá sido em uma vida anterior. Então, se sua encarnação é única, ela terá sido enviada anterior do espaço, não conjunta com corpo humano. E então, por que, em vez de continuar sua evolução no espaço, elas vêm se conjuntarem com nossos corpos, nos quais normalmente não irão exercitar as incríveis faculdades adquiridas?... Ou as encarnações anteriores são admitidas, nas quais a alma as foi entesourando, ou se ela as entesourou na vida espiritual e sem corpo humano, a encarnação única carece de razão e é um "non-sens" e coisa impossível de se entender.

9º. - E muito menos pode ser entendido no ser humano, que nasce idiota, que morre na infância, que vive três dias, que nasce morto. O que veio fazer a alma de tal ser humano, encarnado pela única vez?... Nada. E é por isso que os não reencarnacionistas anglo-americanos, e seus médiuns

físicos e os controles de seus médiuns, já estabelecem previdentemente no Além, escolas espirituais de jardim de infância, que irão desenvolver essas almas fracassadas em sua tentativa de encarnação única, para que o fracasso não seja um obstáculo para elas.

10º. - Passo para outra objeção. E esta é pessoal de Mr. Berry, que pede licença para sublinhar a seguinte observação: "Acorrentados a um século de vidas corporais sucessivas sem uma memória de seus estágios, que provas podemos ter de que o ciclo e sua dolorosa jornada em direção à perfeição irão chegar ao fim algum dia? Contra esta concepção de retornos periódicos à Terra, apresentamos o testemunho do mundo espiritual em inumeráveis escritos e palavras de transe; a alma humana, ao entrar no Além, passa para a esfera que sua vida terrestre lhe permite ocupar, e depois avança sempre".

Com todo o respeito, a distração parece continuar... Esses testemunhos de espíritos que não precisam mais reencarnar, serão a prova que Mr. Berry chora como impossível. E com os testemunhos de espíritos que estão reencarnados ou prontos para reencarnar, será a prova direta da Reencarnação.

Tudo dependerá, então, de uma esmerada "crítica" dos testemunhos: uns provando a Reencarnação e outros do fim da mesma... E dependerá também de um exame filosófico da questão; que deve ser acometido embora - como Mr. Berry corretamente diz - "o espiritualismo anglo-americano não esteja profundamente interessado em problemas filosóficos". Bem, é preciso estar interessado também.

Ou os adversários suspeitam que não é autêntico ou provativo nenhum testemunho do Além que abone a Reencarnação?... Então, façam sua crítica esmerada, um por um.

11º. - Vejamos outra objeção pessoal que Mr. Berry não sublinha, porque ela se sublinha sozinha. "Para cada alma existe caminho de progresso eterno através da ajuda angélica e espiritual, e em cada nível que cada um vai atingindo, reveste-se de um corpo mais elementar e purificado... o reencarnacionismo significa um resto de vassalagem a velhas teologias. É verdade que retornar à terra é preferível a permanecer em um inferno fixo; mas por que não abandonar completamente uma teologia tão lógica?"

Quando o mundo espiritual declara unanimemente que o progresso da alma é sem fim, é preciso se emancipar completamente das teologias limitantes e deixar a Reencarnação por ser desnecessária”.

De modo que os reencarnacionistas somos pobres proscritos? ... Deus nos acuda! Sustentamos a ante vivência da alma, que não é ortodoxa; sustentamos a Reencarnação, que é heterodoxa... e somos "teologistas". Sustentamos a sobrevivência da alma como provada pelos fatos, seu progresso sem fim como demonstrável pelo raciocínio; e porque afirmamos que a lei e condição deste progresso é a Reencarnação com termo... somos desconfiados da teologia... Nada adianta provarmos que a encarnação única não se compreende; não nos servem para nada os indícios, as induções e, finalmente, as provas experimentais das vidas corporais sucessivas; nada nos abonará formular a razão suficiente ou por que da Reencarnação com termos... Somos teologistas ou como na Espanha dizemos, somos "os homens das cavernas" do Espiritismo.

Deve ser perdoado não levarmos (porque deve ser entendido que não podemos levar) a objeção a sério. Poderíamos devolver a bola como muito em breve se verá; mas não vamos fazer isso.

12º. - Outra objeção «O ciclo da água que sobe em vapor até a nuvem, depois desce condensado na chuva e sobe e desce novamente, será a melhor imagem da alma reencarnante; mas o reencarnacionismo é como um esforço fútil de atribuir identidade individual às gotas de chuva de aguaceiros sucessivos... de modo algum a hipótese explicativa do desdobramento da vida orgânica sobre terra nos força a acreditar, por analogia com os pingos de chuva de uma série de aguaceiros de abril que homens ou animais, individualmente considerados, retornam à terra”.

É claro que a comparação com o ciclo da água atmosférica nunca foi mais do que uma imagem explicativa em nossos lábios. Mas pelo que foi visto, a imagem não foi entendida, porque nunca pensamos em atribuir identidade individual a gotas de chuva. A identidade nunca ocorre em ser composto: portanto, nem na gota, nem mesmo na molécula aquosa, nem ainda em seus átomos componentes, mas nos elétrons de seus átomos. E se a imagem tiver algum valor, ela é decomposta em seus átomos no ciclo atmosférico que ela percorre. Na molécula aquosa, e não na gota, colocamos, então, para

comparação, imperfeita como todas.

De resto, comparações são abundantes... e esmagam. Ciclo de vida têm todas as espécies químicas que conhecemos: vida sólida e cristalizada, líquida e móvel, gasosa e vivaz. Ciclo de vida têm toda espécie vegetal que conhecemos: a de semente desprendida, e em espera a de planta que já tem plúmula e radícula, a da semente ou de cada broto que a planta adulta elabora. Ciclo de vida têm toda espécie animal que conhecemos: a do ser que se desenvolve no ovo ou matriz, a daquele que daqui passa a se alimentar pela boca, e a do adulto que já produz gametas ou células reprodutivas, e ainda o ciclo se faz mais complexo naqueles insetos que têm metamorfose, porque adquirem nova vida quando depois de se desmancharem em mingaus, em ectoplasma talvez, na escuridão interior do casulo, reorganizam-se em borboleta que sai voando para se reproduzir... e o homem, uma vida é a intrauterina sem uso de sentidos, outra a infantil com uso deles, e outra a adulta com uso de razão... por que, então, não teria ciclo também a vida da alma humana? Isto é o que veremos na terceira parte deste trabalho.

13º. - Mas vamos para a objeção crucial, "the main crux", de Mr. Berry, fundada na ciência biológica moderna.

«A célula nasce pela duplicação de outra; e este modo de reprodução é conservado fundamentalmente desde o protozoário, até os organismos vegetais e animais mais complicados; pois quando o sexo aparece neles, elas produzem células masculinas e femininas especiais, que se interpenetram e se conjugam no ato reprodutivo e a nova célula que resulta já se multiplica por divisão, com a diferença de formar células modificadas que não se separam, mas sim são agrupadas em tecidos e humores característicos de cada espécie, sempre definida cada espécie pelo número de cromossomos da célula ovular.

Portanto, temos uma continuidade de estrutura e função mantida desde a origem da vida orgânica até a atual sobre a Terra; e temos inquestionavelmente um elemento psíquico que, como proporção essencial de cada vida individual, passa dos pais para a prole, tanto na célula proterozoica como no feto humano. Que o filho é um composto das características físicas e mentais dos pais ou ascendentes, é patente para

todos; e de acordo com os ensinamentos mendelianos, fica evidente a transmissão dos fatores mais profundos, como lábio leporino, a surdo-mudez, daltonismo, sexdigitalismo, que aparecem geração após geração, fatos que deixam pouca dúvida de que as qualidades da alma são tão hereditárias quanto as do corpo".

Mr. Berry diz que isso mesmo é o conceito vulgar, pois o homem e a mulher comuns acreditam que o fruto de sua união "é carne de sua carne e espírito de seu espírito". Ele opina, então, que o reencarnacionismo se opõe à ciência e ao sentir comum, quando afirma que o ego animador do filho é um "ego estranho" que busca uma nova vida física depois de fazer uma mais ampla no espaço, à qual renuncia de bom grau ou pela força, perdendo a memória e a consciência, etc.

14º. - Essa é a principal objeção do adversário, aliás, a sua teoria psicológica inteira.

E quem poderia ter pensado que o espiritismo anglo-americano, interpretando as descobertas da biologia moderna, iria reproduzir, no século XX, uma opinião teológica do quinto século!

Porque essa doutrina tem nome histórico e se chama "Traducionismo"⁴ *Entendido que, de acordo com estes, a alma "é criada por Deus", por ocasião da geração do filho..*

Não poucos teólogos do quinto século entendiam que os pais produzem a alma da criança ao gerá-la, da mesma forma que uma vela acesa produz a chama de outra apagada ao se aproximar dela. Santo Agostinho aceitou essa visão por razões puramente teológicas, parecendo a mais apropriada para explicar a transmissão do pecado original. E na segunda metade do século XIX, outro teólogo, o Dr. Frohschamer, sustentava que a alma de todo homem, de todo animal, é criada ou tirada do nada pela ação geradora dos pais.

Mas, em fim, vamos examinar a objeção ou teoria dos adversários.

15º. - Primeiro, descartemos da questão o sentir comum. O vulgo (e o não vulgo, Cervantes, por exemplo) chama os filhos de pedaços das entranhas de seus pais, ou carne de sua carne, mas nunca "espírito de seu espírito". Nada mais comum, é verdade, do que um pai ou mãe exclamar:

filho da minha alma! mas pelo peso de sua afeição, que é o amor da alma, do nosso melhor; como também ponderamos: amigo da alma!, irmão da alma! O sentimento comum e vulgar não aceita a "herança espiritual"; antes, o que entende afinal, é que cada alma "é muito sua"; bem, se costumamos dizer de um menino ou um jovem que é o retrato do pai ou da mãe, ou de tal avô ou tio (referindo-se ao caráter e às inclinações), às vezes dizemos que ele "descolado" da família, que é "um fora da casta", porque não encontramos nele afinidade espiritual com nenhum ascendente ou colateral.

Portanto, apurando as coisas, o reencarnacionismo, longe de ir "contra", prefere ir "com" o senso comum vulgar; e o anti-reencarnacionismo, que quer apurá-las, vem a inserir gratuitamente e falsamente o que deve ser descartado e deixado em paz.

16º. - O adversário acha estranho e absurdo que o ego do filho seja "estranho" aos pais; essa ideia não encaixa em sua mente. Bem, mas quando queremos entender de que maneira ele não será estranho aos pais ou à ascendência, o resultado imediato é que o ego individual do filho não pode preexistir à geração dele, já que deve ser efeito da própria geração.

Então cada ego tem seu começo com a geração do filho, para depois não ter fim; concepção que é a dos teólogos católicos⁵ *A preexistência da alma, não é doutrina ortodoxa, ou seguida pela Igreja Católica, mas também não é heterodoxa ou expressamente recusada* e que não há muito julgava um espiritualista inglês, dizendo que isso é o mesmo que «conceber uma vara de um só cabo ou extremidade».

E se não viveu antes nem preexistiu, como poderia adquirir as faculdades, qualidades, enorme cabedal de experiência que depois revela, normal ou excepcionalmente, na vida corporal?... O adversário não o diz. Vamos suprir o seu silêncio: «esse cabedal será aquele que foi acumulado por todas as gerações anteriores, que são transmitidas com a reprodução de cada uma»... Mas então, e agora é de fato um caso estranho, verifica-se que cada alma individual não acumula ou assimila a experiência de múltiplas "vidas próprias", mas de "múltiplas alheias", isto é, de outras almas individuais de cuja atuação não tem consciência nem pode tê-la,

porque consciência é conhecimento de si mesmo, não de outro.

E agora é quando o adversário pode perguntar-se angustiosamente: "Como provar a transmissão desse depósito?" Porque até agora – que nós saibamos - nenhum testemunho do Além veio em abono do Traducionismo e de uma opinião teológica que estava na moda mil e quinhentos anos atrás. E porque, acima de tudo, não há testemunho de tal transmissão, não pode haver "ciência própria" dela, nenhum ego pode atestar: "eu recebi esse depósito", porque o terá recebido em sua própria origem antes de qualquer ato de consciência ou verdadeiramente seu.

17º. - Vamos um pouco mais lá para dentro. A alma, segundo o moderno Traducionismo, surge por si mesma como copulação dos gametas masculino e feminino; porque o homem e a mulher adultos produzem em si umas células que são elementos essenciais da alma do filho, mas que não a constituem até a sua copulação no óvulo materno: então é quando a alma surge como uma combinação química que não irá se decompor jamais.

E esses gametas, ou hemi-almas, estão prefixados em cada genitor de acordo com as leis mendelianas. Terão variedade, ou não serão todos iguais, mas em seu número total haverá proporções de finitude de gametas de caracteres dominantes e de caracteres dominados ou recessivos. De modo que sua copulação produzirá almas prefixadas também, não determináveis singularmente e uma a uma, mas sim em grupo e dentro de limites prefixados e matemáticos. A individualidade de cada alma é assim reduzida a um mendelismo mais ou menos complexo. "Tudo nela é herança", nos dizem.

"Mas isso é falso, segundo a própria Biologia." Junto às variações "hereditárias" investigadas por Mendel estão as variações "bruscas" encontradas por De Vries. Por que elas deveriam estar faltando na espécie humana?...

Portanto, nem tudo é uma herança nela; e há espaço para o ego estranho e para os caracteres não hereditários que o Traducionismo moderno considera absurdo, mas que a própria Biologia acha possível e provável porque o comprova e observa em espécies inferiores.

18º. - E agora umas perguntas.

Se os gametas são as células misteriosas encarregadas de registrar as experiências de todas as gerações precedentes (porque devem transmiti-las às novas almas que produzirem), como elas as vão acoplando e sintetizando? O adversário não diz nada e nem aventura absolutamente nada.

Mas, se os gametas são produzidos apenas no estado adulto do ser humano, como eles registrarão as experiências da vida individual anterior ao estado adulto?

Então, será que eles já nascem com cada indivíduo?... A Biologia só fala de uma conjugação, não de um ajuste suplementar e simultâneo de gametas não conjugados.

Então, será que a primeira tarefa do óvulo fertilizado será produzir gametas?... A Biologia apenas nos fala em multiplicação dicotômica do óvulo.

Então, será que o óvulo recebe, sem gametas suplementares, e somente pela conjugação de dois, as experiências das gerações anteriores, e depois, no estado adulto do ser, a alma retransmite aos gametas que fabrica o que transmitiram a ela os seus gametas originais, além de suas próprias experiências individuais até a idade adulta?... A Biologia nada nos diz; os adversários parecem não pensar no assunto; e o que todos pensamos é algo semelhante ao de Alfonso X, quando explicavam a ele os epiciclos ptolomaicos: "Eu não teria feito essas coisas tão complicadas".

Bem, esse é o elemento psíquico que "passa incontestavelmente de pais para filhos"... O incontestável, como se vê, é a escuridão, as dificuldades, o imaginativo ou o imaginário de tal elemento psíquico.

19º. - Ainda tem seus traços de distração exemplificar a transmissão hereditária dos fatores mais profundos como fissura labial, surdimutismo, daltonismo e sexdigitalismo. Eles podem ser fatores "fisiológicos" profundos (talvez apenas de conformação); mas o que deveria ser mostrado e exemplificado é a transmissão do caráter, das inclinações, das aptidões, índole e talento, das características "psíquicas" propriamente ditas. E nisso haverá famílias de artistas, famílias de boa casta e má raleia, como dizemos; mas muitas vezes o filho de um talento é pessoa torpe e

ignorante, o de um justo é perverso e vice-versa, e a cada passo contrastes e desvios tão grandes são observados, que dois irmãos de pai e mãe são pólos opostos no psíquico, mais ainda do que no físico.

20º. - Mas tenha a herança a parte que quiser, essa concepção de que o ego do feto não pode ser estranho ao dos pais, mas produzido por eles como se fosse uma combinação química, isso é o mais estranho ao espiritualismo, porque é o mais afim ao materialismo. Segundo essa concepção, o ego humano não é algo simples, que tem que formar e informar um composto. Pelo contrário, é um composto que recebe o ser de outros compostos; que não vivia antes, portanto; que recebe em transmissão a síntese de experiências de mil egos anteriores; que deve progredir interminavelmente em mundos "espirituais" ("de matéria etérea"), mas que antes precisa, no mundo terrestre (de matéria grosseira), de um doloroso progresso de mil egos antecessores; e, em suma, o ego tem que ser "uma célula", conjugação de duas outras que são seus elementos; de modo que o espiritualismo, com toda a sua ciência biológica e experimental, em filosofia, não avante nada o filosofismo positivista.

Mas para isso não valia a pena... Este espiritualismo materialista, que não concebe o ego como um ser simples, e que, ainda por cima, mantém a individualidade da alma humana, mas até "sua unidade final com o Criador" (palavras de Mr. Berry), isto é, até a absorção de sua individualidade em Deus (juntamente com a negação de Deus com essa complementação sua) não é, não, o espiritualismo que no Ocidente chegou a tempo de lutar plenamente com o materialismo e o panteísmo, os dois maiores erros de compreensão, cada um capaz de converter uma cultura europeia libérrima e vivaz em uma cultura asiática, indolente e mortiça.

Acreditem os adversários que a filosofia importa profundamente e, observem com cuidado aonde conduz essa que eles propendem sem querer e sem saber muito bem.

Reparem, pelo menos, que enquanto negam a cada alma encarnações sucessivas que lhe permitem acumular e tirar proveito conscientemente das experiências, afirmam encarnações de almas sucessivas que vão transmitindo, sem consciência possível na transmissão de sua própria

experiência e a de seus antecessores. Paradoxo especulativo acompanhado por esta outra prática: que cada alma não é filha apenas de suas obras, mas quase inteiramente das obras de suas antecessoras.

E vejam, finalmente, qual seja o valor da sua "objeção crucial", toda cheia de dificuldades, paradoxos e contradição substancial.

SEGUNDA PARTE

21º. - O capítulo XV do livro «Trinta anos entre os mortos», de Carlos Wickland - o alienista americano de Los Angeles - é provavelmente o argumento mais forte e típico que já foi impresso contra o reencarnacionismo, porque consiste em razões, experiências e testemunhos do Além. Vamos, então, examiná-lo brevemente, certos de que o exame não resultará em uma fria repetição da primeira parte deste trabalho e será, em troca, uma preparação adequada para a terceira.

22º. - O capítulo começa assim: "Espíritos superiores repetidamente têm nos afirmado que a crença na reencarnação é enganosa e constitui um obstáculo ao progresso "post-mortem". E por outro lado, em muitos casos de obsessão, observamos que intervieram espíritos que, ao tentarem a reencarnação em alguma criança, ficavam aprisionados em sua aura, com dano da vítima e de si próprios».

Temos, portanto, de examinar duas coisas: aquelas declarações de espíritos elevados e aquelas observações de Wickland. Vamos começar com estas últimas, como o capítulo faz.

23º. - E vamos começar com um aviso peremptório. Em uma criança já nascida e em desenvolvimento há "possessão": "reencarnação", não. Será que os espíritos e Wickland vão falar sobre possessão, mas não sobre reencarnação?... Vamos ao relato da primeira experiência.

24º. - Um menino de Chicago tinha sido criado normalmente até os cinco anos de idade. Mas nessa idade ele começou a ter manifestações adultas estranhas: ele falava que era velho e feio; sofria de insônia, durante a qual ele falava entre dentes e sofria explosões inconcebíveis de raiva. Essas características foram se acentuando, e sua família já o contemplava como um coitadinho louco, sem esperança de cura. Um membro da família escreveu para Wickland, implorando-lhe por uma "Sessão de Círculo"⁶ (Isto é,

sem a presença do menino) para ver se ele conseguia a atração do possível espírito obsessor. E, com efeito, na sessão apossou-se da Sra. Wickland⁷ A abnegada médium, esposa de Wickland, que por trinta anos ou mais facilitou ao marido a cura de centenas de doentes mentais. Deus preserve esse casal altruísta até a velhice extrema! um espírito cujos modos e expressões coincidiam com os do menino. Ele deu seu nome. Disse que era um homem mal encarado, cheio de marcas de varíola, áspero, sem o carinho de ninguém. Era consciente de ter falecido velho; e tendo ouvido na vida dizer que as almas reencarnam e podem então pegar o corpo que quiserem, decidiu encarnar em um que fosse belo, porque seu maior desejo era uma boa aparência. Mas quando ele tentou com uma criança, ficou enredado em sua aura, da qual ele não conseguiu mais escapar; e vendo-se aprisionado e sem ser capaz de se fazer entender, entrou em explosões loucas que chegavam ao desejo de "saltar em pedaços".

Wickland instruiu o espírito e consolou-o dizendo-lhe que o aspecto áspero e feio que era seu pesadelo, desapareceria esquecendo-o e dedicando-se a servir e amar outros espíritos. Finalmente conseguiu que ele fosse embora na companhia de outros que vieram buscá-lo. E alguns dias depois, a mãe do menino escreveu para Wickland: "Jacob recuperou sua condição de criança: voltou a ser o que era antes". O menino continuou normal e já pôde frequentar a escola, onde progrediu rapidamente.

O que resulta dessa história? Um caso muito claro de possessão, ou intrusão de espírito "em criança de cinco anos de idade". O espírito, ao tentar reencarnar nele, não tinha ideia do que é a reencarnação. E nem Wickland, ao relatar esse caso que certamente nada aduzia contra a reencarnação.

25º. - A segunda e terceira experiências que o capítulo relata foram realizadas em favor de duas crianças paralíticas. Nos relatos, a cura não é consignada; mas no primeiro fica subentendida e no outro é expressado o despejo do espírito possuidor. No terceiro descreve-se a criança (de sete anos); e do espírito aponta-se que era o de um teosofista superficial, dominado por certa autossugestão curiosa, a quem não houve meio de fazer entender a verdade. No segundo, a criança não é descrita; e consignam-se, como "muito interessantes", manifestações do espírito como estas: "Eu queria reencarnar em uma criança, entrei nela e depois não

encontrei a maneira de sair... Eu era um teosofista, e queria reencarnar para ser um professor; penetrei no corpo de uma criança, deixei-o paralisado no corpo e ambos ficamos paralíticos de alma, porque eu não conseguia falar”.

Suficiente e de sobra para ver que este espírito não tinha ideia de reencarnação, porque ele tentou reencarnar em criança e não em feto.⁸ Suas primeiras palavras ao se apossar do médium foram: "Mas eu estou mexendo braços e pernas? Então Reencarnação é verdade, porque antes eu não podia andar"... Assim, ele chamava de reencarnar, o fato de entrar em um corpo adulto.

Continua dizendo: "Deixem a ideia de reencarnação, porque toda ela é errada. Eu queria provar aos teosofistas que eu poderia retornar e reencarnar em uma criança, e vocês podem ver o que aconteceu comigo”.

E então: "A senhora Blavatsky me instruiu na doutrina da Reencarnação. E você, minha senhora - apontando para um ponto na sala - teve a maior culpa desse meu estado. Mas agora você me diz que a Reencarnação não existe, e que o que acontece a alguém ao entrar no corpo de uma pessoa para reencarnar é ficarem completamente enredados”.

Se isso realmente dizia o espírito da Blavatsky ao espírito na sessão, é preciso se concluir que nem agora como espírito, nem antes como mulher, essa alma não tinha e nunca teve uma ideia clara da Reencarnação. Dito seja isso também com todo o respeito.

O espírito continuou ... "Eu era um discípulo da Sra. Blavatsky na Índia; e também conheci Ana Kingsford e o Dr. Hartman, que têm também a sua parte de culpa pelo meu estado atual. Todos os três perceberam seu erro e agora estão trabalhando para indenizar aqueles que prejudicaram. Eles me trouxeram até aqui, e a Sra. Blavatsky me disse para ouvir o que esse cavalheiro me dirá (apontando para Wickland).

O autor acrescenta que foram dadas a esse espírito explicações adequadas, que ele pareceu entender, e manifestou seu nome: "William Stanley".

26º. - Relata-se, depois, cinco comparecimentos espontâneos de espíritos. Duas são de outro teósofo, dentre cujas manifestações, esta é a menos frívola: "Agora eu entendo como é perigosa a doutrina da reencarnação. Segundo ela, eu já deveria reencarnar. Como? Vou

reencarnar em um menino, fazendo dele um idiota?"

Suas primeiras palavras ao incorporar no médium foram: "Mas eu já estou conseguindo mexer braços e pernas? Então a Reencarnação é verdade, porque antes eu não conseguia andar »... Ele chamava de reencarnar, então, o fato de entrar em corpo adulto. Aqui a falta de conceito sobre reencarnação é ainda mais ingênua.

27º. - Compareceu o espírito de uma senhora conhecida na reunião por seus escritos: Ella Wheeler Wilcox. Ela havia professado a teosofia; mas agora estava desiludida com a doutrina da reencarnação. «Por que devemos reencarnar neste pobre planeta?... Quando a alma se abriu para a vida superior, nada interessa em retornar à Terra. O importante é aprender na Terra para que não tenhamos que voltar a ela para aprender novamente».

Talvez esse espírito tivesse um conceito genuíno de reencarnação. Ele a recusava para si mesmo e para aqueles que já tinham entendimento; mas parecia aceitá-la como necessidade para aqueles que não aprenderam o suficiente. De si mesma diz que, quando escrevia na Terra, algumas vezes teve a sensação de ter vivido antes; mas agora estava vendo que isso era por influência dos espíritos que o motivavam a escrever, que era representado como sua própria vida anterior. ⁹ É uma explicação do seu caso; mas não do caso das crianças que reconhecem lugares e assinalam o assento da escola que ocupavam na vida anterior; nem dos sujeitos que foram hipnotizados por Colavida, Rochas e depois por muitos outros.

28º. - Compareceu o espírito de um amigo da família Wickland, falecido de 99 anos, que fora cônsul da Turquia, e dedicara 60 anos a dar e ouvir palestras sobre ciências psíquicas: o Dr. Peebles.

O espírito diz aos jovens: "Que ele celebrou seu centenário no Além, cercado de amigos; que ele tinha sido um crente espírita, mas não tinha sido capaz de se livrar completamente dos dogmas; que viajou e ouviu muito, mas que este planeta não era nada mais que uma escola primária; e nela são muitos aqueles que não aprendem nada »

Neste momento, Wickland o interrompe gentilmente: "Mas eles encarnam outra vez e aprendem". E o espírito responde vivamente:

«Não existe tal coisa. Por que voltar para aquela prisão quando aqui a gente está livre? Por que, estando para entrar na escola superior, a gente

tem de voltar para a escola primária? Vocês não precisam renascer. Esqueçam a Reencarnação, porque essa crença é como um lastro no pescoço... Eu vi suas consequências e falei com muitos espíritos que tinham acreditado nela.

Mas, se na escola primária há muitos que não aprendem nada, por que não retornariam a ela?... Por outro lado, se afinal não há reencarnação, que peso em seu pescoço seria ter acreditado nela na vida terrena? Por outro lado, seja a reencarnação penosa ou não, constitui ou não uma necessidade até ter um proveito na escola primária?... Este espírito, vivaz como o de uma criança, não aprofunda na questão, que é precisamente o que faria falta.

Um assistente pergunta: "O que a Sra. Blavatsky pensa agora?" E o espírito responde: "Ela não acredita mais em Reencarnação, e agora daria qualquer coisa para voltar à vida terrena para remediar as consequências do seu engano".

É uma explicação do seu caso; mas não do caso das crianças que reconhecem lugares e apontam para a mesa da escola que ocuparam na vida anterior; nem dos sujeitos que foram hipnotizados por Colavida, Rochas e depois muitos outros. E continuou: "Vocês não podem viver na Terra mais de uma vez. Porque vocês não pode reacender a lâmpada que foi consumida. E porque a vida é progresso e não retrocesso".

O primeiro "porque" é uma imagem gratuita. O espírito que acendeu a lâmpada de uma vida terrena, não poderá acender outra e outras semelhantes?...

E o segundo "porque" será puro palavreado até que se prove que a Reencarnação "não pode ser condição de um progresso".

E terminando, ele diz: "Alguns perguntam qual seria então a sorte das crianças que morrem antes de adquirir qualquer conhecimento. Mas, na realidade, o espírito das crianças nasce com experiência, que o materno que as rodeia lhes dá; e também, aqui temos ensinamentos para espíritos infantis, através de lições objetivas ».

...Eis aqui duas doutrinas extraordinárias às quais devemos apelar para evitar a reencarnacionista: uma, que nascemos com a experiência tirada da mãe (ciência infusa ou infusão de ciência pela alma materna durante o

transcurso dos nove meses de gravidez); e outra, que há creches no Além com lições de coisas, que citamos acima... Com muito respeito, temos que sorrir e pedir perdão.

29º. - E finalmente, 28 dias depois do anterior, o espírito da própria Sra. Blavatsky, "quod desiderabatur", compareceu. Suas manifestações eram como uma palestra, seguida de respostas às perguntas dos assistentes. Mas essas perguntas e respostas não foram mais raciocinadas com a questão principal da conferência.

"Eu bem sabia a verdade – diz ela - em relação à comunicação dos espíritos. Mas eu queria ser professora e me entreguei à teosofia, abandonando a filosofia simples. Então a ideia de Reencarnação me ocorreu; estudei-a, professei-a e ensinei-a, convencida de sua necessidade para aqueles que morrem sem ter alcançado conhecimento suficiente, e de sua justiça como um corretivo da desigualdade com a qual alguns nascem e vivem pobres e desditosos e outros ricos e felizes. Acontece que eu não alcançava toda a verdade... Pareceu-me até lembrar de fatos remotos de minhas vidas anteriores; porém era que os espíritos podem nos dar impressões de suas próprias vidas como se fossem lembranças nossas".

Note-se que este conceito é uma repetição de outro do espírito de Ella Wheeler: o mesmo disco. Observe-se também a frase: "A ideia da Reencarnação me ocorreu", como se fosse original da Blavatsky e não a tivesse conhecido através de leituras ou observações folclóricas, o que parece incrível.

«Mas retifiquei nesta vida e hoje posso dizer que a doutrina da Reencarnação não é verdadeira. Eu tentei muitas vezes reencarnar e não consegui. A Reencarnação não é possível, porque estamos indo em frente e nunca recuamos."

É o mesmo argumento de Peebles, com sua mesma não demonstração de que reencarnar não pode ser condição de um progresso, isto é, com sua própria avaliação sumária e grosso modo, de constituir puro retrocesso.

«Por que devemos retornar à vida terrena, que é apenas uma escola preliminar, depois de ter adquirido experiência e conhecimento suficiente na outra?»

Muito exato. Mas provem que "sempre" na primeira outra vida adquire-se ciência e experiência suficientes para dispensar o retorno a ela. Caso contrário, esse raciocínio não é concludente.

"Na outra vida, não temos o obstáculo do corpo, nem o do tempo; e se quisermos estudar um assunto, apenas pensar sobre isso e ele já se apresenta a nós em toda a sua complexidade. E então, por que retroceder reencarnando?

Admitido que o corpo e o tempo sejam rêmora para o espírito, não aparece a consequência de que reencarnar seja absurdo, porque também apareceria como sendo "absurdo encarnar". Por que nosso espírito, que está progredindo tão intensamente no mundo espiritual, sofreria os obstáculos do corpo e do tempo?... Então a razão de Peebles e Blavatsky prova demais e, portanto, nada.

"Suponhamos que um inventor morra sem finalizar sua invenção. Mas na outra vida seu espírito continua a estudá-lo e muito melhor. Quando está pronto, ele o comunica a um mortal sensitivo, que executa a comunicação e dá a conhecer a invenção ao mundo. Assim, a Reencarnação é dispensada e o progresso dos homens se aproveita do dos espíritos.

Muito boa e muito norte-americana, essa original observação. Mas isso pode ser replicado: Suponhamos que um explorador de homens morra sem ter compensado os danos causados. Mas na outra vida ele os reconhece e muito melhor¹⁰ Vamos conceder isso por um momento. Mas isso não é o que geralmente resulta de lidar com espíritos que eram egoístas e cruéis e permanecem assim. Quando seu arrependimento está no ponto, ele comunica suas boas intenções a mortais sensitivos, que as executam e fazem a indenização oportuna para o mundo. Assim, a Reencarnação é dispensada e a justiça comutativa é cumprida por comissão e endosso.

«Não vou reencarnar porque não é possível. Mas eu posso fazer um bem maior. Eu tenho apenas que ir para a esfera que envolve a Terra, onde se encontram os espíritos atrasados e infelizes; então nem tudo é avançado no mundo espiritual: eu prego e ensino a eles e tento resgatá-los ".

"Vocês irão me perguntar como vamos executar esses resgates. Primeiro usamos música, uma música que começa pianíssima e faz com que eles

prestem atenção; e então nós concentramos nossos pensamentos neles para que eles acordem (então alguns estão dormindo, apesar da liberdade do corpo e do tempo). Então vêm outros espíritos artistas, que pintam quadros de vida espiritual, lhes dão lições objetivas, lhes contam fatos concretos. Apresentamos a eles a história de sua vida terrena para que eles possam ver seus erros. Por fim, eles nos fazem perguntas e então nos aproximamos deles. Finalmente, eles confiam em nós e os conduzimos a uma vida superior ".

Muito bem traçado. Mas a gente se pergunta, como antes: se essa admirável pedologia dispensa os espíritos de reencarnar, por que não os dispensa de encarnar também? Essa ação tutelar que deixa sem sentido ou objeto o renascer, também poderia tirar o objeto e o sentido a nascer. Por que não é assim, visto que se nasce?

30º. - A conferência terminou assim: "Alguns dirão que quem lhes fala não é a senhora Blavatsky; mas não tenham dúvida: sou eu mesma».

Isto é segunda parte, que vem agora. Que prova de identidade esse espírito oferece, que não é reconhecível pela sua pregação atual, contrária à que conhecíamos?... Sabendo com quanta frequência espíritos medíocres tomam nomes de outros superiores, eles precisam, em casos como o presente, dar garantia suficiente e mais do que suficiente de sua identidade. E onde estão as garantias?... Se o espírito as deu, Wickland não as transferiu ao relato, algo muito raro em um experimentador espiritualista, que antes de tudo pede e exige a prova de identidade.

Porque a concordância dos espíritos de Stanley e Peebles em afirmar que o da Blavatsky não acreditava mais em Reencarnação, e o fato de que o primeiro interpelasse a sra. Blavatsky dirigindo-se a um certo lugar na sala, será tão incongruente quanto vocês quiserem, mas nunca uma prova da autenticidade do espírito comparecente, 28 dias após o segundo daqueles dois.

O assunto é delicado e queremos ser circunspectos. Mas em sã crítica, um testemunho que, devendo ser de espírito superior, segundo o nome que nos dá é: 1) de tese contrária àquela que sustentou na vida terrestre; 2) destituído de uma razão conclusiva parar a nova tese, e 3) despido de

garantia positiva da personalidade comunicante, "é um testemunho ao qual é necessário suspender confiança e crédito a que seja de quem diz e o que diz".

Sentimos muito, mas é assim que é. Pratiquem os espiritualistas anglo-americanos uma crítica análoga dos testemunhos que abonam a Reencarnação, e, sempre que eles apontem as mesmas razões para a recusa que nós acabamos de salientar naquele atribuído à Blavatsky, nós os consideraremos inválidos. Porque em primeiro lugar, "magis amica veritas". Felizmente, na Inglaterra e na América do Norte, alguns espíritos que pregam e persuadem a Reencarnação já vão sendo reconhecidos como superiores. E a verdade prevalecerá.

31º. - Enquanto isso, o capítulo XV do livro de Wickland, o argumento mais vigoroso contra o reencarnacionismo, equipado com observações, experiências, razões e testemunhos, a que fica reduzido?... Começa com observações de Wickland, resultantes de possessão e de reencarnação. Prossegue com alguns argumentos que tocam o mesmo bordão, nunca afinando e às vezes desafinando. E termina com cinco testemunhos do Além, dos quais o primeiro é de um pobre espírito cuja aspiração era ser um homem bonito, já que ele fora feio; o segundo de outro pobre espírito que não tem ideia do que é reencarnar; o terceiro de outro que realmente flutua em opinião, e do que ele tem certeza é de não estar querendo reencarnação para si mesmo; o quarto, de outro mais que jovial, infantil, que imagina a gravidez como uma escola para o feto, e depois coloca mais escolas no Além, e o quinto, aquele que mais precisava ser autêntico, tem que ser recusado por falta de garantia de personalidade.

Portanto, o capítulo do Sr. Wickland não é mais consistente do que a nota de Mr. Berry. Sempre falando com o mais profundo respeito.

TERCEIRA PARTE

32º. - Não faz nem cinquenta anos, a ideia de palingenesia ou das sucessivas reencarnações de espíritos humanos era, na Europa, uma hipótese científica (além de uma crença ou um ensinamento mantido secularmente por uma série de homens seletos), baseada em:

1º. No fato evidente das aptidões e inclinações humanas "inatas", isto é, do talento e da natureza com que "se nasce", segundo a frase consagrada pelo uso; que não são explicados se a alma não as traz consigo de uma vida anterior.

2º. Na ocorrência frequente de simpatias ou antipatias, instantâneas e definitivas, entre duas pessoas que se encontram pela primeira vez; o qual apenas é explicado se assumirmos a mesma coisa que os dois sujeitos acham: que eles se conheciam antes e se quiseram bem ou mal um ao outro.

3º. No fato positivo de paisagens, prédios, lugares ou pessoas que vemos pela primeira vez, nos parecerem "já vistas" . Em crianças, é um caso muito frequente, e em adultos não faltam, sendo concretos e confiáveis.

4º. Em vários fatos positivos observados de muito antigo por homens reflexivos e pensadores, inexplicáveis por lei de herança, e explicáveis como continuação de vida anterior do mesmo EU. Principalmente três.

a) A total oposição, em índole e talento, de dois irmãos de pai e mãe (e às vezes gêmeos), isto é, da mesma ascendência e do mesmo ambiente educacional: fato muito comum.

b) A pouca inteligência ou a degeneração moral, de filhos de pais de grande talento ou de grande retidão de conduta: fato muito frequente nos filhos de grandes homens.

c) A procedência de família rude e de lugar humilde, de homens excepcionalmente notáveis; feito especialmente estudado por Juan Huarte em seu exame de inteligências no século XVI. (Copérnico era filho de um padeiro, Kepler, do dono de uma taverna, Newton e Laplace eram aldeões, Giotto era pastor e também era pastor, Santiago Inaudi, o calculista.)

5º. Na consideração de tanto ser humano infeliz (idiota, inválido, doente, falecido na juventude, adolescência ou infância, abandonado na vida ou perseguido nela sem razão) para cujos espíritos o sentimento de justiça pede outra oportunidade para desenvolver a atividade que foi neles, quase completamente, como se não tivessem passado por aqui.

6º. No testemunho e ensino de espíritos em suas comunicações através dos médiuns; que já Kardec sistematizou como uma manifestação

consensual dos espíritos elevados.

33º. - Mas desde as experiências memoráveis de Fernández Colavida, em 1887, e Rochas, desde 1894, a hipótese tornou-se "tese", porque foi comprovada por fatos de regressão da memória de sujeitos em estado hipnótico, que relataram encarnações e desencarnações anteriores de sua própria alma.

E ainda outros fatos foram reunidos, rigorosamente estabelecidos, de nascimento imediato ou próximo, anunciando como reencarnação e cumpridos como enunciado; antes dos quais somente cabe confessar a Reencarnação provada.

Assim, foi averiguado e fora de toda dúvida, o fato de sucessivas vidas terrenas de uma alma, separadas por outras espirituais, isto é, a alternância de vidas do espírito com ou sem um corpo físico.

34º. - As experiências do Sr. José María Fernández Colavida¹¹ O primeiro tradutor de Kardec para o espanhol; fundador do «Journal of Psychological Studies» que foi publicado há muitos anos em Barcelona; membro organizador do primeiro Congresso Espírita Internacional, de Barcelona, em 1888, e falecido em dezembro deste ano. foram comunicadas por seu amigo Sr. Jacinto Esteve Marata ao Congresso Espírita Internacional de Paris em 1900. Colavida levava o sujeito a um nível profundo de hipnose, e então ordenava a ele relatar seus atos da véspera, da antevéspera, da semana ou do mês anterior... e assim recuando por anos até a infância. Então ele o fazia relatar seus primeiros dias, seu nascimento, sua vida fetal. Ordenando-lhe que fosse mais para trás, o sujeito relatava a vida livre antecedente, e o falecimento e última doença de sua vida anterior encarnada, que retrospectivamente ia percorrendo até ao nascimento anterior... e depois outra vida separada e outra vida corporal após anteriores. O sujeito assim retrogradava quatro encarnações. E para voltá-lo ao estado normal, Colavida ordenava na direção oposta, e o sujeito percorria as mesmas lembranças, até que, ao alcançar a lembrança de seu presente, o operador o acordava.

A cada mudança de vida, o sujeito mudava de gestos e formas de falar ou de se fazer entender. Ao passar pelos primeiros meses de idade emudecia, e ao passar pela vida fetal, imitava a posição do feto, segundo o mês de

desenvolvimento. Colavida pediu para um amigo hipnotizar o sujeito e sugerir que as vidas passadas que ele descrevia eram falsas. Mas a sugestão não valeu e o sujeito repetiu as mesmas descrições.

As experiências do Sr. Alberto de Rochas, iniciadas em 1893 - ignorando as de Colavida - com um jovem de 20 anos que casualmente apresentou fenômenos de regressão de sua memória em estado hipnótico, estão relacionadas, até 1910, em seu livro "As vidas sucessivas". » São inteiramente análogas às de Colavida; e aquelas que ele executou em 1894 com a jovem "Josefina", e de dezembro de 1904 a janeiro seguinte, reproduzidas mais de um ano depois, com a "senhorita Mayo", são de uma nitidez e força probante sem tacha e sem defeito.

35º. - É verdade que nem todas as experiências de Rochas, nem as de Flournoy em Genebra, pelos mesmos anos de 1894 e 95, nem outras executadas posteriormente por outros experimentadores, têm a excepcional nitidez das aludidas. Frequentemente apresentam imprecisão de datas ou nomes, como as que comumente sofremos; ou de anacronismos e impropriedades (que o sujeito dá mostras de reconhecimento como intrusões de seu conhecimento consciente), como aludir à bicicleta ou à fotografia no tempo de Maria Antonieta.

E Flournoy achava que as histórias de um sujeito, Elena Smith, eram "personificações sonambúlicas", ou representações de personagens à maneira de atriz inconsciente. Mas o próprio Flournoy confessa que não conseguiu reduzir à personificação sonambúlica dois extremos da história de Elena como "Princesa Sinandini", esposa de um príncipe hindu chamado "Sivrouka", que afirmava ter reinado em Kamara e construído ali a fortaleza de Chandraguiri em 1401; esses extremos foram: um, o uso por Elena de certas palavras em sânscrito e peculiares da época da suposta princesa; e outro, a realidade, que por evento pôde verificar, de um príncipe hindu, "Sivrouka", e de uma fortaleza, Chandraguiri, no século XV.

A "chave" para a interpretação desses fatos portentosos não está sequer em suas características de precisão quando são verificáveis.

Está em sua "fidelidade de repetição", na não contradição de detalhes quando vai e volta na memória hipnótica, em uma e em outra sessão, já

imediatas, já separadas por um ano e mais. Se tudo fosse fantasia do sujeito, auxiliada por histórias de infância, leituras ou conversas da vida, não se entende que as criações imaginativas nunca fossem contraditórias, em cinco, dez e vinte sessões, agora e daqui a um ano. Só entendem se são mesmo uma memória viva e fixa.

É evidente que o operador não sugere as memórias; e tanto, que se ele sugere ao sujeito em hipnose que suas memórias são falsas, nem por isso elas deixam de se repetir com os mesmos relatos, os mesmos gestos e mímicas, a mesma angústia nos passos das agonias, as mesmas assinaturas ou escritas, etc.

36º. - E é incompreensível que Mr. Berry, referindo-se indubitavelmente a essas experiências, tenha escrito (depois de dizer que Kardec recebeu mensagens apenas da Tiptologia): "Outros pesquisadores serviram-se depois de médiuns em transe hipnótico, tentando fazer o sujeito regredir através de estados inconscientes até que pareciam tocar memórias confusas de encarnações anteriores ».

Seria preciso não ter lido, ou ter esquecido, as experiências com Josefina e a Mayo, para escrever estas linhas. Lembranças confusas de Josefina esses que Rochas comprovou sobre a aldeia nativa e o serviço militar por volta de 1835 de "Claudio Boudon"! Ou aquele que comprovou sobre a existência de uma família Charpigny em Chevroux por volta de 1700, à qual poderia pertencer "Filomena Charpinghy"! Memórias confusas aquelas da Maio, quando descrevia em frases de uma característica de "Magdalena Dorneuil" a Louis XVI, a Searrón, Corneille, ou dava os nomes de cortesãos e ministros! Que tipo de memórias confusas seria que "Lina" assinasse, ao passar pelos dezesseis anos, quando ainda não tinha começado para ela a parte dolorosa da sua vida, melhor do que ao passar pelos vinte e quatro anos, quando, devido ao seu trabalho duro de mulher de pescador tinha perdido o costume de escrever? Ou que ao passar pelo parto de seu único filhinho os seios da sujeito aumentassem visivelmente de tamanho, como Rochas faz constar?

37º. - É um achaque comum dos espíritas não separar cuidadosamente as experiências cabais das experiências imperfeitas e das malsucedidas

sobre qualquer fenômeno, mas apreciá-las em conjunto por um valor médio, e ficarem desapontados e céticos, sem que as cabais sejam capazes de convencê-los, e sim as imperfeitas e as não válidas, para se perpetuarem em dúvidas. E, no entanto, "em face de uma experiência probatória, nada importa uma centena não provatória", porque elas não invalidam aquela. Podemos considerar "todas" as outras experiências de regressão da memória ineficazes; mas aquelas executadas com Josefina e a Mayo são suficientes para deixar o fato de sucessivas vidas verificado... Incríveis são, como afirmava Juan Huarte, os maus discursos dos homens!

38º. - É por isso que Berry nem sequer alude aos casos de reencarnação anunciada, cumpridos como anunciado. Como se não existissem, ou fossem baboseiras, os dois casos precisos relatados pelo Sr. Bouvier, de Lyon, o amigo e companheiro de experiências de Rochas; ou o terminante referido pelo Sr. Horster perto de sua filhinha Maria, que não ocorreu na Europa, mas na América do Norte; ou o espantoso descrito em janeiro de 1911 e junho de 1913 pelo médico italiano Carmelo Samona, sobre sua filhinha Alejandrina... Quem não está convencido por estes fatos, está em seu direito, "nemini injuriat", é verdadeiro; mas se fala publicamente na questão, não tem o direito de omiti-los, e sim o dever de explicá-los de outra maneira que não como reencarnação. Façam isso, se puderem.

Enquanto isso, é forçoso termos vidas terrenas sucessivas, isto é, a vida alternativa do espírito com e sem corpo físico, por coisas verificadas experimentalmente: "provadas pelos fatos".

39º. - Agora, o que foi aprendido e provado não é que esta alternância não tem fim; tal indução seria absurdamente ilegítima. Veja a seguinte gradação:

O espírito de tal e qual sujeito de experiências teve várias vidas terrenas: fato comprovado. "Então todo nascido, em geral, as teve também." A introdução é legítima dizendo "em geral", porque a espécie humana e, portanto, a do espírito humano, é uma delas. No entanto, não é absurda a Reencarnação na espécie humana, pela primeira vez, do espírito que ultimamente atingiu a realidade ou perfeição capaz de informar ser humano ou de espécie humana.

“Então o dito sujeito e o de todos os nascidos, em geral, ainda terão outras vidas terrenas.” A indução é apenas muito “provável”, enquanto não há razão para as encarnações de um espírito até a presente finalizem justamente com esta. Mas em casos de rara perfeição de um espírito (revelada naquela do senhoreio de si do homem que ele informa) cabe e começa a dúvida, da qual não temos meios hoje, "a priori", de sair.

"Então todo homem as terá sem fim." A consequência não sai de forma alguma; primeiro porque nosso planeta e "a fortiori" nossa espécie terão um fim; e segundo porque parece antinatural, porque o renascimento terrestre para um espírito, já tão consciente, tão senhor das paixões e estímulos animais, que retornar ao homem nada pode acrescentar-lhe em perfeição; é apropriado pensar então que ele reencarnaria, em outras estrelas, em espécie orgânica racional superior à humana.

Isso significa que a Reencarnação é concebida como "uma lei", mas tal que ela mesma vá desobrigando de reencarnar aqui espíritos que não mais precisam dela para sua evolução. E concebe-se que esta isenção "automática" (obra da própria lei) não é só de reencarnação na espécie humana, mas depois em outra superior, e em outra ainda... não podendo dizer se, afinal, já em nenhuma.

40º. - Poderíamos dizer tudo isso se soubéssemos essa lei em seu porquê e para quê, isto é, se a natureza de nosso espírito fosse evidente para nós e, portanto, sua exigência e condicionalidade vitais. Mas a psicologia ainda é um conhecimento empírico, ainda não é uma ciência feita¹²Muito notável é a confissão de H. Spencer em sua classificação das ciências, de não ter conseguido encaixar a psicologia. Mal poderia ter conseguido, porque a psicologia não era e ainda não é uma ciência formada, faltando o "conceito de seu objeto", isto é, da alma. Por hoje, é um conhecimento "descritivo" quase toda ela. E é o Espiritismo que finalmente deu a ela um ponto de partida científico com a prova experimental da sobrevivência do eu, que "nunca", como afirmou Duarte 350 anos atrás e foi impedido de repeti-lo, "foi demonstrada ou concluída pelo raciocínio dedutivo. sem tacha.

Há mais de 2.500 anos, a sabedoria helênica inscreveu no frontispício de seu templo mais famoso aquele "conhece-te", que é uma das máximas sábias da filosofia; mas ele a inscreveu como um conselho de esforço, semelhante ao de Jesus, 2.000 anos atrás: "Sejam perfeitos como o Pai".

Porque conhecer a si mesmo é apropriado e exclusivo de Deus; e, portanto, conhecer-se o homem (na plenitude da palavra) seria ser perfeito como o Pai... E, por essa razão, a ciência psíquica não é mais do que um embrião ainda, aos vinte e cinco séculos do conselho solene de que nos empenhássemos em engendrará-la e constituí-la.

41º. - Mas podemos ao menos rastrear esse por quê; podemos tentar uma explicação da "lei" da Reencarnação. Rastrear, dizemos, porque se o fato da reencarnação já é uma tese comprovada, sua razão suficiente ainda não pode ser mais do que uma hipótese racional.

E observem que a hipótese não dará uma razão satisfatória para a Reencarnação, se ela não a der para a encarnação. Nós dissemos acima - e é verdade, que se a Reencarnação não for admitida, a encarnação não pode ser compreendida; mas não porque a primeira explique a segunda, antes ao contrário, porque uma lei segundo a qual o espírito precisa da matéria, será aquela que interferindo com outra lei de insuficiência do processo vital de "um" corpo humano para a necessidade do espírito, explique a Reencarnação.

42º. - Contudo; partamos da lei universal da evolução, que é de conceito muito claro e simples. Tudo no Universo muda ou sofre modificação, para ser cada coisa finita essencialmente "sucessiva", ou de atos múltiplos que só podem ocorrer em série. Mas o Universo em soma e totalidade, como um conjunto de coisas finitas, mal poderá mudar para pior e para a perda da realidade, porque isso seria a contradição da "energia que se destrói; atividade sem efeito, ação e não ação, sim e não». Então o Universo muda incessantemente para um aumento na realidade e um auge de energia; isto é, "evolui" necessariamente. Na unidade total das coisas finitas, a mudança progressiva é inevitável, porque o regressivo é contraditório e a não mudança também.

Mas o Universo é organizado em "espécies de coisas", isto é, graus de realidade, cada um dos quais consiste em múltiplas coisas singulares capazes de igual perfeição. E o que a ciência positiva, prestando à filosofia um serviço inestimável, encontrou e verificou em todas as coisas corpóreas onde aplicou seu método de observação e experimentação, foi sua evolução

"nunca além" do desdobramento em sua perfeição específica, e uma vez alcançada, sua atividade retorna em ciclo. Essa regressão é o que tem sido chamada de "invólução", que o filosofismo positivista pretendia generalizar ao Universo como totalidade, sem reparar – até parece mentira – em que assim negava seu próprio princípio de conservação de energia, que é absoluto e apoditicamente verdadeiro (por redução ao absurdo) no tocante à não redução de energia.

Os seres corpóreos são os únicos que a ciência positiva estudava e que a filosofia positivista considerava reais, porque para ela não havia outros "além daqueles que se pesam e medem". E neles sempre foi encontrado o progresso individual detido no limite do específico. O que foi encontrado é que as espécies mudam e se transformam em outras de maior perfeição, que se sucedem à anterior ou a diversificam; mas mesmo este progresso específico tem um limite nas condições vitais, para cada espécie, ou em seres corpóreos, essencialmente compostos, é encontrado um ciclo evolutivo, ou limite de evolução.

Mas em seres simples (sem os quais não pode haver compostos, nem, portanto, corpóreos), isso significa, nos elétrons (que, afinal, a ciência positiva estudou e viu que eram indivisíveis e sem peso), nos desconhecidos princípios ou agentes radicais da vida orgânica ou mineral (que devem ser simples, sob pena de não serem princípios), no espírito humano (provado por fatos e cujo ego radical tem que ser simples), em cada foco energético individuante de coisa composta, que limite pode ter sua evolução individual? Nenhum, porque se eles não fossem, nem fossem eles os seres de progresso indefinido, mal a evolução poderia ser conciliada sem involução do Universo, isto é, a indeclinável mudança progressiva da unidade total das coisas finitas.

43º. - Então necessariamente são focos energéticos simples os que perduram e estão em progresso duradouro e sem máximo. Eles são e precisam ser os individuantes e organizadores de todas as coisas compostas e perecíveis; e apesar do esgotamento ou fracasso dos compostos que individuaram e organizaram, eles podem individuar e necessariamente irão organizar outros melhores – inclusive de nova

espécie - quando eles em si mesmos tiverem aumentado a eficiência organizacional.

E uma vez que sua ação deve consistir na interação com outros, de tal modo que, simples como são, eles são "não isoláveis" como tais, e precisam estar sempre individuando alguma composição, isso significa que o Universo "consiste de seres simples que só se dão em composição».

Esta composição não pode ser absolutamente homogênea, ou de interação exatamente recíproca, já que a identidade dos componentes é impossível. Então, as coisas, tal como elas se dão no Universo, "serão compostos intrinsecamente hierarquizados", serão organismos energéticos nos quais um foco simples superior rege ou individua o total, e outros inferiores individualizam e regem partes e subpartes.

Chamemos "Espírito, Alma" ou Psique ao individuante superior, e Matéria aos hierarquizados, ou melhor, aos subcompostos que formam. E teremos a conclusão de que "necessariamente a Psique tem que individuar a matéria mais ou menos grosseira".

44º. - Então o por quê da encarnação do espírito humano está em sua necessidade natural de formar e individuar compostos humanos. «Ele tem que agir obrigatoriamente e tal como pode; e pode individuando o ser humano » 13 Observe-se por que os escolásticos - bons psicólogos - disseram que a alma humana é uma "substância espiritual incompleta", ordenada a formar, com matéria animada por ela, uma "substância física completa". .

E como o que resulta ao qualquer psique individuar matéria, é mobilizar e diversificar a energia inferior (a hierarquizada), e ao mesmo tempo e por consequência e interação, aumentar ela mesma sua eficiência e energia organizadora, teremos que para que da encarnação do espírito humano seja o seu próprio auge energético a volta de mobilização e diversificação das capacidades corporais (sensações, sentimentos, ideação, novas aptidões, inclusive resistência física aos agentes naturais, etc.).

45º. - Agora, é muito evidente que uma vida corporal não é suficiente para o desdobramento de toda a possibilidade organizadora e progressiva do espírito em corpo humano. Mil vezes o corpo é malogrado, e suas condições de instrumentos do espírito ficam sempre esgotadas com a idade.

E duas grandes possibilidades suas ficam muito comumente sem preencher: as de ciência, que sempre nos deixa curiosos de mais conhecimento, e a de senhores de si mesmos ou verdadeira liberdade, que nos deixa sempre pesarosos de defeitos de conduta. Então será forçoso muito frequentemente a qualquer momento, e universalmente forçoso para todo espírito que uma vez individuou um corpo humano, ir individuar outro e outros sucessivamente, satisfazendo sua necessidade de encarnar. Até quando? Até que sua capacidade de aperfeiçoar-se aperfeiçoando seres humanos esteja suficientemente completada para poder, e precisar, individuar organismos superiores ao humano. Então, tendo-se ele mesmo elevado de espécie, irá encarnar em espécie orgânica superior.

E aí temos o porquê e o para quê da Reencarnação.

46º. - Em geral, toda psique, seja por falha ou por esgotamento do composto do indivíduo, precisará informar um novo composto da mesma espécie, sempre mobilizando energias inferiores à sua e evoluindo a sua até que o próprio progresso a habilite, e a obrigue então a informar compostos superiores em espécie, que normalmente será nova (caso típico aquele das "variações bruscas").

E assim é concebida e explicada como lei natural a "série" dos elementos químicos, "as séries" de seus compostos, especialmente os chamados orgânicos, "a série" bacteriana, a vegetal e animal... e, finalmente, a série possível de espécies orgânicas racionais superiores à humana. São psiques dianteiras, "devanciéres", aquelas que causam novas espécies; que se tornam dianteiras na vida íntima, antes por condições causais ou ambientais, e na superior, cada vez mais, por atos do próprio acaso, ou "espontaneidade" que eles chamam, digamos de "liberdade", da qual, no entanto, há uma sombra na vida mais insignificante, embora não a chamemos de liberdade até sua clara manifestação no homem, ou melhor, na psique animadora do homem.

47º. - Terminamos.

Existe uma explicação possível para a encarnação e Reencarnação humana, como lei natural. E existe outra análoga para o análogo em espécies inferiores e superiores à humana.

Estamos muito longe de saber o porquê e o para quê de uma encarnação singular; mas também muito longe de ignorar completamente tudo. O caminho de "conhecer a si mesmo" é iluminado à luz do fato da lei da Reencarnação; e se a psicologia deu, graças ao Espiritismo, seu primeiro passo científico com a prova experimental da alma humana e sua sobrevivência, parece dar o segundo, graças também ao Espiritismo, com a prova experimental de sobrevivência e sucessivas vidas terrestres de um mesmo espírito, e com a investigação da razão suficiente do fato a partir da lei universal da evolução, que requer e supõe um auge incessante na energia total do Universo.

De modo que a conquista mais imediata do Espiritismo no campo científico, será retificar o enunciado atual e admitido do princípio de conservação da energia. É verdade - pela redução ao absurdo, repetimos - que a energia universal não diminui; mas também é falso que não aumenta. A energia ou eficiência universal está em auge incessante.

E, de passagem e ao mesmo tempo, a grande dificuldade que o positivismo sempre colocou à ideia de liberdade desaparecerá. Porque o ato "livre" aumenta, sim, a energia do Universo; mas tal aumento, longe de ser absurdo, é uma verdade, e uma verdade que a ciência positiva terá que encontrar e verificar (como em rudimento de liberdade) na própria atividade do elétron.

E assim, um em Física e outro em Ontologia, o Espiritismo fará a ciência atual dar dois grandes passos, desfazendo um erro e uma objeção muito comuns hoje em dia nos homens científicos.

El Ferrol, 25 de junho de 1934. - O palestrante, Fdo. Rodrigo Sanz.

E) O ESPIRITISMO COMO FILOSOFIA E COMO MORAL

O Espiritismo como filosofia e como moral, pelas Sociedades «Hacia la Perfección» e «Sáenz Cortés».

O homem, dotado da faculdade ativa de pensar, capacitando-o a apreciar e discernir o desenvolvimento de sua existência, superando as circunstâncias adversas que a ela possam se opor, induziu-o em todas as épocas a formular sempre novas orientações em um mundo ideal, onde pretende realizar melhores condições de vida a serem cumpridas em um futuro próximo ou distante.

Tal é, na realidade, o intenso desejo dos espíritos inquietos, em busca da fórmula que um dia dará a solução, para realizar a superior esperança do homem, numa ampla explosão de sentimentos generosos, duradouros e latentes, sob a aparência da falsa modalidade como hoje se expressa e em que vivemos.

Coube em sorte e circunstâncias favoráveis à evolução social, cumprir as religiões em um passo gigantesco, soluções moralizadoras ideológicas; que depois gradualmente degeneraram em suas práticas a partir do momento em que, em descida do ideal, caíram nas diretrizes daqueles que se consideravam dignos herdeiros, para assumir seu governo e império entre os homens.

O esquecimento de seus belos princípios moralizantes e a ignorância de seus fundamentos tornaram suas boas práticas quiméricas, e a credulidade geral mudou o que era, na sua base, um dever a ser cumprido e respeitado em cada indivíduo, em adoração das imagens dos fundadores de tão saudáveis intenções.

Transformados estes em semideuses, a fé popular reduziu suas obrigações a venerá-los e torná-los objeto de suas orações por proteção e ajuda; suprimindo o que a cada um correspondia por mandato de consciência e de princípio, nos benefícios materiais esperados como recompensa por supostas boas ações, ou como perdão das faltas cometidas.

Minguando a cada dia mais o valor moralizador das influências religiosas,

aquelas que o distorceram, não praticam seus princípios ou não conseguem impô-los; afastaram um grande número de indivíduos, que por várias razões foram levados à descrença, não sendo alheias a esta resolução, as verdades concretas da ciência, a conquista da instrução sobre as verdades da fé e o raciocínio sereno, que dimanam de ambas as causas.

Nesses ambientes inquietos nasceram novos ideais, alguns muito mais ativos em sua forma materialista, determinados a conquistar melhorias das massas populares, apequenadas nos meios fastuosos de vida, que as religiões não souberam evitar, e cujo desequilíbrio tornava mais sensível a distância que mediava entre um e outro centro.

Em alguns desses ideais, apesar de relegar ao esquecimento fatores sentimentais inseparáveis do homem, a ação pessoal é preservada intacta e enfrenta por si mesma a tarefa e a consequência de seu programa ideal de aperfeiçoamento, consagrando-se cada um para todos e todos para um à conquista do programa esboçado, com suas dificuldades e contratemplos. Nisso ele tem uma boa vantagem sobre a religiosidade, que espera tudo do santo de sua devoção.

A contínua renovação dos ideais superiores sempre foi uma fonte de aprimoramento, abrindo seus adeptos um novo caminho na exuberante floresta cheia de emaranhados, tecidos à sombra da ganância, da especulação e do egoísmo. Eles quebraram, em parte, a força autoritária do dinheiro, antepondo o valor não menos robusto de um ideal, elaborado penosamente no mesmo círculo em que aquela força exercia autoridade e império.

O impulso progressista da Humanidade não pode deter-se ou diminuir sua força inicial, quaisquer que sejam os métodos interpostos à sua decisão e progresso, quando a concepção foi formulada em uma premonição de bem-estar, como uma consequência ineludível que contribui para sua elaboração.

Todas as barreiras que se opõem ao aumento do nível geral dos povos de todos os âmbitos da terra, povos cada vez mais próximos entre si, caem sucessivamente; e talvez, a marcha de progresso acompassado dos centros mais civilizados, estriba em uma benéfica espera do resto do mundo, adiada por alguns séculos, no avanço ao longo da mesma estrada.

O atual conceito de progresso sem dúvida o retém no atraso, oferecendo em toda parte os avanços da mecânica, das magníficas produções, das colossais obras de engenharia, que mantêm o homem constantemente apegado à terra e aos imponderáveis reservados para suas obras magnas, muitas vezes contrariadas pela natureza, e que o fazem esquecer sua própria existência.

Diante desse movimento avassalador da materialidade mecanizada, pareceria ter sido relegada ao esquecimento qualquer ideologia superior a outra, que as já enumeradas, deixando o campo livre para longínquas religiões envelhecidas de séculos; sem ocorrer neste ambiente de maquinaria e finanças, um movimento benéfico à inquietude do espírito e às vibrantes virtudes sentimentais do coração.

Como já expressamos, sendo ambas as coisas, espírito e sentimento inseparáveis do indivíduo, dificilmente silenciará suas manifestações quando elas se verificarem, prevalecendo sobre as desorientações do momento, em um renascimento da fraternidade, da razão e do dever moral, tantas vezes preconizados e raramente cumpridos.

A reação inicial nasceu em tempos não muito distantes, revelando-se em suas primeiras manifestações na terra em forma concisa e clara, de uma grandeza sem igual, desconcertante em seus inícios e que entendida posteriormente, não demorou em fundamentar muito em breve a nova ideologia, diremos mais, a teoria fundamentada do Espiritismo Integral, abrangendo a moral, a ciência e a filosofia.

Contribuíram em seu favor não meras palavras ou conceitos de alta fantasia de mentes febris ou de razões desviadas pela sugestão. Ao seu esclarecimento contribuíram as atividades conjuntas dos desejos próprios do homem em busca de seu programa de progresso e aperfeiçoamento, e as manifestações insistentes em um constante apelo de forças inteligentes que lutavam para servir a Humanidade, trazendo novos conhecimentos de um mundo ignorado, de uma vida constante e até então dificilmente vislumbrada.

Forjaram conjuntamente, homens e espíritos, um raciocínio completo das relações verdadeiras e comuns que ligam vidas terrenas e espirituais, numa harmonia de existência e sentimentos. Desenvolveram uma filosofia

grande e rica em ensinamentos, uma moral profundamente sentida, porque ela e sua filosofia nunca se afastam da razão e da análise; e a responsabilidade pessoal prevalece em todo o seu raciocínio, demonstrativo e justo, que faz de cada um o arquiteto do seu próprio futuro e da sua futura tranquilidade moral.

A presença em todos os círculos sociais dos sensitivos intermediários entre os dois mundos, isto é, os médiuns, despertou maior interesse em uma causa que vai sendo imposta, apesar de ser catalogada na ciência oficial como sugestão pessoal ou coletiva ou com outros qualificadores mais grosseiros, carentes de razões válidas naqueles que as emitem, sem se terem dignado a aprender sequer os preâmbulos de sua moralidade ideológica, ou estudado mais de perto as anormalidades aparentes nos sensitivos de referência, em suas manifestações verificáveis de clarividência, clariaudiência e muitas outras formas de inspirações inteligentes, penetrando, por vezes, no domínio da premonição.

Ela mereceu em todas as épocas a atenção e o estudo de muitos homens da ciência, classificando-se assim entre as especulações dignas de interesse e dedicação; e não foram poucos, entre aqueles estudiosos ilustres que suportaram o desprezo e o descrédito dos materialistas, envolvidos em preconceitos da ciência hermética.

Sua evolução é lenta por igualdade de circunstâncias, muitas mentes resistindo a se curvarem respeitosamente para as novas causas, que neste caso trazem o aparente selo, para eles, de antigas histórias de feitiçaria, de duendes e de maus aparecidos, tudo isto contemplado a partir de um ponto de vista de completa ingenuidade mental.

As mentes doutoradas defendem sua adesão à ciência oficializada, cada vez que, tornando-se evidente a verdade incontestável das manifestações espíritas, fecham-se em seu mutismo, se não em uma negação desarrazoada dos fatos cujas causas passam longe das definições da ciência de seus conhecimentos.

Negado sistematicamente pelos centros oficiais, o Espiritismo continua seu caminho de penetração passo a passo, conquistando definitivamente um adepto a cada vez que sua filosofia e moral sadias mereceu sua atenção, sempre que seus pesares encontraram consolo no ambiente onde sua

escola é cultivada, ou em todos os momentos em que as dores íntimas só são curadas com medicação espiritual.

Sua extensão traz consigo certas tendências e modalidades próprias de cada povo, ao arrastar antigas raízes de práticas e crenças reunidas no caminho anteriormente percorrido, com aparatosas infiltrações e divergências de detalhes muito lógicos em uma ideologia de ampla dispersão no mundo, à qual nenhum organismo central transmite suas diretrizes.

A harmonia na apresentação das organizações espíritas, a unidade de formas e procedimentos, dependerá da boa vontade dos espíritas mundiais, buscando um estudo integral da matéria, cuja conveniência é óbvia, em defesa da pureza dos princípios que podem ser distorcidos pelos interessados em um derrotismo organizado e fatal para a boa causa que assumimos, para depurar o ambiente de toda religiosidade inveterada, ou qualquer outra forma de especulação.

* * *

Coroa o corpo de doutrina do Espiritismo, o reconhecimento nas manifestações universais de uma causa primeira, indefinível em sua forma, essência e magnitude, fonte da harmonia dos mundos, desdobrando-se imensamente para além do conceito que a imaginação humana pode se formular; comprova nela um princípio de justiça e bondade, abraçando tudo em um conjunto, para o qual a palavra Deus sintetiza muito pobremente o cabedal de grandeza que ela quer expressar.

É um princípio de justiça porque nunca se afasta na distribuição regular e constante dos elementos naturais e nunca destrói a unidade de sua ação imperecível em todas as ordens de atividade universal.

É justo, porque tem dado para o desenvolvimento integral do homem, dos seres e das coisas, todos os elementos indispensáveis, para todos igualmente, sem distinção ou restrições.

É só porque sua sentença não mata, nem criou a morte em qualquer ordem de atividade.

É bom porque semeou em torno do homem os frutos necessários para o seu desenvolvimento, as alegrias da existência, o prazer dos sentimentos e

a lucidez do espírito para saber discernir o bem.

É bom porque criou a vida eterna, a alternativa fértil das existências corporais e espirituais no prolongado ciclo de aprimoramento e progresso.

Ele é grande, justo e bom nos sentimentos, elevados à sua semelhança, diante dos quais o orgulho curva-se, a altivez submete-se e a barbárie é superada.

É infinito em tudo, é espírito perfeito que nos leva constantemente em sua imensidão para as regiões de bondade, suprema conquista de nosso espírito na contínua marcha adiante na elaboração de seu destino.

Da ampla filosofia que deriva da contemplação racionalizada; em busca da causa primeira da existência universal, dentro da qual somos uma simples partícula, o Espiritismo encontra no meio material, a função primordial do espírito animador, aquele que mais tarde, reduzida a carne novamente ao conjunto de sua origem físico-química, o espírito retorna ao seu meio ambiente fluídico incorpóreo e, junto com ele, todas as manifestações imateriais que lhe foram próprias em sua passagem terrena.

Estas formam o conjunto moral em sua forma de consciência ativa. Os sentimentos afetivos, as aquisições do conhecimento e a pesada bagagem das paixões adquiridas contrariando o progresso e os bons costumes.

Do exposto, segue-se que a consciência é o segundo vínculo de união entre as duas existências, a terrena e a espiritual, e se o império dos raciocínios da consciência são ignorados dentro do cúmulo de atordoamento na azáfama de nossa vida carnal, em sua expressão extraterrena recupera todo o seu governo, com a lucidez de um severo juiz, fazendo um cálculo geral de todos os arquivos morais da sua última vida e de suas ações anteriores.

Não afirmamos com isso uma concepção especulativa inteiramente ao nosso gosto, ou de uma simples teoria imaginária a partir da falsa base das ilusões mentais, como resultaria se as verificações faltassem, da sobrevivência da alma. Nada mais injusto do que formular uma avaliação tão negativa, quando a ciência experimental prova a persistência de consciências anteriores àquela que se expressa na pessoa viva atual, acrescentando a quantidade não desprezível de convicções pessoais satisfeitas à luz das manifestações espíritas; podendo afirmar, sem pecado

de exagero, que são por milhares as pessoas atingidas pelos benefícios espirituais de todos os tipos, recebidos em muitos casos com pleno conhecimento do trabalho meritório desenvolvido pela mediunidade, sob a influência espiritual.

Se a coragem de todos os beneficiados os levasse a depor o medo do ridículo e a confirmar publicamente os numerosos e verdadeiros relacionamentos obtidos com seus entes queridos no mundo espiritual; ainda mais, se a gratidão dos corações fosse expressa em alta voz em todos aqueles que espiritualmente receberam consolo, encorajamento e saúde de corpo e alma, haveria um clamor universal tão intenso que eclipsaria em um único instante qualquer escrúpulo que se opusesse a proclamar o Espiritismo, ciência e verdade.

Não aspiramos a tanto, agora; basta-nos o trabalho paciente e científico realizado a partir dos experimentos sérios do coronel De Rochas, e a confirmação dos mesmos resultados por seus numerosos sucessores até hoje, para nos apoiarmos em uma base sólida e concreta, demonstrando totalmente a não extinção da atividade espiritual, ao se transpor a fronteira que põe fim à vida do corpo carnal.

Lembraremos de passagem que a filosofia das religiões positivas está disposta a conceder uma nova vida ao espírito depois da morte, com plena consciência de seu novo estado.

Portanto, merecem a nossa digna atenção as comunicações espirituais que, devido a sua índole de veracidade devidamente controlável através das mediunidades, descrevem os gráficos ensinamentos dos arrependimentos e remorsos após uma vida mal utilizada, ou carente de sentimentos benfeitores.

O Espiritismo não inventou esses fenômenos, e as manifestações são produzidas e repetidas constantemente, deduzindo com boa lógica sua existência em todos os tempos, porque são fatos naturais; só que, analisados hoje livres de superstições e preconceitos, aparecem para nós com nítidos contornos, e as manifestações podem ser apreciadas com todas as diversidades e características próprias às modalidades dos seres, que na vida sua personalidade e caráter foram matizando em cada um.

O Espiritismo ensina, portanto, que o ser humano não é apenas um

conglomerado de matéria, mas que há algo independente dela (o espírito), onde os sentimentos, atos e obras da vida terrena se desenvolvem essencialmente, formando o sua consciência moral, na qual a verdadeira responsabilidade do "eu" vibrará, conduzindo com justiça, com a condenação de todos os atos que repugnam ao sentimento de moralidade alcançado por sua evolução e balanço retrospectivo; como também, a satisfação íntima de suas vitórias sobre baixas paixões e sentimentos.

Por essa razão, o Espiritismo é independente de qualquer culto e não contém nenhum dogma em sua doutrina. Nem fundamenta uma nova religião, porque para sua difusão doutrinária não precisa de nenhum sacerdócio ou templo. Aceita, confirma e amplia as verdades de ordem moral de todas as Escrituras e, em particular, dentro do Cristianismo. Considera infinito o progresso do espírito dentro do Universo infinito, aquele que continuamente ele efetua através de suas diversas existências de acordo com a lei da Reencarnação, uma lei que junto com a do Progresso e a de Causa e Efeito formam a base inabalável da filosofia Espírita.

Obedecendo o espírito às leis imutáveis que governam o Universo, agem sobre ele e influenciam diretamente sua consciência em seu novo estado, mais lúcido pela liberdade adquirida, impõem a ele o exame dos atos executados na vida carnal; e ampliado pela lei de Causas e Efeitos, que governa no infinito do tempo o desenvolvimento do espírito, ele se julga a si mesmo com o discernimento da inteligência, vontade e sentimentos adquiridos.

É, portanto, elementar e equitativo que o ato cometido em um ou outro sentido do bem ou do mal, tenha em seu autor a ação correspondente aumentando suas alegrias ou multiplicando sua tarefa na recuperação do tempo perdido.

Uma dedução lógica nos leva a encontrar nesta lei equitativa a submissão inviolável a ela, mesmo quando a sagacidade humana sabe, na terra, escapar de todos os tipos de truques às melhores leis concebidas para segurança e ordem pessoal e social; quanto mais a ignorância das consequências futuras fará transbordar os vícios e o egoísmo, para aqueles que se acreditam livres para fazer de seus corpos e de seus bens, o que melhor lhes parecer. Ou daqueles inconscientes que, colocando-se fora de

todas as leis, especulam com a vida e a propriedade dos outros, matam, roubam e maliciosamente despojam o próximo, escondendo-se então no anonimato da sociedade, ocupada demais nas tarefas de se defender das dificuldades diárias, para desmascarar e condenar os mal-intencionados e perversos que se infiltram em sua comunidade e contato.

A lei moral tem sido constantemente violada de tal forma que o homem do Bem luta em um grande dilema e em crescente desconhecimento de quais são as verdadeiras manifestações de moralidade e respeito para as instituições, a família e o próprio indivíduo em particular. Existem tantas digressões observadas contra as diretivas mais elementares de um comportamento racional, que é tarefa chata e pesada para o homem diferenciar o falso do verdadeiro, o progressivamente imposto pela razão dos bons hábitos, escalonados ao longo do tempo, das improvisações grosseiras das artes, das modas e de todas as concepções contraditórias em conflito com a conservação da saúde e do pudor.

O desenfreio do puro dinamismo humano, agindo sem governo ou ligação com os ditames da razão, criou com a despreocupação das conseqüências no amanhã, essa anomalia da liberdade incondicional, no que diz respeito à atitude individual; mas considerado no conjunto social, as restrições não são poucas contra o seu desenvolvimento, se soubermos aproveitar todos os elementos possíveis em jogo. O espírito animador do saudável, do bom, do belo e do útil, opõe-se tenazmente ao desenvolvimento do supérfluo, separando o imaginário do real nos prazeres materiais, pois estes limitam sua expansão desmedida, deixando pegadas profundas, mas não se opõem a dar lugar a outras fantasias nas modalidades às vezes não consultadas e absurdas.

Todo bom observador, amante da felicidade de seus semelhantes, não encontrará ao seu redor junto da vida terrena, a fonte de qualquer sistema moral e nem o princípio impositivo dessa mesma lei moral, que incontestavelmente existe, proveniente de algum lugar, freando em oposição benéfica tantas incoerências de maneiras e comportamentos dos homens e dos povos.

Será necessário procurar nas esferas superiores da existência, a lei justa e reta que sentencie muito mais severamente do que uma simples punição

rapidamente dissipada, muito mais duradoura do que as consequências fatais resultantes dos vícios nas carnes laceradas com mazelas e dores, muito mais pungente que o agulhão das privações, muito mais luminoso que o raciocínio humano.

Nós o encontraremos na vida do espírito libertado, diante de si mesmo, longe dos dons materiais, vivendo ao princípio nas sensações e memórias terrenas insatisfeitas na época em sua forma positiva; elaborando a consciência do futuro encarnado e afastando-o cada vez mais dos prazeres materializados em uma constante espiritualização dos sentidos. Sozinho, com o exame de seu presente e passado, cujos vícios, tendências e capacidades ainda não formaram para ele um julgamento exato de sua realidade espiritual; elaboram nele, confuso em uma contraditória faculdade de ação e liberdade, a revisão dos valores morais aceitando ou rejeitando situações que o colocam em infinitas satisfações, ou dolorosos sofrimentos que impõem a ele diretrizes sobre suas atividades futuras.

Os sentimentos mesquinhos de propriedade, ofuscados pelas grandezas da pressão material, recebem imediatamente um rude golpe com a ausência do objeto de suas preocupações e orgulho, que permaneceram na terra. O avaro, o egoísta, o usurpador e todos aqueles que se apegam às especulações de sua própria grandeza, caem derrotados por uma lei que equipara ao nada as propriedades materiais, com a justiça de lhes conceder o reconhecimento de suas mal-entendidas satisfações egoístas.

Deveríamos necessariamente esperar que o abandono da carne no ato da morte para suportar as consequências dos erros cometidos? Não haverá um flash de luz que ilumine as mentes dos homens, para inspirá-los com um simples reconhecimento das calamidades que lhes tiram a parte mais preciosa da vida nos delírios dos sentimentos? Não entendemos qual possa ser o império tão poderoso que aniquila a razão ao ponto de anular, diremos suprir, as satisfações do bem pelas influências desagradáveis do mal.

Não conseguimos descobrir em toda a sua nudez a causa colocada em jogo para acender uma terrível fogueira de incêndios, mortes e destruição em uma guerra, cujo exemplo ainda preservamos na memória do conflito bélico desencadeado em 1914, que mergulhou na angústia a Humanidade

inteira com pretensões de civilização, assimilando-se à obra de uma grande inconsciência coletiva dirigida por alienados sanguinários, possuídos de todos os rancores, armados com a virulência maligna de todas as pragas juntas...

*cujas mãos submersas no sangue de cem povos não mancham mais o que tocam com o sangue que destilam;
porque tudo é sangrento
porque tudo é purpúreo como um coágulo fantástico:
céu e mar...*

é o que diz nosso poeta Almafuerite, envolto na dolorosa visão da imoralidade levada ao paroxismo da licença.

O choque profundo de todas as fibras sentimentais foi sentido em todas as áreas da Terra; quando não os pais, a esposa, o irmão, o amigo ou os muitos corações generosos, latejavam de angústia atentos ao anúncio de uma nova aflição, sofrendo antecipadamente o destino possível do ente querido, pressentindo-o morto, aleijado ou, como mínimo, louco. Privações, fome e miséria, dilaceraram a carne de povos inteiros, encadeando sua sorte ao futuro incerto, longo e doloroso, que ainda não terminou.

Como é, perguntamos, que um triste passado muito próximo, cujas pegadas tocaram ou feriram o mundo inteiro, nos dá um presente incapaz de formular uma ação conjunta de uma grande e eficaz diretiva moral? Ou será que o homem ignora sua capacidade moral, anula sua vontade e se inclina diante da concepção de um louco visionário, aplaude as maquinações diplomáticas ou se rende ao medo da morte em mãos inimigas?

Dirigimos esta mensagem espiritual aos homens de boa vontade, convidando-os a derramar totalmente seus nobres sentimentos, depondo rancores infundados que a morte não diminui ou destrói, deixando de lado as lutas de raças e classes que a morte aplaina e nivela, renunciando a todos os desejos de conquistas e de egoísmos que a morte não leva consigo e não persistem nas almas elevadas.

Convidamos todas as mulheres a contribuir poderosamente para a harmonia dos povos, na vida real dos filhos, vindos a este mundo com uma

missão mais nobre do que contribuir para uma luta horrível de irmãos, com um cabedal de energia muito grande a serviço de sinceras palpitações honestas do coração, para ações nobres e desinteressadas, e não confundidas na opressão do terror no campo de batalha.

Exigimos uma intensa campanha regenerativa, guiada pelas luzes dos nossos ideais, capaz de abrir um largo caminho de paz e progresso na vida desordenada, atravessada pelos tortuosos caminhos do egoísmo e das paixões sem limites, brasão da nossa época.

F) O ESPIRITISMO E A VIDA SOCIAL

Princípios de sociologia espírita, por M. Luis Fourcade.

«Nenhum homem tem faculdades completas; através da união social, completam-se uns aos outros para assegurarem o bem-estar e o progresso: é por isso que, precisando um do outro, eles foram criados para viver em sociedade e não isolados. »

A vida em comum é uma lei da natureza e uma necessidade ineludível. Assim que o homem apareceu na Terra, a necessidade de vida social foi sua primeira preocupação. Por instinto e para usar suas faculdades, precisava do contato de seus congêneres. Para domar as forças da natureza, a fim de obter o necessário para viver, ele entendeu que, estando isolado, seus esforços produziram poucos resultados. As relações da vida cotidiana reforçavam sua inteligência para uma vida cada vez mais organizada, e foi certamente assim como as famílias se desenvolveram que, quando agrupadas, deram origem à formação das tribos.

No entanto, a natureza mental do homem tem suas más inclinações. Presumivelmente, a força era a ideia dominante de associações primitivas.

Mas à medida que a Humanidade ia tomando consciência de seus destinos, nasciam espíritos virtuosos entre os maus, e eles tentaram corrigir as consequências iníquas da vida natural, ensinando aos homens os deveres de caridade e bondade. O que prova que a moral individual sempre teve a supremacia sobre os costumes e os usos, obrigando os homens a sair de si mesmos e refletir sobre as consequências de suas ações. Portanto, é verdade que o progresso, desde a sua origem, dependeu e dependerá cada vez mais dos poderes do espírito.

Não é suficiente dizer ao homem que ele deve trabalhar; é necessário que aqueles que devem atender a sua existência com seu trabalho encontrem emprego, o que nem sempre acontece. Quando a falta de trabalho se torna generalizada, ela toma as proporções de um flagelo, como a miséria, quando se pensa na massa de indivíduos lançados todos os dias na torrente da população, sem princípios, sem restrições e liberados a seus próprios instintos, acharíamos estranhas as consequências desastrosas que resultam?¹⁴Allan Kardec «O Livro dos Espíritos», p. 341

Diante das calamidades de todos os tipos que caem sobre o mundo com um ritmo assustador, todo espírito sincero deve ter perfeita consciência desse estado de coisas, de desordens e injustiças, e aplicar seus esforços ao endireitamento da humanidade indefesa.

Todos os esforços feitos até hoje não conseguiram estabelecer a cidade ideal em nosso planeta. Ainda estamos, talvez com menos brutalidade, no sistema tradicional de tirania e sujeição. Há excesso de desejos insaciáveis, excesso de indivíduos que acumulam riqueza em detrimento da maioria. A palavra liberdade assumiu um significado que é extenso demais, e hoje é traduzida por todos os tipos de egoísmo voraz e pelo desencadeamento de todos os vícios. As pequenas liberdades legítimas são violadas pelos fortes, cujos códigos autorizam inúmeros abusos. Temos provas dessa confusão em escândalos financeiros ou de outros tipos, que a cada vez sacodem a opinião pública. É sempre sob a influência de paixões individualistas, poderosamente organizadas, quando os direitos condenados pelas leis naturais são criados.

É desnecessário dizer que uma sociedade que permite essas infrações não pode sair de um estado moralmente baixo e está longe de ser feliz.

Está provado que o equilíbrio que as ciências econômicas queriam estabelecer entre a produção e o consumo se desfaz em toda parte. Isso provoca o empobrecimento das classes médias e inúmeras falências. Mas o espetáculo mais lamentável do nosso tempo é o número cada vez maior de infelizes sem trabalho, carentes até de pão, quando apodrecem nos seus hangares de suprimento, "estoques" consideráveis de produtos agrícolas ou industriais.

Antes, as causas da fome eram devidas à falta das coisas necessárias para viver; hoje, quando essa abundância supera as necessidades dos homens, vemos essas manifestações impressionantes, essas "marchas de fome". Esse é um dos aspectos paradoxais, da evolução econômica destes últimos anos. A desordem atual da moralidade ocidental é a causa de todos os males.

«Aquilo que o homem recolhe com o seu trabalho honesto é uma propriedade legítima que ele tem o direito de defender, porque a propriedade que é fruto do trabalho, é um direito natural tão sagrado como

o de trabalhar e viver»¹⁵ Allan Kardec. «O Livro dos Espíritos», pág. 311.

Existem direitos que todos não reconhecem e até muitos discutem. Em primeiro lugar, o direito de propriedade ilimitado.

Em países onde há grandes propriedades de terras, onde regiões inteiras pertencem a um único indivíduo, as pessoas miseráveis que moram lá, se querem um pedaço de pão, têm que se submeter a toda a baixeza e fraqueza do escravo. É um erro, contrário ao sentimento de justiça, deixar que esses maus instintos prevaleçam no indivíduo.

O trabalho deveria render apenas àquele que produz. A pequena propriedade é a única honesta, porque foi adquirida pelo esforço contínuo e sem prejuízo de ninguém. O homem que a possui, modela-a de acordo com seu gosto ou temperamento, e ela é o reflexo de suas aptidões e sua inteligência.

Na França, estamos agora cientes das consequências trazidas pelas grandes empresas organizadas em consórcios ou "trusts", especialmente para as classes laboriosas de pequenos proprietários ou pequenos comerciantes. Onde essa forma moderna de feudalismo irá lançar aqueles que estão lutando do começo ao fim do ano para vender seus produtos a preços ruinosos, diante da concorrência previamente preparada e solidamente financiada? É que se quer tornar a parte mais saudável da nação, azeda e indisciplinada?

Essas considerações nos levam a dizer que a realização da ideia de propriedade não está em relação com o ideal de justiça.

Todos os homens estão sujeitos às mesmas leis da Natureza: todos nascem igualmente fracos, estão sujeitos às mesmas dores e o corpo do ricos é destruído como o do pobre. Deus não deu a nenhum homem uma superioridade natural, nem por nascimento nem por morte: todos são iguais perante Ele »¹⁶ Allan Kardec. «O Livro dos Espíritos», pág. 359.

Saibamos ver o homem como ele é, sem desprezá-lo, sem ignorar seu impulso em direção à verdade, sem esquecer, acima de tudo, que ele carrega o peso de um passado assustador, e concordemos que com sua natureza atual, com seu egoísmo, sua preguiça, sua vaidade, suas paixões miseráveis, não poderia entrar em um mundo onde todos os elementos da prova fossem abolidos.

Devido à diversidade de nossas faculdades e nossos temperamentos, nascemos devedores da sociedade. Esse é o obstáculo permanente onde todos os que sonham com a igualdade absoluta irão tropeçar. Porque não é possível conceber um plano de vida social em que tudo ficasse reduzido a um dado nível. Isso seria acomodarem-se em uma escravidão relativa, sempre detidos no mesmo lugar, quando o ideal de justiça não pode ser perseguido de outra maneira senão pela luta dos grandes espíritos.

Se o homem progride materialmente, sendo diferente o estado das coisas, as qualidades do espírito devem ascender em paralelo. A perfeição interior, a elevação do sentimento são as condições necessárias para ter acesso a uma sociedade ideal.

Fica, então, demonstrado, que o mundo futuro valerá tanto quanto possam valer os homens que o compuserem. Não recorramos ao erro da civilização grega, que condenava ao exílio todos aqueles que não compartilhavam as ideias do Estado.

"A doutrina da Reencarnação, isto é, aquela que consiste em admitir que o homem teve várias existências, é a única que responde ao ideal que nós forjamos da justiça de Deus em relação aos homens colocados em uma situação moral inferior, a única que pode explicar o futuro e satisfazer a nossa esperança, uma vez que nos oferece os meios para rejeitar os nossos erros por novas evidências"¹⁷Allan Kardec. «O Livro dos Espíritos», pág. 83.

As críticas que dirigimos à civilização do século XX não devem ser mal interpretadas. Levamos em conta os benefícios que o progresso científico trouxe para o bem-estar geral. Não ignoramos as obras do homem para lutar contra as doenças, reduzir a dor e eliminar a miséria. Nós glorificamos aqueles que tiveram o belo ideal de propagação da cultura com o único propósito de reduzir o ódio e o egoísmo e livrar-nos do erro.

E, no entanto, esses aparentes avanços não impedem que grande parte da humanidade se debata em situações confusas e desesperantes. Procura-se encontrar o equilíbrio entre a materialidade das coisas pelo jogo do livre intercâmbio ou da economia dirigida, e abandona-se a renovação da moralidade ocidental, ponto de partida de um futuro melhor. Quando o elemento da educação moral está faltando no equilíbrio do mundo, a vida social relaxa; os homens que acreditam dominarem a

matéria, tornam-se joguete dela e, insensivelmente, a Humanidade está condenada ao mais completo esmiuçamento.

Por essa razão, podemos afirmar que as condições econômicas de existência não são um critério de progresso social e que a história humana é definida pelos movimentos do espírito. Podemos afirmar que quando a maioria dos homens adotarem a ideia de Reencarnação, princípio lógico dos desígnios de Deus, a perfeição social dará um passo gigantesco. Parece inevitável que, se a religião quiser retornar ao seu verdadeiro papel emancipador, ela irá se unir a essa grande lei.

A fé passiva das igrejas presentes tem que deixar seu lugar para outra fé mais jovem, cuja própria evidência reside no conhecimento dos destinos da alma.

Só ela desenvolverá o poder de amar, pensar, amar, do qual o mundo é tão carente.

"O verdadeiro homem bom é aquele que pratica a lei da justiça, de amor e de caridade, em seu mais alto grau de pureza. Se interrogar a sua consciência sobre os atos praticados, perguntará a si mesmo se não violou esta lei, se fez mal, se fez todo o bem que pôde, se ninguém teve que se queixar dele e, por fim, se fez pelos outros o que gostaria que fizessem por ele »¹⁸ Allan Kardec. «O Livro dos Espíritos», pág.412..

A grande glória do Espiritismo consiste em nos ter feito conhecer as leis que regem as relações do mundo visível com o invisível, em nos dar a explicação para as diferenças que existem entre os homens, com suas fraquezas ou capacidades, e em nos ter dado a solução do nosso próprio destino, depois da morte.

Esta bela filosofia vem combinar, amalgamar as forças materiais com as espirituais, com vistas a um progresso constante. Progresso ligado a um conhecimento cada vez mais amplo de nossos deveres em relação às leis fundamentais da solidariedade e às consequências morais das vidas sucessivas.

A filosofia espírita facilita ao adepto um princípio de crítica ao qual nada escapa, o torna temerário, o incentiva à ação do bem.

Uma doutrina moral como o Espiritismo, quando é verdadeiramente sentida, longe de ser uma servidão, constitui um poder de libertação, uma

força de resistência contra todas as forças servís. Penetra na consciência e torna o homem capaz de uma generosidade inteligente.

Em uma palavra, reforça o desejo de servir, elemento vivaz de toda ordem social.

Memória da Confederação Espírita Argentina.

Senhor Presidente. Distinto correligionário: A Confederação Espírita Argentina, na ânsia de colaborar para o melhor sucesso na ação e divulgação do Espiritismo, após se engajar no estudo e reflexão dos pontos formulados na circular enviada por esse Comitê Organizador a esta Confederação, condensou seus pontos de vista nas proposições que se seguem e que, em sua opinião, estima de capital importância para serem discutidas, e em seu desejo aprovadas no Congresso acima mencionado.

Como esses pontos de vista nada mais são do que sugestões, elementos de julgamento a serem discutidos amplamente e em conjunto com os outros enviados ao Congresso para esse fim, não entraremos em maiores considerações fundamentais, deixando para sua oportunidade as razões objetivas e os fundamentos filosóficos e morais que, segundo a doutrina espírita, nos assistem em seu apoio, e ficando tudo isso encomendado ao nosso delegado.

Não escapará à observação do Presidente e de outros membros do Comitê Organizador, que as questões que devem ser levantadas no próximo Congresso - como fica claro nas propostas enunciativas formuladas por esse Comitê - requerem toda a atenção, boa vontade e inteligência dos espíritas, bem como uma maior capacidade e imparcialidade para a compreensão dos fenômenos e problemas sociais, que exigem dos espíritas um conhecimento objetivo maior e uma atitude clara e decisiva que oriente seu propósito social e canalize a ação e a propaganda de acordo com a essência da moral espírita, que Kardec condensou nestes três postulados: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, bem como uma interpretação filosófica mais racional, mais dialética, mais aberta às necessidades da vida material, mais elevada às coisas do espírito e do Espiritismo.

Respondendo, então, à primeira proposta apresentada pelo Comitê

Organizador que, no tocante às questões relacionadas ao momento histórico em que vivemos e que demandam maior atenção e estudo dos espíritas, procuraremos, primeiro, esclarecer seu conteúdo à luz dos fatos que o mundo nos oferece no atual momento crítico da Humanidade.

Os requerimentos e inquietações espirituais mencionados na circular desse Comitê não podem ser outros que os derivados da situação econômica mundial, situação produzida pela crise geral do regime capitalista, que já deu de si tudo o que poderia dar.

Chegado ao auge de seu desenvolvimento, à maior expansão e desenvolvimento de suas forças produtivas dentro do sistema de produção capitalista, restringido pelas limitações que apenas consultam os interesses de uma classe, ao limite, enfim, que indica a estrutura econômica, política e jurídica da sociedade atual, as atividades industriais são reduzidas ao mínimo das demandas dos mercados e das conveniências capitalistas e em detrimento das necessidades sociais. As classes produtoras são despejadas dos centros de produção e reduzidas com suas famílias à miséria mais aterradora. Quanto mais os meios de produção, a indústria, o maquinário e a técnica em geral são aperfeiçoados; quanto mais invenções e ciência prática são acrescentadas ao desenvolvimento da riqueza capitalista, maior a pobreza existente nas classes produtoras. Enquanto a produção, os instrumentos de trabalho e o capital se acumulam e centralizam nas mãos de uma minoria privilegiada, a fome, o desespero, a tristeza e o desânimo pairam sobre as classes pobres, que o mecanismo industrial, com sua restrição cada vez maior de forças humanas, coloca fora da produção e do consumo ou em situação de subsistência deprimente.

Vemos, então, Senhor Presidente, que dentro do atual regime não há ponto de convergência entre o capitalismo e a classe produtora, nem em seus interesses nem em sua ideologia (a não ser aquele que os une através da exploração) e que, pelo contrário, a mais completa divergência em seu propósito social, as contradições em seus interesses opostos, o antagonismo que os separa estão se aprofundando cada vez mais, intensificando-se e estendendo-se à medida que o atual regime se aproxima de seu fim.

O capitalismo não só é radicalmente impotente para resolver a

contradição entre capital e trabalho com medidas justas e equitativas, mas também é incapaz de resolver suas próprias contradições. Daí a luta implacável e desleal entre os próprios capitalistas, as guerras imperialistas pelo predomínio das colônias e dos mercados e a constante ameaça de novas hecatombes para resolver momentaneamente a crise nacional e internacional que mina as bases do sistema; daí a concorrência comercial no mercado mundial, levada ao sangue e ao fogo, realizada por meio de fraude, falsificação, ágio e por um número infindável de meios criminais, legais ou ilegais, para ser salvo do naufrágio desse regime social corrompido, cujo preceito moral é "salve-se quem puder, às custas de quem puder".

Em toda a parte reina a miséria mais espantosa, ao lado da enorme riqueza acumulada e monopolizada para o benefício de uma minoria que a possui sem a ter produzido, em detrimento dos produtores e suas famílias, que estão morrendo por falta de subsistência. Por toda a parte, milhões e milhões de pessoas sem trabalho e sem pão, mendigando na flor da juventude (como na infância e na velhice) com tristeza e vergonha na cara, mortas todas as suas ilusões e esperanças, moralmente destruídos, roídos pela fome e por tanto cismar, maldizendo a existência, com a vida amargurada e odiando, com razão, a sociedade, que não tem leis equitativas para protegê-los e, em contraste, as tem para defender aqueles que tudo têm. Em todos os lugares, finalmente, são vistos crimes hediondos, assassinatos horríveis, sequestros, assaltos, roubos, fraudes e sonegação, vício, prostituição e egoísmo; e milhares de outras vilezas determinadas pelo estado de decomposição do sistema social e pelo modo de existência a que esse sistema os predispõe. E, em meio a esse maremágno de paixões e interesses individuais e de classe, contraditórios e como consequência da desigualdade econômica e social cada vez mais profunda e irreconciliável, os conflitos se estendem a todas as classes sociais, que se polarizam em duas forças opostas, a conservadora, defensora do regime de exploração humana, com seus crimes, suas misérias, suas guerras, seus privilégios iníquos e seus vícios, e a outra, emancipadora e criadora de uma nova Humanidade, onde todos os homens se dignifiquem pelo trabalho, onde todos sejam econômica e socialmente iguais, onde, em resumo, a liberdade,

a solidariedade, a fraternidade e a igualdade sejam efetivadas pela comunidade de esforços, para o bem da sociedade e não de certos indivíduos.

Estas são, em suma, as preocupações espirituais que a Humanidade sofre no momento histórico em que vivemos, preocupações que têm uma causa real e concreta na estrutura econômica e política da sociedade capitalista, em seu modo de produção e distribuição da riqueza social.

Não nos escapa, Sr. Presidente, que esta situação do mundo, seja o indivíduo ou a sociedade, tem sua explicação na teoria espírita; mas entenda bem que uma explicação não é uma justificativa, e que tudo que não é cientificamente justificado, pode e deve ter uma solução, se não imediata, dentro do tempo necessário, de acordo com os esforços e a atividade desenvolvida para alcançá-la.

Também não nos escapa que esta situação aflitiva, que o mundo está atravessando na atualidade, como em todas as épocas da vida humana, seja devida à imperfeição do homem, e que os fatores de ordem econômica e social têm por causa determinante fatores de ordem moral e espiritual; mas não é menos verdade que a sociedade atual condensa em sua estrutura econômica, política e jurídica essa imperfeição humana e serve como obstáculo ao desenvolvimento de indivíduos que estão travados em sua evolução e à mercê do meio ambiente em que se desenvolvem, a ponto de aceitar suas imoralidades e viver com elas, ou de reagir; e isto último é o que, em nosso conceito, deve fazer toda ideologia que, como a nossa, aspira a uma Humanidade melhor. Assim, a elevada missão do Espiritismo consiste, de acordo com nossa ampla maneira de apreciar a doutrina, em educar e superar moral e espiritualmente o indivíduo, ao mesmo tempo em que luta decisivamente pela transformação econômica da sociedade.

Nenhum espírita esclarecido acreditará na permanência do atual regime social, nem que este seja o melhor dos regimes possíveis. Há muitas razões e motivos para que ele se torne detestável e para trabalhar para o advento de uma sociedade mais justa e mais humana, mais de acordo com os sentimentos e aspirações superiores e com os postulados morais de nossa doutrina.

Entendendo que o Espiritismo é uma ciência integral e progressiva, o

Congresso Espírita Internacional não poderia negligenciar nenhum de seus aspectos, muito menos aquelas questões que estão intimamente ligadas à vida e desenvolvimento do espírito no seio da Humanidade. É por isso que, caminhando de par com o progresso sociológico, e fielmente interpretando as necessidades materiais e espirituais deste período de transição pelo qual a Humanidade está passando, deve buscar, à luz da ciência espírita e de seus princípios morais, a solução justa e equitativa que elas reivindicam, tratando o Congresso dessas e outras questões de natureza social para que nele encontrem a devida sanção e decidam sobre a ação conjunta e uniforme do Espiritismo Internacional.

Nesse sentido, a Confederação Espírita Argentina apresenta à consideração dos congressistas as seguintes proposições de ordem prática que se enquadram no primeiro enunciado da circular enviada pelo referido Comitê Organizador, e que devem ser discutidas no próximo Congresso Espírita Internacional:

1º. Promover a criação de Institutos ou Cátedras de Sociologia em todas as Federações ou Confederações Espíritas do mundo, que consultem todas as questões e problemas de ordem econômica e social, do ponto de vista objetivo e de acordo com os princípios morais da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, que postula o Espiritismo, confrontando-os e assimilando-os, dentro do conceito espírita da vida, com as teorias econômicas e sociais que o socialismo em geral defende em suas várias ramificações ideológicas.

2º. Desenvolver na imprensa espiritualista mundial, de maneira uniforme e constante, uma intensa propaganda em favor do advento de uma sociedade sem classes ou privilégios econômicos e sociais, propiciando para esse fim a nacionalização ou comunidade da terra, da indústria e da riqueza social.

3º. Aconselhar na imprensa mundial, no livro e na tribuna espírita, a crítica equânime, fundamentada e ilustrativa do atual regime social, destacando suas deficiências, seus crimes e imoralidades, a unilateralidade de sua justiça, bem como as causas de sua crise geral e a impotência de seus meios para resolvê-la com soluções justas e equitativas que consultem as necessidades sociais do presente.

4º. Aconselhar as centrais espíritas a aderirem às resoluções do

Congresso Internacional, à defesa por meio da imprensa, da tribuna e dos atos públicos, bem como dos tribunais nacionais, de todas as pessoas perseguidas ou que caiam sob a sanção de leis restritivas da liberdade, por sustentar ou propagar os altos ideais de emancipação humana perseguidos pelas ideologias socialistas e que tendem a transformar o atual regime social em outro mais justo e conforme aos postulados morais do Espiritismo, criando para esse fim comitês de defesa e socorro.

5º. Buscar - sem detrimento da teoria espírita e sem alterar os princípios de sua filosofia e sua moral - uma aproximação com as outras ideologias, que sejam inspiradas nos mesmos propósitos de emancipação e transformação social, de ação conjunta e solidária em favor dos mais elevados ideais humanos.

6º. Lutar por todos os meios ao nosso alcance, e de acordo com os princípios morais do Espiritismo, contra qualquer tentativa de guerra, ou as causas imediatas que possam provocá-las, bem como contrabalançar, em palavras e por escrito, qualquer tendência à guerra.

7º. Em caso de guerra, aconselhar os espíritas e não-espíritas a se recusarem a pegar em armas, e aplicar às nações beligerantes o boicote e a sabotagem e outras medidas de resistência que façam parar a luta.

8º. Proclamar a abolição da pena de morte e do castigo corporal, nos países onde existem, e combater qualquer opinião que tenda a estabelecê-los.

9º. Proclamar, desde já, os mesmos direitos e deveres políticos, econômicos e sociais para as mulheres e para os homens, capacitando-os igualmente (dentro das possibilidades de cada sexo) para todas as funções da vida social.

10º. Convidar o Congresso para formular a seguinte questão. Qual deve ser a atitude dos espíritas - como entidade ideológica - diante de uma possível revolução social que possa tender a transformar o atual sistema de produção em outro mais justo e mais humano, que consulte as necessidades e aspirações da Humanidade produtora em geral, segundo as tendências socialistas e os postulados morais do Espiritismo? Deveriam reagir contra as forças revolucionárias e emancipatórias, assumir uma atitude passiva de meros espectadores ou, pelo contrário, devem eles

influenciar moralmente sobre a ação para que ela decida a favor da justiça social, com a menor dificuldade e violência possível?

Quanto ao segundo ponto da circular, referente às questões de defesa, depuração e metodização do Espiritismo, a Confederação Espírita da Argentina entende que a maneira mais eficaz de combater as práticas viciosas, a coerção e o charlatanismo, que prosperam à sombra das chamadas sociedades espíritas, assim como o misticismo e os dogmas impróprios de nossa doutrina, seria dar ao Espiritismo um extensão cultural através da cátedra, do livro, da imprensa e da tribuna pública, de acordo com uma interpretação mais uniforme, mais científica e racional dos fenômenos mediúnicos e dos princípios filosóficos e morais que são deduzidos dos primeiros, e fornecer aos espíritas o ensino teórico e prático que faça distinguir, na medida do possível, a fenômenos anímicos dos espíritas, além de elevar a cultura dos espíritas em todos aqueles ramos da ciência mais diretamente relacionados ao homem, em sua dupla natureza orgânica e espiritual, como a fisiologia, a psicofisiologia, a biologia, o magnetismo, o hipnotismo, etc. , etc., cujo estudo deve ser obrigatório para todas as pessoas, e em particular para os presidentes e outros líderes de centros e sociedades espíritas, desautorizando qualquer pessoa ou sociedade que não se ajuste a essas exigências de ordem cultural e moral. Para os fins indicados, submetemos ao Congresso as seguintes proposições:

1º. Promover em todos os países e localidades a criação de cátedras de Fisiologia, Psicologia, Biologia e Metapsíquica, vinculadas aos centros ou sociedades espíritas, encomendando esse ensino a pessoas idôneas em cada matéria, e que seria, ao mesmo tempo teórico e (no limite do possível) prático. Estas Cátedras serão também de interpretação e ensino filosófico, de acordo com o critério mais elevado e racional da filosofia espírita, atendendo não só ao fundo da doutrina, mas também à forma de exposição, ao tecnicismo das palavras que, sem prejudicar a clareza e o estilo de cada autor, deve elevar-se a formas novas e mais elevadas de pensamento filosófico, longe dos anacronismos literários, da roupagem religiosa e teológica de outros tempos e dos termos cabalísticos e esotéricos dos quais ainda gostam muitos espíritas.

2º. Incentivar a criação de institutos metapsíquicos anexos a centrais e

sociedades espíritas, convidando a participarem de seus estudos todos os cientistas interessados em aprender sobre este novo ramo da psicologia experimental e deixando a cada um a mais completa liberdade na interpretação dos fenômenos, bem como aceitando qualquer iniciativa ou mudança de métodos para expandir e facilitar a pesquisa. Entendendo-se que a investigação ou estudo dos fenômenos metapsíquicos, métodos, disciplinas científicas, são deixados livremente ao critério e perícia do Corpo de experimentadores; enquanto a administração e organização dos institutos fica na dependência dos fundadores ou das sociedades espíritas fundadoras. Entende-se também que as centrais e as sociedades irão controlar todos os trabalhos que os institutos realizarem, sem atrapalhar em nada o seu desenvolvimento, e poderiam tirar todo proveito que elas lhes oferecem, em benefício do Espiritismo.

3º. Insinuar ao Congresso a conveniência de elaborar uma Carta Orgânica, a fim de padronizar o desenvolvimento e as práticas das sociedades espíritas confederadas, já que essa mesma deficiência de modalidades traz como consequência uma série de contradições e inconveniências que confundem aqueles que não conhecem as práticas mediúnicas e os postulados da doutrina espírita.

4º. Aconselhar a criação de escolas espíritas de educação gradual e integral para crianças e adultos de ambos os sexos, onde, além da doutrina espírita, é ensinado a ler e escrever, além de tudo que um homem e uma mulher precisam para a vida material e espiritual.

5º. Chamar a atenção dos escritores espíritas sobre a conveniência de escrever obras elementares e secundárias de caráter didático, sobre os diferentes ramos da ciência e de acordo com as mais modernas descobertas, para elevar a cultura geral dos espíritas e servir como texto para o ensinamento espírita.

A partir deste Congresso, a Federação Espírita Internacional dedicará atenção especial às obras espíritas, que por seu conteúdo não cumpram o verdadeiro propósito que orienta nossa doutrina, informando os autores, as Federações de cada país em seu relatório mensal, de modo que estes, por sua vez, tornem isso conhecido pelos correligionários de cada nação.

6º. Destacar do Congresso uma comissão de pessoas caracterizadas para

a revisão das obras fundamentais do Espiritismo, a fim de purificá-las de possíveis erros científicos e doutrinários, corrigir seus defeitos e despojá-las em alguns casos das roupagens religiosas com as quais, em seu tempo, foram revestidas e que, livres desses inconvenientes, poderiam servir ainda hoje para a propaganda e o ensino do Espiritismo. A esse respeito, todas as centrais espíritas poderiam ser consultadas e solicitada sua colaboração nas reformas que considerassem convenientes. Ou, em falta disso, e dada a impossibilidade - por razões que não nos escapam - de modificar o texto das obras mencionadas, condensar em novas obras, com a seleção de quanto de bom existe nas clássicas, tudo o que se encontre em sintonia com os avanços da ciência moderna em geral, ampliando-as com novos conhecimentos e com o que a experiência tem ensinado até agora.

7º. Considerando que o curandeirismo tem causado à Humanidade, à Medicina e ao Espiritismo imensamente mais prejuízos do que benefícios e, mesmo admitindo a existência de médiuns curativos e de fatos que comprovam em muitos casos a eficácia dessa mediunidade, o Congresso deve negar toda prática de curandeirismo não submetida a pesquisa e controle da ciência em institutos metapsíquicos e outras instituições científicas.

8º. Promover a publicação de um dicionário etimológico ilustrado (ou enciclopédia espírita) que cubra, em maior medida, a terminologia espírita e as ciências afins: psicologia, metapsiquismo, filosofia e ciências econômicas e sociais. Este dicionário também poderia ser biográfico e bibliográfico, com a biografia dos mestres e grandes cultivadores do Espiritismo, bem como as obras publicadas por eles. No caso desta proposta ser aprovada, nomear uma comissão composta pelos mais destacados espíritas das ciências e das letras, encarregados, com a cooperação de todos os homens entendidos, de irem confeccionando esta obra.

Considerando que entre os espíritas internacionais existe pouca troca de ideias, notícias e iniciativas; que a era atual é caracterizada pela falta de correspondência e aproximação em suas atividades; que em países, como por exemplo, China, Uruguai, Peru, Colômbia, Venezuela, Bolívia, Paraguai e Equador, não temos centros espíritas e nem órgãos de publicidade,

acreditamos que em cada continente as mais importantes Federações existentes deveriam ser constituídas como centros de propaganda, a fim de divulgar e defender os fatos e princípios do Espiritismo. Para tanto, formulamos as seguintes proposições:

1º. Após a realização do Congresso Espírita de Barcelona, em 1934, todas as Federações aderidas à Internacional enviarão mensalmente a esta Central um detalhamento das obras, iniciativas, projetos, atos, propaganda e resoluções de importância que sancionarem.

2º. Da mesma forma, a Internacional Espírita será informada dos trabalhos mediúnicos de importância realizados, mencionando os médiuns e sociedades onde estes foram verificados.

3º. A partir dos relatórios recebidos dos diferentes países, a Federação Internacional fará um resumo, enviando uma cópia aos referidos centros, que por sua vez darão a mais ampla divulgação possível, através de revistas ou boletins apropriados.

4º. A Federação Internacional convidará as instituições afiliadas a estenderem a propaganda às nações fronteiriças, onde não houvesse representantes dela, centros ou sociedades espíritas.

5º. A Federação Espírita Internacional criará um órgão oficial de divulgação doutrinária que, ao mesmo tempo, resolverá o fenomenismo espírita e o movimento espírita mundiais. Esse órgão aparecerá mensalmente e um exemplar deverá ser enviado para cada centro federado e para as sociedades que o solicitarem.

Levando em conta a necessidade de preparar as futuras gerações de acordo com nossos princípios, acreditamos na conveniência:

1º. Que o Congresso propicie a criação de parques, praças e recreios infantis em todas as Federações ou sociedades de cada país, onde seriam colocados brinquedos para crianças, aos quais os espíritas e o público em geral teriam acesso, realizando conferências, que, ao mesmo tempo de estar ensinando para adultos, sejam aptas também para crianças.

2º. Realizar conferências explicativas periódicas através de radiotelegrafia, sobre os princípios da nossa doutrina.

Tais são, Senhor Presidente, as questões que a Confederação Espírita Argentina considera importantes no momento histórico em que vivemos,

que em sua opinião, consultam as preocupações espirituais da atualidade, tanto em relação ao desenvolvimento e progresso do Espiritismo (nos assuntos que lhe dizem respeito), quanto aos anseios, de transformação social da Humanidade em geral, que espera do Espiritismo e dos Espíritas a coragem de sua decisão e o resultado prático de sua doutrina, diante dos problemas que a História lhe apresenta. Pois se o Espiritismo se elevasse acima das necessidades e aspirações humanas, sem consultá-las e sem buscar os meios de satisfazê-las, tanto quanto possível e de acordo com seus princípios morais, poderia ser muito superior a todas as outras ideologias em teoria, mas, na prática, mostraria ser muito inferior a elas. Não é, no entanto, e apenas a incompreensão da doutrina, a negligência ou a falta de convicção e valor moral de seus seguidores, faria supor que o fosse, com grande responsabilidade para os espíritas, que, possuidores da luz, da justiça e da verdade, eles a esconderiam no momento em que a humanidade mais precisa delas.

Saudamos o Presidente com a mais alta consideração. ☒ Santiago A. Bossero, secretário geral. Félix Gallego, presidente.

G) O ESPIRITISMO E A JUVENTUDE

O Espiritismo e a juventude, pelas Sociedades «Hacia la Perfección» e «Sáenz Cortés».

Nossa vida humana, que parece sofrer em sua interpretação o influxo e refluxo das correntes pensantes que julgam o mecanismo social, é por todos valorizada como digna e boa, e capaz de ser vívida, quando um sopro de felicidade nos envolve e nos faz felizes dentro dessa felicidade. Floresce, então, da parte mais íntima de nosso ser, uma necessidade, de execução imperiosa, que nos impele a viver.

É bem verdade que todos nós carregamos dentro de nossa alma um pequeno gomo de romantismo que nos faz pintar de cor-de-rosa todo o mecanismo complexo da existência. Bem entendido que falamos aqui daquele romantismo criado por Victor Hugo, nobre e espiritual, e não daquele outro exibido por muitas pessoas vulgares que não possuem a originalidade de seu caráter, e tentam compensar essa falta com certos modos de ser que revelam uma mediocridade.

Esse o romantismo nos faz sonhadores: sonhamos a vida, forjamos um ideal.

Não é mais do que uma metamorfose do nosso sentimento que nos confunde com o misticismo tantas vezes elogiado, que encerra a natureza como obra divina, como realidade harmoniosa. E é que justamente somos sonhadores porque vivemos nessa harmonia da Criação. Recebemos desse conjunto melódico de vida que a natureza é, e que só então sabemos assimilar, as notas sublimes de animação, de progresso na ação e de sentimento de amor vivido nesse romantismo que guardamos no mais recôndito de nosso coração.

Novos impulsos, ideias que fervem constantemente, sentimentos desconhecidos de amor, de ilusão, de fé, formam um todo heterogêneo, mas ao mesmo tempo conexo, de tal modo que acreditamos ser outro. Parece como se a nossa alma renascesse à virgindade para realizar tantas surpresas e expandir a espiritualidade com tanta beleza.

Remoçamos a vida, renovamos as razões de seu respeito, trazemos nossa alma para mais perto de Deus.

Esse romantismo nosso contrasta com a realidade austera que nos rodeia? Bem, isso é juventude.

Construir um mundo grande e sublime sobre escombros é um atributo da juventude. Juventude, que é um pimpolho no pensamento e gostaria de se abrir em flor na ação. Essa é a juventude, que imagina, que abre novas brechas no horizonte da vida, e que não chega a se deter pela dureza da luta, já que, juventude debes continuar...

... atrás do voo

dessa virgem cujo encanto forma a tua vida e o teu

anseio; continua tua marcha para o céu

dos teus delírios...

*de idealidade e nobreza...*¹⁹ «Juventud», de Manuel Acuña.

Não consideramos os anos do espírito paralelos aos do corpo: este envelhece com o peso do tempo; aquele rejuvenesce ao longo dos anos. Não é um paradoxo, não é uma frase usada para fazer trocadilhos; é convicção sentida através da análise.

Não se é jovem por se terem vinte anos, nem mesmo por se terem pensamentos de otimismo e necessidade de viver. Se é jovem, quando o espírito, entesourando dor e mais dor, aprecia a vida porque a compreende e continua a viver com o mesmo anseio de sempre; se é jovem quando o otimismo sobre nosso ser e nosso destino é interpretado em toda a sua amplitude e se age conseqüentemente; e quando o coração sente, não por causa das necessidades circunstanciais ligadas ao desenvolvimento talvez de uma função corporal, mas por causa das convicções nascidas nas esferas superiores do sentimento de amor que nos emparenta com a família humana. No entanto, porque a essência da questão foi confundida com a sua forma, julgando pelas aparências, é chamado de jovem quem tem poucos anos de vida, tendo perdido completamente de vista o fato de que a juventude está em relação direta ao maior número de anos que o espírito entesoura.

Mas, afinal, seguindo a rotina imposta por conceitos errados, usaremos esse nome de juventude como todo mundo faz, e a partir de agora podemos nos perguntar: a juventude é a mais indicada para levar adiante um ideal

de preocupações espirituais, de justiça soberana, de fraternização? Um ideal moralizante da existência, que a dignifica, que eleva os caídos e os iguala na irmandade de uma lei de criação comum?

Se alguém pensa que os jovens são os mais capazes de desperdiçar energia em obras do bem, graças ao seu maior poder energético reconstrutivo; se alguém pensa que a alma virginal de boa parte da juventude é (ou deveria ser) apta para cultivar ideias de formas superiores; se alguém pensa que o ardor juvenil deve se preparar para direcioná-lo a destinos também superiores, todos aclamariam a juventude como a panaceia de todos os tempos, e muitos pensariam então que apenas uma coisa útil seria viver, a saber, ser jovem.

Vemos em todos os ambientes que na juventude são depositadas grandes esperanças, que dela se esperam frutos inauditos de bem geral, que a ela só e exclusivamente correspondem os postos de vanguarda na libertação de pensamentos, etc., etc.

No entanto, alguma vez pensou-se que os jovens estão sendo obrigados a arcar com uma enorme responsabilidade? Você já analisou por um momento se o jovem é capaz de tanto quanto é confiado a ele? Alguém se perguntou se os jovens têm elementos de construção suficientes para fazer ruínas tudo que foi criado até agora - bom ou ruim - e construir novos edifícios? Alguém já se preocupou em analisar se os alicerces juvenis de uma nova Humanidade - tanto é esperado dela! - possuem a solidez necessária como para fortificar uma felicidade a ser criada? Nós não somos contra este movimento quase contemporâneo de juventude avassaladora, como poderia ser interpretado pelas perguntas que formulamos. Também confiamos na juventude, mas não nos deixamos levar pelas primeiras impressões.

Nossa imaginação associa a esse fato, outro muito particular e característico na vida de todo homem. De fato, aspiramos a ser grandes e famosos quando encaramos a vida. Vivemos, lutamos com as condições do destino e envelhecemos com a triste mágoa de ver que não pudemos ser o que queríamos. O que acontece então? Bem, algo muito típico: queremos que nossos filhos sejam o que nós não pudemos ser. Ou seja, prolongamos nossa personalidade, não conseguida, na deles, de forma que eles alcancem

o que nós não alcançamos.

Acontecerá algo similar na evolução da humanidade?

Uma evolução, uma renovação de valores, não significa de forma alguma colocar a antítese antes, seja na ordem social ou na ordem filosófica. Certamente não há muito a evoluir se substituirmos um determinado sistema pelo sistema oposto.

É necessário nos compenetrarmos suficientemente um fato simples e necessário ao mesmo tempo, a saber, que a gradação nos valores trará o ressurgimento de um melhor entendimento. Conseguir mancomunar todas as potencialidades para a causa do bem geral, deve ser o programa de ação de qualquer sistema bem canalizado.

A anteposição de um ideal a outro, de uma escola a outra, de uma forma a outra, é negação do progresso. Envolve demolir para construir sobre bases problemáticas, já que ninguém pode garantir o triunfo de uma ideia porque a ideia contrária foi ineficaz.

Por essa razão, opor a maturidade à juventude e esperar por uma solução é uma tática ruim. Tão ruim que desprezando o cabedal de uma experiência, sustenta-se e confia-se em uma consciência em formação, de um conhecimento não gabaritado por qualquer teste de valor que não seja o da boa vontade e da muita fé.

Mas isso é suficiente? É necessário dizer que fé e boa vontade não são suficientes? Seria óbvio enfatizar o fato mil vezes comprovado que na consciência do agir, no bom critério, reside o bom resultado de uma idealidade. Não queremos com isso negar que os jovens não têm esse bom senso para agir. Não queremos negá-lo, mas, no entanto, não deixaremos de estabelecer nossas objeções.

Sim, acreditamos que existe consciência e conhecimento dos modos de agir da juventude, mas também afirmamos que eles são tomados apenas com vistas ao presente. É por isso que os jovens, como sociólogos, não fazem sociologia. Diante de uma calamidade, diante de uma dura realidade de crises econômicas e morais, os jovens têm sua voz de condenação e, com ela, seu programa de ação benfeitor.

A juventude condena e constrói, mas ignora o passado, que nem sequer lhe interessa, e negligencia o futuro pelas exigências do presente. Resultado,

então, que a juventude não sai além da moldura de suas utopias. Esquece que não se vive hoje por hoje mesmo, não acredita nas possibilidades que somos hoje o resultado de duas forças, o passado e o futuro. Se fazem a consideração do passado, é para demonstrar os erros dos homens daquele tempo, e nisso eles se apoiam para esboçar um novo programa. Mas negligenciam que o negativo também é um elemento importante do progresso e necessário de ser considerado em toda a sua extensão.

A juventude não reflete que cada etapa da vida da sociedade deixa uma herança inevitável, que é objetiva no presente nas grandes ou pequenas possibilidades de avançar, nas dificuldades para o aprofundamento de novas normas de utilidade. Isso explica por que os jovens são dogmáticos sem saber e até chegam a criar um dogma de ideais avançados.

Tudo isso tem suas raízes na psicologia especial da juventude, interessante como panorama psíquico e não menos importante para aprender e educar.

Uma característica notável dos jovens refere-se ao contraste oferecido neles pela sua própria vida com a realidade. Dados seus poucos anos, com mais cabedal do lado de sua fantasia do que de sua experiência, eles se elevam muito acima das realidades, graças ao voo que sua imaginação, não controlada, lhes dá para sonhar e criar.

Há muito neles de subjetivo, mas muito pouco de objetivo.

O conflito entre o que é e o que deve ser, eles resolvem, mas de uma maneira que se afastam de uma posição realista. Posição de realistas que não podem ocupar, dado que não credenciam um equilíbrio de objetividade e subjetividade, como dissemos.

É por isso que no social os jovens criam, mas não resolvem. Eles criam, porque a sua excitabilidade imaginativa garante condições para isso. Eles não resolvem, porque lhes falta a penetração exata da mentalidade e da individualidade dos povos, porque não podem se desprender de sua personalidade no estudo das questões sociais, porque a noção de pátria é mais romântica do que real, e em suma, porque lhes falta o critério correto de raciocínio e o controle de sua vontade sobre o coração e o cérebro.

Longe estaríamos de sermos interpretados por aqueles que pensam que nós exaltamos a velhice, por tudo o que dissemos, em detrimento da

juventude. Não é assim. Nem sequer nos pressiona um dado pensamento. Sabendo que a juventude é um atributo da alma e não do corpo, dotamos a velhice do bom que ela tem e também reconhecemos seus erros. Mas nós não agimos por sistemas antagônicos, e é por isso que não enfeitamos de virtudes os jovens só porque os velhos às vezes erram. Temos confiança na maturidade do homem, porque acreditamos que então ele atingiu o máximo de capacidade aquisitiva e o máximo poder de doação, se nos é permitido dizer isso.

Somos subjugados pela velhice pela visão totalmente ampla com a qual ela pode abranger o panorama das coisas, que é a base onde se apoia a verdadeira noção de discriminação do que é e do que deveria ser. Gostamos de saturar nosso espírito com a doce calma e o saudável julgamento com que os homens de cabelos grisalhos sabem considerar todos os problemas.

Homens de todos os tempos e de todas as condições intelectuais nos permitem estabelecer este notável contraste entre os jovens e os homens de vida já vivida. Sirvam os nomes de Kant, Tolstoi, W. James e Lombroso, entre outros, para certificar nosso pensamento.

Na juventude, damos forma a uma ideia com os poucos elementos de julgamento que podemos ter. Consideramos essa ideia à luz do mundo e dos homens, e acreditamos que estamos autorizados - em nome de nosso próprio ardor e desejo de viver - a acreditar que é única e inequívoca.

Essa ideia que adquire corpo em nossa vida jovem é o centro de gravitação de tudo o que existe. É o Kant jovem que nega Deus, a liberdade e imortalidade da alma em nome da razão pura; é o Lombroso jovem, torturado pela ideia fixa de que o Espiritismo é sinônimo de feitiçaria; é o Tolstoi anarquista por escritos ardentes. À medida que a vida vai nos abrindo novos horizontes, e pouco a pouco o peso dos anos, caminhamos por eles sem cessar, cheios de dificuldades e lutas de honra e inteligência, bem como de maldades e hipocrisias, à medida que cada nova situação diante do destino exige nos esforçarmos para saudar uma nova vitória; quando após o debate constante das paixões vemos brilhar os primeiros cabelos brancos como broche de uma vida lutada e ardentemente vivida; é então, com toda essa bela contemplação de dinamismo frutífero em experiências, que revivendo os anos de juventude brota nos lábios um

sorriso de suficiência, como recompensa por aquelas concepções quiméricas dos primeiros anos.

Kant então fala e afirma, em nome da razão prática, que existe Deus, a liberdade e a imortalidade da alma; Lombroso, mais sereno e judicioso, estuda o Espiritismo e lhe dá corpo de ciência; Tolstoi continua escrevendo, porém mais docemente, talvez mais sentimental, mas sempre menos ardente. O influxo dos anos vividos teve essa virtude de transformação. Vida abençoada, que fortaleceste a alma e modelaste o caráter que dá sabedoria ao homem!

O Espiritismo, nascido por mandato da razão que busca transpor a névoa para iluminar-se com a claridade oculta por trás dela, considera a juventude merecedora em sua importância e procura estabelecer as rotas dos destinos dignos para as almas que florescem, para que a Terra possa tirar o maior proveito.

O Espiritismo quer se tornar um diretor de jovens para que eles não erram em suas ações, e para que o sucesso em agir coroe em calma suas ambições.

Profundo conhecedor da psicologia juvenil, e consciente da enorme importância social que significaria uma boa direção de tantos jovens, o Espiritismo busca a companhia da juventude. Ele a procura como o professor procura seus discípulos. Bom e útil, para que o fruto de seu conhecimento e experiência adquirida possa ser alimento para almas virgens, pode-se dizer, solicita dos jovens ou pelo menos deseja obter deles a merecida confiança que ele mesmo oferece.

O espiritismo e os espiritualistas sensatos que sabem interpretá-lo, visam dar aos jovens elementos de raciocínio para que possam conviver mais com a realidade das coisas e seres e os problemas que os cercam. Não é matar o sentimento, como se poderia supor, com tanto realismo; pelo contrário, trata-se de fortalecê-lo com novas aquisições de fraternidade e igualdade. Não daquelas que formam os postulados da memorável revolução que marca a História em 1789, mas de uma fraternidade e igualdade superiores, porque é baseada na espiritualidade.

De fato, é necessário levar em conta um fato que raramente é meditado ou considerado superficialmente, mas de importância capital, dadas as

vastas consequências que podem advir de seu conhecimento. É sobre saber se alguém pode ser moral sem ser espiritual. Aparentemente, isso não é de interesse para considerar aqui, e precisamente neste momento, mas pensando um pouco sobre o fato em si, é possível enxergar todo o valor que adquire a sua verdadeira interpretação. De fato, a todo momento nós apreciamos os contratempos que a falta de espiritualidade traz. Fala-se muito, volumes e mais volumes são escritos sobre sociologia, sobre problemas sociais, o nascimento do Direito, a origem do Estado, etc., etc.

Em todos eles, destaca-se a importância lógica do fator individual como componente da sociedade. Sua eficácia será o potencial que ela desfrutará.

Em todos eles, destaca-se a importância lógica do fator individual como componente da sociedade. Sua eficácia será o potencial que ela desfrutará.

Entendemos que esse fator individual não é algo puramente mecânico e movido exclusivamente pelas forças do materialismo histórico (embora o consideremos de grande importância nesses assuntos), mas que a espiritualidade é também a mãe de muitos conflitos. Acreditamos que o seu estudo através dos tempos deve servir para que, com o ensino de ontem, possa ser aplicado nos dias de hoje, ou melhor, canalizando por caminhos claros e definidos essa espiritualidade humana como princípio de consideração vital nos fatores sociais.

Agora, alguém pode ser moral sem ser espiritual, embora raramente possamos inverter a frase.

A partir do momento em que se vive em sociedade, em que se tem junto ao direito de uns a obrigação dos outros, e que pela razão das leis, o respeito e justiça mútua são impostos, nós somos morais. Moralidade que é justiça ou reconhecimento de outros valores iguais aos nossos, moralidade que é lei do direito penal, mas não lei do direito natural.

Portanto, somos morais porque os instintos são limitados em seu desenvolvimento pelas convenções legais. Por outro lado, certamente seríamos amorais se, autorizados por alguma restrição escrita, déssemos amplo campo de ação às nossas faculdades naturais. E tudo isso enquanto se mantém em mente que a moral estabelece regras de conduta após o estudo do espírito humano, e que é baseada nos conceitos de dever e responsabilidade para dirigir a vida dos homens.

É que precisamente não são regras de conduta o que é necessário para agir bem e com utilidade geral. São necessárias convicções, que mal podem ser dadas por regras de conduta, que pelo simples fato de serem tais, constituem uma negação à sinceridade dos bons sentimentos. A espiritualidade não cria regras de conduta, não precisa delas, já que da sua própria natureza, o respeito e o dever são gerados para si e para os outros. O espiritual age para se satisfazer a si próprio ao reconhecer nos outros já satisfeitas a justiça e o respeito com o seu comportamento leal. Aqueles que são espirituais amalgamam suas vidas e necessidades, e isso, por si só, é suficiente, e uma regra de comportamento, apenas, estaria violentando suas inclinações naturais a agir de modo correto.

Alguém é espiritual quando vê nos outros, não homens iguais a nós, mas irmãos de causa comum, o que é muito diferente. Como homens, nunca avaliamos como irmãos.

Esta espiritualidade pura, sem qualquer rótulo mais ou menos encoberto, é para que o Espiritismo chegue aos jovens e que eles sim possam, com estas bases, contribuir para criar uma Humanidade de irmãos e não de homens para homens.

Bem, aqui corresponde fechar a questão que abrimos acima, quando perguntamos a nós mesmos se a juventude é a mais qualificada para realizar um ideal.

Acreditamos que por si só e com seus únicos recursos, não é possível.

A juventude é muito valiosa, mas potencialmente. A eficácia é outra, na maioria das vezes medíocre.

Portanto, entendemos que os jovens não devem agir sozinhos, mas sob a direção fraterna e sábia das pessoas maduras. Em todos os tempos e lugares, foram muito mais produtivos aqueles jovens que se juntaram ao influxo de personalidades dignas, do que aqueles que, pelo personalismo, agiram sozinhos nas várias ordens de vida.

Isso não significa submetê-los à tutela de um pensamento estranho ao seu. Não é tutela, é direção. É orientar essa energia potencial jovem em direção a resultados efetivos quando se tornar cinética.

Se nos concretizarmos ao nosso ideal, diremos que acreditamos muito melhor que seja o Espiritismo quem orienta os jovens, e não virar a frase

pelo avesso, fazendo os jovens orientarem o Espiritismo.

Entendemos que o Espiritismo e a juventude são necessários um ao outro, mas que a exclusão de homens maduros é prejudicial para ambos. Porque a juventude, embora exija desenvoltura na ação, também precisa de um timoneiro experiente; e, portanto, o Espiritismo reivindica responsabilidade baseada em uma vida já apreciada em suas tristezas e prazeres.

Uma tarefa de ação comum, sem prejuízo de um valor único, é o que pretendemos seja realizado em prol de nosso ideal, pelo qual sempre depusemos todo interesse pessoal ou partidário.

A necessidade da educação moral da infância como base fundamental do Espiritismo, por Salvador Molina.

Em nome e como delegado da "Associação Espírita Hispano-americana, Incorporada" (Sociedade Espírita Hispano-americana) de Nova York, Estados Unidos da América do Norte, apresento à sua consideração esclarecida o seguinte Relatório:

A propaganda dos princípios morais do Espiritismo será de pouca utilidade se não encontrar um solo fértil onde possa germinar e criar raízes nas consciências como uma doutrina eficaz e humanamente praticável para promover nosso progresso espiritual.

As sociedades modernas imaginaram encontrar essa causa apenas na falta de cultura intelectual da juventude e, por essa razão, correram para fundar o maior número de escolas e universidades, com uma festinação tão imprevidente quanto ineficaz. O objetivo principal era produzir um notável aumento em suas estatísticas, distribuindo para esse fim um número considerável de diplomas e títulos que tentavam provar a redução ao mínimo dos analfabetos.

Mas já vimos como os melhores sistemas morais fracassaram por causa da negligência na iniciação de seus princípios na infância, desde que a criança começa a dar seus primeiros passos na vida.

Já vimos, também, que os resultados desses programas pedagógicos não foram tão encorajadores quanto se esperava no início, porque o mal predomina e porque o atraso moral dos povos que ontem desfraldaram a

bandeira da cultura, fica agora demonstrado no fragor de suas profundas lutas políticas e sociais e nas fundas perturbações que afligem os lares.

E no entanto, não se quis reconhecer o fracasso de tão falsos métodos pedagógicos e não se quer confessar que lhes faltou um fator poderoso e decisivo: "a educação sentimental e moral" da criança a partir do seu aparecimento no palco da vida encarnada, como base fundamental para a formação de seu caráter e como pedra angular de qualquer progresso espiritual.

Incapazes os governos e as instituições oficiais de formular novos programas baseados em um sistema moral que, ao mesmo tempo que é eficaz, fosse aceito por outras instituições educacionais do mundo, uma vez que há tantos desses sistemas quanto religiões e filosofias que disputam pela posse da verdade, e sendo como são quase todos, contraditórios e acomodados às circunstâncias de tempo e lugar, isso resultou na mais completa incapacidade para estabelecer um sistema de educação moral cujos princípios fossem inabaláveis aos ataques de uma crítica universalmente serena.

Também foi um grande erro pensar que somente os governos e instituições oficiais são chamados a promover essa educação moral e sentimental dos povos, esquecendo os pais que é a eles a quem esta nobre tarefa corresponde, em primeiro lugar, desde a mais tenra infância de seus filhos.

Não preciso demonstrar aqui a obrigação dos pais espíritas de dar o exemplo, demonstrando a efetividade dos princípios que apoiam, para promover a perfeição moral dos seres humanos, abordando entusiasticamente a educação sentimental de seus filhos, em vez de confiá-la, como outros fazem, a professores e instituições oficiais, quando, infelizmente, a criança já está menos disposta a se iniciar em práticas de conduta moral, talvez até contraditórias com os exemplos que viu em casa.

E não aleguemos ignorância ou inexperiência para nos dispensarmos de realizar uma tarefa que, como sabemos, nos foi solenemente confiada ao determinar nossa missão como pais antes de chegarmos a essa encarnação. Lembremos que é um importante dever nosso colocar em prática o que sabemos em teoria ou o que aprendemos através dos simples

ensinamentos de nossos guias espirituais. E nenhuma tarefa é mais nobre e elevada do que começar a propaganda e a iniciação do Espiritismo em nossa própria família.

Não é necessário, então, que nos tornemos acadêmicos ou pedagogos. Basta dedicar nossos momentos de liberdade, em que brincamos com nossos filhos e desfrutamos de suas primeiras graças, à observação atenta de todas as suas modalidades, desde que começam a imitar nossos primeiros gestos e a balbuciar as primeiras palavras.

Não vemos, talvez, como os brinquedos, objetos e ornamentos próximos, os vestidos, cores e até mesmo sons e perfumes exercem uma influência secreta neles, às vezes tão poderosa para a formação de seus gostos e do seu carácter, que chega a perdurar pelo resto da vida do indivíduo? Que origem, se não esta, têm as primeiras associações de ideias que bolem na imaginação da criança? Não é daqui que nascem essas inexplicáveis "inspirações" que às vezes os levam a realizar atos, que enchem os seus próprios pais e também os estranhos, de admiração?

Será que são verdadeiras as afirmações das escolas psicanalíticas, quando remontam o estudo de nossas deficiências mentais e morais ou dos chamados "complexos", aos primeiros anos da infância, àqueles desejos reprimidos, àqueles impulsos malogrados ou àquelas vozes abafadas da nossa infância, que irão gradualmente formando o sedimento do nosso subconsciente...?

A verdade inegável é que os pais espíritas podem e devem contribuir para a formação de uma geração futura tão robusta no corpo quanto saudável na alma e aprimorada na inteligência. Devemos estudar, nesse sentido, os atos mais simples de nossos filhos, e analisar as complacências, aparentemente inocentes, que temos com eles, e iremos nos convencer do quanto estamos errados em nossos julgamentos, em relação aos nossos métodos educacionais. Veremos a necessidade de ir contra o hábito de colocar em suas mãos brinquedos e instrumentos perniciosos para sua edificação sentimental. E em vez de comprar espadas, espingardas ou flechas para com elas martirizarem ou tirarem a vida de pequenos animais, ou para se acostumarem com o jogo da guerra, devemos colocar em suas mãos cores e pinceis, câmeras fotográficas, dispositivos mecânicos ou

elétricos inofensivas ou, simplesmente, ferramentas de trabalho que despertem suas iniciativas, estimulem suas faculdades inventivas e, acima de tudo, que revelem pouco a pouco suas habilidades e tendências, dados preciosos que nos servirão para educá-los e encaminhá-los corretamente em sua vida futura.

Acostumando-os a ver os aspectos bons e ruins das coisas através de simples comparações, iremos incliná-los ao bem e à beleza e, acima de tudo, nós mesmos devemos dar-lhes exemplos, para que eles percebam que nossas ações nunca contradizem nossas palavras, porque as crianças possuem uma sagacidade maravilhosa para saber como descobrir a falta de sinceridade nos mais velhos e saber se seus pais realmente acreditam de verdade em tudo o que ensinam. E este sistema prático de ensino também tem a vantagem de os pais se educarem a si mesmos enquanto educam seus filhos, porque eles são forçados a corrigir seus próprios defeitos, a fim de terem condições adequadas para ensinar pelo exemplo.

Tendo em vista, então, o que venho expondo, peço a este respeitável Congresso, em nome da Instituição que eu represento, que leve em consideração este Relatório e, se for de sua aprovação, recomendá-lo a todas as outras instituições irmãs afiliadas a esta benemérita Federação Internacional, para que possam estudá-la e, se necessário, modificá-la segundo seus pontos de vista particulares, seus estatutos sociais ou suas necessidades nacionais. E, para esse propósito, vou resumir minhas modestas recomendações na forma de um estudo, que servirá de base para outros programas educacionais, tanto para pais quanto para grupos e federações espíritas que desejem considerá-las, a saber:

1º. O prazer e a dor na criança, os dois fatos mais familiares de sua vida mental e os que mais contribuem para o conhecimento de si mesmos. Dados preciosos para um plano educacional.

2º. Inclinações e tendências. Uma vez conhecidas e estudadas, elas oferecem um campo fértil para semear a boa semente.

3º. O medo. Descobrimo suas origens e seus efeitos, poderemos usar um método psicológico adequado para ir eliminando suas causas e mitigando seus efeitos. O medo tem causado mais destruição na Humanidade do que as armas de fogo.

4º. A raiva Suas formas e modalidades diversas; suas causas e seus efeitos sobre o sistema nervoso, o caráter, o desenvolvimento da inteligência e dos sentimentos. Observação constante e perseverança no sistema educacional. Aqui estão duas alavancas poderosas para transformar esses atavismos.

5º. A curiosidade. As razões que a provocam e os efeitos que derivam dela. Uma faculdade que, bem estudada e dirigida, se torna muito importante no desenvolvimento da inteligência e dos sentimentos da criança.

6º. Amor pela independência. O desejo de liberdade na criança pode muitas vezes servir para levá-la a realizar grandes coisas. Devemos nos abster de reprimi-lo com medidas de severidade. Apenas uma tática prudente seria capaz de levá-la felizmente para a liberdade moral e mental exigida pelos tempos modernos.

7º. Instinto de propriedade. Quase sempre é acompanhado por atos de egoísmo. Aqui também deve existir uma tática prudente. Nem repressão nem tolerância excessiva. Aqui os exemplos de generosidade e altruísmo nos pais influenciam poderosamente.

8º. Amor próprio. Às vezes o amor próprio é misturado com dignidade pessoal, vaidade e orgulho, sentimentos que devem ser estudados por separado, para serem modificados ou canalizados adequadamente.

9º. Cultivo da amizade. Provocando sempre que houver oportunidade, as correntes de simpatia com outras crianças, seja por meio do jogo, seja em virtude de suas relações mútuas; estimulando a tolerância em seus desacordos e benevolência quando ocupam uma posição vantajosa sobre os outros, um sucesso lisonjeiro na educação moral da criança pode ser alcançado.

10º. Piedade para os animais, amor pelas plantas. Dois objetivos fáceis de alcançar se a tarefa for iniciada muito cedo na vida da criança. Nada melhor que o exemplo dos mais velhos. Daí deriva o sentimento de respeito e o desejo de cooperação com a tarefa divina.

11º e principal. Fundação de escolas ou liceus espíritas, em centros e em grupos familiares. Seu principal objetivo é colaborar com os pais para educação de seu caráter e conhecimento dos princípios elementares da

doutrina espírita.

É essencial a colaboração dos pais com os professores, para informá-los sobre o caráter, tendências e qualidades de seus filhos, a fim de alcançar entre ambos a verdadeira orientação moral deles. E também aqui podem, aqueles pais que não possuem uma educação intelectual completa, consultar frequentemente com os professores de seus filhos sobre os métodos que devem seguir em cada caso para o melhor desenvolvimento de suas crianças.

É conveniente estas escolas ou liceus espíritas dirigirem seus trabalhos, principalmente a uma iniciação prática das crianças nos princípios do Espiritismo, do que a uma educação teórica e preceptiva, que, além de cansativa sobrecarregaria as suas mentes com estudos adicionais àqueles que são ensinados nas escolas oficiais. Assim, por exemplo, o sentimento de fraternidade e o desejo de cooperação poderiam ser ensinados na prática, estabelecendo comitês de crianças, organizados por elas mesmas, a fim de se ajudarem mutuamente, visitando os mais atrasados e realizando atos simples de esparecimento, onde reinasse uma franca alegria e um desejo saudável de se divertir, atos que lhes dariam novos estímulos para frequentar sua escola e entusiasmo nunca decaído para trabalhar com tenacidade dentro dela.

Aqui está, em nossa humilde opinião, a base fundamental sobre a qual o Espiritismo seria estabelecido, fortemente enraizado na consciência da geração que surge agora para a vida em uma era de transições profundas como esta.

Fraternamente,
SALVADOR MOLINA,

(Delegado da «Spanish-American Spiritualist Association of New York, Inc.» de Nova York, Estados Unidos da América.)

Setembro de 1934.

O Espiritismo em relação com a criança, por Alfred Kitson, da União de Liceus Espíritas Britânicos

Senhor Presidente. Senhoras e senhores, que de muitos países se reuniram aqui para assistir a este histórico Congresso Espírita Internacional: A todos uma saudação fraterna da "União de Liceus Espíritas Britânicos", reunida na sua VI Conferência Anual realizada em Liverpool nos dias 19 e 20 de maio de 1934.

Estas Conferências anuais foram apropriadamente designadas como "Parlamento das Crianças", uma vez que nelas são consideradas plenamente a formação intelectual, moral e espiritual da criança e são considerados e decididos os meios e sistemas de aplicação dos fatos, ensinamentos e religião do Espiritismo.

Fui honrado com a representação da mencionada União neste Congresso histórico, e fui encarregado de pedir que vocês dessem sua atenção favorável ao Espiritismo em relação à criança.

Talvez todos os reunidos aqui tenham estudado este assunto, mas podem não ter chegado a uma decisão satisfatória.

Aqueles que estão interessados principalmente nos aspectos fenomênicos do Espiritismo podem estar inclinados a acreditar que o Espiritismo é inadequado para a mente ou mentalidade da criança. Eu quero mostrar a essas pessoas que por trás dos fenômenos há uma filosofia, e por trás da filosofia existe uma religião. Portanto, uma vez estabelecido o fato da continuidade da consciência, a existência pessoal separada e independente do corpo físico, e a possibilidade de estabelecer uma comunicação entre aqueles que habitam o mundo espiritual e o nosso, abre-se o caminho pelo qual podemos aprender as leis morais e éticas que operam e governam os habitantes do mundo espiritual; e a partir disso inferimos como, durante nossa vida cotidiana, podemos ordenar nosso comportamento em harmonia com as leis morais e éticas do mundo espiritual. Estas estão brevemente compendiadas naqueles que são conhecidos como princípios do Espiritismo:

1º. A paternidade de Deus.

2º. A fraternidade do homem.

3º. A imortalidade da alma e suas características pessoais.

4º. Os fatos provados da comunhão entre os espíritos humanos desencarnados e os mortais.

5º. A responsabilidade pessoal, com a compreensão e retribuição no futuro de todas as ações boas ou más feitas aqui.

6º. Uma trilha de progresso eterno está aberta para todas as almas humanas que quiserem pisá-la em harmonia com o eterno bem.

A aceitação desses princípios, que dizem respeito às relações de nossas ações diárias e comportamentos, leva à nossa felicidade, ou de outra forma, no mundo do espírito eleva a consideração do valor do Espiritismo do aspecto fenomenal ao dos aspectos moral e religioso. Os aspectos éticos, morais e religiosos do Espiritismo não são sectários, nem nacionais, mas universais. A religião do Espiritismo não conhece nenhum partidatismo teológico, seja Maometano, Cristão, Parsi, Budista ou Brahman. É igualmente indiferente às nacionalidades. Todas estão incluídas nos amplos princípios da paternidade de Deus e da fraternidade do homem. Como cada alma deve colher o que semeou, não importa sua crença religiosa ou nacionalidade, é uma lei espiritual, e é imutável e infalível em sua ação, como qualquer uma das leis conhecidas na natureza física, e pode ser facilmente ensinada e entendida por crianças de todas as nações.

O Espiritismo afirma a imortalidade da criança, e que ele tem um corpo espiritual adequado às suas necessidades. Se aprofundarmos nossas investigações no tocante ao tempo no crescimento do corpo físico da criança em que o corpo espiritual se desenvolve, aprendemos que ele começa com o período gestacional no feto humano, e fica completo no período em que o feto dá o primeiro sinal de vida. Os cientistas espíritas afirmam que, desde o incidente do primeiro sinal de vida, a criança é imortal, de modo que, se uma criança morre em sua infância, ela tem um corpo espiritual através do qual age no mundo espiritual.

Considerando que um grande número de crianças de todas as nacionalidades morre na infância, a questão do que é feito delas é pertinente e se destaca no horizonte espiritual. A resposta para isso, vem para o lado espiritual da vida, é muito importante, pois se refere ao ofício sagrado dos parentes. Interessa vivamente às afeições maternas que

continuamente anseiam por informações sobre o destino dos mortos amados da família.

Novamente, o testemunho de espíritos que alcançaram um alto grau de espiritualidade, é que todos esses pequenos se tornam habitantes daquela porção do mundo espiritual que é geralmente conhecida como a "Terra de Verão" ("Summerland" no original inglês) Lá, crianças de todas as nacionalidades, de todas as classes sociais, são recebidas sem distinção, por bondosos espíritos maternais e paternais que estão muito bem preparados para cuidar deles e ensinar e educar em tudo que é essencial para prepará-los para seu glorioso futuro no mundo espiritual.

O processo de seu crescimento na Terra de Verão é tão natural quanto teria sido se tivessem permanecido na Terra, de modo que finalmente alcançam a estatura plena de homens e mulheres de aparência angélica.

O conhecido médico Andrew Jackson Davis, da América, foi o primeiro físico que chamou a atenção dos espíritas sobre esta seção do mundo espiritual e sobre o método adotado pelos espíritos mestres para treinar e educar o espírito infantil sob seus cuidados. Ficou tão favoravelmente impressionado com a naturalidade e a beleza daquilo, que inaugurou um sistema de Escola Dominical para instrução e treinamento de acordo com o plano que havia visto no mundo espiritual. Ele fez isso em 25 de janeiro de 1863 e deu-lhe o título de Liceu Progressivo das Crianças.

O sistema do Liceu do Dr. Davis foi adotado pelas Sociedades Espíritas Britânicas, e algumas nas colônias britânicas, pelo número das quais se engajaram membros da União dos Liceus de Espiritualistas Britânicos.

Os objetivos dos ensinamentos do Liceu são: "Promover o progresso físico e social, bem como o desenvolvimento intelectual, moral e espiritual de seus membros, e transmitir conhecimento dos fatos relativos à nossa natureza pessoal imortal, a comunhão dos espíritos, a naturalidade da mediunidade; e uma religião livre de credos; e ajudar a determinar um padrão mais elevado da vida diária, no qual os ideais da vida espiritual possam ser vividos melhor do que é possível na atualidade. "

Como pode ser visto, o termo "Liceu" defende um sistema de treinamento e educação superior ao de uma Escola Dominical comum. É de suma importância que a criança seja ensinada que a comunhão dos

espíritos é um fato, e também que lhe sejam ensinados os Princípios do Espiritismo. A mente da criança é confiante, tem confiança e fé na veracidade de seus pais e professores e, como regra, recebe suas declarações com fé completa. Essa característica da natureza da criança induziu o filósofo e o psicólogo a comparar sua mente à cera mole, pela sua receptividade às impressões, e ao duro mármore em retê-las.

É por isso que a mente é inclinada a ser conservadora e muito pouco disposta a mudar suas primeiras impressões. Disto surge a oposição mostrada a todas as revelações e descobertas que dão às primeiras impressões uma brusca sacudida, e assim as "autoridades" de antigas crenças e tradições surgiram em uma violenta oposição que produziu o martirólogo dos reformistas. A oposição mais dura é sempre oferecida por reformas que afetam as convicções religiosas. A narração das perseguições e sofrimentos suportados pelos iniciadores do Espiritismo, e a dos reformadores do mundo em geral, destacam-se como um testemunho eficaz desse fato. Quantas vezes encontramos uma demonstração desse conservadorismo religioso manifestado naqueles que são detratores do Espiritismo, cujas mentes infantis foram imprimidas com antigas doutrinas teológicas?

Estes, embora admitam a realidade da comunhão dos espíritos, tendem a olhar todas as comunicações de espíritos que não são sustentadas por seus ensinamentos religiosos como provenientes de "espíritos falsos", e que o Espiritismo é uma armadilha e invenção do demônio, pai da falsidade e, portanto, se recusam a fazer qualquer coisa com essas "coisas obscuras", como costumam dizer.

A lamentabilidade de sua oposição e condição mental é mais pronunciada quando é evidente que muitos deles têm faculdades psíquicas que, pela sua primeira educação, foram desencorajados a usá-las. A declaração de São Paulo: "Agora, no tocante aos dons espirituais, irmãos, não irei manter vocês na ignorância", é tão aplicável hoje como era na época de S. Paulo. O preconceito, engendrado pelos primeiros ensinamentos errôneos, é a causa para eles permanecerem ignorantes de seus gloriosos dons espirituais, que são a porta de entrada para grandes e gloriosas possibilidades e bênçãos.

Essa suscetibilidade da mente da criança para reter as primeiras impressões, e a persistência de sua influência durante o resto de sua vida, deve despertar nos espíritas o sentido de seu dever para o bem-estar espiritual da criança. Essa reforma que é estabelecida no coração e na mente da criança é muito paciente. Por esta razão, apelamos a esta assembleia representativa para que faça do bem-estar espiritual da criança um dos objetivos de sua Sociedade ou União. Como incentivo para isso, tenho grande prazer em oferecer, em nome da União de Liceus Espíritas Britânicos, a cada nacionalidade representada neste Congresso, um pacote de trabalhos que tratam da formação e educação da criança.

Quando o Congresso Espírita Internacional foi realizado em Londres, em 1928, em uma sessão magna do Liceu das Crianças foi exposta e demonstrada a beleza e o atrativo do método de ensino de nosso Liceu.

Em conclusão, desejo apelar a vocês para treinarem a mente da criança, de acordo com a grande revelação que o Espiritismo lhes trouxe, no que diz respeito à sua natureza divina e imortal, para que essa criança se torne uma bênção para seus pais, um elogio a seus professores, uma honra para seu país e, em relação à sua vida terrena, que seja bem recebida pelos anjos como digna de ser chamada de filha de Deus.

H) COMO DIVULGAR O ESPIRITISMO

Como divulgar o Espiritismo, por Quintín López Gómez

Todo empreendimento humano requer, para ser realizado com sucesso, primeiro ser bem planejado; depois, ser vitalizado com o verbo da decisão, e finalmente, ser dignificado com a exemplaridade.

Para planejar o problema «Como divulgar o Espiritismo?», devemos, antes de tudo, ficar de acordo sobre o que vamos entender por Espiritismo.

Foi dito em todos os tons que o Espiritismo é um sistema científico, filosófico e moral, que tende a conhecer todas as leis da Natureza e a determinar a missão do homem, dentro dessas leis, em seu eterno viver.

Portanto, a primeira coisa que se nos impõe é adaptar o máximo possível o Espiritismo que tentamos divulgar, às leis da Natureza.

Esse é o aspecto científico do Espiritismo.

«O espiritismo será científico, ou não será» - disse Kardec, com visão profética; e o tempo tem nos mostrado que o Espiritismo que não seguiu esse caminho, tem declinado sob o peso do ridículo a que o condenava sua credulidade tola.

É necessário, portanto, que o Espiritismo crie raízes e cresça orgulhosamente, que acima de tudo, e sobre tudo, seja científico, e que a primeira coisa que os seus divulgadores devem atender é a contrastarem com os postulados da Ciência as hipóteses que emitirem.

Ciência e Filosofia não são coisas díspares e antagônicas, mas aspectos da mesma realidade, que, indo de acordo, proporcionam uma visão e compreensão mais claras e amplas do motivo examinado, e, quando discordam, o escurecem e distorcem. Portanto, é necessário que o Espiritismo a divulgar, entrelace ambos os aspectos com o fio de Ariadna que distinguimos com o nome de Lógica.

Se Ciência e Filosofia não são díspares entre si, também não o são com a Moral; pelo contrário: esta última é o ornamento das duas primeiras. Então o Espiritismo que deve ser divulgado, deve ser o Espiritualismo Científico, Filosófico e Moral.

* * *

E o que é a Ciência Espírita, a Filosofia Espírita e a Moral Espírita? A

mesma coisa que é a Ciência, a Filosofia e a Moral em geral, mas aplicadas aos nossos postulados.

A ciência é reduzida ao cada vez mais amplo e depurado conhecimento das coisas pelas leis que as regem, do qual resulta que ela não é imutável, embora seja imperecível. Nossa Ciência, em nenhum de seus aspectos policromáticos, não é a Ciência de nossos tataravós "no presente"; mas é a mesma ciência "no virtual". Eles tiveram por ciência aquilo que conseguiram determinar com sua observação e os meios à sua disposição; nós temos por Ciência o que conseguimos entender com a nossa observação e os meios à nossa disposição. A fonte é a mesma, e os mesmos teriam sido os resultados se não tivéssemos mudado, melhorando-os, os meios de observação. Mas nem a nossa Ciência é toda a Ciência nem está isenta de nebulosidades e, conseqüentemente, nem nossa verdade é toda a Verdade nem está isenta de erros; do que se segue que a nossa Ciência - falamos agora da Ciência Espírita - apoiada pelos postulados da Ciência Geral, não pode nem deve dizer: «esta é a verdade», mas pode e deve dizer: «esta é a verdade do presente ».

Da mesma forma, deve se comportar em relação à Filosofia. Esta, como é sabido, é nutrida pela observação quintessenciada. Newton deduziu a lei da gravidade a partir da queda de uma maçã. Para milhares de milhares de pessoas, o fenômeno não teria sido de nenhuma importância; para o gênio reflexivo de Newton, teve a de fazê-lo meditar sobre por que todos os corpos caem verticalmente em direção ao centro da Terra. O filósofo, então, é aquele que, da coisa mais trivial na aparência, sabe extrair o suco, e por uma série de verdades concatenadas, induz ou deduz uma lei nelas comum, que em muitas ocasiões não está contrastada pela experiência, mas sim com a lógica, que é a verdade de ordem moral ou metafísica, tanto ou mais positiva do que aquilo que é visto e tocado.

Na Moral, finalmente, é preciso também apreciar com preferência o fundo mais do que a forma e, acima de tudo, devemos desenvolver suas vieiras. Estas são fornecidas pelas emotividades, que, por sua vez, têm mistura de sensações. Ensinar a distinguir as sensações, é ensinar a polir as emotividades e engendrar uma consciência reta, justa, equânime. Não é o medo que torna o homem bom, reto e íntegro: é a persuasão que ele atinge

de que isso é o que deve ser feito, a fim de se aprumar com a Lei.

* * *

Portanto, a Ciência Espírita é feita, e a Ciência Espírita é divulgada, desenvolvendo e refinando a sensibilidade, retificando e sublimando as emoções e fazendo exercícios de lógica, que nos proporcionam os conhecimentos, tanto físicos, como metafísicos e morais.

Quais meios são melhores para esse trabalho? Não há outro mais adequado que o estudo; isto é: observação, análise e indução e dedução filosófica. Ginástica físico-psíquica, muita ginástica físico-psíquica! Física, para nos manter com uma mente saudável em um corpo saudável; psíquica, para poder saltar do conhecido para o desconhecido com auxílio do trampolim da lógica.

Não nos esqueçamos de que, seja qual for o tópico que abordarmos, se o abordarmos bem, estará em perfeito acordo com o nosso Credo!

* * *

Procedimentos? Todos eles são bons, são todos úteis, desde que sejam adaptados às circunstâncias de lugar e meio.

A conversa em família, o discurso, o panfleto, o jornal, o livro, o rádio... e acima de tudo e sobre tudo, o exemplo pessoal.

Porque nós invocamos Ciência, Filosofia e Moral, em nossas palavras e em nossas ações, devemos refletir que elas são vestimentas de nosso uso. Porque nós invocamos o exame livre, não temos o direito de ser intransigentes ou dogmáticos. Porque aceitamos a evolução, devemos esperar sem pressa pela germinação, desenvolvimento e frutificação da semente que espalhamos à mão cheia.

Organização? A mais apropriada em cada caso; mas sempre com o objetivo de irradiar nossas aspirações para um maior desenvolvimento intelectual e moral, sem o tríplice mofo do fanatismo, o pedantismo e o lucro pessoal.

Alguns meios de propaganda espírita, por M. Henri Regnault, presidente fundador de "Falange", vice-presidente da "Sociedade Francesa de Estudos

dos Fenômenos Psíquicos", membro do comitê da "União Espírita Francesa".

É inútil desenvolver aqui as graves razões que devem obrigar todos os espíritas a intensificar a propaganda de nossa ciência. Será suficiente lembrar que hoje, mais do que nunca, os homens, em todos os climas, parecem ser governados por líderes que estão mais interessados em buscar seu bem-estar pessoal do que em espalhar a felicidade entre o maior número possível de seres humanos.

Ainda mais do que em 1920, eu acredito que somente o Espiritismo é capaz de renovar o mundo. Mas, para obter esse resultado, é essencial propagá-lo ao máximo possível, sempre tendo em mente a base necessária, que deve ser a maior tolerância para as ideias dos outros.

Não há necessidade de demonstrar os danos do materialismo, e até nossos adversários reconhecem que a humanidade está sofrendo uma crise moral. Vou me contentar em citar algumas linhas de um artigo de Clemente Vautel, publicado no "Journal" de 30 de agosto de 1933:

"Já é ter muito, como apoio, uma esperança ardente... A juventude é consolada de tudo quando caminha ou acredita estar caminhando para um grande objetivo: tudo que em nome de um ideal representa ou parece ser ação, a seduz, a arrasta, a faz esquecer as pequenas coisas, as preocupações, os males do tempo presente... Estará disponível para aqueles que lhe oferecerem um ideal verdadeiramente vivo; os jovens ficam entediados quando não têm alguma coisa para se apaixonarem".

As religiões ainda têm muitos seguidores, e eu sou uma das pessoas que se alegram com a importância de sua força moral, porque o espiritualismo é a única barreira que pode ser oposta ao materialismo, causa real da desordem atual. Em qualquer caso, aqueles que seguem os ofícios, aqueles que continuam a sustentar as religiões com suas doações, não são todos realmente sinceros. Muitos deles não admitem mais, na realidade, os dogmas e os mistérios, e seguem as regras religiosas simplesmente por hábito. Na falta de provas realmente compatíveis com a razão humana, todos eles são capazes de abandonar sua religião no momento em que enfrentarem uma provação terrível. Eles podem encontrar em nossa

ciência um consolo total e verdadeiro.

No espiritismo não há religião, nem dogmas, nem sacerdotes. Nela se aprende, graças à experiência, a realidade dos fatos, e acaba-se absolutamente convencido dessa realidade, sem ser forçado em momento algum a fazer uma profissão de fé prévia.

O Espiritismo fez grandes progressos e, hoje, nossos adversários viram-se forçados a reconhecer a realidade dos fatos. Basta mencionar, como exemplo, o Padre Mainage e o Pastor Nussbaum. No entanto, eles não aceitam a explicação espírita, e não negligenciam, no curso de numerosas controvérsias públicas, a dissecação de certos fatos que tentam explicá-los de outras formas sem ser com a intervenção de um desencarnado. Em todos os lugares, em muitas cidades da França e no exterior, realizei conferências de controvérsia e encontrei-me com oradores habilidosos; mas nenhum deles jamais conseguiu explicar o caso clássico de Sven Stromberg (ver Gabriel Delanne: "As aparições materializadas dos vivos e dos mortos", Volume II, pp. 449-454). Eu desafio quem quer que seja para explicar essa manifestação de qualquer outra forma que não seja a intervenção de uma pessoa desencarnada. As provas espíritas são múltiplas e os propagandistas devem conhecê-las perfeitamente. Lembrem-se as fotografias, as impressões digitais, as assinaturas dos mortos fornecidas por médiuns de escrita analfabetos, as comunicações orais dos falecidos que falam uma língua estrangeira que o médium ignora, etc.

Ao fazer propaganda, não se deve esquecer o que se era antes de se tornar espírita. É também a melhor maneira de ser tolerante e aceitar com o sorriso nos lábios, as caçoadas dos interlocutores.

Eu fui, até 1904, um católico fervoroso, pois tinha uma confiança cega nas afirmações dos padres. Eu tinha aceitado nunca tentar entender os dogmas e acreditar em milagres. Mas eu queria raciocinar, e a contradição entre a bondade infinita, a presciência de Deus e o inferno, castigo eterno, parecia tão monstruosa que, pouco a pouco, a fé me abandonou e eu me tornei um ateu. Alguns padres muito instruídos discutiram comigo, mas nenhum conseguiu me levar de volta às crenças dos meus primeiros

dezoito anos. Meu ceticismo, minhas dúvidas me deixavam ainda mais infeliz porque esta fase da minha vida coincidiu com múltiplas provações de todos os tipos.

Em 1912, quando eu era jornalista, tive a oportunidade de entrar para um meio que se dizia espírita, onde, infelizmente, tinham livre acesso os médiuns falsos, as tarotistas, os adivinhos. Por muito tempo contei entre os escarnecedores; eu era um adversário da nossa ciência, a qual não conhecia e que ninguém me encorajara a estudar lendo autores sérios. Felizmente, em 1915, o almirante d'Abonur obrigou-me a ler "O porquê da vida", de Leon Denis, que me mostrou a seriedade do Espiritismo. Comecei então o estudo das obras de Allan Kardec, de Gabriel Delanne. Pude participar de experimentos sérios, aprendi a fazê-los sozinho e me tornei um espírita militante; tendo encontrado a verdadeira felicidade e consolos imprevistos, compreendi que era meu dever dar aos outros as mesmas possibilidades de alegria terrena.

A partir do momento em que comecei a propaganda, seja através de palestras públicas, de minhas próprias obras ou em conversas particulares, tenho orgulho de dizer que sempre defendi exatamente as mesmas teses e não me desviei nem um pouco da base sólida do espiritismo kardeciano. Eu gostaria que todos os congressistas aproveitassem a minha já longa experiência como propagandista.

No congresso de Londres, em 1928, já indiquei como o Espiritismo pode ser difundido pela palavra, por escrito ou por gestos. Repito agora; não é necessário ser um orador para falar sobre espiritismo para nossos relacionamentos e amigos. Tampouco precisa ser escritor e publicar livros ou romances nos quais, como em "Chantagem Sentimental", a intriga alia-se ao Espiritismo.

Pode-se, em cartas amigáveis, falar sobre o Espiritismo. Pode-se também escrever aos detratores do Espiritismo para mostrar-lhes seu erro. O Espiritismo pode ser propagado emprestando aos amigos e conhecidos as obras dos melhores autores. Pode-se afixar nas paredes da cidade ou da aldeia onde se mora, cartazes de propaganda e é igualmente fácil colocar nas caixas de correio particulares folhetos parecidos com o publicado pela

"União Espírita Francesa" com o título de "Espiritismo e os Sábios". » Da mesma forma, revistas espíritas bem feitas podem ser distribuídas.

E aqueles que não tiverem objeção a isso, também podem distribuir, de mão em mão, nas ruas, panfletos de propaganda, especialmente em torno de cemitérios em feriados ou aos domingos.

Na propaganda através de conversas particulares, é necessário nunca perder o sangue frio, ter a coragem das próprias opiniões, mostrar o lado moral do Espiritismo e indicar que é necessário não se deter apenas em sua experimentação.

É também uma propaganda magnífica, a luta "cortês" contra aqueles que, para atrair o público, anunciam o espiritismo ali onde ele não existe. Será suficiente citar, por exemplo, uma enumeração que, claro, é ou pode ser ilimitada:

1º. As tarotistas e aquelas que se dizem médiuns que, em propagandas ou panfletos distribuídos ou por cartazes, criam confusão entre o charlatanismo e o espiritismo;

2º. Os espetáculos de simples prestidigitação, batizados de «manifestações dos espíritos», para atrair o povo;

3º. Os adversários declarados do Espiritismo como o prestidigitador Dikson e o falso Kardec.

A luta cortês que aconselho pode ser feita através de cartas dirigidas aos adivinhos, etc., indicando que podem ganhar o mesmo dinheiro sem enganar o público com simulações de Espiritismo.

Quanto aos espetáculos, também pode ser escrita uma carta ao artista e ao diretor, pedindo que retirem dos cartazes os termos espíritas, bem como nos programas, aconselhando-os a não ridicularizar o Espiritismo sabendo distinguir entre a trapaça e a realidade espírita.

Eu tenho feito isso, com resultados muito bons, em várias circunstâncias e, sobretudo, em 1922, com o prestidigitador Dagorno, em 1933 com Duwill e com os empresários do "Circo Náutico Palmarium", que anunciavam "mesas que dançam e manifestações espíritas, apresentadas pelo professor espírita Roberty», quando, na verdade, eram apenas truques de prestidigitação, simplesmente. Por outro lado, é conveniente que à carta

siga-se uma visita pessoal, antes das representações; uma conversa fraterna demonstrará ao artista a má ação que ele comete, sem ter, na maioria das vezes,, consciência disso.

Estes protestos por carta ou por visitas devem ser seguidos, se possível, por uma distribuição de folhetos na entrada ou saída do espetáculo. Se necessário, devemos também intervir durante a representação para chamar a atenção do público e não confundir o Espiritismo com o que está sendo exibido.

Se você não é orador, pode preparar algumas anotações para lê-las em tempo hábil.

Se eu não tivesse limitado o espaço disponível para mim, teria dado aqui uma carta modelo e um modelo de intervenção; aqueles que desejarem, podem me escrever no endereço da minha casa, 12, rue de Pomard, Paris (XII), e terei prazer em lhes enviar estes modelos gratuitamente.

Na minha opinião, a condição necessária para fazer propaganda é que é preciso ser completamente desinteressado.

Qualquer que seja sua capacidade ou inteligência, todos os seres humanos têm a possibilidade de ganhar dinheiro de outro modo que não seja com a propaganda espírita. É claro que o escritor pode receber os direitos que lhe correspondem e orador suas recompensas, mas isso não seria suficiente para poder viver, e uma das melhores provas que podem ser dadas de sinceridade é um total desinteresse. Da experiência posso afirmar que este é um dos fatores de sucesso em todos os públicos.

Outro meio de propaganda que eu chamaria de propaganda por atos é sempre agir na vida de acordo com os ensinamentos espíritas e tornar-se, na medida do possível, um exemplo para os outros.

Também é conveniente pensar em fazer um testamento, exigindo um enterro espírita e um comunicado de óbito sem a borda de luto, comunicado que ao mesmo tempo seja uma espécie de lembrete dos princípios espíritas. Isso permitirá propaganda mesmo alguns dias após a nossa morte.

Também é bom não vestir luto quando é sofrida a perda de um ente querido, o qual permite indicar as nossas convicções espíritas a todos

aqueles que ficarem surpresos.

Tais são, rapidamente expostos, os principais meios que todos os espíritas têm ao alcance para divulgar a nossa ciência.

Agindo assim, ajudaremos a Humanidade a avançar em direção à paz, à fraternidade e à felicidade terrena.

Como deve ser orientada a propaganda espírita, Memória da Sociedade "Constancia", de Buenos Aires (República Argentina)

Senhor Presidente. Senhores delegados: Todos aqueles que acreditam ter chegado a uma nova verdade, cujo conhecimento e difusão possam ser úteis para a Humanidade, têm um dever ineludível de propagá-la, sustentá-la e defendê-la, a fim de cumprir a lei da solidariedade, pedra angular da civilização, do progresso e da felicidade, no "quantum" que está disponível neste pequeno canto do Universo que é a Terra.

Nós, espíritas, estamos convencidos de que, com o advento da nossa doutrina filosófica e moral, apoiada em um fenomenismo que é de caráter experimental e científico, novos horizontes para os habitantes de nosso planeta foram abertos; novos conhecimentos foram adquiridos, destinados a irradiar muita luz sobre o mistério da vida, da morte e do nosso destino; leis inimagináveis que regem o universo físico e espiritual foram descobertas, de cujo estudo e observância dependerá a expansão cada vez maior do campo do nosso cognoscível, para nos fazermos melhores, para ser, assim, mais felizes, a humanidade se abraçando em um só feixe solidário e fraternal, visto termos em comum a origem, o caminho a seguir e a meta para a qual nos dirigimos: a nós, espíritas - dizemos - incumbe primordialmente o dever de que nossa doutrina seja conhecida e compreendida por todos os outros homens, através de sua difusão entre todos os povos, sem distinção de raças e credos.

É por isso que o problema da propaganda ideológica deve nos merecer o "sumum" de atenção possível, trabalhando duro para resolvê-lo da maneira mais conveniente e eficaz.

Ao esforço que, nesse sentido, todas as sociedades espíritas do mundo estão fazendo, trazendo para este grande Congresso a contribuição de suas ideias, a riqueza de seus conhecimentos, a sugestão de suas iniciativas, a

sociedade "Constância" acredita um dever unir os seus, habilitada para tanto pelo fato de ser o grupo espírita mais antigo da América do Sul, que há 57 anos luta com toda a tenacidade pela divulgação de nossa doutrina, neste país e nos países limítrofes, chegando com a escrita onde não conseguiu chegar com a palavra.

Tendo aprendido através de uma experiência tão longa, daremos a conhecer nossas ideias e apresentaremos nosso ponto de vista, para que o honorável Congresso os leve em consideração, e se algum proveito puder ser derivado deles em benefício do Espiritismo, ficaremos profundamente satisfeitos, com essa satisfação íntima que somente pode ser fruto do dever nobremente, abnegadamente cumprido.

Nosso resumo será breve e conciso; preferimos a síntese, para que os senhores delegados possam analisar à vontade os pontos e as considerações submetidas ao seu julgamento, sem cansá-los antes, de forma imprudente e inoportuna, o que supomos indispensavelmente breve e medido; e também porque acreditamos que as ideias e não as palavras, o espírito e não a letra, é que devem ser proveitosos.

Para simplificar ainda mais a compreensão e estudo deste nosso trabalho, dividimos a exposição em duas partes, as quais intitulamos: 1. «Fatores ou agentes da propaganda espírita». 2º "Orientação e métodos de propaganda".

Fatores ou agentes da propaganda

A propaganda ideológica pode e deve ser realizada individual e coletivamente; vale dizer que cada adepto per se, e cada grupo de seguidores, podem ser expoentes da doutrina espírita, e se tornarem agentes ou fatores de propaganda dos seus ensinamentos.

É imprescindível que, em qualquer um dos dois casos, as seguintes regras gerais sejam levadas em conta:

1º. Partindo do princípio de que não é possível defender uma causa ou sustentar o valor de uma doutrina, sem se conhecer a fundo a sua essência e sem estar plenamente compenetrado das vantagens de todos os tipos que ela representa, infere-se que uma das condições primordiais para a propagação eficiente do Espiritismo é "conhecer o Espiritismo" em seus

três aspectos, isto é: como ciência de observação e experimentação, como filosofia e como moral.

Conhecer o Espiritismo em seus três aspectos indicados não é ser apenas um simples crente na realidade de sua fenomenologia, na profundidade de seus postulados filosóficos, na incomparabilidade de seus ensinamentos morais, mas - e principalmente - em ter "compreendido" (na medida do possível) seus fenômenos; ter "aprofundado em sua filosofia, através de estudo comparativo e analítico com as outras; ter "assimilado" sua moral não apenas idealmente, mas também - e acima de tudo - praticamente. Vale dizer que, em nossa opinião, o espírita mais apto a realizar propaganda eficaz é aquele que compreendeu o fenômeno, porque ele o observou e experimentou; aquele que estudou profundamente sua filosofia e demonstra, com o exemplo de sua vida, ter sido imbuído da necessidade imperativa de pôr sua moral em prática.

Será objetado - provavelmente - que exigimos do espírita a perfeição, que não é acessível para ninguém - talvez - e talvez apenas relativamente; mas não é isso. Como a perfeição não é possível, entendemos que aqueles que devem se dedicar à difusão do Espiritismo devem se aproximar das condições expostas tanto quanto possível. Caso contrário, é preferível abster-se, porque o bem que se pretende executar corre o risco de se tornar um mal, às vezes irreparável. Longe de conseguir adeptos, poderia afugentar um simpatizante, encontrar zombaria e ridicularização, onde se acreditava despertar um interesse, e se encontrar diante de uma réplica habilmente feita, sem saber o que responder, com o conseqüente descrédito para o ideal.

2º. Aqueles que se dedicarem à propaganda do Espiritismo (indivíduos ou grupos) devem estar animados de um espírito conciliador em relação aos opositores ou contendores, e levando em conta que a mentalidade moderna foge ao absolutismo e ao fanatismo, abomina a rotina, está cansada de falatórios e grafomanias e não está disposta a acreditar porque sim, cegamente, nem tolera a imposição de ideias ou teorias - por mais bonitas que sejam - que não estejam solidamente fundamentadas e comprovadas.

Não esqueçamos que o atual descrédito de todas as religiões

predominantes é causado pela ignorância, pelo fanatismo e pelo espírito rotineiro e sectário de seus representantes, relutantes - em sua grande maioria - às exigências dos novos tempos, encerrados no estreito círculo de suas concepções teológicas, no absolutismo de seus dogmas e na chocante ostentação de seus ritos. É necessário adaptar-se ao tempo em que vivemos. Não é necessário ser um fanático para ser um convencido, nem para que a nossa palavra possua a força convincente e o calor que inflamam o espírito de um apóstolo.

3º. A ação propagandista deve ter como objetivo principal, não tanto o número de novos adeptos que podem ser conquistados, mas a qualidade e as condições intelectuais e morais dos mesmos.

Não entendemos, com isso, significar que deveria existir uma seleção de prosélitos, porque isso significaria nos sentirmos animados por um espírito de egoísmo disfarçado, que não leva à nossa modalidade espiritual, muito menos aos princípios altamente humanitários que sustentamos; mas acreditamos ser indispensável que nossa pregação seja dirigida ao coração, sem perder de vista a inteligência. Não é suficiente inculcar a fé, mas infundir convicção e compreensão. Há um número enorme e incalculável de católicos ou pertencentes a outros credos religiosos, que acreditam - ou dizem acreditar - na existência da alma e na sua sobrevivência, sem terem, por isso, mudado seu comportamento ou ajustado suas vidas aos preceitos pregados por Cristo. Se o Espiritismo não vai modificar essencialmente, radicalmente a Humanidade, dirigindo-a pelos novos caminhos de progresso que ele veio nos mostrar, ele não tem nenhum objetivo prático na Terra. Não deve ser uma crença a mais; é necessário que seja a "compreensão", de modo que a partir desse entendimento uma vida venha a florescer, um sistema de vida completamente novo. Se metade da raça humana fosse espírita superficialmente, com uma crença vaga em seu fenomenalismo, com a incompreensão de seu significado, ou com a tendência de distorcer suas próprias manifestações em direção a fins que não consultam o bem-estar coletivo, e sim conveniências particulares ou interesses puramente utilitaristas, nada ou muito pouco teria sido alcançado, já que a outra metade permaneceria indefinidamente longe de nós; e nosso lema, ao contrário, deve ser: o Espiritismo para "toda" a

Humanidade. Esclarecendo ainda mais este conceito, estamos convencidos de que dez, ou mil novos maus adeptos afastarão de nossa doutrina o mesmo número de seres multiplicado por dez; e, inversamente, um número dez vezes menor de prosélitos que "entenderam" tornar-se-ão espontaneamente outros agentes ou fatores efetivos de propaganda, cuja esfera de ação será de volume incalculável.

Daí a suprema necessidade de nós não apenas fazermos "acreditar", mas - e primordialmente - fazermos "entender".

Expostos, em uma linha geral, as condições que acreditamos serem essenciais para os agentes ou fatores de propaganda, individuais e coletivos, completaremos nossos pontos de vista, sintetizando a ação deles da seguinte forma:

1º. O "fator individual" pode e deve exercer sua propaganda:

a) "Em seu próprio lar", através de uma vida exemplar, diligência, honestidade, amor ao estudo, fomentando entre os membros de sua família o conhecimento dos princípios básicos da doutrina, despertando em seus filhos o sentimento de justiça, o amor por todos os semelhantes, educando-os de forma saudável e preparando-os de maneira metódica para uma compreensão futura dos fenômenos supranormais, o significado que eles têm e as deduções da ordem filosófica e moral que deles derivam.

b) "Em seu ambiente", sabendo aproveitar, prudentemente, as oportunidades ou momentos favoráveis para deixar cair a boa semente em terras que considera férteis ou adequadas, mantendo com firmeza e sinceridade suas próprias convicções, mas sem se mostrar fanático, crédulo, intolerante ou absolutista.

2º. Fator coletivo.

Grupos, centros ou sociedades espíritas são os fatores ou agentes coletivos de propaganda do Espiritismo. Se todos os seus componentes cumprissem as condições especificadas no parágrafo anterior, teríamos entidades compactas e homogêneas, idealmente qualificadas para uma propaganda em grande escala. Mas, como é possível reivindicá-lo desde o início, acreditamos que um dos propósitos com os quais os centros de experimentação e estudo do Espiritismo deveriam ser constituídos é o de plasmar indivíduos que chegassem a possuir essas condições.

A propaganda bem entendida deve começar "em casa", porque não é possível lançar-nos a catequizar profanos, sem que os nossos sejam anteriormente catequizados. Portanto, o centro espírita deve ser uma cátedra, um lugar de estudo coletivo, onde se busque o aprimoramento intelectual e moral de cada um de seus componentes, fomentando neles o espírito de observação, análise e compreensão. Coletivamente, pontos doutrinários devem ser discutidos, preparando-se para responder a possíveis objeções ou hipóteses contrárias, esclarecendo dúvidas, aprofundando conceitos; tornando, em uma palavra, assimiláveis para as massas os princípios filosóficos e morais da doutrina, e dando-lhes a explicação racional de seu fenomenismo.

3º. "Orientação e métodos da propaganda"

Treinados, os indivíduos e os grupos espíritas, da maneira que expusemos, cabe a estes últimos realizar uma propaganda metódica, constante e racional do Espiritismo.

Aqui estão algumas sugestões que - é claro - podem variar de acordo com a idiosincrasia de cada cidade e as modalidades dos diferentes países nos quais os centros estão localizados:

a) Convites, discretos e prudentes, a pessoas de alto nível ou figuras proeminentes nas ciências, letras e jornalismo, para assistir a sessões experimentais, desde que seja possível contar com elementos medianímicos de reconhecida e comprovada eficiência. Se apenas sessões de mediunidade falante puderem ser oferecidas, achamos que é preferível abster-se de tais convites, a menos que essas sessões tendam a se desenvolver com características notáveis de genuinidade; caso contrário, consideramos muito mais indicadas as experiências de psicometria, as de clarividência ou outras similares, que servem para despertar o interesse pelos fenômenos sobrenaturais, mesmo que fossem simplesmente psíquicos, e gradualmente preparar as mentes para a compreensão de manifestações genuinamente espíritas.

b) Organização - preferencialmente em ciclos - de conferências públicas, selecionando cuidadosamente os palestrantes. É conveniente que eles sigam um método em suas exposições, tentando demonstrar, em primeiro lugar, a realidade do espírito, deduzindo então, com base nos fatos, a

realidade da sobrevivência e a possibilidade de comunicação entre os dois mundos. Em nossa opinião, os oradores deveriam abster-se de apresentar o Espiritismo como uma nova religião, despojando-o daquele aspecto que o torna inaceitável para muitos e insistindo, pelo contrário, nas consequências morais e sociológicas que derivam dos princípios espíritas, como fatores essenciais para alcançar uma Humanidade melhor.

É claro que nós espíritas não podemos repudiar o sentimento religioso, tanto mais porque parece inato no ser; mas é necessário separá-lo das formas e do misticismo excessivo, a fim de que a tendência de esperar tudo da Divindade, pela graça ou por concessões graciosas, desapareça entre os homens. Um ponto em que acreditamos ser necessário insistir é que as deduções que emergem do corpo doutrinário do Espiritismo tendem principalmente a despertar no homem o estudo de sua personalidade espiritual, de modo que ele aprenda a considerar-se não mais como um conglomerado de matéria organizada, mas como entidade essencialmente psíquica, imperecível, sendo, portanto, o objetivo da vida o aprimoramento e a evolução de suas faculdades anímicas.

As palestras devem ser anunciadas publicamente, através de um cartaz adequado e chamativo; e por serem eventos culturais, não devem passar despercebidos para a imprensa local.

O problema da imprensa é essencial e de grande importância. Este é um fator que, até recentemente, tem sido geralmente adverso para nós, mas que pode e deve se tornar um aliado de eficiência insuspeitada.

c) Edições selecionadas de folhetos explicativos sobre o Espiritismo, procurando, acima de tudo, explicar seus fenômenos e tornar acessível a todas as mentalidades o alcance de suas teorias filosóficas e morais.

Este ponto, que se refere à propaganda escrita do Espiritismo, é de suma importância.

Chamamos de preferência a atenção dos delegados sobre o grave dano que causa ao nosso credo a edição e circulação de tantos folhetos - e até revistas - que mais apropriadamente deveriam ser chamadas de "libelos" de difamação - ou, pelo menos, de distorção ideológica - escritos e editados por pessoas ou centros de pouca ou nenhuma preparação intelectual e doutrinária, em que se faz desempenhar ao ideal um papel que está bem

longe do verdadeiro, e que provocam a zombaria dos profanos e adversários, que nos cobrem de ridículo e destroem o pouco de bom que conseguimos construir. Estamos convencidos de que uma das causas pelas quais o Espiritismo foi mal entendido e mal julgado é precisamente aquela condenável mania grafomaníaca de nosso meio ambiente, que nem sequer pode ser justificada pela boa intenção que - queremos acreditar - encoraja seus autores.

Sem dúvida, não é possível supervisionar a ação privada de muitos que se consideram espíritas e, portanto, autorizados a escrever e publicar sobre Espiritismo; mas não faz mal que os centros fiquem vigilantes e alertas para neutralizar - na medida de suas possibilidades - os efeitos de uma suposta propaganda que infelizmente se volta contra nós.

d) Organização de concursos literários sobre temas relacionados ao Espiritismo. Como ele não é incompatível com a arte, estamos convencidos de que os temas que ele oferece podem interessar cada vez mais, ao teatro, ao cinema, à novela e outras formas de literatura.

e) Aconselhar seus membros a não repudiarem a aproximação a qualquer organização que tenha por finalidade o mutualismo, a beneficência, a solidariedade coletiva, contribuindo para a solução dos problemas sociais que afetam atualmente as massas, evitando, no entanto, o extremismo e violência. O espírita deve mostrar que ele não permanece indiferente aos problemas que dizem respeito ao meio social, onde está necessariamente desenvolvendo sua vida, e cuja solução constitui a aspiração de todos os povos, para garantir sua paz, seu maior bem-estar e banir para sempre do nosso planeta o poderoso fantasma da guerra.

f) Eventualmente, a conveniência da propaganda de rádio pode ser abordada, com a condição estrita de que seja oportuna, sintética, clara; e aquela que sirva para manter desperto no público o interesse em nossa ideologia, como fator de progresso e expoente de uma cultura superior.

Relações internacionais

a) Defendemos que o honroso Congresso, independentemente ou em conjunto com a ação da Confederação Espírita Internacional, se esforce para fornecer uma solução para a "tese reencarnacionista", dada a

disparidade de opiniões sobre o assunto, e que impedem uma pregação homogênea sobre um dos pontos mais essenciais da filosofia espírita: disparidade que não pode senão causar danos ao brilhante conjunto que forma o corpo doutrinário de nosso credo.

Sugerimos que uma comissão internacional de espíritas capacitados se encarregue da elucidação definitiva do assunto, tentando reunir todos os antecedentes da controvérsia; e ao mesmo tempo constituir uma comissão permanente para estudar os possíveis casos de verificação (mesmo que fosse só por indícios) relacionados com teoria da pluralidade de existências neste planeta. Devemos estudar os poucos casos, esporádicos, conhecidos até agora, e os que eventualmente chegassem a ocorrer.

b) A Confederação Espírita Internacional deve ser consolidada financeiramente através de uma contribuição coletiva, destinando fundos para a propaganda internacional e a organização de novos congressos.

c) Estudar a possibilidade de um intercâmbio de elementos mediúnicos internacionais, custeando as despesas das sociedades interessadas.

d) Constituição de um comitê internacional para o estudo, análise e conclusão final de tudo o que se refere aos fenômenos espíritas através da experimentação mundial, interpretação doutrinária, etc.

e) Organização de concursos internacionais de natureza artística e literária, para que as coisas do Espiritismo possam definitivamente interessar a todos os intelectuais e artistas do mundo.

SEGUNDA SEÇÃO.

Estudos experimentais. Fenômenos psíquicos. Mediunidade. Ciência.

A - Atas do grupo Rosemary, pelo Dr. Wood.

O círculo «Rosemary», de Blackpool (Inglaterra), é formado apenas por duas pessoas, a saber: a médium Rosemary, cujos dons consistem principalmente em mediunidade escrita e falante, e um compilador, que é o conhecido pesquisador Dr. Federico H. Wood, autor destas linhas.

Este pequeno círculo - um dos que produziram os melhores resultados em todos os círculos ingleses - foi criado para dedicar-se ao estudo privado, seguindo uma indicação recebida do Além, através de um médium de Manchester, em 1926.

Não há elemento profissional nele; tanto a médium quanto o compilador, embora simpatizem com o Espiritismo, estão completamente desligados de qualquer organização espírita oficial.

A médium é uma jovem bem educada, saudável de corpo e espírito, apaixonada por esportes ao ar livre e exercícios físicos. Possui uma mente bem equilibrada e os resultados obtidos têm contribuído com o seu desenvolvimento como instrumento para o ensino de espíritos.

A orientação que a formação de Rosemary seguiu parece ser mais para pesquisa do que para o trabalho comum de mediunidade. Não é possível, portanto, usá-la para questões consultivas. Já em 1929, um de seus primeiros guias disse claramente:

"Não queremos usar esta médium para satisfazer curiosidades mórbidas", escreveu através da mão de Rosemary. "Se quiserem provar nomes e perder tempo em ninharias, devem buscar qualquer outro médium. Rosemary tem todos os elementos essenciais para ser um instrumento perfeito, mas sua formação será severa. Queremos que seja uma fonte cristalina de pensamentos amorosos e pureza de espírito".

A previsão deste guia parece ter sido cumprida. Rosemary é principalmente médium de escrita, embora ela também tenha desenvolvido um pouco o transe. Em duas ocasiões, a psicometria foi experimentada com resultados satisfatórios; um deles consistiu na recepção de uma carta do Sr.

A. J. Wills, o conhecido espírita americano; embora completamente desconhecido para ela, Rosemary tendo sua carta na mão, em 16 testes de identidade ela acertou 14 vezes.

Em caráter e mentalidade, Rosemary é como todos os verdadeiros médiuns: finamente equilibrada.

Espiritualmente, pode muito bem ser considerado correto o elogio que um espírito de visitante dedicou a ela:

"Na verdade, ela não pertence ao vosso plano", disse ele, "e eu não entendo como pode suportar a maldade do vosso mundo".

Este elogio pode servir como uma explicação das qualidades raras que Rosemary possui, o que faz dela um instrumento ideal para os espíritos guias. Sua mente é essencialmente pura. Ele ama animais e flores e mantém o mesmo interesse que as crianças têm pelas histórias. Mas ela se sente mal em uma sala cheia de pessoas e, como uma flor delicada, evita o menor contato com qualquer coisa ruim, egoísta ou baixa. Tal é Rosemary.

Seu colega, que é muito mais velho e um pesquisador experiente, é doutor em Música pela Universidade de Durham. Ele é famoso na Inglaterra como compositor e reconhecido como uma autoridade em assuntos musicais; mas ele considera seu trabalho com Rosemary como o motivo talvez mais interessante de sua vida. Alguns de seus artigos sobre a mediunidade de Rosemary foram reproduzidos em nove idiomas, e outros são publicados em forma de folheto pelo jornal de Manchester "The Two Worlds".

Suas investigações abrangem um campo amplo e são resenhadas em um estilo seco, mas cheio de força. Eles versam principalmente sobre os ensinamentos da guia de Rosemary, Lady Nona, que afirma ter vivido no Egito 3.000 anos atrás, tendo provado suas manifestações de uma forma verdadeiramente notável.

Por muitos séculos a língua falada no Egito durante a encarnação de Lady Nora esteve perdida para o mundo, até que uma expedição francesa, em 1799, descobriu a primeira pedra de «Rosetta».

Essa descoberta permitiu que os egiptólogos reconstruíssem parcialmente essa língua. Não há ser vivo que possa falar regularmente e poucos conseguem decifrar esta língua hieroglífica. Mas Lady Nona pode

falar e de fato fala essa língua através da médium Rosemary.

Por uma série de circunstâncias - estranhas demais para serem devidas ao acaso - quando pela primeira vez o Dr. Wood publicou a história de vida da guia de Rosemary, foram disponibilizados para ele os serviços de uma das primeiras autoridades na Inglaterra na língua egípcia. A colaboração começou e o resultado superou todas as expectativas. Mais de 250 frases curtas no mais puro egípcio antigo já foram ditas por Lady Nona através de Rosemary. Elas foram coletadas, sílaba por sílaba em caracteres ingleses comuns, pelo Dr. Wood, enviadas por correio ao Sr. AJ Howard Hulme, de Brighton, que é o perito egiptólogo citado acima, traduzidas por ele em detalhes e retornadas ao Dr. Wood, dando em primeiro lugar sua tradução literal, em segundo, uma paráfrase livre e finalmente transcritas em hieróglifos corretos, como eram usados pelos antigos egípcios.

Muito deve, portanto, o mundo a esta guia notável, à igualmente maravilhosa médium e ao perito, que permitiram ao Dr. Wood estabelecer o caso mais notável, provavelmente, da história do fenômeno conhecido pelo nome de Xenoglossia, ou o dom de falar em línguas desconhecidas para o médium.

O professor Ernesto Bozzano, no número do "Ricerca Psichica" de julho de 1933, tratou desse caso em detalhes. O general Peter e outros trataram e discutiram esse mesmo caso na Alemanha. De fato, o caso atraiu a atenção de todo o mundo psíquico e constitui um dos desenvolvimentos científicos mais importantes do século XX.

O tradutor de Lady Nona, o Sr. Howard Hulme, une ao seu conhecimento desta língua morta, uma simpatia pelo espiritualismo, algo bastante raro em um egiptólogo. Ele havia compilado um dicionário egípcio que, com a ajuda de Lady Nona, conseguiu agora corrigir e expandir muitos pontos até o momento obscuros da pronúncia; de fato, os hieróglifos simplesmente indicam o elemento consonantal. O elemento vocal - tão importante em todos os idiomas - só pode, portanto, ser adivinhado. Mas Lady Nona tem dado, em muitos casos, a chave que estava faltando para a nuance exata do som vocal usado no Egito 3.000 anos atrás.

A importância desse resultado ainda não foi apreciada pela ciência. Além de seu valor na Filologia, que é o estudo das línguas em geral, destrói

completamente as teorias fantasiosas de telepatia e subconsciência, que pretendiam substituir os fatos da sobrevivência e guia espiritual. Prova, além disso, o prolongamento da sobrevivência do homem por, pelo menos, 3.000 anos. Finalmente, nos leva muito mais longe no caminho da probabilidade da imortalidade do que qualquer outra evidência direta até então recebida por vias normais ou supranormais. Em suma, o melhor resultado alcançado até agora pelo círculo "Rosemary" é que essas coisas já deixaram de pertencer ao domínio da teoria para entrar no campo dos fatos demonstráveis. Por outro lado, a evidência pode ser verificada por todos os egiptólogos do mundo.

Mas os últimos desenvolvimentos dessa mediunidade ainda nos levam a algo mais interessante. A guia Lady Nona, que na Terra se chamava Telika, afirma que Rosemary era contemporânea com ela no Egito. Rosemary se chamava Vaula na época. Ela era uma jovem síria de alta linhagem, que havia sido reduzida ao cativeiro pelo exército do Faraó e levada para o Egito, colocando-a sob a proteção de Telika, que também era uma dama da classe alta no Egito.

Há muitas evidências que apoiam essas afirmações. Da parte de Lady Nona, há provas da língua e muitos detalhes evidentes da vida no Egito daquela época.

Em Rosemary houve casos ultimamente de reviver memórias do Egito, cheias de detalhes e cores locais; alguns estão relacionados ao Nilo, em seus períodos de baixa e cheia; outros são referências detalhadas às cerimônias do templo - já que Rosemary, ou melhor, Vaula, era uma das virgens do templo de Karnak -; outras lembranças são de Tebas e do palácio real, enquanto algumas dão vislumbres do deserto e das pirâmides. Rosemary também se lembrava, com toda a claridade, das vestes que usava nos serviços do templo e quando viajava pelo deserto. Em resumo, a compilação das sessões, feita pelo Dr. Wood, contém uma verdadeira riqueza de detalhes de todas as evidências, que um dia serão de grande valor para os egiptólogos e historiadores.

Além disso, embora Rosemary lembra pelo menos duas outras encarnações pelas quais teve de passar desde então, mas as lembranças egípcias são as que vêm à sua mente agora mais claramente, por causa de

sua associação com Lady Nona.

Mas a grande importância deste círculo, como Lady Nona o aprecia, não é excitar a admiração provando a sobrevivência prolongada, nem meramente provar a verdade da Reencarnação. Estes são apenas preliminares necessários para obter a confiança primeiro da médium e seu compilador, e depois dos pesquisadores e leitores que possam acompanhar a publicação de suas pesquisas. Uma vez que isso seja alcançado, Lady Nona está muito mais preocupada com a tarefa imensamente superior que ela impôs a si mesma, de dar a conhecer seus ensinamentos espirituais. Ela afirma francamente, que tem apenas dois objetivos a cumprir: o primeiro, demonstrar ao mundo que ainda conserva a mesma personalidade depois de um período, para nós, tão prolongado. O segundo, para nos dar a conhecer alguns dos ramos mais elevados do conhecimento e ensinamentos espirituais que ela obteve durante sua longa permanência nas mais altas esferas; porque é preciso lembrar sempre que Lady Nona é agora um espírito avançado e altamente desenvolvido que progrediu muito longe do estado próximo à Terra, onde retorna somente por causa de seu trabalho através de Rosemary.

Tendo cumprido os seus principais propósitos, romperá definitivamente toda a comunicação com a Terra e continuará seu progresso para reinos mais elevados.

O primeiro desses objetivos já foi alcançado, embora os testes de linguagem continuem sendo tão frequentes quanto o trabalho de nosso tradutor permitir. Lady Nona provou que ela viveu no antigo Egito e que ela ainda pode ter contato com a Terra. Que ela também alcance o segundo e mais difícil objetivo depende principalmente da receptividade daquelas mentes nas quais suas palavras devem cair.

Seus ensinamentos podem ser resumidos da seguinte forma:

O homem evoluiu lentamente através das várias esferas do ser consciente, e, geralmente, passa várias vezes pelo estágio humano antes de seu espírito aprender todas as lições. Estas podem ser resumidas em duas sentenças:

1º. Conquista própria no grau máximo.

2º. Desenvolvimento das mais altas faculdades e percepções.

Nona afirma que as fraquezas e fracassos da Terra devem ser superados nela. Este é o objetivo da Reencarnação. Se falharmos, devemos retornar, mais cedo ou mais tarde, para fazer uma nova tentativa. Existe retrocesso, como existe progressão, porque se um homem falhar completamente, pode cair em uma esfera inferior, onde a luta é muito mais dura do que aqui. É bem possível, para esse homem, ser relegado durante a sua encarnação na Terra, para uma esfera do desenvolvimento espiritual mais baixa do que aquela que tinha alcançado antes de encarnar. E mesmo assim, no caso de sair vitorioso na luta nesta esfera inferior, ele deve retornar à Terra para lutar novamente antes de poder progredir para uma esfera superior. Isto representa um sério aviso para a multidão de pessoas que apenas deslizam ao longo da vida e também para aqueles cuja vida é ativamente ruim. Lady Nona, nesta fase de seu trabalho, é uma evangelista prática.

Aqui estão algumas das suas máximas que irão nos impressionar fortemente:

"Todo pensamento ruim deve ser reprimido no nascimento. Mentalmente varram sua mente no momento em que o mau pensamento vem até vocês. Há tantas pessoas escravas do seu próprio corpo... Não se sintam satisfeitos enquanto sua mente nutrir um único pensamento indigno. Apelem deliberadamente à sua força de vontade para superá-lo. A vontade é um dos servos do espírito. Assim como os braços e pernas são necessários para dar movimento ao corpo, o espírito também não pode agir sem a vontade. É o princípio de todo desenvolvimento. Envie pensamentos belos para manter sua atmosfera doce e bonita. É mais perigoso, às vezes, pensar mal do que falar ou até mesmo agir mal. Desconfiem de seus pensamentos, porque às vezes eles não são seus".

Estas são apenas algumas máximas de Lady Nona, extraídas dos vários volumes das atas de Rosemary com a ajuda do índice compilado pelo Dr. Wood.

Em certa ocasião, o Dr. Wood comentou com Lady Nona, após ter ouvido uma dessas máximas, que há momentos em que alguém se sente derrotado, mesmo depois de uma grande luta. A resposta de Lady Nona, destaca seu alto desenvolvimento e profunda compreensão; ela disse: "Não há tal derrota; apenas um grau de vitória em uma batalha travada até o limite dos

poderes que se possuem. O homem que sinceramente luta para vencer nunca é derrotado, não importa quantas vezes ele falhar; significa simplesmente que sua vitória ainda não está completa; ele deve dizer para si mesmo: Mesmo que eu tenha falhado, "foi apenas uma vitória pequena". Oh, Deus tem infinita compaixão e compreensão infinita! Nunca te deixará desolado. Seus braços estão sempre abertos.

Por outro lado, Lady Nona ensina que os defeitos vencidos uma vez, são superados para sempre. Nós não temos que vencer a mesma batalha duas vezes. E embora exista a retrocessão, assim como a progressão no desenvolvimento espiritual, não existe tal retrocessão na evolução. Por exemplo, embora vindos das ordens inferiores do ser físico, uma vez que a forma humana tenha sido alcançada, não voltaremos mais à forma animal. Os ensinamentos de Lady Nona neste ponto diferem completamente de certas teorias asiáticas sobre Reencarnação.

Também estabelece uma diferença entre a amálgama de unidades observadas nas ordens inferiores de vida e a união voluntária de seres humanos ou espirituais para alguma missão especial. A primeira é involuntária; a segunda é completamente voluntária e é realizada sem perda de individualidade. A linha que separa os dois é atingida no momento em que a entidade que evolui atinge a "consciência própria", que Nona define como "consciência de Deus". Transcrevo o ponto de vista de Nona sobre este ponto, porque há na Inglaterra pessoas que parecem rejeitar a teoria da Reencarnação para adotar aquela chamada "Alma de grupo" (Group-Soul), uma teoria que foi recentemente enunciada por outro conduto mediúnico pelo desencarnado F.W.H. Myera, o conhecido pesquisador psíquico. Se Nona está certa, aqueles que rejeitam a teoria da Reencarnação para aceitar aquela da "alma de grupo" apenas saem de uma dificuldade para caírem em outra. Nona afirma positivamente que não pode ser aplicada a humanos. Por exemplo, Rosemary é, lisa e simplesmente, Vaula, a jovem síria que conheceu no Egito; no seu caso, não é possível absolutamente falar em "alma de grupo".

A reencarnação, segundo Nona, deve ser desejada, pois ajuda no desenvolvimento do espírito. Após cada encarnação, trazemos para a vida espiritual o conhecimento acumulado e o desenvolvimento adquirido

durante a mesma; e não sabemos até que ponto nos beneficiamos até que deixamos nosso corpo físico. O esforço que na vida física o espírito deve fazer para vencer a resistência da matéria e suas limitações, contribui para torná-la mais forte, por causa da mesma oposição que encontra. Pode-se dizer, portanto, que, nesse sentido, nossos inimigos estão entre nossos melhores amigos.

Os ensinamentos de Nona não fazem senão reforçar e confirmar aqueles que já foram dados ao mundo por outros altos condutos espirituais. Outro ponto refere-se ao desenvolvimento ao mais alto grau de nossas faculdades mais elevadas. Nós sempre nos encontramos, é claro, com as limitações impostas pelo nosso corpo físico, mas deve ser nossa aspiração desenvolver essas faculdades, apesar dessas limitações. Muitos são, diz Nona, aqueles que atingiram essas faculdades superiores, mesmo dentro do corpo físico. Jesus fez isso.

Sempre que se refere a ele, ela o faz com uma apreciação reverente de seus ensinamentos, mas ainda mais do elevado desenvolvimento espiritual que ele alcançou em sua forma física.

Isso implica um sacrifício constante de abnegação, mas muitos o fizeram e alcançaram quase o estado espiritual enquanto o corpo mortal ainda estava funcionando.

Na filosofia de Nona sobre a encarnação, há algumas manifestações interessantes para os pesquisadores. Uma delas é que todos os espíritos devem passar algum tempo na esfera próxima à Terra antes e depois da encarnação. Não há exceção a essa regra, já que ela reza mesmo para os espíritos elevados de estados muito superiores (Nona prefere chamar estados e não esferas), baixam à Terra para cumprir uma missão especial, como Jesus fez, por exemplo. Isto é devido à necessidade de ajustar o corpo etérico às condições terrenas de tomar a forma material e reforçá-lo novamente depois de sua associação com a carne. É um período ou estado de espera. É correta, portanto, quanto ao seu significado, a etimologia da palavra "Purgatório", embora a aplicação dada pela Igreja esteja errada. Uma vez que esse período de espera tenha passado, o espírito é gradualmente despojado do corpo etérico externo à medida que ascende a estados mais elevados.

O processo de encarnação é simplesmente como "adormecer" na esfera próxima à Terra, assim como a morte é como "adormecer" na Terra. O espírito afunda na inconsciência e desperta para se encontrar aprisionado na carne do corpo de uma criança. Ele pode entrar nesse corpo a qualquer momento, desde o instante da concepção até o nascimento; no caso dos espíritos pouco desenvolvidos, é quase desde o momento da concepção, mas não no caso das almas avançadas e desenvolvidas, que entram apenas no momento do nascimento.

O recém-nascido, diz Nona, conserva a consciência de sua existência espiritual anterior, mas gradualmente desaparece à medida que adquire a de seu novo ambiente; e finalmente, o nascimento nunca é o resultado de uma causa acidental, porque cada alma nasce dentro de seu ambiente especial por uma causa bem determinada. Todas as circunstâncias da sua vida terrena visam traçar um caminho para o seu desenvolvimento, que, se tomado naturalmente, dará à alma a formação ou treinamento especial que precisa.

Entre as palavras e escritos de Nona, contidas nos 30 volumes das "Atas de Rosemary", já completados, vamos transcrever três que nos ilustrem com sua sabedoria e nos deem ao mesmo tempo motivo para pensar.

"Todos os homens deveriam buscar que a Terra fosse um lugar onde os espíritos pudessem viver juntos em felicidade, saúde e liberdade; um lugar onde o amor reinasse supremo e o motivo de cada homem fosse o bem do próximo. "

«Nossa existência inteira é uma luta. Mas à medida que avança, torna-se glorificada; uma espécie de carreira alegre, não azedada pela amargura e o desespero que traz consigo toda a luta na Terra; e uma capacidade de maior esforço, maior valorização e maior amor ".

- Você acha que eu morri há séculos, doutor... mas isso não é nada para o desenvolvimento que temos diante de nós. Se pudéssemos apenas fazer as pessoas acreditarem que a vida é eterna... Em nosso mundo, o tempo não existe mais. Nós vivemos apenas em pensamento e ação. Minha felicidade em si é apenas o resultado de séculos de desenvolvimento e sofrimento do espírito. Eu desejei muito e trabalhei e esperei. Todos os desejos, quando vêm do espírito e são bons, são finalmente realizados. Quando chegamos a

ter conhecimento disso, é quando a vida realmente começa e o tempo não existe mais ".

Agora que os ensinamentos de Nona foram assinalados, concluiremos este escrito, dando algumas amostras das frases egípcias faladas através de Rosemary. Seleccionamos as seguintes, uma vez que fornecem evidências a partir de quatro ângulos diferentes.

Assim, as séries 15, 16 e 17 demonstram continuidade de ideia. Compiladas em sílabas inglesas pelo Dr. Wood, ficaram assim:

15 «KON-JUDH.»

16 «AH-HURF-TEE.»

17 «IN-DY-ZEEF-MAN.»

Segundo Mr. Howard Hulme (o tradutor de Nona), sua forma correta de frase é:

15 «k'a(u)n y cowd(y).»

16 «i (r) hur-f-tyi.»

17 «inty zi-f man.»

e seu sentido literal pode ser expresso assim:

15 Fiz planos para continuar.

16 Até que satisfeito estiver.

17 Aquele que é um homem de estabilidade.

A intenção de continuidade dessas três sentenças é claramente visível. Sua evidência está em que naqueles primeiros dias de nossa associação foi necessário que Nona convencesse nosso tradutor de que essas provas da língua egípcia eram genuínas. E ao fazê-lo, ela rendia ao mesmo tempo um gentil elogio a ele, que farão seu todos aqueles que conhecerem o Sr. Hulme.

Outras frases foram respostas a perguntas formuladas a Nona pelo Dr. Wood. Assim, quando o Dr. Wood certa vez observou quão lento estava sendo o progresso para convencer a humanidade do retorno dos espíritos, Nona prontamente respondeu:

203. «A-ZESK-IY-AH-LAH-TEH-MEN.»

que foi uma compilação muito ajustada do egípcio:

203. «az-iy-k di-alateh men.»

e foi uma resposta perfeita à observação do Dr. Wood, sobre a lentidão com que o mundo admite nossos fatos e ensinamentos. Seu significado literal é: 203. «Já estão indo mais rápido. A oposição deu solidez».

Em outras palavras, Nona evidentemente quis dizer que o progresso era lento, mas claro. Outro sentido alternativo de Mr. Hulme: "Já estão indo mais rápido - porque a oposição deu solidez", não altera o fato essencial de que Nona entendeu a pergunta corretamente e respondeu de modo apropriado. O Dr. Wood deu conta dessa frase em uma conferência realizada no dia seguinte em Manchester, sob a presidência de Mr. Ernest W. Oaten. Naquela época, nem ele nem Rosemary, que também participava da conferência, sabiam o significado da frase, que ainda não havia sido enviada a Mr. Hulme.

Finalmente, as mesmas lembranças de Rosemary - memórias de sua vida no Egito, sob a forma da jovem síria Vaula - também já produziram frases egípcias em certas ocasiões. Na sequência transcrevo duas que estão relacionados aos cantos do templo, que Rosemary lembrou o suficiente para permitir ao Dr. Wood compilar até a música:

186 «LAH-KEET.»

187 «100-NEH-LAH-KEET.»

A primeira significa (186) «Um número, período ou tempo.» A segunda significa (187) «Prolongai um número, período ou tempo.»

Estas palavras devem ter sido uma recomendação aos músicos para repetirem uma certa frase da música do mesmo cântico.

Porém o mais interessante foi uma frase e uma melodia lembrada por Rosemary, que se referia especialmente ao festival anual dos egípcios, de invocação ao Nilo, um festival que ocorria pouco antes da enchente atingir seu nível mais alto, em outubro, inundando as terras e fertilizando-as para a próxima colheita. Rosemary não apenas se lembrava da dança, mas também a mostrava com movimentos livres e graciosos, segurando em suas mãos dois címbalos imaginários que se chocavam com cada balanço.

Ela também cantarolou a melodia da dança e as palavras que a acompanhavam:

229 «A-ZEEN-TY-AH-LAH-DOO-AN. A-ZEEN-TY-AH-LAHDOO-AN. »

Mr. Howard Hulme encontrou rapidamente a única forma egípcia correta: «a zi in ti ' a la duwan» com a seguinte surpreendente tradução:

229. «Vai à terra para te estenderes»

ou como diríamos nós, se fôssemos egípcios, invocando o Nilo:

229. «Avança e estende-te sobre as nossas terras.»

Essa prova, talvez a mais convincente de todas, foi dada, pois, por Rosemary e não por Lady Nona. Estabelece de uma maneira que não deixa dúvidas que temos na Inglaterra uma médium de valor excepcional para aqueles que sustentam que o espírito do homem sobrevive por milhares de anos, e que ele pode lembrar – mesmo novamente encarnado - certos detalhes de suas vidas anteriores que as incidências de vidas intermediárias não conseguiram apagar completamente.

Cada um pode ficar em liberdade para formular e discutir suas próprias deduções de tais maravilhas. Mostramos os fatos e fornecemos provas e, por enquanto, nosso dever é cumprido.

B - O desenvolvimento da mediunidade física, por Ernest Vickers. A. M. I. Moch. E., etc.

Há muitos anos tive um intenso desejo de expor o modo de funcionamento da mediunidade física. O objetivo desta explanação é revelar alguns dos métodos adotados pelos dias para a retirada da força e da substância do corpo durante as funções da minha própria mediunidade. Antes de fazer isso, é de vital importância indicar que desde a minha primeira juventude eu sofri muita dor na perna esquerda, e agora eu estou convencido de que se eu não tivesse começado a desenvolver as minhas robustas forças físicas, a tristeza pela minha falta de saúde teria durado toda a minha vida. A canela ou tibia e a patela são de tamanho anormal se as compararmos com as da perna direita. Durante ataques frequentes, os tecidos e ligamentos da patela ficavam inflamados e não podiam fazer nenhum movimento. Depois que as eminências médicas falharam no diagnóstico da doença, decidi ceder às instâncias dos guias espirituais e comecei a desenvolver minha natureza psíquica. Há muitos espíritas que ainda se lembram desse estado de saúde precária antes do início do desenvolvimento mediúnico.

Na verdade, meu estado de saúde ruim foi crônico durante pelo menos 15 anos, mas o desenvolvimento psíquico me deu saúde perfeita.

Durante estes últimos 3 anos, eu me convenci plenamente de que as forças psíquicas e a substância se retiraram da minha perna esquerda, enquanto a mediunidade física está em ação. Depois de tantos anos de sofrimento e desespero, é uma revelação ter descoberto isso. Meus próprios guias, de maneiras diferentes, me deram uma instrução completa para poder alcançar meu desenvolvimento, e em 1916 dediquei exclusivamente para este objeto um quarto da minha casa. Em alguns casos, os guias só podem desenvolver a mediunidade física, mas, no meu caso, as fases seguintes foram estabelecidas durante esse longo desenvolvimento: 1º, clarividência subjetiva; 2º, transe; 3ª clarividência objetiva; 4ª, clariaudição; 5ª visão áurica; 6ª mediunidade física. As sessões, geralmente, são celebradas no escuro, mas alguns fenômenos físicos foram obtidos à luz elétrica, e até mesmo à luz do dia. Há muitos anos comecei a sentir

sensações irritantes e dolorosas em diferentes órgãos e partes do corpo. No final de 1931, o meu guia principal aconselhou-me a praticar mais regularmente para iniciar um desenvolvimento mais intensivo e, além disso, fizesse o descanso necessário no dia da sessão e no dia seguinte.

SEM TRANSE. Meu estado é normal enquanto os fenômenos físicos estão acontecendo, de tal modo que eu posso notar todas as ações e fenômenos e então fazer um relatório crítico. Após nove meses de sessões, sendo durante esse tempo vítima de dor intensa em diferentes partes do corpo e também hemorragia nasal grave, os fenômenos ocorreram subitamente no círculo. As sensações de dor experimentadas são chamadas de "ações", isto é, as operações dos guias nos vários órgãos e partes do corpo para a liberação da força e dos elementos. A "reação" destina-se a transmitir os efeitos e o estado geral de saúde resultantes das ações após a sessão.

O CÍRCULO. Consiste em oito pessoas, inclusive eu; quatro membros participaram regularmente por treze anos, e dois por sete anos, e não há dúvida de que essa perseverança e lealdade foram uma tremenda ajuda na manutenção das condições harmoniosas necessárias para esse desenvolvimento.

Existem dois métodos de participação para fenômenos físicos ou de materialização, conhecidos pelos nomes dos métodos "Sucção" e "Contato Direto". Vamos analisar os dois métodos e ver o que acontece em cada um dos casos.

«O MÉTODO DE SUCÇÃO» é quando os participantes se sentam em círculo, com as mãos unidas em uma corrente com as do médium. No caso de materialização onde é requerido que o médium se assente em um gabinete, os participantes se reúnem em uma formação de ferradura com as mãos unidas em frente ao gabinete. Em ambos os casos, a força é absorvida pelos corpos dos participantes e vai para um depósito em torno do médium. Há duas desvantagens nesse método: um dos inconvenientes é o efeito desconcertante de ter que estar com as mãos unidas às dos outros participantes por um tempo que pode durar uma hora ou até mesmo três. A segunda desvantagem, que é ainda mais importante, consiste na possibilidade de adquirir certas condições devido às emanações de todos os tipos de forças que emanam do próprio corpo.

"O MÉTODO DE CONTATO DIRETO" é quando os participantes descansam as mãos sobre os joelhos e não estão conectados de forma alguma. Os guias trabalham diretamente sobre as emanções do médium, e tiram de cada participante as substâncias e forças necessárias para misturá-las com as retiradas pelo médium. Pode ser o caso de algum médium obter mais provavelmente resultados ao adotar o "método de sucção", mas em qualquer caso os próprios guias deveriam passar para o médium as instruções necessárias. Meus guias insistiam em que o método de contato direto tinha que ser adotado e, à medida que fosse progredindo com as minhas próprias forças, eles poderiam tomar a força suplementar dos participantes. O círculo é feito de várias maneiras, mas na atualidade nós sentamos em um círculo, sendo a minha posição virada de costas para as cortinas do gabinete.

AÇÕES - As ações mais importantes que são percebidas no momento da ocorrência dos fenômenos, e que nos induzem a estabelecê-los, são as seguintes:

«Pernas». Forças frias que penetram pelos poros da pele das panturrilhas. Sensações de ardor e coceira na canela de ambas as pernas, nos joelhos e nas patelas ou tornozelos. Essas ações podem ocorrer separadamente, ao mesmo tempo, ou uma após a outra. Muitas vezes há uma sensação de queimação dentro dos ossos, que produz uma dor aguda e monótona. Uma intensa queimação e coceira é sentida no osso do tornozelo e na canela da perna esquerda. Às vezes, durante toda a sessão, sente-se um puxão forte e contínuo no tornozelo, na panturrilha, nos nervos e nas veias da perna esquerda, que parece absorver toda a força da perna. Essa ação é uma das mais agudas que já senti e, em diferentes ocasiões, a dor e a irritação nos ossos persistiram até vinte e quatro horas após a sessão. A perna esquerda e o tornozelo, especialmente, são as primeiras partes do corpo que percebem as ações magnéticas que meus guias produzem, e essa extremidade é, sem dúvida, a parte mais sensível de todo o corpo. À medida que o desenvolvimento continua, as pernas e os pés, especialmente a perna e o pé direito, vão esfriando, e não há dúvida de que o frio é devido à subtração de forças dessas extremidades.

«Corpo». Na virilha esquerda, frio e puxadas periódicas são percebidos,

bem como na parte superior dos intestinos, ossos do tórax e parte superior do pulmão esquerdo. Os puxões variam entre contatos frios e sensação de queimação e irritação. Há ocasiões em que o puxão dos intestinos produz uma sensação violenta, como se ardesse e fosse explodir. Quando fenômenos especiais ocorrem, sentem-se fortes e ardentes puxões na parte superior do coração, e tenho a sensação de que, quando isso acontece, são necessárias emanções poderosas da corrente sanguínea. Agudos e frios puxões também são sentidos nas costelas da direita e da esquerda, bem como nas partes brandas do lado esquerdo. Às vezes, uma sensação estranha é sentida como se as costas, à esquerda da coluna, quebrassem na frente do pulmão esquerdo. Da parte inferior da coluna vertebral e do abdome, certas massas de substâncias frias e viscosas são filtradas, dando a impressão de estar sentado no gelo.

«Mãos e braços». As sensações no dorso das mãos variam entre um formigamento e um forte e ardente puxão. A irritação e a queimação são tão fortes que é difícil para alguém resistir e não esfregar a parte irritada para encontrar alívio. Convulsões fortes e ardentes dos nervos e ossos disparam-se do ombro até os dedos da mão direita. Muitas vezes há uma forte sensação de queimação nos ossos dos pulsos e antebraços. Dos dedos de ambas as mãos, saem umas forças frias e às vezes as mãos se tornam mortalmente frias.

«Cabeça e garganta». A parte superior da cabeça sente ardor e irritação, e logo em seguida surge uma força fria. Uma ação muito importante, semelhante à sensação de puxar ou absorver, ocorre no lado direito da testa, que vai passando para a esquerda, e finalmente pousa no centro da testa. Essa ação é tão forte que parece que meu cérebro está sendo filtrado para fora por esse setor. Estou convencido de que, quando essa ação é percebida, são necessárias fortes emanções mentais, e os guias estão definitivamente conectados com o cérebro. Na bochecha esquerda, sente-se frequentemente uma irritação e emanção de matéria mole, bem como do lado de fora do nariz, lábios e queixo. Nas narinas, uma sensação aguda de formigamento é sentida, especialmente na esquerda, e uma emanção de material é sentida. Sob o estômago há uma ação aguda que produz sensação de vômito, e uma emanção de matéria fria é sentida na boca.

Ações agudas e de ponta fria são sentidas no lado esquerdo da cabeça acima da orelha e, imediatamente depois, uma força fria emana. Sensações quentes são sentidas nas glândulas do lado esquerdo da garganta, e uma sensação estranha é sentida na laringe, como se estivesse em contato com uma escova macia, e a garganta fica muito seca.

FENÔMENOS. Os fenômenos se desenvolvem desta maneira. Aos poucos, uma força ou vento frio vai se desenvolvendo, girando ao redor do círculo. Mais tarde, massas de matéria fria de repente me envolvem ou caem nas mãos e nos joelhos. Certa noite, uma nuvem dessa substância fria soprou do centro do círculo, emanando um perfume requintado como de violeta, e essa manifestação foi repetida várias vezes durante a noite. A substância, pouco a pouco, foi se intensificando, e todo o círculo sentiu que a matéria pressionava as mãos, as pernas e o rosto. Esta matéria é indubitavelmente mais pesada do que o ar.

PERFUMES E ODORES. A seguir, alguns dos perfumes e odores obtidos a partir de diferentes observações e que ocorreram em muitas ocasiões:

«Perfumes»: 1º Violeta, variando entre suave e penetrante; também violeta a base de iodo. 2º Almíscar, parecendo ser como se esta matéria fosse formada por milhares de pequenas partículas ao respirar, e que, quando inalada, causa espirros violentos. 3º Madressilva. 4º Abacaxi americano. 5º Mistura de especiarias. 6º Flores de primavera. 7º Apoponax. 8º Minnionette. 9º Flores do prado. 10º Flor da amendoeira. 11º Rosas, rosa da China e rosas vermelhas. 12º Hortelã. 13º Perfumes oleaginosos. 14º Água de colônia. 15º Alfazema. 16º Perfumes orientais.

«Odores»: 1º Terra seca. 2º Cheiro do deserto (areia e ar quente). 3º Terra molhada. 4º Fumaça (como a de um incêndio florestal). 5º Noz-moscada. 6º Gases Químicos. 7º Pão ou bolo queimado. 8º Aromas do Oriente. 9º Intestino. 10º Éter. 11º Clorofórmio. 12º Mofo. 13º Flocos de sabão (as senhoras presentes chamam isso de "dia lavado"), 14º Maçãs maduras. 15º Café. 16º Cheiro de pratos saborosos. 17º Iodo. 18º Madeira cortada recentemente. 19º Gás de carvão. 20º Poeira da terra. 21º Cacau. 22º Brometo. 23º Limões. 24º Gás doce. 25º Borracha queimada. 26º Tabaco (sem queimar). 27º Amoníaco. 28º Gás nauseabundo. 29º Fuligem ou carvão. 30º Bolos acabados de fazer. 31º Carne crua. 32º Mentol. 33º

Gás de éter gelado e penetrante. 34º Mofo e iodo. 35º Peles ou curtimentos. 36º Sebo. 37º Incenso. 38º Verniz.

O cheiro do intestino assemelha-se ao cheiro do conteúdo de um estábulo e é repugnante. Essa matéria parece ser o produto primário ou cru, porque depois pouco tempo de ser percebido, muda em um cheiro de osso podre e tripa, mofo e tripa ou mofo com iodo. Parece como se essa matéria fosse se misturando cada vez mais para produzir esses resultados. O cheiro de fuligem é interessante, porque parece que houvesse carvão nele. Às vezes acontece que no final da sessão, quando as cortinas são removidas do gabinete, uma leve matéria emana dele, emitindo um cheiro de fuligem ou iodo e fuligem. Vale ressaltar o gás de éter, pois quando inalado dá uma sensação de frio intenso nas vias nasais. Forças de intenso frio são produzidas em torno do círculo ao nível das pernas, mãos e rosto. A massa central da força fria vai girando, em certas ocasiões, intermitentemente e a uma velocidade espantosa, deixando uma cauda atrás, de vento frio. Às vezes a temperatura de cada participante sofre uma queda de 20 e 30 graus (Far). E dá a sensação de se estar cercado de matéria fria como se fosse neve. Está-se procedendo a tratar de formar massas nebulosas, e é possível se demonstrar o movimento delas, assim como senti-las. Como regra geral, a formação ocorre no lado esquerdo do antebraço, do qual emanam massas de forças frias. A massa então passa à frente para a direita, finalmente optando por ficar na minha frente, e então a absorção de força do abdome é muito acentuada. A massa passa da esquerda para o gabinete, para sair à direita, e durante este passo é percebido um delicioso perfume de verniz. A massa também se move ao redor do círculo, e todos os participantes sentem o movimento dessa matéria fria.

«Fenômenos à luz». Imediatamente que o círculo se reúne e em plena luz do dia, as forças frias saem rapidamente do meu lado esquerdo e antebraço, e então essa matéria circula ao redor da sala, e pode ser percebida distintamente por todos os presentes. Muitas vezes eles têm perfumes de incenso, água de colônia, alfazema e violeta; também os odores de intestino, mofo e sebo têm se espalhado por toda a sala sendo facilmente percebidos a plena luz.

FENÔMENOS DO ESTIGMATISMO. Os estigmas ou pequenas manchas ou

pontos vermelhos e inflamados foram observados na face, no início do desenvolvimento, e ocasionalmente ligeiras inflamações em certos pontos da canela e tornozelo da perna esquerda puderam ser observadas após uma sessão. Depois de ter experimentado fortes ações nas pernas, os joelhos estão muito inflamados; mas as pernas, abaixo dos joelhos até os dedos, perdem até a cor normal. É uma pena que não fosse possível fazer um exame médico após as sessões dos princípios do desenvolvimento, uma vez que teria sido possível obter muita informação sobre os estigmas.

REAÇÕES. No começo, senti-me extremamente cansado depois das sessões, e geralmente sentia frio no estômago. Quando sentis frio no estômago, durante a noite me sentia muito doente, e todos os líquidos que soltava eram ácidos. O repouso da noite também era inquieto e eu sentia uma sensação de queimação nos ossos. Depois de sessões nas quais massas de forças frias emanavam do meu corpo, e também quando eu experimentava ações de calafrios periódicos, o corpo ficava extremamente frio até depois de algum tempo de ter me retirado para descansar. Durante seis semanas, quando essas ações atingiam o seu máximo, sentia uma frouxidão extrema por dois dias depois da sessão, e era forçado a descansar e dormir o máximo possível, a fim de recuperar meu estado normal.

HEMORRAGIAS. Ao sair do meu lugar depois de uma sessão, em 1932, de repente saiu sangue pela via nasal esquerda, manchando meu colarinho e a camisa antes que eu pudesse evitar. Em diversas ocasiões esta reação persistia, e no total durou quatro meses. Geralmente, a hemorragias mais fortes ocorriam de meia-noite às três da manhã, após a sessão, e em alguns casos duravam intermitentemente por três quartos de hora. Depois de fortes ações no intestino, eu ficava muito incômodo por dois ou três dias, e todas as "excretias" se tornavam massas sólidas. Fazendo um estudo sério de todas as ações e reações, eu pude chegar à conveniência de fazer uma refeição muito leve cerca de duas horas antes da sessão, e fazendo isso, o perigo de me sentir doente e da insônia é reduzido ao menos, se não evitado totalmente. Também é muito importante ter muito cuidado com sua saúde e as funções normais do corpo.

FORÇAS EMITIDAS. É importante estar bem ciente de que as substâncias e forças físicas emanadas do meu corpo estão em estado gasoso e, embora

essa matéria não possa ser vista, ela pode ser facilmente sentida por qualquer pessoa sentada perto de mim. As ações de queima, irritação e puxões são os meios adotados para a liberação de força e elementos, e eu declaro firmemente que essa matéria não é tirada meramente da parte superior da pele, mas também de vários órgãos, tecidos, sangue e ossos. Na manhã seguinte das sessões, às vezes, há uma sensação queimante nos ossos, e acho que ficará completamente claro que algumas forças são retiradas deles, resultando em uma sensação de cansaço e ardência. Todas as forças do corpo são afetadas e, embora o lado esquerdo seja o primeiro a ser afetado, a ação entra imediatamente depois no lado direito.

AS DIFERENTES FORÇAS. As forças, substâncias e gases que se manifestam de alguma forma em todas as sessões parecem-me ser os seguintes:

"Força física". Esta emana do meu corpo em um estado fluido ou gasoso imediatamente quando ocupo o meu lugar na sala da "sessão espírita". É invisível aos olhos e sua temperatura é menor que a da sala. É a base para todo o material usado em fenômenos físicos, e é o primeiro em ser retirado do meu corpo. É também o último em ser reabsorvido, porque mesmo na conclusão da sessão sinto que esta matéria fria está sendo reabsorvida desde os pés até a cintura. Os guias eram da opinião de que era importante que eu ficasse na sala de sessão por alguns minutos após o término da sessão, para que a reabsorção pudesse ser realizada prontamente, sem efeitos prejudiciais. Esta é a posição exata, porque verifiquei as sensações muitas vezes para evitar qualquer erro.

«Psicoplasma». A base desta matéria é a força psíquica, mas parece ser uma consolidação da última, juntamente com a matéria retirada dos ossos. O psicoplasma é de natureza plástica e de uma consistência como se fosse pastosa, sendo também muito seca e sem qualquer umidade.

«Ectoplasma». Este nome é geralmente aplicado a toda a substância tirada do médium, mas, na minha opinião, é completamente diferente de qualquer uma das que eu já mencionei. A base do ectoplasma é certamente força psíquica, bem como uma matéria mole retirada do abdômen e do estômago. Há também algo úmido que é perceptível quando é manifestada a substância que emana o cheiro do intestino e da terra úmida. A

temperatura varia um pouco, mas geralmente é bastante quente.

«Gases». Estes são muito interessantes, e embora eu tenha prática em química e na montagem e operação de um laboratório de química, não posso listar nenhum deles sequer. Eles são diferentes daqueles produzidos por procedimentos normais, embora haja momentos em que a sala de sessão se parece com um laboratório químico pelo cheiro. Durante a manifestação dos gases, é de salientar que se forma nos lábios um leve precipitado de sal ou açúcar. Muitos dos procedimentos de materialização são chamados de mascaramento. Uma camada de material plástico macio se forma ao redor do médium, incluindo o rosto. Eu mesmo percebo esta matéria perfeitamente: em seguida, formam-se correntes na coluna vertebral e nervos da perna esquerda, que parece despedir a estrutura crua para fora, afastando-a de mim. É difícil determinar o momento exato em que o espírito que irá se manifestar entra nesta camada; mas, no entanto, eu estou observando muitos dos processos envolvidos na materialização e mais à frente terei muito a dizer sobre este ponto. No final da sessão, a matéria é reabsorvida pelo corpo, e isso me faz ver agora que muitos médiuns que foram acusados de farsantes - simplesmente porque foi visto que certa matéria entrava através de suas roupas ou orifícios do corpo - eram pessoas completamente sinceras.

Para concluir, deixem-me dizer que eu achei esse estudo da mediunidade física fascinante; mas quem sente inveja dessas forças pensaria duas vezes se soubesse das penalidades em que poderia incorrer. Quantos são aqueles que estariam preparados para arrastar esta vida de dificuldades e sacrifícios para o desenvolvimento de faculdades supranormais? Mediunidade significa sacrifício e serviço, e o único prazer duradouro que é experimentado é o de servir a Deus e seus filhos em ambos os lados do véu.

C - Telepatia e transmissão do pensamento em relação à mediunidade, pela Sra. Hewat Mckenzie, ex-presidente do Colégio Britânico de Ciências Psíquicas, Londres.

É interessante observar hoje em dia o número de palavras que tendo sido criadas pela ciência psíquica se tornaram comuns em nossa língua e podem ser encontradas em qualquer bom dicionário moderno. Materialização, clarividência, telequinesia, telepatia, é possível encontrarmos todas elas, acompanhadas de excelentes definições. Talvez a palavra "telepatia"; é de uso mais comum por aqueles que nem sequer pretendem ter conhecimento rudimentar sobre as outras. Todos nós tivemos nossos experimentos. Cada família tem uma história para contar sobre mensagens recebidas, em sonhos ou acordado, de um amigo ou do parente distante, e que não foi possível ser explicado por nenhum método conhecido de recepção de sentido. Esses meios de comunicação podem ter precedido o uso da linguagem - os animais fazem uso dela - o súbito pânico de uma manada sem nenhuma razão aparente, mas posteriormente explicado por causa de um perigo oculto; os casos dados por aves raras, que se veem apenas em pares isolados, e que quando uma morre, aquela que permanece é acompanhada em poucas horas por outra do sexo oposto, apesar de que durante muitos meses antes não era conhecida a existência de tal pássaro em muitas léguas ao redor; e casos semelhantes de novos parceiros entre borboletas, segundo informa Fabre, e bem conhecidos dos naturalistas.

As tribos selvagens, desde a antiguidade até os dias atuais, usam esse poder para seus propósitos na selva, ou, como os viajantes ocidentais chamam o telégrafo Veldt, e dão informações de eventos que estão acontecendo a distâncias de centenas de milhas, onde não existe um serviço de telégrafo e as notícias são recebidas por correio normal após vários dias ou semanas. Neste caso, a clarividência que se transporta pode explicá-los, já que se sabe que o indígena que "recebe" as notícias frequentemente fica em estado de transe para tais recepções. Os espíritas sempre conheceram esse poder de comunicação extrassensorial, e sua frequência entre os médiuns, mas não foi até a Sociedade de Pesquisa

Psicológica Inglesa começar a estudar este assunto lá pelo ano de 1880, que relatórios definitivos de observações contínuas puderam ser obtidos. Em seus primeiros estudos, a sociedade preferiu evitar o fenômeno da sobrevivência, que era mais sensacional; mas alguns pensaram que um estudo detalhado da telepatia logo jogaria por terra as teorias dos espíritas, e que seria possível incluir todos os fenômenos psíquicos sob o título de Telepatia.

A telepatia foi definida como a ação de uma mente sobre outra a uma certa distância, sem fazer uso dos sentidos normais. A sociedade incluía fenômenos que abrangiam uma ampla gama sob o mesmo nome, que variavam de uma vaga impressão de intranquilidade a mensagens ou visões claramente definidas, e até mesmo aparições visíveis daquele que estava no ponto de origem da mensagem telepática. Uma grande pesquisa foi lançada pela S.I.P. (Sociedade de Investigações Psíquicas) sobre o que se segue, e foi enviada a milhares de pessoas: «Você já recebeu uma mensagem ou um aviso que não fosse através dos sentidos comuns, e que ficasse mais tarde comprovado?» O resultado deu uma enorme quantidade de material, que sendo compilado foi publicado em 1886 em dois grandes volumes, "Fantasmas de Vivos", pelos Srs. Gurney, Myers & Podmore, que ainda é uma mina de conhecimento para todos os pesquisadores.

Esta é a nossa grande dívida para com a S.I.P., que coletou esses relatórios e publicou-os, quando os espíritas muitas vezes não tinham capacidade, nem tempo, nem dinheiro para fazer outra coisa senão um relato passageiro; mas não nos esqueçamos de que foi o testemunho dos observadores espíritas que atraiu a atenção de que os fatos valiam a pena e o que levou os grupos científicos a trabalhar. Na França, o professor Flammarion realizou outra pesquisa semelhante por meio de um popular jornal. Ele também ficou maravilhado com a inesperada quantidade de respostas de origens inesperadas. Os melhores foram publicados em três volumes, "A Morte e seus Mistérios", e até sua morte há alguns anos, em idade avançada, ele ainda trabalhava com o material. O Professor Dessoir e o Barão Von Schrenck Notzing deram muita atenção a isso e, com base nesses interesses, o Sr. Schrenck Notzing continuou a fazer um longo e intensivo estudo dos fenômenos físicos. Na Inglaterra, Sir Wm. Barrett e Sir

Oliver Lodge fizeram o mesmo e publicaram opiniões independentes. Foi reconhecido em seus princípios que o que dava o melhor resultado era uma influência emotiva entre duas pessoas, e se a emoção significa um extra de energia, seja ela expressa em alegria, medo, ódio, repulsa, raiva ou ansiedade, parece que temos uma força vibratória inicial pela qual podemos nos reger; mas o modo de como essas forças desconhecidas podem se espalhar a distâncias de 10.000 ou 1.000 milhas, e se retraduzirem em uma mensagem determinado para outra pessoa, e que frequentemente é dada nas próprias palavras em que foi enviada, e frequentemente também são portadoras de uma imagem visual das características da pessoa que a envia, com inúmeros detalhes, era e continua a ser um grande enigma. Quando enviamos uma mensagem telegráfica ou escrevemos para alguém, usamos símbolos cifrados inteligíveis para o remetente e o destinatário, como uma conversa comum; mas na telepatia nos deparamos com um pensamento, que às vezes nunca é pronunciado com palavras, que chega a conhecimento de alguém que nem mesmo o espera, e que de certa forma se traduz em um cifrado compreensível, de tal maneira que o receptor imediatamente sabe o que acontece com seu amigo; notícias tão precisas quanto poderiam ser dadas em uma carta e, posteriormente, comprovadas pelos acontecimentos. Não sabemos de que nada no uso dos sentidos comuns possa explicá-lo e, portanto, chegamos à conclusão de que, sendo, como são, definitivos os resultados e registrados pelo cérebro físico, a via de comunicação é uma via psíquica. A telepatia é definitivamente um dos nossos fatos supranormais, e a ciência desconhece qualquer ideia de radiação direta de um cérebro físico para outro a certa distância. Este era um dos problemas; o outro era saber como o destinatário da mensagem era selecionado, entre todos os milhões de habitantes do mundo; quem poderia ser capaz de captar uma vibração psíquica do pensamento; pois, em muitos casos comprovados, o remetente estava naquele momento ferido e sem conhecimento e nem sequer formulara um pensamento para pessoa alguma em particular, e, no entanto, geralmente aqueles entes mais próximos e queridos eram os receptores, embora haja casos em que pessoas estranhas recebem mensagens de aviso. Será que precisamos pensar na distância, ou o tempo, ou seleção

definitiva em relação à pessoa que recebe uma mensagem telepática, ou podemos vislumbrar como um escritor recente, o Sr. Whately Carrington, fez, que todos nós estamos em contato mútuo em algum plano mais profundo de nossa consciência através de alguma via invisível de contato, e que em momentos de necessidade nós usamos essa via inconscientemente? Isso apoia o argumento da comunidade de consciências em que a comunicação é instantânea e na qual aqueles que se amam podem, naturalmente, ser mais sensíveis do que os estranhos. Isso acontece em experimentos psicométricos; o médium que segura uma concha, por exemplo, não diz: "Vejo que isso vem de certas águas", mas diz: "Estou debaixo d'água e sinto um grande peso que pressiona meu corpo". Esta teoria explica muitos fatos incomuns na vida e nos dá uma razão para no fundo permanecermos ativos através do pensamento, a meditação e a oração, de modo a estarmos prontos para dar ou receber ajuda de outras pessoas a qualquer momento; e nesta faculdade da mente, há uma justificativa convincente para um prudente desenvolvimento psíquico. Alguns são especialmente sensíveis a tais contatos em estado de sonho e podem dar ou receber ajuda enquanto estão dormindo. Não devemos nos preocupar se nem sempre nos lembramos de nossos sonhos, mas se dessa forma somos receptivos, os conselhos ou ajuda recebidos podem ser depositados no subconsciente e ficar prontos para serem usados quando acordarmos, se necessário. Jesus diz: "Será dado a você no momento de você falar." Pode ser que a ajuda já tenha sido dada e a necessidade apenas a traga à superfície de nossa consciência para um uso prático. Uma das grandes contribuições do Professor Sigmund Freud à moderna psicologia é o estudo do vasto domínio de "inconsciência" vasto em suas fontes quando comparado com a pequena porção da consciência superficial iluminada que usamos diariamente. A ciência não está satisfeita com os resultados emocionais e a P. S. I. passou logo a trabalhar em experimentos "a sangue frio", que pudessem ser acompanhados do início ao fim sob estrita afirmação. Ao fazer isso, eles escolheram pares de amigos mutuamente "em rapport" e alcançaram sucesso considerável; experimentos entre estranhos deram resultados muito mais pobres. O nome Transmissão do Pensamento foi cunhado para distinguir esses esforços deliberados daqueles que

ocorrem espontaneamente. O remetente de uma mensagem era chamado de agente ou transmissor e o receptor, o percipiente. Foi observado também que, em casos de sucesso, muito mais foi recebido do que o que foi enviado: na própria mensagem, muitas vezes o receptor descrevia outros pensamentos que passaram pela mente do agente, e que ele não tinha intenção de enviar, ou também apareciam detalhes da roupa ou da sala onde o agente estava sentado, de modo que o fato da clarividência teve que ser adicionado ao estudo. Também foi observado que algumas vezes havia transmissão diferida. Um resultado recebido inexato ou não recebido, aparecia de repente "corretamente" em um experimento posterior, o que levava a outro problema. Onde o pensamento tinha se pousado nesse meio tempo, quando o receptor estava pronto e esperando, e no entanto não o captou? Ele havia sido enviado pelo agente, mas não encontrou o reconhecimento no receptor até alguns minutos e às vezes até horas depois.

Teria ele realmente sido registrado na hora pela mente "inconsciente" do receptor, que não pôde naquele momento transmiti-lo a seu cérebro consciente?

Esses experimentos receberam um grande impulso quando foi descoberto que o professor Gilbert Murray, famoso autoridade em Grego, de Cambridge, e mais tarde Sir Gilbert Murray, famoso na Liga das Nações, era um receptor telepático extraordinário quando se relacionava com sua filha como agente. Ele concordou em fazer algumas experiências, um grupo distinto de pessoas foi escolhido. Eles se reuniram em uma sala e determinaram sobre um sujeito ou assunto, que um dos membros do grupo deveria transmitir. O Professor Murray foi transferido a uma distância de várias salas. Não lhe foi permitido usar do tato ou a oportunidade de ler nas características fisionômicas; "o murmúrio inconsciente", a ideia de que até mesmo a formação do pensamento em palavras mentalmente pudesse de algum modo atingir um ouvido sensitivo, desapareceu por causa da distância. Murray chegava à porta da sala e imediatamente sabia a resposta ou não sabia. Duas boas anotações desses experimentos foram feitas, e é interessante notar que este sábio professor era tão sensitivo e suscetível de condições quanto o mais medíocre dos médiuns, que se distraía facilmente

por causas de condições ou pessoal ou por qualquer caso ocorrido durante o dia. Lembro-me de que fiz alguns experimentos interessantes em minha própria casa com um médium alemão, Ludwig Kahn, alguns anos atrás. Enquanto ele estava em outra sala, um grupo de 6 ou 7 pessoas escreviam, cada uma, uma pergunta ou frase em um pedacinho de papel. Estes eram enrolados ou fechados em envelopes, e colocados todos juntos em um prato segurado por alguém do grupo. Quando Kahn era chamado, ele pegava um dos papéis e encostava-o na cabeça; às vezes ele o queimava e dizia imediatamente apontando para alguém: "Você escreveu isso, e você me perguntou tal e tal coisa". Ele não tocava nos outros papéis, mas continuava dizendo a cada pessoa: "Você escreveu tal e tal coisa" e, como regra geral, cem por cento das vezes ele acertava. Devido a algum desmando, este homem foi para a cadeia, onde demonstrou seus dons, para espanto de dois detetives, que mais tarde me visitaram para perguntar se era um truque. Alguns anos depois, Kahn apareceu em Paris e repetiu esses experimentos exatamente nas mesmas condições, diante do professor Richet e do dr. Osty lendo palavras em grego e hebraico com perfeição, mas ficando completamente ignorante do significado. Suas experiências são agora consideradas clássicas.

O professor Bert Reese, de Nova York, era também um telepático de poder extraordinário. Certa feita, meu marido, que acabara de chegar da Inglaterra a Nova York, visitou-o. Ele foi convidado a escrever várias frases em pedaços de papel e escondê-los em si mesmo ou no quarto enquanto Reese estava fora. Ao entrar, Reese imediatamente começou: "No seu bolso você tem tal e tal pergunta; na gaveta você colocou uma dúvida sobre uma viagem », e assim por diante. Uma das perguntas era: "O que minha esposa está fazendo agora?" A resposta indicava um conhecimento perfeito além do alcance do que meu marido poderia saber, dizendo que eu estava na praia, em um jardim com três pessoas, sendo uma delas um homem de cabelos branquíssimos e duas senhoras e estávamos falando sobre Espiritismo. Era assim mesmo; eu não tinha ido à praia quando o Sr. Mckenzie, meu marido, havia deixado a Inglaterra, e conheci essas pessoas somente depois de minha chegada lá; o cavalheiro distinguia-se por seus cabelos brancos, e todos começavam a se interessar pelo nosso assunto, e

assim, através desse contato, tornaram-se entusiastas do Espiritismo. Não houve tempo para que meu marido e eu pudéssemos nos comunicar. Quem forneceu as informações neste caso?

Ossowiecki, o engenheiro de Varsóvia, médium amador, destacou-se nos últimos anos em grupos científicos por seu poder telepático. Em uma reunião internacional, um desenho foi colocado dentro de um tubo de chumbo, passado de um para o outro, e depois levado para Varsóvia, e experimentado por ele. O conteúdo foi descrito com absoluta precisão, e no ano passado, quando visitei Varsóvia com alguns de meus amigos, um evento similar aconteceu: o médium descreveu até mesmo as cores dos lápis que foram usados para fazer o desenho que estava sendo submetido a ele, e que estava selado de uma maneira muito complicada. Que tipo de raios X essas pessoas têm, que tubos de chumbo, camadas de papel opaco em envelopes e dobras de papel não são um obstáculo? A transmissão do pensamento do qual ele compôs a mensagem não conta de maneira alguma; há também um elemento de visão de uma natureza que não podemos atingir.

Experiências de rádio telepatia em massa foram realizadas na Inglaterra e nos Estados Unidos com sucesso variável. Em certa ocasião, Sir Oliver Lodge era quem dirigia a palavra aos "radio-ouvintes". Os agentes eram um grupo que havia se reunido nos salões da S.I.P. O Sr. Lodge falava ao microfone: "Agora eles estão olhando para uma flor, ou um naipe, uma cor, ou fazendo tal e tal coisa", e depois de tais manifestações era estipulada a hora. Então cada ouvinte enviou um cartão postal com suas impressões para a Sociedade. Os resultados não foram conclusivos, tendo uma margem de acaso a considerar, mas alguns casos verdadeiramente extraordinários foram confirmados.

Eu mesma, em várias ocasiões, assumi grupos para fazer experimentos de transmissão do pensamento com sucesso lisonjeiro. Esses grupos eram pequenos, seis ou sete, no máximo; um age como transmissor, enquanto o grupo age como receptor. A única coisa em comum que ligava os participantes do grupo era o interesse mútuo no assunto, e sempre se podia observar, à medida que o grupo continuava, que não apenas objetos transmitidos eram recebidos com mais ou menos sucesso, mas também o

fundo da mente do transmissor era inconscientemente transmitido. Em uma ocasião, o agente vislumbrou um farol com as ondas banhando os degraus verdes e escorregadios na base do mesmo. Eu, como percipiente, notei a luz, mas não o farol, vi as ondas e os degraus verdes, mas também notei um amplo xale de Manila bordado com pequenas rosas e um fundo azul. Perante isto, o agente confessou que, segundo ele disse: "Eu estive olhando esse xale com a minha filha esta manhã, e ela decidiu usá-lo como uma colcha". Por que o xale apareceu tão claramente? Será que esta senhora tinha preferência pela cor azul? Dizem que a cor é a coisa mais fácil de transmitir.

As experiências telepáticas feitas pelo Sr. Upton Sinclair e sua esposa nos últimos anos, e publicadas em seu livro "Mental Radio" em 1931, são, provavelmente, dos mais interessantes e têm chamado muito poderosamente a atenção, tanto pela seriedade das testemunhas quanto pelo grande cuidado observado ao tomar notas e as numerosas ilustrações dos próprios desenhos dados e transmitidos. Com amadores desse tipo, é como ainda são conseguidos os melhores trabalhos dessa natureza. Eu conheci os senhores de Sinclair, em Los Angeles, em 1928, quando eles estavam trabalhando plenamente com esses experimentos, e os encorajei a publicá-los; porém Upton Sinclair, devia tomar em consideração os seus muitos leitores, que, apesar de terem se acostumado ao tipo das suas "excentricidades" poderiam muito bem não estarem de acordo em aceitar mais uma.

Tão recente é o fato desse aspecto simples de nosso estudo poder ser considerado como reflexo da estabilidade mental e da sabedoria de um escritor muito conhecido. No entanto, ele assumiu esse risco e seu livro teve uma difusão enorme. Sua esposa é uma mulher raramente sensitiva com intuitivos dons naturais. Seu desejo era saber por si mesma se a transmissão do pensamento era possível e, como resultado disso, Sinclair pode dizer: "Por trinta anos, quis saber se a telepatia era um fato; agora eu já consegui saber. A telepatia é verdadeira e nunca mais vou duvidar ". O método usado por Sinclair era colocar-se em um estado passivo, e então tomar do marido um desenho dobrado que ele havia desenhado em outra sala, e colocá-lo em seu próprio "plexo solar". À medida em que as

impressões iram surgindo de sua mente, ela as desenhava com papel e lápis, acrescentando notas referentes à maneira como ela via os desenhos. Estes apareciam gradualmente, como que traçados em uma tênue silhueta. Muitas vezes, ela obtinha um desenho completamente correto e, no entanto, não reconhecia o que era, o que provava que ela nem sempre estava lendo os pensamentos do marido. Também conseguiu isso com outros; em certa ocasião estava tentando receber comunicação de seu irmão que, a 40 milhas de distância, estava se concentrando em um objeto. Ela conseguiu corretamente, mas depois "ouviu" um grito de dor e recebeu a impressão de uma mancha escura de sangue. Na verdade, no momento da transmissão, seu irmão teve uma súbita sensação de doente grave que poderia resultar em hemorragia.

Registramos que os experimentos da Sra. Sinclair a deixaram muito cansada, como se ela tivesse gasto muita energia.

Há também experimentos interessantes que foram anotados, entre "Margery", esposa do Dr. Crandon, de Boston, e seu grupo, e outro grupo da Itália. A telepatia existe, mas como?

Ao ouvir sobre tais experiências, a maioria dos pesquisadores psíquicos passa por uma fase na qual eles se perguntam se as mensagens recebidas através dos médiuns são meramente o resultado da leitura de pensamentos efetuada a partir de suas próprias mentes, e não de verdadeiras comunicações de sobreviventes amigos. Uma grande porção dos mensagens mediúnicos certamente contêm matéria conhecida, consciente ou inconsciente ao assistente, e, muitas vezes, apenas um fragmento fica para ser verificado por vias que não estão relacionadas com esta, ou por meio de algum relatório desconhecido que algum amigo falecido deixou. Aqueles que não aceitam a sobrevivência como fato já provado, prendem-se a isso, e insistem em que até a matéria desconhecida pode ser levada em consideração devido à teoria da Memória Cósmica, segundo a qual tudo o que aconteceu em qualquer parte fica anotado, e pode ser acessado pela clarividência do médium; e assim a intervenção dos espíritos é descartada. Esta teoria não foi comprovada e não se encaixa em todos os fatos. Outros críticos afirmam que os pensamentos de uma pessoa sem corpo podem sobreviver de certa maneira sutil, independentemente de

qualquer sobrevivência da personalidade em outra vida, e serem percebidos pelo médium. O conde Aksakoff em seu livro "Animismo e Espiritismo" cita muitos exemplos que rejeitam estas duas críticas e mostra que não é preciso nos preocuparmos muito com tão gratuitas teorias.

Eles não explicam como, quando sentamos com um médium e formamos um bom contato, nos encontramos conectados com o comunicante certo para nós, que é como nós o conhecíamos, como personalidade, e constantemente mostra interesse nos assuntos da nossa vida atual, e muitas vezes nos diz que ele exerce uma tutela sobre nós. O método pelo qual o nosso amigo do outro mundo se comunica com o médium é provavelmente telepático, dando impressões de si mesmo, mostrando-se pela clarividência, enviando pensamentos que se traduzem em próprias frases de alguma forma desconhecida ou então às vezes até se escutam palavras audivelmente claras e comuns. Que outro método teriam aqueles que não têm mais um cérebro físico? O comunicante torna-se em agente enquanto a "sessão" dura, e o médium atua como percipiente; o assistente está na linha de comunicação, como também o guia do médium, e, naturalmente, pensamentos comuns aos quatro podem ser tecidos com a mensagem. Aqui é onde a observação é necessária durante as sessões e se é possível fazer anotações, que podem ser discutidas posteriormente. Muitas vezes nos lembramos apenas o que nos fascina e nos esquecemos de examinar o resto que poderia ter nos dado muito material para pensar sobre os métodos que comunicantes e guias precisam empregar e que ajudam a obter mensagens.

Dois pesquisadores científicos deram suas opiniões recentemente sobre este ponto, e vale a pena tomarmos nota de seus meditados pontos de vista.

O Dr. Osty, na "Revue Metapsychique" de janeiro de 1933, lida com "Telepatia Espontânea e Transmissão do Pensamento Experimental". Ao falar dos pobres resultados obtidos em telepatia experimental durante recentes pesquisas na Inglaterra, afirma que não foi tomado o cuidado suficiente para garantir um perfeito estado de harmonia entre os participantes e reconhece que nos melhores casos que ele experimentou, o percipiente deve ter a capacidade de entrar em um leve estado de transe, para a receptividade.

Ele fala sobre o caso de Mme. Kahl-Toukholka, uma russa que é capaz de receber transmissão de palavras e desenhos dos participantes e, em alguns casos, estes últimos são reproduzidas em suas pele, braços e pescoço, como diagramas e letras, indicando corretamente a transmissão de pensamento dos experimentadores.

Também nos faz observar em grande detalhe como, com certos clarividentes, o pensamento dos assistentes é devolvido pelo médium na forma de conselhos, que, se forem seguidos sem bom senso, podem levar a sérios aborrecimentos e perdas. Ele também observou que é fácil, em alguns casos, desviar um psíquico, dando-lhe informações erradas.

Tudo isso nós já sabemos e indica que é conveniente ser cauteloso. Nunca vigilância e bom senso são suficientes em relação ao que recebemos sobrenaturalmente. Essa responsabilidade é nossa e não do médium. O Dr. Osty, que não expressa a crença na sobrevivência, admite, entretanto, junto com o Professor Driesch e o Professor Richet, que existem fatores inexplicáveis que não são cobertos por qualquer leitura de pensamento e sustenta que, se algo sobrevive, provavelmente não é a personalidade restrita que conhecemos em circunstâncias comuns, mas sim um super "ego", que não é limitado pelo espaço ou pelo tempo, e capaz de participar de um campo de conhecimento muito mais amplo do que quando estava vivo.

O professor Han Driesch, de Leipzig, em seu recente livro "Investigação Psíquica", trata detalhadamente da telepatia, que ele aceita como coisa provada. Ele rejeita a ideia de radiação de uma mente para outra como explicação da transmissão do pensamento, mas acredita que a clarividência transportável pode ser usada em alguns casos e que a força psicométrica pode ser exercida em outros, enquanto em alguns admite a externalização de uma força não limitado nem pelo espaço nem pelo tempo; em outras palavras, o "duplo" ou corpo etéreo do agente, que pode levar suas próprias mensagens. Não há, no fundo, muita divergência entre essas opiniões e aquelas alcançadas por espíritas inteligentes.

Na "transferência de pensamento" comum podemos dizer que há um recitado sem emoção e sem interesse de matéria já preparada pelo transmissor, enquanto na "mediunidade" tem um conteúdo dramático, uma

história por uma determinada pessoa que conhecemos, suas emoções, às vezes até seus gestos, inflexões corretas da voz e matéria imprevista e selecionada apropriada para ele. Repetidamente em seus escritos Sir Oliver Lodge faz a seguinte pergunta: "Quem seleciona as mensagens?" Se o conteúdo de uma sessão emana somente de nossas mentes, qualquer médium pode obter muito mais do que obtém, em vez dos insucessos que nós conseguimos com os melhores; muitas vezes os nossos mais dominantes pensamentos conscientes, e até mesmo fortes ideias inconscientes nunca chegar a tocar, e em vez disso pode acontecer de nos entregarem uma mensagem inesperada que se destina a ajudar um amigo ou parente. Quer os cientistas aceitem a sobrevivência ou não, como explicação das mensagens mediúnicas, há neles um fator X que eles não podem explicar atualmente. O Professor Wm. Brown, psicólogo famoso, disse recentemente que "Telepatia, por muito que eu a entenda, não explica o que eu tenho recebido em sessões de transe com a Sra. Leonard."

Também devemos levar em conta as correspondências cruzadas, provas de livros e provas de jornais, completamente desconhecidos pelo experimentador, mas que foram deliberadamente selecionados pelos comunicantes encarnados, sem dúvida, para eliminar a ideia telepática e dar o devido testemunho associado ao comunicante: precisamos levar isso em conta também.

Os espíritas não acreditam que o pensamento possa ser separado do pensador; o cérebro é o instrumento, mas não é o criador do pensamento; e argumentam que o pensador continua a existir além da morte, e através das vias da sensibilidade, podem nos garantir sua sobrevivência. Todos nós deveremos usar este método mais cedo ou mais tarde e pode valer a pena praticar agora o modo de transmitir mensagens de pensamento entre os vivos, para que assim não fiquemos muito inexperientes em nossa vida futura.

O falecido professor Hyslop, da Sociedade Americana de Investigações Psíquicas, que estava convencido da sobrevivência, certa vez deu suas razões para rejeitar a ideia de que todas as comunicações mediúnicas poderiam ser explicadas como casos de telepatia do assistente. Ele sustentava que um espírito amistoso pode muitas vezes ser usado como

mensageiro na telepatia comum entre vivos, que estão perto de nós para nos ajudar, e que em casos de necessidade podem ser a ajuda invisível que nos adverte do perigo em que um amigo pode estar ou nos adverte de um perigo pessoal. Ele argumentava que a "realidade dos erros" que ocorrem nas sessões indica personalidade. Se há acesso fácil a memórias vivas que conhecem os fatos com precisão, não há espaço para erros mediúnicos, mas eles são suscetíveis a uma memória fraca por parte dos comunicantes sobreviventes, e nos dá vários exemplos disso em suas investigações com a Sra. Piper.

Além disso, a "matéria trivial" que emerge, e da qual nossos críticos tantas vezes caçoam, também é uma coisa muito pessoal. Essa nuance intimamente pessoal pode ser observada mesmo com pessoas que antes de morrer tiveram uma grande cultura. Se esse conhecimento terreno está disponível em outro lugar, por que o médium não o manifesta, em vez de nos dar detalhes pessoais selecionados?

Além disso, ele pergunta, como podemos explicar a mudança de comunicantes em uma base telepática? Seria muito mais fácil para o médium permanecer em uma única linha de comunicação se é que ela estava em contato com um informante impessoal; no entanto, às vezes, em uma sessão, sentimos como se tivéssemos estado com um grupo de amigos e que todos vão encontrar seus relacionamentos correspondentes.

Ou também descobrimos que alguns são comunicantes muito bons, outros muito deficientes; isso não está relacionado com a leitura de nossos pensamentos, mas com a variação da personalidade. Além disso, onde colocamos na telepatia o "controle" do médium, que tão pacientemente ajuda o novo comunicante, esclarece as dificuldades e exerce uma vigilante tutela sobre o médium? Não podemos colocá-lo, mas ele tem um lugar importante se o método de comunicação tiver que ser aprendido por um indivíduo e precisar da ajuda de seus amigos com mais experiência.

Como podemos explicar por telepatia a confirmação dada em outras sessões e com outros médiuns do que recebemos anteriormente, muitas vezes com detalhes adicionais, como se novas memórias tivessem sido revividas por nossos amigos?

A hipótese do espírito explica muitos outros fatos além da telepatia, e dá

ao todo unidade e racionalidade e "prova a identidade", e aceitar a telepatia é aceitar em muitos casos um "milagre", enquanto a explicação natural é que os nossos próprios amigos sobreviventes é que nos procuram para falar conosco, através desse único meio conhecido, nossa própria sensibilidade ou a do médium.

A "telepatia espontânea" é um fato entre os vivos. "A transmissão de pensamento deliberada" também é um fato; ao provar isso, não damos explicações sobre o fato, mas ganhamos um passo nos métodos empregados no conhecimento da comunicação que não é por meio dos sentidos físicos, e também um passo no que se refere aos métodos usados pela "outra parte" quando se comunica. A realidade da comunicação sem fio, que é frequentemente usada como uma analogia de telepatia por aqueles que não refletem, falha quando lembramos que uma determinada chave foi combinada entre o transmissor na estação de rádio e a pessoa que está sintonizando para ouvir. É um milagre da inventividade humana, mas não explica o que acontece entre mente e mente na telepatia, ou das mentes desencarnadas na mediunidade. Podemos usá-lo como uma analogia nova e interessante, mas isso não nos dá uma nova luz sobre o assunto.

Para qualquer explicação satisfatória temos de voltar à ideia de um mundo etéreo interpenetrante e o uso de um corpo etéreo provido de sentidos muito mais sensitivos do que os sentidos físicos. Todas as coisas vivas são basicamente construídas sobre uma estrutura de matéria invisível. As aparições e materializações são possíveis apenas porque existe esse "duplo", ou fantasma, ou corpo etéreo, que pode ser revestido por alguma circunstância estranha chamada ectoplasma e que se faz visível, ou pode ser vista de uma forma mais tênue pelo olho do clarividente. Na telepatia, quando uma aparição acompanha uma mensagem, é meramente o 'duplo' do remetente que em um momento de urgência fez um esforço para se desgrudar, e visto que o espaço e o tempo não são obstáculos para sua passagem, faz contato instantâneo com quem ele ama. Somos justificados por todos os testemunhos ao insistir na nossa fé neste uso do corpo etérico, mesmo quando o "duplo" não é visível aos nossos olhos.

Se isso pode acontecer na vida, pode acontecer depois da morte. O

professor Flammarion, em seus volumes "Antes da Morte", "Na Hora da Morte" e "Depois da Morte", nos dá exemplos exatamente iguais de identidade comprovada em todos os três estágios. Mesmo na vida normal, Sir Oliver Lodge afirma que nos comunicamos através de nossos sentidos etéricos, mas que isso se tornou tão automático quanto o batimento cardíaco, e não percebemos de onde vem. As palavras que eu dirijo a vocês agora causam impacto primeiro em seu ouvido etéreo e são inconscientemente traduzidas por vocês na chave que seus cérebros entendem e que está de acordo com a minha chave de transmissão. Mas que chamada ou sinal usa aquele que apenas envia um pensamento? Não temos nenhuma explicação possível, a menos que, como já indicamos, exista um éter empenetrante no qual nossos corpos etéreos operam e no qual podem existir pontos especiais de urgência criados pelo afeto entre amigos, que respondem instantaneamente em momentos de necessidade.

De qualquer forma, essa teoria, ou realidade, como eu a chamo, explica o ponto principal do que é conhecido hoje por meio de experimentos práticos. Os cientistas podem chamá-lo de "externalização da força", mas a frase não explica nada, enquanto o fato conhecido do corpo etérico explica como a comunicação supersensível pode ser possível durante a vida e após a morte. Será que houve uma descoberta maior neste tempo maravilhoso, ou melhor, digamos uma redescoberta, uma vez que não reivindicamos a originalidade? Poucos ainda reconhecem seu potencial, e pode ser bom que o conhecimento disso venha lentamente para a Humanidade, uma vez que contém grandes potências para o bem e para o mal. É um instrumento de serviço maravilhoso entre amigos..., "o homem está armado pelo pensamento de um amigo distante", como disse um poeta moderno, mas também pode ser uma arma nas mãos de pessoas malvadas; muitos dos efeitos perniciosos atribuídos à feitiçaria provavelmente foram devidos ao resultado de um pensamento malicioso concentrado, pois a concentração parece ser a válvula que abre caminho para o fluido etérico e o faz entrar em ação. Tudo depende do uso que dermos a ele. Nós nos protegemos através do estudo e do bom comportamento, recusando pensamentos prejudiciais e deprimentes e nos tornando apenas receptivos à verdade, beleza e bondade.

D - Estudo experimental da mediunidade e seu desenvolvimento, pelas sociedades «Rumo à Perfeição» e «Sáenz Cortés».

Ao encarar o estudo da parte científica do Espiritismo com intuito de compreender seus fenômenos, julgamos oportuno ressaltar que, por parte dos pesquisadores, não é dada a devida atenção, fazendo-se uma lamentável confusão dos fenômenos psíquicos com as verdadeiras manifestações mediúnicas. Mesmo reconhecendo que nem sempre é fácil uma classificação a partir das primeiras experiências, acreditamos ser possível com um pouco de boa vontade e estudo, essencialmente para aquelas pessoas cuja longa prática lhes forneceu conhecimentos suficientes, saber contornar as grandes lacunas que a fenomenologia apresenta em suas infinitas faixas e estados.

Não é assim para o iniciante, carente de observações práticas, mesmo de posse de conhecimentos mais ou menos teóricos.

Concretizando a nossa ideia, diremos que todo interesse em experimentação e até na interpretação do desenvolvimento mediúnico desde seus primórdios envolve não apenas possuir o rudimento teórico correspondente, mas também uma dose de prática prolongada em uma paciente tarefa de observação, para chegar desta forma a preencher as condições indispensáveis e saber discernir adequadamente certos estados mentais, anímicos e mediúnicos, apreciando-os com justo valor, nas suas diversas manifestações e modalidades.

Ao manifestarmos o acima exposto, somos encorajados apenas pelo desejo de chamar a atenção desta honrosa Assembleia, para a necessidade urgente de orientar a grande massa de correligionários, entre os quais existe a crença de que basta para praticar o fenomenismo, apenas ser animado por intenções saudáveis, munidos de um ardente amor pela Causa e repletos da fé inabalável do Espiritismo e da palavra e ideias dos Espíritos.

Entendemos que boas qualidades morais são uma condição indispensável para qualquer pesquisador que queira estar a salvo de certas armadilhas próprias da afinidade de relacionamento espiritual; mas essa qualidade, por si só, não é suficiente para salvar outros perigos devido às

falhas de ensino, que repercutem nos sujeitos, sensitivos e médiuns, para o qual é necessária uma sólida preparação teórico-prática, capaz de tornar as faculdades estudadas plenamente aproveitáveis.

O mesmo raciocínio poderíamos argumentar para aqueles que não tendo essa fé se uniram às nossas fileiras com os preconceitos de outras escolas, filosofias e ideias políticas e sociológicas, para os quais são fanáticos todos aqueles inclinados por seus sentimentos a uma maior religiosidade, incorrendo eles mesmos em um fanatismo próprio da tendência de onde vêm. Salta muito claramente do que acabamos de dizer, que ambas os extremos, de excessiva religiosidade ou de excessivo tecnicismo sociológico e científico, são um obstáculo formidável oposto não apenas ao avanço do nosso ideal em círculos ocultos, mas que embaçam a nitidez do fenomenismo espírita. Conceituamos não estar nenhuma das duas tendências em condições de se envolver de forma eficaz no estudo da alma, do ser e do destino, e desvendar consequências filosóficas, morais e científicas; um estudo que deve ser abordado profundamente inclinado a serenidade desprovida de preconceitos e tendências, com toda a imparcialidade, retidão de critério e elevação de objetivos.

Só assim é possível penetrar no estudo do delicado, para não dizer misterioso, mecanismo mediúnico em toda a extensão de seus diversos aspectos; de outro modo, poderíamos cair na alimentação de um animismo tórpido ou vulgar por parte dos sujeitos, quando não em atingir certos estados de sugestão coletiva em relação aos experimentadores.

A experiência adquirida no estudo teórico-prático da fenomenologia em seus vários aspectos, ao longo de mais de um quarto de século, não só observado em nosso círculo de estudos, mas também nos trabalhos da maioria dos centros de nosso país, e de alguns estrangeiros que nos foi dado conhecer, permitiu-nos reunir elementos suficientes de julgamento para chegar à conclusão de que o fenomenismo, em muitos centros, sociedades ou grupos é mal canalizado e erroneamente interpretado em seus elevados objetivos fundamentais de ciência, filosofia e moral. A indiferença chega, por vezes, a aceitar animismos simples e grosseiros, como tivemos ocasião de observar, onde se reflete no transe de todos os sensitivos, as mesmas ideias e preconceitos que flutuam no círculo em que

atuam e, de tal modo, que são externalizados como se fossem cópias saídas de um mesmo molde.

Repetimos, e diremos até o esgotamento, que o Espiritismo é um ramo do conhecimento humano e, como toda ciência, para entendê-lo é necessário o desejo de estudá-lo com total independência; caso contrário, cai-se em um grave erro de apreciação, porque aqueles inclinados à religiosidade pretendem fazer do Espiritismo uma nova religião, porque em alguns de seus aspectos há certa similaridade ou analogia com os preceitos morais clássicos; e os defensores de certas tendências político-sociológicas procuram fazer dele um ideal de reivindicação social, pelas mesmas circunstâncias, do outro ponto de vista de seus postulados de fraternidade. Ambos sofrem um grave erro de interpretação e, conseqüentemente, em seu respectivo critério exclusivista, mancham a grandeza de um ideal essencialmente integral, claramente definido em seu conceito de superar outras escolas religiosas-político-sociológicas, e também científicas. Dito isto, é claro, com a altura de bons idealistas e com a consideração para com os outros que estão obrigados a manter todos os espíritas, guiados apenas pelo amor ao bom desenvolvimento de nossa causa.

Acreditamos ter refletido sucintamente nossa maneira de sentir e pensar sobre a face mais complicada das muitas facetas presentes no Espiritismo, para não dizer a mais delicada, sabendo que, colocadas em jogo forças pouco conhecidas, não só escapam ao controle da nossos sentidos físicos, mas seus efeitos também são captados com pouca clareza, na maioria dos casos, devido aos graus incompletos de desenvolvimento das faculdades e mediunidades, a fim de poder aprofundar seus estudos adequadamente.

Os métodos a serem utilizados devem visar a obter maior soma de nitidez nos transes mediúnicos, bem como maior segurança nas faculdades supranormais, e devem ser aqueles que permitem diferenciar, em uma classificação precisa, as faculdades de mediunidades, através das alternativas que se manifestam durante o processo de desenvolvimento a partir do período inicial. E a fim de contribuir para a seleção de métodos eficazes, para a orientação dos trabalhos em tão paciente e delicada tarefa, nos leva a expor, em nome de nosso amor ao ideal, desprovidos de toda

vaidade e pretensões, os métodos que temos usado em nossas pesquisas e os resultados obtidos. Com eles, tentamos, dentro de nossa modesta capacidade, eliminar os vícios, ou melhor, as falhas de ensino, as quais mencionamos, obtendo assim muitíssimas comprovações devidamente certificadas, que aparecem nos arquivos de nossa associação. Deixando de lado a transcrição de fatos, que não é o propósito de nossa exposição, passaremos de plano a citar as disposições adotadas e recomendadas pela prática em sucessivas adaptações.

Em princípio, os sócios ocupam duas categorias principais, a saber: «Passivos» e «Ativos», e com eles são realizados diferentes tipos de sessões, devido à diversidade de preparação que os caracteriza; enquanto para os passivos são exigidos apenas conhecimentos rudimentares do Espiritismo, para os ativos é solicitada uma maior amplitude de conhecimento, entrando para a categoria depois de um exame adequado.

Todos os sócios têm acesso às sessões gerais, sendo permitida a participação daqueles que desejam se iniciar, após participar de seis conferências públicas realizadas anualmente pela sociedade, em um ciclo de vários meses, desde que não mostrem conhecimento prévio sobre nossa teoria. Nesta sessão, somente a mediunidade falada é praticada, pelos médiuns que possuem certo desenvolvimento e capazes de oferecer muita nitidez nas comunicações.

Nas sessões realizadas exclusivamente com os sócios ativos, denominadas "Sessões de Desenvolvimento", os diversos aspectos apresentados pela fenomenologia são praticados e estudados de forma correlata, buscando prudentemente canalizá-la para o melhor desempenho, corrigindo modismos próprios do médium, preservando cuidadosamente as modalidades salientes que faz de cada um deles uma função especial de estudo e dedicação, característica que o faz diferenciar-se dos outros, como acontece com a personalidade de um bom músico ou de um excelente pintor.

Para desvendar principalmente faculdades e mediunidades, quando certos indícios denotam condições, procede-se à realização de "Sessões Especiais ou de Busca" no ambiente reduzido dos componentes, caracterizado por maior dedicação sob a direção da C. D. na íntegra.

Acreditamos ser conveniente esclarecer alguns detalhes correspondentes às condições de como realizamos nossas sessões e os meios utilizados para tentar criar um ambiente apropriado; ao qual temos chegado por apreciações dos benefícios obtidos em direções sucessivas indicadas pela prática.

Nas sessões para os sócios de ambas as categorias, com assistência de convidados, começamos com uma leitura de dez minutos, de um tópico apropriado ao ato a ser realizado. Essa leitura atrai a atenção e elimina, em parte, preocupações materiais, predispondo a mente e o espírito às coisas do mundo espiritual, executando então uma música de melodia suave e harmoniosa, enquanto a pessoa encarregada de dirigir a sessão (nem sempre o presidente) faz um apelo aos assistentes, convidando-os a unir seus pensamentos com os melhores sentimentos de benevolência e de real interesse no estudo do ato que será realizado. Nessas condições, elevamos nossos pensamentos, oramos assim, sem articular palavras e sem fórmulas.

Formando um círculo fechado, os médiuns e um pequeno número de sócios ocupam seus respectivos lugares, que são planejados com antecedência e que eles mantêm constantemente. Estes formam a corrente fluídica, enquanto os outros assistentes permanecem fora dela. A pessoa encarregada de dirigir a sessão convida os médiuns a iniciar a evocação, recomendando não evocar nenhuma entidade específica. Também é recomendado aos médiuns que não se rendam ao primeiro impulso, isto para evitar, em caso de se precipitarem, a confusão que poderia sofrer entre uma influência e o transe mediúnico, conseguindo assim, sem pressa, um transe mais completo. Produzido o transe nas condições indicadas, as chamadas pinturas de além-túmulo são facilmente obtidas.

Tanto nestas sessões como nas outras realizadas, damos pouco valor ao nome do espírito comunicante, salvo em casos excepcionais ou de interesse de identificação; atuamos assim, para preservar nossa total independência durante os trabalhos, e pela mesma razão, os videntes são convidados a silenciar até o final da sessão, fazendo-o então ser registrado separadamente, com tantos detalhes quanto possível, diante das pessoas indicadas para tal.

No final da sessão, os participantes são convidados a formular qualquer

pergunta para esclarecer dúvidas ou fazer alguma objeção em relação às comunicações, aos transes mediúnicos, bem como às interferências que possam ter sido feitas. Tudo isto é realizado na presença dos médiuns, sem por isso sentirem-se aborrecidos.

Temos o prazer de registrar este fato, tão incomum, apesar de sua utilidade, e que não é realizado na maioria dos casos, por medo de incomodar a suscetibilidade dos médiuns; algo que não acontece em nosso círculo, porque eles acreditam que não é uma crítica do trabalho deles; em vez disso, eles o interpretam como uma análise indispensável para ir canalizando as faculdades, que em todos os momentos devem ser devidamente verificadas, para fortalecê-las cada vez mais.

As sessões somente para sócios ativos e de desenvolvimento, começam da mesma maneira como foi dito acima, ocorrendo uma por semana, alternando nelas os estudos dos vários aspectos da mediunidade e faculdades, tais como: escrita, tiptologia, desenvolvimento de sensibilidade, sonambulismo, fala, xenoglossia, clariaudiência, levitação, metagnomia, clarividência, psicometria, etc., etc.

Quanto à clarividência, voltaremos a mencionar o método de controle, atento ao qual os videntes reservam suas observações para expressá-las após o término da sessão, cada um separadamente, diante das pessoas designadas para isso, que anotam em atas para esse fim, e de tudo o que foi desenvolvido em cada sessão.

De tudo isto se dá conhecimento na sessão seguinte, as vidências que por sua natureza são dignas de serem mencionadas, e as outras são documentos válidos para estimar o avanço da referida faculdade em cada médium. Ao adotar essa forma de controle, queremos evitar que os participantes impressionáveis, ao serem os eventos relatados enquanto estão ocorrendo, possam sofrer alucinações sensoriais ou telepáticas, tanto com tendência individual quanto coletiva; fatos que infelizmente nos têm sido relatados em alguns núcleos espíritas, onde faltam diretivas e a devida experiência, confundindo facilmente os estados alucinatorios com a clarividência.

Finalmente, nossa dedicação nos leva a efetuar sessões especiais e de busca, das quais são responsáveis uma "Equipe de Experimentadores"

composta por um pequeno número de pessoas que estudaram o Espiritismo, ciências e doutrinas relacionadas. Seu trabalho se estende a estudar os vários aspectos da mediunidade e faculdades diferenciadas, e tender ao seu desenvolvimento, enquanto estuda o magnetismo como auxiliar efetivo no progresso das mesmas.

Consideramos oportuno esclarecer que, embora o magnetismo seja um auxiliar eficiente em mãos experientes, não é menos verdade que muitos riscos são assumidos quando ele é usado sem a devida preparação; para isso é necessário um cuidadoso estudo teórico, antes de iniciar a experiência, podendo primeiramente ensaiar a obtenção de magnetografias, fotografias do pensamento, etc., etc., sem entrar na magnetoterapia, que corresponde ao domínio da ciência para seu devido controle.

A variedade de métodos usados nesses estudos é compreensível, dada a variedade de faculdades e mediunidades; mas em termos gerais eles são realizados de preferência à plena luz do dia, quando as exigências não impõem o uso de luzes de cores variadas entre amarelo, azul e vermelho, chegando a se proceder na escuridão total, ao se tratar particularmente de uma certa condensação de fluidos, para obter fenômenos de efeito físico.

No que concerne ao nosso são critério e independência de observadores severos, interpretamos claramente nesta classe de fenômenos, a intervenção direta das forças postas em jogo pela intervenção espírita; e a eles, como guias da parte invisível, corresponde uma grande parte das indicações, procedimentos e diretrizes que nem sempre podemos prever. Os participantes devem tomar todas as precauções para o controle e verificação dos fenômenos que possam ser obtidos, correspondendo a eles por igual a formação de um círculo simpático, completamente harmonioso, unidos pelo sentimento do bem e de uma estima fraterna.

No início dessas sessões, tentamos predispor o ambiente como em todos os atos realizados, a fim de libertar a mente das preocupações da vida diária, atraindo a atenção pela leitura de algumas passagens de livros que tratam desse tipo de experiências, seguido por um fragmento de música suave (gravação), enquanto nossos pensamentos se elevam em uníssono e sob a forma de súplica, em direção às regiões do bem. Uma vez que o tempo dedicado à experimentação tenha terminado, e ao finalizar, é estabelecida

entre os participantes uma troca de opiniões sobre o que foi obtido, em forma de amável comentário, tomando nota para fazer um registro bem documentado, e então termina ouvindo um disco de música agradável direcionando nossos pensamentos de ação de graças a Deus, a Causa Suprema.

Como seria longo listar as muitas verificações devidamente certificadas (parte delas estão nos arquivos da instituição) e outras que foram verificadas pela maioria dos associados, nos limitaremos a mencionar as mediunidades das quais obtivemos verificações devidamente controladas; como: escrita mecânica, semimecânica, tiptologia, sonambulismo lúcido, natural e provocado; falante, xenoglossia inconsciente, semi-inconsciente; clarividência, psicometria, metagnomia e levitação.

Apresentamos esta modesta exposição, que tem sido difícil de delinear porque é nosso próprio trabalho, e cujo resumo sintetizamos nas seguintes palavras: ilustrar por meio de publicações ao alcance de todas as inteligências, introduzindo nelas com método progressivo o desenvolvimento de mediunidades, tão necessárias para a vida corporativa e para a propaganda, de apresentá-las em sua forma de máxima nitidez.

E - O corpo astral fotografado no momento da morte. Os mais recentes experimentos de laboratório, por H. P. Wan Walt.

Senhoras e senhores, permito-me pedir-lhes para prestarem a sua preciosa atenção a um dos mais recentes experimentos realizados em setembro passado pelo Dr. R. A. Watters, F. R. S. A., diretor da Fundação para as Investigações Psíquicas do Dr. Wm. Bernard Johnston (EUA), experimentos que provam conclusivamente que o meio onde a alma está localizada em um corpo vivo foi descoberto. Isto é de grande importância, uma vez que os trabalhos foram realizados em bases estritamente científicas por um eminente sábio. O objeto de todos os sábios sempre foi determinar a forma ou princípio responsável da matéria animada e, até 1933, nenhum deles conseguiu resolver esse problema de importância vital. Até o momento, enfrentavam-se duas hipóteses: a hipótese mecanicista e a hipótese vitalista.

A teoria mecanicista afirma que "vida" é uma série de fenômenos elétricos, químicos e mecânicos. A teoria vitalista sustenta, no entanto, que os fenômenos elétricos e a atividade química são inerentes à "vida" e que o organismo, com toda sua complexidade, é dirigido por uma "força interna" ou "princípio diretor", que é, em última análise, a "alma".

A escola mecanicista diz que quando a "vida" deixou o corpo, isso significa apenas que os fenômenos fisiológicos e psicológicos deixaram de funcionar. O organismo morreu porque os fenômenos que produzem a vida não funcionam; em suma, a filosofia mecanicista afirma que "nada abandona" o corpo no momento da morte.

A hipótese vitalista afirma que "algo" deixa o corpo quando ele morre. Contudo, meus conterrâneos, os senhores Matla e Zaalberg van Zelst pesaram o corpo astral dos vivos e descobriram que ele pesa aproximadamente 2 1/2 onças, ou seja, cerca de 60 gramas. O Dr. Duncan McDougall, de Haverhill, Massachusetts (EUA), confirmou este resultado, colocando alguns doentes moribundos em uma balança e verificando uma perda de peso de cerca de 2 1/2 onças, justo no momento da morte.

Embora a escola vitalista prove que ele está certo com essas verificações, ele ainda não foi capaz de encontrar provas de sua teoria quanto à causa

dessa perda de peso. A escola vitalista é baseada mais na fé do que nos fatos, e os vitalistas são forçados a confiar em teorias, enquanto a escola mecanicista se refugia depois de observações de laboratório.

Antes que os vitalistas possam desacreditar a hipótese mecanicista, devem provar que a alma existe e que sua existência é necessária à "vida". A ciência não dá ouvidos a uma alma hipotética; ela quer algo mais tangível.

Agora Gaskell combinou as duas teorias em seu livro intitulado: "O que é a vida?" Ela (Gaskell) considera que "vida" e "alma" são uma coisa só. Olha a vida e a alma como uma "quantidade" e como uma "quantidade intra-atômica" e, como tal, algo que abandona o corpo físico na morte. Até o ano passado, a maior parte do mundo científico admitia a teoria mecanicista, e com razão, já que a teoria mecanicista podia pelo menos apresentar fatos, podia continuar as investigações empíricas. Iria me levar muito longe citar todos os experimentos que contribuíram amplamente para apoiar a teoria mecanicista. Eu mencionarei apenas alguns:

Jacques Loeb, F. I., descobriu que os ovos de certas formas de vida poderiam se desenvolver sob a ação de certos métodos físico-químicos. George Rohn conduziu experiências semelhantes com a ajuda de emanções de rádio.

O fisiologista russo Kuljabko colocou corações de frangos mortos em certas soluções salinas e conseguiu fazê-los pulsar novamente.

Camell isolou algumas células do tecido conjuntivo do coração de um embrião de frango; cultivos dessas células vivas, nutridas por extratos de embriões de frango, foram mantidos vivos por mais de vinte anos.

Os Drs. Wheeler e Kirby mostraram que a seção da íris no tecido vivo do olho vive e se desenvolve fora do corpo do animal.

As experiências mais notáveis, no entanto, foram as que Crile fez. Esses experimentos pareciam provar conclusivamente a hipótese mecanicista. Porque Crile conseguiu "arejar" a vida, coletou algumas células de uma mistura de tecidos vivos, e essas células se comportaram como organismos "unicelulares" vivos. Essas células foram chamadas de "células auto-sintéticas". Elas mostraram uma ação paralela à dos organismos vivos, isto é, que a falta de oxigênio as destruía, e quase todos os agentes que prejudicam as células vivas também prejudicavam as "células

auto-sintéticas". Crile parecia ter provado que a vida é o resultado da atividade química e elétrica, e que em sua ausência a vida cessa de existir; em outras palavras: «que essa atividade é o fenômeno responsável da vida».

A base do trabalho de Crile sobre a natureza física da morte consiste em medir o potencial elétrico de animais, plantas e frutos - durante os diferentes estados de suas condições de vida e de morte, e Crile considera a vida da seguinte forma: "A vida, diz ele, pode ser definida como um potencial mantido, e a perda desse potencial é a morte".

Como é natural, diante desse resultado, o mundo científico estava, de certo modo, forçado a se ater à teoria mecanicista, que se apoiava em todos esses fatos. Diante desses fatos probatórios, o que os vitalistas poderiam fazer, se não tinham outra esperança para provar suas ideias além de chegar a poder demonstrar a existência da "alma", e a prova disso reside, em parte, no domínio da psicologia e, em parte, no domínio da física, já que, afinal de contas, o organismo vivo é "matéria"? A única diferença nos estados físicos é que a matéria animada possui "algo" que a matéria "morta" já perdeu. Uma é "animada" e a outra é "inanimada".

Somente após a descoberta dos raios X e do rádio conseguimos obter informações definitivas sobre a constituição da "matéria". O estudo de minerais radioativos e a análise de estruturas atômicas nos deram alguma compreensão do plano de trabalho da matéria.

No início do presente século, a matéria era definida como composta de átomos, que acreditavam representar as menores partes em que uma substância poderia ser dividida. Agora sabemos que os átomos são compostos de elétrons (cargas negativas de eletricidade) e prótons (cargas positivas de eletricidade). "Toda matéria" é composta de átomos, seja um livro, uma pedra, uma flor ou um ser humano; a composição final da matéria é de natureza atômica.

Este átomo ainda pode ser dividido em duas partes: o núcleo e os elétrons. O núcleo ou próton é uma carga positiva de eletricidade, e os elétrons são cargas negativas, como já foi mencionado acima. Podemos representar o átomo como um sistema solar, ou seja, um sol (o núcleo) em torno do qual os elétrons giram. A distância entre o núcleo e o elétron é de

cerca de um "milionésimo" de centímetro. O elétron gira em torno de sua minúscula órbita com uma rapidez enorme, porque sua velocidade é de cerca de 1.400 milhas por segundo. Para dar uma ideia dessa rapidez é interessante lembrar que em um "milionésimo" de segundo o elétron dá cerca de "sete bilhões de" voltas ao redor da sua pequena órbita. Se um átomo perde um de seus elétrons, a carga positiva do núcleo excederá a carga negativa dos elétrons e o átomo vai ser positivo, ou "íon positivo". No entanto, se um átomo toma outro elétron, ou melhor, atrai um outro elétron, a carga negativa dos elétrons é maior do que a carga positiva do núcleo, e teremos um átomo negativo ou "íon negativo". "Um íon é, em suma, um átomo desequilibrado".

Com a descoberta agora da radioatividade, veio o conhecimento do comportamento do átomo e conseguimos adquirir uma melhor compreensão da estrutura atômica.

E por que conseguimos esse melhor entendimento? Simplesmente porque um mineral radioativo passa constantemente por um processo de ruptura atômica e de transmutação em virtude das estranhas emissões de raios radioativos.

Essas emanções radioativas são os raios alfa e os raios gama, e é graças aos minerais radioativos que podemos explorar as estruturas dos outros átomos. O raio alfa, por exemplo, é o projétil que jogamos sobre o átomo e, por seu modo de agir, por sua ação, aprendemos algo da estrutura do átomo. Os efeitos dos raios alfa e beta sobre os outros átomos são observados por meio de uma engenhosa invenção chamada de "câmara de expansão de Wilson". É um aparelho que possibilita o estudo dos movimentos das emanções radioativas durante sua passagem através de um gás. A câmara de expansão de Wilson é composta por um cilindro de bronze, vidrado em sua parte superior, formando uma caixa que é introduzida algumas polegadas para baixo no interior do cilindro principal. Esta caixa é, obviamente, circular e pode ser acionada para cima e para baixo; é chamado de câmara de observação. Em um dos lados desta câmara de observação existe um recipiente para amostras, no qual podem ser colocados os minerais radioativos, amostras biológicas, etc. Em ângulo reto com o recipiente para amostras, há uma lâmpada poderosa que ilumina as

operações. Ao girar automaticamente um volante, produz-se uma nuvem, um nevoeiro artificial. Agora, já sabemos que quando uma nuvem se condensa, ela tem uma tendência a se condensar sobre "alguma coisa", se ao menos existe algo sobre o que ela possa fazer isso.

Se um fragmento de rádio é introduzido, os raios alfa e beta são projetados através da nuvem mencionada. A velocidade dos raios alfa é tal que eles não deslocam o ar como faz uma bala de canhão, mas em vez disso lançam-se diretamente através da fraca estrutura atômica do ar, sem fazer nada além de retirar um ou dois elétrons do átomo. Como já vimos, os átomos de ar desequilibrados pela perda de um elétron são transformados em íons positivos ou negativos. É o chamado de processo de ionização. Esses íons atraem então a umidade, ou, em outras palavras, o nevoeiro ou nuvem artificial, que se condensa nessas ínfimas partículas que refletem a luz, de modo que quando os raios alfa atravessam a nuvem, deixam atrás de si um rastro luminoso que pode ser fotografado.

E agora chegamos à fotografia da alma. Precisei me estender com certa amplitude sobre a fotografia dos íons, que é um experimento de física bem conhecido, a fim de destacar o princípio em que a fotografia da alma é baseada e para se entender como foi possível fotografar o corpo astral.

A base de todo o procedimento é a seguinte: se a névoa se condensa sobre as partículas infinitamente pequenas dos íons, que podem ser fotografados graças a que a umidade condensa sobre eles, seria perfeitamente possível e de modo algum absurdo que esta névoa se fixasse também ou se aderisse às partículas dessa quantidade – vamos chamá-la de quantidade - do corpo astral, por pequeno e sutil que ele seja, do corpo astral que se separa do corpo no momento da morte. Este experimento destina-se apenas a estabelecer que o fato de que uma quantidade seja separada do corpo em um trabalho de laboratório, equivale à prova conclusiva de que essa quantidade que se desprende é a "vida". O postulado de Gaskell, apoiado em fatos físicos, é que todas as formas de vida, todos os organismos complexos possuem uma quantidade intra-atômica.

Os pesquisadores argumentaram que, se a alma existe, ela deve estar alojada nos espaços intra-atômicos dos átomos que compõem a estrutura celular. Eddington disse: "Se todos os átomos de um corpo humano fossem

colocados juntos ocupando um pequeno espaço, o homem inteiro não seria maior do que um ponto feito com a ponta mais fina de um lápis".

Se este é o caso, o corpo físico de um organismo é composto principalmente de espaços intra-atômicos ou entre atômicos, e se a alma existe, é neles onde temos que procurá-la. E se quantidades infinitesimais, como íons positivos e negativos, podem ser localizadas e seus fenômenos fotografados por meio de um aparelho, parece provável que o aparelho em questão também possa descobrir fenômenos intra-atômicos.

O resultado desses experimentos foi a constatação de que um "corpo imaterial" realmente se despreendeu do corpo físico no momento da morte e foi tornado visível pelo vapor de água e pode até ser fotografado, como irei demonstrar na sequência.

Um grosso inseto era a forma mais baixa de vida com a qual Watters poderia experimentar, e ele ensaiou primeiro com insetos. Havia muitos gafanhotos perto dos laboratórios. Cem deles foram levados como amostras. Cinquenta foram separados para a câmara de experimentação, e os outros cinquenta foram deixados para determinar a melhor maneira de matá-los. Finalmente, o éter foi escolhido como um agente mortal.

Mesmo sendo tomadas todas as precauções, era impossível prever com precisão absoluta o momento exato da morte real, porque nas diferentes amostras a morte ocorreu em momentos diferentes. É de se entender, então, facilmente, que esse tipo de experimento não garante sempre e em cada caso o sucesso total, pois é necessário adivinhar quando ocorre o momento desejado para a exposição fotográfica.

O gafanhoto é anestesiado previamente e colocado imediatamente na câmara, em uma extremidade da qual é colocado um algodão saturado com éter. No exato momento em que se considerava que a morte acontecia, o aparelho fotográfico era disparado.

Contudo, é necessário destacar um fato muito interessante em relação a esses experimentos, que é o seguinte:

Imediatamente após a exposição fotográfica, o inseto era retirado da câmara e injetado com adrenalina, que como se sabe, é uma espécie de revivificante do organismo.

Em alguns casos, após essa injeção, o gafanhoto dava sinais de vida, o

qual provava que a fotografia havia sido feita antes que o agente mortal tivesse tempo de produzir a morte.

"Pois em todos os casos em que um gafanhoto dava sinais de retorno à vida, mesmo depois de algumas horas, a fotografia não dava sinal de sombra suplementar ou sombra astral. E nos casos em que a fotografia mostrava sombras características ou formações de "corpos imateriais", os insetos nunca manifestaram a menor evidência de volta à vida, mesmo tendo recebido injeções de adrenalina e sendo mantidos em observação cuidadosa por períodos de tempo de oito a catorze horas.

De 50 testes, em 14 deles um inseto fantasma apareceu na placa, e em nenhum desses 14 casos o inseto retornou à vida; isto quer dizer que o inseto estava realmente morto.

Devo mencionar um ponto interessante para impedir que os céticos e nossos antagonistas declarem que essas formas nebulosas poderiam ter sido o produto do acaso ou de formações acidentais de gás. Quero enfatizar a constância da aparição dos "fantasmas" que, segundo a teoria, deviam aparecer. Em outras palavras, quando os experimentos eram realizados com gafanhotos, era uma forma de gafanhoto que se tornava visível. Os fantasmas eram "sempre" de acordo com os contornos físicos da amostra utilizada. Em cada caso e em cada repetição dos testes, o corpo astral era característico do corpo físico da amostra que servia de objeto. Nada foi deixado ao acaso, nunca uma "contraparte" imaterial de rato, por exemplo, era formada quando um sapo serviu como objeto. De uma rã emanava o fantasma de uma rã; de uma borboleta, o de uma borboleta; de um rato, o de um rato. Centenas de experimentos foram feitos, e os resultados fotográficos foram sempre positivos quanto à correlação correspondente da formação fantasmal com os contornos da amostra objeto. Devemos levar em conta a deformação do fantasma, devido às condições físicas que existiam na câmara de vapor.

Os experimentadores acreditam ter demonstrado que um corpo imaterial se destaca do corpo físico no momento da morte real, da mesma forma que alguém sai de uma roupa, e tiram a conclusão de que "visto que os pesquisadores até agora se limitaram a operar com animais que

representavam as formas mais baixas de vida, parece evidente que "resultados semelhantes seriam obtidos com as formas superiores de vida. Entre eles, o homem em condições experimentais adequadas ».

Nunca enfatizaríamos suficientemente a importância desses experimentos, e graças a esses testes conseguimos quase provar a existência de um corpo etérico que sobrevive à morte do corpo físico.

Pessoalmente, não acredito que exista entre os fenômenos que constituem a grande cadeia de evidências em que se baseia a verdade do Espiritismo, outro que demonstre de forma tão convincente a sobrevivência após a morte, como os fenômenos de bilocação, nos quais é mostrada a separação do corpo astral do corpo físico.

Mesmo os professores alemães Dres. Hans Driesch e Mattiensen, que são até certo ponto opostos ao espiritualismo, admitiram que se se chegasse a provar que o organismo vivo é constituído por um corpo físico e um corpo imaterial que possa existir de forma independente e fora do corpo físico, o espiritualismo teria uma base firme, e até a Ciência teria que aceitar a hipótese espiritualista como lógica.

Este é o mérito dos experimentos do Dr. Watters, demonstrar em condições experimentais que "morrer" quer dizer praticamente que contraparte do corpo físico é liberada, e que a morte afeta apenas a parte física do organismo vivo.

Dadas as experiências de Watters, é lógico e razoável atribuir a esta "contraparte imaterial", à "quantidade imaterial" que é liberada após a morte, a produção de centenas e milhares de fenômenos sobrenaturais que têm preocupado a Humanidade por sua origem, e que tem sido um verdadeiro enigma para a Ciência por tantos anos.

Pelo menos é muito mais lógico e razoável atribuir aquelas mensagens misteriosas que recebemos ... de algum lugar, a essa "contraparte astral", uma vez demonstrada sua existência sem sombra de dúvida, do que tentar todos os tipos de teorias e hipóteses distorcidas, pseudocientíficas e muitas vezes ridículas para tentar negar essa grande, santa e maravilhosa verdade, essa verdade que

nossos mortos são ativos, eles são tão vivos quanto nós, eles estão ao nosso redor e conosco para sempre mais.

É a conclusão final que pode ser extraída dos experimentos do Dr. Watters.

F - Espíritas e metapsíquicos. O que os une. O que os separa, por M. Carlos Andry-Bourgeois, engenheiro de minas.

Os membros deste Congresso Internacional que se celebra em setembro de 1934, na bonita e clara cidade de Barcelona, na Espanha livre do grande Cervantes, sabemos:

Que os "fenômenos extranormais" de ordem psíquica são tão antigos quanto o mundo, se não como a aparição dos primeiros homens neste pequeno planeta de evolução e reparação, cerca de 300.000 anos terrestres atrás.

Para nós, espíritas convencidos, "as chaves" de todos os fenômenos físicos, metafísicos, paranormais, metapsíquicos, conhecidos ou desconhecidos, são: a existência de uma energia superior diretriz, ou melhor ainda, de uma "Inteligência Suprema" eternamente criadora, cujo poder nos revela o esplendor infinito do reino ordenado dos céus, "Espírito absoluto" do qual a nossa alma, pobre faísca, provém e onde deve retornar amplificada, purificada por suas experiências planetárias; o éter espacial ou substância primordial, eterna como Deus, da qual tudo deriva objetivamente por "ideoplastia divina" e onde toda a matéria (energia cristalizada) retorna por radiação incessante, por lenta evolução; o "corpo astral exteriorizável" (o glorioso corpo a conseguir), o invólucro sutil do nosso espírito imortal (perispírito de Allan Kardec), a pluralidade das existências da alma (palingenesia ou Reencarnação, retorno do espírito à carne humana); a pluralidade de mundos habitáveis, mais de três milhões já provados pela Ciência atual (astronomia e lei dos grandes números).

Essas hipóteses, também antigas como a tradição dos hierofantes do Egito, são amplamente aceitas pelos metapsíquicos (exceto a Reencarnação terrestre) que não podem negar os fenômenos espíritas, base dos fenômenos metapsíquicos, tão bem estudados pela escola do Dr. Osty, diretor do Instituto Metapsíquico Internacional, 89 Avenue Niel, de Paris.

"Hipóteses", dirão nossos adversários, ateus e materialistas? Seja; mas peço-lhes que tentem encontrar outras melhores, mais certas, mais probativas na sua simplicidade, para explicar logicamente todos os fenômenos energéticos e psíquicos do Cosmos, que dependem de um

mecanismo rigoroso (de uma lei) e de um determinismo inteligente.

Esperando pacientemente por uma nova revelação (filosófica ou psicológica que se baseie na Ciência), permanecemos fiéis a esta gloriosa "iniciação" tão antiga como o mundo, vamos repetir, como a tradição por excelência das antigas civilizações, particularmente da escola pitagórica, continuada pelo gênio grego dos Sócrates, Platão, Plotino e Porfírio, para vir a morrer no Evangelho esotérico, o do espírito de João, o discípulo amado do Mestre do Amor e da Esperança; sublime iniciação que o balbuciar da ciência moderna, a da radioatividade da matéria só faz confirmar, se não tornar a encontrar.

O que divide nós espíritas dos metapsíquicos é que reconhecendo, admitindo e estudando os mesmos fenômenos psíquicos ultra normais, não temos as mesmas ideias ou hipóteses sobre a origem ou a causa que os produz.

Os metapsíquicos têm comprovado juntos uma infinidade de situações anômalas, têm descoberto pérolas preciosas, raras, que guardaram cuidadosamente, zelosamente, na gaveta de sua mesa de trabalho.

Eles não querem, por medo de errar e por respeito humano, fazer um colar, tomando uma hipótese qualquer, especialmente a espírita, como um singelo fio de algodão, pronto para ser substituído imediatamente, com o progresso incessante da Ciência, por belo fio de prata, ouro, platina ou diamantes.

Ficam com medo de fazer o ridículo, de serem anticientíficos, de não serem capazes de poder reproduzir à vontade os fenômenos psíquicos supranormais que vão além da sua vontade de operadores, porque estes fenômenos sutis são inesperados e rápidos como o relâmpago, dependendo de entidades desencarnadas, de espíritos que apenas podem se manifestar em nosso plano físico fazendo uso, melhor ou pior, dependendo do seu grau de evolução cósmica, das alavancas de comando do sistema nervoso de um sensitivo, sujeito ou médium em estado de transe ou de abandono de sua vontade (hipnose). Isto é o que os metapsíquicos não podem entender nem aceitar, porque eles negam a existência, não da alma, mas do seu invólucro, o corpo astral ou perispírito exteriorizável, o duplo dos ocultistas, o corpo dos desejos dos teosofistas.

É por isso que os mais eminentes, como o professor Carlos Richet, membro do Instituto, da Academia de Medicina de Paris²⁰ Autor do famoso Tratado de Metapsíquica, 1923., não conseguem entender a sobrevivência do princípio pensante depois que o coração humano parou, porque o sangue arterial não pode mais excitar, irradiar os neurônios do cérebro que morrem por sua vez, levando nossa mesquinha personalidade ao nada. Porque, para este sábio, a memória está localizada nas células piramidais do cérebro, na matéria cinzenta do seu córtex que é a sua envoltura.

Isso é tudo o que os metapsíquicos, ainda muitos biólogos ou fisiologistas, podem invocar diante da sobrevivência. Eles ainda não encontraram, de fato, o corpo astral, aquele veículo da alma, sob seu bisturi, em todas as suas experiências metapsíquicas.

Em troca, com a hipótese, para nós realidade, do glorioso corpo, etérico e vibrante, o duplo perfeito de nosso corpo grosseiro de carne, tudo é explicado: permanência de nossa personalidade, apesar da incessante renovação de todas as nossas células durante a duração de nossa vida terrena, a perpetuidade de nossa raça, a da espécie humana e, acima de tudo, a "memória integral" de nossas existências anteriores, alojada na teia fluídica do nosso perispírito, inscrita de maneira indelével como em um disco de bronze de um gramofone divino; e, finalmente, como as sensações levadas pelos nossos sentidos (sistema nervoso de relação) do mundo exterior, podem ser transformadas em percepções reais e subjetivas para o "ego", o eu ou alma protegido pelo corpo etérico.

Eis, então, o que a existência do corpo astral nos explica e nos ensina, sem falar que é, repito, "a chave" para todos os fenômenos metapsíquicos. Chapéu branco, branco chapéu - apenas o nome mudou; a etiqueta da garrafa foi escrita em grego, mas o licor é o mesmo -. Então?

Em seu famoso "Tratado de Metafísica", o mestre Carlos Richet não fez mais do que reproduzir, sob outra forma, a da "criptestesia pragmática" ou "vidência transcendental" a maioria dos fenômenos espíritas tão bem estudados e esclarecidos pelo nosso saudoso amigo Gabriel Delanne, em sua obra-prima "Aparições materializadas dos vivos e os mortos" em dois volumes ilustrados que lhe custaram seis anos de sua nobre vida de "pioneiro" do Espiritismo científico.

Para outros metapsíquicos, a "telepatia" pode e deve explicar tudo (escola de Warcollier). Mas para o Dr. Osty, é principalmente a "premonição" de objetivo humano com uma pessoa que não esterilize o fenômeno, a verdadeira chave da Metapsíquica.

Enfim, se acreditamos que nosso espírito evolui de vida em vida, de esfera em esfera, de estado anímico em estado anímico, pela retribuição libertadora da Reencarnação planetária, os mais crentes ou ortodoxos dentre os metapsíquicos veem aquele princípio pensante, aquela energia superior e inteligente, indestrutível como energia, fundindo-se na "Consciência Cósmica", outro Nirvana científico ou pseudocientífico. É novamente o determinismo, como o Mektoub, "tudo está escrito", dos árabes e maometanos. Tudo isso contribui pouco ou nada para o nosso progresso espiritual e moral.

E, no entanto, continuamos a ser os arquitetos do nosso futuro, do nosso destino, pelo desejo e o mérito de todas as nossas ações. A crença espírita só pode nos elevar, dando-nos também a grande esperança, se não "a certeza", de ver novamente no Além, para cá das trevas exteriores, todos aqueles que temos amado e estimado. «Tudo está ali»; o resto pouco importa: paraíso, inferno, sobrevivência. O que nós queremos é sempre ser, é tornar a ver aqueles que são mais queridos para nós do que a nossa própria carne perecível. E isto, a existência de nosso corpo astral, transformado em um glorioso corpo de luz, como aquele do divino Mestre no Tabor, nos dá isso, prova isso para nós.

Após a morte, seremos individualizados por sua frequência vibracional, por seu comprimento de onda próprio. «Eu dei-lhe o corpo de um bruto, o Senhor nos disse; é com você merecer outro melhor »(Tennyson).

Quanto aos metapsíquicos, para eles todos os poderes supranormais da alma estão contidos, encerrados na energia nervosa vital do homem. É essa energia, esse campo biopsíquico que pode, à distância, produzir todos os fenômenos anormais, até mesmo a mais distante telepatia. Ao morrer, essa energia desaparece e dissolve-se na energia ou alma do mundo, com o qual temos que nos contentar.

Os homens de gênio, as crianças prodígio, tiram do grande todo ou consciência cósmica universal as faculdades de que são dotados, ou melhor

ainda, como ninguém nasce virgem de qualquer faculdade, eles vão extrair desse Além, principalmente, o que precisam para completarem sua faculdade inata.

É uma pena que eles só possam fazer isso para essa faculdade; se não fosse assim, eles se tornariam super-homens que, como Deus, saberiam tudo.

Em suma, o subconsciente é a "tarte a la crème" dos metapsíquicos, que, sem nos dizer o que é o famoso registro subconsciente de eventos que escaparam ao ego, querem explicar tudo por essa entidade hipotética, mais hipotética ainda do que a Reencarnação dos espíritas e o carma dos teosofistas hindus, existindo mais de 800 milhões de homens convencidos da teoria libertadora da Reencarnação.

Para nós, o subconsciente é uma reminiscência de um passado distante, um depósito latente, potencial, de nossas vidas anteriores, que só aguarda uma ocasião para se manifestar, para surgir como resultado de algum traumatismo ou "choque" psíquico.

E como vocês explicam, oh, metapsíquicos! o amor, o ódio, a simpatia, a antipatia à primeira vista de uma pessoa, mesmo que esteja bem vestida, se tivermos vivido apenas a nossa vida atual? Sim, como?

Talvez um dia, muito provavelmente, a ciência ou a religião moderna venha a criar, a fabricar o substratum da vida, a estabelecer com todas as suas peças, com elementos de vida (bióticos), uma célula de protoplasma nucleado "irritável". Mas poderá dar a ela o impulso necessário, o ritmo vital, o determinismo biopsíquico inteligente, em uma palavra, a vida, essa energia superior, desconhecida? Duvidamos muito e, em qualquer caso, a ciência humana nunca poderá dar-lhe a faculdade de pensar, de se expressar, de falar, mesmo depois de milênios depois de criada, se não a recebe, essa vida, diretamente de uma célula-mãe viva que já a possuía.

Na verdade, não é possível servir dois senhores ao mesmo tempo: à «Espiritualidade» e à «Matéria», ou bens deste mundo. É preciso escolher. Na verdade, aqui embaixo, existem apenas duas coisas reais, verdadeiras e boas: a "Ciência", em todas as suas formas, entre elas o Espiritismo científico, adquirida com sacrifício pelo estudo dos fenômenos da Natureza, a observação, a experiência, a intuição e a dedução (análise e síntese), e

"uma única moral", para nós, ocidentais, que é a do Cristo do grande coração, a do Mestre do Amor, a do Amigo Eterno.

O Espiritismo é, portanto, um problema filosófico e científico em processo de resolução. O futuro provará isso e o resolverá para felicidade e espiritualização da Humanidade, que então será menos infeliz.

G - Definição e divisão do Espiritismo, pelo Sr. César Bordoy, Tenente-coronel de Engenheiros, presidente do Centro "Rumo a Jesus" em Madri.

1. Definir uma coisa, um objeto, um ser (um ente) da Natureza ou do Universo, é declarar o que esse ente é, limitando-o em si próprio e distinguindo-o dos outros.

É então necessário distinguir em qualquer definição o "definido", o "*definente*" e a "razão" entre ambos.

O "*definente*" é o termo superior no qual o definido está contido, isto é, seu gênero próximo. O "definido" é o objeto presente diante da nossa razão. A "relação" e união entre os dois termos constitui a definição do objeto dado. Assim, toda definição obedece à "Grande Lei do Ternário", que abraça e compreende tudo.

Dessas noções deduzimos que, quando dizemos, por exemplo, que o triângulo é o polígono de três lados, damos desta figura geométrica uma perfeita e completa definição; porque ao dizermos que triângulo é polígono, dizemos que ele está incluído no gênero a que pertence, ou seja, no gênero polígono, e não no gênero lineal, ou de superfície ou em qualquer outro da Geometria, e ao dizer que esse polígono tem três lados, nós o distinguimos de todos os outros polígonos com mais de três lados (quadriláteros, pentágonos, etc.).

2. Do mesmo modo, quando dizemos que Filosofia é a ciência que tem como objeto o estudo das causas, a definimos também de maneira completa, porque a palavra ciência expressa seu gênero próximo, isto é, a Filosofia não é arte nem indústria, nem qualquer outra das manifestações ou atividades do pensamento humano, mas precisamente ciência (sistema de conhecimento subordinado a um princípio: o princípio da causalidade).

E assim o erro de considerar a Filosofia como algo alheio e diferente da Ciência fica resolvido agora, porque "ciência" é precisamente seu gênero

próximo.

E quando dizemos que seu propósito é o estudo das causas, expressamos a diferença essencial e única entre ela e as outras ciências, que não estudam as causas (Matemática, Fisiologia, Química, Alquimia, Astronomia, Astrologia etc.). etc.), cada uma delas com seu objeto próprio.

Não esqueçamos que a Filosofia é dividida em dois grandes ramos: "Metafísica", que estuda as causas dos fenômenos físicos, e "Psicologia", que estuda as causas dos fenômenos psíquicos, ficando ambas perfeitamente definidas dentro da Filosofia. que é o seu gênero próximo, e de sua última diferença, que é seu objeto próprio, e que as distingue das outras ciências, até mesmo das outras ciências filosóficas.

3. Analogamente, quando dizemos que a Aritmética faz parte das ciências matemáticas voltadas para o estudo dos números, com suas propriedades e operações, fica perfeitamente definida por seu gênero remoto (ciência), e por seu gênero imediato (ciência matemática) e por seu objeto (o número), que a diferencia das outras ciências, até mesmo das outras ciências matemáticas; (Geometria, que lida com extensão, Álgebra, com resolução de problemas, transformando funções implícitas em explícitas, etc., etc.). Se a divisão de toda coisa e de toda ciência deve ser feita tendo em mente seu propósito e conteúdo, é claro que então, (a Aritmética deve ser dividida em duas partes: a primeira, chamada de Aritmética abstrata, onde as propriedades e evolução do número serão estudadas em suas "sete" grandes manifestações (adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação, radicação e logaritmação) que demonstram a lei biológica, embriológica e biogenética, do número como verdadeiro ente metafísico matemático; e a segunda, chamada de Aritmética concreta onde o número adquire um caráter prático de aplicação universal a todas as ciências.

4. O Espiritismo, que no seu aspecto científico guarda grandes analogias em sua forma, em seu fundo, em sua definição e em sua divisão com a

Aritmética, deverá ser definido (ciência espírita) de acordo com o seu objeto (os espíritos) e seu gênero próximo, que não é nem pode ser outro que a Filosofia. Assim podemos definir o Espiritismo dizendo que é a "ciência filosófica que tem por objeto o estudo dos espíritos com suas propriedades e manifestações". Esta definição é correta, visto que pelo seu gênero remoto o Espiritismo não só é uma ciência, mas pelo seu gênero próximo imediato é também ciência filosófica. Ciência e Filosofia, constituem a filiação necessária, o obrigado antecedente do Espiritismo. Sua última diferença é o estudo dos espíritos, e como esse objeto é muito diferente do objeto das outras ciências, incluindo outras ciências filosóficas que não estudam os espíritos em geral, mas um modo parcial (Psicologia, Lógica, Estética, Filosofia moral, etc.), o espiritismo resulta com seu caráter próprio e específico e independente de toda outra ciência, mas sempre mantendo as relações necessárias com as outras ciências filosóficas.

5. Tendo em mente o seu objeto e conteúdo (os espíritos), o Espiritismo deve ser dividido em duas grandes partes: a primeira, que terá como objeto o estudo das propriedades dos espíritos, e a segunda, o de suas manifestações. Na primeira (Metafísica espírita), deve ser estudado o que é o espírito em sua distinção e união da alma, e todas as leis pelas quais a vida da alma é governada, como manifestação psíquica e energética do espírito devem ser estudadas. Esses sete grandes princípios cósmicos, que apenas podem e devem ser estudados na Metafísica espírita, são os seguintes: 1º, "lei ou princípio do ternário", que é a base ou fundamento a partir do qual os outros são deduzidos; 2º, "lei da geração universal"; 3ª, "lei do ritmo"; 4º, "lei dos ciclos"; 5ª, "lei da polaridade" ou dos opostos"; 6ª, "lei da analogia"; 7ª, «lei da evolução». Destas sete grandes leis fundamentais são deduzidas outras principais, às quais todos os seres também obedecem, quais são: a) Lei da imortalidade da alma. b) Lei do progresso indefinido. c) Lei da Reencarnação. d) Lei da pluralidade dos mundos habitados. e) Lei da justiça distributiva, hoje chamada lei "cármica"

e outras leis secundárias.

A Grande Lei do Ternário, base de todas as outras, mostra que todo o Universo, com quantas entidades o constituem, é formado por três grandes planos, por três grandes esferas, por três grandes mundos: o mundo dos fatos, dos efeitos, dos fenômenos, isto é, de tudo o que cai sob a ação de nossos sentidos (físicos e psíquicos) e sob a da nossa razão; em uma palavra, de tudo que recebe o nome de entes (ent, entis: o que existe); o mundo das causas, dos princípios, dos fundamentos que produzem e de onde vêm esses fatos, esses efeitos e o mundo intermediário das leis, que nada mais são do que as relações que unem, ligam, enlaçam e connexionam o mundo os efeitos com o de suas causas; sem que isto signifique que os três mundos estejam separados e independentes um do outro, mas, pelo contrário, que constituem um só e único mundo. Essa concepção universal leva naturalmente a estudar as causas, tanto em seu sentido determinante (noumenos), quanto em seu sentido material (princípios). E assim poderíamos chegar ao conhecimento de que o espírito, a alma e a psique são causas determinantes ou noumenos de todos os fenômenos que produzem; que toda a matéria (física ou astral de outros planos) com sua característica (inércia) é a causa material ou princípio de todo fenômeno, e que a lei de ação ou energética (característica da alma) do noumeno sobre o princípio produz todos os efeitos, ou fenômenos ou entidades do Universo e até mesmo o próprio Universo. Como consequência de todo o estudo que sobre esse tema seja feito, poderíamos enunciar a Grande Lei do Ternário dizendo: "Todo ser, todo objeto, toda coisa, em uma palavra, todo ente do Universo, e até mesmo o próprio Universo, é um efeito, determinado por causas, através de leis." Os exemplos dessa grande lei podem ser multiplicados ao infinito, porque ela abrange o infinito, porque constitui as próprias entranhas do absoluto.

6. Do mesmo modo poderíamos dar uma noção das outras leis ou princípios gerais; mas tendo feito isso da lei fundamental, não a damos,

porque nosso objetivo neste estudo é simplesmente definir e classificar. Enunciaremos, no entanto, a grande lei da Reencarnação dizendo "a vida da alma é dividida em uma série infinita de vidas finitas, em uma das quais nos encontramos." E a lei cármica pode ser enunciada dizendo: "todo ser é em cada momento escravo de seu passado, mas dono de seu futuro".

Convém observar que todas essas leis abraçam, não apenas as almas dos homens, mas também a dos animais, do vegetal, do mineral, da célula, da molécula, do átomo e do último, ou seja, os princípios energéticos de todos os elementos físicos do Universo inteiro. E estendendo nossa concepção ao absoluto, diremos (e isso poderia ser de sobra justificado) que essas leis abraçam e compreendem todos os entes do universo, sejam físicos, astrais, ou constituídos de qualquer outro tipo de matéria diferente da física e da astral, que possa existir no Universo, ficando comprovada com isso a grande lei da Analogia, que diz: "os princípios e leis que regem o infinitamente grande (o Macroprosopus) são as mesmas leis e princípios que regem o infinitamente pequeno (o Microprosopus)». Em consequência, a metafísica espírita, que deve estudar todas essas leis precisa necessariamente incluir uma cosmogênese espírita, uma antropogênese espírita e uma psicogênese espírita; isto é, um ocultismo espiritualista que abrace o Universo com todos os seus planos desconhecidos para o homem.

7. O estudo das manifestações dos espíritos constitui a psicologia experimental espírita. Toda manifestação de espíritos, qualquer que seja o estado e situação em que eles se encontrem, recebe o nome de fenômeno espírita. Os fenômenos espíritas são divididos em dois grupos: fenômenos mediúnicos e fenômenos anímicos. Todo fenômeno mediúnico, cujo veículo é um médium, é chamado de fenômeno mediúnico. Quando dissermos que o fenômeno mediúnico é um fenômeno espírita, esse fenômeno está incluído em seu gênero próximo imediato; e quando dizemos que o seu veículo é um médium, fica perfeitamente diferenciado de todos os outros fenômenos espíritas, cujo veículo não é um médium, como sejam, entre muitos outros,

a concentração mental, clarividência, telepatia, etc., que não têm esse veículo em sua produção. É chamado de fenômeno anímico todo fenômeno espírita cujo veículo é um elemento material do mesmo sujeito que o produz. Portanto, define-se esse fenômeno como o seu anterior, porque embora ambos tenham o mesmo gênero próximo, são distintos em sua última diferença e um limita o outro.

8. «O fenômeno mediúnico». - Esse fenômeno, como todos os do Universo, obedece à Grande Lei do Ternário. Seu sujeito, sua causa determinante, seu agente produtor, seu noúmeno, é um espírito, seja qual for o conceito filosófico que temos de espírito, e qualquer que seja o estado e a situação em que esse espírito é encontrado (encarnado, desencarnado, desdobrado total ou parcialmente, mago, feiticeiro, elementar, atômico, molecular, celular, etc.). A única condição (que por outro lado é fatal e necessária) que se requer do espírito para ser sujeito agente do fenômeno mediúnico é que ele se encontre unido e envolvido por seu perispírito, que é onde ele encontra a base material para sua atuação; pois não há espírito que careça de tal base, por mais espiritualizada que seja essa base perispiritual. A causa material do fenômeno mediúnico, o objeto, o princípio, a matéria do mesmo, é o corpo físico do médium parcialmente desdobrado e em alguns casos, muito poucos, totalmente. O corpo físico é composto, segundo as teorias físicas modernas, de "sete" diferentes estados de matéria física: sólidos, líquidos, gases e quatro estados etéreos ou radiantes, aos quais foram dados os nomes de éter químico, éter vital, éter luminoso e éter refletor. Daí resulta que o corpo físico é composto de um corpo denso formado pelos três primeiros tipos de matéria, e corpo ou duplo etérico, formado pelos quatro éteres. Assim, o espírito, sujeito ou causa determinante, atuando sobre o princípio, objeto ou causa material (o médium), tira o fenômeno mediúnico do não-ser, para dar a ele o ser do seu próprio ser, isto é, o produz, da mesma forma que o carpinteiro (causa determinante ou sujeito) agindo sobre a madeira (causa material ou objeto)

tira a mesa do não-ser, para dar-lhe o ser do seu próprio ser, como demonstrou até a saciedade o nosso eminente mestre e venerável apóstolo do Espiritismo, Sr. Quintín López Gómez (intimas), isto é, ele a produz, a fabrica, a constrói. Portanto, o médium não é sujeito metagnomo nem sujeito teleplasta; é apenas o objeto do fenômeno, a matéria sobre a qual o espírito (o agente, o sujeito) age para produzir o fenômeno mediúnico.

9. Não é nosso objetivo expor uma teoria científica da mediunidade; mas para entender bem o fenômeno mediúnico em sua distinção de todos os outros fenômenos espíritas, devemos fazer algumas indicações. O cérebro é formado por uma infinidade de centros cinestésicos, cada um dos quais é composto de neurônios através dos quais o sangue circula em um estado coloidal; desses centros cinestésicos, carregados do éter vital para os plexos Os plexos dirigem e regulam simultaneamente os movimentos da face, do tórax e dos braços, e do abdômen e pernas. Nessas condições, entender-se-á como os movimentos desses órgãos no homem normal são verificados de maneira voluntária ou subconsciente, conforme sejam movimentos conscientes ou subconscientes, isto é, de vida racional ou vegetativa. No meio (o que não é - como mencionado - um instrumento de recepção e transmissão, como não recebe nem transmite nada mediunidade menos intuitivo), há uma disposição especial o bife nervoso, a partir de um ou outro centro O cinestésico (de acordo com a classe da mediunidade) carrega o éter vital para o plexo correspondente (cervical, cardíaco ou solar) de acordo com os órgãos que precisam ser movidos para a produção do fenômeno mediúnico correspondente. E verificou-se que o fenômeno mediúnico de voz direta, por exemplo, um centro cinestésica da palavra luz e concentração imperceptível do meio, e vazia todo ou parte do seu conteúdo etéreo organizado por palavra, em bifes Nervosos que têm que levá-lo à laringe e cordas vocais e sair pela boca do médium do grande simpático (cervical, cardíaco e solar), que por sua vez também estão saturados com o correspondente éter do duplo etérico. As massas de

filamentos nervosos saem pelo orifício occipital, cruzam-se nele e vão paralelamente à coluna vertebral, interagindo com a medula por meio de uma infinidade de filamentos nervosos intervertebrais. Os plexos dirigem e regulam simultaneamente os movimentos da face, do tórax e dos braços, e do abdômen e pernas. Nessas condições, entender-se-á como são verificados os movimentos desses órgãos no homem normal, de maneira voluntária ou subconsciente, conforme sejam movimentos conscientes ou subconscientes, isto é, de vida racional ou vegetativa. No médium (que não é - como foi dito - um instrumento de recepção e transmissão, já que não recebe nem transmite nada, exceto na mediunidade intuitiva), existe uma disposição especial no filamento nervoso, a partir de um ou outro centro cinestésico (de acordo com o tipo de mediunidade) carrega o éter vital para o plexo correspondente (cervical, cardíaco ou solar) conforme os órgãos que precisam ser movidos para a produção do fenômeno mediúnico correspondente. E assim é verificado que no fenômeno mediúnico de voz direta, por exemplo, a uma leve e imperceptível concentração do médium, o centro cinestésico da palavra, esvazia todo ou parte do seu conteúdo etéreo organizado para a palavra, nos filamentos nervosos que devem conduzi-lo à laringe e cordas vocais e sai para o exterior pela boca do médium. O espírito então apodera-se deste éter vital por meio da parte astral ou mais densa de seu perispírito, condensa-o em sua laringe astral para formar a etérea (que não tem) e pode produzir uma voz, que é tanto mais intensa quanto maior for a quantidade de matéria etérea (organização para palavra) que o médium emite; até o extremo de que, se for grande, a boca do espírito pode ser materializada, enquanto sua voz é claramente ouvida e, se for pequena, o espírito precisa ir a um alto-falante, para amplificá-la (uso do megafone). Da mesma forma, com pequenas variações, são produzidos todos os fenômenos mediúnicos, nos quais sempre há, como se vê, uma pequeno desdobramento ou fuga etérea produzida por uma ligeira concentração do médium, concentração que por sua vez é determinada

pelo espírito comunicante sobre o centro cinético correspondente do médium, já disposto a isto só pelo fato de estarem reunidos vários experimentadores em sessão experimental.

Não queremos insistir mais nessas questões, que estudamos e expusemos extensivamente em outras ocasiões até deixarmos estabelecida uma teoria completa da mediunidade. Basta com o exposto para demonstrar que em todo fenômeno mediúnico há um espírito agente ou sujeito do fenômeno, uma matéria ou objeto do mesmo (médium) e uma união ou relação entre ambos, de cujos três elementos surge o fenômeno.

10. «O fenômeno anímico». - Como o medianímico, também o anímico obedece à Grande Lei do Ternário. Sua causa determinante, seu sujeito, seu agente, seu número é o espírito, a alma do sujeito que o produz. Sua causa material é o tipo de matéria do próprio sujeito sobre a qual ele atua. Da união entre ambos surge o fenômeno anímico.

São fenômenos anímicos de caráter psicofísico, todos aqueles que o homem geralmente produz (andar, falar, ler, escrever, meditar...) que a alma produz agindo sobre certos órgãos do corpo. Os fenômenos anímicos objeto do nosso estudo dividem-se em três classes: fenômenos psicofísicos de desdobramento parcial, fenômenos psico astrais de desdobramento parcial e fenômenos mágicos, com ou sem desdobramento parcial ou total. Os primeiros requerem uma projeção etérea, mais ou menos intensa, do centro cinestésico correspondente; tal é a tele visão, a tele audição a tele razão, que podem ser atuais, diferidas e premonitórias; exemplo: um sujeito sabe como projetar e projeta matéria etérea correspondente ao seu centro ótico, e então ele vê à distância uma reunião de vários indivíduos que estão lidando com um determinado assunto (tele visão) mas sem saber por quê ele não ouve. Se esse sujeito também é capaz de projetar parte da matéria etérea correspondente a um centro de audição cinestésico, ele ouvirá o que esses indivíduos falam e descobrirá seus planos, mas não poderá ler o que está borbulhando em suas mentes, nem o que pulsa dentro de seus corações; Mas se esse sujeito também souber projetar parte de seu eflúvio mental na mesma direção, ele poderá descobrir o que cada um deles pensa e sente, mesmo não o expressando. Os fenômenos anímicos

de caráter psico astral exigem uma projeção de matéria astral correspondente aos centros astrais do perispírito que devem funcionar. Esses fenômenos são: clarividência, clariaudiência e transmissão mental que correspondem aos três anteriores, e que permitem ao sujeito ver, ouvir e ler nas mentes de todos os seres que vivem no mundo astral ou no Além imediato que nos circunda, assim como em toda a matéria e energias astrais. Finalmente, os fenômenos mágicos são: de magnetismo pessoal, de cabala, de alquimia e de astrologia. Não podemos nos deter em darmos uma explicação de tudo isso e, portanto, daremos apenas algumas pequenas noções de alquimia. As operações mais importantes da alquimia física são aquelas de integração e desintegração, isto é, decompor a matéria física ao seu estado mais sutil de éter refletor, recompor a matéria física desde este último até a célula e produzir o último por condensações astrais, operações que guardam uma certa analogia com os fenômenos físicos conhecidos como mudanças de estado, mas levados além do estado gasoso, para os quatro estados etéreos. Operações análogas podem ser feitas com os elementos astrais, formando assim a alquimia astral ou ultraquímica, onde os antítipos e protótipos astrais dos elementos químicos correspondentes seriam estudados. É claro que essas operações e estudos alquímicos só podem ser feitos por aqueles homens que desenvolveram os poderes latentes ocultos em suas almas (poderes psíquicos). Para isso, o Espiritismo oferece todo um campo filosófico de experimentação, estudos e exercícios apropriados, que com o tempo e as reencarnações sucessivas levariam o homem ao desenvolvimento desses poderes do super-homem ou iniciado. Em seguida, oferecemos uma tabela de fenômenos anímicos:

FENÔMENOS ANÍMICOS

Grupo 1.º Fenômenos psicofísicos de desdobramento parcial. {Tele visão, Tele audição, Tele razão

Grupo 2.º Fenômenos psico astrais de desdobramento parcial. {Clarividência, Clariaudiência, Leitura mental

Grupo 3.º Fenômenos mágicos com o sem desdobramento {De Magnetismo pessoal, De Cabala, De Alquimia, De Astrologia

11. Não queremos terminar este estudo sem fazer notar a superioridade

e maior importância dos fenômenos anímicos em relação à mediunidade. Através destes, tentamos que os seres do Além nos procurem para nos dar notícias da vida de seu mundo. Através dos anímicos somos nós que penetramos no mundo do Além para estudá-lo e descobrir suas verdades formando uma nova ciência.

12. Em virtude das considerações anteriores, poderíamos dizer, imitando o ilustre professor Asmara, presidente da Federação Espírita Espanhola, que existe no Espiritismo uma verdade de "ratio" que demonstra as verdades experimentais ou de "facto"; que há uma verdade de «facto», onde as verdades da «ratio» são justificadas, e que há também uma verdade de «fides», acima e abaixo daquelas da «ratio» e de «facto», que basta e satisfaz o crente.

Esta verdade de "fides" refere-se por completo ao aspecto religioso do Espiritismo. Este aspecto necessário para toda filosofia, está incluído na cosmogênese espírita, onde deve ser focado o problema de Deus (causa criadora, raiz sem raiz, substância absoluta, etc.) em uma parte da referida cosmogênese intitulada teologia e teodiceia espíritas. Por sua vez, a antropogênese deve resolver o problema moral do bem e do mal, criando em seu interior uma ética onde sejam estudados as paixões e os instintos, e como transformá-los em virtudes. E todo este estudo deve ser completado na psicogênese com a criação de uma mística espírita que eleve gradualmente o coração do homem ao próprio seio da Divindade.

13. Do estudo anterior deduz-se que o Espiritismo é filosófico, isto é, racional, experimental e religioso, quer dizer, integral ou completo, mas amplamente progressivo, sem que suas teorias possam ser encerradas em grades determinadas ou molduras fixas, já que sua concepção abrange o Universo inteiro.

Madri, 3 de março de 1934.

H - Necessidade de constituir formalmente o Espiritismo como ciência, através de institutos ou academias, por Salvador Molina.

Devo me referir, em primeiro lugar, às negações do materialismo científico quando pretende negar ao Espiritismo o direito de entrar oficialmente nos programas de estudo, uma circunstância que tem impedido estabelecê-lo formalmente como uma ciência experimental.

Apontaremos de passagem os pontos mais frágeis em que a ciência das academias ainda é hesitante e, por vezes, incapaz de continuar a impor certos postulados considerados invulneráveis. Tão hesitante, que muitos de seus mais eminentes professores se dividiram em uma infinidade de opiniões e sistemas para explicar os fenômenos mais simples da vida.

Sejam as teorias materialistas ou as doutrinas positivistas; ora sejam chamados de dualistas ou intitulados de monistas, todos eles rivalizam e atacam uns aos outros, tentando impor regras ao pensamento, moldando a razão, freando a ideia.

Os materialistas falam-nos do acaso e das forças cegas da matéria, como se o mundo fosse desprovido de leis, apresentando à imaginação um caos em que o homem se compraz na busca da ordem e da harmonia.

Os positivistas reduzem tudo às percepções sensoriais, apegando-se ao antigo postulado de Locke e Condillac, tão calorosamente adotado por Augusto Comte, o pai do positivismo francês, segundo o qual "não há nada na inteligência que não tenha passado antes pela porta dos sentidos".

Longe de nós, a ideia de nos divorciarmos da verdadeira ciência, porque é a única bússola que nos guia no mar tempestuoso de investigação filosófica, o único farol que nos ilumina e, com seus lampejos, nos guia para o porto seguro da Verdade.

O que devemos nos recusar a aceitar é a autoridade que certos sábios indocumentados se arrogam ao nos falarem em nome da Ciência, quando eles nunca se dignaram a fazer um único experimento no campo espírita ou até mesmo estudar um único documento que fizesse suas ideias preconcebidas vacilarem.

O que não podemos aceitar é que a Ciência seja ela chamada de "materialista" ou "espiritualista", "dualista" ou "monista", simplesmente

porque a supomos serena, imparcial e inabalável, e porque entendemos que não tem outra missão senão a de investigar a verdade, onde seja e como seja, doce ou cruel, humilhante ou gloriosa.

Por outro lado, a Ciência não pode condenar a filosofia ou desprezar a metafísica, como pretendem os positivistas, porque a Ciência não seria nada sem a indução filosófica e nunca poderia se remontar ao abstrato sem a ajuda da metafísica.

Ela não recorre, acaso, à filosofia quando quer deduzir as consequências que os eventos naturais envolvem? Ela não faz metafísica quando estabelece hipóteses e chega, como a física chegou, à concepção do átomo? Porque, com efeito, todo o andaime científico moderno repousa confiavelmente no átomo, ao qual ainda subdivide em íons, elétrons e prótons; elementos hipotéticos, substâncias que não são vistas, tocadas ou percebidas por nenhum dos sentidos; substâncias até então inacessíveis para a Ciência, ao menos para seus instrumentos de pesagem, medida e observação, já que, segundo o químico inglês Lord Kelvin, a medida do átomo é "algo parecido" com uma cinquenta milionésima de polegada.

Se analisarmos, por outro lado, certos postulados científicos, hoje sustentados como fundamentais, veremos de imediato que as afirmações do Espiritismo (que fazem sorrir esses senhores professores) são ainda mais lógicas quanto mais são comparadas com as "crenças dogmáticas" ou com as teorias pessoais que esses mesmos professores proclamam como se fossem verdades adquiridas pela ciência.

Não é outra coisa a definição tradicional de matemática, a ciência que é considerada a mais exata de todas, cuja definição quer que provemos que "a linha é um comprimento sem espessura" ou, o que é o mesmo, "a extensão em apenas o comprimento ». E agora eu pergunto aos homens de estudo: vocês podem conceber algo que tenha comprimento e que, no entanto, não tenha espessura? Aqui está uma definição que constitui um verdadeiro artigo de fé científica, incomparável com a fé racional dos espíritas. E as famosas leis da mecânica clássica? Vejamos como ela própria faz metafísica e perde-se em lucubrações, nas quais o Espiritismo nunca entrou:

«A aceleração, diz-nos o grande físico Poincaré, é igual a força dividida

por massa». E eu pergunto: pode, acaso, esta lei ser demonstrada pela experiência? Para isso, seria necessário medir as três magnitudes que aparecem no enunciado: aceleração, força e massa. Bem, vamos admitir que a aceleração pode ser medida, ignorando a dificuldade que vem da medida exata do tempo. Mas como medir força ou massa, se ainda não sabemos o que são?

«O que é massa? É, responde Newton, o produto de volume por densidade. "Seria melhor dizer, replicam a uma só voz Thompson e Tait, que a densidade é o quociente entre massa e volume."

«O que é força? É, responde Lagrange, uma causa que produz o movimento de um corpo ou que tende a produzi-lo. "É, diz Kirchoff, o produto de massa por aceleração." "Mas, então, acrescenta Poincaré, por que não dizer essa massa é o quociente de força pela aceleração?"

Como se vê, essas contradições são tão evidentes que não precisam ser comentadas, e nos levam à conclusão de que muitos desses sábios não sabem tudo o que pretendem saber e, portanto, têm muito pouca autoridade científica para desqualificar o Espiritismo. O que pensar, com efeito, de sua sabedoria quando nos dizem que a força é a causa de um movimento? Não pensamos imediatamente que estão fazendo metafísica, pois acabaram de confessar que não conhecem a força?

Essa mesma ciência nos prediz pela boca de John Lubbock que o som é a sensação produzida em nós quando as vibrações do ar ferem nossos ouvidos; e quando essas vibrações acústicas são lentas, o som é grave; quando elas são rápidos, o som é agudo; mas se a sucessão das vibrações é menor que 15.000 ou maior que 40.000 por segundo, então não podemos percebê-las.

A mesma coisa acontece com a luz, continua dizendo a Ciência, que é o efeito produzido pelas ondas de luz quando fere a nossa retina; e quando afetada por 400 milhões de vibrações por segundo, a cor vermelha é produzida, e quando esse número cresce, torna-se amarelo, verde, azul e violeta. Mas eis que, entre as 40.000 vibrações e os 400 milhões por segundo, não temos órgãos sensoriais apropriados para registrar essas impressões. Ou seja, existe uma imensa lacuna entre essas vibrações, que não conseguiram descobrir ou observar, até o presente, esses sábios

materialistas que pretendem conhecer tudo.

Não é isto, porventura, fazer uma confissão tácita da existência de um mundo invisível e intangível para a Ciência, de um mundo desconhecido e materialmente inexplorado, de um mundo que não está apenas fora do alcance dos pobres sentidos corporais, mas até mesmo dos instrumentos mais delicados que a Ciência possui?

Nas modernas teorias sobre a luz, também se descobre a necessidade que a Ciência tem de fazer metafísica. Diz-se, de fato, que um raio de luz solar não pode chegar até nós, a menos que haja um meio apropriado ou um veículo disposto, que os sábios deram em chamar de "éter", capaz de vibrar com a intensidade correspondente para ferir nossa retina. E grande parte do edifício da ciência moderna se baseia na "crença" no "éter" que, de acordo com seus textos, nos rodeia por toda parte.

E ao éter eles atribuem tudo o que é intangível, e o éter é a causa obrigatória de todos os fenômenos que não podem ser explicados por meio das teorias reconhecidas como acadêmicas. No entanto, vemos que esses mesmos defensores sábios e tenazes das hipóteses do átomo e do éter são justamente aqueles que negam a existência e a imortalidade da alma humana e aqueles que são obstinados no combate à possibilidade de que essa alma possa se comunicar. ou atestar sua persistência no Além.

Os materialistas não têm base científica alguma para dizer que a consciência não existe após a transição corpórea, como também não têm para garantir que ela seja destruída quando o corpo não tem seu suprimento de oxigênio, porque nem eles nem nenhuma ciência podem provar que o oxigênio, como qualquer outra substância da Natureza, tem algo a ver com a consciência dos seres humanos. Tudo o que poderia provar, em última análise, é que, como o corpo não tem o suprimento de oxigênio necessário para suas funções, ele deixa de dar sinais físicos de sua existência. O qual não é provar de nenhuma maneira que a consciência é destruída neste processo.

A conclusão é, por si mesma, irrefutável e podemos desafiar os materialistas a nos provar o contrário. Podemos desafiá-los a nos demonstrar que, movendo certas células cerebrais, um sentimento de amor ou ódio pode ser produzido à vontade, em qualquer indivíduo; ou então

que, mudando a polaridade dos íons e elétrons que mecanizam os chamados neurônios, a matéria cinzenta do cérebro de um idiota ou de um cretino pode ser convertida na de um sábio ou de um artista.

"Ninguém conseguiu demonstrar até o presente, diz Flammarion, que a inteligência não existe sem o cérebro, como ninguém foi capaz de provar que a eletricidade não existe sem o dínamo, porque, assim como a máquina dínamo não é a eletricidade, do mesmo modo, o cérebro não é a inteligência." A própria psicologia experimental moderna chegou à conclusão de que os fenômenos psicológicos são mais elementares que os fenômenos biológicos ou físicos, já que qualquer que seja o mundo que experimentamos é um mundo que percebemos. Então, apenas por meio do fenômeno psicológico da "percepção" é como todas as coisas do mundo nos são reveladas. "Sem a percepção, diz o grande psicólogo Brown, em seu livro "Psicologia da Ciência", não poderíamos ter conhecimento algum. Segue-se que o fenômeno psicológico é fundamental e, portanto, o seu estudo se torna indispensável mesmo antes do que o da biologia".

Mas os materialistas que não são psicólogos ficaram a meio caminho, pois continuam a ignorar que a psicologia mantém um elemento universal dentro de si mesma, em virtude do fator individual "que percebe", que já foi mencionado anteriormente. Então, seu objeto e seu conteúdo estão ligados a todas as ciências, apesar de suas negações obstinadas. E ainda mais, aqueles senhores negadores perderam muito com desconhecer que o objeto e conteúdo da psicologia constituem os elementos de uma ciência central em torno da qual as outras ciências giram.

De tudo o que expusemos, conclui-se que, se o Espiritismo pretendesse combater os erros e sofismas que os professores materialistas ainda continuam sustentando com o propósito de manter a porta fechada para o estudo de seus fenômenos, e se quisesse opor com indiscutível autoridade suas deduções e convicções a esses sofismas e erros, teria que abandonar as discussões puramente filosóficas ou metafísicas e entrar plenamente no terreno das demonstrações e provas experimentais. Precisaria constituir uma psicologia integral, baseada na observação e na experiência, não apenas no sentido íntimo, mas em sua externalização, por meio dos fenômenos que comprovam objetivamente a dualidade do ser humano.

Essa psicologia integral deveria se constituir da maneira que as sociedades científicas fizeram para a pesquisa psíquica ou metapsíquica, adotando para esse fim o nome que melhor conviesse ao objetivo por ela perseguido e que não é outro senão formalmente se estabelecer como ciência experimental, cara a cara com a ciência das academias, não para combatê-la de maneira estéril, nem para estabelecer uma tribuna de debatedores, mas para trabalhar, construir, elucidar questões e dissipar os erros.

O Espiritismo precisa ocupar, hoje mais do que nunca, a posição que lhe corresponde entre os estudos científicos do mundo civilizado. Mas a propósito, esse objeto não pode ser alcançado dentro das academias estabelecidas pela ciência oficial, devendo ser feito independentemente delas e até das agrupações de professores dedicadas a investigar, de forma breve e fria, os fenômenos que, por não serem chamados de espíritas, foram chamados de metapsíquicos ou parapsíquicos.

Agora, uma vez que a ciência não fica verdadeiramente constituída enquanto não possa verificar experimentalmente as hipóteses que sugerem os fatos que ela estuda a partir de uma cátedra formalmente estabelecida e reconhecida, e visto que faltou ao Espiritismo, justamente, na minha opinião, essa última condição de formalidade para ser oficialmente catalogado como tal ciência, é por isso que me atrevo a propor a esta culta Assembleia:

1º. Que haja por bem recomendar às federações e outros grandes grupos espíritas aderentes a esta digna Instituição Internacional, o estudo e a constituição de institutos, academias ou, simplesmente, comissões próprias, embora separadas do raio de ação dos grupos espiritualistas quanto ao modo de realizar pesquisas, cujos propósitos sejam experimentar, observar, investigar e registrar, em atas assinadas por todos os experimentadores e testemunhas, fenômenos psicológicos de todos os tipos, sem omitir aqueles que foram relegados ao esquecimento por considerá-los alheios ao estudo puramente doutrinal ou à rotina que alguns espíritas conservadores persistiram em seguir. Escusado será dizer que a gestão desses organismos só deve ser confiada a pessoas idôneas, professores e médicos, e se fosse possível que ao mesmo tempo sejam

espíritas experientes, para que pudessem tentar orientar o trabalho de acordo com os programas da psicologia experimental moderna.

2º. Uma vez que estas academias tenham sido organizadas e regulamentadas, elas começarão seu trabalho não apenas de acordo com os programas experimentais de psicologia mencionados acima, mas também com as atividades psíquicas, as mediunidades conhecidas dentro do Espiritismo e os fenômenos da ordem psíquica, cujo estudo ainda não foi tratado extensivamente e não pode ser classificado como mediunidade propriamente dita.

3º. Que, tendo em vista os resultados práticos que teriam sido obtidos no trabalho de tais organizações e já estabelecidos sobre bases científicas, inacessíveis a críticas, fossem estabelecidas relações profissionais e sociais com outras organizações similares que operam dentro da ciência oficial e também com outros professores dedicados à pesquisa psicológica, para que, prévias as precauções do caso, sejam convidados a participar dos trabalhos e contribuam para o seu maior sucesso, que também seria o sucesso da mesma ciência que eles representam.

4º. Que estas academias ou comissões de pesquisa publiquem em cada país ou em nome de cada grupo ou federação independente, publicações, boletins ou relatórios oficiais, onde o resto do mundo fosse informado de seus trabalhos experimentais, suas observações e deduções sobre os fatos observados e onde, finalmente, as atas de todas as sessões, investigações ou fenômenos especiais, devidamente assinadas por todas as testemunhas oculares, serão consignadas.

Desta forma, seriam estabelecidas em cada país não apenas uma ou várias academias de pesquisa psicológicas com todas as formalidades científicas do caso, mas futuros Congressos Internacionais poderiam ter uma enorme coleção de testemunhos irrefutáveis, observações valiosas e dados preciosos para submetê-los a estudo e formar com todos eles um verdadeiro Arquivo do Espiritismo Mundial, com as maiores garantias de autenticidade, já que todas as academias ou comissões aderentes às federações nacionais e à Federação Internacional, teriam o dever de manter estas instituições constantemente informadas de suas atividades.

Tudo o que submeto à consideração culta deste honroso Congresso, na

certeza de que, as ideias que apresento e as indicações que me permito fazer com esse propósito, não têm a pretensão de serem completas ou definitivas, mas aspiram apenas a despertar atenção e mover as atividades de outros mais treinados e melhor documentados do que o autor desta modesta apresentação, a fim de implementar este importante propósito e começar uma vez a constituição de organismos que possam se tornar a base fundamental da futura ciência espírita, oficialmente reconhecida e respeitada pelo resto do mundo científico.

Respeitosa e fraternalmente, SALVADOR MOLINA, delegado da "Spanish-American Spiritualist Association of New York, Inc"

Setembro de 1934.

I - Conceito de hierarquia na vida espiritual, por Remo Fedi.

Julgamos oportuno, no momento presente, empreender uma breve análise do conceito de hierarquia na vida espiritual, um conceito do qual hoje se faz uso e abuso, particularmente pelos espíritas.

Todos sabem que a palavra "hierarquia" significa governo ou direção pelos mais velhos, que, tendo colhido os melhores frutos da experiência, estão em condições de superioridade em relação aos mais jovens. Em um sentido mais amplo, e menos de acordo com a etimologia da palavra, é legítimo falar em hierarquia como a obtenção de um grau mais elevado de espiritualidade, adquirido através de um maior número de esforços para a realização do ideal de justiça, de bondade e de beleza que está em nós, consciente ou subconsciente. Não há dúvida de que o espiritualismo, em suas inúmeras formas e nuances, é hierárquico em princípio, pois sempre tendo em mente o aprimoramento individual, pressupõe a existência de uma imensa escala na qual uma entidade ou uma certa categoria de entidades ascendeu, em relação a outras, maior número de degraus. Não se deve esquecer que, como fundamento das doutrinas espíritas, é preciso colocar a individualidade em seu desenvolvimento palingenético, em sua passagem pelas diferentes esferas da personalidade. Colocando este assunto em seu devido lugar, diremos que o espírita aspira essencialmente à sua própria perfeição e à perfeição dos outros, como entidades individualizadas; mas ele sabe ou deveria saber que o instrumento dessa perfectibilidade, o meio para alcançar um grau mais elevado de espiritualidade é precisamente a personalização ou a socialização do próprio indivíduo. Como se pode ver, é preciso atingir um objetivo aristocrático, por meios democráticos por natureza.

O conceito de hierarquia não deveria ter aplicação possível fora do âmbito dos valores éticos, da lei moral, sendo apenas à sua luz como ao homem é dado reconhecer a excelência de seu ser sobre os outros seres. Na esfera da personalidade, não é possível admitir nada além de uma superioridade moral; no caso da individualidade, uma ordem de hierarquia físico-psíquica é criada, como resultado do consentimento à dita lei.

Para esclarecer esse conceito, devemos lembrar o que já tivemos

ocasião de apontar em precedentes escritos, isto é, que a mônada espiritual é um mundo completo, embora minúsculo, um microcosmo. Mas, ao contrário do que Leibnitz admitia, isto é, que as mônadas não tinham possibilidade de comunicação entre elas, "sem janelas", acreditamos que, existindo um macrocosmo, um universo, no tocante a esses indivíduos é permitido exercerem uma influência recíproca, fazer convergir seu pensamento e ação para a unidade.

Cada entidade espiritual é suscetível de desenvolvimento e, portanto, de duração psíquica própria, que não deve ser confundida com o tempo-espaco do mundo sensível. Mas se a duração psíquica, que só é detectável pela intuição, sob o ângulo visual da personalidade, como justamente Bergson diz, implica a subordinação, a hierarquia no sentido físico - cósmico, o "cronotopo" ao qual as diferentes formas de sensibilidade convergem que dão origem àquelas que poderiam ser definidas como "estações provisórias da individualidade espiritual", naturalmente requer a associação de representações e atividades. Somos autorizados a falar de pessoas, pois sabemos que existem sociedades pessoais, de natureza transitória, nas quais as possibilidades psíquicas das diferentes entidades são momentaneamente niveladas.

E como conceber, para as entidades em questão, o entendimento mútuo, a harmonização das várias espécies de atividades para um propósito comum, a ajuda espiritual e o amor, se o desenvolvimento do indivíduo não se desse através dessas estratificações sociais, se cada entidade continuasse seu caminho se não lhe fosse dado ser notificada das coincidências representativas e intelectuais com os outros seres que estão, como elas, no processo de evolução?

Por isso, é necessário notar um fato muito importante nessa ordem de ideias. O ponto de observação da entidade consciente para perceber a pluralidade de seres e sua posição espiritual é o grau de elevação da personalidade, uma vez que somente nesta as coincidências têm lugar e são conscientemente manifestadas; conseqüentemente, a importância da esfera social não pode passar despercebida para ninguém, precisamente aqui onde o homem aprende que sua alma tem um alcance imensamente maior do que a esfera humana na qual sua vida transcorre. É nesta

observação que o significado íntimo e profundo do preceito filosófico "nosce te ipsum" deve ser reconhecido, mas a entidade que toma consciência disso e adverte ao mesmo tempo que essa superioridade espiritual depende, em primeiro lugar, da dedicação a ser consciente de agir bem e de sua completa submissão à lei moral, que na linguagem religiosa poderia ser chamada de "Palavra Divina". A maior ou menor potência psíquica está em relação direta com a maior observância dessa lei, e uma hierarquia no aspecto da vida espiritual só é possível dessa maneira. Enfatizar isto hoje é tanto mais necessário quando se pensa que muitos daqueles que estão interessados ou têm a pretensão de se interessar por coisas do espírito, não têm os valores morais na conta em que merecem ser tidos, atendem a falsos e mal entendidos misticismos quando não consideram "tout court" a potenciação espiritual à maneira de Nietzsche, como um engrandecimento de sua própria personalidade em detrimento das outras. Queremos falar particularmente daqueles que, considerando a força em si e para si mesmos, não estão dispostos a ver nela mais do que a parte puramente energética, fora da lei ética, fundamento de toda filosofia, e da qual são nutridas as religiões de tipo superior, a começar pelo cristianismo.

É bem verdade que o conceito de hierarquia não pode deixar a esfera que a ele compete: o amor e a justiça. Não deveria ter nada em comum com o que na vida social o homem, e de modo particular o homem de hoje, considera em função hierárquica. Aos nossos olhos, o César vivente não é melhor do que o César morto aos olhos de Hamlet, na famosa tragédia de Shakespeare:

«Imperious Caesar, dead and turn'd to clay, Might stop a hole to keep the wind away.»

Em suma, as hierarquias de instituições temporárias, pelo princípio que as informa, além da posição que seus líderes ocupam na vida ética, não podem ser consideradas pelo verdadeiro espiritualista senão como pseudo-hierarquias. É – ao nosso ver – muito prejudicial estabelecer – nem mesmo de longe – analogias entre a verdadeira hierarquia de propriedade absoluta do espírito com essas supostas hierarquias e aristocracias da vida

associada no chão humano, uma vez que estas vivem e se desenvolvem fora do campo dos valores éticos.

Podemos dizer, sem medo a sermos desmentidos, que nada foi mais pernicioso para nossa civilização do que não querer respeitar e observar, como dever, a lei moral, também fazendo uma triste confusão entre o que realmente pertence ao espírito e o que é apenas uma imitação, uma máscara deformada da espiritualidade. O dano é imenso, além disso, porque é significativamente agravado pelo efeito do hábito de adaptação mecânica, pelo homem, a qualquer circunstância da vida. Agora, nosso espiritualismo tende, acima de tudo, à restauração daquele sentido verdadeiramente hierárquico e aristocrático que só pode conferir "dignidade" a todas as coisas empreendidas pelos indivíduos em todos os estágios de seu desenvolvimento palingenético. Para que tal fato, de imensa importância, seja cumprido, é necessário que o homem adquira uma noção de seu ser real; é necessário que ele chegue a fazer a distinção apropriada entre "realidade espiritual" e realidade "transitória".

Se refletimos bem, a sorte do cristianismo, além dos ensinamentos morais que podem ser extraídos de sua doutrina e mesmo levando em conta todas as influências externas (culturais, históricas, políticas, teológicas), é preciso buscar no fato de que seus seguidores, desde o início, souberam incutir nos espíritos uma exigência desse tipo. É por isso que também poderíamos ser chamados, com todos os direitos, "seguidores do cristianismo" em sua expressão mais genuína e livres de todos os obstáculos teológicos.

Quem, de um modo ou de outro, por meio da meditação filosófica, isto é, da reflexão sobre "si" e sobre o mundo, ou por meio da projeção sobre o chão sensível terrestre na vida do Além imediato (manifestações de caráter metapsíquico) chega a adquirir a firme convicção de que seu ser é algo mais do que o que aparenta perante si mesmo e perante as outras consciências no breve ciclo da existência terrestre, pode dizer que ele já está colocado na posição mais propícia para distinguir a verdadeira hierarquia (segundo o espírito) da falsa hierarquia (segundo a carne).

Ele adverte, então, que a primeira tem, por sua essência, a liberdade e não está alojada entre os "homines ad servitutem paratos"; e isso é muito

fácil de demonstrar, porque, como já foi dito e repetido por filósofos e moralistas em todos os períodos da História e em todos os países do Globo, e também confirmado por religiões éticas como o cristianismo e o budismo, a adesão à lei ética - que na linguagem religiosa é traduzido como observância dos preceitos divinos e obséquio ao que é considerado sagrado - é equivalente, nem mais nem menos, ao reconhecimento da sujeição de todos os seres a essa lei, que faz todos serem "filhos de Deus".

Mas isso pressupõe a rendição livre e espontânea da vontade das entidades simples aos "Nomos". Se no ser consciente não existisse uma faculdade de querer o bem e a justiça; se a consciência do indivíduo não fosse uma centelha da razão divina, do Logos, e não possuísse a liberdade própria de todos - os seres finitos dotados de vontade, para colocar-se sobre o caminho da luz ou sobre o das trevas, a lei mencionada acima tornar-se-ia ineficaz em face dos indivíduos no curso de suas personalizações psíquicas, uma vez que uma ética pessoal e, conseqüentemente, social não é concebível, sem espontaneidade, sem assentimento livre.

Se essa liberdade não fosse admitida dentro dos limites do finito, estaríamos reduzidos à alternativa de deificar o homem, já que o Ser Supremo não pode ser outra coisa senão o que é, ou envilecer até a mesma categoria da besta, que é incapaz de fazer tal seleção, porque sua organização psíquica não é desenvolvida para permitir a ela a opção racional em questão. Agora, quem não tem preconceitos de natureza social e tem a possibilidade de elevar seu espírito às coisas e problemas que transcendem a esfera da personalidade humana, facilmente percebe que a superioridade espiritual de um ente sobre outro não é absolutamente admissível na base da coerção. Ao contrário, está persuadido de que a função hierárquica na esfera social deve ter o propósito de fazer o trabalho oposto, isto é, tentar eliminar todos os elementos que possam prejudicar essa possibilidade de seleção por parte do ser.

É supérfluo dizer que isso fere totalmente os sistemas atuais, nos quais a liberdade pessoal, cujo uso constitui a contribuição mais poderosa para aumentar o coeficiente de espiritualidade no indivíduo psíquico, é sacrificada em favor do Estado e das oligarquias sociais.

Percebe-se, portanto, como no terreno social não é possível ao verdadeiro espiritualismo reconhecer mais do que uma única ordem hierárquica: a do educador, daquele que assume o ônus de fazer progredir o próximo no caminho da espiritualidade, tornando-o sempre mais consciente de si mesmo e do que está ao seu redor, sempre pronto para observar a lei moral e promover o avanço dos outros e ao mesmo tempo de si mesmo.

Nunca devemos perder de vista principalmente essa verdade, rebitada sob o aspecto de "mito" em quase todas as religiões do Globo: o verdadeiro desenvolvimento, evolução ontologicamente considerada é da psique individual, enquanto a evolução social tem certamente grande importância, mas apenas como "meio". O erro do comunismo (erro que têm explorado muitas vezes seus detratores) foi o de ter feito essa distinção, isto é, de ter negligenciado a finalidade espiritual levando em conta apenas o instrumento econômico como o elemento principal da vida social. Como o homem não pode prescindir de fixar para si mesmo um objetivo em tudo o que empreende, é induzido a conferir valor teológico a toda a sua atividade. Desta forma, o instrumento socialista, ótimo em si e para si, e realmente criador de progresso, só é usado por aquele tanto de benefício econômico que pode trazer para a espécie, mas não por toda a sua abrangência, que consiste justamente em conseguir o enriquecimento espiritual da individualidade através da formação de uma sociedade sempre mais atenta à verdade e à justiça.

No fundo do comunismo político-social, tal como hoje é concebido, há apenas uma economia mais perfeita que aquela - digamos assim - capitalista; mas precisa do principal: a parte educativa espiritualizadora da mônada consciente que, na verdadeira evolução, representa o mecanismo mais eficiente e mais válido. Em suma, pensamos que o tecnicismo marxista, digno do mais alto louvor do ponto de vista econômico, deveria ser coroado não pelo materialismo monista (que não deve ser confundido com o materialismo histórico, uma expressão com a qual Lassalle designou a doutrina de Karl Marx) do ateísmo em suas várias categorias e das deontologias sobre base puramente humana, mas pela doutrina espírita, que está de acordo com o Evangelho Cristão, considerado sob um aspecto

imensamente mais vasto daquele que os vários confessionalismos eclesiástico-cristãos consideram.

Voltando ao nosso assunto, parece-nos agir de maneira útil em favor da ideia que pretendemos espalhar entre as pessoas, destacando a necessidade profundamente sentida de traçar uma linha clara de separação entre a hierarquia espiritual e a hierarquia temporal. É necessário lembrar que no fato de ter tentado fazer o Cristo e o César estarem de acordo, deve-se reconhecer, apesar dos protestos contra, uma das principais causas da decadência do catolicismo, além de querer sustentar uma teologia dogmática que não mais resiste à crítica filosófica e científica de hoje.

É em vista do advento de tal aristocracia espiritual que fazemos ouvir as nossas vozes e proclamamos a necessidade de não sairmos do caminho em que só é possível alcançá-lo: com amor e não com seu oposto: com a observância da lei e não com a transgressão dela, pelas consciências simples, não hesitando em suportar os sacrifícios mais duros quando necessário.

O espírita está ciente de sua grave tarefa, e não ignora os perigos que derivam da ideia de doutrinas que usurpam o nome de espiritualistas, e que, com golpes de tambor, conseguiram infelizmente invadir muitos círculos. Acreditamos não estarmos fora da verdade afirmando que a Humanidade hoje é mais vulnerada pela extensão de tais doutrinas do que foi a da segunda metade do século passado pelas doutrinas dos Büchner, dos Vogt e dos Moleschott.

Assim como o Espiritismo soube corajosamente conduzir suas batalhas contra as teologias das religiões confessionais, contra os vários pragmatismos, utilitarismos e historicismos, poderá derrotar falsos misticismos, certas teosofias para uso de uma burguesia corrupta e indolente, movimentos neopagãos que desenvolvem-se particularmente na terra de Kant e Goethe e, finalmente, as doutrinas que exaltam o ódio e a força bruta.

Mas, para conseguir isso, não é mais suficiente corrigir e melhorar o que existe; é necessário reconstruir de ponta a ponta. Somente com uma sociedade renovada, com o novo homem, será possível realizar, sem impedimentos, aquela evolução do indivíduo necessária para a constituição

de uma "hierarquia harmônica".

Gênova

MOÇÕES APRESENTADAS PELA «SOCIEDAD FRATERNIDAD UNIVERSAL», DE NOVA IORQUE, NO CONGRESSO ESPÍRITA INTERNACIONAL DE BARCELONA

Primeira moção:

Para determinar livros didáticos para escolas de crianças e para estudos superiores com base no Espiritismo.

Considerando que: É necessário agora, darmos espaço à fundação de uma Nova Pedagogia, baseada em estudos espíritas, e ainda mais naqueles relacionados à Sociologia;

Considerando que: A escola é a maneira mais eficaz de construir uma Nova Educação no indivíduo, moldada nos ensinamentos, em todas as ordens, que o Espiritismo nos fornece;

Considerando que: Até agora não temos aqueles livros que servem para canalizar os caminhos desta Nova Educação, apesar de possuírem os Espíritas, uma literatura profusa e magnífica em todas as ordens do conhecimento humano,

Portanto: Resolva- se pelo Congresso Espírita Internacional:

Primeiro: Que se estabeleça uma comissão para estudar os trabalhos fundamentais de Allan Kardec e outros, para extrair deles alguns pequenos livros que sirvam como textos para nossas Escolas Infantis; e outros livros de Estudos Superiores que sirvam como orientação para a juventude estudiosa.

Segundo. Que estes livros sejam editados com a assistência de todas as Federações, Sociedades e Centros que participam deste Congresso.

Terceiro. Que no estudo e preparação pedagógica para esses livros, seja levado em conta, essencialmente, tudo aquilo que se refere à vida social, à vida de relacionamento e à relação íntima do espírito encarnado com o espírito desencarnado.

Segunda moção:

Para promover a fundação de uma Corporação com o objetivo de criar uma Empresa Jornalística que edite e publique um Jornal Internacional de caráter informativo.

Considerando que: Um dos meios mais viáveis para a divulgação, difusão e propaganda do Espiritismo em seu aspecto instrucional e educacional, é a imprensa;

Considerando que: Até agora só tivemos revistas mensais, quinzenais ou semanais, geralmente de exposição de nossa literatura, científica, filosófica e de certa especulação no campo experimental;

Considerando que: Os jornais políticos, de caráter informativo, às vezes publicam, nesta ordem, algum trabalho do Espiritismo; mas eles nunca admitem comentários colaborativos tendendo a desvendar a verdade de tais ou tais fatos que a título de informação são publicados nesses jornais;

Considerando que: É, por outro lado, necessário que os espíritas abram um passo prático para o internacionalismo que nossa Doutrina sustenta, à luz da qual não conhecemos fronteiras, nem diferenças de raças ou classes, etc., etc. ;

Considerando que: Os tempos atuais exigem que os espíritas se manifestem e manifestem suas convicções em todos os movimentos mundiais de natureza reformadora, a fim de contribuir para o advento de uma nova civilização em harmonia com nossos ideais de paz e justiça.

Portanto: Resolva-se pelo IV Congresso Trienal Internacional Espírita de Barcelona:

Primeiro. Que este Congresso inicie a organização e constituição de uma Corporação Internacional, para estabelecer uma empresa jornalística e publicar um jornal que deverá ser intitulado "El Diario Internacional", e ser de natureza informativa, sob as mesmas condições que os jornais políticos nacionais.

Segundo. Este jornal deve ser a força dinâmica que coloque o Espiritismo em relação íntima e diariamente com o povo, com todos os setores do povo, e muito mais com aqueles que formam os trabalhadores, ou seja, os produtores.

Terceiro. Esta empresa deve ter sua capitalidade em Barcelona, seu texto de informação deve ser impresso em espanhol, mas em suas colunas

de colaboração e propaganda os trabalhos devem ser publicados na língua em que foram escritos, determinando seus limites ao francês, ao inglês, ao português, ao italiano e ao catalão.

Quarto. Que uma Comissão seja designada para estudar a referida iniciativa e a torne um projeto viável, nos primeiros três meses após o presente. Esta Comissão, em conjunto com os líderes da Federação Espírita Espanhola, enviará uma cópia do referido projeto às Federações e Sociedades que participam do Congresso, para a gestão pertinente na realização dessa tarefa.

SEGUNDA PARTE

O ESPIRITISMO ESPANHOL

I

DIVERSOS MATIZES DO ESPIRITISMO NA ESPANHA

ESPIRITISMO ANTERIOR A KARDEC

a) Corrente do pensamento filosófico franco-belga

O conde de Saint-Simon, de uma das famílias mais ilustres da França, depois de lutar na América sob as ordens de Washington, ao retornar à Europa, apresentou as ideias fundamentais de sua filosofia, em sua genial obra "Novo Cristianismo".

Esta escola a que pertenciam «Infantín», em quem eles viram uma encarnação do divino Jesus, e Fourier, de quem foi dito ter sido o primeiro a aplicar o alfabeto para a obtenção de mensagens pelos tripés batedores, esta escola filosófica, digo, não só ensinava a imortalidade da alma, a pluralidade de mundos e a pluralidade de existências corpóreas da alma, mas já contava com sociedades muito semelhantes aos nossos Centros, as sociedades chamadas de "Harmonia", porque "harmonia" no sistema filosófico de Fourier indicava uma era futura de perfeito acordo entre todos os elementos sociais e de felicidade sem sombras para a raça humana. Daquela época são os "falanstérios", o último dos quais, o de Mr. Godin em Guise (Aisne), França, chegou até nós.

Propagador entusiasta das «Sociedades de harmonia» não só na França, mas também em vários países da Europa, foi Armando María Jacobo de Chatenet, Marquês de Puysegur, que em seu castelo de Buzancy magnetizava todos os doentes que se dirigiam a ele, seguindo o procedimento de Mésmer. Um dia, em 1785, quando magnetizava um jovem pastor, Víctor Viélet, tentando produzir uma crise saudável nele, descobriu que, em vez de manifestar contorções, o rústico pastor parecia adormecer calmamente e entrar em um estado estranho, no qual podia move-se e falar, e no qual ele executava sem resistência o que quer que lhe fosse indicado, mas do qual ele não guardava qualquer memória quando era despertado. "Eu não preciso falar, disse Puysegur; eu penso na frente dele, e ele me entende, ele me responde".

Ele chamou este estado de “sonambulismo artificial”, por analogia com o sonambulismo natural, do qual tantos casos são conhecidos, e a partir de então, centenas de experimentadores repetiram suas experiências, verificando e ampliando sua descoberta, da qual o doutor Wetterstrand, de Estocolmo, extrairia, em volta de 1875-1876 a terapêutica que utiliza os sonos hipnóticos prolongados.

Pedro Leroux, em sua obra "Da Humanidade"; João Reynaud, na sua "Terra e Céu" e o Ilustre Professor da Universidade de Gante, Francis Laurent, em sua "Religião do Futuro" não usam o vocabulário espírita, mas seus ensinamentos são diferentes dos kardecianos apenas nisso, como quem quiser, pode verificar com a simples leitura.

Foi das sociedades de harmonia que saíram aquelas comunicações obtidas em mais de mil e quinhentos centros disseminados por todo o planeta, escritos nas mais variadas línguas, e que serviram a Allan Kardec para compor, como sabemos, as obras fundamentais de sua doutrina.

Mas antes de aparecer estas, já eram lidas na Espanha "Da Humanidade", de Pedro Leroux, e "Terra e Céu" João Reynaud, e especialmente os "Estudos sobre a História da Humanidade", do famoso historiador e publicista belga F. Laurent. Estudos que ainda podem ser visto em muitas bibliotecas nas duas versões em espanhol: a de Gabino Lizárraga, em 18 volumes, e a de Angel Fernández de los Rios, Nicolás Salmeron e Alonso e Tomas Rodriguez Pinilla, em 6 volumes.

Lá pelo ano de 1876 vi na vitrine de uma livraria na Rua Arenal, perto da Puerta del Sol, o volume XVI da versão Lizarraga, intitulado: "A Religião do Futuro". Eu entrei e comprei, lendo-o várias vezes, porque sempre encontrava algo novo. Em pouco fui a Zaragoza, em cuja Universidade me matriculei na Faculdade de Filosofia e Letras, tendo a sorte de encontrar dois professores: o de Metafísica e o de História Universal, grandes admiradores do professor da Universidade de Gante. Sob sua direção, pude absorver os ensinamentos dos grandes pensadores citados, sentindo por eles cada vez mais admiração.

Naquela época, conheci uma pobre mulher da aldeia, mãe de um jovem carpinteiro que se lamentava e condoía amargamente de que seu filho Mariano enlouquecesse em um centro espírita. E com tal vigor descrevia

seus sofrimentos e a ruína de sua casa, que, se eu pudesse, teria, pelo menos, deportado todos aqueles loucos, porque isso, dizia para mi mesmo, é simplesmente criminoso. Transferida minha residência para Barcelona, toda vez que ouvia falar em Espiritismo, não podia deixar de expressar minha repugnância, minha antipatia pelos espíritas e suas práticas. No Centro Federal Pactista, que então operava na rua do Conde de Assalto, pediram-me para preencher a vaga de professor leigo, pela ausência definitiva de outro professor leigo, mais experiente do que eu no ensino, e durante o curso tive que dar alguma palestra pública sobre a doutrina de Fourier, tendo um dia a ocorrência de perguntar, como ele: "Onde está o velho que não quer ter a certeza de renascer e exercitar em outra vida a experiência que ele alcançou nesta? Pretender que tal desejo deve ser deixado sem realização é admitir que Deus pode nos enganar. É necessário, então, admitir que já vivemos antes de sermos o que somos e muitas outras vidas nos aguardam; algumas neste mundo ou "intra-mundanas", outras em uma esfera superior ou "extra-mundanas" com um corpo mais sutil e sentidos mais delicados».

E eu respondi a pergunta, como Leroux faz:

"Nós, ao nascer, somos não apenas a continuação e, como se costuma dizer, os filhos e a posteridade daqueles que já viveram, mas no fundo e realmente, essas mesmas gerações anteriores."

"Nascemos com predisposição à ganância, à raiva, por exemplo; prova certa, já que está impressa em nossa alma, de que nos abandonamos em nossa existência anterior, aos excessos da ganância ou aos impulsos da raiva. O que adiantamos com o conhecimento, com a lembrança dos menores detalhes de nossos erros? Existe, continua Leroux, um fundo de egoísmo no desejo que os homens têm, de lembrar o que fizeram na vida passada. Eles não percebem que, pela força de não querer esquecer, querem imobilizar sua vida. Vocês dizem que não querem esquecer; então vocês não querem mudar, porque a mudança inevitavelmente envolve o esquecimento. Vocês não querem mudar; então vocês não querem viver, porque viver é mudar.

Por que, então, você não ficaram detidos nos anos da sua infância? A maioria dos homens gostaria de se deter e se imobilizar dessa maneira, eles

gostariam de transportar para sua vida futura todo o peso de suas memórias e suas manifestações atuais. Se a sua loucura faz rir, eles abaixam a cabeça tristemente e veem apenas o nada. Não serei eu, dizem eles, se não me lembro. Será você, poderíamos responder, tanto mais quanto menos você se lembrar. Se você tem a vida em sua virtualidade, não terá a essência de sua vida anterior, enquanto as manifestações particulares de sua existência podem fazer com que você esqueça o eu eterno? Não vale mais ter a essência do que a forma? Se for objetado que a perda de memória sacrifica as afeições mais caras da alma produzindo tantas soluções de continuidade quantos forem os renascimentos, Leroux responde: "Precisamos, para tornar a nos encontrar, recordar as nossas existências e formas anteriores? Digam-nos de onde vêm essas simpatias que unem na vida atual aqueles que se amam e expliquem-nos aqueles laços invencíveis que nos arrastam em direção a certos seres. É crível que essas simpatias não tenham sua razão de ser em existências anteriores? ("Da Humanidade", volume 1, pp. 271 e segs.).

A atenção com a qual fui ouvido e o aplauso entusiástico no final desta primeira conferência me encorajaram a expor na seguinte palestra os ensinamentos de João Reynaud.

"A teodiceia que tentei esboçar - leia-se em "Terra e Céu" - é muito simples e, para terminar de esclarecê-la, será suficiente que eu faça sua síntese. Aqui está, em duas palavras. Refletindo sobre o espetáculo do universo como nos é apresentado do ponto de vista dos tempos modernos, parece-me que o nosso espírito é levado naturalmente à representação de que existe nas capacidades da extensão, uma primeira série de mundos análogos à Terra, onde as almas, no início da corrida sem limites aberta ante elas, ainda fraca e não suficientemente ligadas a Deus, encontram-se expostas ao regime da tentação e sucumbem ou triunfam, aperfeiçoam-se gradualmente, de mundo em mundo, em meio às provas, sempre proporcionais ao grau de fraqueza e culpa, chegando, finalmente, depois de mais ou menos prolongados trabalhos, a merecer serem admitidas em mundos de alto padrão. Ali ocorre a libertação definitiva de todo mal; o amor ao Bem reina com tal potência, que ninguém desmerece mais, e todos, pelo contrário, animados pelo desejo de elevação e secundados em seus

esforços pela graça incessante de Deus e com a ajuda das sociedades felizes em que vivem, em meio a todos os esplendores da Natureza, desdobram a este efeito, a atividade de todas suas virtudes e se aproximam pelo progresso contínuo, mais ou menos rápido, dependendo da energia de cada um, ao tipo infinito da perfeição.

Não sem medo, confesso, de que diminuíssem os nutridos aplausos que vinha ouvindo, e após silêncios significativos perdesse o ascendente que ia conquistando sobre os meus ouvintes, resolvi-me a compendiar para eles o mais interessante, na minha opinião, do "A Religião do Futuro " do grande historiador belga Francisco Laurent. E encorajado pelo silêncio religioso com que escutavam a existência do Deus imanente na Natureza, a revelação progressiva, a pluralidade de mundos e de existências corporais, cheguei ao ponto onde eu acreditava que o meu auditório começaria a ir embora. Estava lendo a magnífica versão em espanhol feita pelo Sr. Nicolás Salmerón: "Channing preocupa-se muito com o vínculo que subsiste entre os vivos e os mortos. Sobre isso ele tem opiniões bem determinadas, que os homens positivos qualificariam de novelas, mas que, vindas de uma inteligência tal, merecem, no entanto, uma atenção séria. Channing não duvida de que os mortos continuam em comunicação com este mundo, eles sabem não só o que aconteceu em sua vida anterior, mas o que acontece depois da própria morte. Embora isto seja pura hipótese, o ponto de partida do pensador cristão parece incontestável, que a morte não rompe os vínculos que existiam entre as almas.

Se eles foram formados pela simpatia, pelo amor, como poderia a dissolução da forma humana, uma simples transformação, ter o poder de quebrá-las? Isso seria inconcebível, e podemos afirmar com firmeza que é impossível. Ou a imortalidade não tem sentido, ou significa que a alma continua sendo, após a dissolução do corpo, aquilo que era antes da transformação dos órgãos; ela conserva, então, suas impressões, suas afeições; suas ideias subsistem, a tal ponto que, já na vida atual, os filósofos falam de reminiscências. Por que seus sentimentos não subsistiriam? Ou devemos negar que as almas são imortais, ou devemos acreditar que aquelas que nos precedem na morte continuam em relação conosco."

«Mas qual será o grau de intensidade dessas relações? Será que chega a

permitir que os mortos vejam distintamente o passado e o presente? Nesse ponto, a dúvida é legítima. Não porque isso seja impossível, não porque um dia não possa ser; mas, isso já acontece com aqueles que deixam a Terra? Não é voltar à ideia cristã supor que do estado de imperfeição em que estamos neste mundo, subitamente passamos a um estado de perfeição? Não temos memória precisa, nem visão de nossa vida anterior, porque nossa fraqueza não resistiria ao peso dessas lembranças, nem à amargura dessa visão. Somos tão perfeitos quando deixamos este mundo, que seja possível no momento da morte aquilo que por enquanto é impossível? Nossas dúvidas são sobre o presente, não sobre o futuro. Desde agora estamos convencidos de que subsiste um vínculo entre os vivos e os mortos. Se um naufrágio nos jogasse em uma terra distante, se durante anos estivéssemos sem comunicação com nossos amigos e parentes, deixaríamos por isso de amá-los e sermos amados por eles? A consciência dessa afeição pode ser obscurecida após a morte e até momentaneamente apagada. Há, sem dúvida, alguma verdade na velha crença que compara a morte ao sono. Depois das rudes agitações da vida, a alma precisa de um repouso. Deus o dá a ela. Mas o sono não é aniquilação; depois dele vem o despertar. Aqueles que morrem conservam, então, seus vínculos, suas afeições, embora possam não ter uma clara consciência disso. Aqueles que sobrevivem não deixam de amar. O que estou dizendo? Quando eles amaram de verdade, seu amor assume uma nova força, desafia a morte e vai além do túmulo. Não teriam eco esses amores, os mais puros e desinteressados que podem ser concebidos? Nossas orações ardentes não seriam ouvidas? Não temos um laço comum em Deus? E esse vínculo não nos coloca em relação com mundo das almas? Não sentimos, graças a esse divino mediador, a afeição de que somos objeto? Isso não produz em nós uma daquelas satisfações indescritíveis, sem causa aparente, que nos transporta para uma região superior? Com ocasião da novela de Channing, fizemos a nossa, e cada um faz a sua." "Não haverá nisso o germe de uma nova fé, não de uma fé imposta e aceita como verdade absoluta, mas de uma crença comum professada por aqueles que pensam e sentem? Este trabalho está ocorrendo na consciência geral, e não é possível duvidar disso."

Contra o que eu esperava, e como sublinhando os últimos conceitos afirmativamente, aplausos calorosos e entusiásticos vieram recompensar meus anseios de difundir o ideal. Quantas mãos eu apertei naquele dia me parabenizando! Mas eis que outro professor leigo que encontrou e propôs a Junta do Centro Federal para me substituir no ensino, quando devi me ausentar, ao ouvir minhas doutrinas me diz: "Você é espírita?" Minha resposta: "Deus me livre ! »

E relatei o caso de Mariano, a quem os espíritas de Zaragoza enlouqueceram.

- Conheço o caso porque naquela época eu frequentava o Centro onde Mariano agia como médium. Uma lamentável e por todos lamentada obsessão mergulhou sua mãe e ele por um longo tempo em dor e tristeza, mas graças à ajuda dos bons espíritos e da abnegação dos espíritas saragoçanos, curado de sua obsessão, ele trabalha como em seu dias melhores e até mesmo assiste às sessões para fazer mais fielmente a vontade dos guias que devolveram a alegria ao seu lar.

- Mas como não é o único caso, seria desejável que tais centros não existissem...

- Eu confesso minha surpresa, porque o que você divulga, até mesmo em suas conversas, é «Espiritismo»...

Mas esse nome me causou tanta vergonha que passei muito tempo sem falar com ninguém sobre isso.

Até que tive que me inscrever em "História da Filosofia" e adquirir a que foi escrita pelo Padre Ceferino González, que foi dada como texto. E no Volume 1, páginas 512 e segs., encontrei os seguintes comentários em um texto de Jâmblico:

«Como pode ser visto nessa passagem e nessas ideias, a nova "ciência espírita" é uma ciência bastante antiga em seus procedimentos, em seus fenômenos, em suas aspirações. Para que a afinidade e semelhança, para não dizer identidade, sejam mais perfeitas, Jâmblico, depois de afirmar, como o Espiritismo moderno, que o sonambulismo é um estado "sui generis" e meio entre o sono e a vigília ("medium quiddem inter vigiliam et somnium») vem explicar seus fenômenos na hipótese de uma dupla vida ou estado da alma, como fazem certos partidários do Espiritismo»:

"É ainda mais notável, se possível, e verdadeiramente chocante, a afinidade ou, melhor dizendo, a semelhança observada entre os efeitos e fenômenos que Jâmblico atribui à inspiração e influência dos espíritos e aqueles que encontramos no Espiritismo moderno e em suas evocações. Jâmblico nos diz, de fato, que os sinais, efeitos e obras que resultam nas operações teúrgicas e espíritas são muito diferentes e múltiplos, fazendo menção expressa dos movimentos de translação dos corpos; elevação e suspensão no ar; agitações do corpo e seus membros; sons e vozes, e até mesmo peças musicais²¹Para ninguém pensar que estamos exagerando, preste-se atenção à seguinte passagem que, aliás, não é a única desse gênero, que parece retirada de uma revista espírita: "Secundum horunt differentia sunt inspiratorum signa, et effectus et opera. Inspirati alli moventur vel toto corpore, vel quibusdam membris, vel contra quiestunt, Item choreas cantinelas concinnas agunt. Corpus eorum vel et crescere videtur in altum, vel in amplum, vel per sublimia ferri atque contra. Item voces edunt vel acuales perpetuas que vel inacuales et silentio interruptas.» "De" *Mysteriis Aegyptiorum* ", página 37. - Nota do P. Ceferino González. e, o que é mais, encontramos no filósofo neoplatônico a teoria moderna e até o próprio nome ("vehiculum"), digamos assim dos "médiuns" do Espiritismo²²«Sive ut vehiculum, sive ut instrumentum se subjecerint priore vitae modum deposuere. Ideo nec utuntur sensibus, neque ita vigilant, ut que vigiles sensus habent neque ipsi praes agiunt vel moventur humano quodam impetu atque more neque suum statum animadvertunt, neque ullant edunt cognitionem actionem que propriam sed totum illic agitur sub forma actioneque divina.» De «*Mysteriis Aegyptiorum*», pág. 56. - Nota do P. Ceferino González.».

O Espiritismo que as classes populares compreendiam e praticavam, em Saragoça como em Barcelona, não era, então, "maluquice"; ele teve precedentes gloriosos nos templos egípcios, nos helênicos, nos romanos; mais prudente do que abominá-lo era estudá-lo em todas essas civilizações. E a isso eu me consagrei desde então, na medida das minhas forças.

b) Corrente do pensamento filosófico alemão

Lá pelo ano de 1934 era ministro do Interior do Reino, Pedro Gómez de la Serna, que sendo responsável pela promoção e desenvolvimento da Instrução pública, entendeu muito cedo a necessidade de a Espanha não ser por mais tempo alheia ao movimento cientista operado no exterior. La Serna, um homem prudente e de inteligência incomum, fixou sua atenção nas relevantes qualidades de Julián Sanz del Río, professor da Universidade

Central, e o encarregou de estudar na Alemanha os sistemas filosóficos, por dois anos, após os quais deveria retornar a Madri para explicar uma cátedra de História da Filosofia. Sanz del Río retornou à Espanha, tornando conhecido o sistema de Krause, um sistema chamado "harmônico", porque tende a organizar todos os anteriores, sintetizando todo o movimento da filosofia novíssima.

"O ideal da Humanidade para a vida" que Sanz del Río modestamente atribuiu a Krause, mas do qual Krause só tem o pensamento geral e que nada mais é do que uma adaptação às necessidades de nosso país da filosofia krausista, com muitos comentários que o colocam a uma altura invejável entre os filósofos de seu tempo, era ouvido por homens como Castelar, Salmerón, F. de Paula Canalejas, Francisco Giner, Angel Fernández de los Rios, Tomás Rodríguez Pinilla, com verdadeira admiração, porque explicando sua fé eles o ouviram dizer: "Minha convicção não nasce de motivos externos, mas é filha da conformidade que existe entre a doutrina de Krause e a que eu encontro dentro de mim".

Ele morreu cercado por seus companheiros, pranteado por seus discípulos e admirado por todos. Ele não quis receber ajuda espiritual de nenhuma religião positiva e dispôs que seu corpo fosse enterrado no cemitério civil.

Alfonso Moreno Espinosa disse: «Sanz del Río despertou o nosso país da letargia intelectual em que se encontrava, chamando-o a participar na vida do pensamento moderno, através da disseminação da nova filosofia alemã ou, principalmente, do sistema harmônico de Krause. A geração por ele educada, e que hoje está na vanguarda do movimento científico de nosso país, considera-o como o Sócrates espanhol.

Tanto ou mais do que Saint-Simon e Fourier, Pierre Leroux, João Reynaud e Francisco Laurent, Krause como Sanz del Río podem ser considerados pensadores espíritas, porque salvo que não usam o nosso vocabulário, seus ensinamentos são Kardecianos, como pode ser visto com a simples leitura de suas obras. As doutrinas krauso-espíritas de Alonso Eguilaz, escreviam um neo sobre a imortalidade da alma, são a transmissão lógica da escola krausista ao Espiritismo.

Nosso ilustre pensador, Don Manuel González Soriano, é legitimamente

o herdeiro e sucessor imediato do inesquecível Sr. Julian Sanz del Rio.

Do trabalho do filósofo nascido em Cartagena (1836) "O Espiritismo é a Filosofia" disse a crítica: "Neste livro, então, a filosofia é estudada pela razão mais pura e não por opiniões parciais e interessadas que frequentemente confundem a o leitor e lhe oferecem mais dúvidas do que convicções. E afirmamos isso porque, embora as soluções dadas aos assuntos tratados constituam a opinião do autor, sendo esta o produto das operações da lógica científica, a verdade natural impôs-se à sua razão e formou sua crença. Esta é a razão pela qual, nas ideias que ele apresenta, há concepções de todas as escolas e de que em sua "Análise" preliminar ele adotasse o método krausista, embora ajustando-o à brevidade de seu trabalho, ao resultado de suas investigações e à simplicidade de linguagem que para o entendimento mais fácil e mais geral ele se propôs a empregar ».

"Outra conveniência social muito importante é encontrada no conjunto deste livro, e é a destruição mais completa das especulações ateístas, materialistas e panteístas, que ele destrói nas certezas manifestadas de Deus e do espírito, bem como na infinita individualidade do ser sem afetar de maneira alguma a personalidade infinita de Deus ".

"Não conclui nas considerações expostas a conveniência do trabalho citado mas se estende ao que é mais importante, o objeto a que o autor se propôs: demonstrar que o Espiritismo não é outra coisa senão a filosofia natural e que seus princípios são todos ajustados à razão científica e à lógica mais severa, fim que cumpre em sua terceira parte que intitula "Aplicações".

Na coleção de "O Espiritismo" de Sevilha, podemos ler suas brilhantes polêmicas com os PP. Arévalo, Díaz e o Magistral de Córdoba.

Como Sanz del Río, foi perseguido pelo o fanatismo religioso, tentando expulsá-lo do Corpo de Telégrafos, mas não pôde consegui-lo devido às excelentes condições de cidadão que González Soriano reunia e que o governador da província se comprazia em reconhecer.

E como Sanz del Rio, desencarnou sem necessidade de ajuda espiritual de qualquer religião e dispendo ser enterrado civilmente.

Outro de nossos grandes pensadores, Don Manuel Sanz e Benito, autor, entre outras obras, de "Determinismo e Liberdade" e "A Ciência Espírita",

também herdou ser alvo da ira e a perseguição do clericalismo que prevalecia na Universidade de Barcelona, onde se chegou até mesmo a estabelecer, em duplicata, a aula que Sanz e Benito desempenhava para criar um vácuo em torno dele; a cuja situação pôs fim a transferência de nosso amigo para a Universidade Central.

E também como Sanz del Río e como González Soriano, desencarnou sem sentir a menor necessidade de ajuda espiritual de qualquer religião e dispondo ser enterrado no cemitério livre.

c) Corrente mediúnica

Os primeiros a admirar os grandes fenômenos espíritas foram, naturalmente, nossos aristocratas, especialmente aqueles que tinham casas em Paris, em Londres, em Roma e até em São Petersburgo dos czares. Antes que o pseudônimo de Allan Kardec fosse conhecido, Daniel Dunglas Home cruzava todas aquelas capitais e outras, hospedado pelo czar Alexandre, pelo imperador alemão Guilherme I e os reis da Baviera e Wurtemberg, que admiravam seus extraordinários dons de sonâmbulo lúcido, de surpreendente clarividente, de médium de levitações até tocar com a mão os tetos de paraninfos universitários e de régios salões, desenhando neles uma cruz e colocando sua assinatura enquanto os participantes desfilavam sob a poltrona que ocupava, suspensa no ar .

Home tinha sido "vesleyano" em sua juventude, mas seu espírito liberal o levou ao "congregacionalismo" e explicava sua missão dizendo: "Acredito de todo coração que essa força misteriosa se desenvolve cada vez mais a cada dia, aproximando-nos de Deus. Se vocês me perguntarem se, desse modo, nos tornamos mais puros, responderei apenas que somos mortais e, como tal, sujeitos ao erro; que os puros de coração verão Deus e que a morte não existe. Para os homens mais velhos, essa força será um consolo no fim dos tormentos da vida. Com ela os jovens aprenderão os deveres que têm para com o próximo e que, dependendo do que semear, assim será o que colherão. A todos nós ensinará a resignação. Dissipa as nuvens do erro e traz a esplêndida aurora de um dia sem fim ".

Mas atraído durante sua estada na Itália pela atmosfera artística da Igreja Romana, ele esteve tão perto de se converter ao catolicismo que

chegou a se confessar e tomou um diretor espiritual.

Este assegurava-lhe que as faculdades mediúnicas eram de origem diabólica e que não o perturbariam novamente tão logo decidisse entrar no seio da verdadeira Igreja.

E como de repente essas faculdades desapareceram, Home, um viúvo na época de uma dama russa, chegou a pensar seriamente em entrar em uma ordem religiosa. E como a Espanha sempre foi um grande convento, talvez tenha sido a principal razão pela qual o grande médium teve para se decidir a nos visitar.

Mas se ele encontrou na Espanha teólogos do estreito critério de seu diretor espiritual, ele também encontrou aqueles que confessavam que os milagres que a Igreja exigia para canonizar os justos em seus dons eram apenas fenômenos análogos.

Além disso, quando alguém vê que dons do Espírito Santo vêm a dizer faculdades mediúnicas; corpo aéreo celeste, perispírito; êxtase, transe; anjos, arcanjos, etc., espíritos superiores; demônios, espíritos atrasados; discricção de espíritos, o Espiritismo e os oito livros das "Constituições Apostólicas" são lidos atentamente, fica-se ofuscado pela luz que lançam sobre a mediunidade daqueles tempos.

Harnach diz que em toda igreja cristã primitiva havia três mulheres de conhecimento superior, uma para curas e duas para profecias. O assunto é amplamente discutido nas "Constituições". Parece que aqueles que possuíam dons sentiram-se ensoberbecidos por isso e são lembrados de que um homem pode estar adornado por tais faculdades e carecer de grandes virtudes, sendo então espiritualmente inferior a outros homens desprovidos de dons.

O "Livro do Pastor", de São Hermás, lido nas igrejas (como os Evangelhos e as Epístolas na atualidade) até o quinto século, diz claramente: "O espírito que vem de Deus é pacífico e humilde, afasta-se de toda malícia e de todo o desejo vão deste mundo e coloca-se sobre todos os homens. Não responde a todos que lhe perguntam, nem a pessoas particulares, porque o espírito procedente de Deus não fala ao homem quando o homem quer, mas quando Deus o permite. Portanto, quando um homem que tem um espírito de Deus vem à assembleia dos fiéis, uma vez

que a oração é feita, o espírito ocupa este homem, que fala na assembleia como Deus quer ».

"Pelo contrário, o espírito terrestre é reconhecido, vaidoso sem sabedoria e sem forças por como ele se agita, sobe e ocupa o primeiro lugar. Ele é importuno, loquaz e não profetiza sem recompensa. Um profeta de Deus não faz assim ".

E se Hermás, discípulo dos Apóstolos e coadjutor de São Paulo, se expressa assim, Irineu, por sua vez, diz: "Ouvimos de vários irmãos na Igreja que possuem dons proféticos e falam com os espíritos em todos os tipos de línguas, iluminando para o bem de todos o mais recôndito e descobrindo os mistérios de Deus ».

Tertuliano, em seu tratado "De anima": "Temos entre nós uma irmã que tem dons na forma de revelações recebidas por seu espírito na igreja durante os ritos do dia do Senhor e em completo êxtase.

Conversa com os anjos, vê e ouve mistérios, lê nos corações de certas pessoas e cura aqueles que lhe pedem. Entre outras coisas, disse, me foi mostrada uma alma em forma corpórea, mas não vazia. Pelo contrário, parecia que podia ser tocada e era macia, lúcida, da cor do ar e da forma humana em todos os detalhes». (Um "duplo" não poderia ser melhor descrito.)

Se os demônios representaram serpentes, rãs e outros diante do Faraó e de todo o povo, não é de admirar que se apresentem ao homem em figura humana. Santo Agostinho não se contenta em dizer que isso é possível, mas expõe o modo como é verificado, isto é: pela aplicação de causas naturais através das quais o diabo forma o corpo que melhor lhe parece, em qualidade e quantidade, que são meros acidentes, e assim imprime movimento local a tais corpos, não para vivificá-los como a alma racional para o corpo humano, pois estes são corpos incertos e têm apenas acidentes externos que aparentam vida pelo movimento que ocultamente se produz.

Em conclusão: o diabo pode adaptar para si um corpo aéreo da maneira que quiser, não sendo especialmente inibido pela Divina Providência: é assim que São Tomás ensina com Santo Agostinho. Este último diz em suas «Confissões»: «Estou convencido de que minha mãe virá me visitar e me

aconselhar, revelando o que nos espera na vida futura». Em "De Cura pro Mortuis": "Os espíritos dos mortos podem ser enviados aos vivos e revelar o que eles sabem através de outros espíritos, de anjos ou por revelação divina". E em sua "Cidade de Deus" ele descreve as práticas que permitem ao "corpo aéreo" de uma pessoa, chamado "vehiculum" pelos latinos, comunicar com espíritos e obter aparições.

São Tomás resumindo o ensinamento desta tradição diz: "Se os mortos aparecerem alguma vez para os vivos, eles o fazem por uma permissão especial de Deus, que os autoriza a intervir nos assuntos dos vivos, e é um verdadeiro milagre".

Antes de todos os citados, o apóstolo Paulo já havia dito: "Uma pessoa recebe do Espírito Santo o dom de falar com sabedoria; outro recebe o dom de falar com muita ciência; a este o mesmo Espírito dá uma fé extraordinária (ou confiança); para o outro a graça de curar doenças; a quem o dom de milagres; a quem o dom de profecias; a quem o da discricção dos espíritos; a quem o dom de línguas; a quem o de interpretar as palavras (divinas) ». I. Cor., XI I, 8.

Dons que são, não para aqueles que os realizam, mas para convencer os incrédulos, para que aqueles que não são persuadidos pela palavra simples sejam confundidos com os fatos, não necessários para nós que cremos, mas para aqueles que não acreditam, como os judeus e gentios ". "Constituições Apostólicas", livro VIII, seção I.

Nos doze volumes do «Ano Cristão», de P. Croisset, podem ser estudadas as mediunidades mais curiosas e variadas.

E como antes da vinda de Dunglas Home tudo isso tinha sido visto, eram contadas as suntuosas residências de nossos aristocratas onde "com todas as precauções concebíveis, até mesmo disfarçando-o como prestidigitação, não fosse feito Espiritismo", como se dizia na época. Por outro lado, os espíritos familiares, que se comunicavam, diziam em suas mensagens que as orações do padre lhes haviam feito muito bem; que a água benta afugentava os maus espíritos e produzia uma parede fluídica em torno do caixão na igreja, quando o padre girava em torno, entoando responsórios. Os videntes diziam ver este muro fluídico, e que tudo isso era magnetismo puro, como evidenciado pela cerimônia da imposição de mãos em

diferentes atos.

Os centros espíritas católicos, que não devem ser confundidos com os espíritas cristãos, dos quais falarei mais tarde, tiveram seu auge durante a última metade do século XIX. Eles estavam não só na Espanha, mas também nas Filipinas. Um professor da Universidade de Iloilo, a quem eu tinha dado uma cópia do livro do "Pastor" de São Hermás, remitiu-me um álbum de fotografias tiradas em sessões de materialização com o médium Azas. E em várias dessas fotografias, via-se o meu amigo sentado, mostrando sua tonsura ao lado de um frade materializado, vestindo seus hábitos e sua franjinha circular. Será que esses monges também seriam demônios através de cujos corpos o médium Azas podia ser visto abraçado a uma mesinha ou deitado no chão? Mas voltando a Dunglas Home.

Seu catolicismo romano não durou mais do que sua permanência na Espanha durou. Porque transcorrido um ano escasso depois de ter sido abandonado pelas suas prodigiosas faculdades mediúnicas, elas reapareceram de repente com maior potencialidade.

E com a satisfação de ver que todos poderiam ter qualquer religião e ao mesmo tempo acreditar no Espiritismo, ele deixou a Espanha, despedindo-se atenciosamente de seu diretor espiritual. E no ano seguinte contraiu segundas núpcias com outra dama, russa, como sua primeira esposa, ele abandonou o catolicismo romano, abraçando o catolicismo grego, sob cujo rito ele foi enterrado em Saint-Germain com esta simples inscrição: "A outro que viu os espíritos »

II

O ESPIRITISMO KARDECIANO

«O Livro dos Espíritos» foi publicado em 1857; o primeiro número da «Revue Spirite», em 1858, e quase ao mesmo tempo, a pequena obra «O que é Espiritismo?». «O Livro dos Médiuns» surgiu em 1861. E nesse mesmo ano de 1861, Alberico Perón (Enrique Pastor) publicou sua famosa «Carta de um espírita ao Sr. Francisco de Paula Canalejas», belo compêndio da doutrina contida nas publicações anteriores. Alberico Peron, era muito conhecido nos círculos filosóficos e literários como discípulo de Allan Kardec. Sua "Carta" produziu uma sensação enorme. Mas não tendo milhões para gastar em propaganda, nem escrevendo milhares de cartas como aquela, teria conseguido que toda a imprensa espanhola, inclusive a católica, falasse por vários dias em Espiritismo, despertando em toda parte um interesse muito vivo. O Dr. Palau, Bispo de Barcelona, era quem estava encarregado dessa tarefa.

Transcrevemos de «La Corona», um jornal de Barcelona da época: «O arquivo utilizado para chegar a este resultado não pode ser mais expedito ou eficaz. Os livros acima foram apresentados ao registro da Alfândega; o funcionário foi informado de que não poderiam ser expedidos sem a permissão do senhor bispo. O senhor bispo estava ausente; ao seu retorno, foi apresentada a ele uma cópia de cada obra, e depois de as ter lido ou fazer que fossem vistas por pessoas de sua confiança, confirmando o ditado de sua consciência, ordenou que eles fossem jogados no fogo como livros imorais e contrários à fé católica. Reclamou-se contra esta sentença; solicitou-se ao governo que, desde que a circulação desses livros não era permitida na Espanha, que seu proprietário fosse autorizado a redirecioná-los para o local de origem; mas isto não foi concedido, dando como razão: "que, sendo contra a fé moral e católica, o governo não podia consentir que esses livros fossem perverter a moral e a religião de outros países".

Quase toda a imprensa publicou o seguinte:

"Hoje, 9 de outubro de mil oitocentos e sessenta e um, às dez e meia, na

esplanada da Cidadela de Barcelona, no lugar onde são executados os criminosos condenados ao último suplício, e por ordem do bispo desta cidade foram queimados trezentos volumes e brochuras sobre Espiritismo, a saber:

A “Revista Espírita”, diretor Allan Kardec.

A “Revista Espiritualista”, diretor Piérard.

“O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.

“O Livro dos Médiuns”, do mesmo autor.

“O que é Espiritismo?” do mesmo.

“Fragmento de Sonata”, ditado pelo espírito de Mozart.

“Carta de um católico sobre o Espiritismo”, do doutor Grand.

“História de Joana d'Arc”, ditada por ela mesma à senhorita Ermance Dufaux.

“A realidade dos Espíritos, demonstrada pela escrita direta”, do Barão de Guldenstubbé.

Presenciaram o Auto de Fé:

Um padre vestido com roupa sacerdotal, carregando a cruz em uma mão e uma tocha na outra.

Um notário encarregado de redigir o processo verbal do Auto de Fé. O funcionário do notário.

Um funcionário superior da Administração Aduaneira.

Três braçais da Alfândega, encarregados de alimentar o fogo.

Um agente da Alfândega, representando o proprietário das obras condenadas pelo bispo.

A multidão obstruía as calçadas e lotava a imensa esplanada onde se erigia o catafalco.

Quando o fogo consumiu os trezentos volumes ou folhetos espíritas, o padre se retirou em meio aos assobios e maldições dos inumeráveis assistentes, que gritaram: "Abaixo a Inquisição!" Várias pessoas se aproximaram da pira e recolheram cinzas.

Felizmente, nossos navios mercantes costumavam visitar Marselha, e era rara a viagem em que capitães e pilotos não retornavam com cópias dos livros de Allan Kardec para distribuí-los sem se esconder e à luz do dia, muitas vezes de graça.

Ouçamos um deles, o capitão Lagier:

«Eu estava na época comandando o grande vapor chamado "O Monarca". Saímos para Barcelona e, atravessando uma rua, encontrei Fernández Colavida, que também era um homem de grande coração, afligido por contratempos e acontecimentos infelizes. Conversei sobre isso e dei a ele um livro dos três ou quatro que comprara em Marselha; outros presentes fiz em Alicante. No dia seguinte, de manhã cedinho, Fernández subiu a bordo, empolgado com o presente que lhe fizera. Bebemos café no camarote e conversamos longamente sobre isso. Fernández comunicou-me a ideia de traduzir o livro, e ficamos de acordo nisso. Poucos meses depois aconteceu em Barcelona o Auto de fé quando o bispo mandou queimar duas caixas de livros, com grande aparato de padres, encapuzados, cruzes e outros trechos que chamaram a atenção do público.

Depois de queimados os livros, entre as cinzas restaram alguns pedacinhos de papel e, como as pessoas se aglomeravam à sua procura, eu lhes disse em voz alta: "Trarei todos os livros que vocês quiserem na minha próxima viagem de Marselha."

«Assim, o espiritismo foi batizado na Espanha pelo bispo de Barcelona, e Fernández Colavida foi o padrinho; eu também desempenhei um certo papel em tudo isso. "

O Auto de Fé realizado com as obras de Allan Kardec tornou Barcelona a capital espírita da Espanha, capitalidade que tem conservado desde o aparecimento em cena de Don José M^a Fernández Colavida, a quem foi devida a primeira versão na língua espanhola das obras fundamentais: a criação da «Sociedade Barcelonesa para propagação do Espiritismo»; o estabelecimento da "Primeira livraria espírita de Barcelona", sendo gerente Don Manuel Soler, e a fundação em 1869 da "Revista de Estudos Psicológicos", que saía em fascículos de 32 páginas com capas coloridas e que tem sido, juntamente com suas corretíssimas traduções, quem levou o Espiritismo a todos os países onde a bela língua de Cervantes é falada. O seu zelo, sua modéstia, seus talentos eram grandes, como sua fé na doutrina consoladora que levou em triunfo para os mais diversos países, recebendo calorosas felicitações e carinhosas adesões, especialmente da Bélgica e da França, particularmente do ilustre Allan Kardec, que desde o

primeiro momento adivinhou o quanto ele valia.

III

SR. JOSÉ M.^a FERNÁNDEZ COLAVIDA (O KARDEC ESPANHOL)

Nasceu em Tortosa no ano de 1819.

Estudava a carreira de notário, quando a primeira guerra civil aconteceu e, carlista entusiasta, logo deixou os livros e pegou na espada em defesa da religião e do rei legítimo, chegando sob as bandeiras do Pretendente ao posto de coronel, sendo um dos homens da maior confiança e amigo íntimo de Cabrera. Depois de acabar aquela luta fratricida, ele emigrou com os derrotados para o sul da França, onde aprendeu com perfeição a língua francesa que, com o tempo, serviria para suas magníficas traduções.

Mais tarde, acolhendo-se a um indulto, ele retornou a Barcelona, que foi, ao mesmo tempo, Gólgota e Tabor de seu gênio. Gólgota, porque depois de ter perdido o pai, fuzilado por rancores políticos, e sua mãe, morta violentamente pela imprudência de um caçador, ele também viu morrer a irmã com quem ele morava e transtornados todos os seus projetos com as disposições do Ministério Mayans (1844) que o obrigava a residir em Barcelona, cheio de aflições e, o que é pior, com recursos escassos; Tabor, porque essas dolorosas circunstâncias o levaram ao Espiritismo, onde elas são transfiguradas regenerando-se pelo sofrimento todos os desafortunados.

Não me lembro da data do seu casamento ou de quanto tempo ele permaneceu casado, mas lembro que sua esposa, Dona Ana Campos, era uma excelente dama e médium sonambúlica que o ajudou muito em seus estudos de telegrafia psíquica e nas tarefas de sua incessante propaganda. Seu desencarne o encheu de tristeza, e ainda me lembro da ternura com que ele falava de Anita e do carinhoso afeto que os anos não conseguiram amortecer.

Sobre a mediunidade de Dona Ana, que com detalhes e comprovantes quem quiser pode encontrar na «Revista de estudos psicológicos» correspondente a abril de 1879, escreveu anos depois o visconde de Torres-Solanot: «Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre

aqueles como o som sobre o ar. E disso tenho a demonstração nas repetidas experiências da telegrafia humana, ou melhor, telegrafia psíquica feitas entre Barcelona e Madri; lá, sob a direção do ilustre espírita Sr. José María Fernández, com o auxílio de diferentes médiuns e sonâmbulos; aqui, sob minha direção, fazendo numerosos testes nem tanto para testemunhar o fenômeno (cuja realidade provaram as primeiras perguntas feitas em Madri e respondidas instantaneamente de Barcelona e vice-versa), como para verificar a teoria e descobrir uma nova lei daquelas que regem esses importantíssimos fenômenos muito pouco estudados até agora sob ponto de vista científico. Este estudo leva à conclusão de que existem nos fluidos, ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, jogando papel análogo ao das ondas sonoras e os raios luminosos e que o organismo humano e o ser espiritual formam uma espécie de pilhas onde o pensamento não apenas se reflete, mas cria imagens fluídicas usando o envoltório perispiritual como um espelho no qual as imagens são produzidas, da mesma ou parecida maneira que no fenômeno de ilusão ou miragem algumas vezes, e outras vezes produzindo criações reais. A fotografia espírita e a telegrafia do pensamento confirmam com o fato irrefutável a nossa teoria estabelecendo um princípio que deverá ser muito frutífero em consequências e que um dia não distante talvez será explicado simplesmente pela ação direta do homem sobre as coisas, assim como as pessoas que o cercam e, pela influência dos espíritos, operando a vontade e o fluido ». (Da pequena obra "A médium das flores", Barcelona, pp. 145 e 146).

Era Fernández Colavida poderoso magnetizador, como já disse, e não menos profundo psicólogo. Então, pensei: se o estado de consciência que constitui a nossa personalidade de cada momento, depois de um certo tempo desaparece, dando lugar a outro que faz o mesmo, e assim por diante; e se a memória é o depositário em nosso perispírito, de todas as personalidades que encarnamos sucessivamente em nossa memória, em nosso perispírito podemos encontrá-las novamente, ordenadas e tudo: vamos ver. E conduzindo um sujeito, um dia em 1887, para estados profundos de hipnose, ordenou que ele dissesse o que lembrava de ter feito um mês, um ano antes e assim por diante, até chegar à infância e ao

nascimento.

Fazendo-o recuar ainda mais, o sujeito contou de sua vida no espaço, a morte que ele teve em sua encarnação anterior, e recuando continuamente chegou a descrever quatro das sucessivas vidas corporais de sua alma, observando que em cada uma delas a figura e o caráter do sujeito apareciam totalmente alterados, de acordo com a posição social e sexo. Para devolvê-lo ao seu estado habitual, ele o fez avançar até a sua existência atual; então ele o acordou. A pluralidade das existências corporais da alma era um fato cuja verificação estava disponível a qualquer magnetizador que dispusesse de sonâmbulos que soubessem ver e explicar claramente o que viam.

Não querendo ser acusado de se ter deixado surpreender por narrações fantásticos, fez o mesmo sujeito ser magnetizado por outro magnetizador, sugerindo-lhe que as experiências anteriores não eram verdadeiras. Apesar dessa sugestão, o sujeito descreveu suas quatro existências novamente como fizera com ele.

Pelos mesmos procedimentos, sem conhecer-se pessoalmente um ao outro, ou saber sequer que existiam, naquela época chegava ao mesmo resultado o conde Alberto de Rochas na França, como se pode ler em sua obra "As Vidas Sucessivas". Seu critério espírita era o do homem sábio que aprofundou uma ciência, assimilou-a e não se desvia nem um pouco de seus princípios. Em uma de suas cartas, após uma transferência para o Escorial (agosto de 1885), ele me disse: «O principal é que precisamos nos acostumar a usar a palavra Espiritismo sem adjetivos. O espiritismo não é cristão, nem muçulmano, nem judeu, etc. O Espiritismo deve ser apenas isso, senão começaríamos por ter muitos espiritismos, tantos quantas seitas existem, fechando assim a porta à grande ideia universal. Isso quer dizer que todas as seitas cabem dentro do Espiritismo, mas o espiritismo cristão não cabe dentro das outras seitas. Esta questão é a que está sendo debatida hoje. A personalidade de Cristo não perde nada com isso. Cristo foi um revelador e aquele que trouxe a maior missão para a Terra; mas Ele mesmo disse: "Eu não sou de João, nem de Cefas, nem de Pedro; Eu sou de Deus». Pois o Espiritismo pode dizer: "Eu não sou de Cristo, nem de Buda, nem de Maomé; sou o Espiritismo, a Palavra de Deus».

Com o visconde de Torres-Solanot, ele não apenas fez as notáveis experiências da telegrafia psíquica mencionadas acima, mas também foi a alma do primeiro Congresso Espírita Internacional, organizado em 1888 em Barcelona pelo Centro de Estudos Psicológicos de Barcelona. Nesse congresso, com participação da Federação Espírita Francesa, duas Federações belgas, todas as sociedades italianas, as de Bucareste e a de Odessa, inclusive da Ásia e muitas da América, foi confirmada por unanimidade a alcunha de "Kardec espanhol" a Fernández Colavida.

Estava esquecendo um dos traços mais marcantes de sua vida. Na segunda guerra civil, ele foi um dos campeões que obtiveram mais resultados práticos contra os exércitos absolutistas que lutavam pela liberdade. Talvez sem seu tato, Cabrera não teria reconhecido a legalidade. Demasiado sabia o Governo da Restauração, o que naquela ocasião os serviços de Fernández Colavida valiam quando, em recompensa deles, tentou reconhecer-lhe o grau de coronel que ele tinha nas filas do Pretendente; mas Fernández Colavida rejeitou a oferta alegando que suas convicções arraigadas o impediam, por vir de Instituições que não correspondiam a seus ideais, e que ele se considerava suficientemente recompensado com a convicção íntima de ter agido bem, evitando a continuação da luta fratricida que sangrava a Espanha.

E isso, quando precisava viver modestamente, exercendo como habilitado de classes passivas!

Para formar uma ideia do alto valor de Fernández Colavida era preciso conhecê-lo como eu o conheci por alguns anos em meio às suas dificuldades, suas dores, seus infortúnios, sempre resignado, dizendo no máximo como ele dizia: "Seja o que deva ser e vamos em frente!"

Fiquei sabendo do seu desencarne através de Dámaso Calvet, o poeta espírita catalão que em 10 de dezembro me escreveu: "Suponho que você já saiba pela família do senhor Fernández que este nosso bom amigo e professor desencarnou no 1º do presente mês, depois de ter sofrido com resignação sua longa provação nestes últimos anos. Deixa um vazio insubstituível. Ele compôs o último número da revista. Estamos tentando levantar a ele um monumento para o qual todos os irmãos de crença contribuirão, daqui e de outros países, especialmente da América Central e

do Sul ».

E, de fato, o monumento à sua memória foi logo erigido no Cemitério Civil, onde descansam os restos de muitos de seus admiradores.

IV

MATIZ LIVRE-PENSADOR E ANTICLERICAL

Um dos centros mais importantes e mais antigos da Espanha foi Andújar, que era composto pelo médium Sr. Francisco Pérez Blanca e Sr. Pablo J. Medina, Sr. Luis e Sr. José González, Sr. Francisco Martí, Sr. Manuel Soriano e Sr. Valeriano Rodríguez, que mereceram ser chamados por Allan Kardec, em carta afetuosa, "Apóstolos do Espiritismo na Espanha", dizendo-lhes para não desmaiar por terem de se dispersar, porque tal dispersão beneficiaria a difusão do ideal, como aconteceu quando sucessivamente um foi para Jaén (o filósofo González Soriano), outro para El Escorial (Valeriano Rodríguez), o médium Pérez Blanca para Madri e Francisco Martí para Sevilha, onde fundou e publicou por dez anos consecutivos "O Espiritismo", dedicado à divulgação das doutrinas kardecianas.

Afirmei anteriormente que é devida a Fernández Colavida a criação da "Sociedade Barcelonesa de Propagação Espírita", e que testemunhando esses trabalhos despertou para a vida do ideal outra grande figura, Joaquim Bassols e Marañón, em 1859, a quem foi devida, mais tarde, a organização da sociedade «Progreso espírita», de Saragoça. A psicografia já vinha sendo praticada há algum tempo na capital de Aragão, onde mais tarde obtiveram o "Tratado de educação para os povos", obra ditada pelo espírito de W. Pitt ao médium Sr. César Bassols (1870), e a joia mediúnica "Marietta".» (páginas de duas existências), escrita pelo Sr. Daniel Suárez Artazu, que também viu a luz pública no mesmo ano.

Para quem não conhece «Marietta», copio a dedicação da primeira edição publicada pela sociedade «Progreso espiritista», de Saragoça:

«AOS ELEVADOS ESPÍRITOS»

DE

Marietta e Estrella

À frente dessas páginas, que tivemos a glória de sermos escolhidos para receber em depósito, queremos oferecer a vocês, através dos altos pensamentos que vocês derramaram nelas, esta prova de admiração e respeito que, embora pequena para o que vocês valem, é grande pela efusão com a qual é oferecida. Saragoça, 22 de novembro de 1870. - Presidente honorário, tenente-general Joaquin Bassols. - Presidente, Tenente-coronel, Capitão dos Engenheiros, Saturnino Fernández de Acellana. - Primeiro vice-presidente, deputado provincial, advogado e proprietário, Miguel Sinués. - Segundo vice-presidente, o juiz León Cenarro. - Secretário, comandante capitão de Infantaria, Patrício Morales. - Jornalista, Antônio Torres Solanot y Casas, Visconde Torres-Solanot. - Comandante de Infantaria, Miguel Ibáñez. - Empregado, José Dea. - Comandante, capitão da artilharia Joaquin Bassols. - Mecânico e proprietário, Agustín Castellví. - Coronel, capitão dos engenheiros Antônio Llotge. - brigadeiro, Fernando Primo de Rivera. - Tenente Eduardo Camacho. - Mecânico, Bartolomé Castellví. - Capitão graduado, César Bassols. - Artista, Eduardo López del Plano. - Capitão-tenente Domingo Román. - Advogado e proprietário, Mariano Lapuente. - Advogado e proprietário, Mariano Sorolla. - Advogado, Lucio de la Escosura. - Empregado, Arturo Bandragen de Puig Samper. - Proprietário, Juan Navarro. - Advogado Gregorio Cenarro. - Capitão de Infantaria, Vicente Más. - Empregado, Melitón Cenarro. - Coronel do Estado Maior, Eusébio Ruiz. - Artista, Amadeo Navarro. - Comerciante, Indalecio Martín. - Artista Ramón Gálvez. - Coronel da Artilharia, Antonio Quintana e Llerena. - Advogado e proprietário, Manuel Rozas Pomar. - Coronel, tenente-coronel da artilharia Bernardo Echa Luce. - Empregado, Daniel Suárez. - Coronel Comandante da Infantaria, Santiago Bassols.

Circunstâncias, diz o Visconde de Torres-Solanot em seu prefácio para a quinta edição de "Marietta" que originaram a coincidência feliz de se

reunirem em Madri, em 1871, os elementos mais ativos da "Sociedade Progreso espírita" que continuaram os estudos iniciados em Saragoça até aquele centro ser incorporado na "Sociedade Espírita Espanhola", onde o mesmo médium Sr. Suárez terminou de escrever "Marietta" em 1871. Sob a presidência honorária do general Bassols, ex-ministro da Guerra, Comandante general do Corpo de Inválidos, e a presidência eficaz do Visconde Torres-Solanot instalou-se a nova sociedade na rua Cervantes, dando sessões e conferências públicas de evocações e de desenvolvimento de médiuns, com seu órgão na imprensa "O Critério Espírita".

Oriundo da província de Huesca, o Sr. Antônio Torres-Solanot e Casas, Visconde de Torres-Solanot, nascido em Madri em 20 de Janeiro de 1840, por encontrar-se acidentalmente sua família na Corte, onde o Sr. seu pai ocupava um alto cargo político, do qual passou a desempenhar a carteira de Interior em um dos Gabinetes da regência de Espartero.

Advogado muito jovem, mas não se sentindo com vocação para a advocacia, quando tinha apenas vinte anos começou a época de suas viagens, não tanto para recuperar as forças gastas, como para completar sua ilustração. Chegou o ano de 1867, e dedicou-se ao jornalismo, escrevendo e dirigindo "El Alto Aragón" e colaborando em várias revistas literárias.

Em 1871 conheceu em Saragoça a sociedade «Progreso Espírita», cujas tarefas o atraíram, e com suas obras encontrou a verdade do Espiritismo que, em um estudo superficial sobre a matéria, não tinha descoberto.

Ajudou assiduamente o "Progreso Espírita" em sua empreitada; foi nomeado secretário da referida sociedade e desde sua fundação dirigiu o jornal que com o mesmo título foi publicado, dedicando-se desde então ao estudo formal do Espiritismo.

A criação do "Centro Geral do Espiritismo na Espanha" foi seguida de perto pela "Sociedade Espírita de Soria", dirigida pelo Dr. Anastasio García López.

A de Cartagena, dirigida pelo general Caballero de Rodas.

A de Sevilha, dirigida pelo general Fernando Primo de Rivera. A de Cádiz, dirigida pelo Sr. Sabas Marín.

A de Santa Cruz de Tenerife, da qual o Marquês de Florida era a alma e o

coração.

A de Alicante, talvez a primeira da Espanha, pois que começou com quatrocentos membros e sua organização era tal que todas as noites realizavam uma sessão sob a presidência do Dr. Manuel Ansó y Monzó, filho de Alicante, e professor de História Natural em seu Instituto, que ele dirigiu mais tarde. A revista mensal «A Revelação », fundada e dirigida por ele, sempre o lembrará como um escritor profundo e autêntico.

Da bibliografia pode ser formada uma ideia aproximada pela seguinte lista de autores:

Sr. Joaquín Huelbes Temprado: «Noción del Espiritismo», Bayona, 1867.
Sr. Lucas Aldana: «La razón del Espiritismo», versão em espanhol do precioso livro de Michel Bonnamy, juiz de instrução, membro do Conselho Científico da França e do Conselho geral de Tarn em Garona, Madri, 1869.

Sr. José Palet y Villalba: «El Espiritismo, Epístola de Favio a Antinio», com um prólogo e comentários.

Sr. Ermido La Key: «Apuntes sobre Espiritismo y Moral», Madri.

Sr. Anastasio García López: «Defensa de las verdades fundamentales del Espiritismo», Salamanca, 1870.

Sr. Baldomero Villegas, oficial de Artilheria: «Un hecho. La Magia y el Espiritismo».

Sr. V. Medina: «Estudios acerca del progreso del Espíritu según el Espiritismo».

Merecem especial menção: «La religión moderna» e «Conjunto de las doctrinas y filosofías del siglo, comparadas con los conocimientos modernos», escritas por um jovem de dezesseis anos, que, segundo frase de Torres Solanot, teve a felicidade de ser educado por uma bondosa e distinta mãe, modelo de espíritas: M. de Medina-Pomar, condessa de Pomar.

«Nosce te ipsum», «Apunte y estudios sobre el hombre», «Ramo de boda» e «El coracero de Froesviller», do Sr. Enrique Manero. «Celeste», novela fantástica do Sr. Enrique Losada.

«Leila» ou «Pruebas de un Espíritu», «Lazos invisibles», duas preciosas novelas de dona Matilde Alonso Gainza, digna esposa do Sr. Manuel Navarro Murillo, ilustre autor de «Armonía universal», ditados de além túmulo pelos Espíritos protetores do Círculo Espírita de Soria. «Concha,

historia de una librepensadora», de Matilde Fernández de Ras.

Além disso, só em Madri foram publicadas as seguintes revistas:

«El Criterio Espiritista», mensal, órgão oficial da Sociedade Espírita Espanhola e do Centro Espírita Espanhol: 1868-69-70-71 y 72.

«La Fraternidad Universal», mensal, órgão oficial da Associação desse nome. Valverde, 24.

«Luz espírita», mensal, órgão do grupo espírita «Fe». Atocha, 29. «La Irradiación», quinzenal. Jacometrezzo, 59, dirigida pelo Sr. Eduardo E. García, que em 1893, em bonito almanaque, publicou à guisa de prólogo um notável artigo intitulado «Solidaridad espiritista». Lá pelo ano de 1868 funcionava em Madri um Centro denominado «Luis-Diódoro», nomes de dois elevados espíritos que pela viva voz de um médium, Sr. Tomás Sánchez Escribano, e tomadas as mensagens espirituais ao ouvido pelos associados das diversas épocas²³⁰ os ditados medianímicos foram emitidos em diferentes períodos durante os anos compreendidos entre o último terço do século dezanove e a primeira quinzena do XX e este livro foi escrito em 1916; várias circunstâncias atrasaram sua publicação. - Nota do Dr. Eduardo Niño no primeiro volume do Tratado.

deram um corpo admirável de doutrina cujo melhor elogio é feito dizendo que, em tantos anos como se passaram, eu não conheço uma pessoa que não tenha transformado sua leitura em estudo cuidadoso e consciencioso.

O Sr. Eduardo de los Reyes e Corradi e meu patrício Sr. Pablo Gonzalvo, que me apresentaram a ele, fazendo-me ver que Salvador Hernández e o Dr. Anastásio García López, depois de assistir como homens aquelas sessões inesquecíveis, continuaram a assistir como espíritos, identificando-se em admiráveis comunicações para quantos convivemos com eles em vida.

E na impossibilidade de dar ao leitor uma ideia completa do tesouro doutrinário contido nos oito volumes do "Tratado de Psicofísica Universal" intitulado: I. Espiritismo. - II. Causalidade. - III. Vitalidade. - IV e V Microcosmos. - VI. Magnetismo. - VII. Sentimento religioso. - VIII. Ética, vou me limitar a destacar os frutos²⁴ Se a árvore é conhecida pelos frutos, todos que saboreiam os ensinamentos contidos neste "Tratado de Psicofísica Universal" não podem deixar de concordar em que a árvore é excelente. que ele dá, transcrevendo os últimos parágrafos do prólogo colocado na obra pelo Sr. Eduardo Niño, porque, como ele, eu entendo "que

nossa tarefa deve ser constante, paciente, contínua, como o símile da gota de água que perfura. Não desanimemos, no entanto; trabalhem com perseverança; mas, isso sim, sempre nos conformando com o modesto lugar que nos corresponder; nós não queiramos dirigir quem pode nos guiar; não nos erijamos enfaticamente em sábios, porque sempre teremos um infinito para aprender, nem nos consideremos mestres, porque sempre haverá aqueles que o são de nós. Lembremo-nos das palavras de Jesus: "Os primeiros serão os últimos", com o qual ele quis dizer que quem, por orgulho ou exclusivismo pessoal, pretende se colocar diante de seu irmão, fica para trás.

"Trabalhem não pela nossa glória, porque isso é egoísmo; não para adiantar aos nossos irmãos, porque isso é vaidade; não pensando no lucro que podemos obter, porque isso é ambição; não com a ideia de mandar em outros, porque isso é soberba. Trabalhem apenas e simplesmente pensando no bem dos outros, porque esta é uma semente tão frutífera que quando germina alcança quem semeia, como o sândalo embalsama quem o tocam. Nunca levantemos ídolos, porque o idólatra envilece seu livre arbítrio e o idolatrado fica humilhado; a idolatria e o personalismo têm sido as principais causas do fanatismo; vamos adorar, sim, e venerar Deus como nosso Pai comum, e amar e respeitar por igual todos os seus filhos, que se alguns deles podem ser menores porque são mais desafortunados do que nós, outros são maiores em conhecimento e em virtudes; mas todos são iguais na essência divina que todos nós procedemos. "

«Deixemo-nos penetrar pela natureza da nossa missão, fornecendo-lhe cada qual as forças do seu espírito, porque senão corremos o risco de claudicar ou desanimar; que virtude e dever sejam o norte das nossas ações, de modo que elas sejam reflexo do esplendor dos ideais puros que nós sustentamos. No nosso caminho, sofreremos reveses; não importa: eles temperarão nossas almas.

Respeitemos inflexivelmente a consciência dos outros, e que esse amor nidifique no coração para toda a criação. Nunca abrigue nossa alma ressentimentos contra aqueles que não amam ou não pensam como nós; que o pensamento busque e mergulhe nas sublimidades da pura idealidade e nunca nossos lábios exalem vitupério em relação a seres ou instituições mesmo que nos pareçam nefandos, porque o que acreditamos repreensível

pode ser o cumprimento da justiça eterna.

O Criador, amando sua criação e pelo mesmo amor por suas criaturas, infundiu esse amor no criado para que a vida possa ser realizada como um bem, não um mal; a lei divina do amor, amando deve ser cumprida, e como toda lei implica uma sanção, esta vem quando aquela é quebrada, a justiça é cumprida e a lei fica vindicada ".

"No cumprimento da sanção devemos ver, portanto, o cumprimento e restabelecimento da lei, e nos executores e vítimas os próprios réus da lei transgredida, entre cujos transgressores também nós poderíamos nos encontrar. Vituperar, então, nossos irmãos com quem talvez somos co-réus, é blasfemar a lei de Deus, é transgredir a lei divina que nos manda amar, amar sempre. Sigamos o exemplo do excelso Jesus, que, exânime e lívido com o sofrimento, pediu perdão ao Pai para seus carrascos, porque não sabiam o que estavam fazendo.» «Unamo-nos a nossos irmãos do espaço, saudando com eles o alvorecer do novo dia que já está despontando para a humanidade terrena, e que a paz e harmonia, eflúvios do amor divino, a tolerância e o amor fraterno sejam sempre com todos. - Eduardo Niño».

Este critério, que entendo ser verdadeiramente espírita, é incompatível apenas com a impaciência de ver o catolicismo romano desaparecer, obstinado em continuar a esconder a luz sob o alqueire do dogma; impaciência que não leva em conta que Deus dirige os destinos da Humanidade e só Ele pode saber a hora desse desaparecimento. O movimento espírita na Catalunha não era menos ativo.

Em Tarragona havia vários Centros: o de Monsieur Clément Goupille, comerciante de vinhos, aberto todos os feriados, onde podiam entrar todos aqueles que quisessem ler as obras fundamentais e tentar desenvolver suas faculdades mediúnicas; o da rua da União, do qual participava o governador-geral militar Sr. Pascual Lacalle, o prefeito Sr. Manuel Comas e o Diretor de Telégrafos da província, Sr. Emílio Albanés, e outro Centro também muito frequentado na rua Roger de Lauria, onde trabalhavam como médiuns um procurador causídico, um funcionário do Corpo de Telégrafos, um operário toneleiro, uma jovem de 14 anos de idade e um abastado corretor da bolsa, com mediunidades admiráveis. O grande propagandista do Espiritismo em Tarragona, Sr. Gabino de la Maza,

obtivera dos espíritos um remédio para expulsar a "taenia solium" e como apenas exigia dos doentes, quando a expulsavam, darem-lhe o bicho com cabeça e tudo, o Sr. Gabino tinha transformado sua residência em um verdadeiro museu de solitárias digno de ser visitado.

Além desses, havia também Centros importantes em Reus, Falset, Porrera, Cornudella, Las Vilellas e até mesmo em Ciurana.

Em Gerona, já antes da primeira República Espanhola, funcionavam especialmente em Palamós, Figueras, San Feliu de Guíxols e especialmente na capital, centros espíritas bem organizados e com bons médiuns, geralmente de escrita e sonâmbulos. Entre todos destacou-se "A Sociedade Científico Espírita Amor", de Gerona, que por sua eficaz propaganda, logo se tornou popular na Espanha e na América.

O Sr. Víctor Oscariz y Lasaga, autor de «O Universo Espírita», Santander, 1875, e em 1882, Catedrático por concurso, de Retórica e Poética no Instituto de Gerona; com o Sr. Francisco Loperena, professor da Escola Normal, e secundados por homens tão abnegados como Emilio Turbau, Francisco Malanet, Joaquín Vidal, fundaram o jornal "La Solución", que quinzenalmente durante seis anos defendeu esta luz divina do futuro contra todas as sombras coligadas de ceticismo, ateísmo, fanatismo religioso e da restauração borbônica.

Para podermos fazer ideia do que o Centro "Amor" representou na vida dos desafortunados, basta dizer que depois de mais de quarenta anos, conserva-se ainda, especialmente nas classes populares, a terna lembrança da senhora que o fundou e o apoiava com abnegações e sacrifícios inesquecíveis que só o coração do povo sabe apreciar em todo o seu valor.

E, outra memória também eloquente: no Grupo Escolar Ignácio Iglesias, há uma aula com o nome de Francisco Loperena na porta.

No prólogo da primeira edição de "Roma e o Evangelho", de abril de 1874, lê-se: "Quando iniciamos nossas reuniões em maio do ano passado com o propósito de estudar o Espiritismo, estávamos longe de suspeitar que chegaria um dia em que tornássemos público o resultado de nossos modestos trabalhos. Nós temíamos encontrar na nova doutrina pontos ridículos, flancos vulneráveis e razões mais do que suficientes não só para relegá-la ao desprezo primeiro e ao esquecimento depois, mas até para

condená-la como um ataque contra as leis sábias da moral evangélica; nesse caso, nosso desejo era dissolver as reuniões e retornar cada um ao seu ponto de partida."

"Mas temos que confessar que estávamos errados. Nossa prevenção contra a nova escola era infundada e ilegítima, e devemos essa confissão espontânea à verdade. Em vez de encontrar nela falsas teorias de lógica, afirmações ridículas, crenças supersticiosas e absurdas e moral suspeita, vimos uma filosofia robusta, acessível à razão, sancionada pelos fatos e solidamente estabelecida na pregação de Jesus Cristo. Impulsionados por uma força superior irresistível, chegando a setembro demos às nossas reuniões um caráter mais formal, estabelecendo como resultado dos estudos realizados e das novas crenças aceitas, o "Círculo Cristão Espírita" determinados a entregar oportunamente o fruto de nossas tarefas ao julgamento da opinião pública." Sem o impulso superior, sem a força da convicção e do dever, que nos fez corajosos, embora a coragem não tivesse nascido conosco, não ousaríamos hoje publicar este livro. Canas frágeis, impotentes para resistir ao sopro formidável do vento norte; isolados diante da tempestade, sem outro abrigo que o da nossa consciência satisfeita, conseguimos ver muito bem que da publicação deste livro, só podemos recolher desgostos, antipatias e amarguras.

Poucos meses após a publicação deste livro, diz uma nota de rodapé, o Primeiro Ministro de Promoção da Restauração, Marquês de Orovio, suspendeu de seus cargos como diretor e segundo professor da Escola Normal de Lleida, por causa de suas opiniões filosófico-religiosas, o Sr. Domingo de Miguel, presidente do «Círculo Cristão Espírita» e o autor de «Roma e o Evangelho», Sr. José Amigó e Pellicer.

Mas, como em última análise não acontece o que os homens querem, e o que eles queriam nessa ocasião (a expulsão de ambos os professores) não foi decretado onde essas coisas podem ser decretadas, não houve tal expulsão. O qual fez um defensor da Inquisição, que julgando-os com muita bondade queria levá-los diretamente para um manicômio, escrever: "Mas nosso Conselho de Instrução Pública julgou sabiamente de outra maneira, e os deixou continuar ensinando, transferindo-os para outra Escola Normal, sem dúvida, para que pudessem ampliar o raio de suas conquistas".

Em poucas ocasiões, será dito com tanta razão: pela boca de uma serpente sai uma torrente de água límpida».

Os espíritas cristãos, não são seres que diante das dificuldades de todos os tipos, particulares e sociais, abraçam a nova crença sem deixar a antiga; e nisso eles diferem dos espíritas católicos de que falei acima.

«Mas, para que aqueles que quiserem vir, saibam antecipadamente para onde estão indo, vamos expor com precisão o nosso credo, que não teme a luz, ao contrário, busca-a e a deseja. Talvez amanhã todos os verdadeiros espíritas precisem fazer a mesma coisa, para desmascarar os falsos, que se cobrirão com aparências para semear a discórdia e o joio, e olhar o cristianismo puro que no presente está sendo levantado sobre as ruínas do cristianismo dos papas.

»Eis agora a expressão da nossa fé:

»Cremos em Deus, único, onipotente, sapientíssimo infinito em perfeições, causa do Universo.

»Acreditamos na existência e imortalidade da alma espiritual e na sua progressiva perfectibilidade pelos merecimentos.

»Acreditamos nas recompensas e na expiação dos espíritos em justíssima proporção com a bondade ou malícia de seus atos livremente praticados. »Acreditamos na pluralidade dos mundos habitados e das existências como expressão; o primeiro, da sabedoria de Deus e meios; o segundo, de purificação das almas e de reparação das faltas cometidas. »Acreditamos na salvação final de toda a raça humana.

»Cremos na divindade da missão de Jesus Cristo e na redenção dos homens pelo cumprimento dos preceitos do Evangelho.

»Nossa moral é caridade; nossa religião, o Evangelho; nosso Mestre, Jesus Cristo ".

"Acreditamos com Jesus que toda a lei e os profetas são reduzidos ao amor de Deus e ao amor de nossos semelhantes".

"Cremos, finalmente, na comunicação espiritual, necessária ao progresso da humanidade e prova da soberana Providência que vela incessantemente sobre as fraquezas dos homens." Roma e o Evangelho, p. 69 e 70.

Para sustentar e propagar as doutrinas filosófico religiosas desta obra

notável, o Sr. José Amigó y Pellicer fundou e dirigiu por muitos anos a revista mensal de Ciências, Religião, Moral Cristã "El buen sentido" que realizou uma grande propaganda, tanto na Catalunha quanto na América e nas Filipinas.

O Círculo Cristão Espírita de Lleida publicou na época, em 1874, sua Carta ao M.J.S.A. Dom Niceto Perujo, cônego da catedral daquela cidade, que, não querendo ser menos, no ano seguinte começou a publicar "El sentido común", revista destinada a combater o Espiritismo e, de passagem, anunciar as obras do famoso cônego: "A pluralidade dos mundos habitados diante da fé católica. - A fé católica e o Espiritismo. - Narrações do infinito ».

O que, em vez de dificultar, contribuiu grandemente para facilitar a difusão de nossos sublimes ideais entre cujos valiosos adalides em Lleida gostaria de lembrar com admiração o doutor Mariano Torres e o Sr. e a Sra. Maspons, que levaram a caneta em admiráveis comunicações de Roma e o Evangelho e de Nicodemos.

V

AMÁLIA DOMINGO Y SOLER

Acabamos de ver esboçada mais uma interessante nuance do Espiritismo: a dos círculos espíritas - cristãos, que logo se espalharam pela península, países de língua espanhola e até portugueses, graças à revista "El buen sentido" que, embora não conseguisse o favor de nossas classes aristocráticas, foi por causa das nuances de livre-pensamento e anticlericais que ela também tinha.

Vamos agora resumir a Odisseia de outra das mais brilhantes figuras do Espiritismo espanhol: Amália Domingo y Soler, que nasceu em Sevilha em 10 de novembro de 1835.

Que aos dez anos começou a escrever belos poemas e que, como diz em suas Memórias: "pensando que meus escritos teriam mais sucesso em Madri e, ao mesmo tempo, que o trabalho das mulheres era lá mais bem pago do que em Sevilha, mudei-me para a Corte onde, na realidade, trabalhando vivia muito melhor do que na capital andaluza. Mas tanto eu trabalhei, dia e noite, que meus olhos se recusaram a continuar por horas e

horas naquele trabalho, e então começou para mim uma série ininterrupta de sofrimento e humilhações inexplicáveis.

"Durante aquele cruento calvário de dezenove anos, sofrido com heroísmo indescritível, do qual a tirou com a vista curada o Dr. Hysern, médico homeopata que, como oftalmologista, realizava curas incríveis, teve a oportunidade de ouvir sobre o Espiritismo e até mesmo quem lesse para ela algum número da revista de Madri «O critério». A partir daquele dia, diz ela em suas Memórias, "não descansei até encontrar uma família espírita que tivesse as obras de Allan Kardec; pedi emprestado, e bem aos poucos, e com muito trabalho, comecei a lê-las ou, melhor, a estudá-las."

Desperta então nela o desejo de ter todas as revistas que eram publicadas na Espanha e para conseguir isso, não encontrou melhor maneira do que tornar a pegar na sua lira.

"Comecei enviando a "O Critério" uma poesia, e então recebi uma carta muito gentil do Visconde de Torres-Solanot com um exemplar da sua obra "Preliminares do Espiritismo".

"Eu imediatamente enviei outra poesia para o diretor de "A Revelação" de Alicante, e ele respondeu à volta do correio, oferecendo-me as colunas de sua revista."

Ele também enviou uma recomendação para ela ser admitida nas sessões da Espírita espanhola, onde conheceu o Sr. Manuel Corchado, o Sr. Anastasio Garcia Lopez e o Sr. Joaquín de Huelbes Temprado.

«Passaram-se alguns meses, e estando uma noite na Espírita espanhola, falava-se sobre o aniversário de Allan Kardec, e o vice-presidente da sociedade, Sr. Alejandro Benisia, fitou-me fixamente, aproximou-se de mim e apoiando o dedo indicador na minha testa, voltou-se para os seus colegas e disse gravemente: "Na próxima noite, seja reservada vez para Amália Domingo, que dentro desta cabecinha tem muita coisa guardada, que no devido tempo dará abundantes frutos".

E a noite chegou. Mas vamos ouvir Amália:

"Aquela noite marcou época em minha vida: em 4 de abril de 1874, entrei para as filas dos propagandistas do Espiritismo; desde aquela noite, muitas noites literárias foram celebradas pela Espírita espanhola, em todas elas a minha humilde voz ressoou; minha pobreza e minha modestíssima

posição social não serviam mais como um obstáculo para intimar com aqueles homens eminentes e aquelas mulheres ilustres.

»Fernández Colavida me enviou a coleção completa de sua revista, as obras de Allan Kardec e uma carta carinhosíssima. Quando me vi como dona dos livros de Kardec (pelos quais tanto ansiara), minha alegria foi imensa.

"Como meus olhos se ressentiam muito desse abuso de trabalho, meu médico me aconselhou a tomar banho de mar, e como de toda a parte me ofereciam ou me brindavam os irmãos as suas respectivas casas para descansar por algum tempo das minhas fadigas, eu aceitei o oferecimento de uma família espírita de Alicante que me mandou dinheiro para a viagem.

"Chegando em Alicante fui muito bem recebida por todos os espíritas, e encontrei algo não esperado, porque não imaginava que em tão pouco tempo fosse possível conseguir tantas amizades.

"Don Manuel Ausó, presidente da Sociedade Espírita de Alicante, homem muito sábio, doutor e catedrático altamente respeitado e admirado por todos, sentava-me ao seu lado e dizia para seus colegas: - Se a Amália seguir os meus conselhos vai fazer muito bem aos infelizes e a si mesma. Se a sua existência é expiatória, bela missão, ela pode cumpri-la em meio aos seus sofrimentos; em trabalhar na propaganda do Espiritismo está a sua redenção. Eu a invejo, porque ela irá muito além de mim. Quanto ela pode avançar se não se detiver! Quanto ela pode progredir se compreender o seu dever!

"Eu o escutava com o maior espanto, porque não conseguia entender o que no futuro me esperava. Via que meus olhos sempre me ameaçavam com o tormento mais horrível: a cegueira!... Viver das esmolas e da proteção dos espíritas, isso o meu espírito rejeitava em absoluto: porque nunca acreditei que se deveria viver à sombra do ideal filosófico ou religioso que o homem defende.

Um ser digno, dizia eu para mim mesma, antes que tudo deve ganhar seu sustento, e depois de atender às primeiras exigências da vida terrena, o tempo que resta é para usá-lo naquilo que é mais agradável para ele. Eu sou muito pobre, devo tentar conservar a pouca luz em meus olhos, viver dela e depois irei fazer o resto.

"E com um imenso desejo de me aliviar, eu me levantava antes das quatro da manhã e ia ao banheiro. Como eu estava bem no banheiro! Naquela hora eu estava totalmente sozinha; pensei no meu passado com horror, no meu presente com melancolia, no meu futuro com aquele medo que o desconhecido inspira; positivista por excelência, nunca vivi de ilusões e a realidade era muito triste para mim, porque minhas forças eram muito fracas.

»De Alicante, depois de tomar os banhos de mar, fui para Jijona, onde os espíritas tiveram um grande empenho em que eu passasse uma temporada com eles. Lá encontrei cuidados e atenção verdadeiramente maternais, desvelos e demonstrações carinhosíssimas que jamais esquecerei. Em Jijona passei horas muito agradáveis, mas esse prazer foi perturbado pela doença que adquiri, uma doença que durou alguns meses: as febres do país.

»Ausó, de Alicante, ordenou meu deslocamento para mais perto dele, e assim poder estudar melhor minha doença.

»Mudei-me novamente para Alicante, onde a ciência do meu bom amigo soube combater e vencer o meu tenaz sofrimento.

»Para a convalescença fui para Múrcia, onde uma família espírita me esperava de braços abertos, e lá permaneci por quatro meses, tendo uma convalescença muito parecida com uma doença, mas eles cuidaram de mim com tanto carinho e me deram tão bons alimentos, que finalmente eu recuperei minha saúde.

»Em meus momentos de lucidez, continuei escrevendo o que me era possível, e aquela família muito boa do Sr. Eduardo de los Reyes y Corradi e sua angelical esposa, Dona Amparo Prosper, propuseram-me muito formalmente que não me separasse deles; mas eu disse a eles: - Não; eu não posso ficar aqui. Em Múrcia, o trabalho é escasso, e o pouco que há é muito mal pago: enquanto humanamente eu puder, quero ganhar o meu próprio sustento; não quero viver à sombra do Espiritismo.

"E apesar de seus repetidos pedidos, fui para Madri no mês de fevereiro de 1876."

Em Madri, ela encontrou uma comissão de espíritas catalães com o Sr. Luís Llach à frente, que conseguiram que ela decidisse ir para Barcelona.

Que belo poema dramático poderia ser composto! Porque com a partida

de Amália, em junho do mesmo ano, para Barcelona, pode-se dizer que uma jornada termina e outra começa com cenas verdadeiramente admiráveis. «Quando cheguei à cidade fabril, deixou ela escrito, várias famílias espíritas esperavam-me na estação, ficando na casa do Sr. Miguel Pujol, cujas simpáticas filhas já me eram muito queridas por ter conhecido a mais velha delas em Madri.»

Sua entrevista no dia seguinte com o Sr. Luís Llach, presidente de "La Buena Nueva", de Gracia, em cuja casa este centro estava instalado, oferecendo-lhe um quarto só para ela, porque tanto ele como sua esposa e filhos colocavam o maior empenho em que ela se decidisse a morar em companhia deles.

Sua mudança para Gracia, em agosto, suas reflexões quando ficou a sós na casa de Luís, como ele era geralmente chamado, e suas carinhosas intimidades com a família toda.

A visita do Sr. José Arrufat dizendo-lhe sorridente. - Não se preocupe com objetos do escritório; eu lhe enviarei papel, envelopes, tinta, pasta, canetas e uma carteira, e você escreva; vamos ver se você escreve mais do que o Tostado.

Porque o Arrufat tinha tudo isso em seu armazém de livros pautados e orgulhava-se de fornecer tudo a ela gratuitamente.

O belo gesto de Domingo Galcerán, de Alicante, fazendo-a aceitar o montante necessário mensalmente para as despesas de sua correspondência postal.

A assistência a uma reunião na casa de Miguel Vives em Tarrassa, que realmente parecia um apóstolo do cristianismo, no tempo de Jesus (e eu acho que ele era mesmo), através do qual obtém uma comovente comunicação com a mãe desencarnada em Sevilha.

E para não fazer a lista interminável: o desenvolvimento da mediunidade de Eudaldo com a comunicação do espírito de Alejandro Benisia, vice-presidente em vida de A Espírita Espanhola, que prognosticou que ela tinha um mundo em sua cabeça.

E começa outra jornada em que já aparece o gênio dedicado ao consolo das almas simples e dos seres afligidos transformado em paladino do Espiritismo.

Suas primeiras armas foram feitas na “Gazeta da Catalunha”, respondendo a um artigo do «Diário de Barcelona», intitulado «O mundo dos Espíritos», onde se dizia que o Espiritismo era uma monstruosidade.

«No mês de abril de 1878, dizem suas Memórias, «El Comercio de Barcelona», referindo-se a uma conferência dada pelo Sr. Manuel Lasarte no Ateneu Livre, disse que este senhor tinha dito que a vulgarização da ciência em nosso país estava lutando com velhas preocupações e com o grave inconveniente de que parece abandonar um fanatismo apenas para cair em outro, para passar da Inquisição para o Espiritismo.

E eis de novo Luís dizendo-me: "Escreva, Amália, escreva. E eu, seguindo suas instruções, escrevi outro artigo que terminava assim:

"A Inquisição de ontem falava em absoluto: "Fora da Igreja não há salvação", e o Espiritismo de hoje exclama: Humanidade!, você é livre para acreditar! A razão derrubou os deuses, e hoje a razão é deusa! Vamos a Deus pela caridade e a ciência! Esta é a síntese do Espiritismo!»

Em novembro do mesmo ano, o mais famoso orador sagrado, Dom Vicente de Manterola, falou sobre Espiritismo nos templos de Santa Ana e Santa Mônica. Vi o assunto de suas palestras anunciado e corri para as igrejas, onde uma luminária do catolicismo se preparava para cobrir, com uma laje de chumbo, a verdade eterna do Espiritismo.

«Não perdia uma só das suas palavras; minha testa queimava, minhas têmporas latejavam violentamente; sentia em todo o meu ser a seiva de uma nova vida e, quando o orador terminava sua palestra, eu voltava para minha casa, trancava-me em meu quarto e transferia todas as minhas impressões para o papel”.

Seis artigos foram publicados pela «Gazeta da Catalunha» respondendo ao Pe. Manterola, e a própria Amália diz: «Quando vi a ânsia com que eram lidos os números da «Gazeta da Catalunha» que inseriam meus escritos, lágrimas de profunda gratidão fluíam dos meus olhos”. E mais tarde: “No início do ano 79, Manterola publicou "O Satanismo, isto é, a cátedra de Satanás, combatida pela cátedra do Espírito Santo. Refutação dos erros da escola espírita", e eu comecei a refutar este trabalho em 5 de março do mesmo ano, escrevendo 46 artigos que foram coletados com os anteriores pelo editor Sr. Juan Torrents, que publicou um livro intitulado "O

Espiritismo refutando erros do Catolicismo romano”.

»Em 20 de setembro de 1880, a "Gazeta da Catalunha" publicou os retratos do Sr. de Manterola e meu, dando a seguinte explicação dessas gravuras:

"Nós não nos propomos, ao publicar o retrato do reverendo Dom Vicente de Manterola e Sra. Amália Domingo Soler, a escrever uma biografia completa de ambos os personagens. O primeiro não precisa disso; a segundo, até certo ponto, pode-se dizer que não tem nenhuma.

»O Senhor de Manterola, ex-deputado carlista, ex-conselheiro de Dom Carlos durante boa parte da última guerra civil, e agora ex-pároco de importante paróquia da Corte, e segundo insinua a imprensa, candidato obrigatório para todas as vagas de mitras que surgirem, é um padre ardente apegado a ideias ultramontanas e dotado de talento inquestionável.”

»A sra. Domingo, que nasceu na Andaluzia, sempre teve a modesta existência de um apóstolo das ideias espíritas. Ela vive humildemente no seio de sua Igreja, é querida e bem conceituada por seus correligionários em todas as regiões da península por onde viajou.

“Levada por um zelo inextinguível e desinteressado em favor das ideias que ela professa, soube deixar pegadas brilhantes de seu talento, honrando com seus cultos e fervorosos escritos as colunas de um grande número de jornais.”

Uma tarde, no início de maio de 1871, Luís entrou no quarto de Amália, acompanhado pelo editor espírita Sr. Juan Torrents, dizendo: -Amália, Torrents concorda comigo em que é necessário um jornal espírita, dedicado exclusivamente às mulheres, onde só mulheres escrevam; e em meados deste mês o primeiro número irá sair; então, agora você já está ciente; escreva o artigo de fundo, fale com suas amigas Matilde Fernández e Cândida Sanz e vocês verão como o semanário que vocês vão fazer será interessante; ele vai sair às quintas-feiras.

A seus inconvenientes e objeções, Luís respondeu: "Coloque o título que você achar melhor no novo jornal”.

- «A luz do futuro». (La Luz del Porvenir)

- Viu só? O título já promete.

Mas e se ele for denunciado? Você não entende que eu não sei como dirigir um jornal? Uma coisa é colaborar e outra é organizar e escolher os originais.

- Você não se preocupe com as denúncias que «La Luz» possa ter, você só precisa escrever.

Torrents coloca a parte material e eu irei fazer a propaganda e fornecer assinantes, então trato feito. No momento você não receberá nada, porque só teremos perdas; mas quando o jornal cobrir as despesas, então o Torrents pagará a você o que for possível.

»E Luís saiu com o amigo, deixando-me como quem está a ter visões.

Em 22 de maio, apareceu o primeiro número de "La Luz del Porvenir", que foi denunciado por meu artigo: "A ideia de Deus" e condenada a 42 semanas de suspensão; mas em 12 de junho, "O Eco da Verdade" saiu, do qual 26 números foram publicados, reaparecendo "La Luz del Porvenir" em 11 de dezembro do mesmo ano. "O Eco da Verdade" também foi denunciado, sendo o número 11 favorecido por um artigo de Cándida Sanz intitulado "Os operários".

No mês de julho de 1880, Luís me deu três volumes que continham as conferências científico religiosas do reverendo padre Llanas.

Li avidamente os livros citados, descobrindo em seus primeiros parágrafos que, para o padre Llanas, entrava no número de erros, das utopias irrealizáveis e dos sistemas ímpios, o Espiritismo; e como o padre Llanas não desdenhava uma discussão e se oferecia para descer ao campo da imprensa, escrevi refutando suas conferências em quinze artigos publicados por "La Luz del Porvenir" e que a "Gazeta da Catalunha" reproduziu.

O padre Llanas não respondeu nada publicamente, mas quando terminei as minhas "Réplicas filosóficas" (que era a epígrafe dos meus artigos), um dos seus amigos que também me honrava com a sua amizade, perguntou ao padre Llanas:

O que você acha dos escritos de Amália? - Muito bem. E por que você não responde a ela?

- Porque não tenho nada a objetar; dentro da minha igreja eu sou um padre católico; fora dela, respeito todos os ideais que aspiram ao

engrandecimento da humanidade.

Em março de 1884, o padre Sallarès, escolápio deu, na Catedral de Barcelona, uma série de palestras nas quais ele combateu o "falso sobrenaturalismo da seita dos espíritas" e eu combati os seus argumentos escrevendo dez artigos que foram publicados em «El Diluvio» e em «La Luz del Porvenir».

Em maio do mesmo ano, o editor espírita Sr. Juan Torrents cedeu-me a propriedade do jornal "La Luz del Porvenir", que com cinco anos de publicação, já tinha, poderíamos dizer, sua vida assegurada, desde que os gastos eram cobertos; e desde aquela data venho publicando "La Luz" sofrendo as consequências de ser, como diz o ditado, uma cabeça de rato em vez de uma cauda de leão.

No mês de fevereiro de 85 o padre Fita, da Companhia de Jesus, falou na Catedral de Barcelona sobre o Espiritismo, e eu combati suas afirmações escrevendo nove artigos publicados em "O Dilúvio" e "La Luz del Porvenir". Ambas as réplicas tiveram tanta aceitação que os espíritas de Cienfuegos formaram com elas um livro intitulado "Impressões e comentários sobre os sermões de um escolápio e um jesuíta".

Fernández Colavida, que desempenhou um papel tão ativo no Congresso Espírita Internacional, realizado por ocasião da Exposição Universal de 1888, desencarnou em 1º de dezembro do mesmo ano.

"Na hora combinada, diz Amália, cheguei à casa de Fernández, acompanhada de Luís, e quando várias senhoras souberam que eu estava indo ao cemitério, elas, unindo-se ao luto, me acompanharam e me cercaram quando li minha poesia diante do corpo de Fernández.

»Os leitores de «La Luz» sabem muito bem que minha voz foi ouvida, encontrando eco em muitos espíritas e que dois anos depois de deixar a terra o Kardec espanhol, seus restos foram transferidos para o túmulo que, no cemitério livre de Barcelona, sempre guardará as cinzas de Fernández.

»Pouco me resta por adicionar ao relato que acabo de escrever; eu continuei publicando "La Luz del Porvenir", com muitas dificuldades, "lutando" com o impossível do não ter; e se não fosse pelo nobre desprendimento de um espírita, a quem eu não conheço pessoalmente, minha pobre "Luz" teria desaparecido do palco da imprensa.

"Graças a ele, graças à sua generosidade, ainda existe esse consolo dos desafortunados; essa "Luz" que é tão querida e tão avidamente esperada nas Penitenciárias. »

Em 30 de abril de 1909, Amália também desencarnou em Barcelona.

VI

OUTROS GRANDES VULTOS DO ESPIRITISMO ESPANHOL

Sr. José de Navarrete y Vela-Hidalgo

Nascido em Puerto de Santa María (Cádiz) em 1836 e desencarnado em Nice em 1901.

Procedente da Escola Militar de Segóvia, ele conseguiu o emprego de comandante de artilharia, transferindo-se depois para a arma de cavalaria. Ele havia assistido, em 1860, à gloriosa guerra na África como tenente na bateria que López Domínguez comandava lá, sendo muito conhecido no exército. Associado com ideias liberais, tomou parte muito ativa na Revolução de Setembro, e nas Cortes Constituintes ocupou o cargo de deputado.

Suas obras "A fé do século XX" (1873) e "Maria dos Anjos", belo romance (1883) foram dois eventos memoráveis nos anais filosóficos e literários do século passado.

Ele morreu deixando inédito "Conceito do infinito" e "Toros, bonetes y cañas".

Marcelino Menéndez Pelayo morreu sem saber como explicar que pudesse ser espírita um homem "de natureza tão antiespírita como declaram as suas" Crônicas da Caça ", a sua "Aquarelas da Campanha da África" ou os seus versos leves e engenhosos. E, no entanto, esse homem escreveu um livro de teologia espírita chamado "A Fé do Século XX", irmão gêmeo de "Terra e Céu", de Juan Reynaud.

É verdade que ele não chegou a perceber a existência e funcionamento dos centros espíritas católicos, onde era chamado, não sem ironia: "o último inquisidor".

Sr. Antonio Hurtado y Valhondo

Nascido em Cáceres em 11 de abril de 1825. Famoso autor dramático e de livros tão bonitos como "Lo que se ve y lo que no se ve", "Corte y cortijo", novela premiada pela Academia Espanhola e "Madri dramático", coleção de lendas dos séculos XVI e XVII. Ele havia sido deputado e senador e governador de várias províncias. Sendo-o de Barcelona quando a terrível epidemia de cólera de 1865 deu tais e tão repetidas demonstrações de zelo e abnegação, que o município de Barcelona o declarou filho adotivo da cidade.

Nomeado Ministro do Tribunal de Contas e depois Conselheiro de Estado parece que a Morte, cujo poder tantas vezes desafiou durante a epidemia de cólera, tomou sua revanche desferindo-lhe golpe após golpe: primeiro sua virtuosa esposa Dona Fernanda Valcárcel, e pouco tempo depois, uma linda menina que sua meiga companheira lhe tinha deixado, morreram em seus braços.

Um clarividente, Roque Barcia, deixou escrito em seu "Primeiro dicionário etimológico da língua espanhola": "Pouco menos que perturbada sua razão ficou ele por um longo período, mas procurando mais tarde seu consolo nas letras, retomou seus trabalhos. Dessa época, é uma curta porém belíssima coleção de poemas publicados nas colunas da "Ilustración española" e outros importantes jornais, nos quais dando uma nova reviravolta ao seu talento tornou-se, em certa medida, um poeta do espiritismo.»

Esta curta porém belíssima coleção de poesias da «Ilustración española» consta das seguintes: «Lo que cambia», «El advenimiento del espíritu», «Ecos vagos», «Desde el cielo», «Despedida del cuerpo y del alma», «Pluralidad de vidas», «Serenata a una muerta», «Historia íntima».

Naqueles dias não era incomum ver em qualquer uma das revistas espíritas, poesias de Hurtado com outras de Salvador Selles, o grande propagador do Espiritismo em Alicante, genial colaborador das "Dominicales del Libre pensamiento", o Victor Hugo espanhol, como muitos o apelidavam, e que professava admiração a Hurtado especialmente por seus grandes triunfos teatrais.

Pois bem; o Sr. Gaspar Núñez de Arce, colaborador com Hurtado em "Herir en la sombra" e "La Jota Aragonesa" que lia entusiasmado tudo aquilo que Sellés escrevia, morreu sem se explicar como nossos dois grandes poetas dedicavam toda a sua vida, toda a sua inspiração a um ideal supersticioso, e nem a amizade matizada de admiração que um ao outro professavam. E outro caso ainda mais eloquente.

O grande poeta catalão Damaso Calvet de Budallés, nascido em Figueras em 1835 e desencarnado em 1891.

Filho de uma família muito humilde, trabalhou como operário na Terrestre e Marítima de Barcelona quando os duques de Montpensier vieram para a Espanha, como aspirantes ao trono, desocupado na época. Conhecido já como poeta, foi encarregado de escrever e ler uma saudação aos augustos visitantes, e tanto agradou a ambos, que eles custearam ao poeta a carreira de engenheiro industrial, dedicando a ele durante sua vida uma amizade afetuosa.

Ele publicou em um pequeno volume intitulado "Vidrims" (Miçangas) seus primeiros poemas. Ele é o autor do quadro de costumes ampurdanos "La Romería de Recasens", zarzuela em espanhol com música do maestro Villar (1864); o drama histórico "La campana de la unió" (1866) e da opereta com música do maestro Goula "A la voreta del mar" (1874). Sua obra-prima é o poema "Mallorca cristiana", premiado pela Câmara Municipal de Barcelona, que viu a luz já sendo Calvet professor da Escola de Engenheiros Industriais. Calvet, de gênio bondoso, de conhecimentos universais, era fervorosamente admirado não só na Catalunha e na Espanha inteira, mas também na França e especialmente na Provença. Estando de passagem em Tarascón em 1861 para as festividades do "Felibrige", os poetas provençais, reunidos, concederam-lhe o título de "Felibre majourou". Além de Mestre em Gay, ele foi "Guanyador de la primera Englantina". Eu o conheci na casa de Fernández Colavida, na Rua Doctor Dou, 10, principal, onde assistíamos às sessões do grupo "La Paz", eu então como médium e ele como um rouxinol que encantava a todos com suas composições em espanhol e em catalão, porque em ambas as línguas ele cantava.

Pois bem; Quando saiu o primeiro volume de sua "Mallorca Cristiana",

não havia escola, especialmente da Companhia de Jesus, na qual não fosse lida e dada para ler com grandes elogios; e tanto na Catalunha como na França, a figura de Calvet agigantava-se, não havia onde colocá-lo. Mas quando o segundo volume saiu e descobriram que o que Calvet cantava com tanta inspiração era o Espiritismo, foi a desilusão daqueles que não conseguiam entender um cristianismo tão belo e sublime.

Sr. Salvador Sellés Gosálvez

Nasceu em Alicante em 26 de abril de 1848. Aos treze anos, era o mais destacado discípulo da classe da Academia de Belas Artes estabelecida naquela capital e publicava seus primeiros versos em várias revistas literárias.

Foi em ordem cronológica o primeiro espírita de sua região natal e um dos primeiros da Espanha, podendo dizer que, como o autor deste trabalho, ele era espírita antes de nascer, pois ao ler a primeira página do "Livro dos Espíritos" fechou o volume e adivinhou o resto. Após propagar o Espiritismo em Alicante, em polêmicas tão famosas como aquela travada desde as colunas do "Revelación" com certo cônego famoso, mudou-se para Alcázar de San Juan, em La Mancha, e fundou um jornal que, já no terceiro número atraiu três desafios para discussão com os luminares da Igreja.

Desde então tem continuado a publicar artigos e poesias em muitas revistas espíritas e políticas, tendo colaborado ativamente nas "Dominicales del librepensamiento" publicadas em Madri, onde estabeleceu sua residência no início de 1875 cultivando a amizade dos literatos mais esclarecidos: Castelar, Núñez de Arce, Antônio Hurtado, sendo ator com o Sr. José Valero e lutador com Demófilo Chies e Dicenta. Ao mesmo tempo, ocupava cargos na Sociedade Espírita Espanhola, como secretário e vice-presidente, dando palestras frequentes e admiráveis.

Doente da visão, teve que passar por uma operação cirúrgica delicada. Da cama, com a cabeça vendada e muito próximo da cegueira, ditou uma poesia de consolo aos cegos, que o Colégio Oficial dos Cegos de Madri editou e distribuiu por toda a Espanha. Todos os seus poemas: «Hacia el infinito», «Lepra», «Judas», «El temblor de tierra», «Barrabás», «Satán», «Página de Jesús», «El Profeta de su patria» enriqueceram nossa literatura

com belas páginas "de musicalidade arrebatadora e inspiração primorosa", como disse, com a frase exata, o senhor Suarez Llanos, prefeito de Alicante, por ocasião do tributo que esta capital lhe ofereceu em agosto de 1924, nomeando-o filho predileto.

Dois acontecimentos memoráveis, entre os muitos de sua vida, foram que, impulsionado pelos Espíritos, ele encontrou uma menina de 4 anos da marquesa de Nevares, que tinha se perdido e que também uma certa noite recolheu e auxiliou a filha do grande pintor Pablo Gonzalvo, que havia sido atropelada por um carro e abandonada em uma rua solitária em Madri. Como é possível duvidar da comunicação com os Espíritos quando dá esses preciosos frutos?

Para terminar: nada para mim tão profundamente exato quanto sua definição de Espiritismo:

«O espiritismo é um livro imenso aberto nas alturas»

Sr. Quintín López Gómez

É impossível falar do movimento espírita espanhol sem dedicar uma seção ao Sr. Quintín López Gómez; um de nossos escritores e filósofos mais prolíficos e, certamente, um dos homens que mais trabalhou em língua espanhola, para a propaganda de nosso Ideal.

Nasceu em Calvarrasa de Arriba, província de Salamanca, em 22 de Maio de 1864, e passou sua infância mudando a cada momento de domicílio conforme os postos onde era destinado seu pai, militar sem graduação; com a circunstância especial de ter tido durante esses anos mais de quarenta professores diferentes, o qual não podia favorecer de modo algum a solidez de sua instrução. Mas a força de vontade supera todos os obstáculos, e a do pequeno Quintín era grande, e assim, vemos como aos quatorze anos fez suas primeiras armas, no mundo das letras, em uma pequena publicação de Huesca intitulada "La Abeja del Pirineo" . Aos dezessete anos, foi para outra gráfica como oficial e lá conheceu o visconde Torres Solanot. Sua iniciação espírita data precisamente daquela época, sendo seu iniciador, o Sr. Alberto Atalaya, que lhe deu para ler as "Preliminares ao Estudo do Espiritismo" do Visconde e um número de "La Luz del Porvenir". Interessado no que estava lendo, decidiu ser assinante.

Entrou para a Sociedade Sertoriana de Estudos Psicológicos, orgulhoso de sua convicção espírita e quando essa entidade quis publicar uma revista e nenhuma imprensa de Huesca concordou em imprimi-la, alguns entusiastas tomaram por sua conta comprar tipos e imprensa para isso, deixando o jovem tipografo encarregado de todo o trabalho. Ele compunha, tirava, dobrava e enviava. Assim nasceu o "Iris de Paz", cuja publicação foi interrompida pela epidemia de cólera, durante a qual os membros da Sociedade Sertoriana se transformaram em enfermeiros benevolentes, pelo qual foram propostos para a Cruz de Beneficência, que rejeitaram.

Mais tarde trabalhou na "Revista de Estudios Psicológicos de Barcelona", "La Revelación" em Alicante, "El Buen Sentido" em Lleida e "El Criterio Espiritista" de Madri; até que, casado com dona Rosa Coll y Coll, a cujos amorosos cuidados o Sr. Quintín deve em boa parte, ter saído bem da grave doença que ultimamente o manteve na cama por vários meses, ele começou em 1883 a publicar "Lumen", fundida depois com a "Revista de Estudios Psicológicos", até que o dono da mesma decidiu suspendê-la, continuando, então, a publicação de "Lumen" por longos anos, até que a doença o obrigou a suspender, aquela que foi sem dúvida, uma das melhores revistas espíritas em língua espanhola.

O Sr. Quintín López Gómez tem publicado mais de cinquenta obras, destacando-se entre elas «El Catolicismo romano y el Espiritismo», «Hágase la Luz», «Ante todo la Verdad», «A B. C. del Espiritismo», «Filosofía», «La Mediumnidad y sus Misterios», «Los Fenómenos Psicométricos», «Metafísica trascendente», «Conócete a ti mismo», «Rasgando el Velo», «Interesante para todos», «El arte de curar por el Magnetismo», «Ciencia Magnética», «Hipnotismo filosófico», «Prometeo victorioso», «Diccionario de Metapsíquica y Espiritismo», etc., etc.

Em todos esses trabalhos, além de um profundo conhecimento da Filosofia Espírita e tudo aquilo relacionado ao nosso Ideal, existe um sentido filosófico tão grande que podemos afirmar que Quintín López, junto com Gonzalo Soriano, são duas das colunas mais fortes do Espiritismo.

Septuagenário já, após uma longa doença e uma cruenta intervenção cirúrgica, nosso venerado amigo retoma seu trabalho e o Centro de Estudos Psicológicos de Sabadell dedica uma homenagem a ele, ao qual se uniu todo

o Espiritismo espanhol em uma grande prova de afeto e respeito. Pensamos, conhecendo-o como o conhecemos, que o Sr. Quintín López Gómez não considera seu trabalho terminado e sinceramente nos parabenizamos por isso.

Nota do Comitê organizador

Não quisemos que esta história do espiritismo espanhol continuasse até os dias de hoje. Nós preferimos detê-la nos limites da geração atual.

Assim como está, é suficiente e de sobra para poder ser apreciada como um todo e para estimar o valor de seus protagonistas.

Nosso desejo teria sido publicar também as do movimento espírita nos outros países. Não podemos fazer isso porque, apesar de nossos esforços e ao mesmo tempo que isso atrasou a publicação deste volume, foram muito poucos os países cujas federações nacionais nos enviaram os relatórios necessários.

Só conseguimos reunir os da Argentina, Brasil, Bélgica, Holanda e Portugal.

Diante dessas informações tão fragmentárias, preferimos nos limitar ao nosso país.

Em "La Luz del Porvenir", publicaremos em breve os relatórios que recebemos desses cinco países.

IMPRESA ESPÍRITA MUNDIAL

EUROPA

ALEMANHA

Zeitschrift für Parapsychologia. - Leipzig.
Wahres Leben. - Leipzig.
Zeitschrift für Metapsychiste. - Berlin.

BÉLGICA

La Revue Spirite Belgue. - Liège.
Pour la Verité. - Bruxelles.
Bulletin du Conseil de Recherches Metapsychiques. - Bruxelles.

CHECOSLOVÁQUIA

Spiritisticka Revue. - Radvanisce.

ESPAÑA

La Luz del Porvenir. - Barcelona.
El Kardeciano. - El Ferrol.
La Revelación. - Alicante.
Evolución. - Madri.
Vida Espírita. - Valencia.

FRANÇA

La Revue Spirite. - Paris.
Archives du Spiritisme Mondial. - Paris.
Bulletin de l'Union Spirite Française - Paris

HOLANDA

Grens-gebreden. - Rotterdam.
Spiritische Bladen. - Haia.
Maaublad. - Amsterdam.

HUNGRIA

Egi Vilagossac Spiritista-Folyoirat. - Budapeste.

INGLATERRA

Light. - Londres.
Proteus. - Londres.
Psyche - Londres.
Psychic News. - Londres.
The Great World. - Londres.
The Lyceum Banner. - Rochdale.
The National Spiritualist. - Manchester.
The Occult Review. - Londres.
The Two Worlds. - Manchester.

ITÁLIA

Gnessi. - Turim.
Il Nuovo. - Roma.
Ali del Pensiero. - Milão.
Mondo Occulto. - Nápoles.
La Ricerca Psychica. - Milão.

POLÔNIA

Heynal. - Wislaw

PORTUGAL

O Futuro. - Lisboa.
O Mundo Maior. - Lisboa.
O Mensageiro Espirita. - Lisboa.
A Vanguardia Espírita. - Lisboa.
Revista de Espiritismo. - Lisboa.
O Espirita. - Barreiro.
Voz do Alem. - Beja.
Sol do Porvir. - Leiria.
Luz e Caridade. - Braga.
Ecos de Alem. - Lagoa-Silva.
Alena. - O porto.

ROMÊNIA

Dininiata. - Bucareste.
Universal. - Bucareste.
Revista Spiritista. - Bucareste.

AMÉRICA

ARGENTINA

Constancia. - Buenos Aires.
La Idea - Buenos Aires.
El Espiritismo. - Buenos Aires.
Mensajero de Salud. - La Plata.
Ramos de Violetas - Claras.
Fiat Lux. - Santa Rosa.
Hacia la Perfección. - Buenos Aires.
Luz. - Buenos Aires.
Idealismo. - Buenos Aires.
Resplandor de la Verdad. - Buenos Aires.
Luz y Vida. - Buenos Aires.
Alborea. - Buenos Aires.

BRASIL

Reformador. - Rio de Janeiro.
Revista Espiritista do Brasil - Rio de Janeiro.
Brasil Espírita. - Rio de Janeiro.
O Christofilo. - Rio de Janeiro.
Heraldo. - Rio de Janeiro.
A Verdade. - Rio de Janeiro.
Vanguarda. - Rio de Janeiro.
Paz - Rio de Janeiro.
A Pátria. - Rio de Janeiro.
Arquivo Espírita. - São Paulo.
Alvorada d'uma Nova Era - São Paulo.
O Revelador. - São Paulo.
A Luz - São Paulo.
Revista Internacional de Espiritismo. - Matão.

O Pensamento. - São Paulo.
O Astro - São Paulo.
Alma e Coração. - Belém-Pará.
A Voz do Alto. - Belém-Pará.
O Clarim. - Matão.
A Nova Era. - Franca.
Jornal Espírita. - Porto Alegre.
Alvorecer. - Nova Iguassu.
O Sol. - Campos
A Seara. - Florianópolis.
A Luzeiro. - Aracaju.
A Nosso Guia. - Entre-Rios.
O Consolador.- Queluz de Minas.
O Farol. - Niterói.
O Semeador. - São Luiz de Maranhão.
Luz. - Caitité.
A Luz. - Faxina
A Luz - Santa Rita de Jacutinga.
Luz e Verdade. - Lavras.
A Senda. - E. de Espírito Santo.

GUATEMALA

El Gimnasio. - Quezaltenango.
Luz del Porvenir - Guarda Viejo.
Al Divino Maestro. - Antigua.
El Obrero Espírita. - Quezaltenango.
Iris de Paz. - Quezaltenango.

VENEZUELA

El Luchador - Ciudad Bolívar.
Guayana Espírita. - Ciudad Bolívar.
Prismas. – Maracaibo.
Orión. – Maracaibo.
Guayana Espírita. – Ciudad Bolívar.

PORTO RICO

Rayo de Luz. – Ponce.

La Unión Fraternal. – Mayagüez.

La Reforma. – Santurce.

Revista Espiritista de Puerto Rico. – San Juan.

Antena. – San Juan.

CUBA

Hoy. – Habana.

El Bien de la Humanidad. – Habana.

Rosendo. – Matanzas.

Psiquis. – Habana.

Vida. – Santa Clara.

MÉXICO

El Siglo Espírita. – México.

ESTADOS UNIDOS

Psychic Research. – Nova York.

Truth Immortally. – Nova York.

The National Spiritualist. – Chicago.

The Progressive Thinker. – Chicago.

Luz. – Nova York.

ÁSIA

JAPÃO

Oomoto Internacio. – Tóquio.

ÍNDIA

Indian Spiritualist Society. – Bombaim.

The Kalpaka. – Turnevally.

FILIPINAS

Boletín Espírita. - Manila.

Orión.-Maracaibo.

Evolución-Barquisimeto.

PESSOAS E ENTIDADES INSCRITAS COMO CONGRESSISTAS

FEDERAÇÃO ESPIRÍTA INTERNACIONAL. 8, rue Copérnic. Paris, formada pelas federações nacionais seguintes:

ÁFRICA DO SUL. - «Spiritualist Union, da África do Sul. 66 Wincherter House, Loveday Street, Johannesburg (África do Sul).

ALEMANHA. -«Vahrer Weg». Heidornstrasse, 1, II. Hannover.

ARGENTINA. -«Confederación Espírita Argentina». Alsina, 2949. Buenos Aires.

BÉLGICA. - «Unión Espírita Belga». 8 rue des Biez. Liège.

BRASIL. - «Federação Espírita Brasileira». 28 y 30, Avenida de Passos. Rio de Janeiro.

CANADÁ. - «Unión of Canadá». 847, Dovercourt, Rd. Toronto.

CUBA. - «Sociedad Espiritista de Cuba». Lealtad, 120. Habana. Cuba.

ESPAÑA. - «Federación Espírita Española». Diputación, 95, pral. Barcelona.

FRANÇA. - «Unión Espírita Francesa». 8, rue Copérnic, París (XVI).

HOLANDA. - «Vereeniging van Spürtisen «Harmonia». Park Vronestein, 22, Voorburg. IS. H. A.

ÍNDIA. -«Indian Spiritualist Society». 51 Goverdhandas. Building Girgaon, Bombay.

INGLATERRA. - «Spiritualist's National Union». Hollins Chambers, 64 A. Bridge Street. Deansgate. Manchester.

MÉXICO. - «Federación Espírita Mejicana». Apartado postal 1500. México, D. F.

PORTUGAL. -«Federação Espírita Portuguesa». Rua da Palma, 251 a 263. Lisboa.

SUÍÇA. - «Sociedade de Estudos Psíquicos». 12 rue Carteret. Genebra.

EUA. - «National Spiritualist Association». 600, Pensylvania Av. Washington. D.F.

ENTIDADES ESPANHOLAS

«Federación Espírita Española», em própria representação e de mais 50

entidades federadas da península. Centro benéfico «Ciencia Espírita», de Barcelona.

Centro «Amalia Domingo Soler», de Barcelona.

Centro «La Voz del Porvenir», de Barcelona.

Centro «Amor y Fraternidad», de Alpera (Albacete).

Grupo espiritista «Maximina», de Oviedo (Asturias).

Centro Mataronés de E. P., de Mataró (Barcelona).

Grupo espírita «Amor y Progreso», de Montilla.

«Ateneo Espírita», de Novelda (Alicante).

Hermandad espírita «Evolución», de Madri.

Grupo espírita «Amor y Vida», de Barcelona.

Centro espírita «La Paz», de Alcoy (Alicante).

Centro espírita «Progreso y Evolución», de Huelva.

Sociedad de E. P. «Amor y Ciencia», de Valencia.

Grupo espírita «Josefina», de Badajoz.

Centro espírita «Amor, Paz y Caridad», de Huelva.

Centro Badalonés de E. P. «Fraternidad Universal», de Badalona (Barcelona)

Centro «Fraternidad Humana», de Tarrasa (Barcelona).

Centro espírita «Hacia la Luz», de Madri.

Centro «Amalia Domingo Soler», de Melilla.

Centro espírita «El Progreso», de Alicante.

Centro «La Verdad por la Ciencia», de Jumilla (Murcia).

Centro de Estudios Psicológicos, de Sabadell.

Centro Barcelonés de E. P., de Barcelona.

Centro de Estudios Psicológicos, de Zaragoza.

Sociedad espírita «Hacia Jesús», de Madri.

Sociedad de E. P. «Luz y Progreso», de Chamartín de la Rosa (Madri).

Grupo Espiritista de Gijón (Asturias).

Sociedad de E. P. «Centro Platón», de Madri.

Centro de Cultura y E. P. «Paz y Armonía», de Vigo (Pontevedra).

ENTIDADES EUROPEIAS

«Union Spirite Francaise», de Paris (França).

«La Revue Spirite», de Paris (França).

Federação Espírita Portuguesa, de Lisboa (Portugal).

ENTIDADES AMERICANAS

Sociedade «Fraternidade Universal», de Nova York.

Centro espírita «Cosme Mariño», de Bahía-Blanca (Argentina).

Sociedade «Fraternidad Universal», de Barranquilla (Colombia).

Spanish-American Spiritualist Association, de New-York (Estados Unidos)

Centro espírita «Dios y Progreso», de Buenos Aires (Argentina).

Sociedade espírita «Quaerens», de Ponce (P. R.).

Sociedade espírita «Fe y Caridad», de Camagüey (Cuba).

Centro espírita «León Denís», de Barquisimeto (Venezuela).

Centro «Unión de los Cuatro Hermanos», de Buenos Aires (Argentina).

Centro «La Estrella del Progreso», de Buenos Aires (Argentina).

Sociedade espírita «Hacia la Perfección», de Buenos Aires (Argentina).

Sociedade espírita «Constancia», de Buenos Aires (Argentina).

Sociedade espírita «Luz y Vida», de Buenos Aires (Argentina).

Sociedade espírita «Sáenz Cortés», de Pehuajo (Argentina).

Biblioteca pública «Allan Kardec», de Santa Clara (República de Cuba).

Sociedade espírita «José Gutiérrez», de Avellaneda (Argentina).

Unión de los Espiritistas de la Ciudad de Matanzas, de Matanzas (República de Cuba).

«Confederación Espiritista Argentina», de Buenos Aires (Argentina).

Sociedade espírita «El Nuevo Oriente», de Comayagüela (Honduras).

Federação Espírita do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre (Brasil).

Federación Nacional Espiritista de Cuba, de La Habana (República de Cuba).

Sociedade espírita «La Fraternidad», de San Juan de Puerto Rico.

«Federación Espírita Mexicana», de México.

Federación de los Espiritistas de Puerto Rico, de San Juan de Puerto

Rico.

ÁFRICA

Centro espírita «Piña sin Falsedad», de Alger (Argelia).

CONGRESSISTAS RESIDENTES EN BARCELONA

Benito Avancés Calvete.
Francisco Carreras Casafort.
J. M., do Centro Cultural Espírita.
Jacinto Esteva Marata.
Jacinto Esteva Grau.
Manuel López Sanromán.
José M.^a Seseras y de Batffe.
Julio Armengot Fenollar.
Fernando Corchón Arquér.
José Cervelló Barosela.
Remigio Hernández Díaz.
José Tejada Fornell.
Isabel Pagés Rosich.
Ramona Capalvo Muro.
M.^a Teresa Sentís de Guerrero.
Juan Zurita Soriano.
Doctor Augusto Vinyals.
Martín Font Cubiló.
María Brillas.
Amparo Pomares de Alerm.
Luis Siscart.
Antonia Gozategui.
Manuel Maucci.
Bienvenido Casadesús.
Juan Farrás Pagés.
María Llimargas de Farrás.
Silverio Solbes Blasco.
Mariano Yuste Torres.

Petra Esteve Aquéjolo.
Juan Durán Carreras.
Francisca Virgos.
Sócio núm. 40 do Centro Barcelonês.
Anastasio Alfonso Martín.
Joaquín García Campos.
Pablo Gelmini N.
Asunción Pascual.
Ramón Riera.
Felipe Pérez Gómez.
Vicente Pareja.
Joaquín Ramos.
Martín Bisbe Coll.
Ramón Recasens.
José Grau.
Micaela Domínguez de Grau.
Joaquín Domínguez.
Juan Pijem.
Domingo Novelli.
María Brasés Gros.
Catalina Mataró Brasés.
Angel Llagostera.
Emilio Campos.
Rosa Riera.
Petra Martín.
José Pérez.
Jaime Miret.
Ramón Miró.
Juan Casas.
Angeles Alexánder.
Gregoria González.
Emilia Sáez.
Dolores Cabañas Esteban.
Antonio Codorniu.

Ignacio Mangrané.
Josefa Albert.
José Ramos.
Marceliano Rico Rico.
Josefina Ferraz.
Claudio Reixach.
Anita Gil.
Joaquín Llassat Tomás.
Enrique Mira.
Concepción Farrás de Mira.
José Viñals.
Diego Gallardo Balart.
Emilia Sans.
Mercedes Cardona.
Angeles Nau.
Leandro Gervolés.
Juan Rey.
Casimiro Manzanares.
Gregoria Juliana.
Paquita Manzanares.
Mamerta Manzanares.
Bernardino Cambalia.
Carmen Comas.
Tomasa Jordán.
Josefa Dávila.
Francisco Guitart.
Micaela Vives de Ferrán.
Juan Suñé Maciá.
Miguel Díez Vicedo.
N. Rodríguez Muñiz.
Juan Subils.
Dolores Azara Garrido.
Joaquina Comas Buatell.
Juan Cabero Figueras.

Juan Ciurana.
Magdalena Alabart Balart.
Constantina Campos.
Encarnación Benedicto.
Vicente Chacón Juan.
Dolores Escoda.
Trinidad Jordán.
Elena Estatué.
Manuel Puig Degollada.
Antonia Artigas.
Arturo Puig.
Marcelo Puig.
Luisa Boet de Cervelló.
T. Vidal.
María Doménech.
Tomasa Garín.
Buenaventura Sanmartí.
Matilde Navarro Alonso.
Consuelo Murria. Mr. H. P. Briem.
Mrs. H. P. Briem.
Dolores Borrás de Vidal.
Dolores Malaret.
Francisco Cortés.
Isabel Casademont.
Magdalena Riera.
Francisco Alós.
Amparo Gómez.
Joaquina Sancho.
Sra. Llevallóis Estrada.
Juan Cuní Pagés.
Manuel Herrera.
Abelardo Santamaría.
José Burgos Palacios.
Camilo Botella.

Natalia Casanovas.
Teresa Salisachs.
José M.^a Arís.
Ernesto Alemany.
Enrique Casanovas.
Librada Sanromán.
Justo García.
Emilia Font.
Carolina Estatuet.
Ladislao Pérez,
Miguel Pérez.
María Sagran.
Baldomero Torra.
Dolores Navarro.
Lázaro Sabater.
Vicente F. Cardona.
Pepita Estabanell.
Providencia Borrás Martí.
Amadeo Colldeforns.
Teresa Estruch Borrás.
Anita Escrig de Armengot.
Eduardo Samper.
Enrique Buñuel.
José Hernández.
Teresa Brotons.
José A. Barberá Huguet.
Enrique Bañuls.
Santiago Pujol.
María Pujol.
José Llorca Belda.
Fernando Andrés.
Ramón Manent.
Francisco Torrents.
Josefa Solá Esteban.

Emilio Collado.
Domingo Guzmán.
Ramón Esclasáns.
Vicenta Pérez.
Manuel Cervelló.
Luis Ribera.
Amadeo Ribera.
María Bosch.
Federación Martínez.
José Portillo.
Dolores Parés.
Carlos Lier.
Pepita Sal-lari.
Juan Querol.
Rosa Duch de Moliné.
Pedro Falguera.
Jaime Puigdollers.
Dolores Quilis de Puigdollers.
María Baget.
Eduardo Flotats.
Francisco Gabardón.
Nicolás Martín.
Francisca Casañal.
María Esther Villegas.
Carmen Balaguer.
Bárbara Soler.
Rafael Doménech.
María Martín.
Amparo Cepeda.
María Ramos.
Fernando Bernat.
José Borén.
Alfonso Ribera.
Josefina Alcaraz.

Pedro Domingo.
Luis Láinez.
María López.
Rosa González.
Angel Guiamet.
Pedro Guiamet.
Conchita Guiamet.
Inés Podrony.
Luis Palacio Castiella.
Andrea García de Rico.
José M.^a Francés.
María Martí.
Jaime Balado Gracia.
Bernabé Sibelo Asín.
Blanca Arnauda.
Dolores Arnauda Bofill.
F. Diego.
Andrés Carceller.
Antonio Martínez Yuste.
Juan Rusca Llibre.
Isaac Araw Sabetay.

CONGRESSISTAS DO RESTO DA ESPANHA

Agustín Pidemont, de Premiá de Mar (Barcelona).
María Pla de Heras, de Premiá de Mar (Barcelona).
Herminia Mas, de Premiá de Mar (Barcelona).
Ramón Plans Teixidor, de Sabadell (Barcelona).
Antonio Torra Guarro, de Sabadell (Barcelona).
Juan Vila Oliver, de Sabadell (Barcelona).
José Brunet Jover, de Sabadell (Barcelona).
Jaime Samsó, de Sabadell (Barcelona).
Armengol Farrás Roca, de Sabadell (Barcelona).
Juan Torras Serra, de Sabadell (Barcelona).
Antonia Davés Palá, de Sabadell (Barcelona).

Mariana Zarroca, de Sabadell (Barcelona).
Pedro Estop Dinarés, de Sabadell (Barcelona).
José Soler Castañer, de Sabadell (Barcelona).
Aurora Farrás Pagés, de Sabadell (Barcelona).
Josefa Doménech Gramunt, de Sabadell (Barcelona).
Catalina Durán Vila, de Sabadell (Barcelona).
Margarita Serra, de Sabadell (Barcelona).
Antonio Pedrerol Dot, de Vilafranca del Panadés (Barcelona).
Antonio Vives Font, de Badalona (Barcelona).
Juan Oliva losa, de Badalona (Barcelona).
Esteban Roig Rovira, de Badalona (Barcelona).
Francisco Monllau, de Badalona (Barcelona).
José Carrera Aldavert, de Palautordera (Barcelona).
Anita Puig Ramón, de Manresa (Barcelona).
José Tachó García, de Manresa (Barcelona).
Jacinto Bartomeus, de Manresa (Barcelona).
Rafael Cisneros, de Mataró (Barcelona).
Elvira Martín de Cisneros, de Mataró (Barcelona).
Francisca Botey, de Mataró (Barcelona).
Nieves Solá, de Mataró (Barcelona).
Emilio Viñas Font, de Mataró (Barcelona).
Ildefonso López, de Tarrasa (Barcelona).
Francisco Prats Llach, de Tarrasa (Barcelona).
Quintín López Gómez, de Tarrasa (Barcelona).
Francisco Soler, de Villanueva y Geltrú (Barcelona).
Juan B. Perelló, de Tarragona.
Luis Coronel Soria, de Lérida.
Juan Casamajó Llauradó, de Lérida.
Doctor Humberto Torres, de Lérida.
Aurora Sanés Gumbau, de Lérida.
José Vidal Ruiz, de Lérida.
Pedro Argelich, de Tárrega (Lérida).
Mario Amigó Rojals, de Tárrega (Lérida).
María Doménech Gramunt, de Seo de Urgel (Lérida)

Francisco Margalef, de Mollerusa (Lérida).
Senén Ros Raich, de Mollerusa (Lérida).
Luis Galantómini, de Palma de Mallorca.
Miguel Gimeno Eito, de Gerona.
Gabriela Gimeno Ponte, de Gerona.
Miguel Roig Gimeno, de Figueras (Gerona).
Un Cristiano Espiritista, de Gerona.
Juan P. Villarroya, de Valencia.
Antonio Deu Soler, de Valencia.
Pilar Villar Lampinet, de Valencia.
Manuel Mogica Guardiola, de Alicante.
Primitivo Fajardo, de Alicante.
Francisco Arques Gueri, de Alicante.
Carmen Heredia Romo, de Alicante.
Gertrudis Cazorla Fons, de Alicante.
Josefina Mingot Cazorla, de Alicante.
Pedro García Martínez, de Elda (Alicante).
Antonio Juan Busquier, de Elda (Alicante).
Emilio arcía Pérez, de Alcoy (Alicante).
Élvira Andrés Vicéns, de Alcoy (Alicante).
Ubaldo García Andrés, de Alcoy (Alicante).
Francisca Gandía Calabuig, de Alcoy (Alicante).
Anita Terol Gozalbes, de Alcoy (Alicante).
Antonio Vilaplana, de Alcoy (Alicante).
Teófilo Andrés Vicéns, de Alcoy (Alicante).
Marina Pérez Candela, de Alcoy (Alicante).
Marinita Blanquer Pérez, de Alcoy (Alicante).
Zulima Oltra Pérez, de Alcoy (Alicante).
Albano García Carrión, de Orihuela (Alicante).
Joaquín Barrachina, de Penáguila (Alicante).
Antonio Alberola Sellés, de Novelda (Alicante).
María Beltra Abad, de Novelda (Alicante).
Luis Beresaluce, de Novelda (Alicante).
Elías Rizo Seller, de Novelda (Alicante).

Tomás Valero Alberola, de Novelda (Alicante).
Ignacio Torregrosa Juan, de Novelda (Alicante).
José Escolano Gómez, de Novelda (Alicante).
José Segura Mira, de Novelda (Alicante).
Ramón Mira Rico, de Novelda (Alicante)
Fermín Pastor Fuset, de Novelda (Alicante).
Vicente Baus Carbonell, de Novelda (Alicante).
José Navarro Navarro, de Novelda (Alicante).
Antonio Almodóvar Cremades, de Novelda (Alicante).
Doña J. A. S., de Novelda (Alicante).
Francisco Esteban Mira, de Novelda (Alicante).
Manuel Canto Asensi, de Novelda (Alicante).
Lorenzo Fenoll Belda, de Novelda (Alicante).
José M.^a Guarinos Pellín, de Novelda (Alicante).
Luis Escolano Davó, de Novelda (Alicante).
Lázaro López Sellés, de Ncvelda (Alicante).
Onofre Navarro Beltra, de Novelda (Alicante).
José Molina Niñirola, de Murcia.
Juan Martínez Herrero, de Jumilla (Murcia) .
Domingo Rodríguez Morales, de Las Palmas (Canarias).
Dolores Navarro de Padilla, de Las Palmas (Canarias).
Paz Rosinach de Cequiel, de Arucas (Canarias).
José Cequiel Serrate, de Arucas (Canarias).
Eduardo Niño, de Madri.
Manuel Feito López, de Madri.
Rodrigo Sanz López, de Madri.
Ricardo García Amorós, de Madri.
Elías Palasí Cester, de Madri.
Eduardo Escribano García, de Madri.
Rcsa Navarro Arranz, de Madri.
Doctor León R. Lemmel, de Madri.
José Ruiz Nazaz, de Madri.
Carmen Ruiz Cantullera, de Madri.
Julio Muñoz Ciria, de Madri.

Aurora Chápuli Ausó, de Madri.
Cecilia Almazán Juárez, de Madri.
Julio Cosano Sanjuán, de Madri.
César Bordoy, de Madri.
Doroteo Martínez Valera, de Madri.
Francisco Moreno, de Madri.
Celedonia Moreno, de Madri.
María Luque de Bordoy, de Madri.
Eduardo M. Anaya, de Madri.
Catalino Pérez, de Mira (Cuenca).
Antonio Pérez, de Mira (Cuenca).
María Olivero, de Badajoz.
Jesús Rodríguez Calvache, de Granada.
Elías Rizo Cantos, de Málaga.
José Barcelona Ivars, de Málaga.
José Rodríguez Cano, de Córdoba.
Mariano Armenta Vargas, de Montilla (Córdoba).
Pedro Armenta Vargas, de Montilla (Córdoba).
José Duque Alcaide, de Montilla (Córdoba).
Francisco de Gabriel Bernal, de Sevilla.
Daniel López de Viñaspré, de Sevilla.
Margarita Baselga de López, de Sevilla.
Luis de Rojas, de Sevilla.
Emilio Santana Santana, de Huelva.
Francisco Olivares Domínguez, de Huelva.
José García Molina, de Jaén.
Román Cano de la Casa, de Jaén.
Juan Anguita Galán, de Jaén.
Eduardo Fernández Ebrat, de Jaén.
Francisca Martínez, de Jaén.
José Pérez Valcárcel, de Villafranca del Bierzo.
Ernesto Pérez Méndez, de Villafranca del Bierzo.
Rogelio Linares, de La Coruña.
José Ferrer Cardona, de El Ferrol (La Coruña).

Dimas Regalado Vossen, de El Ferrol (La Coruña).
Guillermo Valcárcel, de Lugo.
Ernesto Rivera Taboada, de Orense.
Cesáreo Durán Alvarez, de Moraña (Pontevedra).
Martín Palau Caimel, de Vigo (Pontevedra).
Moisés Díaz de Arcaute, de Bilbao.
Rosa M.^a Rodríguez de Cappa, de Vitoria.
Ramón Puértolas, de Pasajes (Guipúzcoa).
Salvadora Sotres, de Llanes-Soberrón (Asturias).
Darío Oroz Zubieta, de Logroño.
Braulio Gracia Viñas, de Cadrete (Zaragoza).
Eusebio Penacho Monge, de Santa M.^a de Huerta.
Inés Torrejón, de Santa M.^a de Huerta.
Antonio López Alonso, de Arcos de Jalón (Soria).
Bernabé Alonso Laguna, de Arcos de Jalón (Soria).

CONGRESSISTAS DE PAÍSES EUROPEUS

Ayres Vaz Raposo, de Lisboa (Portugal).
Doctor António J. Freire, de Lisboa (Portugal).
Doctor António Lobo Vilela, de Lisboa (Portugal).
Júlio Gonzalves de Jesus, de Lisboa (Portugal).
Pedro Cardia, de Lisboa (Portugal).
Andrés Vaflverdú, de Paris (França).
Mme. Hubert Forestier, de Paris (França).
Ch. Andry Bourgeois, de Paris (França).
Ernesto Fabriés, de Castres (França).
Edmundo Alquier, de Castres (França).
Gabriel Gobron, de Rethel (França).
M. J. Brossy, de Saint Etienne (França).
Julio Armengot, de Lyon (França).
Madaleine Troula, de Condom (França).
Manuel Ricart Vidal, de Lezignan (França).
M. N. Dourille, de La Grenchele (França).
André de Possel Deydier, de Marselha (França).

Sr. de Cassou.
Sra. de Cassou.
Antoine Aguilar, de Mekenés (África francesa).
Jean Louis Viala, de Orán (África francesa).
Clara Viala, de Orán(África francesa).
Francisco Roca, de Alger (África francesa).
Doctor A. Rivoreda, de Torino (Itália).
H. H. Theunisse, de Overveen (Holanda).
Mme. J. A. de Theunisse, de Overveen (Holanda).
Mr. G. G. Botham, de Londres (Inglaterra) .
Mrs. E. A. Day, Putney Hill, de Londres (Inglaterra).
Alice M. Barnett, de Macclesfield (Inglaterra).
Annie Barnett, de Macclesfield (Inglaterra).
Florence C. Barnett, de Macclesfield (Inglaterra)
Mr. Archer Bryson, de A. Y. R. (Inglaterra).
George F. Brown, de Yarmouth (Inglaterra).
George F. Berry, de Denton (Inglaterra).
Colonel R. G. Berry, de C.º Down (Inglaterra) .
Mrs. Richarson, de C.º Down (Inglaterra).
Mrs. C. Christmas, de Mablethorpe (Inglaterra).
Mr. G. J. Corp, de Barry (Inglaterra).
Mr. J. B. Cooper, de Ipswich (Inglaterra).
Mr. W. G. Creen, de Grantham (Inglaterra).
Miss Gilks, de Brighton (Inglaterra).
Mrs. A. M. Severn, de Brighton (Inglaterra).
Mrs. A. E. Hankins, de Bexhill-on-Sea (Inglaterra).
Mrs. B. Harris, de Chester (Inglaterra).
Mr. F. T. Harris, de Manchester (Inglaterra).
Mrs. Wilby, de Manchester (Inglaterra).
Mrs. Hewat Mckenzie, de Hanworth (Inglaterra).
Mrs. George Mack, de Runcorn (Inglaterra).
Mr. George Mack, de Runcorn (Inglaterra).
Mr. Ernest ç. Oaten, de Levenshulme (Inglaterra).
Miss Platt, de Oldham (Inglaterra). Mr. Wickers, de Letchworth

(Inglaterra).

CONGRESSISTAS DA AMÉRICA

Luis M. Castro López, de Nova-York (U. S. A.).

Joaquín Rodas M., de Quezaltenango (Guatemala).

Francisco Montes Santander, de Barquisimeto (Venezuela).

Abel Danilo, de Barquisimeto (Venezuela).

Adán Isola, de Barquisimeto (Venezuela).

Pedro P. Garavito, de Rubio (Venezuela).

M. Suárez A., de Rubio (Venezuela).

José Rafael Téllez, de Manzanillo (Cuba).

Cayetano López Cepero, de Ponce (Puerto Rico).

Benedicta S. Vda. de Luces, de Chíncha Alta (Peru).

Manuel Pallás, de Buenos Aires (Argentina).

Carmen Artigas de Pallás, de Buenos Aires (Argentina).

Manuel Porteiro, de Buenos Aires (Argentina).

Humberto Mariotti, de Buenos Aires (Argentina).

Alfredo E. Reynaud, de Buenos Aires (Argentina).

Pablo Bruzaud, de Santiago de los Caballeros (República Dominicana).

CONGRESSISTAS DA ÁSIA

Mr. V. D. Rishi, de Bombim (Índia inglesa).

Mrs. P. Rishi, de Bombaim (Índia inglesa).

Deogracias Indonilla, de Manila (Filipinas).

CONGRESSISTAS DA ÁFRICA

Mrs. A. Bellas, da África do Sul.